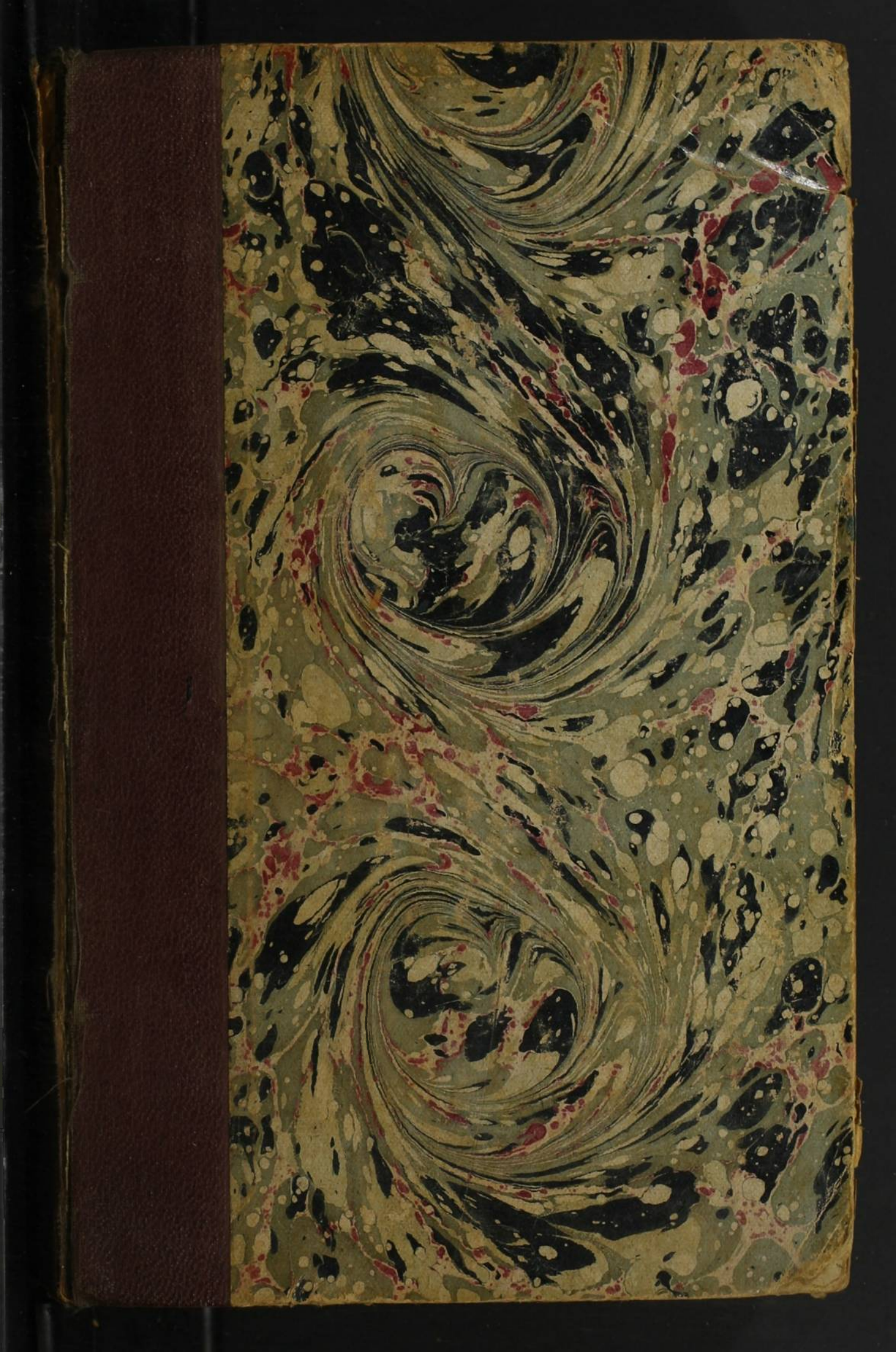
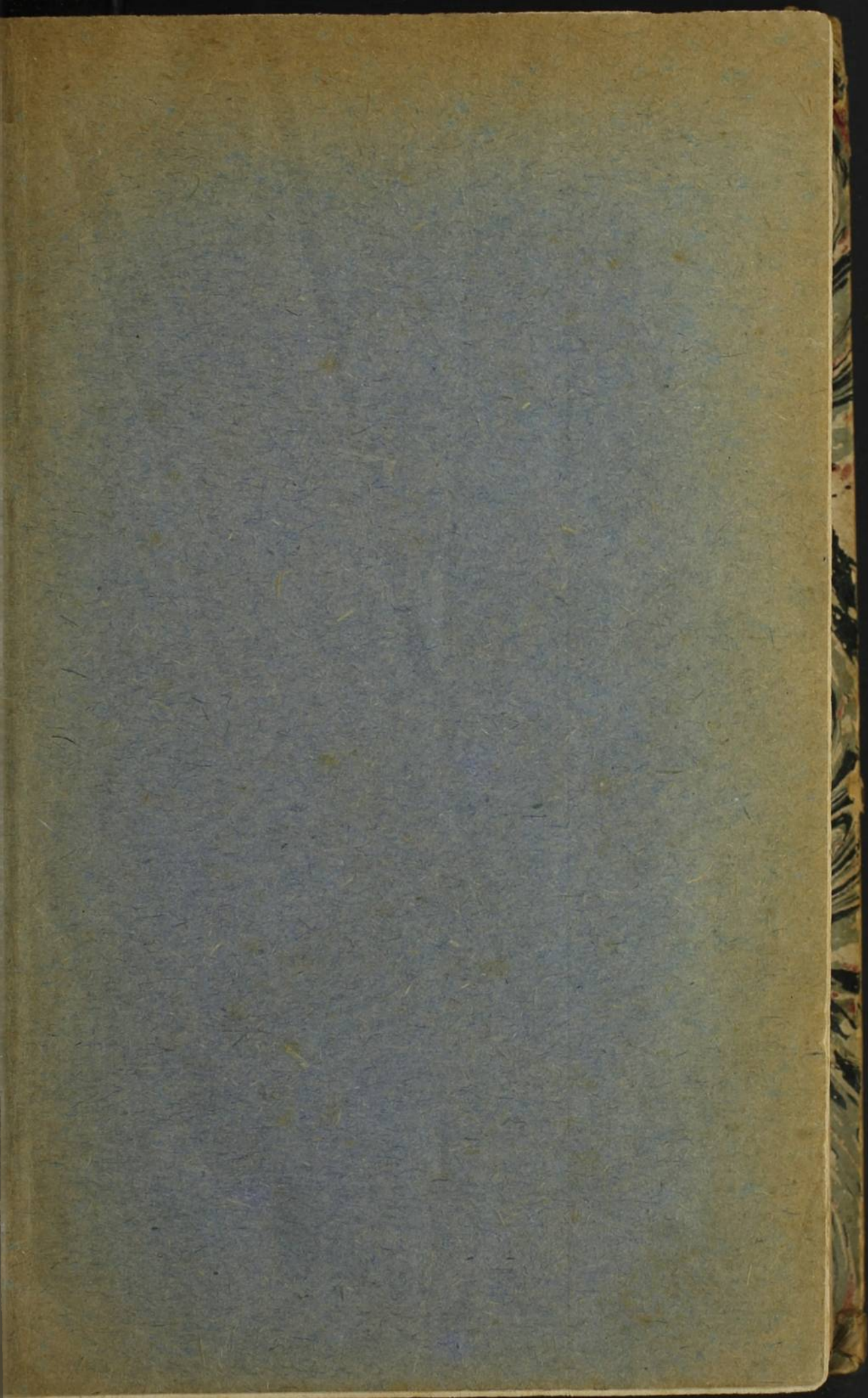


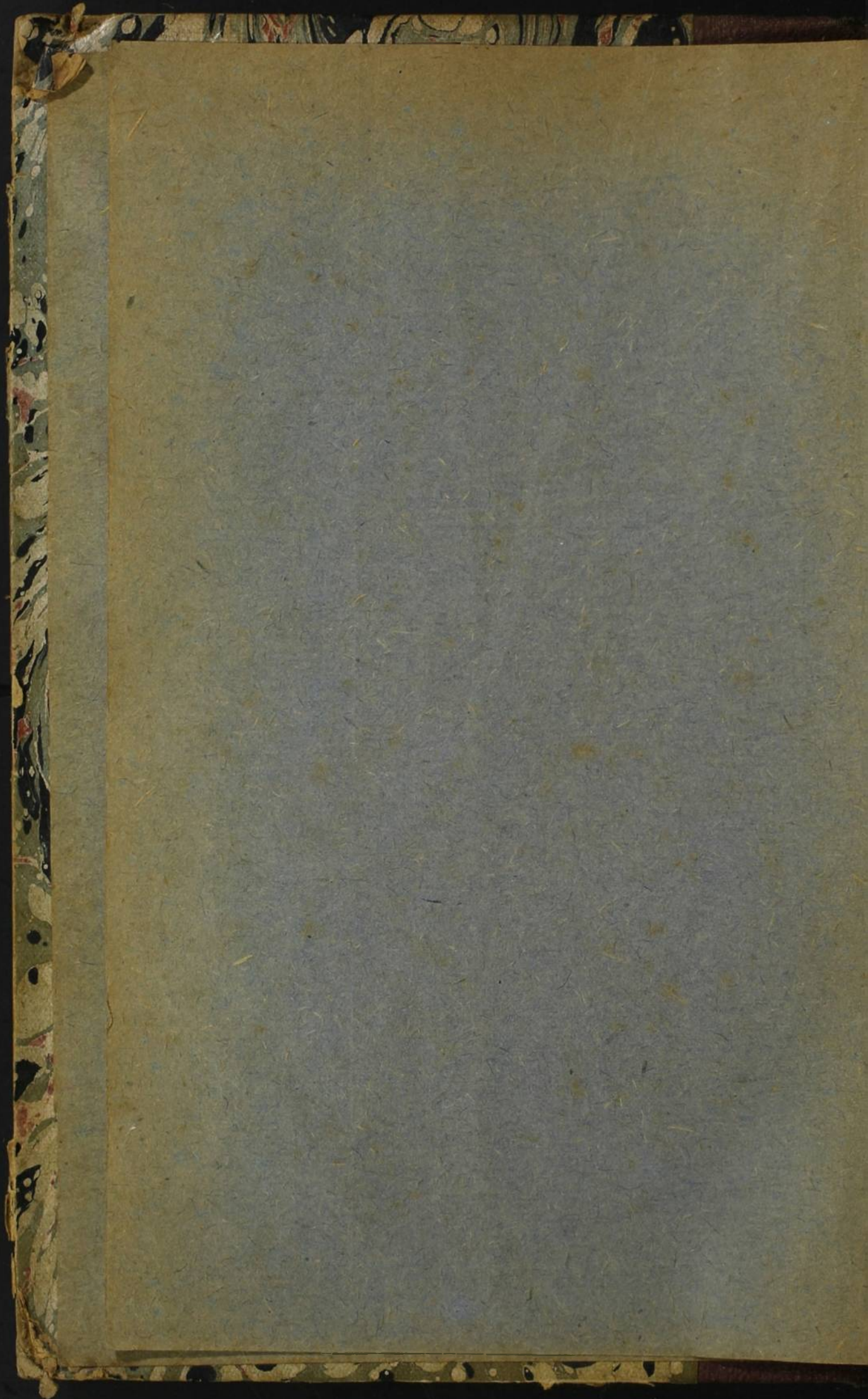


Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



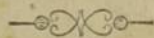


OS MISERAVEIS

POR

VICTOR HUGO.

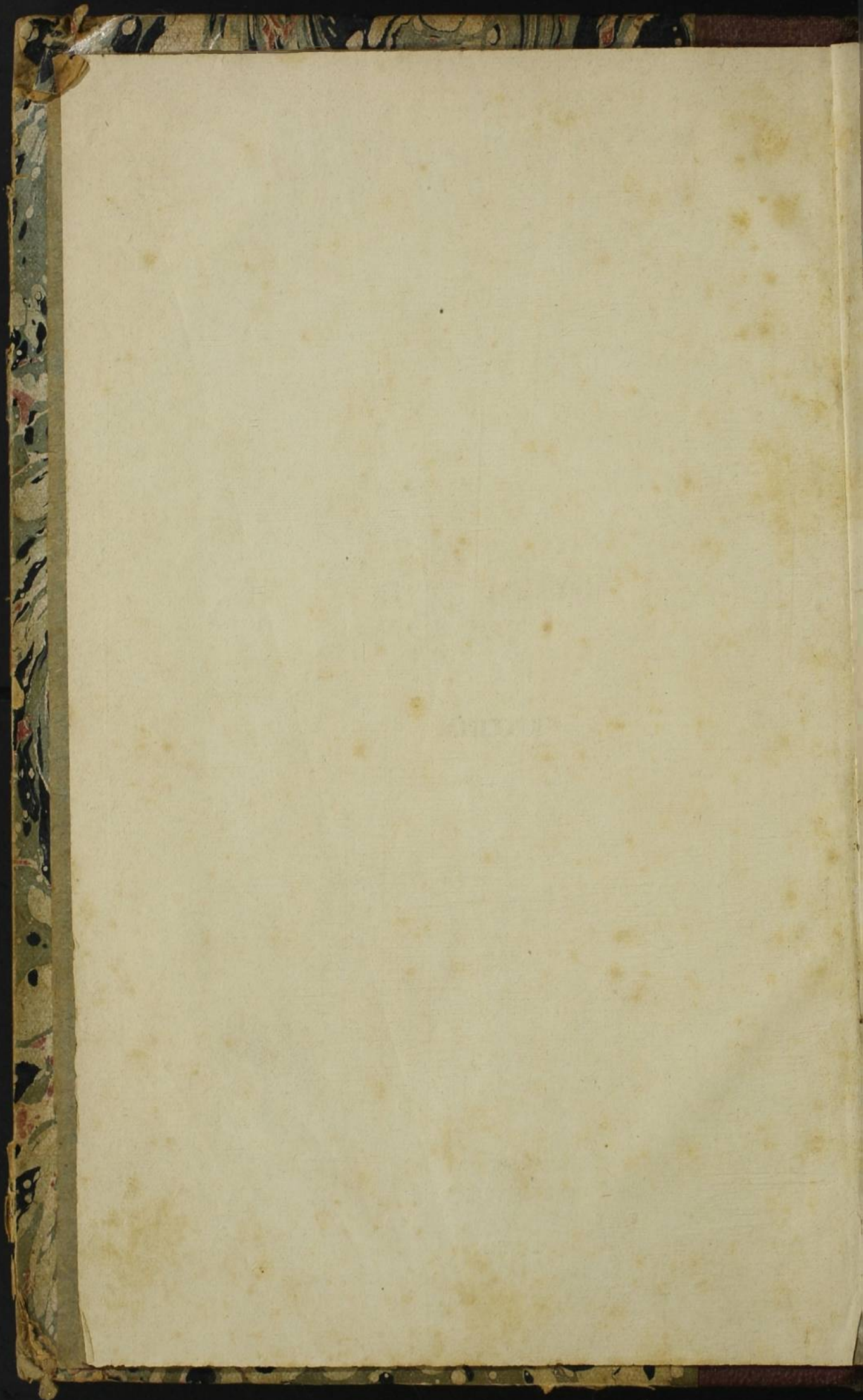
VOLUME I.



SAN'LUIZ:

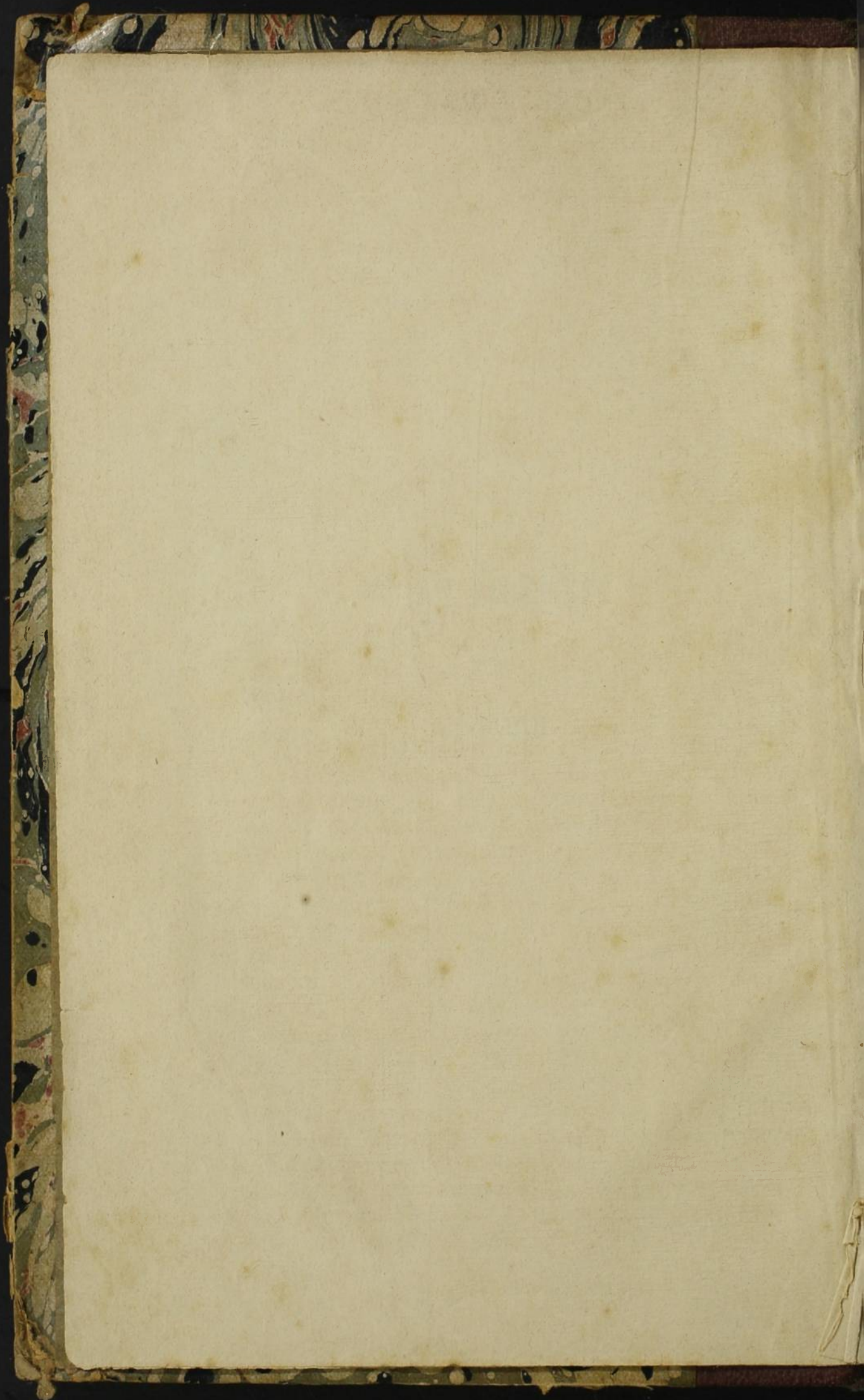
Typ. do—Progresso—rua da Paz, 4 A.

1862.



PRIMEIRA PARTE.

FANTINA.



LIVRO PRIMEIRO.

UM JUSTO.

I

SENH. MYRIEL.

Carlos Francisco Bemvindo Myriel era em 1815 bispo de D. . . . Ancião de cerca de setenta e cinco annos, occupava a séde de D. . . . desde 1806.

Apesar de que essa circumstancia não tenha relação alguma com o fundo do que temos de referir, talvez não seja inutil, ao menos para completa exactidão, indicar aqui os boatos e conversas que correram a seu respeito na occasião em que chegou á diocese. Verdade ou mentira, o que se diz dos homens costuma ter tanto lugar na sua vida, e especialmente no seu destino, como o que elles fazem. Carlos Myriel era filho de um conselheiro do parlamento de Aix: fidalguia de béca. Dizia-se que seu pai, reservando-o para herdeiro de seu cargo, o tinha casado cedo, aos dezoito ou vinte annos, como era de uso aceito nas familias parlamentares. Sem embargo desse casamento, Carlos Myriel tinha dado muito que fallar de si, ao que diziam. Era bem apessoado, embora de pequena estatura, elegante, cheio de graça e de espirito: toda a primeira parte da sua vida foi

dedicada ao mundo e ao galanteio. Sobreveio a revolução, precipitaram-se os acontecimentos, as famílias parlamentares dizimadas, expulsas e perseguidas, dispensaram-se. Carlos-Myriel emigrou para a Italia logo nos primeiros dias da revolução.

Sua mulher lá morreu de uma molestia de peito que de ha muito padecia. Não tinham filhos. O que occorreu depois na sorte de Myriel? O desmoronamento da antiga sociedade franceza, a ruina de sua propria familia, os tragicos espectaculos de 93, ainda mais pavoroso talvez para os emigrados que o viam de longe, com a hyperbole do terror, fizeram nelle germinar as idéas de renuncia e de solidão. No meio de alguma dessas distracções e dessas affeições que lhe occupavam a vida, te-lo-hia repentinamente ferido algum desses golpes mysteriosos e terriveis que veem ás vezes, traspassando-lhe o coração, derrubar o homem que as catastrophes publicas não teriam abalado, accommettendo-o na sua existencia ou na sua fortuna? Ninguem te-lo-hia podido dizer: o que somente se sabia era que ao voltar da Italia estava padre.

Em 1804 Myriel era cura de Brignolles: estava já velho, e vivia em profundo retiro.

Na época da coroação, um negociozinho da sua parochia, não se sabe ao certo qual, o trouxe a Pariz.

Entre outras pessoas poderosas teve de solicitar ao cardeal Fesch a bem de seus parochianos. Um dia em que o imperador fôra visitar seu tio, o digno cura, que estava esperando na antecamara, achou-se na passagem de Sua Magestade. Napoleão, vendo que por esse velho era contemplado com certa curiosidade, voltou-se e disse seccamente:

—Quem é esse bom homem que está olhando para mim?

—Senhor. disse Myriel, Vossa Magestade olha para um bom homem, eu contemplo um grande homem: cada um de nós póde lucrar.

O imperador nessa mesma noite perguntou ao cardeal como se chamava esse cura, e dahi a algum tempo Myriel ficou maravilhado de saber que fôra nomeado bispo de D....

Demais disso, o que havia de verdade nas narrações que se faziam da primeira parte da vida de Myriel?

Ninguém o sabia: poucas famílias tinham conhecido a de Myriel antes da revolução.

Myriel teve de soffrer a condição de todo o recém-chegado a uma pequena cidade, em que ha muitas boccas que fallam, e poucas cabeças que pensam. Devia soffrel-a, embora fosse bispo, ou por isso mesmo que era bispo. Comtudo, as conversas em que ia envolto o seu nome eram só conversas: ruído, sons, palavras, menos do que palavras—*parolas*, para me servir desse termo de expressiva trivialidade.

Fosse como fosse, depois de nove annos de residencia na diocese, todos esses fallatorios, assumptos de palestra que a principio entreteem a gentinha das pequenas cidades, tinham cahido em profundo olvido: ninguém se teria afoutado a repetil-os, nem ainda a lembrar-se delles.

Myriel viera para D.... acompanhado de uma solteirona, a senr.^a Baptistina, que era sua irmã, e tinha diz annos menos do que elle.

Por unicos criados tinham uma mulher da mesma idade que a senr.^a Baptistina, e chamada Magloria, a qual, depois de ter sido criada do senr. cura, tomava agora o duplicado titulo de camareira da senhora e de caseira de s. exc. rvm.^a

Baptistina era comprida, delgada, pallida, meiga: realisava o ideal do que exprime a palavra—respeitavel,—porquanto parece necessario que uma mulher seja mãe para tornar-se veneravel. Nunca fôra bonita; toda a sua vida, que fôra uma serie de boas obras, tinha-a por derradeiro como que envolto em um véo de alvura e claridade; e ao envelhecer havia ganho o que se póde chamar a belleza da bondade. O que namocidade fôra magreza tornou-se com os annos transparencia, e essa diaphaneidade deixava enxergar o anjo. Era uma alma, ainda mais do que uma virgem; sua pessoa parecia feita de sombra; apenas de corpo quanto bastava para que houvesse um sexo; um pouco de materia contendo uma luz, grandes olhos sempre baixos; um pretexto para uma alma ficar na terra.

Magloria era uma velhinha alva, gorducha, cheia de corpo, sempre occupada e cançada, não tanto pela actividade, como pela asthma de que padecia.

A sua chegada installaram Myriel no palacio epis-

copal com as honras marcadas nos decretos imperiaes que graduam o bispo logo em seguida aos marechaes. O maire e o presidente lhe fizeram a primeira visita, e elle por sua vez foi o primeiro a visitar o general e o prefeito.

Concluida a installação, a cidade aguardou as obras do seu bispo.

II

MYRIEL TORNA-SE O RVM. BENVINDO.

O palacio episcopal de D....era contiguo ao hospital.

Era um vasto e bello edificio construido de cantaria no comeco do ultimo seculo pelo revm. Henrique Puget, doutor em theologia pela faculdade de Pariz, abbade de Sinura, e que fora bispo de D....em 1712. Era uma verdadeira residencia de principes, tudo nelle tinha grandeza, os aposentos do bispo, os salões, as camaras, o pateo de honra com extensos passeios de arcaria conforme a antiga moda florentina, e os jardins plantados de magnifico arvoredos. Na sala de jantar, comprida e soberba galeria que ficava ao rez do chão e olhava para os jardins, o snr. bispo Henrique Puget dera um solemne banquete de cerimonia em 29 de julho de 1714 aos revms. Carlos Brulart de Genlis, arcebispo principe de Embrum, Antonio de Mesgrigny, capuchinho, bispo de Grasse, Philippe de Vendo-me, grão-prior de França, abbade de Santo Honorato de Lerins, Francisco de Berton de Grillon, bispo barão de Vence, César de Sabran, de Forcalquier, bispo senhor de Glandeve,

e Joan Soanen, padre do Oratorio, pregador effectivo do rei, bispo senhor de Seneza, os retratos destas sete reverendissimas personagens decoravam a sala, e a data memoravel—29 de Julho de 1714—estava gravada em letras de ouro em um quadro de marmore branco.

O hospital era uma casa estreita e baixa, de um só andar, com um jardimzito.

Tres dias depois da sua chegada, o bispo visitou o hospital. Concluida a visita, mandou pedir ao director que lhe fizesse o favor de vir ter com elle.

—Snr. director, disse-lhe, quantos enfermos tem agora o hospital?

—Vinte e seis, exm. e revm. senhor.

—É o numero que eu tinha contado, retrucou o bispo.

—As camas, tornou o director, estão muito juntas umas das outras.

—Nisso mesmo havia reparado.

—As salas são meros quartos e o ar difficilmente se renova.

—Foi o que me pareceu.

—E quando ha um raio de sol, o jardim é muito pequeno para os convalescentes.

—Isso ja havia eu reconhecido.

—Nas epidemias tivemos este anno o typho, ha dous annos tivemos a *suelle* miliaria: as vezes cem enfermos, e não sabemos como haver-nos.

—Cumpre remedia-lo.

—Não ha remedio, revm.; cumpre resignar-se.

Esta conversa era na sala de jantar ou galeria do pavimento terreo.

O bispo calou-se um momento, depois subito voltando-se para o director:

—Senhor, disse-lhe, quantas camas suppõe que caberão nesta sala?

—Na sala de jantar de v. exc.! exclamou o director estupefacto.

O bispo media a sala com os olhos, como que calculando-lhe a extensão.

—Devem caber suas vinte camas, disse como falando comsigo mesmo; depois levantando a voz:

—Olhe, snr. director, vou dizer-lhe; é evidentemente erro: ha no hospital vinte seis doentes em cinco ou seis quartinhos. Aqui somos tres pessoas e temos lugar

para sessenta. Ha erro, torno a diser, o hospital está na minha morada e eu na dos enfermos; desfaçamos o erro; entregue-me a minha casa.

No dia seguinte os vinte seis enfermos desvalidos estavam no palacio do bispo, e o bispo residia no hospital.

Myriel não tinha bens, sua familia ficára arruinada com a revolução; sua irman percebia uma renda vitalicia de 500 francos, que mal chegava para sua despesa pessoal, e elle recebia do estado a congrua de 15,000 francos. No mesmo dia em que foi residir no hospital, Myriel regulou uma vez para sempre todas as suas despesas pela forma seguinte, que transcrevemos de um rol escripto do seu proprio punho.

NOTA PARA REGULAR AS DESPEZAS DA MINHA CASA

Para o pequeno seminario	libras 1,500
Congregação da missão	» 100
Para os lazzaritas de Montdidier	» 100
Seminarios das missões estrangeiras em	
Pariz	» 200
Congregação do Espirito Santo	» 150
Estabelecimentos pios da Terra Santa	» 100
Sociedade de Charidade Materna	» 300
Mais para a de Arles	» 50
Associação para melhoramento das pri-	
sões	» 400
Dita para allivio e soccorros dos presos	» 500
Para libertar paes de familias presos por	
dividas	» 1,000
Supplemento dos vencimentos dos pobres	
mestre de escola da diocese	» 2,000
Celleiro dos Altos Alpes	» 100
Congregação das irmans de D... de Ma-	
nosque e de Sisteron para o ensino gra-	
tuito das meninas indigentes	» 1,500
Para os pobres	» 6,000
Minha despesa pessoal	» 1,000
Total	» 15,000

Em todo o tempo que occupou a sede de D... Myriel em nada alterou estas disposições: chamava a isso, como se vê, *regular a despesa de sua casa*.

Este modo de vida foi aceito por Baptistina com sub-

missão absoluta. Para essa santa Myriel era ao mesmo tempo seu irmão e seu bispo, seu amigo pela natureza, seu superior pela igreja; amava-o e venerava-o com toda a simplicidade; ao que elle fazia ella adheria. Só a creada murmurou um pouco. O snr. bispo só tinha reservado para si 1,000 libras, o que, com a renda vitalicia de Baptistina, dava 1,500 francos por anno: com essa quantia viviam esse velho e essas duas velhas.

E quando um cura de aldêa vinha a cidade, o snr. bispo ainda achava meios de hospeda-lo, graças a severa economia e a intelligente administração de Baptistina.

Estava em D. . . . havia cerca de tres mezes, o bispo disse:

—Com tudo isto vejo-me bem entalado.

—Que duvida! exclamou a creada; v. exc. nem ao menos reclamou a prestação devida pelo departamento para as despesas de carruagem e de visitas pela diocese. Entre os bispos de outr'ora era de uso.

—E' verdade: disse o bispo, tem razão, Magloria.

E fez a sua reclamação.

Algum tempo depois o conselho geral tomando em consideração esse pedido, votou a quantia de 3,000 francos com a seguinte rubrica:

«Ajuda de custo ao senr. bispo para as despesas de carros e gastos de suas visitas pastoraes.»

Com isso muito bradou a burguesia local, a por esta occasião um senador do imperio, antigo membro do conselho dos Quinhentos, favoravel ao 18 Brumario e provido perto da cidade de D. . . . em uma magnifica dotação senatorial, escreveu ao ministro dos cultos, Bigot de Préameneu, um bilhetinho irritado e confidencial, de que extrahimos as seguintes linhas authenticas:

«Despesas de carro: para faser o que em um povoado de menos de quatro mil almas? Despesas de viagens: primeiro, para que taes viagens? Depois, como andar de carruagem em uma região montanhosa? Não ha estradas, não se anda senão a cavallo. A mesma ponte de Durance em Chateau-Arnona mal pode supportar carros de bois. Os padres são todos assim: avidos e aarentos. Este fingiu-se de bom quando chegou: mas agora faz como os outros: quer carruagens,

quer o luxo dos antigos bispos. Oh ! toda esta padraria ! senr. conde, as cousas não hão de ir bem enquanto o imperador nos não libertar desses hypocritas. Fôra como o Papa (os negocios se emmaranhavam em Roma), quanto a mim, eu sou a favor de Cesar só, etc.»

Em compensação a cousa muito agradou a creada.— Bem, disse ella a Baptistina, o snr. bispo começou pelos outros, mas percebeu que cumpria acabar por si. Regulou todas as suas charidades; agora ahi veem 3,000 libras para nós; emfim !

Nessa mesma noite o bispo escreveu e entregou á sua irman uma nota assim concebida.

DESPESA DE CARRUAGEM E DE VIAGENS.

Para dar caldo de carne aos enfermos do hospital.	libras 1,500
Para a sociedade de Charidade Materna de Aix	» 250
Para a sociedade de Charidade Materna de Draguigan	» 250
Para os expostos.	» 500
Para os orphãos	» 500
Total.	» 3,000

Tal era o orçamento de Myriel.

Quanto aos benesses do bispado, dispensas de banhos e parentescos, prédicas, benções de egrejas e de capellas, casamentos, etc., o bispo os percebia dos ricos com tanto mais affeiro quanto tudo era dado para os pobres.

Ao cabo de pouco tempo as offertas de dinheiro affluiram. Os que tinham e os que não tinham battiam á porta de Myriel, uns para vir receber, outros para vir trazer a esmola. O bispo em menos de um anno tornou-se o thesoureiro de todos os beneficios, e provedor de todas as penurias. Sommas consideraveis passavam pelas suas mãos; mas nada pôde fazer com que alterasse em cousa alguma seu modo de viver, e que accrescentasse o menor superfluo ao seu necessario.

Longe disso. Como ha sempre mais miseria em baixo do que fraternidade em cima, tudo estava dado, por assim dizer, antes de recebido; era como a agua em terra secca: por mais que recebesse dinheiro, nun-

ca o tinha; então despojava-se a si proprio. Sendo d'uso que os bispos ponham seus nomes de baptismo nas suas cartas pastoraes, a pobre gente da terra, levada por affectuoso instincto, tinha escolhido nos nomes do bispo o que lhe apresentava um sentido; chamava-o pois Bemvindo. Faremos como ella, e empregaremos esse nome: demais, o bispo gostava dessa qualificação. Bemvindo, dizia elle, corrige o exm. e revm.

Não pretendemos que o retrato que aqui esboçamos seja verosimil; limitamo-nos a dizer que é exacto.

III

A BOM BISPO DURO BISPADO.

O senr. bispo, depois de ter convertido em esmolas o seu carro, não deixou de faser as suas visitas. E' uma diocese laboriosa a de D.... Tem poucas planicies e muitas montanhas, quasi sem estradas, trinta e dous curatos, quarenta e uma vigararias, duzentos e oitenta e cinco succursaes. Visitar tudo isso é trabalho serio. O senr. bispo o fasia: ia a pé, quando era na visinhança, em carroça quando na planicie, montado em um burro quando nas montanhas; as duas velhas o acompanham; quando o caminho era muito trabalhoso para ellas, ia elle sozinho.

Um dia chegou a Senez, que é uma antiga cidade episcopal, montado em um burro: sua bolsa, então mui desprovida, não lhe consentira outra conducção. O maire veio recebe-lo á porta do bispado, e com olhos escandalisados viu-o apear-se do burro: alguns paspalhões riam-se ao redor delle.

—Senr. maire, senhores, disse o bispo, vejo o que os escandalisa, acham que é demasiado orgulho em um pobre padre montar em cavalgadura de que se

serviu Jesus Christo: fi-lo por necessidade, afirmo-o, que não por vaidade.

Nessas visitas era elle indulgente e meigo, e menos prégava do que conversava. Nunca ia buscar ao longe seus modelos e seus raciocinios. Aos habitantes de uma terra cita o exemplo de uma terra visinha. Nos cantões em que tratavam com dureza os necessitados, dizia: «Vejam a gente de Briançon, deram aos indigentes, ás viúvas e aos orphãos o direito de ceifar seus prados tres dias antes dos mais. Reconstruem-lhes gratuitamente as casas quando estão arruinadas. Porisso é uma terra abençoada por Deus: passa-se um seculo sem que se commetta alli um assassinato.»

Nas aldêas afferradas ao lucro, dizia: «Olhem para os de Embrun; se um pae de familia no tempo da colheita tem seus filhos servindo no exercito, e suas filhas servindo na cidade, se está enfermo ou impedido, o cura o recommenda na estação da missa, e toda a gente da aldêa, homens, mulheres, creanças, vão ao campo do pobre faser a sua colheita e levam ao seu paiol o grão e a palha.»

A's familias divididas por questões de dinheiro e de heranças, dizia: «Olhem para os montanhezes de Devohy, terra tam agreste que lá só uma vez em cincoenta annos se ouve o rouxinol. Pois bem: quando o pae morre em uma familia, os rapazes vão procurar fortuna, e deixam os bens as raparigas para que possam achar maridos.»

Aos cantões que gostam de demandas, e onde os rendeiros se arruinam em papel sellado, dizia: «Olhae para es bons camponios do valle de Queyras. São uns tres mil: oh! é como uma republiqueta: lá não se conhece meirinho nem juiz: o maire tudo arranja; reparte o imposto, taxa a cada um como é de maior justiça, julga de graça as rixas, reparte as heranças sem emolumentos, dá sentenças sem custas, e todos lhe obedecem, pois é um homem justo entre homens de coração simples.

Nas aldêas em que não havia mestre de escola, citava ainda os de Queyras. «Sabem como elles fazem? dizia. Como uma pequena terra de dose a quinze fogos não pode sustentar sempre um mestre, teem elles mestres pagos por todo o valle, que percorrem

as aldêas passando oito dias nesta, dez naquella. Esses mestres vão as feiras onde os vi. Reconhecem-os pelas pennas de escrever que trazem presas ao chapéo. Os que só ensinam a ler teem uma penna; os que ensinam a ler e a contar teem duas, os que ensinam a ler, contar e latim teem tres pennas. Esses são grandes sabios. Mas que vergonha ser ignorante! Façam, pois, como a gente de Queyraz.»

E assim fallava grave, fraternalmente, em falta de exemplos inventava parabolos, indo direito á meta com poucas palavras e muitas imagens, o que era a eloquencia mesma de Jesus Christo, convicta e persuasiva.

IV

TAES PALAVRAS TAES OBRAS.

Sua conversa era affavel e alegre: punha-se ao alcance das duas velhas que passavam a vida com elle; quando se ria era o rir do menino.

A creada gostava de chama-lo *Vossa Grandeza*. Um dia levantou-se da cadeira e foi á estante buscar um livro; o livro estava nas prateleiras de cima; o bispo, que era de estatura pequena, não pôde alcanço-lo.

—Traga-me uma cadeira, disse elle á creada, a minha grandeza não alcança aquella taboa.

Uma de suas parentas remotas, a senr.^a condessa de Lô, deixava raramente perder occasião de enumerar em sua presença o que chamava as esperanças de seus tres filhos. Tinha ella muitos ascedentes velhos e proximos da morte, de quem eram seus filhos naturalmente herdeiros. O mais moço dos tres tinha de haver de uma tia-avó boas cem mil libras de rendimento; o segundo herdava de seu tio o titulo de duque; o mais velho devia succeder a seu avô no patriato. O bispo escutava em silencio estas innocentes e perdoaveis ostentações maternas.

Uma vez no entanto parecia mais pensativo do que de costume, emquanto a condessa repetia a exposição de todas essas esperanças. Interrompeu-se ella com alguma impaciencia.—Ora, primo, em que está pensando?—Penso, disse o bispo, n'uma cousa singular que li, julgo, em Santo Agostinho. «Ponde vossa esperança naquelle a quem não se succede.»

Outra vez recebendo uma carta e participação da morte de um fidalgo da terra em que se ostentavam em comprida pagina, além das dignidades do finado, todas as qualificações feudaes e nobiliarias de todos os seus parentes: que boas costas tem a morte! exclamou. Com que admiravel fardo de titulos a fazem carregar alegremente, e quanto espirito devem ter os homens para assim fazer servir o tumulto á vaidade!

Tinha, muito a proposito, um brando motejo que quasi sempre encerrava um sentido serio. Na quaresma um joven vigario veio a D. . . . e prégou na Sé. Foi bastante eloquente. O thema do sermão era a charidade. Convidou os ricos a darem aos indigentes para evitar o inferno, de que fez o mais pavoroso painel, e alcançar o paraíso, que mostrou ser appetitoso e encantador. Havia no auditorio um rico negociante retirado do commercio, um tanto usurario, chamado Geborand o qual havia ganho dous milhões em fabricar sarjas, pannos e baetas. Nunca em sua vida Geborand dera esmola a um desvalido. Depois deste sermão reparou-se que todos os domingos dava elle um vintem as velhas mendigas da porta da Sé. Eram ellas seis para dividirem esse dinheiro. Um dia o bispo o viu dando sua esmola, e disse com um sorriso á irman:—Aqui está o Sr. Geborand comprando um vintem de paraíso.

Quando se tratava de charidade, não esmorecia elle nem diante de uma repulsa, e achava então palavras que obrigavam a reflectir. Uma vez esmolava elle para os pobres em um salão; lá se achava o marquez de Champtercier, velho, rico, avarento que descobria meios de ser ao mesmo tempo ultra-realista e ultra-voltariano (esta variedade existiu). Chegando a elle o bispo tocou-lhe no braço:—Senr. marquez, cumpre que me dê alguma cousa. O marquez voltou-se e respondeu-lhe com enfado:—Senr. bispo, tambem

tenho os meus pobres.—Pois dê-m'os, tornou o bispo.

Um dia na Sé pregou elle este sermão:

«Carissimos irmãos, meus bons amigos, ha em França 1,320,000 casas de camponeses que só teem tres aberturas, 1,817,000 que teem duas aberturas, uma porta e uma janella, e emfim 346,000 cabanas que só teem uma abertura, a porta. E isso por amor de uma cousa que se chama o imposto das portas e janellas. Ponham-me pobres familias, mulheres, velhas, creanças em taes moradas, e vejam quantas febres e molestias! Ai! Deus dá o ar aos homens, a lei o vende: não accuso a lei, mas abençoô a Deus. No Isera no Var, nos dous Alpes, altos e baixos, os camponezes não teem nem ao menos carrinhos de mão: conduzem os estrumes as costas; não teem velas, allumiam-se com paos resinosos ou pedaços de corda embebidos em pez. O mesmo succede em toda a alta região do Delphinado. Fazem pão para seis mezes, e cozinham-n'o com estrume de vacca secco. No inverno quebram esse pão a machado, poem-n'o de molho em agua durante vinte e quatro horas para poderem come-lo. Meus irmãos, condoei-vos; vêde quanto se soffre em torno de vós.»

Nascido na Provença, facilmente se familiarisára com todas as algaravias das terras meridionaes. Dizia como no Baixo-Languedoc: *Eh be! mossu, eés sagé*, ou como nos Baixos-Alpes—*Onté anara apassa?*—ou como no Alto-Delphinado—*Puerte un bouen mouton embe un bouen froumage grase.*

Isso agradava muito ao povo, e não pouco contribuiria para o faser aceito por todos os espiritos. Nas choupanas, nas serranias estava como em sua casa. Sabia dizer as maiores cousas nos mais vulgares idiomas. Fallando a lingua de todos, entrava em todas as almas. Mas era o mesmo tanto para a gente da boa sociedade como para a do povo.

Nada condemnava precipitadamente, e sem attender as circumstancias. Dizia: vejamos o caminho por onde entrou o erro.

Sendo, como elle proprio se qualificava sorrindo, um ex-peccador, não tinha nenhuma das asperezas do rigorismo, e francamente professava, apezar do enrugamento de testa dos virtuosos feroses, uma doutrina que poderia assim resumir-se:

«O homem tem sobre si a carne, ao mesmo tempo seu fardo e sua tentação; elle a arrasta e lhe cede.

«Deve vigia-la, conte-la, reprimi-la, e só obdecer-lhe no ultimo extremo. Nessa obediencia ainda póde haver erro, mas o erro, assim commettido, é culpa venial; é uma quéda, mas uma quéda de joelhos, e que póde acabar em oração.

«Ser santo é excepção; ser justo é regra: errae, fraqueae, peccae; mas séde justos.

«Peccar o menos possivel é a lei do homem; não peccar é o sonho do anjo. Tudo quanto é terrestre está sujeito ao peccado. O peccado é uma gravitação.»

Quando via todos bradarem alto, e indignarem-se á pressa:—Oh! oh! dizia sorrindo-se, está me parecendo que nisto vae um grande crime que todos commettem: ahi temos hypocrisias assanhadas que se apressam em protestar para melhor se encobrirem.

Era indulgente para com as mulheres e os pobres—sobre quem pesa o fardo da sociedade humana.

Dizia: os erros das mulheres, das creanças, dos creados, dos fracos, dos indigentes e dos ignorantes são culpas dos maridos, dos paes, dos amos, dos fortes, dos ricos e dos sabios.

E dizia mais: aos que ignoram ensinae o maior numero de cousas que fôr possivel: a sociedade é culpada de não dar a instrucção gratuita; das trevas por ella produzidas cabe-lhe a responsabilidade.

Cada alma está cheia de escuridões: o peccado nellas se envolve. A culpa não é de quem commette o peccado, mas de quem fez a escuridão.

Como se vê, tinha um modo singular e todo seu de julgar as cousas; desconfio que o foi colher ao Evangelho.

Ouviu um dia relatar em uma sala um processo que se estava instaurando e que em breve tinha de ser julgado. Um miseravel, levado pelo amor de uma mulher e de um filho que della tinha tido, exausto de recursos, tinha fabricado moeda. Nessa época o fabrico de moeda falsa ainda era punido de morte. A mulher fôra presa procurando introduzir na circulação a primeira moeda fabricada pelo homem.

Estava no poder da justiça e não haviam provas senão contra ella. Só ella podia comprometter o seu aman-

te e perdê-lo confessando. Negou, insistiram, persistiu em negar. Neste ponto o accusador publico tivera uma lembrança, inventára uma infidelidade do amante, e conseguira, com fragmentos de cartas habilmente apresentadas, persuadir á misera de que tinha uma rival e de que esse homem a enganava.

Então, dominada de ciume, denunciara o amante, tudo confessára e provára. O homem estava perdido. Ia ser em breve julgado em Aix com a sua cúmplice. Referia-se esta occurrencia, e admirava-se a sagacidade do magistrado. Pondo em jogo o ciume, fizera da colera romper a verdade, e da vingança a justiça. O bispo tudo ouvia em silencio; por fim perguntou:

—Onde serão julgados esse homem e essa mulher?

—No tribunal do jury.

—E onde será julgado o accusador publico? insistiu elle.

Occorreu em D. . . . uma tragica aventura: um homem foi condemnado á morte por homicidio. Era um misero não de todo analphabeto, que tinha sido histrião nas feiras e escrevente publico. O processo muito preoccupou a cidade. Na vespera do dia marcado para a execução da sentença o capellão da cadeia adoeceu. Era necessario um padre que assistisse ao padecente nos seus ultimos momentos. Foram convidar o cura. Parece que este recusou-se, dizendo:—Isso não é comigo: nada tenho que ver com essa embrechada, nem com esse saltimbanco; eu tambem estou doente; demais d'isso, não é esse o meu lugar.

Referiram esta resposta ao bispo, que disse:—O senr. cura tem razão: não é esse o seu lugar, é o meu. E foi immediatamente á cadêa, desceu ao carcere do saltimbanco, chamou-o pelo seu nome, tomou-lhe a mão, fallou-lhe. Passou todo o dia ao pé d'elle, esquecendo-se de comer e de dormir, supplicando a Deus pela alma do padecente, e supplicando ao padecente pela sua propria. Disse-lhe as melhores verdades que são as mais simples. Foi pae, irmão, amigo, bispo só para abençoar. Tudo lhe ensinou, tranquilisando-o e consolando-o. Esse homem ia morrer desesperado; a morte era-lhe como um abismo. Em pé, e estremeendo em seu lugubre limiar, recuava com horror. Não era tam ignorante que fosse de todo indifferente. A

sua condemnação, abalo profundo, tinha de algum modo derribado em torno de si essa tapagem que nos separa do mysterio das cousas, e que chamamos vida. Olhava de continuo para fora deste mundo por essas brechas fataes, e só via trevas: o bispo lhe mostrou a claridade.

No dia seguinte quando vieram buscar o padecente, o bispo ainda com elle estava. Acompanhou-o, mostrou-se aos olhos da multidão com as vestes, e a cruz episcopal, a par desse miseravel amarrado. Entrou na carroça com elle, com elle subiu ao patibulo. O padecente, tam prostrado, tam anniquilado na vespera, estava radiante: sentia que sua alma estava reconciliada, e esperava em Deus.

O bispo o abraçou, e no momento em que o cutello ia cahir, disse-lhe: aquelle a quem o homem mata, Deus o resuscita; aquelle a quem os irmãos expellem, acha o pae: rezae, crêde e entrae na vida! O pae lá está. Quando desceu do patibulo tinha um não sei que no olhar que obrigou o povo a abrir alas, Não se sabia o que mais admirar, se a sua pallidez ou a sua serenidade. Ao recolher-se a humilde morada, a que sorrindo chamava seu palacio, disse á irman: «Acabo de officiar pontificalmente.»

Como as cousas mais sublimes são as vezes as menos entendidas, houve na cidade quem commentando este procedimento do bispo, dissesse—E' affectação—Isso, porem, não passou dos salões; o povo que não perscruta malicioso as acções santas, enterneceu-se e admirou. Quanto ao bispo, o ter visto a guilhotina foi para elle um abalo de que por muito tempo se resentiu.

Com effeito o patibulo, quando ahi está erguido, tem um quê que hallucina. Pode-se ter certa indiferença pela pena de morte, não se pronunciar contra ella, dizer sim ou não, em quanto não se viu com os proprios olhos uma guilhotinha; mas quem topa com ella, sente tam violento abalo que o obriga a decidir-se, e pronunciar-se pró ou contra. Uns a admiram, como de Maistre, outros a abominam, como Beccaria. A guilhotinha é a concreção da lei; chama-se vindicta, não é neutra, nem deixa lugar á neutralidade.

Quem a vê estremece com o mais mysterioso dos calafrios. Todas as questões sociaes levantam a redor desse cutello os seus pontos de interrogação. O cadafalso é uma visão; o cadafalso não é um madeiramento, o cadafalso não é uma machina, não é um instrumento mechanico inerte, feito de páu, de ferro e de cordas. Parece uma especie de ente que tem um não sei que de sinistra iniciativa; dir-se-hia que esse madeiramento vê, que essa machina ouve, que esse instrumento entende, que esse páu, que esse ferro, que essas cordas teem uma vontade. Na pavorosa meditação em que a sua presença embebe a alma, o cadafalso apparece terrivel tomando parte no que faz. O cadafalso é o cumplice do carrasco; devora; come carne, bebe sangue. O cadafalso é uma especie de monstro fabricado pelo juiz e pelo carpinteiro, um espectro que parece viver de uma especie de vida abominavel feita de todas as mortes por elle dadas.

E, pois, foi profunda e horivel a impressão, e no dia seguinte ao do supplicio, e muitos dias depois, o bispo pareceu prostrado; a serenidade quasi violenta do funebre momento havia desaparecido; o fantasma da justiça social o importunava. Elle que de todas as suas acções costumava voltar com radiante satisfação, como que se fasia uma exprobação. Às vezes consigo proprio fallava, e balbuciava em meia voz lugubres mologos. Sua irman ouviu-lhe uma noite, e conservou na memoria:—Não pensava que isso fosse tão monstruoso. É máu absorver-se na lei divina a ponto de não vêr a humana. A morte só a Deus pertence. Com que direito tocam os homens nessa cousa desconhecida?

Com o tempo attenuaram-se estas impressões, e provavelmente se deliram. Entretanto reparou-se que o bispo dahi em diante evitava passar pela praça dos supplicios.

Podia-se a qualquer hora mandar chamar Myriel para a cabeceira dos enfermos e dos moribundos. Não desconhecia que alli estava o seu maximo dever, o seu maior trabalho. As familias viuvias ou orphans não careciam mandar chama-lo; de si mesmo se lhes apresentava. Sabia assentar-se e calar-se longas horas ao

pé do homem que acabava de perder a mulher amada, da mãe, que perdera o filho. Como sabia qual o ensejo de calar-se, também sabia qual o momento de fallar. Admiravel consolador ! Não procurava apagar a dor pelo esquecimento, mas augmenta-la e dignifica-la pela esperança. Dizia:—Cuidado no modo por que vos volveis para os mortos. Não penseis no que aprobece. Fitae bem os olhos: vereis a luz viva do vosso tam querido morto no fundo do céu. Sabia que a crença é salutar. Procurava aconselhar e apasiguar o homem desesperado, apontando-lhe para o homem resignado, e transformar a dor que olha para uma sepultura, mostrando-lhe a dôr que contempla uma estrella.

O EXM. E REVM. BENVINDO FAZIA ATURAR MUITO TEMPO AS SUAS
SOTAINAS.

A vida intima de Myriel estava cheia dos mesmos pensamentos que a sua vida publica. Para quem tivesse podido vê-la de perto, teria sido um espectáculo grave e encantador o dessa pobreza voluntaria em que vivia o senr. bispo de D.... Como todos os velhos e a mór parte dos pensadores, pouco dormia. De manhan concentrava-se uma hora, depois dizia missa, ou na Sé ou em casa. Acabada a missa, almoçava pão de centeio molhado em leite de vacca: depois trabalhava.

Um bispo é um homem occupadissimo: cumpre-lhe receber diariamente o secretario do bispado, que costuma ser um conego, e quasi todos os dias os seus vigarios geraes. Tem que inspeccionar as congregações, que conceder privilegios, que examinar toda a livraria ecclesiastica, livros de orações, cathecismos, livros de horas, etc., etc., tem que escrever pastoraes, que autorisar pregações, que por de accordo curas e *maires*, uma correspondencia clerical, outra correspondencia administrativa, de um lado com o Estado, de outro com a Santa Sé, mil negocios em summa.

O tempo que lhe sobrava desses mil negocios e de seus officios e do seu breviario, elle o dava: primeiro aos necessitados, aos enfermos e aos afflictos; o tempo que afflictos, enfermos, necessitados lhe deixavam, dava-o ao trabalho. Ora roteava o seu jardim, ora lia e escrevia: só tinha uma palavra para designar essas occupaões, chamava-as *jardinar*. O espirito é um jardim, dizia.

Ao meio-dia, quando o tempo estava bom, sahia e passeava a pé no campo ou na cidade, entrando muitas vezes nos albergues da pobreza. Viam-n'o caminhar sozinho, embebido nos seus pensamentos, baixos olhos, descancando em comprida bengala, trazendo capa rôxa acolchoada e bem quente, com meias rôxas e grossos sapatões, e coberto de chapéo chato de tres pontas donde desciam simplics borlas de ouro.

Era festa em toda parte em que apparecia; ter-se-hia dito que sua passagem tinha alguma couza de luminoso e de aquecedor. As creanças e os velhos acodiam á soleira das portas tanto para o bispo como para o sol. Abençoava e era abençoado. Apontavam logo para a casa delle se tinham necessidade d'alguma cousa.

Aqui, acolá parava, fallava aos meninos e as meninas, sorria-se para as mães. Visitava os pobres em quanto tinha dinheiro, quando ja o não tinha visitava os ricos.

Como fazia durar muito tempo suas sotainas, e não queria que disso dessem fé, nunca sahia senão embuçado na capa roxa. No verão incommodava-o isto um pouco.

Jantava quando se recolhia; o jantar condizia com o almoço.

A' noite, ás oito horas e meia, ceava com a irman, e a creada em pé por trás delles os servia. Nada mais frugal do que essa ceia. Se todavia o bispo tinha a mesa algum dos curas, a creada aproveitava o ensejo para servir algum excellente peixe das lagôas, ou alguma delicada peça de caça das montanhas.

Todo o cura era pretexto para um regalo, e o bispo fechava os olhos. Fóra desses casos a sua comida se compunha de legumes cosidos em agua e sal, e de sopa temperada com azeite. Por isso na cida-

de se dizia:—Quando o bispo não tem regalo de cura regala-se como trapista.

Depois da ceia conversava meia hora com a irman e a creada, então recolhia-se ao quarto e punha-se a escrever, já em folhas soltas, já nas margens de algum livro in folio. Era homem de letras e um tanto sabio. Deixou cinco ou seis manuscriptos mui curiosos, entre outros uma dissertação sobre o versiculo do Genesis:—Ao principio o espirito de Deus fluctuava sobre as aguas.—Confronta com esse versiculo tres textos, o versiculo arabe que diz:—Os ventos de Deus sopravam.—Flavio Josepho que diz—um vento de cima se precipitava sobre a terra—e em fim a phrase chaldaica do Onkelos que resa—um vento vindo de Dens soprava sobre a face das aguas—Em outra dissertação examina as obras theologicas de Hugo, bispo de Ptolomaida, tio-avô em terceiro grão de quem está escrevendo este livro, e deixa provado que se devem attribuir a esse bispo os diversos opusculos publicados no seculo passado com o pseudonymo de Barleycourt.

Às vezes no meio da leitura, qualquer que fosse o livro que tivesse nas mãos, cahia subito em meditação profunda de que não sahia senão para escrever algumas linhas nas mesmas paginas do livro. Essas linhas ás vezes não tinham relação alguma com o que continha o livro. Temos á vista uma nota por elle escripta á margem de um livro in 4.^o intitulado—Correspondencia de lord Germano com os generaes Clinton, Cornwallis, e os almirantes da estação da America. Em Versailles, livreria de Poinçot, e em Pariz, na de Pissot, caes dos Agostinhos.

Eis-aqui a nota:

«O' vós que sois !

«O ecclesiastes vos chama Omnipotencia; os Machabeus vos chamam Creador; a epistola aos Ehesios vos chama Liberdade; Baruch vos chama Immensidão; os Psalmos vos chamam Sabedoria e Verdade; João vos chama Luz; os reis vos chamam Senhor; o Exodo vos chama Providencia; o Livitico, Santidade; Esdras, Justiça; a criação vos chama Deus; o homem vos chama Pae; mas Salomão vos chama Misericordia, e é esse o mais bello dos vossos nomes.»

Pelas nove horas da noite as mulheres se retiravam, e recolhiam-se aos seus quartos no primeiro andar, deixando-o até ao amanhecer só no pavimento terreo. Aqui cumpre-nos dar uma exacta idéa da morada do senr. bispo de D.

VI

QUEM LHE GUARDAVA A CASA.

A casa de sua residencia compunha-se, como dissemos, de um pavimento terreo e de um andar; tres compartimentos naquelle, tres quartos neste, e uma trapeira. Atrás da casa um jardim de um quarto de geira. As duas mulheres occupavam o sobrado; o bispo morava em baixo. O primeiro aposento que abria para a rua lhe servia de sala de jantar, o segundo de quarto de dormir, o terceiro de oratorio. Não se podia sahir do oratorio sem passar pelo quarto de dormir, nem sahir do quarto de dormir sem passar pela sala de jantar. No oratorio, no desvão do fundo, havia uma alcova fechada com uma cama para casos de hospitalidade. O senr. bispo offerecia essa cama aos curas do campo trazidos á cidade pelas urgencias do serviço de suas parochias.

A pharmacia do hospital, pequeno edificio, accrescentado á casa em terreno tomado ao jardim, fôra transformada em cozinha e despensa.

Havia além disso no jardim uma cocheira, que fôra a antiga cozinha do hospital, e onde o bispo tinha duas

vaccas. Qualquer que fosse a quantidade do leite que lhe ellas produzissem, mandava todas as manhans metade aos enfermos do hospital. «Pago o meu dizimo,» dizia.

Seu quarto de dormir era bastante grande e difficil de aquecer na estação ruim. Como a lenha é carissima em D. . . ., tinha-lhe occorrido mandar fazer na cocheira uma divisão do taboado: alli passava os serões nos grandes frios; chamava a isto seu salão de inverno.

Não havia nesse salão, como na sala de jantar, outros trastes além de uma mesa de pinho e quatro cadeiras de palha. A sala de jantar estava, além disto, ornada com um velho bufete pintado de côr de rosa. De um bufete igual, convenientemente forrado de toalhas alvas e de rendas falsas, o bispo fizera o altar que servia no seu oratorio.

As suas penitentes ricas e as mulheres pias de D. . . . tinham-se muitas vezes cotisado para fazer a despeza de um bello altar novo para o oratorio do bispo: de cada vez que recebia o dinheiro, distribuia-o com os pobres.

—O mais bello dos altares, dizia, é a alma de um infeliz consolado que agradece a Deus.

Havia no oratorio duas cadeiras de palha a modo de genuflexorio, e tambem de palha era uma cadeira de braços que estava no quarto de dormir. Quando por acaso recebia sete ou oito pessoas ao mesmo tempo, o prefeito, o general, ou o estado-maior do regimento de guarnição, alguns alumnos do seminario, iam-se buscar á cocheira as cadeiras do salão de inverno, ao oratorio os genuflexorios, ao quarto de dormir a cadeira de braços: e assim reuniam-se até onze assentos. A cada visita desguarnecia-se um quarto.

Acontecia ás vezes serem doze; então o bispo dissimulava o apuro em que se via, ficando em pé diante da lareira se era no inverno, ou passeando no jardim se no verão.

Havia tambem na alcova fechada uma cadeira: mas essa estava sem palha, e só tinha tres pés; não podia pois servir senão encostada á parede. Baptistina tinha tambem no seu quarto uma amplissima poltrona de madeira, outr'ora dourada, e forrada de velha

seda de florões; mas fôra indispensavel fazer entrar essa cadeira pela janella, porque a escada por estreia não lhe dava passagem; não podia pois servir para as eventualidades da mobilia.

A ambição de Baptistina teria sido poder comprar uma mobilia de sala de velludo de amarello Utrecht com florões vermelhos, e de mogno, com pescoços de cysne. Mas isso teria custado ao menos quinhentos francos, e tendo visto que só havia conseguido economisar para esse destino quarenta e dous francos e dez soldos em cinco annos, foi obrigada a renunciar a esse desejo. Demais, quem é que realisa o seu ideal?

Nada mais simples do que o quarto de dormir do bispo. Uma porta envidraçada, servindo tambem de janella, deitava para o jardim, defronte estava a cama, uma cama do hospital, de ferro com cortinas de sarja verde. Por trás da cama os utencilios do toucador a revelar ainda os antigos habitos elegantes do secular; duas portas, uma ao pé da lareira dando para o oratorio, a outra ao pé da bibliotheca dando para a sala de jantar. A bibliotheca, grande armario envidraçado cheio de livros; a lareira de madeira pintada fingindo marmore, ordinariamente sem fogo; em cima della dous vasos de grinaldas e de gomos outr'ora prateados, o que é um genero de luxo, episcopal; um crucifixo de cobre fixado sobre velludo preto em uma moldura de páu em outras eras dourada; ao lado da porta envidraçada uma mesa grande com um tinteiro, coberta de papeis e de livros sem ordem; junto á mesa a cadeira de braços; junto á cama um genuflexorio tirado do oratorio.

Dous retratos em quadros ovaes pendiam da parede dos dous lados da cama. Pequenas inscrições douradas sobre o fundo neutro da tela, ao lado das figuras, diziam que eram os retratos, um do padre Chaliot, bispo de San'Claudio; outro do padre Tourteau, vigario geral de Agde, abbade de Grand-Champs, da ordem de Cister, bispado de Chartres. O bispo, succedendo nesse quarto aos enfermos do hospital, tinha nelle achado estes retratos, e ali os conservára. Eram padres, provavelmente doadores, dous motivos para serem respeitados. Tudo quanto se sabia dessas duas personagens é que tinham sido nomeados pelo rei um

para o seu bispado, outro para o seu beneficio, no mesmo dia 27 de abril de 1785. Tendo a creada tirado os quadros para espanar a poeira, o bispo achára esta particularidade escripta em tinta quasi apagada em um quartinho de papel, amarellecido pelo tempo, seguro por quatro obréas, por trás do retrato do abba-de de Grand-Champs.

Havia á janella uma antiga cortina de grosseiro estofo de lan, que por fim tam velho ficou que para evitar a despeza de sua substituição forçoso foi fazer uma grande costura bem pelo meio. Essa costura desenhava uma cruz; o bispo muitas vezes nisso fazia reparar.

—Como assenta bem! dizia.

Todos os quartos da casa, tanto das lojas como do sobrado, eram caiados, o que é moda de hospitaes e de quarteis.

Todavia, nos ultimos annos, Magloria descobriu, como adiante se verá, por baixo do papel alvejado a cal, pinturas que enfeitavam o aposento de Baptistina. Antes de ser hospital essa casa tinha servido para reuniões e palestras; dahi esses ornamentos. Os quartos eram ladrilhados de tijolos vermelhos que se lavavam todas as semanas, e tinham esteiras de palha diante de todas as camas. Quanto ao mais, essa casa, entregue aos desvelos de duas mulheres, era de alto a baixo do maior asseio. Era o unico luxo permittido pelo bispo, que dizia:

—Isso nada custa aos pobres.

Convem todavia confessar que do que outr'ora possuira havia conservado seis talheres de prata e uma colher de servir sôpa. que a velha Magloria contemplava com jubilo quotidiano quando reluziam com esplendor na grossa, porém alvissima toalha. E como aqui pintamos o bispo de D. . . . tal qual era, devemos accrescentar que lhe acontecêra mais de uma vez dizer:

—Muito me custaria renunciar a comer com talheres de prata.

Cumpre accrescentar a esta baixella dous grandes castiçaes de prata massiça que lhe vinham da herança de uma tia-avó. Esses castiçaes tinham duas velas de cêra, e costumavam figurar no fogão da sala do bispo. Quando havia alguém para jantar, acendiam-se as duas velas, e os castiçaes vinham para a mesa.

Havia no proprio quarto do bispo, á cabeceira da cama, um pequeno armario em que se guardavam á noite os seis talheres de prata e a colher de sôpa. Note-se que nunca se lhe tirava a chave.

O jardim, um tanto estragado pelas construcções sem gosto de que já fizemos menção, compunha-se de quatro ruas em cruz, que vinham morrer ao redor de um poço; outra rua corria em torno do jardim acompanhando o alvo paredão que o circumdava. Estas ruas formavam entre si quatro quadros guarnecidos de buxo. Em tres delles a boa Magloria cultivava legumes; no quarto o bispo plantára flores, e aqui alli havia algumas arvores fructiferas. Uma vez Magloria lhe havia dito com uma especie de doce malicia:

—V. revm.^a, que de tudo tira proveito, como conserva inutil este quadrado de terreno? Melhor seria ter nelle alguma planta propria para salada do que flores.

—Está enganada, minha boa Magloria, redargiu o bispo. O bello é tam util como o util. E depois de algum silencio accrescentou: e talvez mais util.

Esse quadrado, composto de tres ou quatro canteiros, occupava o senr. bispo quasi tanto quanto os seus livros. Folgava de passar uma ou duas horas sachando, capinando, mondando as plantas, semeando. Não era tam hostile aos insectos como teria desejado um jardineiro. Por derradeiro, nenhuma pretensão á botanica; ignorava os grupos e o solidismo; não procurava por fórma alguma decidir entre Tournefort e o methodo natural; não tomava partido nem pelos utriculos contra os cotyledricos, nem por Jussieu contra Linneo. Não estudava as plantas, gostava das flôres. Respeitava muito os sabios, ainda mais respeitava os ignorantes, e sem nunca faltar a esses dous respeitos, regava todas as tardes de verão os seus canteiros com um regador de folha de Flandes pintado de verde.

A casa não tinha uma só porta que fechasse com chave. A da sala de jantar, que, como dissemos, dava para o adro da Sé, fôra outr'ora enfeitada com fechaduras e ferrolhos como uma porta de cadêa. O bispo mandou arrancar todas estas ferragens, e a porta dahi em diante só ficou fechada por um trinco. Quem quizesse, a qualquer hora que fosse, podia abri-la; bastava para

isso empurra-la. A principio as duas mulheres muito se encommoavam com essa porta sempre aberta; mas o senr. bispo lhes havia dito: «mandem pôr ferrolhos nos seus quartos se quizerem.» Por fim foram compartindo ou fingindo compartilhar a sua confiança: só a creada de vez em quando mostrava sustos. Pelo que toca ao bispo, pôde se achar explicado ou ao menos indicado o seu pensamento nas linhas por elle escriptas na margem de uma Biblia. «A differença é esta: a porta do medico nunca deve estar fechada, a do padre deve sempre estar aberta.»

Em outro livro intitulado *Philosophia da sciencia medica*, havia elle escripto a seguinte nota: «Não sou eu medico como elles? Eu tambem tenho meus enfermos; primeiro tenho os delles, a quem chamam doentes; depois tenho os meus, a quem chamam desgraçados.»

Em outra pagina havia tambem escripto: «Não perguntes pelo seu nome a quem te pede um agasalho; é especialmente aquelle a quem o nome embaraça que carece de asylo.»

Succedeu que um digno cura, já não sei se era o de Couloubroux ou o de Pompierry lembrou-se de perguntar um dia, presumo que por instigações de Magloria, se s. exc. estava bem certo de não commetter até certo ponto uma imprudencia deixando dia e noite aberta a sua porta á disposição de quem quizesse entrar, se não receiava em summa que alguma desgraça lhe acontecesse em casa tam pouco guardada. O bispo tocou-lhe no hombro com doce gravidade e disse: «*Nisi Dominus custodiêrit domum, in vanum vigilant qui custodiunt eam.*»

E depois mudou de conversa.

Costumava dizer: «Tem o padre a sua valentia como o coronel de cavallaria tem a sua;» mas accrescentava: «a nossa deve ser tranquilla.»

VII

GRAVATA.

Vem aqui a talho um facto que não devemos omitir, pois é dos que melhor mostram que homem era o senr. bispo de D. . . .

Depois da destruição da quadrilha de Gaspar Bés, que infestára os desfiladeiros de Ollioules, um dos seus tenentes, Gravata, refugiou-se nas serras. Occultou-se com os seus companheiros, destroços da quadrilha de Gaspar, no condado de Niza, depois foi ao Piemonte, e dalli tornou a apparecer em França do lado de Barcelonetta. A principio foi visto em Jauziers, depois em Tuiles. Escondeu-se nas cavernas do pico da Aguia e dahi descia aos povoados pelas quebradas de Ubaya e de Ubayette.

Chegando até Embrun, penetrou á noite na Sé, e saqueou a sacristia. Seus roubos aterravam a população: a policia pôz-se-lhe no encalço, porém infructivamente. Sempre elle lhe escapava, ás vezes até lhe resistia. Era um miseravel afouto. No meio de todo esse terror, o bispo chegou. Vinha fazer uma visita a Chastelhar. O maire foi ter com elle, e convidou-o a voltar

atrás: Gravata estava senhor da serra até a Arca e além. Portanto havia perigo, ainda com uma boa escolta: era expôr inutilmente tres ou quatro infelizes soldados.

—Por isso, disse o bispo, quero ir sem escoltas.

—V. exm. não reflecte... disse o maire.

—Tanto reflecto, que rejeito peremptoriamente os soldados, e vou pôr-me já a caminho.

—Já a caminho !

—Sim.

—E só !

—Sim.

—Reverendissimo senhor, não faça isso.

—Ha alli na serra, tornou o bispo, uma humilde e pequena freguezia que não vejo ha tres annos. São bons amigos meus; amigos e honestos pastores. Possuem uma cabra d'entre trinta que guardam; fazem mui lindos cordões de lan de diversas côres, e tocam aggrestes arias em flautinhas de seis buracos. Carecem de quem de vez em quando lhes falle em Deus. O que diriam de um bispo que tem medo ? O que diriam se eu lá não fosse ?

—Mas, senr. bispo, os salteadores ?

—Sim, disse o bispo, agora me lembro; tem razão; posso encontra-los. Elles tambem devem carecer de quem lhes falle em Deus.

—Senhor, é uma quadrilha ! uma alcatêa de lobos !

—Senr. maire, é exactamente esse o rebanho de que Jesus Christo me fez pastor. Quem sabe as vias da Providencia ?

—Elles roubarão a v. exc.

—Nada possuo.

—Mata-lo-hão.

—Um pobre padre velho que passa rezando suas momices ! qual ! de que lhes serviria ?

—Oh ! meu Deus ! se v. exc. os encontrasse....

—Pedir-lhes-hia esmola para os meus pobres.

—Senr. bispo, não vá: em nome do céu, não exponha a sua vida.

—Senr. maire, disse o bispo, então não ha outra difficuldade senão essa ? Eu não estou neste mundo para guardar a minha vida, mas para guardar as almas.

Não houve outro remedio senão ceder-lhe. Partiu só acompanhado de um menino que se lhe offereceu para guia. Sua teima deu brado na terra, e a muitos assustou.

Não quiz levar a irman, nem a creada: atravessou a serra montado em uma mula; a ninguém encontrou, e chegou são e salvo á casa dos seus—amigos—, os pastores. Com elles ficou quinze dias, prégando, ministrando, ensinando, moralisando. Quando se aproximou a occasião de retirar-se, resolveu cantar pontificalmente um *Te-Deum*. Fallou n'isso ao cura. Mas como haver-se? não havia ornamentos pontificaes. Não se podia pôr á sua disposição senão uma mesquinha sacristia de aldêa com algumas vestes de damasco estragadas, e ornadas de galões falsos.

—Ora! disse o bispo, annunciemos sempre, senr. cura, á estação da missa o nosso *Te-Deum*. Tudo se ha de arranjar.

Procurou-se nas egrejas da vizinhança: todas as magnificencias daquellas humildes parochias juntas não teriam chegado para vestir convenientemente um chantre da Sé cathedral.

Quando se estava nestes apuros, dous cavalleiros desconhecidos trouxeram uma caixa grande destinada para o senr. bispo; e depositando-a na sacristia, logo se retiraram. Abriu-se a caixa: continha uma sobrepelliz de brocado de ouro, e uma mitra ornada de diamantes, uma cruz de arcebispo, um baculo magnifico, todas as vestes pontificaes, roubadas um mez antes ao thesouro de Nossa Senhora de Embrun. Na caixa havia um papel que dizia: «Gravata ao revm. senr. Bemvindo.»

—Não dizia eu que tudo se arranjaría? exclamou o bispo, e depois accrescentou sorrindo-se: a quem se contenta com a sobrepelliz de um cura, Deus manda as vestes de um arcebispo.

—Senhor, redarguiu o cura meneando a cabeça com ar de riso, Deus ou o diabo....

O bispo fitou os olhos no cura, e tornou com autoridade:

—Deus!

Quando voltou para Chastelar, e em toda a extensão do caminho, vinham contempla-lo com curiosida-

de. No presbyterio de Chastelar o esperavam Baptistina e Magloria. Disse elle á irman:

—Então! não tinha razão? O pobre padre foi ter com esses montanhezes com as mãos vazias e volta com ellas cheias. Parti levando só a minha confiança em Deus, volto com o thesouro de uma Sé cathedral.

À noite, antes de deitar-se, disse ainda:

—Nunca temamos ladrões nem matadores; são perigos exteriores, perigos pequenos. Temamo-nos a nós mesmos: as preocupações, eis os ladrões; os vícios, eis os matadores. Os grandes perigos estão dentro de nós. Que val o que ameaça a nossa cabeça ou a nossa bolsa? Occupemo-nos sómente do que ameaça a nossa alma.

E então voltando-se para a irman:

—Minha irman, o padre não deve estar prevenido contra o proximo. O que o proximo faz, Deus o consente. Limitemo-nos a rezar a Deus quando julgarmos que um perigo nos está imminente. Rezemos, não por nós, mas para que nosso irmão não caia em culpa por occasião nossa.

Eram raros os lanços na sua existencia. Contamos os que sabemos; mas ordinariamente levava a vida fazendo sempre as mesmas cousas e ás mesmas horas. Um mez do seu anno parecia-se com uma hora de seu dia.

Quanto ao que foi feito do thesouro da Sé Cathedral de Embrun, embarçar-nos-hia quem a tal respeito nos interrogasse. Eram cousas muito bellas e muito tentadoras, e optimas para furtar em proveito dos desgraçados. Furtadas, por demasia, já ellas estavam. A metade da aventura estava passada; só havia que mudar a direcção do furto e desviar um tanto o seu caminho para o lado dos pobres. Mas nada affirmamos quanto a este ponto. Somente se achou nos papeis do bispo uma nota assaz obscura que talvez se referia a esse negocio, e que está assim concebida: «a questão é saber se isto deve voltar á Sé cathedral ou ao hospital.»

VIII

PHILOSOPHIA DEPOIS DE BEBER.

O senador de que acima fallamos era um homem entendido, que tinha sabido levar a vida sem se embaraçar com esses obstaculos a que chamamos consciencia, fé jurada, justiça, dever. Caminhára direito ao seu fim sem se desviar uma só vez da linha da sua elevação e do seu interesse. Era um antigo precuador, apaixonado pela prosperidade, não de todo mau homem, e que gostava de prestar quantos serviços podia aos filhos, aos genros, aos parentes, e até aos amigos, sagazmente aproveitando da vida os bons lados, as boas occasiões, as boas eventualidades. O resto lhe parecia tolice. Era espirituoso e justo, instruido quanto lhe bastava para suppôr-se discipulo de Epicuro, não passando talvez de um producto de Pigault Lebrun. Ria-se com gosto e de boa vontade das cousas infinitas e eternas, e das «extravagancias do bom bispo.» Ria-se dellas ás vezes com graciosa familiaridade até diante do proprio Myriel, que o escutava.

Não sei em que cerimonia semi-official o conde

de.... (esse senador) e Myriel tiveram de jantar em casa do perfeito. Á sobremesa o senador um tanto alegre, embora sempre digno, exclamou:

—Ora, senr. bispo, conversemos. Um senador e um bispo difficilmente se encaram sem piscar os olhos. Somos dous augures. Vou fazer-lhe uma confissão: tenho cá a minha philosophia.

—E v. exc. tem razão, respondeu o bispo. Cada qual se deita conforme faz a cama; o senr. senador está n'um leito de purpura.

Animado, o senador proseguiu:

—Sejamos de boa feição, bons moços....

—E até bons diabos; disse o bispo.

—Declaro-lhe, tornou o senador, que o marquez de Argens, Pyrrhon, Hobbes, e Naigeon não são nenhuns biltres. Tenho na minha livraria todos os meus philosophos ricamente encadernados e dourados.

—Como v. exc., senr. conde, atalhou o bispo.

O senador proseguiu:

—Aborreço Diderot; é um ideologo, um declamador e um revolucionario; no fando crê em Deus, e é mais beato do que Voltaire. Voltaire zombou de Nedham, e fez mal; pois as enguias de Nedham provam que Deus é inutil. Uma gota de vinagre em uma colherada de massa de farinha supprime o *fiat lux*. Supponhamos maior a gota, e mais ampla a colher, e teremos o mundo. O homem é a enguia. Então de que serve o Padre Eterno? Senr. bispo, a hypothese Jehovah incommoda-me. Só serve para produzir gente magra, que scisma em fantasmas. Fôra com esse, tudo que me atormenta! Viva zero que me deixa em socego! Entre nós, e para despejar o sacco, e confessar-me ao meu pastor, como cumpre, declaro a v. exc. que tenho bom-senso. O vosso Jesus que, a proposito de tudo, prega a abnegação e o sacrificio, não me embaça. Conselho de avarento a mendigos. Abnegação: porque? sacrificio: a quem? Não vejo que nenhum lobo se immole á felicidade de outro lobo. Não saiamos pois dos limites da natureza. Estamos no cume; seja tambem superior a nossa philosophia. De que serve estar em cima quem não vê além da ponta do nariz dos outros? Vivamos alegres; na vida

se encerra tudo. Que haja para o homem outro futuro, algures, lá por cima ou cá por baixo, é cousa em que não acredito nem patavina. Ah! recomendo-me o sacrifício e a abnegação: devo ter cuidado com tudo quanto faço, devo pôr os miolos a arder com a discriminação do bem e do mal, do justo e do injusto, do licito e do illicito. Porque? Porque terei de dar conta das minhas acções. Quando? Depois da morte. Que bello sonho! Depois de eu morto, bem astuto será quem me pilhar. Vejam lá um punhado de cinzas na mão de uma sombra! Digamos a verdade, nós que somos os iniciados e que levantamos as saias a Isis: não ha bem nem mal; ha vegetação. Procuremos a realidade; cavemos profundamente, vamos ao intimo arcano; cumpre farejar a verdade, revolver debaixo da terra e lá surprende-la. Então dá-nos ella delicadissimos gozos; então tornamo-nos fortes e rimo-nos. A base em que me assento é firme e quadrada. Senr. bispo, a immortalidade do homem é um engodo. Oh! que encantadora promessa! Fiem-se nella. Que bello numero de loteria tem Adão! E' alma, ha de ser anjo com azas azues nos hombros. Ajude-me, senr. bispo; não é Tertuliano quem diz que os bemaventurados irão de um astro a outro? Pois sim: seremos os gafanhotos das estrellas. E demais, veremos a Deus. Ora! ora! ora! Semsaborias todos esses paraísos! Deus é uma petamonstro. Não irei por certo dizer isto no *Monitor*, mas di-lo-hei entre amigos, *inter pocula*. Sacrificar a terra pelo paraíso é largar a presa pela sombra. Ser logrado pelo infinito! tam tolo não serei. Sou Nada; chamo-me conde Nada, senador. Existia eu antes do meu nascimento? Não. Existirei depois da minha morte? Não. Então o que sou? Um pouco de pó aggregado por um organismo. Que tenho que fazer nesta terra? Posso escolher: soffrer ou gozar. A que me levará o soffrimento? Ao nada; mas terei soffrido. A que me levará o gozo? ao nada; mas terei gozado. Minha escolha está feita. Cumpre comer ou ser comido: como. É melhor ser o dente do que a herva. Tal é a minha sabedoria. Isto posto, vae como te empurro; o coveiro ahi está; o Pantheon para nós outros, tudo cahe na grande cova: *finis*, fim. Liquidação total.

Aqui é o lugar do aniquilamento. A morte morreu, acredite-me. Que haja por ahí quem tenha alguma cousa que dizer-me, só de pensar n'isso me estou a rir. Invenções de amas de leite; tutu para as creanças, Jehovah para os homens. Não; a nossa luz é a noite. Além do tumulto só ha nada eguaes. Seja-se Sardanapalo, seja-se Vicente de Paulo, sempre o homem é o mesmo nada. Esta é a verdade. E portanto vivamos, primeiro que tudo; sirvamo-nos do nosso *eu* emquanto o possuímos. Na verdade lhe digo, senr. bispo, tenho a minha philosophia, tenho os meus philosophos. Não me deixo embarçar por bugiganças. Entretanto é indispensavel alguma cousa para os que estão por baixo, pés descalços e algibeiras vazias, para os miseraveis. Demos-lhes com que se fartem, lendas, chimeras, alma, immortalidade, paraíso, estrellas. Elles mastigam isso, roem-o com o seu pão secco: quem nada tem, tem um Deus de bondade; serve-lhes isso de compensação. Não acho muito, nem lhe ponho embargos; mas para mim reservo Naigeon. Deus é bom para o povo.

O bispo batteu palmas.

—Isto é que é fallar! exclamou. Causa excellente e devéras maravilhosa é esse materialismo! Não o professa quem o quer. Ah! mas quem o tem, não é mais logrado; não se deixa mais parvamente desterrar como Catão, nem apedrejar como Estevão, nem queimar vivo como Joanna d'Arc. Os que conseguiram arranjar esse materialismo admiravel tem a satisfação de sentirem-se sem responsabilidade, e de pensarem que tudo podem devorar sem inquietação, empregos, sinecuras, dignidades, poder bem ou mal adquirido, palinodias lucrativas, traições uteis, saborosas capitulações de consciencia, e que, feita a sua digestão, recolher-se-hão á sepultura. Como é agradável! Não digo isto para v. exc., senr. senador. Entretanto é-me impossivel não o felicitar. Vós outros, grandes personagens, tendes, ao que disse, v. exc., uma philosophia vossa e para vós delicada, refinada, só aos ricos accessivel, boa para todos os guizados, tempero admiravel para todas as voluptuosidades da vida. Essa philosophia foi descoberta nas profundezas e desenterrada por prescrutadores especiaes. Mas

sois bons principes, e não achaes máu que a crença
em Deus seja philosophia do povo, pouco mais ou
menos, como o pato guizado com castanhas é a pe-
rua recheiada de tubaras do pobre.

IX

O IRMÃO DESCRIPTO PELA IRMAN.

Para dar idéa do viver interior do bispo de D..., e do modo porque as duas santas mulheres subordinavam suas acções, seus pensamentos, e até os seus instinctos de mulheres facilmente assustadas, aos hábitos e ás intenções do bispo, até sem lhe darem o trabalho de manifesta-las, nada melhor podemos fazer do que transcrever para aqui uma carta de Baptistina á viscondessa de Boischevron, sua amiga da infancia. Essa carta está em nossas mãos.

«D... 16 de dezembro de 18...

«Minha boa senhora.—Nem um só dia se passa, sem que fallemos em v. exc. É costume nosso; mas ha tambem outro motivo. Imagine que ao lavar e espanar as paredes e os forros. Magloria faz descobertas; agora as nossas duas camaras forradas de velho papel alvejado pela cal, não desdourariam um castello no genero do vosso, Magloria rasgou todo o papel; havia cousas por baixo! Meu quarto em que não ha mobilia, e de que nos servimos para estender a roupa depois da barrela, tem quinze pés de altura e

dezoito de largura, um tecto pintado com dourados e obras de talha como em vossa casa. Isto fôra coberto com aniagem, no tempo em que era hospital. Emfim madeiramentos do tempo de nossos avós. Mas é o meu quarto que tem que vêr; Magloria descobriu por baixo de dez papeis pregados uns por cima dos outros, pinturas que, sem serem boas, podem supportar-se. É Telemaco armado cavalleiro por Minerva; é ainda elle nos jardins de.... (o nome não me occorre) emfim, onde as senhoras romanas iam uma só noite. Que direi a v. exc.? tenho romanos e romanas (aqui uma palavra illegivel) e tudo mais. Magloria tudo isso descobriu; neste verão vae ella reparar algumas avarias, envernizar tudo, e meu quarto ficará um musêu. Achou tambem em um canto da trapeira dous consolos de madeira de gosto antigo. Pediam dous escudos de seis libras para os dourar de novo; mas era melhor dar esse dinheiro aos pobres; além de que são muitos feios, e eu preferiria uma mesa redonda de mogno.

«Estou sempre muito feliz; meu irmão é tam bom! Dá tudo quanto tem aos enfermos e aos indigentes. Estamos sempre em apertos; a terra é ruim para viver-se no inverno, e cumpre acudir com alguma cousa aos que de tudo carecem. Pouco mais ou menos temos luz para nos allumiar e fogo para nos aquecer. Bem vê v. exc. que já são algumas delicias.

«Meu irmão tem costumes seus. Quando conversa diz que um bispo deve ser assim. Imagine que a porta de casa nunca se fecha. Entre quem quizer, logo se acha no aposento de meu irmão. Elle nada receia, nem mesmo á noite: é a sua valentia, segundo diz. Não quer que eu tenha receios por elle, nem que os tenha Magloria. Expõe-se a todos os perigos, e quer que não mostremos fazer nisso o menor reparo. Cumpre saber entendê-lo.

«Sahe por baixo da chuva, anda com os pés n'agua, viaja no inverno; não tem medo na noite, dos máus caminhos, nem de ruins encontros.

«O anno passado foi sózinho a uma terra de salteadores; não nos quiz levar, e ficou quinze dias ausente. Quando voltou nada tinha soffrido; suppunham-o morto, estava de saude perfeita, e disse: Eis-ahi como

me roubaram! E abriu uma mala cheia de todas as joias da cathedral de Embrun que os salteadores lhe tinham dado.

«Dessa vez, ao voltar, não pude deixar de ralhar um pouco com elle, tendo cuidado de só fallar quando a sege fazia bulha, para que ninguem pudesse ouvir.

«Nos primeiros tempos, dizia comigo, não ha perigos que o assustem; é terrivel. Agora já me acostumei. Faço signal a Magloria para que o não contrarie. Arrisca-se como lhe apraz. Eu recolho-me ao meu quarto com Magloria, rezo por elle, e adormeço. Estou tranquillá; pois sei que se alguma desgraça lhe succedesse, seria a minha morte. Iria no regaço de Deus unir-me a meu irmão e meu bispo. A Magloria foi mais difficil do que a mim acostumar-se ao que ella chamava «suas imprudencias», mas agora já se tornou habito. Rezamos ambas, temos medo juntas, e adormecemos. Se o diabo entrasse em casa, ninguem se lhe opporia. Por fim de contas, que podemos temer nesta casa? Comnosco sempre está alguem que é mais forte. O diabo póde passar, mas quem aqui habita é Deus.

«E isto me basta. Já nem carece que meu irmão me diga uma palavra. Entendo-o sem que falle e entregamo-nos á Providencia.

«Eis-ahi como se deve ser com um homem que tem grandeza de espirito.

«Fallei a meu irmão nas informações que v. exc. me pediu quanto á familia de Faux. Não ignora v. exc. como elle sabe tudo, como tem boa reminiscencia, pois é ainda bom realista. É realmente uma antiquissima familia normanda do generalato de Caen. Ha quinhentos annos que existiam um Raul de Faux, um João de Faux e um Thomaz de Fauz que eram fidalgos, e um delles senhor de Rochefort. O ultimo foi Guy Estevão Alexandre, e era mestre de campo, e o que quer que fosse na cavallaria ligeira da Bretanha. Sua filha Maria Luiza casou com Adriano Carlos de Gramont, filho do duque Luiz de Gramont, par de França, coronel das guardas francezas e tenente-general dos exercitos. Escreve-se Faux, Fauq e Faouq.

«Boa senhora, recommende-nos ás orações de seu

santo parente o senr. cardeal. Quanto á sua querida Silvania, fez ella bem não podendo escrever-me os breves instantes que passa junto de v. exc. Está de saude, vive applicada como v. exc. deseja, e continúa a amar-me: é quanto desejo. As suas lembranças, por v. exc. transmittidas, me encheram de satisfação. Minha saude não é má, e entretanto cada dia mais im-magreço.

«Adeus, falta-me o papel o que obriga-me a pôr fim aqui.

«BAPTISTINA.»

«P. S.—O sobrinho de v. exc. é encantador. Sabe que está para fazer cinco annos? Hontem viu passar um cavallo a que tinham posto joelheiras, e dizia «O que tem elle então nos joelhos?» É tam galante este menino! Seu irmãozinho arrasta pela sala uma vassoura velha, como se fosse um carro, e vae dizendo «Hú!»

Como se vê desta carta, as duas mulheres sabiam dobrar-se aos modos de viver do bispo com o genio especial da mulher que comprehende melhor o homem do que elle proprio a si se comprehende. O bispo de D... com o seu ar de doçura e de candidez, que nunca desmentiu, fazia ás vezes cousas grandes, atrevidas e magnificas, sem mostrar sequer perceber-lo. Ellas tremiam, mas deixavam-n'o: ás vezes Magloria tentava uma admoestação antes, nunca durante, nem depois. Nunca o perturbavam nem com uma palavra, nem com um aceno, em uma acção começada. Em certos momentos, sem que tivesse elle necessidade de dize-lo, sem que talvez disso tivesse consciencia, tam perfeita era a sua simplicidade, sentiam ellas vagamente que elle procedia como bispo, e então não eram mais do que duas sombras em casa. Serviam-n'o passivamente; e se para obedecer cumprisse que desaparecessem, desapareciam. Sabiam com admiravel delicadeza de instincto, que certos desvelos podem ser incommodos. E por isso, ainda mesmo julgando-o em perigo, comprehendiam, não digo o seu pensamento, mas a sua natureza, a ponto de não mais vigiarem por elle. Confiavam-n'o a Deus.

Demais Baptistina dizia, como se acaba de ler, que o fim de seu irmão seria tambem o seu; não o dizia, mas sabia-o egualmente Magloria.

X

O BISPO DEANTE DE UMA LUZ DESCONHECIDA.

Em epocha um tanto posterior á da carta citada nas paginas precedentes, fez elle na opinião de toda a cidade uma cousa ainda mais arriscada do que o seu passeio pelas serras dos salteadores.

Havia perto de D. . . . um homem que vivia solitario no campo. Esse homem, pronunciemos desde já a terrivel palavra, era um antigo convenccionista. Chamava-se G. . . .

Fallava-se do convenccionista G. . . . entre os burguezes de D. . . . com uma especie de horror. Um convenccionista! póde alguém imagina-lo? Era cousa que existia no tempo em que todos se tratavam por *tu*, e por cidadão. Esse homem devia ser um monstro: não tinha votado a morte do rei, mas por um triz que era um quasi regicida. Tinha sido terrivel. Como era que na volta dos principes legitimos se não tinha arrastado esse homem perante uma commissão militar? Não lhe teriam cortado a cabeça, embora; é bom que haja clemencia, sim; mas te-lo-hiam banido para sempre; ter-se-hia dado um exemplo, em summa! etc., etc. Além

de que era um athêo, como toda essa gente. Tagarelles de gansos a respeito do abutre.

Mas seria G. . . . um abutre? Sim, para quem o julgasse pelo selvagem da sua solidão. Não tendo votado pela morte do rei, não tinha sido incluído nos decretos de desterro; tinha podido ficar em França. Residia a tres quartos de hora da cidade, afastado de todo o povoado, de toda a estrada, no recanto perdido de um valle asperrimo. Alli possuia, diziam, uma especie de campo, um buraco, um covil. Nada de vizinhos, nem mesmo de viajantes. Desde que residia no valle, o trilho que lá ia ter sumira-se coberto pelo mato. Fallava-se desse sitio como da morada do algoz. Todavia o bispo reflectia, e de vez em quando olhava para o lugar em que um basto arvoredó marcava o valle do velho convenccionista, e dizia:—Alli ha uma alma que está só.

E no fundo do seu pensamento accrescentava:—Devo-lhe a minha visita.

Mas, confessemos-lo, essa idéa, a principio toda natural, lhe apparecia, depois de breve reflexão, como singular, impossivel, e até repulsiva; pois no fundo compartia a impressão geral, e o convenccionista inspirava-lhe, sem que claramente o percebesse ou o pudesse explicar, esse sentimento, sendo como que a fronteira do odio, que tam justamente se exprime pela palavra repulsão. Todavia deve a lepra da ovelha afastar o pastor?

Não: mas que ovelha!

O bom do bispo estava proplexo. Às vezes dirigia-se para aquelle lado, mas logo voltava.

Espalhou-se emfim um dia na cidade que uma especie de moço pastor, que fazia o serviço no covil do convenccionista G. . . . viera chamar um medico; que o velho malvado estava morrendo; que a paralyisia o acommettera; que não passaria a noite, graças a Deus, accrescentavam alguns.

O bispo tomou a bengala, pôz a capa por amor da sua setaina estragada de mais, e tambem por amor do vento da tarde que ia soprar, e partiu.

Já declinava o sol sumindo-se quasi no horizonte, quando o bispo chegou ao lugar excommungado. Com certo palpitár do coração reconheceu que estava perto

do covil. Saltou uma valla, transpôz uma cêrca, entrou em um campo abandonado, deu afouto alguns passos para diante, e de repente no fundo do baldio, por trás de uma moita, viu a caverna.

Era uma cabana baixa, pobre, pequena e assejada, com seu gradil pregado na frente.

Deante da porta, n'uma cadeira velha de roldanas, cadeira de camponez, estava um homem de cabellos brancos a sorrir-se para o sol.

Ao pé do velho sentado estava em pé um moço, o joven pastor, que apresentava-lhe uma jarra de leite.

Emquanto o bispo olhava, o velho levantou a voz:

—Obrigado, disse, de nada mais careço. E seu sorriso deixou o sol para fitar-se no menino.

O bispo aproximou-se. Ao rumor dos seus passos, o velho voltou a cabeça, e seu rosto exprimiu toda a surpresa que se pôde sentir depois de longa existência.

—Desde que aqui estou, disse, é a primeira vez que alguém entra em minha casa. Quem é o senhor?

O bispo respondeu:

—Chamo-me Bemvindo Myriel.

—Bemvindo Myriel; ouvi proferir esse nome: não é aquelle a quem o povo chama o exm. senr. Bemvindo?

—Sim, sou eu.

O velho tornou com um ligeiro sorriso:

—Neste caso é o meu bispo?

—Um tanto.

—Pois entre, revm. senhor.

O convenccionista estendeu a mão ao bispo; mas este não li'a tomou, contentando-se com dizer:

—Folgo de vêr que me tinham enganado; o senhor de certo não parece doente.

—Eu, respondeu o velho, vou ficar de todo restabelecido.

Fez uma pausa, e disse:

—Morrerei daqui a tres horas.

E proseguiu:

—Entendo um pouco de medicina, sei de que modo se approxima a ultima hora. Hontem só os pés estavam frios; hoje o frio chegou aos joelhos, já o vou sentindo subir até á cintura; quando alcançar o coração,

pararei. O sol está bello, não? fiz com que me trouxessem para aqui afim de volver um derradeiro olhar para estas cousas. V. exc. póde fallar-me, que me não cansa: fez bem em vir vêr morrer um homem. É bom que nesse momento haja testemunhas. Cada qual tem suas manias; eu teria querido esperar a alvorada. Mas sei que só me restam tres horas. Ha de ser noite fechada. Que importa porém? Acabar é cousa simples. Para isso não se carece da luz da manhan. Pois sim: morrerei á luz das estrellas.

E voltando-se para o moço que o servia:

—Vai-te deitar, disse, passaste em claro a noite de hontem; estás cansado.

O menino voltou para a cabana.

O velho acompanhou-o com os olhos, e accrescentou como fallando consigo mesmo:

—Emquanto elle dormir, eu morrerei; os dous somnos podem fazer boa vizinhança.

O bispo não estava commovido como parece que o devia estar. Não julgava presentir Deus neste modo de morrer. Digamos tudo, pois as pequenas contradicções dos grandes corações devem ser indicadas como o resto: elle que com tanta graça zombava do tratamento de sua grandeza, affligia-se agora de lhe não darem exc.^a revm.^a, e quasi que cedia ao impulso de replicar «cidadão.» Acodiu-lhe uma velleidade de familiaridade rabugenta, tam commum nos medicos e nos padres, mas que lhe não era natural. Esse homem, por fim de contas, esse convenccionista, esse representante do povo, tinha sido um poderoso da terra: pela primeira vez sem duvida em toda a sua vida o bispo sentiu-se disposto á severidade.

Entretanto o convenccionista o encarava com modesta cordialidade, em que até talvez se pudesse distinguir a humildade que tanto assenta em quem está prestes a desfazer-se em pó.

O bispo da sua parte, embora costumasse precaver-se contra a curiosidade, que em seu pensar era contigua á offensa, não podia deixar de examinar o convenccionista com uma especie de attenção que, não tendo origem na sympathia, lhe teria sido provavelmente exprobrada pela sciencia para com outro qual-

quer homem. Um convenccionista parecia-lhe um tanto, não um homem fóra da lei, mas um homem fóra do preceito da charidade. G... tranquillo, com o corpo quasi firme e a voz vibrante, era um desses octogenarios que causam espanto aos physiologistas. A revolução tinha tido muitos desses homens proporcionaes á época. Sentia-se nesse velho o homem a toda a prova; tam proximo do seu fim, conservava todos os gestos da saude. Na firmeza do olhar e da voz, no seu robusto movimento de hombros havia com que perturbar a morte. Azrael, o anjo mahometano da sepultura, teria voltado atrás julgando ter-se enganado na porta. G... parecia morrer, porque a isso se prestava. Havia liberdade na sua agonia. Só as pernas estavam immoveis; era por alli que as trevas o invadiam. Os pés estavam mortos e frios, e a cabeça vivia com todo o poder da vida, e apparecia com toda a luz. Em tam grave momento G... assemelhava-se a esse rei do conto oriental, carne por cima, marmore por baixo.

Junto havia uma pedra; nella sentou-se o bispo.

O exordio foi ex-abruto.

—Felicito-o, disse no tom de quem reprehende: o senhor ao menos não votou a morte do rei.

O convenccionista não mostrou reparar na amargura occulta neste—ao menos—Respondeu. O sorriso tinha desaparecido do seu rosto.

—Não me felicite muito, senhor; votei o fim do tyranno.

Era o tom austero, em presença do tom severo.

—O que quer dizer com isso? tornou o bispo.

—Quero dizer que o homem tem um tyranno, a ignorancia; votei o fim desse tyranno. Esse tyranno gerou a realeza, que é a autoridade tomada em falso, emquanto a sciencia é a autoridade contida na verdade. O homem só deve ser governado pela sciencia.

—E a consciencia, accrescentou o bispo.

É a mesma cousa. A consciencia é a sciencia innata que temos em nós mesmos.

O senr. Bemvindo escutava, um tanto attonito, essa linguagem que lhe era tam nova.

O convenccionista proseguiu:

—Quanto a Luiz XVI, disse, não. Não me julgo com

direito de matar um homem; mas sinto o dever de exterminar o mal. Votei o fim do tyranno, isto é, o fim da degradação para a mulher, o fim do captiveiro para o homem, o fim da noite para o menino: votando a republica votei isso. Votei a fraternidade, a concórdia, a aurora! ajudei á quédia dos erros e das preocupações. O desmoronamento dos erros e das preocupações dão luz.

Fizemos cahir o velho mundo, nós outros, e o velho mundo, vaso de miserias, derramando-se sobre o genero humano, tornou-se em urna de felicidade.

—Felicidade travada, disse o bispo.

—V. ex. poderia dizer felicidade perturbada, e hoje, depois dessa fatal volta do passado, a que chamam 1814, felicidade desaparecida. Ai! a obra foi incompleta, confesso-o; demolimos o antigo systema nos factos, não o podemos supprimir de todo nas idéas. Destruir os abusos não basta, cumpre modificar os costumes. O moinho já não existe; mas o vento ainda continúa.

—Demoliram. Demolir pôde ser util; mas desconfio de uma demolição acompanhada de colera.

—O direito tem a sua colera, senr. bispo, e a colera do direito é um elemento de progresso. Digam embora o que quizerem, a revolução franceza é o maior passo dado pelo genero humano depois da vinda de Christo. Incompleta, sim, porém sublime. Descobriu ella todas as incognitas sociaes. Abrandou os espiritos; acalmou, pacificou, esclareceu; fez correr na terra ondas de civilisação. Foi boa. A revolução franceza é a sagração da humanidade.

O bispo não pôde deixar de murmurar:

—Sim? 1793!

O convencionista ergueu-se na cadeira com solemnidade quasi lugubre, e tanto quanto um moribundo pôde exclamar, exclamou:

—Ah! ahi estamos: 93! Esperava essa palavra. Uma nuvem formou-se duraute 1,500 annos; ao cabo de quinze seculos rebentou: e ha quem venha accusar o raio!

O bispo sentiu, talvez sem que a si proprio confessasse, que alguma cousa nelle estava abalado: todavia simulou firmeza e respondeu:

—O juiz falla em nome da justiça, o padre em nome da commiserção que não é mais do que uma justiça mais alta. O raio não deve enganar-se. E accrescentou, fitos os olhos no convencionista:

—Luiz XVII?

O convencionista estendeu a mão, e agarrou o braço da bispo:

—Luiz XVII? pois vejamos. Sobre quem chora? é sobre o menino innocente? pois sim; eu tambem choro. É sobre o menino real! peço tempo para reflectir. Para mim o irmão de Cartouche, menino innocente suspenso á força pelos sovacos até morrer, só por ser irmão do Cartouche, não é menos doloroso do que o neto de Luiz XV, menino innocente, martyrisado na torre do Templo pelo crime unico de ser neto de Luiz XV.

—Senhor, disse o bispo, não gosto dessas aggregações de nomes.

—Cartouche? Luiz XV? por qual delles reclama v. ex.?

Houve um momento de silencio. O bispo quasi que se arrependia de ter vindo, e todavia sentia-se vaga e singularmente abalado.

O convencionista proseguiu:

—Ah! senr. padre, v. revm.^a não gosta da verdade nua e crua. Christo gostava della. Tomava uma vara e espanava o templo. O seu açoite cheio de raios, era um terrivel dizedor de verdades. Quando exclamava *Sinite parvulos*, não distinguia entre os meninos. Não teria reparado em approximar o delphim de Barrabas do delphim de Herodes. Senhor, a innocencia é a corôa de si propria, á innocencia pouco importa ser alteza. É tam augusta em andrajos como em mantos de flores de liz.

—É verdade, disse o bispo em voz baixa.

—Insisto, proseguiu o convencionista G...V. exc. fallou-me em Luiz XVII. Entendamo-nos. Choramos sobre todos os innocentes, todos os martyres, todos os meninos, sobre os de baixo como sobre os de cima? Tomo parte no pranto. Mas então, já vo-lo disse, cumpre subir acima de 93; cumpre começar o pranto antes de Luiz XVII: chorarei com v. exc. sobre os filhos dos reis, comtanto que v. exc. comigo chore sobre os filhos do povo.

—Eu choro, sobre todos, disse o bispo.

—Tambem eu! exclamou G. . . , e se a balança deve inclinar-se, seja do lado dos filhos do povo; soffrem estes de ha muito.

Houve ainda um silencio. O convencionista poz-lhe fim. Ergueu-se sobre um cotovello, tomou entre o dedo pollegar e o indice, um tanto curvo, um pouco da face, como faz quem interroga ou quem reflecte, e interpellou o bispo com um olhar cheio de todas as energias da agonia. Foi quasi uma explosão.

—Sim, senhor, ha muito tempo que o povo soffre. E de mais, olhe, não é tudo isto, quem aqui o trouxe para interrogar-me e fallar-me de Luiz XVII? Eu não conheço a v. exc. Desde que estou nesta terra, vivi aqui encerrado, não pondo os pés fóra daqui, a ninguem vendo senão a esse menino que me ajuda. O seu nome, sim chegou confusamente aos meus ouvidos, e, devo dizê-lo, não muito mal pronunciado; mas isso nada quer dizer; a gente habil tem tantos modos de embaçar esse pobre bonanchão de povo. A proposito, não ouvi o ruido da carruagem de v. exc. Sem duvida deixou-a por trás da cerca na bifurcação da estrada. Não o conheço, repito. V. exc. declarou-me que era o bispo; isto porém nada diz quanto á sua pessoa moral. Em summa, repito a minha pergunta—Quem é o senhor?

E' um bispo, isto é, um principe da egreja, um desses homeus dourados; opulentos, de braços de armas, de pingues prebendas, o bispado de D. . . . , quinze mil francos de congrua, dez mil francos de pé de altar, ao todo vinte e cinco mil francos! . . . que tem ucharias, que tem librés, que tem succulenta mesa, e ás sextas-feiras comem bons pescados, que se pavoneiam com lacaios na almofada e lacaios na trazeira em berlindas de gala, que teem palacios e carruagens em nome de Jesus-Christo, que andava descalço! O senhor é um prelado: rendas, palacios, cavallos, creados, boa mesa; todas as sensualidades da vida o senhor as tem como os outros; e como os outros dellas goza: bem; mais isso diz muito ou não diz bastante: isso não me esclarece ácerca do seu valor intrinseco e essencial quando aqui vem provavelmente com a pretensão de trazer-me a sabedoria. Com quem estou fallando? quem é v. exc.?

O bispo abaixou a cabeça e respondeu:

— *Vermis sum*.

—Um verme de carruagem! exclamou o convenccionista.

Era a vez do convenccionista ser altivo, e do bispo ser humilde. O bispo tornou com brandura:

—Pois sim, senhor. Explique-me porém em que a minha carruagem, que ficou alli a dous passos atrás da cerca, em que a minha boa mesa e os pescados que eu cômo ás sextas-feitas, em que as minhas vinte cinco mil libras de rendimento, em que o meu palacio e os meus lacaiois provam que a comineração não é uma virtude, a clemencia um dever, e que 1793 não foi inexoravel?

O convenccionista passou a mão pela testa como para remover uma nuvem.

—Antes de responder, disse, peço-lhe que me perdôe. Acabo de proceder mal, senhor. V. exc. está em minha casa, é meu hospede; devo trata-lo com cortezia. Está discutindo as minhas idéas, cabe-me limitar-me a refutar os seus argumentos. As suas riquezas, os seus gozos são vantagens que tenho contra v. exc. na discussão; mas é de bom gosto não me servir dellas. Prometto não servir-me.

—Agradeço-lhe, disse o bispo.

—Voltemos á explicação que me pediu, continuou G... em que ponto estavamos? Ah! v. exc. dizia-me que 1793 fôra inexoravel.

—Inexoravel, sim, disse o bispo. O que pensa de Marat a dar palmas á guilhotina?

—O que pensa v. exc. de Bossuet cantando *Te-Deuns* pelas dragonadas?

A resposta era forte; mas ia á meta com a rigidez de uma ponta de aço. O bispo estremeceu, e nada teve que oppôr-lhe; mas sentiu-se do modo porque se fallava de Bossuet. Os melhores espiritos teem seus idolos, e ás vezes sentem-se vagamente doridos dos desrespeitos da logica.

O convenccionista começava a arfar; a asthma da agonia, que se confunde com o ultimo respirar, lhe cortava a voz; entretanto nos olhos ainda havia perfeita lucidez da alma. Proseguiu:

—Troquemos ainda algumas palavras; a isso com

muito gosto me presto. Fôra da revolução que, tomada no seu todo, é uma immensa affirmacão humana, noventa e tres, ah! é uma replica. V. exc. acha-a inexoravel; mas que foi toda a monarchia, senhor? Carrier é um bandido; que nome cabe a Montrevel? Fouquier Tainville é um miseravel; mas o que lhe parece Lamoignon-Baville? Maillard é horrivel; mas o que diz de Saulx Tavannes? O pai Duchesue é feroz, mas com que epitheto póde qualificar ao frade Letellier? Jordão Corta-Cabeças é um monstro; porém menor do que o senr. marquez de Louvois. Senhor, senhor, eu lamento Maria Antonietta, archiduqueza e rainha; mas igualmente lamento essa pobre mulher huguenote que em 1685, no reinado de Luiz-o-Grande, senhor, aleitando seu filho, foi atada, nua até á cintura, a um pelourinho, com o filho posto a alguma distancia; o seio se lhe entumecia de leite, e o coração de angustia; o filhinho, esfomeado, pallido, vendo esse seio, agonisava e gritava, e o carrasco dizia á mulher, mãe e ama:— Abjura!—dando-lhe a escolher entre a morte do filho e a morte da consciencia. O que lhe parece semelhante supplicio de Tantaló, applicado a uma mãe? Senhor, lembre-se bem disto: a revolução franceza teve suas razões. Sua colera será absolvida no futuro, seu resultado é um mundo melhor. Dos seus golpes mais terribes sahe um affago ao genero humano. Abrevio. páro; as cartas com que poderia jogar são por de mais decisivas.... Além de que, estou morrendo.

E cessando de olhar para o bispo, o convenccionista concluiu o seu pensamento com estas palavras tranquillias:

—Sim, as brutalidades do progresso chamam-se revoluções: quando ellas acabam reconhece-se que o genero humano foi maltratado, porém caminhou para deante.

O convenccionista não suspeitava que acabava de levar de vencida uns após outros todos os reductos internos do bispo. Um todavia subsistia, e desse entrincheiramento, supremo recurso da resistencia do senr. bispo Bemvindo, sahiu a palavra em que tornou a apparecer quasi toda a rispidez do começo da discussão.

—O progresso deve crêr em Deus. O bem não póde

ter servidor impio. É máu condutor do genero humano o athêo.

O velho representante do povo não respondeu. Teve um estremecimento; olhou para o céu, e uma lagrima borbulhou lentamente nesse olhar. Quando ella lhe encheu a palpebra, foi-se deslizando pela face livida, e quasi balbuciando, baixo, fallando consigo mesmo, com o olhar embebido na profundeza, disse:

—Oh tu! oh idéal! tu só existes!

O bispo teve uma especie de indizivel commoção. Depois de breve silencio, o velho levantou um dedo para o céu, e disse:

—O infinito existe. Está alli. Se o infinito não tivesse *eu*, o *eu* seria seu limite; não seria elle o infinito, em outros termos, não haveria infinito. Ora elle existe: portanto tem um *eu*; esse *eu* do infinito é Deus.

O moribundo proferira estas ultimas palavras em voz alta, com o estremecimento do extasis, como se visse alguém. Depois que acabou de fallar, fechou os olhos. O esforço deixára exausto. Era evidente que acabára de viver em um minuto as poucas horas que lhe restavam. O que dissera o havia aproximado daquelle que existe na morte. O instante supremo se aproximava.

O bispo o comprehendeu, o momentourgia; tinha vindo como padre; da extrema frieza passára gradualmente á commoção extrema; olhou para esses olhos cerrados, tomou essa velha mão rugosa e gelada, e inclinou-se para o moribundo:

—Esta hora é a de Deus. Não acha que seria lamentavel que nos houvessemos encontrado em vão.

O convencionista abriu os olhos. Uma gravidade em que havia sombra debuxou-se-lhe no rosto.

—Senr. bispo, disse com um vagar que talvez ainda mais proviesse da dignidade da alma do que do desfallecimento do corpo, passei a minha vida na meditação, no estudo, e na contemplação. Tinha 60 annos quando a patria me chamou, ordenando-me que me occupasse dos seus negocios. Obedeci. Havia abusos, combati-os; havia tyrannias, destrui-as; havia direitos e principios, proclamei-os, confessei-os. O territorio estava invadido, defendi-o; a França estava ameaçada, offereci o meu peito. Não era rico, estou pobre.

Fui um dos senhores do Estado, os subterraneos do banco estavam atulhados de moeda a ponto de ser necessario especar as paredes que ameaçavam abrir-se com o peso do ouro e da prata; jantava na rua da Arvore-secca, a vinte dous soldos por cabeça, soccorri os opprimidos, acodi aos que soffriam. Rasguei a toalha do altar, sim, mas foi para curar as chagas da patria. Sempre sustentei o caminho para deante do genero humano em direcção á luz, e ás vezes resisti ao progresso sem piedade. Protegi, quanto podia, os meus proprios adversarios. Ila em Peteghem, na Flandres, no lugar mesmo em que os reis merovingios tinham seu palacio de verão, um convento de urbanistas, a abadia de Santa Clara em Beaulieu; salvei-o em 1793. Fiz o meu dever conforme as minhas forças, e o bem que pude.

Depois do que, fui expulso, praguejado, perseguido, diffamado, escarnecido, conspurcado, amaldiçoado, proscripto. De ha muitos annos já, com os cabellos brancos, sinto que muita gente julga ter sobre mim o direito do desprezo; para a multidão ignorante tenho cara de reprobado, e a ninguem aborrecendo, aceito o isolamento do odio. Agora tenho oitenta e seis annos, e vou morrer. O que é que v. exc. me vem pedir?

—A sua benção, disse o bispo.

E ajoelhou-se.

Quando o bispo levantou a cabeça, a face do convencionista tinha-se tornado augusta: acabava de expirar. O bispo voltou para casa profundamente absorto não se sabe em que pensamentos. Passou toda a noite em oração. No dia seguinte alguns curiosos mais afoutos procuráram fallar-lhe do convencionista G. . . . , contentou-se com mostrar-lhes o céu.

Desde esse momento dobrou de ternura e de fraternidade para com os pequenos e os que soffrem.

Toda allusão ao velho facinora G. . . . o fazia cahir em singular preocupação. Ninguem poderia dizer que a passagem daquelle espirito deante do seu, e o reflexo daquelle grande consciencia na sua, não contribuiara de algum modo para approxima-lo da perfeição.

Esta visita pastoral foi naturalmente occasião de murmurações nos parlatorios da cidade.

—Pois era o lugar de um bispo á cabeceira de semelhante moribundo? Era evidente que não havia que esperar uma conversão. Todos os revolucionarios são relapsos. Então para que lá ir? Que tinha lá que vêr? Era cousa realmente curiosissima o diabo levar uma alma!

Um dia uma senhora velha, de variedade impertinente que presume de espirituosa, dirigiu-lhe esta gracinha:—Senr. bispo, ha quem pergunte quando terá vossa grandeza o barrete vermelho.

—Oh! oh! que côr tam viva! respondeu o bispo. Ainda bem que os que a desprezam no barrete, a veneram no chapéu.

XI

UMA RESTRIÇÃO.

Muito se arriscaria a enganar-se quem disto concluísse que o senr. Bemvindo era um bispo philosopho, ou um cura patriota. O seu encontro, que talvez se pudesse chamar conjuncção, com o convencionista G. . . . , deixou-lhe uma especie de estupefacção que o tornou ainda mais brando. Nada mais. Embora o senr. bispo Bemvindo em nada fosse homem politico, é talvez este o ensejo para indicar brevissimamente qual foi a sua attitudo nos acontecimentos de então, suppondo que algum dia o senr. Bemvindo se houvesse lembrado de tomar uma attitudo.

Recuemos pois alguns annos.

Algun tempo depois da elevação de Myriel ao episcopado, o imperador o havia feito barão do imperio, juntamente com outros muitos bispos. Seguiu-se, como é sabido, a prisão do Papa na noite de 5 para 6 de julho de 1809: nessa occasião foi Myriel chamado por Napoleão ao synodo dos bispos da França e da Italia reunido em Pariz. O synodo celebrou-se em Nossa Senhora, e teve a sua primeira sessão em 15

de julho de 1811, sob a presidencia do cardeal Fesch. Myriel foi um dos noventa e cinco bispos que se apresentaram; mas só assistiu a uma sessão e a trez ou quatro conferencias particulares. Bispo de uma diocese dos serros, vivendo tam perto da natureza, na rusticidade e nas privações, parece que levava ao meio daquellas personagens eminentes, idéas que alteravam a temperatura da assembléa. Voltou pois a toda a pressa para D... Inquiriram-lhe a rasão dessa volta prematura; elle respondeu: Eu os incommodava: por mim lhes vinha o ar de fóra; eu era para elles como que uma porta aberta.

Outra vez disse: O que querem! esses senhores são principes, eu apenas sou um pobre bispo camponez.

O facto é que elle havia desagradado. Entre outras singularidades tinha-lhe escapado dizer uma noite em que se achava em casa de um dos seus collegas mais qualificados:

—Que bellos relógios! que bellos tapetes! que bellas librés! tudo isto deve ser muito importuno! Eu não quizera ter todo este superfluo a bradar-me de continuo ao ouvido:—Ha gente que tem fome! ha gente que tem frio! ha pobres! ha pobres!

Digamo-lo de passagem, o odio do luxo não seria um odio intelligente. Implicaria o odio das artes. Entretanto na gente da egreja, fóra os casos de representação e de cerimonia, o luxo é um erro. Parece denunciar habitos realmente pouco charidosos. Um padre opulento é um contraseno. O padre deve conservar-se juntinho dos pobres. Ora, pôde alguém lidar de continuo, noite e dia, com todas as miserias, com todas as indigencias, com todas as angustias, sem ter tambem em si proprio um pouco dessa santa miseria, como a poeira do trabalho? Pode-se conceber um homem que está ao pé de um brazeiro e que não tem calor? Pôde-se imaginar um operario que trabalha de continuo na fornalha, e não tem um só cabello queimado, uma unha ennegrecida, uma gota de suor, um grão de cinza no rosto? A primeira prova de charidade no padre, e especialmente no bispo, é a pobreza.

E' certamente o que pensava o snr. bispo de D... Não se vá porém acreditar que em certos pontos de-

licados compartisse elle o que chamariamos—idéas do seculo.—Pouco se envolvia nas questões theologicas do momento, e calava-se quanto ás questões em que se achavam compromettidos a Egreja e o Estado. Mas se com elle houvessem instado, parece que o teriam achado mais ultramontano do que gallicano. Como fazemos um retrato, e nada queremos occultar, somos obrigados a accrescentar que mostrou-se glacial para com Napoleão na sua decadencia. De 1813 em diante adheriu e applaudiu a todas as manifestações hostis, recusou ir vê-lo quando passou na volta da ilha d'Elba, e abteve-se de ordenar na sua diocese orações publicas pelo imperador durante os Cem dias.

Além de sua irman Baptistina, tinha dous irmãos, um general, outro prefeito. Escrevia com frequencia a ambos. Mostrou-se algum tempo agastado com o primeiro, porque, tendo um commando na Provença, na occasião do desembarque de Cannes, puzera-se á frente de mil e duzentos homens, e perseguira o imperador como quem não queria alcança-lo. A sua correspondencia conservou-se mais affectuosa com o outro irmão o antigo prefeito, o homem honrado e digno, que vivia retirado em Pariz, na rua Cassete.

O bispo Bemvindo teve pois tambem a sua hora de espirito de partido, a sua hora de amargura, a sua nuvem. A sombra das paixões do momento atravessou-lhe o espirito meigo e grande, occupado das cousas eternas. Certamente semelhante homem teria me-recido não ter opiniões politicas. Não se enganem com o nosso pensamento; não confundamos o que chamam opiniões politicas, com a grande aspiração ao progresso, com a sublime fé patriotica democratica e humana que, em nossos dias, deve ser o proprio fundo de toda a intelligencia generosa. Sem aprofundar questões que só indirectamente se prendem ao assumpto deste livro, simplesmente dizemos isto: teria sido bello que o bispo Bemvindo não tivesse sido realista, e que o seu olhar não se houvesse um só momento desviado dessa serena contemplação em que se vêem resplandecer distinctamente, acima das ficções e dos odios deste mundo, acima do vaivem tempestuoso das cousas humanas, essas tres luzes puras—a verdade, a jus-

tiça e a charidade. Reconhecendo que não era para funções politicas que Deus havia creado o bispo Bem-vindo, teriamos comprehendido e admirado o protesto em nome do direito e da liberdade, a opposição activa, a resistencia perigosa e justa a Napoleão omnipotente. Mas o que nos arma contra os que sobem, arma-nos menos contra os que descem. Não gostamos do combate senão emquanto ha perigo, e em todos os casos os combatentes da primeira hora são os unicos que teem direito a ser exterminadores na ultima. Quem não foi accusador pertinaz durante a prosperidade, deve calar-se deante do desmoronamento. O apregoador do triumpho é o unico carrasco legitimo da queda. Quanto a nós, quando a Providencia se entromette e fere, deixamos-lhe entregue a obra.

1812 começa a desarmar-nos. Em 1813 o cobarde rompimento do silencio desse taciturno corpo legislativo, animado pelos desastres, só pôde causar indignação e fôra um erro applaudi-lo; em 1814, deante desses marechaes que atraçoavam, desse senado que passava de um lodaçal para outro, insultando depois de ter divinizado, deante dessa idolatria que lambia os pés, e então cospia no idolo, era um dever desviar a cabeça. Em 1815, quando os supremos desastres pairavam no ar, e lhe sentia a França o calafrio da sinistra approximação, quando já vagamente se podia distinguir Waterloo aberto deante do Imperador, a dolorosa acclamação do exercito e do povo ao condemnado do destino nada tinha de risivel, e salvas todas as reservas quanto ao despota, um coração como o do bispo de D... talvez não tivesse devido desconhecer o que havia de augusto e enternecedor á beira do abysmo, nesse abraço intimo de uma grande nação e de um grande homem.

Salvo esse ponto, era elle e foi em tudo justo, verdadeiro, equitativo, intelligente, humilde e digno, bemfazejo e benevolo, o que é outra beneficencia. Era um padre, um sabio e um homem. Até, cumpre dizê-lo, nessa opinião politica que acabamos de exprobrar-lhe, e que estamos dispostos a julgar quasi severamente, era tolerante e facil, talvez mais do que nós que aqui fallamos. O porteiro da casa da camara fôra nomeado pelo imperador. Era um velho official

inferior da antiga guarda, legionario de Austerlitz, bonapartista como a aguia. As vezes escapavam a esse pobre homem palavras pouco reflectidas, que a lei de então qualificava como ditos sediciosos. Depois que o perfil imperial desaparecêra da Legião-de-Honra, nunca vestira a farda grande para não ser obrigado a pôr a sua cruz. Tinha elle proprio tirado devotamente a effigie imperial da cruz que Napoleão lhe havia dado: ficava um buraco, para cobrir o qual nunca tinha querido pôr cousa alguma; antes morrer, dizia, do que pôr sobre o meu coração os tres sapos. Motejava sem escrupulo de Luiz XVIII. Velho gotozo com polainas de Inglez! dizia, vá-se para a Prussia com a sua escorcineira! com gosto reunindo na mesma exclamação as duas cousas que mais aborrecia, a Prussia e a Inglaterra. Tantas fez que perdeu o emprego. Ei-lo sem pão, com mulher e filhos. O bispo o mandou chamar, reprehendeu-o com brandura, e nomeou-o bedel da Sé Cathedral.

Em nove annos, a poder de santas acções e de modos brandos, o bispo Bemvindo tinha enchido a sua diocese de uma especie de veneração terna e filial. Até o seu proceder para com Napoleão tinha sido aceito, e como que tacitamente perdoado pelo povo, bom e fraco rebanho que adorava o seu imperador, porém amava o seu bispo.

XII

SOLIDÃO DO BISPO BEMVINDO.

Ha quasi sempre em torno de um bispo um bando de padrecos, como em redor de um general uma nuvem de jovens officiaes. É o que o encantador San Francisco de Salles denomina algures—padres imberbes.

Toda a carreira tem seus aspirantes que fazem cortejo aos que lhe occupam as eminencias. Não ha potencia que não tenha seu sequito, nem fortuna que não tenha sua côrte. Os pesquisadores do futuro remoinham em torno do presente esplendido. Toda a metropole tem o seu estado-maior. Todo o bispo um tanto influente tem ao pé de si a sua patrulha de cherubins seminaristas que ronda e mantem a boa ordem no palacio episcopal, e monta guarda em torno do sorriso de s. exc. revma. Agradar a um bispo é pôr o pé no estribo para ser subdiacono.

Ora! é necessario adiantar-se na vida; o apostolado não desdenha o canonicato.

Assim como ha algures optimos barretes, ha na egreja optimas mitras. São os bispos que teem aceitação na côrte e na sociedade, que são ricos, habeis,

bem dotados, que sabem sem duvida rezar, mas sabem ainda mais solicitar; pouco escrupulosos em fazer esperar na sua ante-camara uma diocese inteira, traços de união entre a sacristia e a diplomacia, mais padrecos do que sacerdotes, mais prelados do que bispos. Feliz de quem se chega para elles ! Gozando de influencia, fazem chover em redor de si, sobre os diligentes e os favorecidos, sobre toda essa mocidade que sabe agradar, as pingues parochias, as prebendas, os archidiaconatos, as capellaniās e as funcções cathedraes, emquanto não chegam ás dignidades episcopaes. Adiantando-se elles proprios, fazem progredir os seus satellites: é um completo systema solar em movimento. A sua irradiação purpurêa o sequito. A sua prosperidade esmigalha-se em boas promoçõesinhas. A melhor diocese ao patrão, o mais pinguecurato ao valido. E depois, Roma ali está. Um bispo que sabe fazer-se arcebispo, um arcebispo que sabe tornar-se cardeal, arrasta-te como conclavista, entras na rota, tens o pallio; eis-te audictor, eis-te camerario, eis-te monsenhor, e da grandeza á eminencia só ha um passo, e entre a eminencia e a santidade só ha o fumo de um escrutinio. Todo o solidéo pôde sonhar com a tiára. O padre é em nossos dias o unico homem que pôde regularmente tornar-se rei; e que rei! o rei supremo. E por isso, que viveiro de aspirações não é um seminario ! Quantos meninos do côro, todos rubros, quantos padres moços teem á cabeça a bilha de leite da Padrilha da fabula ! Quão facilmente a ambição se intitula vocação, e talvez enganando-se a si propria mui de boa fé; bemaventurada que é !

Humilde, pobre, particular, o bispo Bemvindo nunca foi contado entre as optimas mitras. Era isso visivel na completa ausencia de padres moços em redor d'elle. Viram os leitores que em Pariz não tinha elle tido aceitação. Nenhum futuro pensava em enxertar-se nesse velho solitario: nenhuma ambição ao brotar tinha a loucura de procurar medrar á sua sombra. Os seus conegos e vigarios eram bons velhos, um tanto do povo como elle, entaipados como elle na sua diocese sem sahida para o cardinalato, e que se pareciam com o seu bispo, com a differença de estarem elles acabados e este concluido.

Tanto se sentia a impossibilidade de medrar junto de Bemvindo, que, logo que sabiam do seminário, os moços por elle ordenados procuravam recommendar-se aos arcebispos de Aix ou de Auch, e para ao pé desses logo se retiravam, porque, enfim, tornamos a dizê-lo, a gente quer quem a ajude. Um santo que vive em um excesso de abnegação é uma vizinhança perigosa; poderia communicar-nos o contagio da sua incuravel pobreza, a ankylose das articulações uteis ao adeantamento, e em summa mais desapego de bens mundanos do que desejamos: foge-se dessa virtude leprosa. Dahi o isolamento do bispo Bemvindo. Vivemos em uma sociedade sinistra: ser bem succedido, eis o ensino que gota a gota vae cahindo da corrupção perenne.

Digamo-lo de passagem, é cousa hedionda o bom exito. A sua falsa parecença com o merecimento engana os homens. Para o commum dos homens o bom exito tem quasi o mesmo perfil que a primazia: o bom exito, essa menechma do talento, tem uma victima dos seus logros: a historia. Juvenal e Tacito são os unicos a pôrem-lhe embargos. Em nossos dias uma philosophia quasi official entrou na creadagem; traja a libré do bom exito e faz-lhe o serviço da ante-câmara. Sêde bem succedidos; theoria: prosperidade suppõe capacidade. Ganha na luteria: eis-te homem habil. Quem triumpho é venerado. Nasceste impellido! nisto vae tudo. Tem fortuna, terás o resto; sê feliz, passarás por grande. A fóra cinco ou seis excepções immensas em que está o brilho de um seculo, a admiração contemporanea é apenas myope. Douradura é ouro. Ser o primeiro a chegar nunca faz mal nenhum, contanto que seja eu quem chega. O vulgo é um velho Narciso que se adora a si proprio, e que o vulgo applaude. Essa faculdade enorme com a qual se póde ser Moyses, Eschylo, Dante, Miguel-Angelo ou Napoleão, a multidão a decreta, e por acclamação a quem quer que alcança o seu fim no que quer que seja. Transfigure-se um tabellião em deputado, um falso Corneille faça *Tiridates*, consiga um eunucho possuir um harem; ganha um *prudhomme* militar por mero accidente a batalha decisiva de uma época: invente um boticario solas de sapato de papelão para

o exercito de Sambre e Mense, e com esse papelão
vendido como couro arranje quatrocentos mil francos
de rendimento; case-se um caminheiro com a usura,
e faça-a parir sete ou oite milhões de que seja elle o
pae e ella a mãe, torne-se bispo um prégador a poder
de ser fanhoso; seja tam rico um mordomo de boa
casa que ao sahir do serviço obtenha a pasta da fazen-
da, os homens chamam a isso Genio, como chamam
Belleza a cara de Mousqueton e Magestade as espa-
duas de Claudio. Confundem com as contellações do
firmamento as estrellas que no lodo molle imprimem
os pés espalmados das marrecas.

XIII

QUAL ERA A SUA CRENÇA.

Quanto á orthodoxia não temos que perscrutar o bispo de D....Deante de uma alma dessas não sentimos senão respeito. A consciencia do justo deve ser acreditada sem exame. Além de que, dadas certas indoles, admittimos possível o desenvolvimento de todas as bellezas da virtude humana em uma crença diversa da nossa.

O que pensava elle ácerca deste mysterio, ou daquelle dogma? Esses segredos do fôro intimo só são conhecidos do tumulto, em que as almas entram nuas. Do que estamos certos é de que as difficuldades da fé nunca para elle se resolviam em hypocrisia. Não ha podridão possível no diamante. Cria o mais que podia: *credo in patrem*, exclamava a miudo, achando quanto ao mais nas obras pias a satisfação que basta á consciencia e que intimamente nos diz:—Estás com Deus!—O que julgamos dever notar é que afóra, e, por assim dizer, além da sua fé, o bispo tinha um excesso de amor. Era por isso, *quia multum amavit*, que o achavam vulneravel—os homens sérios,—as

12
pessoas sisudas, — a gente de juízo, — locuções predilectas do nosso triste mundo em que o egoísmo recebe o santo e a senha do pedantismo. O que era esse excesso de amor? Era uma benevolencia serena a transbordar sobre os homens, e ás vezes, como já o indicámos, alcançando até as cousas. Vivia sem desdem; era indulgente para com a criação de Deus. Todo o homem, ainda o melhor, tem em si uma aspereza irreflectida, a que dá expansão contra os animaes. O bispo de D. . . não tinha essa aspereza aliás tam commum a muitos padres. Não chegava á exaggeração do brahmine, mas parecia ter meditado nessa palavra do Ecclesiastes: «Sabe alguém para onde vae a alma dos animaes?» As fealdades do aspecto, as difformidades do instincto não o perturbavam nem o indignavam, commoviam-n'o, quasi que o esterneciam. Parecia que, pensativo, ia pesquisar, além da vida apparente, a causa, a explicação ou a desculpa desses defeitos. Parecia em algumas occasiões pedir a Deus commutações. Examinava sem colera, e com a sagacidade do linguista que prescruta um palimpsesto, o cahos que ainda ha na natureza. Esta meditação arrancava-lhe ás vezes palavras singulares. Um dia estava no seu jardim, julgava-se só, porém sua irman o seguia sem ser vista; de repente parou e olhou para alguma cousa que estava no chão: era uma enorme aranha, negra, cabelluda, hedionda. A irman ouviu-o dizer:

—Pobre bicho! não é culpa sua.

Porque não referir estas puerilidades quasi divinas de bondade! Puerilidades embora, mas puerilidades sublimes foram as de San'Francisco de Assis, e de Marco Aurelio. Um dia torceu elle o pé por não ter querido pisar uma formiga.

Assim vivia esse homem justo. Ás vezes adormecia no jardim, e então nada havia de mais veneravel. O bispo Bemvindo tinha sido outr'ora, se nos podemos fiar nas noticias da sua mocidade, e até da sua virilidade, um homem apaixonado, e talvez violento. A sua mansidão universal era menos um instincto da natureza do que o resultado de uma grande convicção filtrada no seu coração através da vida, e lentamente entrada nelle pensamento por pensamento; pois

om uma indole como em um rochedo póde haver buracos cavados por gottas d'agua. Essas excavações são indeleveis, essas formações são indestructiveis.

Em 1815, julgamos tê-lo dito, fez elle 75 annos, mas não mostrava ter mais de sessenta. Não era alto, tinha algum excesso de gordura, e para combatê-lo dava extensos passeios a pé; o andar era firme, o corpo mui pouco curvado, particularidades de que nada pretendemos concluir; Gregorio XIV aos oitenta annos sorria-se e tinha o corpo direito e firme, o que o não embarçava de ser um pessimo bispo. Bemvin-do tinha o que chamam uma bella cabeça; mas tam amavel que ninguém se lembrava da belleza.

Quando conversava com essa jovialidade infantil, que era uma das suas graças, e de que já fallámos, todos se sentiam sem acanhamento, e era como se do vulto lhe irradiasse a alegria. A tez corada e fresca, os dentes todos que conservava ainda alvos, e que o sorriso mostrava, davam-lhe esse ar franco e prazenteiro que faz dizer de um homem: é um bom rapaz; e de um velho: é um bom homem. Fôra esta a impressão, disso se lembra o leitor, que elle causou em Napoleão. Á primeira entrada, e para quem nunca d'antes o vira, quasi que não era realmente senão um bom homem. Mas, para quem o tratava por algumas horas, por pouco que o visse pensativo, o bom homem gradualmente se transfigurava, assumindo não sei que de venerando: a sua fronte vasta e séria, augusta pelas cans, tornava-se tambem augusta pela meditação; a magestade rompia dessa bondade, sem que a bondade deixasse de irradiar: sentia-se como que o abalo que se teria ao ver um anjo abrir, sorrindo-se, as azas, sem interromper o sorriso. O respeito, um respeito inexprimivel, pouco a pouco penetrava e subia ao coração de quem o via, e sentia-se que se estava na presença de uma dessas almas fortes, postas á prova e indulgentes, em que o pensamento, por grande, nunca póde deixar de ser doce.

Como notámos, a oração; a celebração dos officios religiosos, a esmola, a consolação dos afflictos, o cultivo de um canto de terra, a fraternidade, a frugalidade a hospitalidade, a abnegação, a confiança, o estudo, o trabalho, enchiam-lhe todos os dias de vida. En-

chiam, é a palavra adequada, pois o dia do bispo estava realmente cheio até a borda de bons pensamentos, de boas palavras e de boas obras.

Estava cheio, mas não completo, se o tempo frio ou chuvoso lhe vedava que fosse á noite, quando as duas mulheres se haviam agasalhado, passear uma hora ou duas no jardim antes de adormecer. Parecia ser-lhe uma especie de rito preparar-se para o somno pela meditação á vista dos magestosos espectaculos do céu nocturno. Ás vezes em horas mui adeantadas da noite, se as suas duas velhas companheiras não estavam dormindo, ouviam-n'o andar a passos lentos pelas alamedas. Allí estava só comsigo mesmo, recolhido, placido, adorando, comparando a serenidade do seu coração com a serenidade do ether, abalado nas trevas pelos resplendores visiveis das constellações e pelos resplendores de Deus, abrindo a alma aos pensamentos que descem do Desconhecido. Nessas occasiões, offerendo o coração na hora em que as flores nocturnas offerendam seus perfumes, aceso como uma lampada no centro da noite estrellada, expandindo-se em extasis no meio do raiar universal da criação, talvez nem elle proprio pudesse dizer o que se passava no seu espirito; sentia alguma cousa voar para fora de si, e alguma cousa para si descer. Mysteroso commercio dos abysmos da alma com os abysmos do universo!

Pensava na grandeza e na presença de Deus; na eternidade futura, singular mysterio; na eternidade passada, mysterio mais singular ainda; em todos os infinitos que, em todos os sentidos, se lhe abysmavam debaixo dos olhos; e sem procurar comprehender o incomprehensivel, contemplava-o. Não estudava Deus, deslumbrava-o a Divindade. Considerava esses magnificos encontros de atonos que dão aspectos a materia, revelam-lhe as forças verificando-as, cream as individualidades na unidade, as proporções na extensão, o innumero no infinito, e pela luz produzem a belleza. Esses encontros vinculam-se, desprendem-se de continuo; dahi a vida e a morte.

Sentava-se em um banco de páu encostado a um decrepito caramanchão; contemplava os astros por entre as sombras mesquinhas e rachiticas das suas arvores fructiferas. Esse quarto de geira tam pobre-

mente plantado, tam entulhado de ruins construcções e de um telheiro, lhe era caro, e lhe bastava.

De que mais carecia esse velho, que repartia o descanso da sua vida, em que tam pouco descanso havia, entre a jardinagem de dia e a contemplação á noite? Esse limitadissimo espaço, tendo por coberta o céu, não era sufficiente para adorar a Deus successivamente nas suas obras mais encantadoras e nas suas obras mais sublimes? Com effeito não será isto *tudo*? o que mais desejar além? Um jardim para passear, e a immensidade para scismar. Aos pés o que se póde cultivar e colher, sobre a cabeça o que se póde estudar e meditar: algumas flôres na terra, todas as estrellas no céu.

XIV

O QUE ELLE PENSAVA.

Uma ultima palavra.

Como esta especie de pormenores poderia, especialmente no momento actual, para nos servirmos de uma expressão que anda na moda, dar ao bispo de D. . . uma certa physionomia pantheista e fazer acreditar, quer em censura, quer em elogio seu, que tinha elle uma dessas physionomias pessoasas proprias do nosso seculo, que germinam ás vezes nos espiritos solitarios, nelles se enraizam e crescem a ponto de substituir as religiões, insistimos em que ninguém, de quantos conhecêram o revm. Bemvindo, se julgaria autorizado a pensar cousa semelhante. O que illuminava esse homem era o seu coração. A sua sabedoria era feita da luz que dahi provém.

Nada de systemas, muitas obras. Nas especulações abstrusas vae envolta a vertigem; nada indica que elle arriscasse o espirito em apocalypses. O apostolo pôde ser affouto, o bispo deve ser tímido. Provavelmente teria tido escrupulo de sondar demasiado certos problemas, como que reservados aos grandes es-

piritos terríveis. Infundem sacro horror os porticos do enigma; essas entradas tenebrosas ahí estão escancaradas, mas alguma cousa nos diz, a nós, que passamos pela vida, que ahí não se penetra. Ai de quem o tentar!

Os genios nas profundezas inauditas da abstracção e da especulação pura, collocados, por assim dizer, acima dos dogmas, propõem suas idéas a Deus. A sua oração offerece a discussão com ousadia. A sua adoração interroga. É esta a religião directa, cheia de anxiedade e de responsabilidade para quem lhe tenta os alcantis.

A meditação humana não tem limites. Com risco e perigo seu analysa e aprofunda o seu proprio deslumbramento. Quasi que se poderia dizer que, por uma especie de esplendida reacção, ella deslumbra tambem a natureza; o mysterioso mundo que nos envolve devolve o que recebe; é provavel que os contempladores sejam contemplados. Seja como fôr, ha na terra homens—serão homens?—que distinctamente veem no fundo dos horrizontes da meditação as alturas do absoluto, e que teem a visão terrivel da montanha infinita. Bemvindo não era desses, Bemvindo não era um genio. Ter-se-hia arreceiado dessas sublimidades de onde alguns, ainda dos maiores, como Sevedenborg e Pascal, escorregaram na demencia. Não ha duvida que essas potentes meditações teem sua utilidade moral, e que esses caminhos arduos nos approximam da perfeição ideal. Elle tomava o atalho, o Evangelho.

Não procurava dar á sua sotaina as dobras do manto de Elias; não lançava raio algum do futuro sobre o tenebroso revolver dos acontecimentos, não procurava condensar em chammass o luzir das cousas; nada tinha de propheta, nada de mago. Essa alma humilde amava; mais nada. Que dilatasse a oração até uma aspiração mais que humana, é provavel; mas tam pouco póde haver excesso no orar, como no amar; e se fosse uma heresia orar além do texto das rezas, hereges seriam San'Jeronymo e Sancta Thereza.

Inclinava-se para quem geme e para quem expia. O universo lhe apparecia como uma immensa enfermidade, por toda a parte sentia febre, por toda parte

auscultava soffrimento, e sem procurar adivinhar o enigma, tratava de minorar a chaga. O formidavel espectáculo das cousas creadas fazia-o enternecer-se.

Não se occupava senão com descobrir para si, e inspirar aos outros o melhor modo de condoer-se e de alliviar: o que existe era para esse padre, bom e raro, assumpto permanente da tristeza que procura consolar.

Ha homens que trabalham em extrahir ouro, elle trabalhava em extrahir commiserção: a universal miseria era a sua mina. A dôr por toda a parte não era senão uma occasião de bondade constante. *Amae-vos uns aos outros*, era para elle codigo completo; nada mais desejava; nisso cifrava toda a sua doutrina. Um dia, esse homem que se julgava «philosopho,» esse senador, já por nós mencionado, disse ao bispo: «Ora, olhe para o espectáculo do mundo; guerra de todos contra todos; é o mais forte que tem mais espirito. O vosso *amae-vos uns aos outros* é uma tolice—Pois, senhor, respondeu o bispo Bemvindo sem disputar, se é uma tolice, a alma deve nella encerrar-se como a perola na ostra.» Nesse principio pois encerrava-se, nelle vivia, com elle absolutamente se satisfazia, deixando de lado as questões prodigiosas que attrahem e que apovoram as perspectivas insondaveis da abstracção, os precipicios da metaphysica, todas essas profundezas que aos olhos do apostolo convergem para Deus, aos do athêo para o nada: o destino, o bem e o mal, a guerra do ser com o ser, a consciencia do homem, a transformação pela morte, a recapitulação das existencias contidas nos tumulos, o enxerto incompreensivel dos amores successivos no eu persistente, a essencia, a substancia, o Nilo e o Ems, a alma, a natureza, a liberdade, a necessidade, problemas ingremes, espessuras sinistras, ante as quaes se inclinam os gigantescos archanjos do espirito humano; formidaveis abysmos que Lucrecio, Manon, San'Paulo e Dante contemplam com esse olhar fulgurante que parece, fitando-se no infinito, nelle fazer surgir estrellas.

O bispo Bemvindo era pura e simplesmente um homem que reconhecia a existencia das questões mysteriosas sem prescruta-las, sem agita-las, sem com ellas perturbar o espirito, e que tinha na alma o grave respeito ao obscuro.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO.

LIVRO SEGUNDO.

A QUESDA.

I

NÔ CABO DE UM DIA DE JORNADA.

Nos primeiros dias do mez de outubro de 1815, uma hora pouco mais ou menos antes do pôr do sol, um homem que viajava a pé entrava na cidade de D.... Os espurios habitantes que então estavam á janella ou na soleira da porta de suas casas olhavam-n'o com uma especie de inquietação. Seria impossivel encontrar homem de aspecto mais miseravel. Era de estatura meã, cheio de corpo e robusto, na força da idade. Poderia ter quarenta e seis ou quarenta e oito annos. Um boné de pala de couro escondia-lhe uma parte do rosto tostado pelo sol e pelo mormaço, e a gotejar suor. A camisa de grosso linho amarellado, presa no collarinho por uma ancorazinha de prata, deixava ver-lhe o peito cabelludo; trazia uma gravata torcida como corda, calças de brim azul gasto e desbotado, já brancas n'um joelho, rotas no outro, uma velha blusa cinzenta em farrapos, remendada em um dos cotovellos com um pedaço de panno verde, cosido com barbante, ás costas uma mochilla de soldado mui cheia, bem afivelada e nova, na mão um enorme páu nodoso, os pés

sem meias e com sapatos ferrados, a cabeça raspada e a barba crescida.

O suor, o calor, a viagem a pé, a pocira, davam um ar de surdidez a este todo esfarrapado.

Os cabellos apesar de rentes estavam arripiados, pois começavam a crescer, e pareciam não ter sido aparados de tempos a esta parte.

Ninguém o conhecia: era por sem duvida um simples peregrino. De onde vinha? do Meio Dia, talvez da borda do mar; pois entrava em D. . . . pela mesma rua por onde sete mezes antes tinha visto passar o imperador Napoleão em marcha de Cannes para Pariz. Esse homem devia ter andado todo o dia: mostrava estar cansadissimo. As mulheres da aldêa antiga, que fica por baixo da cidade, tinham-n'o visto parar debaixo das arvores da alameda Gassendi, e heber no chafariz da extremidade do passeio. Devia trazer muita sede, pois as creanças que o acompanhavam, viram-n'o ainda parar e beber, dalli a duzentos passos, no chafariz da praça do Mercado.

Chegado ao canto da rua Poichevert, quebrou á esquerda e dirigiu-se á *mairie*. Lá entrou, e ao cabo de um quarto de hora sabiu. Um soldado de policia estava sentado ao pé da porta no banco de pedra a que o general Drouot trépára em 4 de março para ler ao povo attonito a proclamação do Guelpho Juan. O homem tirou o boné e cortejou com humildade o soldado.

Sem corresponder ao cortejo, olhou este para elle com pasmo, acompanhou-o algum tempo com os olhos, depois entrou na *mairie*.

Havia então em D. . . . uma bella estalagem com o nome de *Cruz de Colbas*. Tinha esta estalagem por dono um sujeito chamado Joaquim Labarre, homem que gozava de consideração na cidade por amor do seu parentesco com outro Labarre que possuia em Grenoble a estalagem dos *Tres Delphins* e que tinha servido nos Guias. Na occasião do desembarque do imperador, muitos boatos tinham corrido na terra ácerca dessa estalagem dos *Tres Delphins*.

Dizia-se que o general Bertrand, disfarçado em carreiro, tinha no mez de janeiro alli feito frequentes viagens, que la tinha distribuido habitos da Legião de Honra a soldados, e punhados de moedas de ouro

a paizanos. A realidade é o imperador tendo entrado em Grenoble recusára ir para o palacio da prefeitura e agradecêra ao *mairie*, dizendo—Vou para a casa de um honrado camarada que conheço.—E fôra para os *Tres Delphins*. Esta gloria do Labarre dos Tres Delphins reflectia-se a vinte cinco leguas de distancia sobre o Labarre da *Cruz de Colbas*. Dizia-se delle na cidade—é o primo do de Grenoble.

O homem dirigiu-se para essa estallagem, que era a melhor da terra. Entrou na cozinha que dava para a rua. Todas as fomalhas estavam accesas, e um fogo activissimo cobria de festivas labaredas o fogão. O estalajadeiro, que era ao mesmo tempo o cozinheiro, ia do fogão ás cassarolas, occupadissimo, e preparando um excellente jantar para os carroceiros que estavam na sala contigua a rir e conversar com grande algazarra. Ninguem que tenha viajado ignora que não ha quem seja mais bem tratado nas estalagens do que os carroceiros. Um arganaz gordo flanqueado de perizes brancas e de frangãos bravos gyrava em comprido espeto diante do fogo; nas fomalhas cozinhavam-se duas grandes carpas da lagôa de Lauzet, e uma fruta da lagôa de Allos.

Ouvindo abrir-se a porta e entrar novo freguez, o estalajadeiro, sem arredar os olhos da fomalha, disse:

—Que quer o senhor?

—Comer e dormir, respondeu o homem.

—Nada mais facil, tornou o estalajadeiro. Volveu então a cabeça, e abraçando com um olhar o todo do viajante, accrescentou—pagando.

O homem puxou da algibeira da blusa uma gorda bolsa de couro, e respondeu:

—Tenho dinheiro.

—Nesse caso estou ás suas ordens, disse o estalajadeiro.

O homem guardou de novo a bolsa, tirou a moxilla, pô-la no chão ao pé da porta, conservou na mão o seu páu, e foi sentar-se em um môcho ao pé do fogo. D... está situada nas montanhas; as tardes de outubro são frias. Entretanto indo de um lado para o outro, o estalajadeiro examinava o viajante.

—Tardará muito o jantar? disse o homem.

—Falta pouco, respondeu o estalajadeiro.

Emquanto o recém-chegado se aquecia, dando costas ao estalajadeiro, o digno Joaquim Labarre tirou do bolso um lapis, depois rasgou um canto de um jornal velho que andava por cima de uma mesa proxima á janella. Na margem escreveu uma ou duas linhas, dobrou sem pôr obrêa, e entregou esse pedacito de papel a um menino que parecia servir-lhe ao mesmo tempo de pagem e de ajudante de cozinha. O estalajadeiro disse-lhe ao ouvido uma palavra, e o pequeno partiu correndo na direcção da *mairie*.

O viajante não tinha percebido nada disto.

Perguntou outra vez:

—Jantaremos já?

—Daqui a pouco, disse o estalajadeiro.

O menino voltou, trazia o papel; o estalajadeiro abriu-o assodado como quem espera uma resposta. Mostrou ler com attenção; depois meneou a cabeça, e ficou um momento pensativo. Emfim deu um passo para o viajante que parecia absorto em reflexões pouco calmas.

—Senhor, disse, não o posso receber.

O homem soergueu-se.

—Como? receia que eu não pague? quer ser pago adiantado! Tenho dinheiro, já o disse e mostrei.

—Não é isso.

—Então o que é!

—O senhor tem dinheiro....

—Sim, disse o homem.

—Mas eu não tenho quarto desoccupado.

O homem respondeu tranquillamente:

—Pois mande-me para a cocheira.

—Não posso.

—Porque?

—Os cavallos occupam todo o lugar.

—Pois então, tornou o homem, um canto do palheiro me serve: depois do jantar veremos isso.

—Não lhe posso dar de jantar.

Esta declaração feita em tom comedido, porém firme, pareceu grave ao viajante, que se levantou ao ouvi-la.

—Ora qual! Estou morrendo de fome. Andei desde que amanheceu o dia; caminhei doze leguas: pago; quero comer.

—Nada tenho que dar-lhe, disse o estalajadeiro,
O homem desatou a rir, e voltando-se para o fogão:

—Nada! e tudo isso?

—Já está ajustado.

—Por quem?

—Pelos senrs. carroceiros.

—Quantos são?

—Doze.

—Aqui ha comer para vinte.

—Elles querem tudo, e já pagaram tudo.

O homem sentou-se outra vez, e disse sem levantar a voz:

—Estou em uma estalagem, tenho fome, e não saho.

O estalajadeiro inclinou-se-lhe então ao ouvido e disse-lhe em tom o que fez estremecer: Vá-se embora.

O viajante estava inclinado e com a ponteira de ferro do seu bastão empurrava para o fogo algumas brazas; voltou-se com vivacidade, e quando ia abrir a boca para responder, o estalajadeiro cravou nelle os olhos, e accrescentou sempre em voz baixa: Bom, basta de palavras. Quer que lhe diga o seu nome? Chama-se João Valjean. Agora quer que lhe diga quem é? Vendo-o entrar desconfiei de alguma cousa, mandei á *mairie*, e aqui está a resposta que tive. Sabe ler?

Assim fallando apresentava ao viajante o papel que tinha ido da estalagem á *mairie*, e voltado desta para aquella. O homem lançou-lhe os olhos. O estalajadeiro tornou depois de algum silencio:

—Costumo ser polido para com todos; retire-se.

O homem abaixou a cabeça, tomou a moxilla que deitára ao chão, e sahiu.

Seguiu pela rua principal: ia andando á tôa, encostando-se ás casas como quem vae humilhado e triste. Não se voltou uma só vez: se o houvesse feito, teria visto o estalajadeiro na soleira da porta, rodeado de todos os carroceiros da estalagem, e de todos quantos passavam pela rua, fallando com vivacidade, e apontando-o com o dedo, e nos olhares da desconfiança e desassocego do grupo teria percebido que dahi a pouco a sua presença ia ser o fallatorio de toda a cidade.

64
Nada viu de tudo isto: a gente acabrunhada não olha para trás, bem sabe que o máu fado a acompanha.

Caminhou assim algum tempo, seguindo sempre para deante, ao acaso, por umas ruas que não conhecia, esquecendo a fadiga, como com tristeza acontece. De repente sentiu com vivacidade a fome. Approximava-se a noite. Olhou em redor de si para ver se descobria algum abrigo.

A bella estalagem fechara-se-lhe, procurava alguma humilde taverna, alguma tasca bem pobre.

Viu luz na extremidade da rua; um galho de pinheiro preso a uma vara de ferro se desenhava no crepusculo. Para lá se dirigiu.

Era com effeito uma taverna; a taverna que ha na rua de Chaffaut.

O viajante parou um momento e examinou pela vidraça o interior da sala da taverna, allumiada por um candeeiro em cima da mesa, e por um grande fogaréo na chaminé. Alguns homens estavam bebendo: o taverneiro aquecia-se. A chamma fazia crepitar uma panella de ferro que estava ao lume.

Por duas portas se entra nesta taverna, que é também uma especie de estalagem. Uma dá para a rua, outra para um pequeno pateo cheio de estrume.

O viajante não se atreveu a entrar pela porta da rua. Metteu-se no pateo, parou de novo, depois levantou timidamente o trinco e empurrou a porta.

—Quem está ahí? disse o taverneiro.

—Alguem que quer cear e passar a noite.

—Bem. Aqui ceia-se, e passa-se a noite.

Entrou. Toda a gente que estava bebendo voltou-se. O candeeiro allumiava de um lado, o fogo do outro. Examinaram-n'o algum tempo enquanto desafivellava a moxilla.

O taverneiro lhe disse:—Aqui tem fogo: a ceia está se cozinhando. Aqueça-se, camarada.

Foi elle sentar-se ao pé da chaminé; estendeu deante do fogo os pés magoados pela viagem: agradável aroma sahia da panella. Tudo quanto do rosto se lhe podia ver por baixo da aba do boné tomou uma vaga apparencia de bem-estar, repassada desse outro aspecto tam pungente que provém do habito do soffrimento.

Era além disso um perfil firme, energico e triste. Essa physionomia era singularmente composta, começava por parecer humilde, acabava por mostrar-se severa. Os olhos luziam sob as sobranceiras como o fogo debaixo das sarças.

Entretanto um dos homens que estavam á mesa era um peixeiro que tinha levado o cavallo á estalagem de Labarre. O acaso fizera com que nessa mesma manhã houvesse elle encontrado o estrangeiro de ruim catadura a caminho entre Bras d'Asse e.... (esqueci o nome. Julgo que é Escoublon.) Ora, encontrando-o, o homem, que já se mostrava muito cansado, pediu-lhe que o tomasse na garupa, ao que respondêra o peixeiro apressando o passo. Esse peixeiro fazia parte, meia hora antes, do grupo que cercava Joaquim Labarre, e elle proprio contára á gente da estalagem o seu desagradavel encontro da manhã. Do seu lugar fez ao taverneiro um signal imperceptivel. O taverneiro acercou-se d'elle. Trocaram algumas palavras em voz baixa. O homem tinha tornado a cahir nas suas reflexões.

O taverneiro voltou á chaminé, pôz rispidamente a mão no hombro do homem e disse-lhe:

—Retira-te daqui.

O viajante voltou-se e respondeu com brandura.

—Ah! sabe?

—Sim.

—Expelliram-me da outra estalagem.

—Expellem-te tambem desta.

—Para onde quer que eu vá?

—Para onde te parecer.

O homem tomou o páu e a moxilla, e foi-se.

Quando sahia, alguns garotos que o tinham acompanhado desde a *Cruz de Colbas*, e que pareciam espora-lo, atiraram-lhe pedras. O homem irado voltou-se contra elles, e ameaçou-os com o páu: os rapazes dispersaram-se como uma nuvem de passarinhos.

Passou ao pé da cadêa. Na porta havia uma corrente de ferro presa a uma sineta. Puxou-a.

Uma portinhola abriu-se.

—Senr. carcereiro, disse tirando respeitoso o boné, quer fazer-me a esmola de hospedar-me por esta noite?

Uma voz respondeu-lhe:

—A cadêa não é hospedaria. Faça com que o prendam, e então abrir-se-lhe-ha a porta.

E a portinhola fechou-se.

Entrou elle em uma rua em que havia muitos jardins. Alguns só eram tapados por cercas, o que alegrava a rua. Entre esses jardins e essas cercas, viu uma casa pequena, de um só andar, cuja janella estava allumiada. Olhou por essa vidraça, como fizera na taverna. Era um grande quarto caiado, com uma cama coberta de colcha de chita, e um berço a um canto; algumas cadeiras de páu; e uma espingarda de dous canos pendurada á parede. Uma mesa estava posta no meio do quarto. Um candieiro de cobre allumiava a toalha de grosso linho alvo, um cangirão de estanho reluzente como prata e cheio de vinho, uma sopeira escura que fumegava. A essa mesa estava sentado um homem de quarenta annos, de rosto alegre e aberto, brincando com uma creancinha que tinha ao collo. Ao pé d'elle uma mulher, ainda muito moça amamentava outra creança: o pae ria-se, a creança ria-se, a mãe sorria.

O viajante ficou um momento pensativo deante deste espectáculo placido e sereno. O que se passaria na sua alma? Só elle o teria podido dizer. É provavel que pensasse que aquella casa devia ser hospitaleira, e que onde via tanta ventura talvez achasse alguma commiserção.

Bateu na vidraça uma pancadinha mui fraca.

Não foi ouvido. Bateu outra vez.

Ouviu a mulher dizer:

—Meu marido, parece que estão a bater.

—Não, respondeu o esposo.

Bateu pela terceira vez.

O marido levantou-se, tomou o candeciro e foi abrir a porta.

Era um homem de alta estatura semi-camponez, semi-artezão. Tinha um vasto avental de couro que subia até ao hombro esquerdo, e em que fazia bojo um martello, um lenço vermelho, um polvarinho, tudo suspenso da cintura como de um bolso. Inclina-va a cabeça para trás; a camisa toda aberta deixava descoberto um pescoço de touro. Tinha bastas so-

brancelhas, enormes suissas pretas, olhos á flor do rosto, o queixo a modo de focinho, e além disto tudo esse ar de quem está em sua casa, que é cousa inexprimível.

—Senhor, disse o viajante, desculpe-me. Em eu pagando pôde o senhor dar-me um prato de sopa e um canto para dormir naquelle telheiro que alli está no jardim? Diga, poderá? em eu pagando?

—Quem é o senhor? perguntou o dono da casa.

O homem respondeu:

—Chego de Puy-Moisson: andei todo o dia, doze leguas. Poderá? em eu pagando?

—Eunão me negaria, disse o camponez, a dar agasalho a quem bem in'o pagasse. Mas porque não vae para a estalagem!

—Já lá não ha lugar.

—Qual? não pôde ser: não é dia de feira nem de mercado. Já foi a casa de Labarre?

—Sim.

—E então?

O viajante respondeu com acanhamento:

—Não sei; não me quiz receber.

—Foi á taverna da rua de Chaffaut?

O acanhamento do viajante recrescia; balbuciou por fim.

—Tambem não fui recebido.

O rosto do camponez tomou uma expressão de desconfiança; examinou-o de novo da cabeça aos pés, e derepente estremecendo exclamou:

—Será o homem?...

Volveu outro olhar para o viajante, recuou tres passos, pôz o candeeiro em cima da mesa, tomou a espingarda que estava suspensa á parede.

No entrentes, ás palavras do camponez: *Será o homem?* a mulher tinha-se levantado, tomado ao collo os dous filhos, e refugiando-se com precipitação por tras do marido olhando para o estrangeiro com terror, descoberto o seio, desvairados os olhos, resmoneando em meia voz: *é o ladrão?*

Tudo isto se passou em menos tempo do que gastamos para expo-lo. Depois de ter por alguns momentos examinado o homem como quem examina uma vibora, o dono da casa voltou á porta e disse.

—Vai-te daqui!

—Por esmola, tornou o homem, um pingo de agua.

—Um tiro! disse o camponez.

E fechou a porta com força. O homem ouviu correr dous grossos ferrolhos. Dahi a um instante a janella tambem se fechou, e puzeram-lhe as barras de ferro que a deviam segurar.

A noite adeantava-se. Soprava o vento frio dos Alpes. Á luz do dia expirante o estrangeiro viu em um dos jardins que orlaram a rua uma especie de choupana que lhe pareceu feita de torrões de gramma. Transpôz resoluio uma tranqueira de páu, e achou-se no jardim. aproximou-se da choupana; tinha como porta uma estreita entrada mui baixa, e assemelhava-se a essas construcções que os cantoneiros erguem para si á borda das estradas. Pensou sem duvida que era a morada de um desses homens. Estava cheio de fome e de frio; com a fome se havia resignado; mas ao menos alli teria um abrigo contra o frio. Estas especies de moradas não costumam ser occupadas á noite. Inclinou-se pois e entrou. Lá havia calor e achou uma boa cama de palha. Ficou um momento estendido nessa cama sem poder fazer um movimento, de tam cansado que estava. Depois, como o incommodava a moxilla ás costas e era de mais a mais um optimo traverseiro, pôz-se a desafivellar uma das corrêas. Nesse comenos ouviu um rosuar feroz. Levantou os olhos. A cabeça de um enorme cão se desenhava na sombra á entrada da cabana.

Era o nicho de um cão.

Era animal robusto e formidavel: armou-se o viajante com o seu páu, fez da moxilla um escudo, e sahiu da cabana como pôde, não sem augmentar os rasgões dos seus andrajos.

Sahiu tambem do jardim, porém recuando, obrigado, para impôr ao cão algum respeito, a recorrer de continuo a esse manejo do páu que os mestres desta esgrima chamam *rosa coberta*.

Quando, não sem difficuldade, transpôz a barreira, e achou-se outra vez na rua, só, sem abrigo, expulso até daquelle miseravel palheiro, deixou-se cahir mais do que sentou-se em uma pedra, e parece que alguém que passava o ouviu exclamar: nem ao menos sou um cão!

Em breve levantou-se, e poz-se a andar. Sahiu da cidade esperando achar alguma arvore, alguma palhoça no campo, para nella abrigar-se.

Caminhou assim algum tempo com a cabeça sempre baixa. Quando se sentiu longe de toda a morada humana, levantou os olhos, e procurou em redor de si. Estava em um campo; tinha ante si uma dessas collinas baixas cobertas de palha cortada rente que, depois da ceifa, se assemelhavam a cabeças tosqueadas.

O horisonte estava negro: não era só o escuro da noite; eram nuvens baixas que pareciam descansar na propria collina, e que subiam cobrindo todo o céu; entretanto, como a lua ia levantar-se, e ainda se conservava no zenith um resto de claridade crepuscular, essas nuvens formavam no alto do céu uma especie de abobada alvacentas donde cahia sobre a terra algum luzir.

A terra estava pois mais allumiada do que o céu, o que é um symptoma especialmente sinistro, e a collina, de pobre e mesquinho contorno desenhava-se vaga e palida no horisonte tenebroso. Este todo era hediondo, pequeno, lugubre e limitado. Nada no campo, nada na collina, senão uma arvore disforme que se estorcia estremecendo a pouca distancia do viajante.

Este homem estava evidentemente muito longe desses delicados habitos da intelligencia e do espirito que nos tornam sensiveis ao aspecto mysterioso das cousas. Entretanto havia nesse céu, nessa collina, nessa planice e nessa arvore o que quer que era de tam profundamente desolador, que depois de um momento de immobildade e de meditação voltou rapido atrás. Ha momentos em que a natureza parece hostil.

Voltoú atrás. As portas de D. . . . estavam fechadas. Aquella cidade que sustentou assedios nas guerras da religião, ainda em 1815 estava cercada de velhas muralhas flanqueadas de torres quadradas que posteriormente foram demolidas. Passou por uma brecha, e entrou.

Podiam ser oito horas da noite. Não conhecendo as ruas entrou de novo a vagamundear ao acaso.

Chegou assim á perfeitura, depois ao seminario. Ao passar pela praça da Sé fez um aceno de raiva para a egreja. No canto da praça ha uma typographia. Nella foram pela primeira vez impressas as proclamações do

imperador e da guarda imperial ao exercito, trazidas da ilha de Elba, e dictadas pelo proprio Napoleão.

Prostrado de cansaço, e não podendo mais, deitou-se no banco de pedra que está a porta dessa typographia.

Uma velha sahiu neste momento da egreja. Viu aquelle homem deitado no duro leito.

—O que faz ahi, amigo, disse-lhe.

Respondeu elle com rispidez e colera.

—Está vendo, boa mulher, deito-me.

A boa mulher, certamente digna deste nome, era a marquezia de R....

—Nesse banco? tornou ella.

—Por dezenove annos tive um colção de páu, disse o homem, hoje um colção de pedra.

—Foi soldado?

—Sim, boa mulher: soldado.

—Porque não vae para a estalagem?

—Porque não tenho dinheiro.

—Ai! redargiu a marquezia, só tenho na bolsa quatro soldos.

—Venham elles.

O homem tomou os quatro soldos. A marquezia proseguiu:

—Com tam pouco não poderá achar abrigo em uma estalagem. Mas já o tentou? É impossivel que passe assim a noite. Faz frio; sem duvida está com fome. Deveriam tê-lo hospedado por charidade.

—Bati a todas as portas.

—E então?

—De toda a parte me expelliram.

A «boa mulher» pegou no braço do homem, e mostrou-lhe do outro lado da praça ao pé do palacio do bispo uma casinha baixa.

—Bateu a todas as portas? tornou.

—Sim.

—Aquella tambem?

—Aquella não.

—Pois basta.

II

PRUDENCIA ACONSELHADA Á VIRTUDE.

Nessa noite o bispo de D. . . . , depois do seu passeio pela cidade, tinha-se recolhido um tanto tarde ao seu quarto. Occupava-se em preparar um grande trabalho ácerca dos *Deveres*, trabalho que infelizmente não ficou concluído. Colhia cuidadoso tudo quanto sobre tam serio assumpto diziam os doutores e padres da egreja. Dividia-se o livro em duas partes, uma dos deveres de todos, a outra dos deveres de cada um segundo a classe a que pertence. Os deveres de todos são os deveres fundamentaes: vem a ser quatro; indica-os San'Matheus; deveres para com Deus (Math. VI), deveres para comsigo mesmo (Matheus V, 29, 30), deveres para com o proximo (Math. VII, 12), deveres para com as creaturas (Math. VI, 20, 25). Quanto aos outros deveres, o bispo os achava indicados e prescriptos em outros livros: aos soberanos e aos subditos na Epistola aos Romanos; aos magistrados, ás esposas, ás mães, aos moços, por San'Pedro; aos maridos, aos paes, aos filhos, aos servos, na Epistola aos Ephesios; aos fieis, na Epistola aos Hebreus; ás virgens, na Epistola aos Corinthios. Laboriosamente compu-

nha com todas estas prescripções um todo harmonico que queria offerecer ás almas.

Ainda estava trabalhando ás oito horas, escrevendo um tanto incommodamente em pedacinhos de papel, tendo aberto sobre os joelhos um volumoso in-folio, quando Magloria entrou, segundo o seu costume, para tirar a prata do armario ao pé da cama. Dahi a um momento calculando que a mesa estava posta, e que talvez a irman o estivesse esperando, fechou o livro, levantou-se e foi para a sala de jantar. Era, como já dissemos, uma sala comprida com chaminé, com uma porta para a rua, e uma janella para o jardim. Com effeito Magloria acabava de pôr a mesa. Em quanto com isso se occupava, ia conversando com Baptistina.

Um candeeiro estava em cima da mesa; a mesa ficava junto á chaminé, onde ardia um soffrivel fogo.

Póde o leitor facilmente representar-se essas duas mulheres, que já tinham ambas passado os sessenta annos: Magloria, baixinha, gorducha, esperta; Baptistina, meiga, delgada, franzina, um tanto mais alta do que o irmão, com um vestido de seda escura que era da moda em 1806, quando o comprára em Pariz e que ainda lhe durava.

Para nos servirmos de locuções vulgares que tem o merecimento de encerrar n'uma só palavra uma idéa que uma pagina mal chegaria para exprimir, Magloria parecia uma *mulher* e Baptistina uma *senhora*. Magloria tinha uma coifa branca de canudos, e no pescoço uma correntinha de ouro, unica joia de mulher que havia em casa, um lenço de pescoço alvissimo a sahir de um vestido de lan preto com mangas largas e curtas, um avental de algodão com quadradinhos vermelhos e verdes, preso á cintura por uma fita verde, com uma aba sobre o estomago da mesma fazenda presa por dous alfinetes nos dous cantos de cima; nos pés sapatos grossos, e meias amarellas como as mulheres de Marselha. O vestido de Baptistina tinha sido cortado pelos moldes de 1806, cintura curta, saia estreita, mangas de dragonas com abas e botões. Occultavam-se-lhe os grisalhos cabellos debaixo de uma cabelleira annellada, das que se chamavam:—*á creança*.

Magloria tinha um ar de intelligencia, de vivacidade e bondade: os dous cantos da boca desigualmente erguidos, e o labio superior mais grosso do que o de baixo davam-lhe certo sainete rabujento e imperioso. Emquanto o bispo se calava, fallava ella resoluta com liberdade repassada de respeito; mas apenas o bispo fallava, obedecia tam passiva como Baptistina. Esta nem se quer fallava. Contentava-se com obedecer e comprazer. Ainda quando moça, nunca fôra bonita: tinha olhos grandes azues a flôr da testa, nariz comprido acavalletado; mas o todo do seu rosto, toda a sua pessoa, dissemo-lo ao começar, respirava infavel bondade. Sempre fôra predestinada á mansidão; a fé, a charidade e a esperança, essas tres virtudes que suavemente aquecem a alma, tinham pouco a pouco elevado essa mansidão até á santidade. A natureza só tinha feito uma ovelha, a religião fez um anjo! Pobre santa! Doce recordação já desaparecida!

Baptistina referiu posteriormente tantas vezes o que nesta noite se passára em casa do bispo que muitas pessoas que ainda vivem se recordam das menores particularidades.

No momento em que o bispo entrou na sala, Magloria estava fallando com alguma vivacidade. Conversava em um assumpto que lhe era familiar, e a que o bispo estava acostumado. Tratava dos fechos da porta da rua.

Parece que ao ir fazer algumas compras para a ceia Magloria ouvira dizer muita cousa em diversos lugares: fallava-se de um homem de ruim catadura, um vagabundo suspeito tinha chegado; devia estar algures na cidade; poderia ser que houvesse máus encontros para os que se lembrassem de recolher-se tarde nesta noite; que a policia estava mal feita; porquanto o senr. prefeito e o senr. *mairie* não gostavam-se, e procuravam comprometter-se reciprocamente, deixando realizarem-se as desgraças; que pois incumbia á prudencia de cada um fazer por si proprio a sua policia, e precaver-se com todo o esmero, fechando, trancando, aferrolhando a casa, e olhando bem para as portas.

Magloria carregou nesta ultima palavra; porem o bispo vinha do seu quarto, onde fazia muito frio, sen-

tára-se ao pé da chaminé e aquecia-se, e pensava em outras cousas. Não reparou na palavra que Maglória deixara cair com tam grave intenção. Esta a repetiu. Então Baptistina, para saptisfazer Maglória, sem contrariar ao irmão, afoutou-se a dizer timidamente:

—Meu irmão, ouve o que está a diser Maglória?

—Ouvi vagamente alguma cousa, respondeu o bispo, e voltando a meio a cadeira, descansando as mãos nos joelhos, levantando para a velha creada o rosto cordial e alegre, allumiado por baixo pelo fogo;—Vejamos. O que ha? o que é? Estamos em algum perigo grande?

Então a creada começou de novo a sua historia, exagerando-a um tanto, sem dar fé da exageração. Um cigano, um esparrapado, uma especie de mendigo perigoso estava nesse momento na cidade; apresentára-se na estalagem de Joaquim Labarre, que não tinha querido recebê-lo; tinham-n'o visto chegar pela alameda Gassendi, e rondar as ruas ao escurecer: era um homem de saco e botija, com uma cara terrivel.

—Devéras! disse o bispo.

Esta condescendencia de interroga-la animou a creada, e pareceu-lhe indicar que o bispo não estava longe de assustar-se; proseguiu pois triumphante:

—Senr., exm. senr.; é como digo. Haverá esta noite alguma desgraça na cidade. Todos o dizem. E a policia anda tam mal feita (repetição util). Viver n'uma cidade das montanhas, e nem ao menos haver lampiões á noite! Sahe a gente? Escuro como breu! E digo, senr. bispo, e a senr.^a que aqui está diz comigo.

—Eu! atalhou a irman, nada digo; o que meu mano faz é bem feito.

Maglória proseguiu, como se não tivesse havido reclamação:

—Dizemos que esta casa não tem segurança alguma, que, se o senr. bispo consente, vou chamar o serralheiro Paulino Musebois que venha pôr os antigos ferrolhos á porta: estão aqui bem guardados; é negocio de um minuto; e digo que são necessarios os ferrolhos, senhor, ainda quando só fosse para esta noite, pois digo que uma porta que se abre de fóra com

um trinco para quem quer que passe é cousa bem terrível. E além disso v. revm.^a tem o costume de dizer sempre que entre, e até no meio da noite, ó meu Deus! nem ha necessidade de pedir licença.

Neste momento hateram á porta com violencia.

—Entre disse o bispo.

III

HEROISMO DA OBEDIENCIA PASSIVA.

A porta abriu-se.

Abriu-se com vivacidade, escancarada, como se a empurrassem com energia e resolução.

Um homem entrou.

Esse homem é já conhecido nosso; o que vimos ainda ha pouco procurar um abrigo.

Entrou, deu um passo, parou, deixando aberta a porta atrás de si. Tinha ao hombro a mochilla, o páu na mão, uma expressão aspera, afouta, cansada e violenta nos olhos. O fogo da chaminé allumiava-o. Era hediondo. Era uma sinistra apparição.

Magloria nem teve força para dar um grito; estremeceu e ficou boqui-aberta.

Baptistina voltou-se, viu o homem que entrava, e de assustada soergueu-se; porém tornando a virar pouco a pouco o rosto para a chaminé, pôz-se a olhar para o irmão e recobrou a sua profunda placidez e serenidade.

O bispo cravara no homem um olhar tranquillo. Quando ia abrir a boca, sem duvida para perguntar ao

recem-chegado o que queria, o homem encostou ambas as mãos ao páu, volveu os olhos em redor de si successivamente para o velho e as duas mulheres, e sem esperar que o bispo fallasse, disse em voz alta:

—Ouça. Chamo-me João Valjean. Sou um galé. Passei dezenove annos na calceta. Ha quatro dias acabei meu tempo, e puzeram-me a caminho para Pentarlier, que é o meu destino. Quatro dias levei a andar de Toulon para aqui. Hoje caminhei doze leguas a pé. Esta tarde, em aqui chegando, fui á uma estalagem, expelliram-me por causa do passaporte amarello que eu havia apresentado á *mairie*. Assim fôra necessario.

Dirigi-me a outra estalagem. Disseram-me: safate ! Á casa de um, á casa de outro: ninguem me quiz. Fui á cadêa; o carcereiro não m'a quiz abrir. Metti-me no nicho de um cão; o cão mordeu-me e enxotou-me como se fôra um homem: parecia saber quem eu era. Fui ao campo querendo passar a noite á luz das estrellas, não havia uma só estrella no céu. Pensei que chovesse e que não houvesse um Deus para impedir a chuva, e entrei de novo na cidade para abrigar-me no vão de alguma porta.

Alli na praça, ia deitar-me n'uma pedra; uma boa mulher mostrou-me esta casa, e disse-me que batesse. Bati. Que casa é esta? Será alguma estalagem? Tenho dinheiro, o meu peculio: cento e noventa francose quinze soldos que ganhei nas galés com um trabalho de dezenove annos. Pagarei. Que me importa? tenho dinheiro. Estou cansadissimo: doze leguas a pé, tenho fome. Consente que eu fique?

—Maglória, disse o bispo, ponha mais um talher.

O homem deu tres passos, chegou-se para o candeiro que estava em cima da mesa.—Olhe, tornou como se não tivesse entendido; não se trata disso. Ouviu bem? eu sou um galé! volto das galés.—Tirou do bolso uma folha de papel amarello e desdobrou-a.—Aqui está o meu passaporte—amarello como se vê. Serve para enxutarem-me de qualquer parte onde quer que vou. Quer lê-lo? Eu sei ler; aprendi nas galés: ha uma escola para os que querem. Olhe, aqui está o que puzeram no meu passaporte:—João Valjean, galé que concluiu o tempo da sua pena, natural de.... (isso pouco vos importa). Esteve 19 annos nas galés, 5

annos por furto com arrombamento, 14 por ter procurado quatro vezes evadir-se. Este homem é perigosissimo.—E eis ahi: agora todos me enxotam! O senhor quer receber-me? É uma estalagem? Quer dar-me de comer e lugar em que durma? Tem alguma estrebria?

—Magloria, disse o bispo, ponha lençóis limpos na cama da alcova.

Já explicamos de que natureza era a obediencia das duas mulheres.

Magloria sahiu para cumprir a ordem do bispo. Voltou-se este para o homem!

—Senhor, sente-se, e aqueça-se. Vamos ceiar daqui a pouco, e enquanto se lhe faz a cama poderá ceiar. Aqui o homem comprehendeu de todo. A expressão do rosto até então concentrada e má, cobriu-se-lhe de pasmo, de duvida, de alegria, e tornou-se extraordinaria. Poz-se a balbuciar como um homem louco:

—Devéras! como! o senhor não me enxota? um galé? trata-me por senhor! Não me diz:—Safa-te, cão? como me dizem sempre! Mui persuadido estava que o senhor me enxotaria: por isso fui logo dizendo quem eu era. Oh! que boa mulher a que me ensinou esta casa! vou ceiar! Uma cama com lençóis e colchão! Como toda a gente! uma cama! Ha dezenove annos que não me deito em cama! O senhor tem a bondade de não querer que me retire: oh! que boa gente! Demais, eu tenho dinheiro, pagarei bem. Desculpe-me, senr. estalajadeiro, como é o seu nome? Pagarei o que lhe parecer. É uma boa alma! é estalajadeiro, não?

—Sou um padre que mora aqui, disse o bispo.

—Um padre! tornou o homem; um bello coração de padre! Então não ha de pedir dinheiro? É o cura, não? o cura daquella egreja grande? Olhe, que pateta que sou! não lhe tinha visto a corôa!

Assim fallando, largára a moxilla e o páu a um canto, mettêra no bolso o passaporte, e sentara-se.

Baptistina contemplava-o com brandura.

Elle proseguiu:

—O senr. cura é humano; não me tratou com desprezo. É cousa tam boa um bom padre! Então não carece que eu pague?

—Não, disse o bispo, guarde o seu dinheiro. Quanto é? disse-me que cento e nove francos?

—E quinze soldos, accrescentou o homem.

—E quanto tempo levou para ganhar isso?

—Dezenove annos.

—Dezenove annos!

O bispo suspirou profundamente.

O homem proseguiu:—Tenho ainda todo o meu dinheiro. Em quatro dias só gastei vinte cinco soldos que ganhei ajudando a descarregar carroças em Grasse. Já que o senhor, é padre, vou dizer-lhe que tínhamos um capellão nas galés. E um dia vi um bispo. Tratam-n'o por Grandeza. Era o bispo de Majora em Marselha. É o cura que está acima dos curas. Entende-me? Eu explico mal estas cousas, pois para mim estão em tanta distancia, que mal as entendo: porém o senhor e a senhora devem entender.—Disseram missa no meio da galé, em um altar, tinha elle na cabeça uma cousa pintada de ouro. Com a luz do meio-dia tudo brilhava. Estavamos entileirados dos tres lados tendo deante de nós a artelheria prompta e de morrões accesos. Não viamos bem. Elle fallou; mas estava tam longe que não o ouvimos. Eis o que é um bispo.

Emquanto elle fallava, o bispo fôra fechar a porta que tinha ficado aberta.

A creada voltou: trazia um talher, que poz na mesa.

—Magloria, disse o bispo, ponha esse talher o mais perto do fogo que puder ser. E voltando-se para o seu hospede: o vento da noite é cruel nestas serras; o senhor deve estar com frio?

De cada vez que elle dizia a palavra—senhor—com sua voz docemente sizuda e de tam boa companhia, o rosto do homem illuminava-se. *Senhor* a um galé é um copo de agua a um naufrago da *Medusa*. A ignominia tem sede de consideração.

—Este candeeiro dá muito pouca luz, tornou o bispo.

A creada comprehendeu, e foi buscar á chaminé do quarto de dormir os dous candelabros de prata, que poz na mesa com velas accesas.

—O Senr. cura, disse o homem, tem optima alma; não me despreza! acolhe-me em sua casa; accende para mim a sua cêra. E todavia nada lhe occultei, nem de onde venho, nem da minha desgraca.

Sentado ao pé d'elle, o bispo tocou-lhe brandamente na mão. Poderia ter deixado de dizer-me quem era. Esta casa não é minha, é de Jesus Christo. Esta porta não pergunta a quem entra se tem nome, mas se tem alguma afflicção: o senhor soffre, tem fome, tem sêde; seja bem vindo! Não me agradeça, não diga que o recebo em minha casa. Ninguem aqui está em sua casa senão quem carece de um asylo, digo-lh'ó ao senhor que passa, está aqui mais em sua casa do que eu proprio. Tudo quanto aqui está lhe pertence. Que necessidade tenho eu de saber o seu nome? Alem de que, sem que precise dizer-m'ó, tem um que já me era conhecido.

O homem abriu os olhos com espanto.

—Devéras? sabia como me chamava?

—Sim, respondeu o bispo—chama-se meu irmão.

—Olhe, senr. cura! exclamou o homem, muita fome tinha quando aqui entrei, mas a sua bondade é tal que agora já não sei o que tenho: a fome se me foi.

O bispo olhou para elle, e disse:

—Tem soffrido muito?

—Oh! a vestia vermelha, e grilhão ao pé, uma taboa para dormir, calor, frio, trabalho, pancadas, corrente dobrada por qualquer cousa, calabouço por uma palavra, ainda enfermo, na cama, corrente e grilhões. Os cães, os cães são mais felizes! E isto durante dezenove annos! e já tenho quarenta e seis.

E por fim o passaporte amarello. E ahí está.

—Sim, tornou o bispo, sahe de um lugar de tristeza; ouça: haverá mais alegria no céu pelo rosto em lagrimas do peccador penitente do que pela candida veste de cem justos. Se sahiu desse lugar de angustias com pensamentos de odio e de colera contra os homens, é digno de compaixão; se sahiu com pensamentos de benevolencia, de doçura, de paz, é melhor do que nenhum de nós.

Entretanto fôra servida a ceia: uma sopa feita de agua, azeite, pão e sal, um pouco de toucinho, um pedaço de carne de carneiro, figos, um queijo, um grande pão de centeio. Magloria por deliberação propria accrescentára ao passadio ordinario do bispo uma garrafa de vinho velho de Mauves.

O rosto do bispo tomou logo essa expressão de alegria propria aos genios hospitaleiros.—Á mesa,

disse com vivacidade como costumava fazer quando algum estranho ceia com elle. Fez sentar-se o homem á sua direita. Baptistina de todo tranquillã e entregue ao seu genio, tomou lugar á esquerda.

O bispo disse a oração; depois serviu elle proprio a sopa como costumava: o homem pôz-se a comer ávidamente.

Derepente o bispo disse:—Ah ! parece-me que falta alguma cousa nesta mesa.

Magloria com effeito só tinha posto os tres talheres absolutamente necessarios. Ora, era costume da casa, quando o bispo tinha alguém á ceia, pôr na mesa os seis talheres de prata, ostentação innocente. Este gracioso arremedo de luxo era uma especie de puerilidade cheia de encanto naquella casa serena e severa, onde se erguia a pobreza até á dignidade.

Magloria entendeu a observação, sahio sem dar palavra, e dahi a um momento os tres talheres reclamados pelo bispo brilhavam em cima da toalha, symmetricamente dispostos deante de cada um dos tres convivas.

IV

PORMENORES SOBRE AS QUEIJARIAS DE PONTARLIER.

Agora, para dar uma idéa justa do que se passou naquella mesa, nada mais acertado podemos fazer do que transcrever um trecho de uma carta de Baptistina á fidalga de Boischevron, em que com ingenua minuciosidade se refere á conversa do galé e do bispo.

«O homem a ninguém dava attenção; comia com pasmosa voracidade. Entretanto depois da ceia disse:

«—Senr. cura do céu, tudo isto é bom de mais para mim; mas devo dizer-lhe que os carreiros que não quizeram que eu ceiasse com elles passam melhor do que o senhor.

«Aqui para nós, a observação offendeu-o um tanto.

«Meu irmão respondeu:

«—Teem tambem trabalhos mais pesados do que eu.

«—Não, tornou o homem; teem mais dinheiro. O senhor é pobre, bem vejo. Talvez nem seja cura. Ao menos será cura? Ah! de certo se Deus é justo, o senhor deve ser pelo menos cura.

«—Deus é mais do que justo, disse meu irmão.

«E dahi a pouco accrescentou.

«Senr. João Valjean, vae para Pontarlier?

«—Com itinerario imposto.

«Julgo que foi assim que o homem disse, e proseguiu:

«—Devo pôr-me a caminho amanha ao romper do dia. É duro viajar: se as noites são frias, os dias são quentes.

«—Vae para bem boa terra, proseguiu meu irmão. Na revolução minha familia ficou arruinada; refugiei-me a principio na Franche-Comté, e lá vivi algum tempo do trabalho dos meus braços. Tinha boa vontade. Achei em que occupar-me. É só escolher: fabricas de papel, cortumes, casas de destillação, fabricas de azeite, relojoarias em ponto grande, fabricas de cobre, de aço, ao menos vinte fundições de ferro, quatro das quaes, em Lods, em Chatillon, em Audincourt e em Beure, são consideraveis.....

«Julgo que me não engano, e que foram estes os nomes que meu irmão referiu; depois interrompeuse, e dirigindo-se a mim:

«—Querida irman, não temos parentes nessa terra?

«—Tinhamos, respondi, entre outros Lucenet, que era capitão dos portos em Pontarlier no antigo regimen.

«—Sim, proseguiu meu irmão, mas em 93 ninguém tinha parentes, só braços. Trabalhei. Ha na terra de Pontarlier, para onde ides, senr. Valjean, uma industria patriarchal e encantadora: são as queijarias, a que chamam fructeiras.

«Então meu irmão, emquanto dava de comer a esse homem, lhe explicava com muita minuciosidade o que eram as fructeiras de Pontarlier; havia duas especies dellas, as *granjas grandes*, que pertencem aos ricos, e que teem quarenta ou cincoenta vaccas, que produzem sete a oito mil queijos por verão, e as *fructeiras da associação*, que são dos pobres. São camponezes do meio da montanha, que põem em common as suas vaccas, e repartem os productos; tomam elles a salario um queijeiro, a que dá-se o nome de *grurin*. A este entregam os associados o leite tres vezes ao dia, marcando-se a quantidade que

a cada um pertence. No fim de abril começam os trabalhos das queijarias, e pelo meiado de junho levam os queijistas as suas vacas á montanha.

«O homem enquanto comia ia-se reanimando. Meu irmão lhe fazia beber desse bom vinho de Mauves, de que não faz uso porque custa caro. Dava-lhe todas estas informações com a natural jovialidade que v. exc. lhe conhece, dirigindo-se de vez em quando a mim com graciosos gestos. Insistiu muito nessa bella occupação de *grurin*, como se desejasse que o homem o comprehendesse, sem lh'o aconselhar directamente, nem dizer-lhe com rispidez que seria para elle um recurso. Uma cousa me excitou a attenção. O homem era o que eu disse a v. exc. Pois bem, meu irmão, nem durante a ceia, nem depois della, exceptuando as poucas palavras ácerca de Jesus Christo que lhe disse ao entrar, nada lhe disse que pudesse lembrar a esse homem quem era, nem dizer-lhe o que era meu irmão. Optimo parecia o ensejo para um bocadinho de sermão, e apoiar a sua mão de bispo no hombro do galé para lhe imprimir indelevel a marca daquelle encontro. Outro julgaria talvez, tendo á mão este desgraçado, dever alimentar-lhe a alma ao mesmo tempo que o corpo, e fazer-lhe alguma censura adubada de moral e de bons conselhos, ou mostrar-lhe um pouco de commiserção com exhortação para proceder melhor no futuro. Meu irmão nem lhe perguntou pela sua historia, nem de que terra era. Pois na sua historia estava o erro, e meu irmão parecia evitar tudo quanto pudesse recordar-lh'o. Chegou a ponto de em certo momento, fallando dos montanhezes de Pontarlier, *cujos trabalhos é doce perto do seu, e que*, accrescentou elle, *são felizes porque são innocentes*, parar, receiando que houvesse nessa palavra que lhe escapára alguma cousa que pudesse magoar aquelle homem. A poder de reflectir julgo ter comprehendido o que se passava no coração de meu irmão. Pensava sem duvida que esse homem, que se chamava João Valjean, tinha de sobejo presente ao espirito a sua miseria, e que mais cumpria distrahi-lo della, e faze-lo acreditar, ainda que só fosse um momento, que era uma pessoa como as mais, tratando-o como a todos. Não será com

effeito assim que se deve entender a charidade? Não haverá boa hora, alguma cousa de realmente evangelico nessa delicadeza que se abstem de sermões, de moral, de allusões; e a melhor commiserção, quando um homem tem uma ferida que lhe dóe, não será não tocar nella? Pareceu-me que podia ser este o pensamento interior de meu irmão; em todo o caso o que posso dizer é que, se teve taes idéas, não as revelou, nem mesmo a mim; foi em tudo e por tudo o mesmo homem que nas mais noites, ceiou com esse João Valjean com o mesmo ar e o mesmo modo com que teria ceiado com o preboste Gedrão ou com o senr. cura da parochia.

«No fim, quando estavamos com os figos, bateram á porta. Era a tia Gerbaud com o seu filhinho ao collo: meu irmão deu um beijo no menino, pediu-me quinze soldos, que eu tinha na bolsa, para os dar á tia Gerbaud. O homem agora já não prestava grande attenção; não fallava mais e mostrava-se cansadissimo. Retirada a pobre velha Gerdaud, meu irmão disse a oração de graças, e depois voltando-se para o homem:—O senhor deve estar com muita necessidade da sua cama, disse.

«Magloria levantou depressa a mesa: comprehendi que cumpria retirarmo-nos para deixar dormir o pobre viajante, e fomos ambas para o nosso aposento. Entretanto dahi a pouco mandei Magloria levar á cama desse homem uma pelle de cabrito montez da Floresta Negra que serve no meu quarto. As noites são glaciaes, e esta pelle aquece. É pena que esteja velha, todo o pello lhe vai cahindo; meu irmão a comprou quando esteve na Allemanha, em Tottlingen, perto das cabeceiras do Danubio, assim como a faca de cabo de marfim de que me sirvo á mesa.

«Magloria recolheu-se quasi immediatamente e puzemo-nos a rezar na sala em que se estende a roupa lavada para enxugar: depois retiramo-nos para os nossos quartos sem nos dizermos couza alguma.»

TRANQUILIDADE.

Depois de ter dado as boas noites á irman, o bispo Bemvindo tomou da mesa um dos dous castiçaes de prata, entregou o outro ao hospede e disse-lhe:

—Senhor, vou leva-lo ao seu quarto.

O homem o acompanhou.

Como sabe o leitor pelo que acima dissemos, a morada era distribuida de modo que para entrar no oratorio, onde ficava a alcova, ou para sahir d'elle, carecia atravessar o quarto de dormir do bispo.

Na occasião em que elle atravessava essa camara, a creada guardava a prata no armario que ficava á cabeceira da cama. Era o seu ultimo cuidado de cada noite antes de ir deitar-se.

O bispo installou o hospede na alcova: uma cama alva e fresca lá estava armada. O homem descansou o castiçal em cima de uma mesa.

—Eia! disse o bispo, passe boa noite. Amanhan de manhan, antes de partir, tomará ainda quente uma taça de leite das minhas vaccas.

—Obrigado, senr. padre, disse o homem.

Mal proferia estas palavras cheias de paz, que incontinente sem transição teve um movimento singular, e que teria gelado de terror ambas as santas mulheres se o tivessem presenciado. Ainda hoje nos é difficil explicar o que nesse momento o impellia. Queria fazer uma advertencia ou lançar uma ameaça? Obedecia simplesmente a uma especie de impulso instinctivo e até para elle proprio obscuro!

Voltou-se rispido para o velho, cruzou os braços, e fitando no seu hospede olhar feroz, exclamou com voz rouquenha:

—Assim pois! está visto! hospeda-me em sua casa, e assim tam pertinho de si.

Atalhou-se, e accrescentou com um sorriso em que havia alguma cousa de monstruoso:

—Fez bem todas as suas reflexões? quem lhe diz que nunca assassinei?

O bispo respondeu:

—São cousas que a Deus pertencem.

Depois, gravemente e movendo os labios como quem está rezando ou fallando consigo mesmo, ergueu os dous dedos da mão direita, e abençoou o homem, que não se curvou, e sem voltar a cabeça, sem olhar para trás de si, voltou ao seu quarto.

Quando na alcova havia morador um grande reposteiro de sarja fechava o oratorio, e escondia o altar. O bispo ajoelhou ao passar por esse reposteiro, e fez uma breve oração.

Dahi a um momento estava no jardim, passeando, scismando, contemplando, com a alma e o pensamento embebidos nessas grandes cousas mysteriosas que Deus mostra á noite aos olhos que ficam abertos.

Quanto ao homem, estava realmente tam cansado que nem pôde aproveitar os bellos lençóes alvos. Apagára a luz soprando com as ventas, como fazem os galés e atirara-se todo vestido á cama, em que logo adormeceu profundamente.

Dava meia noite quando o bispo se recolhia do jardim para o seu quarto.

Dahi a poucos minutos tudo em casa dormia.

VI

JOÃO VALJEAN.

Alta noite João Valjean acordou.

João era de uma pobre familia de camponezes da Brie. Na infancia não tinha aprendido a ler. Quando chegou á idade de homem era podador em Faverolles. Sua mãe chamava-se Joanna Matheus, seu pae João Valjean ou Olejean, provavelmente alcunha e contracção das palavras *Voilà Jean* (eis-ahi João).

João era de genio pensativo sem ser triste, o que é caracteristico das indoles affectuosas. Entretanto, bem pesado tudo, era cousa um tanto pesada e soffrivelmente insignificante, ao menos na apparencia, esse João Valjean. Mui creança perdêra pae e mãe. A mãe morrêra de uma febre de leite mal tratada; o pae podador como elle, morrêra cahindo de uma arvore. A João Valjean só ficára uma irman, muito mais velha do que elle, viuva, com sete filhos entre rapazes e raparigas. Essa irman educára João Valjean, e emquanto viveu o marido deu-lhe casa e comida. O marido morreu. O mais velho dos sete filhos tinha oito annos, o ultimo só um anno. João Valjean attingira os seus

vinte cinco annos, substituiu elle o pae, e por seu turno sustentou a irman que o tinha creado. Isto se fez simplesmente como um dever e até com certo tom de rabugem da parte de João. Sua mocidade assim se despendia em um trabalho pesado e mal retribuido. Nunca nas vizinhanças lhe haviam conhecido amada: não tinha tido tempo para ser namorado.

A noite recolhia-se cansado, e comia a sua sôpa sem dar palavra. Sua irman, a mãe Joanna, enquanto elle comia, lhe tirava muitas vezes do prato o melhor bocado, o pedaço de carne, a fatia de toucinho, o centro do repolho, para da-lo a algum dos seus filhos; e elle, continuando a comer inclinado para a mesa, quasi com a cabeça mettida no prato, os compridos cabellos cahidos em torno a occultarem-lhe os olhos, fingia nada ver, e deixava passar a astucia. Havia em Faverolles, não longe da cabana de Valjean, do outro lado do trilho, uma rendeira chamada Maria Claudia: os meninos Vajeau, ordinariamente esfomeados, iam as vezes comprar fiado em nome de sua mãe um quartilho de leite a Maria Claudia, bebiam-n'o por trás de alguma cerca, ou á algum canto, arrancando uns aos outros a vasilha, e com tanta precipitação que as meninas ficavam com os aventaes e roupões respingados; a mãe, se houvesse sabido desta pilhagem, teria severamente castigado os delinquentes; João Valjean, ralhador e seccarrão, pagava, sem que a mãe soubesse, o leite devido a Maria Claudia, e os meninos não eram castigados.

Ganhava na estação da póda dezoito soldos por dia, depois ia servir como ceifador, como operario, como creado de estribaria e de curral: não engeitava os trabalhos mais pezados; fazia quanto podia. A irman tambem trabalhava, mas o que fazer com sete filhos pequenos? Era um triste grupo que a miseria pouco a pouco enleiou e envolveu. Houve um inverno muito cruel: João achou-se sem trabalho; a familia sem pão. Sem pão! e sete creanças!

Um domingo á noite, Maubert Isabeau, padeiro do largo da egreja de Faverolles, ia deitar-se, quando ouviu uma pancada forte na frente gradeada e envidraçada da padaria. Chegou a tempo de ver um braço enfiado por um buraco aberto com um murro na grade

e na vidraça. O braço agarrou um pão e levou-o. Isabeau sahiu apressado, o ladrão fugiu a todo correr: Isabeau correu atrás d'elle e agarrou-o. O ladrão tinha atirado o pão; mas o braço ainda estava ensaguentado. Era João Valjean. Occorria isto em 1795. João Valjean foi levado á presença dos tribunaes de então, accusado de furto com arrombamento, a noite, em casa habitada. Tinha elle uma espingarda com que atirava melhor do que ninguem, era um tanto ladrão de caça, e isto o prejudicava. Ha contra os ladrões de caça uma legitima preocupação. Com o contrabandista, acompanha elle mui de perto o salteador. Todavia digamo-lo de passagem, ha ainda um abysmo entre essas raças de homens e o hediondo assassino das cidades. O ladrão de caça vive nas florestas, o contrabandista nas serras e no mar. As cidades formam homens ferozes, porque fazem homens corruptos. A terra, o mar, a floresta, fazem homens selvagens, desenvolvem o lado bravo, porém o mais das vezes não destroem o lado humano.

João Valjean foi reconhecido culpado; as palavras do código são formaes. Ha na nossa civilisação horas formidaveis: são aquellas em que a penalidade decreta um naufragio. Que funebre instante esse em que a sociedade, desviando-se, consumma o irreparavel abandono do ente pensante! João Valjean foi condemnado a cinco annos de galés.

Em 22 de abril de 1796 apregoou-se em Pariz a victoria de Montenotte ganha pelo general em chefe do exercito de Italia, que a mensagem de directorio aos Quinhentos, de 2 de floreal anno IV, chama Buonaparte: nesse mesmo dia uma grande corrente se fechou em Bicêtre. João Valjean entrou nessa corrente. Um antigo chaveiro da prisão, que tem hoje cerca de noventa annos, ainda se recorda perfeitamente desse desgraçado, que foi agrilhado na extremidade do quarto cordão, no canto norte do pateo. Estava elle sentado no chão, como todos os outros. Mostrava nada comprehender da sua posição senão que era horrivel. É provavel tambem, que através das vagas idéas de um misero de tudo ignorante, percebesse que havia excesso. Emquanto a poder de martelladas lhe seguravam por trás da cabeça o grilhão de ferro da

sua gargalheira, chorava elle; as lagrimas o suffocavam, e não o deixavam fallar: mal conseguia de vez em quando dizer:—Eu era podador em Faverolles.—Depois soluçando levantava a mão direita, e abaixava-a gradualmente sete vezes, como se tocasse successivamente em sete cabeças designaes, e com esse gesto dizia que a cousa, qualquer que fosse, que havia feito, fôra para dar de comer a sete criancinhas.

Partiu para Toulon: lá chegou depois de vinte e sete dias de viagem, em uma carroça, com uma corrente ao pescoço. Em Toulon vestiram-lhe a camisola vermelha. Tudo se apagou do que fôra sua vida, até o nome: nem ao menos foi mais João Valjean; foi o n. 24601. O que foi feito da irman? e dos sete meninos? Quem se occupava disso? Que fim levou o punhado de folhas da arvore serrada no tronco?

É sempre a mesma historia. Esses pobres entes vivos, essas creaturas de Deus, sem apoio dahi em deante, sem guia, vão ao acaso, quem sabe? cada um para seu lado talvez, e envolvem-se pouco a pouco na nevoa fria em que se somem os destinos solitarios, trevas medonhas em que successivamente desaparecem tantas cabeças de infelizes no mysterioso caminhar do genero humano.

Deixaram a terra; a torre da aldêa que fôra sua os esqueceu; o marco que limitava o que fôra seu campo os esqueceu: ao cabo de alguns annos de estada nas galês o proprio João Valjean os esqueceu. Nesse coração tinha havido uma chaga, cicatrizou. Mais nada. Em todo o tempo que passou em Toulon, apenas ouviu fallar uma unica vez em sua irman. Era, julgo, no fim do quarto anno de captiveiro. Já não sei por onde lhe veio a seguinte informação. Alguem que os conhecêra em sua terra tinha visto a irman. Estava em Pariz; morava em uma pobre rua proxima de San'Sulpicio, a rua do Giendre. Já só tinha um filho consigo, o ultimo. Onde estavam os outros seis? Nem ella propria o sabia. Todas as manhans ia a uma imprensa á rua do Sabot n. 3, onde dobrava papeis. Lá devia achar-se ás 6 horas da manhan, no inverno muito antes de amanhecer. Na casa da typographia havia uma escola; a essa escola levava o filhinho, que tinha 7 annos. Mas como ella entrava na typographia ás 6

horas e a escola só se abria ás 7, cumpria que o menino esperasse no pateo uma hora, no inverno uma hora de noite, ao ar livre. Não consentiam que o menino entrasse na typographia porque podia ir incomodar. Os operarios viam pela manhã ao passar esse pobre entezinho sentado na calçada, cahindo de somno, e muitas vezes adormecido a um canto, agachado, dobrado sobre uma cesta.

Quando chovia, uma velha, a porteira, delle se condoia, recolhia-o ao seu cubiculo, em que só havia um catre, uma roca, e duas cadeiras de páu, e o pequeno ahí dormia a um canto, encostando-se ao gato para ter menos frio. Ás 7 boras entrava para a escola. Eis o que contaram a João Valjean. Isto o occupou esse dia, foi um momento, um relampago, como uma janella rapidamente aberta sobre o destino desses entes a quem amára, e que logo se fechou. Nada mais ouviu a tal respeito, e foi para sempre. E tam para sempre que nunca mais viu, nunca os encontrou, e no correr desta dolorosa historia nunca mais os ha de encontrar.

Pelo fim desse quarto anno, chegou a João Valjean a vez de fugir, os camaradas o ajudaram, como é costume naquella triste morada. Evadiu-se. Levou dous dias errante pelo campo em liberdade, se está em liberdade quem é perseguido, quem tem de voltar a cabeça a cada instante, de estremecer ao menor arruido, de ter medo de tudo, do telhado que fumea, do homem que passa, do cão que ladra, do cavallo que galopa, da hora que dá, do dia porque se vê, da noite porque se não vê, da estrada, do trilho, da sarça, do somno. Na noite do segundo dia foi agarrado. Não tinha comido nem dormido durante trinta e seis horas. O tribunal militar o condemnou por esse delicto a uma prolongação de tres annos, o que fez oito annos. No sexto anno tocou-lhe de novo a vez de evadir-se; tentou-o, mas não pôde conseguir a fuga. Tinha faltado á chamada. Deram o tiro de peça, e á noite a ronda o achou escondido debaixo da quilha de um navio que estava em construcção: resistiu á guarda que o prendeu. Fuga e resistencia: este facto, previsto pelo codigo especial, foi castigado com uma aggravação de cinco annos, dous dos

quaes de dobrada calceta: vão treze annos. No decimo anno chegou-lhe de novo a sua vez, e de novo a aproveitou. Não teve melhor successo. Tres annos por essa nova tentativa: dezaseis. Emfim no decimo terceiro anno, se estou bem certo, tentou ainda uma vez, e só conseguiram-n'o prender ao cabo de quatro horas de ausencia. Tres annos por essas quatro horas: dezenove. Em outubro de 1815 concluiu todo o tempo de sua pena, foi solto; entrára para as galés em 1796 por ter quebrado um vidro e tirado um pão.

Lugar a um breve parentheses. É esta a segunda vez que nos seus estudos da questão penal, e da condenação pela lei, o autor deste livro encontra o furto de um pão como o ponto de partida de desastre de um destino; Claudio Gueux tinha furtado um pão; João Valjean tinha furtado um pão; uma estatística ingleza mostra que em Londres de cinco furtos quatro tem por causa immediata a fome.

João Valjean tinha entrado nas galés soluçando e chorando; sahiu impassivel. Tinha entrado desesperado, sahiu taciturno.

O que se teria passado naquella alma ?

VII

O DESESPERO VISTO POR DENTRO.

Tentemos dizê-lo.

Cumpre que a sociedade olhe para estas cousas, visto que foi ella quem as fez.

João, já o dissemos, era um ignorante, mas não um imbecil. A luz natural o alumiaava. A desgrça, que tambem tem o seu clarão, augmentou a tal ou qual lucidez que havia naquelle espirito. Debaixo do bastão dos guardas, arrastando a corrente, no carcere, curvado ao trabalho, sob o ardente sol das galés, na cama de taboas dos forçados, fechou-se comsigo e com a sua consciencia, e reflectiu.

Constituiu-se tribunal.

Começou por julgar-se a si proprio.

Reconheceu que não era um innocente injustamente punido. Confessou que praticára uma acção violenta e reprehensivel; que talvez não lhe houvessem negado aquelle pão, se o tivesse pedido; que em todo o caso mais acertado teria andado buscando have-lo, quer da compaixão, quer do trabalho, que bem longe está de ser razão sem replica o dizer-se: poderá esperar quem

tem fome? Que em primeiro lugar é rarissimo o morrer alguem litteralmente de fome; que em segundo lugar, infeliz ou felizmente, o homem é dotado de constituição tal que pôde soffrer por largo espaço, e muito, moral e physicamente, sem morrer; que, pois, cumpria ter tido paciencia; que isso houvera sido melhor mesmo para aquellas pobres creancinhas; que era um acto de loucura arremetter, misero homem fraco, contra toda a sociedade, e persuadir-se que se sahe da miseria pelo roubo; que, bem considerado tudo, era má porta para sahir da desgraça aquella por onde se entra para a infamia; emfim que procedêra mal.

Depois a si mesmo perguntou :

Se era elle o unico que procedêra mal na sua fatal historia? se, em primeiro lugar, não era uma cousa grave ter-se visto, elle trabalhador, sem trabalho, elle laborioso, sem pão; se, em segundo lugar, commetida e confessada a culpa, o castigo não havia sido feroz e excessivo; se não havia mais abuso da parte da lei na pena do que houvera da parte do réu na culpa; se não havia excesso de peso em uma das conchas da balança, naquella em que está a expiação; se o extremo rigor da lei não importava o cancellamento do delicto, e não dava em resultado trocar-se a situação, vindo a culpa da repressão a sobrepujar a do delinquente, tornando-se o réu victima e o devedor credor, e pondo-se definitivamente o direito do lado da propria pessoa que o violára; se essa pena, successivamente aggravada pelas tentativas de evasão, não acabava por ser uma especie de attentado do mais forte contra o mais fraco, um crime da sociedade contra o individuo, um crime que recomeçava quotidianamente, um crime que durava dezenove annos.

A si mesmo perguntou se a sociedade podia ter o direito de impôr egualmente aos seus membros, n'um caso a sua imprevidencia despropositada, e em outro a sua previdencia implacavel; e de ter um pobre homem para sempre sequestrado entre uma falta e um excesso, falta de trabalho, excesso de castigo; se não era uma exorbitancia a sociedade tratar assim exactamente os seus membros mais mal aquinhoados na partilha dos bens que faz o acaso, e por consequente mais dignos de indulgencia.

Postas estas questões e resolvidas, julgou elle a sociedade e condemnou-a.

Condemnou-a ao seu odio.

Fê-la responsavel pela sorte que o acabrunhava, e disse de si para si que talvez não hesitasse um dia em pedir-lhe contas por isso. A si mesmo declarou que não havia equilibrio entre o damno que causára e o damno que lhe causavam; concluiu emfim que o seu castigo não era, na verdade, uma injustiça, mas que por sem duvida era uma iniquidade.

A colera pôde ser louca e absurda; qualquer pôde encher-se de furor desarrazoadamente; ninguém se indigna senão quando de qualquer forma tem razão. João Valjean sentiu-se indignado.

E demais, a sociedade humana lhe havia causado só males, nunca vira della senão esse sonho irado, que ella chama a sua justiça, e que mostra aos que fere. Os homens não o haviam tocado senão para pisalo. Todo o contacto com elles lhe fôra tam doloroso como um golpe.

Nunca, desde a sua infancia, desde que perdêra sua mãe, desde que deixára sua irman, nunca havia encontrado uma palavra amiga, nem um olhar benevolo.

De soffrimento em soffrimento chegou pouco a pouco á convicção de que a vida era uma guerra, e que nessa guerra era elle o vencido.

Não tinha outra armã senão o seu odio. Resolveu afia-la nas galés e leva-la comsigo quando d'alli sahisse.

Havia em Toulon uma escola para os forçados, regida por uns leigos, onde se ensinava o mais necessario áquelles destes desgraçados que tinham boa vontade.

Elle foi do numero dos homens de boa vontade.

Entrou para a escola aos quarenta annos, e aprendeu a ler, a escrever, a contar. Sentiu que fortificar a intelligencia era fortificar o seu odio.

Em certos casos a instrucção e a luz podem servir de adminiculo ao mal.

É triste dize-lo: depois de ter julgado a sociedade que o fizera desgraçado, julgou elle a Providencia que fizera a sociedade, e condemnou-a tambem.

Assim, durante estes desenove annos de tortura e de escravidão, aquella alma subiu e cahiu ao mesmo tempo. Entrou-lhe luz por um lado e trevas pelo outro.

João Valjean não era, o leitor já o viu, naturalmente máu. Era ainda bom quando chegou ás galés. Alli condemnou a sociedade, e sentiu que se tornava perverso, alli condemnou, a Providencia, e sentiu que se tornava impio.

Aqui é-nos difficil deixar de meditar um instante.

A natureza humana transformar-se-ha assim radical e absolutamente? O homem, creado bom por Deus, poderá ser pervertido pelo homem? Poderá a alma ser de todo refeita pelo destino, e tornar-se má, sendo máu o destino? Poderá o coração tornar-se disforme e contrahir fealdades e enfermidades incuraveis sob a pressão de um infortunio desproporcionado, como a columna vertebreal sob uma aboboda demasiado baixa? Não haverá em toda a alma humana, não haveria na de João Valjean em particular, uma scentelha primaria um elemento divino, incorruptivel neste mundo, immortal no outro, que o bem pode pôr patente, atizar, inflamar e faser brilhar esplendidamente, e que o mal nunca pode de todo extinguir?

Questões graves e obscuras, a ultima das quaes qualquer phisiologista houvera provavelmente respondido *não*, se, nas horas de descanso, que para João Valjean eram horas de meditação, tivesse visto em Toulon, sentado, com os braços cruzados, em cima da barra de algum cabrestante, esse galé taciturno, serio, silencioso e pensativo, paria das leis que olhava o homem com colera, reprobado da civilisação que olhava o céu com severidade.

E' certo, nem buscaremos dissimula-lo que o phisiologista observador houvera visto alli uma miseria irremediavel; talvez houvesse lastimado esse enfermo por effeito da lei, mas nem sequer teria tentado o tratamento: houvera afastado os olhos das cavernas que tivesse entrevisto naquella alma, e como Dante da porta do inferno, teria riscado daquella existencia a palavra que o dedo de Deus escreveu, sem embargo d'isso, na fronte de todo o homem: *Esperança!*

Esse estado da alma que tentamos analysar seria tam perfeitamente claro para João Valjean como bus-

camos mostra-lo aquelles que nos leem? Veria João Valjean distinctamente após a sua formação, e te-los-hia visto da mesma sorte á medida que elles se formavam, todos os elementos de que se compunha a sua miseria moral! Teria esse homem rude e baldio de instrucção acompanhado com toda a exactidão a successão de idéas pela qual, degráu por degráu, subira e descera até aos lugubres aspectos que, havia já tantos annos, lhe formavam o horisonte interior do espirito? Teria elle consciencia cabal de tudo quanto se passára dentro de si e de tudo quanto alli se agitava? E' o que não nos atreveríamos a dizer; é até mesmo o que não cremos.

A ignorancia de João Valjean era tamanha que, mesmo depois do seu tam cruel infortunio, de certo deveram ter-lhe ficado muitas cousas por explicar. Momentos havia em que elle nem mesmo sabia com exactidão o que sentia. João Valjean jazia nas trevas; soffria nas trevas; odiava nas trevas; dir-se-hia com propriedade que elle odiava no porvir. Vivia habitualmente naquella escuridão, tacteando como um cego e como um visionario. Comtudo, de espaço a espaço vinha-lhe de repente, de dentro e de fóra, um impeto de colera, um accrescimo de soffrimento, um livido e rapido relampago que lhe alumiaava toda a alma, e fazia repentinamente apparecer por toda a parte em torno d'elle, no porvir, e no passado, á claridade de uma luz horrivel, os pavorosos precipicios e as sombrias perspectivas do seu destino.

Passado o relampago, tornava a cahir a noite, e onde se achava elle? Não o sabia.

O resultado das penas deste genero, nas quaes domina o que é inexoravel, isto é, o que é embrutecedor, é transformar pouco a pouco, por uma especie de transfiguração estúpida, um homem em uma alimaria brava; ás vezes até em uma fera. As tentativas de evasão de João Valjean, successivas e obstinadas, bastariam para provar esse estranho trabalho feito pela lei sobre a alma humana.

João Valjean houvera renovado aquellas tentativas, tam perfeitamente inuteis e loucas, tantas vezes quantas fossem as occasiões que se apresentassem, sem pensar um instante no resultado, nem nas experien-

cias já feitas. Elle fugia impetuosamente como um lobo que acha aberta a jaula. O instincto dizia-lhe: Foge! O raciocinio dizia-lhe: Fica! Mas ante uma tentação tam violenta, o raciocinio desapparecia; só ficava o instincto. Era só a alimaria que obrava. Quando tornavam a agarrar-lo, as novas severidades que lhe infligiam não serviam senão para ainda mais enfurecê-lo.

Uma circumstancia que não devemos omittir era ser elle dotado de uma força physica em que o não igualava nenhum dos demais forçados. No trabalho, para alar um cabo, para virar um cabrestante, João Valjean valia por quatro homens. Levantava e punha ás vezes ás costas pesos enormes, e occasiões havia em que substituiu esse instrumento que chamam *macaco*, e que outr'ora chamava-se *orgueil* (orgulho), donde vem, entre parentheses, o nome da rua de Montorgueil, perto da praça do mercado de Pariz. Os camaradas chamavam-n'o por antonomasia *João Macaco*.

Uma vez, andando-se a concertar o balcão do palacio da municipalidade da cidade de Toulon, uma das admiraveis cariatides de Puget, que sustentam esse balcão, desprendeuse e esteve a ponto de cahir. João Valjean, que alli se achava, amparou com o hombro a cariatide e deu tempo a que acudissem os operarios.

A sua agilidade era ainda maior do que a robustez. Alguns forçados, ruminadores perpetuos de evasões, acabam por fazer da força e da destreza combinadas uma verdadeira sciencia. É a sciencia dos musculos. Uma completa statica mysteriosa é quotidianamente praticada pelos presos, esses eternos invejosos das moscas e dos passarinhos. Subir por uma vertical, e achar pontos de apoio em lugares onde apenas se via uma saliencia, era um brinco por João Valjean. Dado um angulo de muro, com a tensão das costas e das pernas, com os cotovellos e calcanhares firmados nas asperidades da pedra, subia como que magicamente a um terceiro andar. Ás vezes chegava elle assim até ao tecto da prisão.

Fallava pouco. Não se ria. Só algum abalo extremo podia arrancar-lhe, uma ou duas vezes no anno, esse lugubre riso do forçado que é como um écho do riso do demonio.

Quem o visse diria que estava continuamente occupado em considerar o que quer que fosse de terrivel. Andava na verdade absorto.

Por entre as percepções imperfeitas de uma natureza incompleta e de uma intelligencia acabrunhada, sentia confusamente que sobre elle pesava uma cousa monstruosa. Nessa penumbra escura e opaca em que se rojava, de cada vez que voltava a cabeça e buscava levantar os olhos, via, com terror mesclado de raiva, amontoar-se, crescer e subir a perder de vista por cima d'elle, com escarpas horriveis, uma especie de pavoroso acervo de cousas, de leis, de preconceitos, de homens e de factos, cujos contornos lhe escapavam, cuja mole o amedrontava, e que nada mais era do que essa prodigiosa pyramide que chamamos civilisação.

Descobria aqui e alli nesse todo formigante e desforme, ora junto de si, ora longe e em eminencias inacessiveis, algum grupo, algum detalhe vivamente alumiado, aqui o guarda e o seu bastão, alli o policial e o seu sabre, lá ao longe um arcebispo de mitra na cabeça, campeando por cima de todos, em uma especie de sol, o imperador coroado e deslumbrante. Parecia-lhe que estes esplendores longiquos, em vez de dissiparem a sua noite, a tornavam mais funebre e escura. Tudo isto, leis, preconceitos, factos, homens, cousas, passava em direcções diversas por cima d'elle, conforme o movimento complicado e mysterioso que Deus imprime á civilisação, andando por cima d'elle e esmagando-o com um quer que seja de tranquillo na crueldade e inexoravel na differença. Almas cahidas ao fundo do infortunio possivel, miserros homens perdidos nas profundezas desses limbos para onde ninguem olha, os reprobos da lei sentem sobre suas cabeças todo o peso dessa sociedade humana, tam formidavel para quem está fóra, tam medonha para quem está embaixo.

Nesta situação, João Valjean meditava, e qual podia ser a natureza das suas cogitações?

Se o grão de milho pudesse pensar sob a mó, pensaria sem duvida o que pensava João Valjean.

Todas estas cousas, realidades cheias de espectros, phantasmagorias cheias de realidades, tinham acaba-

do por constituir-lhe uma especie de estado interior quasi inexprimivel.

Momentos havia em que, no meio do seu trabalho de calceta, se deixava ficar parado. Punha-se a pensar. A sua razão, conjunctamente mais amadurecida e mais turbada que outr'ora, rebellava-se. Tudo quanto lhe acontecêra parecia-lhe absurdo; quanto o cercava parecia-lhe impossivel. Dizia comsigo mesmo: isto é um sonho. Olhava para o guarda que se achava de pé a alguns passos d'elle; o guarda parecia-lhe um phantasma; de repente o phantasma assentava-lhe uma paulada.

A natureza visivel existia apenas para elle. Quasi poderia dizer-se com verdade que para João Valjean não havia sol, nem bellos dias de estio, nem céu resplandescente, nem frescas madrugadas de abril. A sua alma era habitualmente allumiada por uma como que luz soturna, qual a que penetra nos subterraneos.

Para resumir, terminando, o que pôde ser resumido e traduzido em resultados positivos d'entre o que acabamos de indicar, limitar-nos-hemos a consignar aqui que, em dezoito annos, João Valjean, o inoffensivo podador de Faverolles, o temivel forçado de Toulon, tornára-se capaz, graças ao modo porque a calceta o modificára, de duas especies de más acções: em primeiro lugar, de uma má acção rapida, irreflectida, vertiginosa, toda de instincto, especie de represalia pelo mal soffrido; em segundo lugar, de uma má acção grave, séria, debatida na consciencia e meditada com as idéas erroneas que pôde suggerir um tal infortunio. As suas premeditações passavam pelas tres phases successivas que só as naturezas de certa tempera podem percorrer, raciocinio, vontade, obstinação.

Elle tinha por motores a indignação habitual, a angustia da alma, o profundo sentimento das iniquidades soffridas, a reacção, mesmo contra os bons, os justos, e os innocentes, se é que os ha. O ponto de partida, bem como o ponto de chegada de todos os seus pensamentos, era o odio á lei humana; esse odio que, não sendo detido no seu desenvolvimento por algum incidente providencial, torna-se n'um tempo dado, em odio á sociedade, depois em odio ao gene-

122
ro humano, depois em odio á criação, e traduz-se em um vago, incessante e brutal desejo de fazer mal, não importa a quem, a um ente vivo qualquer.

Como se vê, não era sem razão que o passaporte qualificava João Valjean como *homem perigosissimo*. De anno em anno, aquella alma myrrhára-se cada vez mais, lenta, mais fatalmente.

Coração secco, olhos seccos.

Quando sahiu das galés, havia dezenove annos que não derramára uma lagrima.

VIII

O MAR E AS TREVAS.

Um homem no mar!

Que importa! o navio não pára. O vento sopra, aquelle torvo barco tem uma derrota que lhe é forçoso seguir. Veleja avante.

O homem some-se, depois reapparece, mergulha e volta a superficie, grita, estende os braços; ninguém o ouve. O navio, estremecendo ao embate do furacão, cura unicamente da sua manobra; marinheiros e passageiros nem sequer avistam já o homem submergido: sua misera cabeça é apenas um ponto na enormidade das vagas.

Elle solta gritos desesperados nas profundezas. Oh! que espectro é essa vela que lá vae fugindo! Elle a fita, fita-a freneticamente. Ella afasta-se, esvae-se, mingua. Elle estava alli havia pouco, fazia parte da tripolação, como os outros respirava e aquecia-se ao sol, vivia. Agora, que foi que aconteceu? Elle escorregou, cahiu; acabou-se tudo.

Ei-lo nas aguas monstruosas. Debaixo dos pés já não tem senão turbilhões e voragens. As ondas, ras-

gadas e espedaçadas pelo vento, cercam-n'o medonhamente, os balouços do abysmo arrastam-n'o, a espuma agita-se referendo-lhe em torno da cabeça, um montão de vagas lhe cospe em cima, bárathros confusos devoram-n'o a meio; de cada vez que mergulha entrevê precipícios cheios de escuridão; horriveis vegetações ignotas prendem-n'o, enleiam-lhe os pés, puxam-n'o para si; elle sente que se torna abysmo, faz parte da espuma, as ondas atiram-n'o uma á outra, elle bebe a amaridão, o oceano covarde porfia em afoga-lo, a enormidade brinca com a sua agonia. Dir-se-hia que toda aquella agua é odio.

Elle luta apesar disso.

Tenta defender-se, tenta suster-se, forceja, nada. Elle, mesquinha força para logo quebrantada, combate o inquebrantavel.

Onde está o navio? Lá ao longe. Apenas visivel nas pallidas trévas do horizonte.

Sibillam as rajadas: todas as espumas cahem-lhe pesadas em cima. Elle levanta os olhos e só vê a lividez das nuvens. Assiste agonisante á immensa demencia do mar. Dá-lhe tratos de polé aquella loucura. Houve rumores estranhos ao homem que parecem vir d'além da terra, e como que de um mundo medonho.

Ha aves no céu, assim como ha anjos por sobre as angustias humanas, mas que podem elles fazer em prol d'elle? Essas creaturas voam, cantam e pairam no espaço, e no entanto elle agonisa.

Sente-se abysmado a um tempo em dous infinitos, o oceano e o céu; um tumulo, o outro uma mortalha.

Cahe a noite; ha já muitas horas que elle nada, suas forças estão exaustas; aquelle navio, aquella cousa longinqua em que havia homens sumiu-se, elle está só no formidavel vacuo crepuscular, mergulha, entesa-se, retorce-se, sente por baixo de si as vagas, monstros do invisivel; grita:

—Já não ha homens. Onde está Deus?

Elle grita: Soccorro! soccorro! Não cessa de gritar. Nada no horizonte. Nada no céu.

Elle invoca a amplidão, a vaga, a alga, o cachopo; tudo é surdo. Invoca a tempestade; a tempestade imperturbavel só obedece ao infinito.

Em derredor delle a escuridão, o nevoeiro, a solidão, o tumulto procelloso e inconsciente, o encrespamento indefinido das aguas ferozes. Em si mesmo o horror e o cansaço. Por baixo de si a queda nas profundezas. Nem um só ponto de apoio. Elle pensa nas aventuras pavorosas do cadaver pelas trevas illimitadas. A frialdade do abysmo paralysa-o. Suas mãos estendem-se convulsivamente e fecham-se, e agarram o nada. Ventos, nuvens, redemoinhos, aragens, estrellas inuteis! Que fazer? O desesperado rende-se; quem cansa resigna-se a morrer, elle entrega-se, deixa-se arrastar, cessa de lutar, e ei-lo que cahe para sempre nas lugubres voragens do sorvedouro.

Ó marcha implacavel das sociedades humanas! Perdas de homens e de almas ao mesmo tempo! Oceano aonde cahe tudo que a lei deixa cahir! desaparição sinistra do soccorro! Ó morte moral!

O mar é a inexoravel noite social em que a penalidade lança os seus reprobos. O mar é a immensa miseria.

A alma, levada pela agua abaixo nesse pégo, póde tornar-se um cadaver. Quem a resuscitará?

IX

NOVOS AGGRAVOS.

Quando lhe chegou a hora de sahir das galés, quando João Valjean ouviu soar estas estranhas palavras: *estás livre!* esse momento pareceu-lhe inverosimil e inaudito; um raio de viva luz, um raio da verdadeira luz dos vivos o penetrou subitamente. Mas esse clarão não tardou a desmaiar. Elle crêra em uma vida nova. Não tardou muito que não visse o que era essa liberdade a que se dá um passaporte amarello.

E tudo isso cercado de muitos amargores. Elle calculára que o seu peculio, durante o tempo que estivera nas galés, deveria ter-se elevado a cento e setenta e um francos. É justo accrescentar que esquecera-lhe contemplar nos seus calculos o repouso obrigado dos domingos e dias de festa, o qual, no espaço de dezenove annos, dava em resultado uma diminuição de vinte e quatro francos, pouco mais ou menos. Como quer que fosse, este peculio fôra reduzido, por diversas deducções locaes, á somma de cento e nove francos e quinze soldos, que lhe entregaram ao sahir da prisão.

Elle nada disto comprehendera, e suppunha-se lesado. Mais ainda, roubado.

No dia seguinte ao da sua soltura, viu elle em Grasse, á porta de uma fabrica de destillação de flôres de laranja, alguns homens que descarregavam fardos. Offereceu os seus serviços. O trabalho era urgente, aceitaram-os. Elle poz-se a trabalhar. Era intelligente, vigoroso e destro; fazia o mais que podia; o patrão parecia contente. Emquanto trabalhava, um *gendarme* passou, olhou-o attentamente, e pediu-lhe os seus papeis. Forçoso lhe foi mostrar o passaporte amarelo. Feito isto, João Valjean continuou a trabalhar. Momentos antes, tinha elle perguntado a um dos jornalleiros quanto ganhavam por dia naquelle trabalho; o homem respondera-lhe: *trinta soldos*. Ao anoitecer, como devia partir forçosamente no dia seguinte pela manhã, apresentou-se ao dono da fabrica de destillação e pediu-lhe o seu jornal. O destillador não proferiu palavra e deu-lhe quinze soldos. Elle reclamou. A resposta que teve foi: *ainda é de mais para ti*. Insistiu. O dono da fabrica encarou-o com arrogancia e disse-lhe: *olha o chilindró!*

Outra vez se considerou elle roubado.

A sociedade, o Estado, desfalcando o seu peculio, roubara-o em grande. Agora era o individuo que o roubava a retalho.

Soltura não é absolvição. O homem sahe das galés, mas não da condemnação.

Eis o que lhe acontecera em Grasse. O leitor já viu de que modo fôra elle acolhido em D....

X

O HOMEM ACORDADO.

Ao darem pois duas horas depois da meia noite no relógio da cathedral, João Valjean acordou.

O que o fez acordar foi o leito que era bom de mais. Havia cerca de vinte annos que elle deixára de dormir em cama, e, posto que não se tivesse despido, era-lhe tam nova a sensação que necessariamente devia perturbar-lhe o somno.

Elle dormira mais de quatro horas. O cansaço havia passado. Estava habituado a não dar muitas horas ao repouso.

Abriu os olhos, e olhou um momento no escuro em torno de si, depois tornou a fecha-los para ver se de novo adormecia.

Quando muitas sensações diversas agitam o homem durante o dia, quando alguma cousa lhe preoccupa o espirito, elle adormece, mas não torna a conciliar o somno. Este não volta com a mesma facilidade com que chegou da primeira vez. Foi o que aconteceu a João Valjean. Não pôde readormecer, e pôz-se a pensar.

Achava-se elle em um desses momentos em que as

idéas que temos no espirito são confusas. Tinha no cerebro uma especie de vaivem obscuro. Suas recordações remotas e suas recordações immediatas alli fluctuavam de mistura e cruzavam-se confusamente, perdendo suas fórmulas, avultando desmesuradamente, depois desaparecendo de subito como que em uma agua lodosa e agitada. Muitos pensamentos lhe acudiam á mente; mas um havia que sem cessar se apresentava e que bania todos os outros. Esse pensamento, vamos dizer-lo sem preambulos:—Elle notára os seis talheres de prata e a concha de tirar sôpa que Maglória puzera na meza.

Esses seis talheres de prata não lhe sahiram da lembrança. Elles estavam alli, a alguns passos de distancia. No momento em que passára pelo quarto contiguo para entrar no aposento onde se achava, a velha creada guardava-os dentro de um pequeno armario na cabeceira da cama. Elle notára bem a situação desse armario: á direita entrando pela sala de jantar. Elles eram massiços, e de prata antiga. Pela concha, dariam pelo menos duzentos francos. O dobro do que elle ganhara em dezenove annos. Verdade seja que houvera ganhado mais se a *administração* não os tivesse roubado.

O seu espirito oscilou uma boa hora em fluctuações em que havia uma tal ou qual luta. Deram tres horas. Elle tornou a abrir os olhos, ergueu de repente o corpo, estendeu o braço e apalpou o sacco que largára no canto da alcova, depois deixou as pernas estenderem-se e os pés tocarem o chão, e achou-se, quasi sem saber como, sentado na cama.

Ficou por algum tempo pensativo nessa attitude que teria parecido um tanto sinistra a quem o houvesse visto no meio daquella escuridão, unico acordado na casa onde todos dormiam. De repente abaixou-se, tirou os sapatos e pô-los devagarinho em cima da esteira junto do leito, depois reassumiu a postura meditativa e tornou a ficar immovel.

No meio dessa meditação hedionda, as idéas que acabamos de indicar trabalhavam-lhe sem interrupção o cerebro, entravam, sahiram, tornavam a entrar, exerciam sobre elle uma especie de pressão; e além disso pensava, sem saber porque, e com a obstina-

ção machinal do desvario, em um forçado chamado Brevet que conhecêra nas galês, e cujas calças eram sustidas por uma unica perna de suspensorio de algodão tecido em ponto de meia. A pintura em quadradinhos dessa perna de suspensorio voltava-lhe de continuo ao espirito.

Aquietava-se nesta situação, e nella houvera talvez ficado indefinidamente até ao amanhecer, se o relógio não tivesse soado uma vez, dando um quarto ou meia hora. Aquelle som do bronze como que lhe disse: sus!

Levantou-se, hesitou ainda um momento, e applicou o ouvido; tudo era silencio na casa; caminhou direito, e pé ante pé, para a janella que enxergava do outro lado. A noite não era muito escura; a lua ostentava no céu todo o seu disco, deante do qual corriam grandes nuvens açoutadas pelo vento. Causava isto fóra da casa alternativas de escuridão e de luz, eclipses, depois clarões, e dentro uma especie de crepusculo. Este crepusculo, sufficiente para qualquer poder guiar-se, intermittente por causa das nuvens, semelhava essa luz livida que entra pelo respiradouro de uma adega por deante do qual passam de continuo os que andam pela rua. Chegado á janella, João Valjean examinou-a. Não tinha grades, dava para o jardim, e conforme o costume do lugar, estava apenas fechada com um ferrolho pequenino. Abriu-a, mas como um ar frio e penetrante entrasse de repente no quarto, tornou a fecha-la immediatamente. Olhou para o jardim com esse olhar attento que mais estuda do que vê. O jardim era fechado por um muro branco bastante baixo, facil de escalar. No fundo, do lado de fóra, distinguui copas de arvores regularmente espaçadas, o que indicava que aquelle muro separava o jardim de uma avenida ou de uma travessa sombreada de arvoredos.

Lançado esse olhar, fez elle o movimento de um homem que toma uma resolução; encaminhou-se para a sua alcova, pegou no sacco, abriu-o, correu-o com a mão por dentro, tirou o que quer que fosse que pôz em cima da cama, metteu os sapatos em um dos bolsos, tornou a fecha-lo, pô-lo ao hombro, enterrou na cabeça o boné cuja pala puxou até aos olhos,

procurou o bordão ás apalpadellas , e foi pô-lo no canto da janella, depois voltou á cama e pegou resolutamente no objecto que alli deixára. Esse objecto assemelhava-se a uma barra de ferro curta, aguçada como um chuço em uma das extremidades.

Fôra difficil distinguir no meio da escuridão para que fim poderia ter sido fabricado aquelle pedaço de ferro. Seria por ventura uma alavanca ? Seria uma maça ?

De dia ter-se-hia reconhecido que nada mais era do que um espeque de cavouqueiro. Naquelle tempo os forçados eram ás vezes empregados em tirar pedra das altas collinas que cercam Toulon, não sendo raro terem elles á sua disposição ferramenta deste serviço. Os espeques dos cavouqueiros são de ferro massiço, terminando na extremidade inferior em uma ponta por meio da qual se cravam na rocha.

Elle tomou o espeque na mão direita, e retendo o folego, abafando o ruido dos passos, dirigiu-se para a porta do quarto contiguo, que era a do bispo, como se sabe. Chegando a essa porta, encontrou-a entreaberta. O bispo não a tinha fechado.

XI

O QUE ELLE FAZ.

João Valjean applicou o ouvido. Nenhum rumor. Empurrou a porta.

Empurrou-a com a ponta do dedo, de vagarinho, com essa delicadeza furtiva e inquieta de um gato que quer entrar algures.

A porta cedeu á pressão, e fez um movimento imperceptível e silencioso que alargou um pouco a passagem.

Elle esperou um momento, depois empurrou a porta segunda vez mais afoutamente.

Ella continuou a ceder em silencio. Agora a abertura já era bastante larga para que podesse passar. Mas havia perto da porta uma mesasinha que fazia com ella um angulo incommodo e empachava a entrada.

João Valjean reconheceu a difficuldade. Importava-lhe, fosse porque meio fosse, alargar ainda mais a abertura.

Decidiu-se, e empurrou pela terceira vez a porta, mais energicamente do que das duas primeiras. Desta vez houve um gonzo mal azeitado que soltou de re-

pente no meio daquella escuridão um rangido rouco e prolongado.

João Valjean estremeceu. A bulha desse gonzo soou-lhe aos ouvidos, por assim dizer, retumbante e formidavel como a trombeta do juizo final.

Com o tremendo terror do primeiro momento, quasi se capacitou de que aquelle bronze acabava de animar-se e de assumir uma vida terrivel, e que ladrava como um cão para avisar a todos e despertar os que dormiam.

Parou, tremulo, fóra de si, e deixou de firmar-se nas pontas dos pés, cahindo sobre os calcanhares. Ouviu as arterias baterem-lhe nas fontes como dous martellos de forja, e parecia-lhe que a respiração lhe sahia do peito com o rumor do vento que parte de uma caverna. Tinha como por impossivel que o horrivel clamor daquelle gonzo irritado não houvesse abalado toda a casa como um terremoto; a porta, empurrada por elle, presentira o assalto e dera o alarma; o velho ia levantar-se; as duas velhas iam gritar, acudiria gente a soccorre-los; antes de um quarto de hora a cidade estaria em rumor e a policia em armas. Por momentos suppôz-se perdido.

Ficou onde estava, petrificado como a estatua de sal, não se animando a fazer o menor movimento. Passaram-se alguns minutos. A porta estava escancarada. Elle afoutou-se a olhar para dentro do quarto. Nada alli se mexêra. Applicou o ouvido. Não se ouvia o menor rumor em toda a casa. A bulha do gonzo enferrujado a ninguem despertára.

Estava passado este primeiro perigo, mas dentro em si mesmo sentia elle ainda um horrivel tumulto. Todavia não recuou. Mesmo quando se julgara perdido não havia recuado. Não pensou mais senão em acabar depressa com aquillo. Deu um passo e entrou no quarto.

Esse quarto jazia em perfeita calma. Distinguiam-se alli em diversos lugares fórmulas confusas e vagas, que, de dia eram papeis, *in-folios* abertos, volumes amontoados em cima de um tamborete, uma poltrona carregada de roupa, um genuflexorio, e que áquella hora eram apenas cantos tenebrosos e pontos esbranquiçados.

João Valjean avançou com precaução, evitando es-

barrar-se nos moveis. Ouvia no fundo do quarto a respiração cadente e tranquillã do bispo adormecido.

Parou de repente. Achava-se junto da cama. Chegára mais depressa do que teria julgado.

A natureza ajunta ás vezes as suas obras e espec-taculos ás nossas accções com uma especie de coinci-dencia severa e intelligente, como se quizesse levar-nos a reflectir. Havia quasi meia hora que uma nu-vem cobria o céu. No momento em que João Valjean parou deante da cama, essa nuvem rasgou-se, como se o fizera de proposito, e um raio de lua, entrando pela comprida janella, veio de subito allumiar o rosto pallido do bispo. Dormia tranquillamente. Para res-guardar-se do frio das noites dos Baixos-Alpes, tinha um vestido de lan escura que lhe cobria os braços até aos pulsos. A cabeça descansava no travesseiro na attitude descuidada do repouso; pendia-lhe fóra da cama a mão ornada com o anel pastoral, e da qual haviam cahido tantas boas obras e accções santas. Todo o rosto se illuminava com uma vaga expressão de contentamento, de esperança e de beatitude. Era mais do que um sorriso, e quasi esplendor. Havia na-quella fronte a inexprimivel reverberação de uma luz que não se vê. A alma dos justos durante o somno contempla um céu mysterioso.

Um reflexo desse céu allumiava o bispo.

Era ao mesmo tempo uma transparencia luminosa, porquanto esse céu estava dentro d'elle. Esse céu era a sua consciencia.

No momento em que o raio de lua veio sobrepôr-se, por assim dizer, áquella luz interior, o bispo adorme-cido appareceu como que revestido de gloria.

Tudo isto porém ficou calmo e envolto n'uma pe-numbra ineffavel. Aquella lua no céu, aquella natu-reza adormecida, aquelle jardim onde um só ramo não se agitava, aquella casa tam tranquillã, a hora, o momento, o silencio, davam um quê de solemne e indizivel ao veneravel repouso daquelle homem, e envolviam em uma aureola magestosa e serena aquel-les cabellos brancos, aquelles olhos fechados, aquelle semblante onde tudo era esperança e onde tudo era confiança, aquella fronte de ancião e aquelle somno de creança.

Quanto a João Valjean, esse estava do lado do escuro, com o seu esqueleto de ferro na mão, em pé, immovel, espantado ante aquelle velho luminoso. Nunca vira cousa assim. Aquella confiança assombrava-o. O mundo moral não poderia ostentar mais magnifico espectáculo do que esse: uma consciencia perturbada e inquieta, prestes a commetter uma má acção, e contemplando o somno de um justo.

Aquelle somno, aquelle isolamento, e com um vizinho tal como elle, tinha alguma cousa sublime que o abalava vaga, mas imperiosamente.

Ninguém teria podido dizer o que se passava dentro d'elle, nem elle mesmo. Para bem comprehende-lo imagine-se o que ha de mais violento em presença do que ha de mais brando. Nem mesmo no semblante nada lhe teria podido distinguir com certeza. Manifestava uma especie de espanto feroz. Olhava para aquillo. Nada mais. Mas qual era o seu pensamento? Fôra impossivel adivinha-lo. O que era evidente é que elle estava commovido e profundamente abalado. Mas de que natureza era essa commoção?

Os seus olhos não se despregavam do ancião. A unica cousa que se inferia claramente da sua attitudo e da sua physionomia era uma estranha indecisão. Dissereis que elle hesitava entre os dous abysmos, aquelle onde o homem se perde e aquelle onde se salva. Parecia prestes a esmigalhar aquella cabeça ou a beijar aquella mão.

Ao cabo de alguns instantes, o seu braço esquerdo levantou-se lentamente até á fronte, e elle tirou o boné, depois o braço abaixou-se com a mesma lentidão, e João Valjean voltou á sua contemplação, com o boné na mão esquerda, a maça na direita, erriçados os cabellos na fronte feroz.

O bispo continuava a dormir em paz profunda sob aquelle olhar medonho.

Um reflexo da lua deixava lobrigar, em cima da chaminé, o crucifixo que parecia abrir os braços para ambos, com uma benção para um e o perdão para o outro.

De repente João Valjean tornou a pôr o boné na cabeça, depois caminhou rapidamente, ao longo da cama, sem olhar para o bispo, em direitura ao arma-

rio que divisava á cabeceira; levantou o espedaço de ferro como para arrombar a fechadura; a chave estava nella; abriu-a; a primeira cousa que lhe appareceu foi o cabaz que continha a prata; apoderou-se delle, atravessou o quarto a passos largos sem precaução, sem se importar com a bulha, chegou á porta, tornou a entrar no oratorio, abriu a janella, pegou no seu bordão, pulou o peitoril, metteu a prata dentro do sacco, lançou fóra o cabaz, encaminhou-se para o fundo do jardim, saltou por cima do muro como um tigre e afastou-se precipitadamente.

XII

O BISPO TRABALHA.

No dia seguinte, ao nascer do sol, Bemvindo passeiava no seu jardim. Magloria veio a toda a pressa ter com elle profundamente commovida.

—Excellentissimo, excellentissimo, gritou ella, vossa grandeza sabe onde está o cabaz da prata?

—Sei, disse o bispo.

—Ora louvado seja Jesus Christo Nosso Senhor! tornou a creada. Pois eu não sabia o que era feito d'elle.

O bispo acabava de apanhar o cabaz que se achava dentro de um alegrete. Apresentou-o a Magloria.

—Ei-lo.

—E então? disse ella. Está vazio! e a prata?

—Ah! retorquiu o bispo. E' pois a prata que a preocupa? Não sei onde ella está.

—Deus de misericordia! foi roubada! foi o homem de hontem á noite que a roubou!

Em um abrir e fechar de olhos, com toda a sua vivacidade de velha expedita, Magloria correu ao oratorio, entrou na alcova e voltou a ter com o bispo. O bispo acabava de abaixar-se, e contemplava, sus-

pirando, um pé de cochlearia *des Guillons* que o cabaz quebrara ao cabir no alegrete. Levantou-se ao grito que soltou Magloria:

—Excellentissimo, o homem já lá não está! A prata foi roubada!

Ao passo que soltava esta exclamação, fitava Magloria os olhos n'um canto do jardim, onde se viam vestígios de escalada. O tejadilho do muro tinha ficado quebrado.

—Vêde! foi por alli que elle fugiu. Saltou para a travessa Cocheilet! Ah! que abominação! Furtou-nos a nossa prata!

O bispo ficou um instante silencioso depois levantou os olhos cheios de seriedade, e disse com brandura para Magloria:

—E, a fallar a verdade, pertencia-nos essa prata?

Magloria ficou estupefacta. Houve ainda um momento de silencio, depois o bispo continuou:

—Magloria, eu fazia mal em ter em meu poder, e ha tanto tempo, essa prata. Ella pertencia aos pobres. Quem era esse homem? Um pobre evidentemente.

—Ai Jesus! tornou Magloria. Não é por mim nem pela senhora que eu fallo. Nós não nos importamos com isso. Mas é por v. exc. Com que ha de comer agora?

O bispo olhou para ella com ar admirado:

—E esta! pois não ha talheres de estanho?

Magloria encolheu os hombros.

—O estanho tem um cheiro metalico.

—Nesse caso sejam de ferros os talheres.

—O ferro tambem deixa gosto na comida.

—Pois bem, disse o bispo, comerei com talheres de páu.

Instantes depois almoçava elle na mesma mesa a que João Valjean se sentára na vespera. Ao passo que ia almoçando, Bemvindo mostrava alegremente á sua irman, que nada dizia, e a Magloria, que resmoneava, a nenhuma necessidade que havia de colher ou de garfo, mesmo de páu, para molhar um pedaço de pão em uma chicara de leite.

—Vejam que lembrança! dizia Magloria comsigo andando de um lado para outro, acolher um homem de tal jaez! e dar-lhe um quarto vizinho ao seu! foi

realmente uma providencia ter-se elle contentado com roubar! Ah! meu Deos! só de pensa-lo fica a gente a tremer!

—Eram o irmão e a irman levantar-se da mesa, quando batteram á porta.

—Entre quem está ahí, disse o bispo.

A porta abriu-se. Um grupo estranho e violento appareceu no limiar. Tres homens alli estavam aggarando um individuo pela golla. Os tres homens eram soldados de policia; o outro era João Valjean.

Um sargento, que parecia commandar o grupo, estava junto da porta. Entrou e encaminhou-se para o bispo fazendo continencia militar.

—Excellentissimo, disse....

A esta palavra, João Valjean, que estava taciturno e parecia abatido, levantou a cabeça com ar estupefacto.

—Excellentissimo! murmurou elle. Então não é o cura....

—Silencio, disse um soldado. É s. exc. o sr. bispo.

No entretanto Bemvindo approximava-se tam depressa quanto lh'o permitia a sua idade avançada.

—Ah! é o senhor! exclamou olhando para João Valjean. Muito folgo de o ver. Mas, é verdade, eu lhe tinha dado tambem os castiçaes, que são de prata, como as outras peças, e pelas quaes poderão dar-lhe seguramente duzentos francos. Porque os não levou com os seus talheres?

João Valjean arregalou os olhos e fitou o veneravel bispo com uma expressão que lingua alguma humana poderia reproduzir.

—Então o que este homem dizia era verdade, exm.? disse o sargento de policia. Nós o encontrámos. Caminhava como quem ia fugindo. Fizemo-lo parar para ver. Achamo-lo com esta prata....

—E elle lhe disse, interrompeu o bispo sorrindo-se, que lhe fôra dada por um velho padre bonachão, em cuja casa passára a noite? está visto. E o senhor obrigou-o a voltar aqui para certificar-se? pois houve engano da sua parte.

—Nesse caso, replicou o sargento, podemos deixa-lo ir em paz?

—Certamente, respondeu o bispo.

Os soldados de policia largaram João Valjean que recuou.

—Estou solto devéras? disse com voz quasi inarticulada e como se fallasse dormindo.

—Sim, estás solto, pois não ouves? disse um soldado.

—Meu amigo, continuou o bispo, antes de ir-se, aqui estão os seus castiçaes. Tome-os.

Encaminhou-se para a chaminé, pegou nos dous castiçaes de prata e apresentou-os a João Valjean. As duas mulheres viam o que elle fazia sem dizerem palavra, sem um gesto, sem um olhar que pudesse contrariar o bispo.

João Valjean sentia todo o corpo tremer-lhe. Pegou nos castiçaes machinalmente e com ar attonito.

—Agora, disse o bispo vá-se embora em paz.—A proposito, quando aqui voltar, meu amigo, é escusado passar pelo jardim. Póde entrar e sáhir sempre pela porta da rua. Tanto de dia como de noite, ella apenas está fechada com o trinco.

Depois, voltando-se para os soldados de policia:—Senhores, podem retirar-se.

Os policiaes sahiram.

João Valjean parecia um homem prestes a desmaiar.

O bispo approximou-se d'elle, e disse-lhe em voz baixa:

—Não esqueça, nunca esqueça que me prometeu empregar o valor dessa prata em tornar-se homem honrado.

João Valjean, que não se lembrava de ter feito promessa alguma, ficou estupefacto. O bispo carregou nestas palavras pronunciando-as. Proseguiu em tom solemne:

—João Valjean, meu irmão, já não pertence ao mal, mas ao bem. Acabo de comprar-lhe a alma; arranco-a aos negros pensamentos e ao espirito da perdição, e dou-a a Deus.

XIII.

GERVASINHO.

João Valjean sahiu da cidade como se fugisse. Poz-se a andar apressadamente pelos campos, seguindo os caminhos e os trilhos que se apresentavam, sem notar que a cada instante andava para traz. Vagueou assim toda a manhan, sem ter comido e sem sentir fome. Agitavam-n'o uma infinidade de sensações novas. Sentia uma especie de colera; não sabia contra quem. Fôra-lhe impossivel dizer se se achava commovido ou humilhado. Momentos havia em que lhe assomava á alma um enternecimento estranho que elle combatia e a que oppunha o endurecimento contrahido durante os ultimos vinte annos da sua vida. Este estado fatigava-o. Via com inquietação turbar-se dentro em si mesmo a especie de calma horrivel que a injustiça do seu infortunio lhe havia dado. A si mesmo perguntava o que poderia supprir a falta dessa calma. Instantes houve em que teria por sem duvida preferido achar-se preso em poder dos soldados de policia, e que as cousas não se tivessem passado assim; por tal forma menor houvera sido o seu abalo.

Bem que o inverno estivesse bastante adiantado, havia ainda aqui e alli nas sebes algumas flôres serodias cujo perfume, embalsamando o ar que elle deslocava caminhando, lhe trazia á mente recordações da infancia. Essas recordações eram-lhe quasi insupportaveis, porquanto havia muito tempo que não lhe acudiam ao espirito.

Inexprimiveis pensamentos accumuláram-se assim nelle todo o dia.

O sol tocava ao seu occaso, fazendo prolongar-se pelo chão a sombra do menor seixo, e João Valjean achava-se sentado por detrás de uma mouta em uma grande planicie avermelhada e absolutamente deserta. No horisonte nada mais havia do que os Alpes. Nem sequer se avistava ao longe o campanario de alguma aldêa. João Valjean achava-se a umas tres leguas de distancia de D... Um trilho que atravessava a planicie passava a alguns passos da mouta.

No meio daquella meditação que não pouco houvera contribuido para tornar os seus andrajos medonhos a quem quer que alli o tivesse encontrado, ouviu um ledor rumor.

Voltou a cabeça e viu vir caminhando pelo trilho um pequeno saboyano de cerca de dez annos que cantava, com a sua sanfona ao lado e a sua marmota ás costas.

Era uma dessas meigas e risonhas creanças que vagueam de paiz em paiz, mostrando os joelhos pelos buracos das calças.

Ao mesmo tempo que o pequeno cantava, parava de espaço a espaço, e punha-se a jogar com algumas moedas que tinha na mão, toda a sua fortuna provavelmente. Entre essas moedas havia uma de quarenta soldos.

O menino parou junto da mouta sem ver João Valjean, e atirou para o ar o seu punhado de moedas, que até alli aparára todas com bastante destreza nas costas da mão.

Desta vez a moeda de quarenta soldos escapou-lhe, e rolou para o lado da mouta até junto de João Valjean.

João Valjean pôz-lhe o pé em cima.

No entanto o menino tinha acompanhado a sua moeda com os olhos e avistára-o.

Não se perturbou e caminhou direito para o homem.

Aquelle sitio era totalmente solitario. Até onde podia estender-se o olhar, não se avistava viva alma na planície nem no trilho. Apenas se ouviam os gritosinhos fracos de uma nuvem de passaros de arribação que atravessavam o céu em uma altura immensa. O menino tinha as costas voltadas para o sol, que lhe dava uns reflexos do ouro aos cabellos e enrubecia com sanguineo clarão o fero semblante de João Valjean.

—Senhor, disse o saboyaninho com a confiança da infancia que se compõe de ignorancia e de innocencia, que é da minha moeda?

—Como te chamas? disse João Valjean.

—Gervasinho, senhor.

—Vae-te em embora, retrucou João Valjean.

—Senhor, tornou o pequeno, entregue-me a minha moeda.

João Valjean abaixou a cabeça e não respondeu.

O menino repetiu:

—Quero a minha moeda, senhor!

Os olhos de João Valjean conservaram-se fitos no chão.

—A minha moeda! gritou o menino, a minha moeda de prata! quero o meu dinheiro!

Dissereis que João Valjean não ouvia. O pequeno agarrou-o pela golla da camisola e sacudiu-o. E ao mesmo tempo forcejava por afastar o sapatão ferra-do que escondia o seu thesouro.

—Quero a minha moeda! a minha moeda de quarenta soldos!

O pequeno chorava. João Valjean levantou a cabeça. Elle deixava-se estar sentado. Seus olhos mostravam-se cheios de inquietação. Fitou-os no menino como que espantado, depois estendeu a mão para o seu bordão e bradou com voz terrivel:

—Quem és tu?

—Sou eu, senhor, respondeu o menino. Sou eu! eu! Gervasinho! dê-me os meus quarenta soldos, por quem é! tire o seu pé, senhor, por quem é!

Depois encolerisado, bem que pequenino, e com ar quasi ameaçador:

—Então, tira ou não tira o pé? Tire o seu pé, ande!

Ah! és tu ainda! disse João Valjean; e erguendo-se de repente sem tirar o pé de cima da moeda de prata accrescentou: Pois ainda não déstes ás trancas?

O pequeno encarou-o assustado, depois entrou a tremer como varas verdes, e passados alguns segundos de estupefação, deitou a fugir correndo o mais depressa que lhe era possível, sem se animar a voltar a cabeça nem a soltar um grito.

Comtudo, chegado a certa distancia, teve de parar por faltar-lhe o folego, e João Valjean, no meio da meditação em que se absorvia, ouviu-o soluçar.

Ao cabo de alguns instantes o menino desaparecera.

O sol tinha-se recolhido.

A escuridão começava a rodear João Valjean. Elle não comêra todo o dia; é provavel que tivesse febre.

Deixára-se ficar de pé, e não mudara de attitude desde que o pequeno fugira. A respiração agitava-lhe o peito com intervallos longos e desiguaes. Fitos os olhos em uma distancia de dez ou doze passos, parecia estudar com profunda attenção um velho caco de louça azul que jazia sobre a relva. De repente estremeceu; acabava de sentir o frio da noite.

Enterrou o boné na cabeça, tratou machinalmente de abotoar a camisola, deu um passo, e abaixou-se para apanhar o bordão que estava no chão.

Nesse momento avistou a moeda de quarenta soldos que o seu pé quasi fizera enterrar-se no chão e que brilhava entre os seixos. Mal a avistou, sentiu uma especie de choque galvanico.—Que é isto? disse por entre dentes. Deu tres passos para trás, depois parou, sem poder despregar os olhos daquelle ponto que o seu pé calcára havia pouco, como se aquella cousa que alli luzia no escuro fosse um olho que o fitasse.

No fim de alguns minutos, atirou-se convulsivamente áquella moeda, agarrou nella, e, erguendo-se, pôz-se a estender a vista pela planicie, lançando successivamente os olhos para todos os pontos do horizonte, em pé e tremulo, qual alimaria assustada que busca um asylo.

Nada avistou. Cahia noite, a planicie estava triste e como que envolta em mysterio, as ennevoadas ex-

145
halações da terra subiam ao céu reflectindo o rosicler da tarde.

Elle disse: Ah! e pôz-se a caminhar rapidamente em direcção certa para o lado onde o menino desaparecera. Depois de ter dado uns trinta passos parou, pôz-se a olhar e nada avistou.

Então gritou com quanta força tinha:

—Gervasinho! Gervasinho!

Colou-se, e esperou.

Ninguém respondeu.

A campina estava deserta e escura. Cercava-o a amplidão. Em torno d'elle não havia mais do que a escuridão em que se perdiam as suas vistas, e o silencio em que se perdia a sua voz.

Um vento glacial soprava, e dava ás cousas ao redor d'elle uma especie de vida lugubre. Alguns arbustos sacudiam os galhozinhos desfolhados com uma furia incrível. Pareciam ameaçar e perseguir alguém.

João Valjean pôz-se de novo a caminhar, depois deitou a correr, e de espaço a espaço parava, e bradava no meio daquella solidão, com uma voz qual nunca se ouvira mais formidavel nem mais afflicta:

—Gervasinho! Gervasinho!

Se o menino o tivesse ouvido, de certo houvera ficado com medo e teria tido a cautela de não se apresentar. Mas elle já estava sem duvida bem longe dahi.

João Valjean encontrou um padre que vinha a cavallo. Encaminhou-se para elle e disse-lhe:

—Senr. cura, vmc. não encontrou ahi adiante um rapazinho? . . .

—Não, respondeu o padre.

—Um pequeno chamado Gervasinho.

—Não vi ninguém.

Tirou da bolsa de couro duas moedas de cinco francos e deu-as ao padre.

—Senr. cura, isto é para os seus pobres. Senr. cura, o pequeno de que eu fallo deve ter os seus dez annos e leva uma marmota, creio eu, e uma sanfona. Elle ia como quem viaja. É um desses saboyanos que se encontram pelas estradas, o senhor não sabe?

—Não o vi.

—Chama-se Gervasinho. Não será de alguma das aldéas vizinhas? O senhor saberá dizer-mo?

—Se é assim como vmc. diz, meu amigo, esse pequeno é estrangeiro. Muitos delles passam a miudo por estes sitios. Ninguem os conhece.

João Valjean tirou arrebatadamente da bolsa outros dous escudos de cinco francos, que deu ao padre.

—Isto é para os seus pobres, disse.

Depois accrescentou, como que delirando:

—Senr. abbade, mande-me prender. Sou um ladrão.

O padre esporeou a cavalgadura e fugiu assustadissimo.

João Valjean deitou a correr na direcção que a principio seguira.

Percorreu assim uma grande extensão de caminho, olhando, chamando e gritando, porem não encontrou mais ninguem. Duas ou tres vezes correu na planicie para um ou outro vulto que lhe parecêra o de um ente deitado ou agachado; não eram senão tufos de herva ou penedos meio enterrados no chão. Emfim parou em um lugar onde tres caminhos se cruzavam. A lua tinha sahido. Estendeu a vista ao longe e gritou pela ultima vez: Gervasinho ! Gervasinho ! Gervasinho ! O grito perdeu-se no nevoeiro, sem despertar sequer um écho. Murmurou ainda: Gervasinho ! mas com voz fraca e quasi inarticulada. Foi o seu ultimo esforço; as pernas dobráram-se-lhe repentinamente, como se um poder invisivel o esmagasse com todo o peso da sua perversa consciencia; cahiu exausto em cima de uma pedra, com as mãos mettidas nos cabellos e o rosto escondido entre os joelhos, e bradou: Sou um miseravel !

Abriu-se-lhe então o coração e elle pôz-se a chorar. Era a primeira vez que chorava havia dezenove annos.

Quando João Valjean sahira de casa do bispo, o leitor já o viu, achava-se como que alheio a tudo que até alli tivera no pensamento. Não podia explicar o que se passava dentro em si mesmo. Reagia contra a acção angelica e contra as doces palavras do velho: « O senhor prometeu-me tornar-se homem honrado. Comprei-lhe a alma. Arranco-a ao espirito de perversidade e dou-a ao bom Deus. » Este dito soava-lhe de continuo aos ouvidos. Elle oppunha a essa indulgencia celeste o orgulho, que em nós é como que a fortaleza do mal. Sentia indistinctamente que o per-

dão daquelle padre era o maior assalto e o mais formidável ataque que até alli o havia abalado; que o seu endurecimento seria definitivo se resistisse a essa clemencia: que se cedesse teria de renunciar ao odio que as acções dos outros homens lhe haviam accumulado na alma por tam largos annos, e que lhe era grato; que dessa vez cumpria vencer ou ser vencido, e que a luta, uma luta colossal e definitiva, estava travada entre a sua propria maldade e a bondade daquelle homem.

No meio de todos estes clarões ia elle andando como um homem embriagado. Enquanto assim caminhava com os olhos desvairados, teria João Valjean percepção distincta do que poderia resultar para elle da sua aventura em D. . . ? Ouviria esses murmúrios mysterioses que avisam ou importunam o espirito em certos momentos da vida? Dir-lhe-ia alguma voz ao ouvido que elle acabava de atravessar a hora solemne do seu destino, que já não havia meio termo para elle, que se dalli em deante não fosse o melhor dos homens seria o peor; que importava, por assim dizer, que elle subisse mais alto do que o bispo ou tornasse a cahir abaixo do galé; que, se quizesse tornar-se bom, cumpria-lhe tornar-se um anjo; que, se quizesse conservar-se perverso, cumpria-lhe tornar-se monstro?

Aqui releva fazermos ainda uma vez estas perguntas que já a nós mesmos fizemos em outra parte: reteria elle confusamente algum vestigio de tudo isto em seu pensamento? A desgraça, como já dissemos, educa na verdade a intelligencia; comtudo não é crível que João Valjean se achasse em estado de bem explicar tudo o que aqui indicamos. Se estas idéas lhe acudiam, antes as lobrigava do que as via, e só davam em resultado lança-lo em uma perturbação inexprimivel e quasi dolorosa. Ao sahir desse antro desforme e lobrego que chamamos galés, o bispo offendera-lhe a alma como uma luz demasiado viva poderia ter-lhe offendido os olhos sahindo das trevas. A vida futura, a vida possível que dalli em deante se lhe offerecia, toda cheia de pureza e de esplendor, enchia-o de calafrios e de anxiedade. Elle já não sabia ao certo em que ponto se achava. Como uma coruja que visse de subito nascer o sol, o forçado ficára deslumbrado e como que cego á vista da virtude.

O que era certo, o que elle de forma alguma percebia, era que deixára de ser o mesmo homem, era que tudo nelle estava mudado, era que já não estava em seu poder fazer que o bispo não lhe tivesse fallado e não o tivesse commovido.

Nesta situação de espirito, encontrára Gervasinho e roubara-lhe os quarenta soldos. Porque? De certo elle não o teria podido explicar: seria um ultimo effeito e como que um supremo esforço dos máus pensamentos que trouxera da prisão, um resto de impulso, um resultado do que se chama em estatica *força adquirida*?

Era isso, e por ventura tambem ainda menos do que isto. Digamo-lo claramente, não era elle quem tinha roubado, não era o homem, mas sim a parte animal que, por habito e por instincto, puzera estupidamente o pé em cima daquella moeda, ao passo que a intelligencia labutava no meio de tantas obcessões inauditas e novas. Quando a intelligencia despertou e viu aquella acção do seu instrumento animal, João Valjeau recuou tomado de angustia e soltou um grito de terror.

É que, phenomeno estranho e que só era possivel na situação em que elle se achava, roubando aquelle dinheiro ao menino fizera uma cousa de que já se havia tornado incapaz.

Como quer que fosse, aquella ultima má acção produziu nelle um effeito decisivo; atravessou de subito o chãos que tinha na intelligencia e dissipou-o, pôz de um lado as trevas e do outro lado a luz, e actuou-lhe sobre a alma, no estado em que ella se achava, como alguns reagentes chimicos actuam sobre uma mistura turva precipitando um elemento e clarificando o outro.

Para logo, antes mesmo de examinar-se e de reflectir, espavorido, como um homem que busca escapar-se tratou de descobrir o menino para restituir-lhe o seu dinheiro; depois, quando viu que isso era inutil e impossivel, parou desesperado. No momento em que bradou: Sou um miseravel! acabava de ver-se tal qual era e já se achava por tal fórma separado de si mesmo que parecia-lhe que não era mais que um phantasma, e que via deante de si, em carne e osso, o hediondo galé João Valjean com o bordão na mão, vestido de camisola, tendo ás costas o seu sacco cheio de

objectos roubados, com o rosto resolute e carrancudo, com a mente cheia de abominaveis projectos.

O excesso do infortunio, já nós o ponderamos, tornara-o de alguma sorte visionario. Tudo isto foi como uma visão. Elle viu verdadeiramente aquelle João Valjean, aquelle rosto sinistro deante de si. Quasi perguntou a si mesmo quem era aquelle homem, e delle teve horror.

O seu cerebro achava-se em uma dessas situações violentas, embora horivelmente calmas, em que o devaneio é tam profundo que absorve a realidade. Neste estado deixamos de ver os objectos que estão deante de nós, e vemos como que fóra de nós mesmos as imagens que temos no espirito.

Elle contemplou-se, pois, por assim dizer, face a face; e ao mesmo tempo, por entre a sua hallucinação, via em uma profundez mysteriosa uma especie de luz que a principio tomou por um facho. Olhando mais attentamente para essa luz que se apresentava á sua consciencia, reconheceu que ella tinha fórma humana, e que esse facho era o bispo.

A sua consciencia considerou alternativamente esses dous homens assim postos deante della, o bispo e João Valjean. Foi quanto bastou para que aquelle eclipsasse este. Por um desses effeitos raros, que são peculiares a taes extasis, á medida que se prolongava o seu devaneio, o bispo avultava e resplandecia aos seus olhos, João Valjean decrescia e esvaia-se. Momentos depois já não era mais do que uma sombra. De repente desapareceu. Só o bispo tinha ficado.

Elle enchia de um esplendor magnifico a alma daquelle miseravel.

João Valjean chorou por largo espaço. Chorou lagrimas ardentes, chorou soluçando, mais fraco do que uma mulher, mais medroso do que uma creança.

Á medida que elle chorava, entrava-lhe a luz a mais e mais no cerebro, uma luz extraordinaria, uma luz encantadora e terrivel ao mesmo tempo. Sua vida passada, seu primeiro crime, sua longa expiação, seu embrutecimento exterior, seu endurecimento interior, sua sahida da prisão que tantos planos de vingança ainda mais grata lha tornavam, o que lhe acontecera em casa do bispo, a ultima cousa que fizera, esse roubo de qua-

reuta soldos de que fôra victima uma creança, crime tanto mais infame e monstruoso quanto havia sido commettido após o perdão do bispo, tudo isto acudiu-lhe e apresentou-se-lhe ao espirito claramente, mas allunniado por uma luz que nunca tinha visto até então. Olhou para a sua vida, e ella pareceu-lhe horrivel; para a sua alma, e ella pareceu-lhe medonha. Sobre essa vida, porém, e sobre essa alma, havia um clarão suave. Parecia-lhe que via Satanaz á luz do paraíso.

Quantas horas chorou elle assim? o que fez depois de ter chorado? para onde foi? ninguem o soube nunca. O que sómente parece averiguado é que naquella mesma noite o almocreve que nessa época viajava de Grenoble para D..., onde costumava chegar pelas tres horas da madrugada, viu ao atravessar a rua do palacio episcopal um homem na attitude de quem ora, de joelhos na calçada, do lado do escuro, deante da porta de Bemvindo.

FIM DO LIVRO SEGUNDO.

LIVRO TERCEIRO.

PARTIDA.

I

O ANNO DE 1817.

1817 é o anno que Luiz XVIII, com uma certa imperturbabilidade que não era estreme de altivez, chamava o vigesimo-segundo do seu reinado. É o anno em que Bruguière Sorsum era celebre. Todas as lojas de cabelleireiro, esperando os *pós* e a volta do passaro real, estavam pintadas de azul e esmaltadas de flôres de liz. Era o tempo candido em que o conde Lynch apparecia sentado todos os domingos como moço do côro em um banco da capella-mór da egreja de Saint-Germain-des-Prés, vestidos de par de França, com a sua grã-cruz vermelha e o seu immenso nariz, ostentando essa magestade de perfil propria de um homem que praticou uma acção famosa. A acção famosa praticada por Lynch consistia no seguinte: a 12 de março de 1814, sendo elle *maire* de Bordeos, tinha-se dado alguma pressa em entregar a cidade ao senr. duque de Angoulême. Dahi a sua elevação ao pariato. Em 1817 a moda abafava os meninos de quatro para seis annos debaixo de amplos bonés de marroquim com orelhas bem semelhantes ás mitras

que trazem os esquimáus. O exercito francez trajava uniforme branco, á austriaca; os regimentos chamavam-se legiões; em vez de numeros tinham os nomes dos departamentos. Napoleão estava em Santa-Hele-na, e, como a Inglaterra não queria dar-lhe panno verde, fazia concertar as suas fardas velhas virando-as do avesso. Em 1817, Pellegrini cantava, Bigotini dansava; Potier reinava; Odry não existia ainda. A mulher de Saqui succedia a Forioso. Ainda havia prussos em França. A legitimidade acabava de consolidar-se cortando primeiro o punho, depois a cabeça, a Pleignier, a Carbonneau e a Tolleron. O principe de Talleyrand, camarista-mór, e o abbade Luiz, ministro designado das finanças, encaravam-se rindo com o riso de dous augures; ambos tinham celebrado no dia 14 de julho de 1790 a missa da federação no Campo de Marte; Talleyrand dissera-a como bispo, Luiz ajudára-a como diacono. Nas alamedas desse mesmo Campo de Marte avistavam-se, expostos á chuva, apodrecendo no meio da relva, grossos cylindros de madeira pintados de azul, com vestigios de aguias e de abelhas desdouradas. Eram as columnas que dous annos antes tinham sustentado o palanque do imperador no *Campo de Maio*. Mostravam ellas em alguns lugares manchas negras que lhes haviam resultado das fogueiras acesas pelos austriacos acampados perto do Gros-Caillou. Duas ou tres dessas columnas tinham sido consumidas nas fogueiras desses acampamentos, e haviam aquecido as enormes mãos dos *kaiserlicks*. Á singularidade do *Campo de Maio* estivera em ter tido lugar no mez de junho, e no Campo de Marte (a). Nesse anno de 1817 havia duas cousas populares: o *Voltaire-Touquet* e as *bocetas á carta*. O alvoroço mais recente dos parizienses era o crime de Dautun; que lançára a cabeça de seu irmão dentro do tanque do Mercado das Flores. No ministerio da marinha começava a reinar inquietação por não terem ainda chegado noticias da fatal fragata *Meduza*, que devia cobrir de vergonha

(a) *Mars*, que significa o deos Marte, tambem significa o mez de março; é nesta accepção que o autor o emprega, fazendo um trocadilho.

Chammareix e de gloria Géricault. O coronel Silves ia para o Egypto para la se tornar Solimão Bachá. O palacio das Thermas, na rua de La Harpe, servia de officina a um tanoeiro. Via-se ainda na plataforma da torre octogona do palacio de Cinoy a casinha de taboas que servira de observatorio a Messier, astrônomo da marinha no reinado de Luiz XVI. A duqueza de Ducas, no seu camarim adereçado com moveis em forma de X e estofados de azul-celeste, lia a inedita *Ourika* a tres ou quatro amigos. No Louvre tiravam-se de toda a parte os N. A ponte de Austerlitz abdicava e intitulava-se ponte do Jardim do Rei, duplo enigma que disfarçava a um tempo a ponte de Austerlitz e o jardim das Plantas. Luiz XVIII, preocupado, ao passo que ia notando o seu Horacio a unhas, com os heróes que se fazem imperadores, e com os tamanqueiros que se fazem *delphins*, tinha dous motivos de desassocego, Napoleão e Mathusino Bruneau. A academia franceza punha em concurso o seguinte thema: *a dita que resulta do estudo*. M. Bellart era oficialmente eloquente. Via-se crescer á sua sombra o futuro advogado geral Broë, fadado aos sarcasmos de Paulo Luiz Courier. Havia um falso Châteaubriand chamado Marchangy, em tanto não apparecia um falso Marchangy chamado Arlincourt. *Clara d'Alba* e *Malek-Adel* eram obras primorosas; a Cottin era tida como a primeira entre todos os escriptores da época. O instituto mandava riscar da sua lista o academico Napoleão Bonaparte. Um decreto do rei erigia Angoulême em escola de marinha, porquanto, sendo o duque d'Angoulême grande almirante, era evidente que a cidade d'Angoulême tinha de direito todas as qualidades de um porto de mar, pois do contrario se offenderia o principio monarchico. Os ministros deliberavam em conselho para saber se deviam tolerar-se as figuras representando attitudes acrobaticas, que realçavam os cartazes de Franconi e attrahiam as chusmas de libertinos que perambulavam pelas ruas. Paër, autor da *Agnese*, velho de cara quadrada, que tinha uma verruga na face, dirigia os pequenos concertos familiares da marquezia de Sassenaye, na rua de la Ville-l'Evêque. Todas as moças cantavam o *Ermittão de Saint-Avelle*, cuja letra era de Edmundo Gerard. O *Anão amarello* transforma-se em *Espelho*. O

café Lemblin era pelo imperador, contra o café Valois, que era pelos Bourbons. Acabava de effectuar-se o casamento de uma princeza da Sicilia com o snr. duque de Berry, que Louvel já espiava do fundo das trevas. Havia um anno que Staël fallecêra. Os guardas do rei pateavam a Mars. Os grandes jornaes eram pequeninos. O formato era acanhado, mas a liberdade era ampla. O *Constitucional* era constitucional. A *Minerva* chamava Châteaubriand *Châteaubriant*. Este *t* fazia rir muito aos burguezes á custa do grande escriptor. Nos jornaes vendidos jornalistas prostituidos insultavam os vencidos de 1815; David já não tinha talento, Arnault já não tinha espirito, Carnot já não tinha probidade; Soult nunca ganhára batalha alguma; verdade seja que Napoleão já não tinha genio. Ninguém ignora que é muito raro que as cartas dirigidas pelo correio a um desterrado lhe cheguem as mãos, porquanto as policias consideram como um dever religioso intercepta-las. O facto não é novo; Descartes, banido, já se queixava disto. Ora, tendo David, em um jornal belga, mostrado algum enfado por não receber as cartas que lhe eram escriptas, o caso pareceu engraçado ás folhas realistas, que por tal motivo mettião a rediculo o proscripto. Dizer *os regicidas* ou dizer *os votantes*; dizer *os inimigos*, ou dizer *os alliados*; dizer *Napoleão*, ou dizer *Buonaparte*, era quanto bastava para separar dous homens mais profundamente do que por um abysmo. Os homens sensatos eram unanimes em confessar que a era das revoluções fôra para sempre fechada pelo rei Luiz XVIII, appellidado—O immortal autor da carta—. No terrapleno da Ponte-Nova esculpia-se a palavra *Redivivus* no pedestal que aguardava a estatua de Henrique IV. Piet esboçava na rua Theresa n. 4 o seu conciliabulo para consolidar a monarchia. Os chefes da direita diziam nas conjuncturas graves: «É preciso escrever a Bacot.» Canuel, O'Mahony e de Chapelaine preparavam, até certo ponto com approvação de *Monsieur*, o que depois devia chamar-se—a conspiração da borda d'agua—. O *Alfinete Preto* conspirava pelo seu lado. Delaverderie conferenciava com Trogoff. Decazes, espirito de alguma sorte liberal, dominava. Châteaubriand, de pé todas as manhãs diante da sua janella na casa n. 27 da rua de San Domingos, de calças de enfiar e em chinelas, os cabellos

grisalhos cobertos com um lenço de seda, fitos os olhos em um espelho, tendo deante de si um estojo completo de cirurgião dentista, limpava os dentes, que eram bellissimos, ao passo que ia dictando *a monarchia conforme a carta* a Pilorge, seu secretario. A critica dominante preferia Lafon a Talma. Féletz assignava-se A; Hoffmann Z; Carlos Nodier escrevia *Thereza Aubert*. O divorcio estava abollido. Os lycêos chamavam-se collegios. Os collegiaes, que traziam uma flor de liz de ouro na golla, esmurravam-se por amor do rei de Roma. A contra-polícia do palacio denunciava á S. A. R. *Madame* o retrato, por toda a parte exposto, do snr. duque d'Orléans, o qual tinha melhor presença com a farda de coronel-general de hussaros do que o snr. duque de Berry com o uniforme de coronel-general de dragões; grave inconveniente. A cidade de Pariz fazia dourar de novo a sua custa o zimborio dos Invalidos. Os homens serios a si mesmos perguntavam o que fazia, em tal ou tal occasião, Trinquelague; Clausel de Montals divergia em diversos pontos de Clausel de Coussergues; Salaberry não estava contente. O actor Picard, que era da academia de que o actor Moliere não pudera ser membro, fazia representar *Os dous Philibertos* no Odion, em cujo frontispicio, graças aos vestigios deixados pelas letras que tinham sido arrancadas, lia-se ainda distinctamente: THEATRO DA IMPERATRIZ. Cada cidadão se pronunciava pró ou contra Cugnet de Montarlot. Fabvier era faccioso; Bavoux revolucionario. O livreiro Pélicier publicava uma edição de Voltaire, sob este titulo: *Obras de Voltaire*, da academia franceza. « Isto chama compradores », dizia aquelle ingenho editor. Era opinião geral que Carlos Loyson seria o genio do seculo; a inveja (signal de gloria) começava a mordê-lo, e fazia-se contra elle este verso:

Même quand Loyson vole, on sent qu'il a des pattes,

Recusando o cardeal Fesch demittir-se, Prins, arcebispo de Amasis, administrava a diocese de Lyon. A questão do valle dos Dappes suscitava-se entre a França e a Suissa, por uma memoria do capitão Dufour, que depois foi general. Saint-Simon, ignorado, engendrava o seu sonho sublime. Havia na academia das sciencias um Fourier celebre, que a posteridade esqueceu, e não

sei em que mansarda um Fourier obscuro de quem o porvir se lembrará. Lord Byron começava a surgir; uma nota de um poema de Millevoye annunciava-o á França nestes termos: *um tal lord Baron*. David d'Angers exercitava-se em abrandar o marmore. O abbade Caron fallava com elogio, na presença de alguns seminaristas que costumavam reunir-se em sua casa, no becco das Freiras Bernardas, de um padre desconhecido chamado Felicidade Roberto, que, passados tempos, chamou-se Lamennais. Uma cousa que fumegava e se agitava no Sena como a bulha de um cão que nada, passava e tornava a passar por baixo das janellas das Tulherias, percorrendo o espaço comprehendido entre a ponte Real e a ponte Luiz XV; era um mecanismo de bem pouca ou nenhuma serventia, uma especie de brinquedo, um sonho de inventor abstracto, uma utopia: uma barca de vapor. Os parizienses olhavam para aquella inutilidade com indifferença. Vaublanc, reformador do instituto a golpe de estado, decretos e fornadas, autor distincto de diversos academicos, depois de os ter feito não podia conseguir ser um delles. O arrabalde de San'Germano e o pavilhão Marsan desejavam para prefeito de policia Delavau por causa da sua devoção. Dupuytren e Récamier altercavam no amphitheatro da escola de medicina, e quasi chegavam ás vias de facto, por divergencias ácerca da divindade de Jesus-Christo. Cuvier, com um olho no Genesis e o outro na natureza, esforçava-se por agradar á reacção devota, pondo os fosseis de accordo com os sagrados textos, e fazendo os mastodontes lisongearrem Moysès. Francisco de Neufchateau, louvavel cultivador da memoria de Parmentier, fazia esforços inauditos para que *pomme de terre* (batata) se pronunciasse *parmentière* e não podia consegui-lo. O abbade Gregorio, ex-bispo, ex-convencional, ex-senador, passara na polemica realista ao estado—de infame Gregorio.—Esta locução que acabamos de empregar—*passar ao estado de*—era denunciada como neologismo por Royer-Collard. Podia distinguir-se ainda pela sua brancura, por baixo do terceiro arco da ponte d'Iena, a pedra nova com que, havia dous annos, se tapara o buraco da mina aberta por Blucher para fazer voar a ponte. A justiça chamava ao seu tribunal um homem que, ao ver entrar o conde d'Artois na egreja de Nossa Senhora, dissera em voz

alta: *Irra! tenho saudades do tempo em que via Bonaparte entrar no Baile-Selvagem de braço dado com Talma.* Palavras sediciosas. O homem foi condemnado a seis mezes de prisão.

Os traidores erguiam a cabeça com entono; homens que tinham passado para o inimigo na vespera de uma batalha, nada escondiam da recompensa, e arruavam impudicamente ao pino do dia com todo o cynismo das riquezas e das dignidades; desertores de Ligny e de Quatre Bras, na mais completa nudez da sua venal torpeza faziam despejadamente praça da sua dedicação monarchica; todos esqueciam o que se lê na parede interior das *water-closets* publicas em Inglaterra: *Please adjust your dress before leaving.*

Eis, confusamente rememorados, os factos que se deram no anno de 1817, hoje esquecido. A historia quasi desdenha estas minudencias, nem outro pode ser o seu expediente; o infinito a invadiria. Não obstante, estes pormenores, a que chamam impropriamente pequenos,—não ha factos pequenos na humanidade, nem folhas pequenas na vegetação,—são uteis. A figura dos seculos compõe-se da physionomia dos annos.

Nesse anno de 1817 quatro jovens parizienses fizeram —uma divertida travessura.

II

DUPLO QUATUOR.

Estes parizienses eram um de Toulouse, outro de Limoges, o terceiro de Cahorse, o quarto de Montauban; mas eram estudantes, e quem diz estudante diz parizense; estudar em Pariz é nascer em Pariz.

Estes moços nenhuma importancia tinham; eram figuras conhecidas de todos; quatro individuos parecidos com qualquer outro; nem bons nem máus, nem sabios nem ignorantes, nem genios nem imbecis; tinham a belleza desse encantador abril, que chamamos vinte annos. Eram quatro Oscars quaesquer; porquanto nessa época não existia ainda nenhum Arthur. *Queimai para elle os perfumes d'Arabia*, exclamava o romance, *Oscar ahi chega, Oscar, eu vou vê-lo!* Ossian fôra lido recentemente; a elegancia era scandinava e caledonia, as maneiras inglezas puras só mais tarde deviam prevalecer, e o primeiro Arthur Wellington mal acabava de ganhar a batalha de Waterloo.

Esses Oscars chamavam-se o primeiro Felix Tholomyès, de Toulouse; o segundo Listolier, de Cahors; o terceiro Fameuil, de Limoges; o quarto Blachevelle,

de Montauban. Cada um tinha naturalmente a sua amante. Blachevelle amava Favorita, assim chamada porque tinha estado em Inglaterra; Listolier adorava Dahlia, que tomára por appellido o nome de uma flor; Fameuil idolatrava Zephina, contracção de Josephina; Tholomyès possuía Fantina, chamada a Loura, por causa dos seus lindos cabellos, que tinham a côr do sol.

Favorita, Dahlia, Zephina e Fantina eram quatro encantadoras raparigas perfumadas e radiantes, ainda um tanto costureiras, por isso que não tinham largado de todo a agulha, distrahidas pelos namoricos, mas conservando no rosto um resto da serenidade do trabalho, e na alma essa flor de honestidade que na mulher sobrevive á primeira quêda. Entre as quatro havia uma a quem chamavam a moça, porque era a mais nova; e outra a quem chamavam a velha; a velha tinha vinte e tres annos. Para nada dissimular diremos que as tres primeiras eram mais amestradas, mais descuidosas e adeantadas no tumultuar da vida do que Fantina a Loura, que ainda passava pela primeira illusão.

Dahlia, Zephina, e sobretudo Favorita não teriam podido dizer outro tanto. Havia já mais de um episodio no seu romance apenas começado, e o amante, que se chamava Adolpho no primeiro capitulo, passava a ser Affonso no segundo e Gustavo no terceiro. Pobreza e faceirice são duas conselheiras fataes; uma ralha, a outra lisongeia; e as lindas raparigas do povo teem-las ambas a segredarem-lhes ao ouvido, cada uma do seu lado. Essas almas mal guardadas ouvem-nas. Dahi as quêdas que dão e as pedras que lhes atiram. Affrontam-as com o esplendor de tudo que é immaculado e inaccessible. Ah! se a *Jungfrau* tivesse fome?

Favorita, por ter estado em Inglaterra, tinha por admiradoras Zephina e Dahlia. Ella começára mui cedo a ser dona de casa. Seu pae era um velho professor de mathematicas, grosseiro e fanfarrão; nunca fôra casado, só pensava nas modas, apesar da idade. Esse professor, quando moço, vira um dia o vestido de uma creada pegar-se a um guarda-cinza; apaixonára-se por este accidente. Favorita era o resultado dessa paixão. De tempos a tempos encontrava-se com o pae, que a comprimentava. Certa manhan, uma velha com ar de beata

entrára-lhe pela porta dentro e dissera-lhe : Você não me conhece, menina?—Não.— Eu sou tua mãe.—Dito isto, a velha abriu o armario, bebera e comera, mandara buscar um colchão que possuia, e metter-se em casa. Essa mãe, rabugenta e devota, nunca fallava com Favorita ; passa horas inteiras sem dizer palavra, almoçava, jantava e ceia por quatro, e descia para ir metter-se no cubiculo do porteiro onde murmurava da filha.

O que levava Dahlia a entregar-se a Listolier, a outros talvez, á ociosidade, fôra o amor que tinha às suas lindas unhas rosadas. Como trabalhar com semelhantes unhas? Quem quer ser virtuosa não deve ter pena das suas mãos. Quanto a Zephina, essa conquistára Fameuil pela graça travessa e cheia de meiguice com que costumava dizer : Sim, senhor.

Assim como os moços eram camaradas, as moças eram amigas. Amores taes são sempre acompanhados de taes amizades.

Não é dado a todos ser philosopho ; e a prova é que, feitas as devidas restricções a respeito destes casaesinhos irregulares, Favorita, Zephina, e Dahalia, erã philosophas, e Fantina uma moça bem comportada.

Bem comportada! dirá alguém, e Tholomyès ? Salomão responderia que o amor faz parte da sabedoria. Quanto a nós, somente diremos que o amor de Fantina era um primeiro amor, um amor unico, um amor fiel.

Era ella a unica das quatro que não tinha senão uma só pessoa que a tratasse por tu.

Fantina era uma dessas creaturas que sóem desabrochar, por assim dizer, no fundo do povo. Sahida das mais insondaveis espessuras da sombra social, tinha na frente o signal do anonimo e do desconhecido. Ella nascêra em M.—sobre o M.— Quaes os seus progenitores? Quem poderia dize-lo? Ninguem lhe conhecera pae nem mae. Chamava-se Fantina? Por que Fantina? Ninguem lhe conhecera nunca outro nome. Na epocha do seu nascimento existia ainda o directorio. Não tinha nome de familia, porque não tinha familia ; não tinha nome de baptismo, por que a igreja então não existia. Teve o nome que aprouve ao primeiro transeunte dar-lhe, ao encontra-la ainda pequenina, caminhando descalça pelas ruas. Recebeu um nome da mesma forma por que apanhava na cabeça a agua das nuvens quando cho-

via. Chamaram-a Fantininha. Nada mais se sabia a tal respeito. Essa creatura humana entrara por tal modo na vida. Aos dez annos, Fantina deixou a cidade e foi trabalhar em casa de uns rendeiros dos arredores. Aos quinze annos voitou para Pariz afim de —buscar fortuna.—Fantina era bella, e conservou-se pura o mais tempo que pôde. Era uma linda loura com dentes bellissimos. Tinha ouro e perolas por dote; mas trazia o seu ouro na cabeça e as suas perolas na boca.

Trabalhou para viver; depois, igualmente para viver, porquanto o coração tambem tem fome; amou.

Amou Tholomyès.

Amorico para este, paixão para ella. As ruas do *bairro latino*, onde formigam estudantes e *grisettes*, viram o começo desse sonho. Fantina, naquelles dedalos da collina do Pantheon, onde principiam e se desenlçam tantas aventuras, evitara por muito tempo Tholomyès, mas de tal modo que o encontrava sempre. Ha uma maneira de evitar que se parece com o buscar. Em summa, teve lugar a egloga.

Blachevelle, Listolier e Fameuil formavam uma especie de grupo, de que Tholomyès era a cabeça. Era nelle que estava o espirito.

Tholomyès era o typo do antigo estudante velho; era rico, tinha quatro mil francos de renda, quatro mil francos de renda, esplendido escandalo na montanha de Santa Genoveva. Tholomyès era um patusco de trinta annos, mal conservado. Já tinha rugas e falta de dentes, e começava a formar-se-lhe uma calva de que elle mesmo dizia sem tristeza: *Craneo aos trinta annos, joelho aos quarenta* (*). As suas digestões eram pouco regulares, e um dos olhos estava-lhe de continuo a lagrimejar. Á medida, porem, que se lhe extinguia a inocidade, redobrava de alegria; a falta de dentes supria-a com ditos cheios de sal, a de cabellos com o seu ar prazenteiro, a de saude com a ironia, e o olho que chorava estava sempre a rir-se. Achava-se estragado,

(*) *Crâne* tambem significa um sujeito dado a desordens, a uma vida de devassidão. *Geonu*, joelho, é termo de que usam os francezes para exprimir quanto é calvo qualquer individuo. Tholomyès faz pois um trocadilho, cujo sentido é que tendo levado até alli uma vida irregularissima, não seria para admirar que aos quarenta annos se achasse completamente calvo.

mas coberto de flores. A sua mocidade, deixando-o tam prematuramente, retirava-se em boa ordem, soltando ledas gargalhadas e toda resplandecente de luz. O theatro do Vaudeville rejeitara uma peça sua. De vez em quando fazia versos sobre não sei que assumptos. Alem disso, duvidava supremamente de tudo, grande força aos olhos dos fracos. E pois, como era calvo e ironico, tornara-se o chefe dos tres. *Iron* é uma palavra ingleza que significa ferro. Seria desta palavra que se derivaria ironia?

Um dia Tholomyès chamou de parte os seus camaradas, fez um gesto de oraculo e disse-lhes:

—Ha quasi um anno que Fantina, Dahlia, Zephina e Favorita nos pedem que lhes façamos uma surpresa. Nós promettemo-lo solemnemente. Ellas estão sempre a lembrar-no-lo, sobretudo a mim. Assim como em Napoles gritam as velhas á San'Januario: *Faccia giallata, fa o miracolo*, Cara amarella, faze o teu milagre! assim as nossas bellas andam continuamente a dizer-me: Tholomyès, quando virá finalmente á luz a tua surpresa? Ao mesmo tempo recebemos cartas de nossas familias. Importunação de ambos os lados. Parece-me chegado o momento de satisfaze-las. Conversemos.

Dito isto, Tholomyès abaixou a voz, e articulou mysteriosamente o que quer que fosse, tam engraçado que uma grande e entusiastica risada soou em quatro bocas ao mesmo tempo, e Blacheville exclamou: Olé! é uma bella lembrança!

Um botequim cheio de fumaça achava-se perto; ali entraram, e o resto da sua conferencia perdeu-se na escuridão.

O resultado dessas trevas foi uma esplendida patuscada que teve lugar no domingo daquella semana, sendo as quatro raparigas convidadas pelos quatro moços.

III

QUATRO A QUATRO.

Fôra difficil formar hoje idéa do que era, ha quarenta e cinco annos, um passeio de estudantes e *grisettes* ao campo. Pariz já não tem os mesmos arrabaldes; o aspecto do que poderia chamar-se a vida circumpariziense mudou completamente dentro de meio seculo; por onde rodava o *sociavel*, voa agora o *wagon*; onde havia a fálua, estão as barcas de vapor; diz-se hoje Fécamp como outr'ora se dizia Saint-Cloud. O Pariz de 1862 é uma cidade que tem a França por suburbio.

Os quatro pares fizeram conscienciosamente todas as loucuras campestres que eram então possiveis. As férias começavam e o dia era quente e claro como sóem ser os de verão. Na vespera, Favorita, a unica d'entre as quatro que sabia escrever, mandára em nome de todas, o seguinte bilhete a Tholomyès: « E' um praser a gente sahir cedo. » Motivo porque levantaram-se ás cinco horas da manhan. Depois foram a Saint-Cloud de carro, contemplaram a cascata que estava secca e exclamaram: isto deve ser bem bonito quando estiver com agua! almoçaram na *Cabeça-Negra*, onde Castaing não tinha a-

inda estado, tiraram á argolinha no quincuncio do tanque grande, subiram á *lanterna de Diogenes*, jogaram a massapães na roleta da ponte de Sévres, colheram flores em Puteaux, compraram gaitas em Neuilly, comeram por toda a parte tortas de maçans, foram perfeitamente felizes.

As moças rumorejavam e chilravam como toutinegras a esvoaçarem. Era um delirio. De espaço a espaço davam bofetõesinhos nos moços. Enlevo matutino da vida! Adoravel idade! A aza das libellinhas estremece. Oh! vós quem quer que sejaes, lembraes-vos? Já caminhas-tes dentro de uma mata, afastando os galhos para que não tocassem o formoso rosto que vinha atrás de vós? Já escorregastes rindo em algum talude molhado pela chuva com uma mulher amada que vos travasse da mão e exclamasse: Ah! meus borseguins novos! em que estado se acham!

Desde já digamos que a folgasona companha não teve a divertida contrariedade que causa um aguaceiro, não obstante ter Favorita dito ao partirem, em tom autorisado e maternal: *Os caracões passeiam pelos caminhos. Teremos chura, minhas filhas.*

Todas quatro eram doudamente lindas. Um bom velho poeta classico, então em voga, um bom homem que tinha a sua Leonor, o cavalleiro de Labouisse, vagueando nesse dia á sombra dos castanheiros de Saint-Cloud, viuas passar pelas dez horas da manhan, e exclamou: *Ha uma de mais*, referindo-se ás Graças. Favorita, a amante de Blachevelle, a que tinha vinte e tres annos, a velha, corria adeante por baixo da espessa folhagem, saltava fossos, pulava cercas sem o menor recato, e presidia á geral alegria com a petulancia de uma joven fauna. Zephina e Dahlia, que o acaso dotára de uma belleza que se realçava e completava-se quando ellas estavam juntas, não se separavam, por instincto de faceirice muito mais do que por amisade, e, encostadas uma á outra, tomavam attitudes inglezas; os primeiros *Keapsakes* tinham apparecido ha pouco, a melancolia despontava para as mulheres, como, mais tarde, o byronismo para os homens, e os cabellos do sexo gentil começavam a ondear em cachos a modo de chorões. Zephina e Dahlia tinham os seus assim penteados. Listolier e Fameuil, empenhados em uma discussão a respeito de seus profes-

sores, explicavam a Fantina a differença que havia entre Delvincourt e Blondeau.

Blachevelle parecia ter sido expressamente creado para trazer no braço, aos domingos, o chale listrado de Favorita.

Tholomyès ia atrás dominando o grupo. Estava alegrissimo, mas sentia-se nelle a supremacia do governo; havia o que quer que fosse dictatorial na sua jovialidade; o seu ornamento principal eram umas calças *pernas de elephante*, de ganga, com presilhas de trança de cobre; levava na mão uma formidavel bengala de duzentos francos, e, como estava affeito a proceder sempre em tudo a seu talante, tinha na boca uma cousa estranha chamada charuto. Não havendo nada sagrado para elle, fumava!

—Este Tholomyès é admiravel, diziam os outros com veneração. Que calças! que energia!

Quanto a Fantina, essa era a alegria personnificada. Seus dentes esplendidos tinham evidentemente recebido de Deus uma função, o riso. Trazia na mão de melhor grado do que na cabeça o seu chapellino de palha, com compridas fitas brancas que serviam para ata-lo. Os bastos cabellos louros, que dissereis se compraziam em ondear e facilmente se desprendiam, sendo necessario compô-los a cada instante, pareciam feitos para a carreira de Galatêa fugindo ao longo dos salgueiros. Seus roseos labios chilravam com encantadora graça. Os cantos da boca, voluptuosamente levantados como os das caras antigas de Erigone, pareciam provocar os audazes; mas os compridos cilios cheios de sombra abaixavam-se discretamente sobre o que havia de travesso na parte inferior do rosto como para aquietá-lo. Todo o seu facto ostentava uma garridice que deslumbrava. Trajava vestido de barège côr de malva, sapatinhos abotinados de couro bronzeado, cujas fitas traçavam X sobre as finas meias abertas, e essa especie de *spencer* de musselina, invenção marselleza, cujo nome, *canezou*, corrupção das palavras *quinze août* (quinze de agosto), pronunciadas á moda da Cannebière, significa bom tempo, calor e meiodia. As outras tres, que, como já dissemos, eram menos timidas, traziam os hombros inteiramente nus, o que, no verão, por baixo de chapéos cobertos de flôres, tem muita graça e é sobremodo provocador; mas, comparado

com todos aquelles trajos petulantes, o *canezou*, da loura Fantina, com suas transparencias, suas indiscrições e reticencias, escondendo e mostrando ao mesmo tempo, parecia um invento provocador da decencia, e o *famoso tribunal de amor*, presidido pela viscondessa de Cette, cujos olhos eram de verde mar, talvez houvesse dado o premio da casquilharia a esse *canezou*, que concorria para a castidade. O mais simples é ás vezes o mais estudado. Isto acontece.

Deslumbrante vista de frente, delicada vista de perfil, com olhos de um azul escuro, palpebras carnudas, pés pequenos e arqueados, punhos e artelhos admiravelmente delgados; com uma pelle alva, que deixava ver aqui e alli as arborecencias azuladas das veias, faces infantis e frescas, pescoço robusto qual o das Junos egineticas, nuca forte e flexivel, hombros que dissereis modelados por Coustou, tendo no centro uma voluptuosa covinha visivel através da musselina; com uma ledice entibiada por uma vaga meditação; sculptural e delicada; tal era Fantina; e adivinhava-se que por baixo daquelles enfeites e daquellas fitas havia uma estatua, e nessa estatua uma alma.

Fantina era formosa, mas quasi que sem o saber. Os raros pensadores, sacerdotes mysteriosos do bello, que compararam silenciosamente a menor cousa com a perfeição, teriam lobrigado nessa joven costureira, por sob a transparencia da graça pariziense, a antiga euphonia sagrada. Essa rapariga obscura era de uma raça distincta. Concorriam nella duas qualidades de belleza, o *estylo* e o *rhythmo*. O *estylo* é a forma do idéal; o *rhythmo* é o seu movimento.

Já dissemos que Fantina era a alegria personificada; Fantina era tambem naturalmente pudica.

O observador que a houvesse estudado attentamente teria notado que o que predominava nella no meio dos transportes da mocidade, da estação e do amor, era uma invencivel expressão de recato e de modestia. Mostrava-se ella um tanto espantada. Esse casto espanto é a gradação que separa Psychis de Venus. Fantina tinha os compridos dedos alvos e delgados da vestal que remexeas cinzas do fogo sagrado com um alfinete de ouro. Fosto que nada houvesse recusado a Tholomyès, por de mais o veremos, no seu semblante, estado de qui-

etação, era soberanamente virginal; uma especie de dignidade seria e quasi austera invadia-o de repente em certas horas, e nada era tam singular e surpreendente como ver a alegria fugir-lhe com tamanha presteza e o recolhimento succeder sem transição á lédice. Essa subita gravidade, ás vezes severamente expressada, assemelhava-se ao desdem de uma deosa. Na fronte, no nariz e no queixo notava-se-lhe esse equilibrio de linhas, mui distincto do equilibrio de proporção, e de que resulta a harmonia do semblante; no intervallo tam caracteristico que separa a base do nariz do labio superior, tinha ella essa dobra imperceptivel e attractiva, signal mysterioso da castidade que fez que Barba-Roxa se apaixonasse por uma Diana achada nas excavações d'Iconia.

O amor é uma culpa; concordamos. Fantina era a innocencia a sobrepujar a culpa.

IV

THOLOMYÈS SENTE-SE TAM ALEGRE QUE CANTA UMA CANÇÃO HESPAÑHOLA.

Aquelle dia era todo aurora. A natureza parecia estar em férias e a rir-se. Os jardins de Saint-Cloud trescalavam perfumes; a viração do Sena agitava vagamente as folhas; os galhos gesticulavam com o impulso do vento; as abelhas subtrahiam os jasmims; uma infinidade de borboletas pousavam nas achilléas, nos trevos e nas plantações de avêa; havia no augusto parque do rei de França um enxame de vagabundos, os passarinhos.

Os quatro ledos pares, rodeados de luz, de campos, de flores, de arvores, resplandeciam.

E, nessa communiidade de paraíso, fallando, cantando, correndo, dansando, caçando borboletas, colhendo trepadeiras, molhando na densa relva as meias de roseas malhas, frescas, doudejantes, sem o menor bocadinho de fel, iam todas recebendo de vez em quando os beijos dos seus companheiros, todas, á excepção de Fantina absorta na sua vaga resistencia meditativa e severa, e que amava.—Andas sempre com um ar tam não sei como, dizia-lhe Favorita.

Taes são as verdadeiras alegrias. Os pares ditosos

que assim vemos passar são como que um irresistível convite da parte da vida e da natureza, e fazem sahir de tudo caricias e luz. Houve uma vez uma fada que fez as campinas e as arvores expressamente para os que amam. Eis o motivo da eterna predilecção dos amantes pelos prazeres que se fruem no campo, predilecção que durará enquanto houver prados e amantes. Eis o motivo da popularidade da primavera entre os pensadores. O patricio e o amolador ambulante, o duque e par e o obscuro beca, a gente da cõrte e a gente da cidade, como outr'ora se dizia, todos concorrem a essa festa. Riem-se, procuram-se, ha no ar um clarão d'apotheose, como o amar transfigura! Os escreventes de tabellião são deoses. E os gritosinhos, as carreiras atrás um do outro por cima da relva, o corpo em que se agarra no meio da corrida, as girias que são melodias, as adorações que se manifestam no modo por que se diz uma syllaba, as cerejas que uma boca arranca de outra boca, tudo isto fulgura e passa envolto em esplendores celestes. As moças formosas desbaratam docemente a propria individualidade. Crêm que nunca lhe chegarão ao fim. Os philosophos, os poetas, os pintores contemplam estes extasis, e, de tam deslumbrados que ficam, não sabem o que fazer delles. A partida para Cythera! exclama Watteau; Lancret, o pintor das classes medias, contempla os seus burguezes mergulhados no azul do espaço; Diderot estende os braços para todos estes amores, e d Urfé ajunta-lhes druidas.

Depois do almoço os quatro pares tinham ido ver, no que se chamava então *o quadrado do rei*, uma planta chegada recentemente da India, cujo nome não temos presente neste momento, e a qual nessa epoca attrahia Pariz em pezo a Saint-Cloud: era um singular e lindo arbusto de tronco alto, cujos innumeraveis ramos finos como cordeis, ericados, sem folhas, estavam cobertos de um milhão de rosinhas brancas; o que dava ao arbusto o aspecto de uma cabelleira apolvilhada de flores. Havia sempre gente immensa a admira-lo.

Visto o arbusto, Tholomyès exclamara: Eu pago os jumentos! e, ajustado o preço com o alugador dos animaes, tinham voltado por Vanvres e Issy. Em Issy, novo divertimento. O parque, bem nacional, possuido nessa época pelo fornecedor Bourgouin, estava por acaso a-

berto. Elles haviam transposto o portão, visitado o anachoreta manequim na sua gruta, experimentado os efeitos mysteriosos do famoso gabinete dos espelhos, lasciva trapola digna de um satyro tornado milionario ou de Turcaret metamorphoseado em Priapo. Tinham sacudido vigorosamente a rêde que serve de redouça presa aos dous castanheiros celebrados pelo abbade de Bernis. Ao passo que balançava as moçoilas uma após outra, o que causava, entre risos geraes, ameadados entufamentos de saias que Greuze houvera sabido aproveitar, Tholomyès, que era um tanto hespanhol, visto Toulouse ser prima de Tolosa, cantava, servindo-se de uma melopea melancolica, a canção gallega provavelmente inspirada por alguma formosa moça a balançar-se entre duas arvores em uma corda impellida com toda a força :

Soy de Badajoz
Amor me ilama
Toda mi alma
Es en mis ojos
Porque enseñas
A tus piernas.

Fantina foi a unica que não quiz balançar-se.

—Não gosto de gente que se faz assim de tam delicada, murmurou Favorita com bastante azedume.

Deixados os jumentos, nova alegria ; atravessaram o Sena em um barco, e de Passy, caminhando a pé, chegaram á barreira da Estrella. Elles tinham começado o seu passeio, como deve lembrar-se o leitor, ás cinco horas da manhan ; mas, ora ! *no domingo ninguém se cansa*, dizia Favorita ; *o cansaço não trabalha domingo*. Pelas tres horas da tarde os quatro pares, ebrios de prazer, divertiam-se descendo as *montanhas russas*, singular edificio que occupava então as eminencias de Beaujon e cuja linha serpenteava por cima das arvores dos Campos-Elysios.

De quando em quando Favorita exclamava :

—E a surpresa ? eu quero a surpresa.

—Tem paciencia, respondia Tholomyès.

V

NO BOMBARDA.

Enjoados das *montanhas russas*, trataram de ir jantar; e a jocunda companhia, já um tanto cansada, dera fundo na casa de pasto do Bombarda, filial estabelecida nos Campos-Elyseos pelo famoso pasteleiro Bombarda, cuja taboleta brilhava então na rua de Rivoli ao lado do passadiço Delorme.

Um aposento vasto, mas feio, com alcova e cama no fundo (em razão da grande concorrência que havia aos domingos na casa de pasto, forçoso lhes fôra aceitarem tal pouso); duas janellas de onde se podia contemplar, por entre os olmos, o cães e o rio; um magnifico raio de sol de agosto a bater obliquamente nas janellas; duas mesas, em cima de uma dellas uma soberba montanha de ramalhetes de envolta com chapéus de homem e de mulher; na outra os quatro pares sentados em roda de uma festiva multidão de pratos, de copos e garrafas; botijas de cerveja entre frascos de vinho; pouca ordem em cima da mesa, alguma desordem por baixo:

*Co' os pés, elles faziam sob a mesa
Uma bulha, um tropel insupportavel,*

diz Molière:

Eis o ponto em que se achava pelas quatro horas da tarde a bucolica começada ás cinco da manhã. O sol ia baixando no horizonte, o appetite principiava a extinguir-se.

Os Campos-Elyseos, cheios de sol e de povo, não eram mais do que poeira e luz, duas cousas de que se compõe a gloria. Os cavallos de Marly, esses marmores relinchantes, empinavam-se n'uma nuvem de ouro. As carruagens rodavam em direcções oppostas. Um esplendido esquadrão de guardas do rei, com os clarins á frente, descia pela avenida de Neuilly; a bandeira branca, que o sol no occaso tornava levemente rosada, tremulava no zimborio das Tulherias. A praça da Concórdia, que então passára a chamar-se outra vez de Luiz XV, regorgitava de passeadores satisfeitos. Muitos traziam a flor de liz de prata pendente de uma fita branca chamada, que em 1817 ainda se via ao peito de muita gente. Aqui e alli no meio dos transeuntes que em torno dellas se adunavam e as applaudiam, choréas de meninas entoavam uma cantiga burbonica então celebre, destinada a fulminar os *cem dias*, e que tinha por estribilho:

*Rendez-nous notre pere de Gand,
Rendez-nous notre pere.*

Magotes de habitantes dos suburbios em trajos dominigueiros, trazendo mesmo alguns delles a flor de liz ao peito como os burguezes, e espalhados pela clareira grande e pela de Marigny, tiravam a argolinha e gyravam nos cavallos de páu; outros bebiam; alguns, aprendizes typographos, tinham barretes de papel; ouviam-se as suas risadas. Tudo estava radiante. Era um tempo de paz incontestavel e de profunda tranquillidade realista; era a época em que um relatorio reservado e especial, a respeito dos suburbios de Pariz, apresentado ao rei pelo prefeito de policia Anglès, terminava por estas linhas: « Bem considerado tudo, senhor, nada ha que temer desta gente. Elles são descuidosos e indolentes como gatos. O povo miudo das provincias é inquieto, não assim o de Pariz. São todos uns homunculos. Qualquer dos granadeiros de V. M. tem o dobro da altura. Nada ha que receiar da gentalha da capital. E' para notar que a estatura mingou ainda nesta população de ha

cincoenta annos para cá: o povo dos suburbios de Pariz tem hoje uma estatura menos avantajada do que antes da revolução. Não é perigoso. Em summa, é uma canalha—boa.»

Aos prefeitos de policia parece impossivel que um gato se mude em leão; no entanto isto acontece, e tal milagre o povo de Pariz sóe fazê-lo. Demais, o gato, tam desprezado pelo conde Anglès, merecia a estima das republicas antigas, a cujos olhos era a encarnação da liberdade, e, como para servir de annexo à Minerva aptera do Pireo, havia na praça publica de Corintho o colosso de bronze de um gato. A policia simploria da restauração via com muito «bons olhos» o povo de Pariz. Elle não é, tanto como o julgam, «uma canalha boa.» O Pariziense é para o francez o que era o atheniense para o grego; ninguem dorme mais profundamente; ninguem é mais francamente frivolo e preguiçoso, ninguem se mostra mais esquecido do que elle; todavia, não se fiem nisso; é dado a toda a especie de incuria, mas quando a gloria lhe acena, é admiravel em toda a especie de furor. Dae-lhe um chuço, e elle fará o 10 de agosto; dae-lhe uma espingarda, e tereis Austerlitz. E' elle o ponto de apoio de Napoleão e o recurso de Danton. Trata-se por ventura da patria? ei-lo a alistar-se; trata-se da liberdade? ei-lo a descalçar as ruas. Cuidado! os seus cabellos agitados pela colera são epicos; a blusa muda-se-lhe em chlamyde. Cautela. Ahi de qualquer rua Grénetat fará elle forças caudinas. Em soando a hora, esse pygmêo crescerá, esse homunculo se erguerá, e olhará com vista terrivel, e o seu folego se lhe tornará procella, e desse peito acanhado e fraco sahirá um furacão capaz de aplainar as quebradas dos Alpes. Graças ao plebêo de Pariz é que a revolução, de envolta com os exercitos, conquista a Europa. Elle canta. E' dahi que lhe vem a alegria. Fazei com que a sua canção corresponda ao seu temperamento, e vereis! Emquanto não tem por estribilho senão a *Carmagnole*, só derriba Luiz XVI; fazei-o cantar a *Marse!heza*, e elle libertará o mundo.

Escripta esta nota á margem do relatorio Anglès, voltamos aos nossos quatro pares. O jantar, como já dissemos, estava a acabar.

VI

CAPITULO EM QUE TODOS SE ADORAM.

Conversas de mesa e fallas de amor; são tam fugazes estas como aquellas; as fallas de amor são nuvens, fumo as conversas de mesa.

Fameuil e Dahlia cantarolavam; Tholomyès bebia; Zephina ria-se; Fantina sorria-se; Listolier tocava uma trombeta de páu que comprára em Saint-Cloud.

Favorita olhava ternamente para Blachevelle e dizia :
—Blachevelle, eu te adoro.

Motivou isto uma pergunta da parte de Blachevelle :

—Que farias se eu deixasse de amar-te, Favorita?

—Eu! exclamou Favorita. Ah! não digas isso, nem mesmo brincando! Se deixasses de amar-me, lançava-me a ti, deitava-te as mãos, cobria-te de arranhões, en-sopava-te de agua, fazia com que fosses preso.

Blachevelle sorriu-se com a fatuidade voluptuosa de um homem que se sente lisongeado no seu amor-proprio. Favorita proseguiu :

—Sim, gritaria aqui-d'el-rei! Ah! tinha que ver, soffrer eu calada! Patife!

Blachevelle, extasiado, reclinou-se na cadeira e fechou orgulhosamente os olhos.

Dahlia, sem parar de comer, disse baixinho a Favorita no meio da vozeria :

—Então idolatras muito o teu Blachevelle ?

—Qual! deteste-o, respondeu Favorita no mesmo tom, tornando a pegar no garfo. E' um sovina. De quem gosto é do mocinho que mora defronte de mim. Tem uma presença bem bonita esse moço; conheces-lo? Pelo seu ar, mostra ser actor. Eu gosto dos actores. Assim que elle se recolhe, logo a mãe diz: « Ah! meu Deus! acabou-se o meu socego. Ei-lo que vae pôr-se a gritar. Mas, meu filho, vê que assim me atordôas! » Porque o filho anda por toda a casa, pelas aguas-furtadas onde só ha ratos, por buracos escurissimos, até onde lhe é possível subir,—a cantar, a declamar, que sei eu? de fórma que todos o ouvem cá de baixo! Elle já ganha os seus vinte soldos por dia no escriptorio de um advogado a rabiscar tricas do fôro. O pae é um velho chantre de Saint-Jacques du Haut-Pas. Ah! elle é bem bonito. Adora-me tanto que um dia, vendo-me estar a preparar massa para filhozes, disse-me: « *se a senhora fizesse sonhos das suas luras, eu os comeria.* » Só artistas são capazes de dizer cousas assim. Ah! elle é bem bonito. Estou a ponto de enlouquecer por amor daquelle mocinho. Não obstante, digo a Blachevelle que o adoro. Como minto! Heim? Como minto!

Favorita fez uma pausa, e continuou :

Olha, Dahlia, estou triste. Todo o verão levou achover, o vento irrita-me os nervos, o vento não acalma a co-lera; Blachevelle é um grandissimo forreta; quasi que não apparecem ervilhas no mercado, agente não sabe o que ha de comer; estou com *spleen*, como dizem os inglezes; a manteiga está tão cara! e para coroar a obra, olha, é um horror, jantamos em um lugar onde ha uma cama, isto desgosta-me da vida.

VII

SABEDORIA DE THOLOMYÈS.

Entretanto, em quanto uns cantavam, outros conversavam tumultuosamente, e todos ao mesmo tempo; era uma bulha de ensurdecer. Tholomyès interveiu.

—Não fallemos a esmo nem precipitadamente, exclamou. Meditemos para que os nossos concertos sejam deslumbrantes. Improvisar de mais esgota estupidamente o espirito. Cerveja que gotteja não ajunta espuma. Nada de pressa, senhores. Unamos a magestade ao regabofe; comamos com recolhimento; regalemo-nos lentamente. Não nos apressemos. Vêde a primavera; se ella se apressar, ficará chamuscada, isto é, gelada. O excesso de zelo perde os pecegueiros e os damasqueiros. O excesso de zelo mata a graça e a alegria dos bons jantares. Nada de zelo, senhores! Guimod de la Reynière é do parecer de Talleyrand.

Surdo rumor sedicioso levantou-se no meio do grupo.

—Tholomyès, deixa-nos em paz, disse Blachevelle.

—Morra o tyranno! disse Fameuil.

—Viva Bombarda e Bambochata! gritou Listolier.

—O domingo existe, tornou Fameuil.

—Nós somos sobrios, accrescentou Listolier.

—Tholomyès, disse Blachevelle, contempla a minha calma.

—Tu és della o marquez, respondeu Tholomyès.

Este mediocre trocadilho produziu o effeito de uma pedra cahida em um charco. O marquez de Montecalma era um realista então celebre. Todas as rãs se calaram.

—Amigos, exclamou Tholomyès no tom de um homem que reassume a autoridade, socegae. Não acolhaes com demasiado pasmo este trocadilho cahido do céu. Nem tudo o que assim cahe é necessariamente digno de enthusiasmo e de respeito. O trocadilho é o excremento do espirito que voa. A pilheria cahe onde quer que fôr; e o espirito, depois da postura de uma parvoice, perde-se nas regiões ethereas. A mancha esbranquiçada que se esparrama sobre o rochedo não tolhe ao condor o ardido vôo. Longe de mim insultar o trocadilho! Acato-o na proporção do seu merecimento, e nada mais. O que ha mais augusto, mais sublime e mais formoso na humanidade, e quiçá fóra da humanidade, tem feito trocadilhos de palavras. Jesus-Christo fez um trocadilho a respeito de San'Pedro, Moysès a respeito de Isaac, Eschylo a respeito de Polynice, Cleopatra a respeito de Octavio. E notae que o trocadilho de Cleopatra precedeu á batalha d'Actium, e que, se não fóra elle, ninguem se lembraria da cidade de Toryne, nome grego que significa colher grande. Supposto isto, volvo á minha exhortação. Irmãos, eu o repito, nada de zelo, nada de confusão, nada de excesso, nem mesmo em pilherias, alegrias, comezainas e trocadilhos. Attendei-me, eu tenho a prudencia de Amphiarão e a calvicie de Cesar. Tudo deve ter o seu limite, até mesmo os *rebus* (enigmas pittorescos.) *Est modus in rebus*. Tudo deve ter o seu limite, até mesmo os jantares. Vós, senhoras, que gostaes de tortas de maçans, não abuseis dellas. Até mesmo as tortas precisam de juizo e arte. A golodice castiga o guloso. A indigestão recebeu do bom Deas a missão de prégar moral aos estomagos. E, ponderae bem isto, cada uma das nossas paixões, até mesmo o amor, tem o seu estomago que não deve encher-se de mais. Em todas as cousas é bom sabermos escrever a tempo a palavra *finis*, é bom contermo-nos,

quando é preciso aferrolhar o nosso appetite, prender a nossa fantasia e livrar-nos nós mesmos de toda a tentação. O mais sabio dos homens é aquelle que n'um momento dado pôde triumphar de si mesmo. Tende confiança em mim. Por eu ter estudado um poucachinho de direito, ao que dizem os meus exames, por saber a differença que ha entre lide proposta e lide pendente, por ter sustentado uma these em latim sobre o modo porque os réus eram postos a tormento no tempo em que Munatius Demens exercia a questura do parricidio, por estar para receber, ao que parece, o gráu de doutor, não se segue que seja necessariamente um parvo. Recommendo-vos moderação nos vossos desejos. Tam certo como eu chamar-me Felix Tholomyès, a prudencia falla pela minha boca. Feliz aquelle que, ao soar-lhe a hora, toma um expediente heroico, e abdica como Sylla ou Origenes!

Favorita escutava com attenção profunda:

—Felix! disse ella, que bonita palavra! Gosto deste nome. E' em latim. Quer dizer prospero.

Tholomyès continuou:

—*Quirites*, gentlemen, caballeros, meus amigos! Quereis livrar-vos de todo o aguilhão, não sentir a falta de leito nupcial e afrontar o amor? Nada mais facil. Eis aqui a receita: limonada, exercicio excessivo, trabalho forçado, estafae-vos, arrastae penedos, não durmaes, velae, tomae a maior quantidade possível de bebidas nitrosas e de tizanas de nenuphar, saboreae emmolsões de papoulas e de agno-casto, ajuntae a tudo isto uma dieta rigorosa, morrei de fome, e não dispenseis os banhos frios, as cintas de ervas, a applicação de chapas de chumbo, os lavatorios de licor de saturno nem as fumentações de oxyerato.

—Eu prefiro uma mulher, disse Listolier.

—A mulher! proseguiu Tholomyès, desconfiae dellas. Ai daquelle que põe toda a sua esperanza no coração versatil da mulher! A mulher é perfida e dessimulada. A borreca a serpente porque vê nella uma rival. A serpente é a loja defronte.

—Tholomyès, gritou Blachevelle, tu estas bebado.

—Boa duvida! disse Tholomyès.

—Pois então mostra-te alegre, tornou Blachevelle.

—Topo, respondeu Tholomyès. E, tendo enchido o

copo, levantou-se: — Gloria ao vinho! *Nunc te Bacche canam!* Perdão, meninas, isto é hespanhel. E a prova *senoritas*, ei-la: cada terra com seu uso. A arroba de Castella tem deseseis littros, o cantaro de Alicante doze, o almude das Canarias vinte e cinco, o quartinho das Baleares vinte e seis, a bota do czar Pedro trinta. Viva o czar que era grande, e a sua bota que ainda era maior. Senhoras, um conselho de amigo: enganae-vos com o vizinho, se assim vos parecer. O amor é por natureza vagabundo. O amorico não foi feito para estar quieto e embrutecer-se como um criado inglez que cria calos nos joelhos á força de andar de rastos a esfregar a casa. Não, o doce amorico não foi feito para isto, mas sim para vaguear ledamente! Houve alguem que disse: o erro é partilha da humanidade; eu por mim digo: o erro é proprio dos que amam. Senhoras, eu vos adoro a todas vós. Ó Zephina, ó Josephina, com essa cara mais que esquipatica, serieis encantadora se não estivesseis de esgueilha. Dir-se-hia que alguem, por descuido, se vos sentou em cima do lindo rosto. Quanto a Favorita, ó nymphas e musas! Um dia que Blachevelle pulava o rego da rua Guerin-Boisseau, viu uma linda moça de meias brancas e bem estiradas, que mostrava as pernas. Esse prologo agradou-lhe, e Blachevelle amou-a. Aquella por quem elle se apaixonou era Favorita. Ó Favorita, tu tens labios jonicos. Havia um pintor grego chamado Euphorion, que appellidavam o pintor de labios. Sò esse grego seria digno de pintar a tua boca. Ouve, antes de ti não havia creatura digna deste nome. Pareces ter sido feita para obter o pomo como Venus, ou para come-lo como Eva. A belleza começa em ti. Acabo de fallar em Eva, foste tu que a creaste. Tu mereces o privilegio de invenção da mulher formosa. Ó Favorita, deixo de atuar-te porque passo da poesia á prosa. Fallaveis ha pouco do meu nome. Fiquei enternecido; mas, quem quer que sejamos, desconfiemos dos nomes. Elles podem enganar-se. Eu chamo-me Felix e não sou feliz. As palavras são mentirosas. Não acceitemos cegamente as indicações que ellas nos dam. Fôra um erro encommendar rolhas para Liège e luvas para Pan. Miss Dahlia, em vosso lugar, chamar-me-hia Rosa. E' bom que a flor cheire bem e que a mulher tenha espirito. Nada digo a respeito de Fantina, é uma abstracta, uma melancolica, uma pensa-

tiva, uma sensitiva : é um fantasma com a forma de uma nympha e o pudor de uma freira, que se transvia na vida de *grisette* mas que se refugia nas illusões, e canta, e reza, e olha para o azul do espaço quasi sem saber o que vê nem o que faz, e que, com os olhos fitos no céu, vagueia em um jardim onde ha mais passarinhos do que os que na realidade existem ! Ó Fantina, escuta o que eu vou dizer-te : eu Tholomyès sou uma illusão; mas ella nem se quer me ouve, a loura filha das chimeras ! Quanto ao mais. tudo n'ella é frescura, suavidade, doce luz matutina. Ó Fantina, soes uma moça digna de vos chamardes Margarida ou Perola, soes uma mulher do mais bello oriente. Senhoras, dar-vos-hei segundo conselho ; não vos caseis, o casamento é um enxerto ; pega bem ou mal, não lhe corraes o risco. Mas, qual ! que estou a dizer ? Perco as minhas palavras. As moças são incuraveis no que toca ao casorio, e tudo quanto podermos dizer, nós outros sabios, não impedirá que as costureiras de colletes e as pespontadeiras de botinas sonhem com maridos ricos de diamantes. Emfim, seja assim ; mas, ó minhas formosas, considera-e-o bem : vós comeis muito assucar. Só tendes um defeito, ó mulheres, é o de roer assucar. Ó sexo roedor, teus alvos dentinhos adoram o assucar. Ora pesae-o bem ; o assucar é um sal. Todo o sal é exsiccante. O assucar é o mais exsiccante de todos os saes. Elle suga a travez das veias os liquidos do sangue ; d'ahi os tuberculos no pulmão ; d'ahi a morte. E é por isso que os diabetes confinão com a tísica. Por tanto não roaes assucar e vivereis ! Agora dirijo-me aos homens : senhores, fazei conquistas. Roubae uns aos outros sem remorso as vossas amantes. Permutae-as entre vós. Em amor não ha amigos. Onde quer que se ache uma mulher formosa, estão abertas as hostilidades. Não se dê quartel a ninguem, guerra de morte ! Uma mulher formosa é um *casus belli*; uma mulher formosa é um flagrante delicto. Todas as invazões da historia foram provocadas por saias. A mulher é o direito do homem. Romulo raptou as sabinas, Guilherme raptou as saxonias, Cezar raptou as romanas. O homem que não é amado paira como um abutre sobre as amantes dos outros ; e quanto a mim, a todos esses desditosos que são viuvos, lanço a proclamação

sublime de Bonaparte ao exercito de Italia : « Soldados, nada tendes, o que vos falta o inimigo tem. »

Tholomyès interrompeu-se.

—Toma folego, Tholomyès, disse Blachevelle.

Ao mesmo tempo Blachevelle, acompanhado de Listolier e Fameuil, cantou em tom de romance uma dessas canções de officina compostas de palavras reunidas a esmo, rimadas ricamente e em branco, tam despidas de sentido como o gesto da arvore e a bulha do vento que nascem da fumaça dos cachimbos e dissipam-se e somem-se com ella. Eis aqui a estrophe com que o grupo respondeu ao discurso de Tholomyès :

Les pères dindons donnèrent
De l'argent à un agent
Pour que mons Clermont-Tonnerre
Fût fait pape à la Saint-Jean
Mais Clermont ne put pas être
Fait pape, n'étant pas prêtre ;
Alors leur agent rageant
Leur rappor a leur argent. . . .

Não poderia isto de fórma nenhuma acalmar o improviso de Tholomyès ; elle esvasiou o copo, tornou a enchê-lo, e recomeçou :

—Acabemos com a sabedoria! esquecei tudo o que eu vos disse. Não sejamos pudicos, prudentes nem pccatos. Bebo á saude da alegria; estejamos alegres! Terminemos o nosso curso de direito pela loucura e pela comezaina. Indigestão e digesto. Seja Justiniano o macho e Pastuscada a femea! Alegria até nas profundezas! Vive, ó creação! O mundo é um diamante immenso. Sou feliz. Os passarinhos são admiraveis. Que festa por toda a parte! O rouxinol é um Elleviou de graça. Estio, eu te saudo. O' Luxemburgo! ó Georgicas da rua *Madame* e da alameda do Observatorio! ó soldados namoradores! ó vós todas aias formosas que, ao passo que guardaes meninos, vos divertis a esboçar outros por vossa conta! Os pampas da America me seduziriam se eu não tivesse as arcadas do Odéon. Minha alma vòas florestas virgens e ás savannas. Tudo é bello. As moscas zumbem aos raios do sol. Foi de um espirro deste astro que nasceu o beija-flor. Abraça-me, Fantina!

Enganou-se e abraçou Favorita.

VIII

MORTE DE UM CAVALLO.

—Janta-se melhor em casa do Edon do que no Bombarda, exclamou Zephina.

—Prefiro Bombarda a Edon, declarou Blachevelle. Ha mais luxo. Tudo é mais asiatico. Vêde a sala de baixo. As paredes estam forradas de damascos.

—A respeito de damascos, antes os quero no meu prato, disse Favorita.

Blachevelle insistiu:

—Vêde as facas. Aqui no Bombarda têm cabos de prata, e no Edon são de osso. Ora, a prata é mais preciosa do que o osso.

—Excepto para os que trazem um queixo de prata, ponderou Tholomyès.

Olhava elle neste momento para o zímborio dos Invalidos, visivel das janellas do Bombarda.

Houve uma pausa.

—Tholomyès! exclamou Fameuil, Listolier e eu discutiamos ha pouco.

—Uma discussão é cousa boa, respondeu Tholomyès, mas uma briga é melhor.

—Disputavamos sobre assumptos philosophicos.

—Bem.

—Qual preferes tu, Descartes ou Spinosa?

—Desangiers, disse Tholomyès.

Proferido este aresto, virou o copo e proseguia :

—Estou decidido a viver. Ainda se não acabou tudo no mundo, visto ainda se poder desarrazoar. Graças aos deuses immortaes ! Todos mentem, mas tambem não ha quem não ria. Todos affirmam, mas tambem todos duvidam. O inopinado rebenta do syllogismo. É bello ! Ainda ha neste valle de lagrimas alguns humanos que sabem abrir e fechar alegremente a boceta de surpresas do paradoxo. Senhores, isso que bebeis com ar tranquillo, ficae-o sabendo, é vinho da Madeira, da lavra de Curral das Freiras, fica a trezentas e desasete toezas acima do nivel do mar ! Attenção ao bebê-lo ! trezentas e desasete toezas ! e o snr. Bombarda, o magnifico pasteleiro, vos dá essas trezentas e desasete toezas por quatro francos e cincoenta centimos.

Fameuil tornou a interroper :

—Tholomyès, as tuas opiniões tem força de lei. Qual é o teu autor favorito?

—Ber. . .

—Quin?

—Não. Choux.

E Tholomyès proseguiu :

—Honra a Bombarda ! elle igualaria a Monophis d'Elephanta se pudesse trazer-me uma almêa, e Thygelion de Cheronea se pudesse apresentar-me uma hetaïra ! Porquanto, ó senhoras, havia Bombardas na Grecia e no Egypto. É Apuleio quem nô-lo diz. Ah ! sempre as mesmas cousas e nada de novo. Nada ha já inediecto na creação do Creador !—*Nil sub sole novum*—, diz Salomão.—*Amor onnibus idem*—, diz Virgilio ; e Carabina entra com Carabino na galeota de Saint-Cloud do mesmo modo que Aspasia embarcava com Pericles na armada de Samos. Ainda uma palavra. Sabeis, senhoras, quem era Aspasia ? Apesar de viver n'um tempo em que as mulheres ainda não tinham alma, era ella uma alina ; uma alma de côr rosi-purpurea, mais ardente do que o fogo, mais fresca do que a aurora. Aspasia era uma creatura em quem se tocavam os dous extremos da mulher ; era a prostituta deusa. Era Socra-

tes e Manon Lescaut. Aspasia foi creada para o caso de Prometheu carecer de uma rameira.

Tholomyès, uma vez soltos os diques, difficilmente se houvera calado, se um cavallo não tivesse cahido no caes naquelle mesmo instante. Com esta quèda estacaram a carroça e o orador. Era uma egua de Beauce, velha e magra e digna do matadouro, que puxava uma carroça sobremodo carregada. Ao chegar defronte do Bombarda, o animal, exausto e estafado, não pudera dar nem mais um passo. Este incidente attrahiu a multidão. Apenas o carroceiro, praguejando e furioso, pronunciára com a conveniente energia a palavra sacramental:—*mâtin!*—acompanhada de uma implacavel chicotada, o sendeiro cahira para não mais levantar-se. À bulha que faziam os transeuntes, o ledo auditorio de Tholomyès voltou a cabeça, e Tholomyès aproveitou-se daquella circumstancia para arrematar a sua allocução com esta strophe melancolica:

Elle étaite de ce monde ou couccus et carrosses

Ont le même destin.

Et, rosse, elle a vécu ce que vivent les rosses,

L'espace d'un : mâtin!

—Pobre cavallo! disse Fantina suspirando.

E Dahlia exclamou:

—Querem ver que Fantina vae pôr-se a lastimar a sorte dos cavallos? Como se pode ser tam tola assim!

Neste momento, Favorita, cruzando os braços e inclinando a cabeça para trás, encarou resolutamente Tholomyès e disse:

—Ora vamos! e a surpresa?

—É verdade. Eis chegado o momento, respondeu Tholomyès. Senhores, acaba de soar a hora de surprender estas damas. Senhoras, esperac-nos um instante.

—A surpresa deve começar por um beijo, disse Blachevelle.

—Na testa, accrescentou Tholomyès.

Cada um depoz gravemente um beijo na fronte de sua amante; depois dirigiram-se para a porta um após outro, levando o dedo á boca.

Favorita deu palmas á sua sahida.

—Já começo a achar a cousa bem divertida, disse ella.

—Não vos demoreis muito, murmurou Fantina. Ficamos á vossa espera.

IX

ALEGRE FIM DA ALEGRIA.

As moças, achando-se sós, foram para as janellas, ficando duas em cada uma, e entraram a tagarellar, a inclinar-se para fóra e a conversar de uma janella para a outra.

Viram os moços sahir da casa de pasto de braços dados; elles voltaram-se, acenaram-lhes rindo-se, e desapareceram no meio dessa empoeirada turbamulta domingueira que invade hebdomadariamente os Campos-Elyseus.

—Não vos demoreis muito! gritou Fantina.

—O que nos trarão elles? disse Zephina.

—Alguma cousa bem linda, de certo, disse Dahlia.

—Cá por mim, accrescentou Favorita, prefiro que seja qualquer cousa de ouro.

Ellas foram dentro em pouco distrahidas pelo movimento que reinava ao longo do rio, e que avistavam por entre os galhos das altas arvores o que muito as divertia. Era a hora da partida das *malas-postas* e das diligencias. Estes carros, dirigindo-se para o sul e para o oeste passavam então quasi todos pelos Campos-Ely-

seus. A maior parte delles seguiam pelo cães e sahiam pela barreira de Passy. De minuto em minuto, uma grande carruagem pintada de amarello e de preto, excessivamente carregada, tirada por cavallo cobertos de guisos, disforme á força de malas, de fardos e de saccos de viagem, cheia de cabeças que para logo desapareciam, pulverisando as calçadas, transformando todas as pedras em pederneiras, lançava-se por entre a multidão com todas as faíscas de uma forja, servindo-lhe a poeira como que de fumaça, e com um ar de furia. Esta bulha divertia as moças. Favorita exclamava:

—Que estrepito! dir-se-hia que estão arrastando montões de correntes.

N'uma dessas occasiões uma das taes carruagens, que se distinguia difficilmente por entre a folhagem dos olmos, parou um momento, e depois tornou a partir a todo o galope. Fantina admirou-se.

—É singular! disse ella. Eu pensava que as diligencias nunca paravam.

Favorita encolheu os hombros.

—Esta Fantina é admiravel. Merece que todos a contemplem por curiosidade. As cousas as mais simples enchem-n'a de assombro. Façamos uma supposição: eu sou um viajante e digo á diligencia: « Eu vou adiante; quando você passar pelo cães me receberá. » A diligencia passa, avista-me, pára, e recebe-me. Isto se faz todos os dias. Tu ainda estás muito ignorante da vida, minha amiga.

Passou-se assim um certo espaço de tempo. De repente Favorita fez o movimento de uma pessoa que desperta.

—Então, disse ella, que é da surpresa?

—Sim, é verdade, acrescentou Dahlia, que é da famosa surpresa?

—Já estão tardando de mais! disse Fantina.

Quando suspirava Fantina, entrou o caixeiro que os servira á mesa. Trazia na mão o que quer que fosse que se parecia com uma carta.

—O que é isso? perguntou Favorita.

O caixeiro responden:

—É um papel que os moços me deram para entregar ás senhoras.

—Mas porque não o trouxe logo?

—Porque os moços recommendaram-me, respondeu o caixeiro, que só o entregasse ás senhoras dahi a uma hora.

Favorita arrancou o papel da mão do caixeiro. Era de feito uma carta.

—E esta! disse ella. Não tem sobrescripto. Mas aqui está o que vejo em vez de endereço:

ISTO É A SORPREZA.

Abriu vivamente a carta, desdobrou-a, e leu (ella sabia ler):

« Ó queridas amantes nossas!

« Sabei que nós temos paes. Vós ignoraes sem duvida o que sejam paes. É assim que se chamam no código civil, pueril e honesto, o homem e a mulher a quem devemos a vida. Ora, os nossos paes gemem, esses velhos nos reclamam, esses bons homens e essas boas mulheres chamam-nos filhos prodigos, aguardam a nossa volta, e promettem-nos matar bois para festejar-nos. Virtuosos como somos, obedecemos-lhes. No momento em que isto lêdes cinco cavallos fogosos levam-nos a nossos papaes e a nossas mães. Tomamos as de villa Diogo, *fichons le camp*, como diz Bossuet. Partimos; já estamos longe. Fugimos nos braços de Laffitte e sobre as azas de Caillard. A diligencia de Toulouse arranca-nos ao abysmo, e o abysmo soes vós, ó lindinhas! Volvemos ao gremio da sociedade, do dever e da ordem, a galope, a razão de tres leguas por hora. Importa á patria que nós sejamos, como todos, prefeitos, paes de familia, guardas campestres e conselheiros de estado. Venerae-nos. Nós nos sacrificamos. Choraes-nos rapidamente, e pocurae logo quem nos substitua. Se esta carta vos affligir, consolae-vos depressa. Adeus.

« Por espaço de quasi dous annos démos-vos todas as venturas desejaveis. Não nos queiraes mal por isso.

« Assignados: BLACHEVELLE.—FAMEUIL.—LISTOLIER.—FELIX THOLOMYÈS.

« POST-SCRIPTUM.—O jantar está pago. »

As quatro moças olharam-se mutuamente.

Favorita foi a primeira que rompeu o silencio.

—Pois bem! exclamou ella, não se pode negar que a peça foi bem pregada.

—E é muito engraçada, disse Zephina.

—A lembrança não foi de outro senão de Blachevelle, continuou Favorita. Só por isto amo-o agora de véras. Apenas ausente, logo amado. É o que sempre se vê.

—Não, disse Dahlia, a lembrança foi de Tholomyès. Logo se vê.

—Nesse caso, tornou Favorita, morra Blachevelle e viva Tholomyès !

—Viva Tholomyès ! gritaram Dahlia e Zephina.

E desataram a rir ás gargalhadas.

Fantina riu-se como as outras.

Dahi a uma hora, quando se recolheu á sua camara chorou. Como já dissemos, era aquelle o seu primeiro amor; ella entregara-se a esse Tholomyès como a um marido, e a pobre moça tinha um filho.

OS MISERAVEIS

POR

VICTOR HUGO.

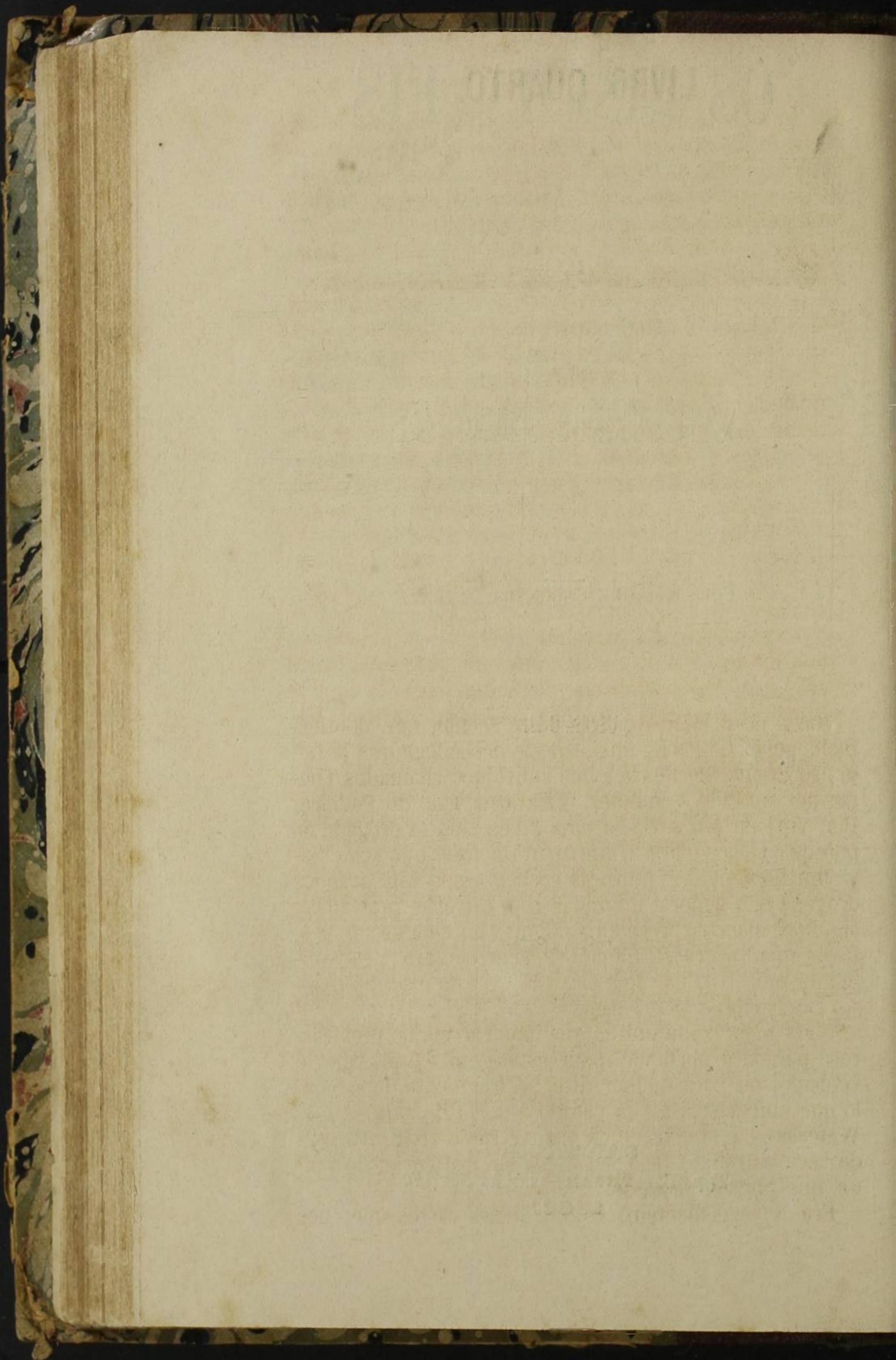
VOLUME II.



SAN'LUIZ.

Typ. do—**FRIAS**—rua da Paz, 7.

1862.



LIVRO QUARTO.

—

CONFIAR E AS VEZES ENTREGAR.

—

I

UMA MÁI QUE ENCONTRA OUTRA.

Havia no primeiro quarto deste seculo, em Montfermeil, perto de Pariz, uma especie de bodega que já hoje não existe. Pertencia a uns individuos chamados Thernardier, marido e mulher. Ficava na rua do Padeiro. Por cima da porta via-se uma taboa singela pregada na parede e nella pintado o que quer que fosse que semelha-va um homem com outro ás costas, tendo este grandes dragonas de general douradas com estrellas prateadas; algumas manchas vermelhas figuravam sangue; o resto do quadro era só fumaça e representava provavelmente uma batalha. Por baixo lia-se esta inscripção:—
AO SARGENTO DE WATERLOO.

Nada mais commum do que uma carreta ou uma carroça parada á porta de uma estalagem. Entretanto o vehiculo, ou para melhor dizer, o fragmento de vehiculo que empachava a rua parado á porta do sargento de Waterloo, em uma tarde da primavera de 1818, houvera de certo attrahido, pelo seu tamanho, a attenção do pintor que por alli passasse.

Era o jogo dianteiro de um desses carros que, nos

paizes em que ha florestas, se empregam no transporte de traves e troncos de arvores. Esse jogo dianteiro compunha-se de um massico eixo de ferro a que se adaptava um pesado timão, e tinha em cada extremidade uma roda de extraordinario tamanho. Era um todo volumoso, pesado e disforme. Semelhava a carreta de uma gigantesca peça de artilharia. Os atoleiros haviam dado ás rodas, ás cãibas, aos cubos e ao timão, uma camada de lama, hedionda pintura amarellada bem semelhante á com que costumam ornar de bom grado as cathedraes. A madeira desapparecia debaixo da lama e o ferro debaixo da ferrugem. Do eixo pendia, formando seio, uma grossa corrente digna de um galé Goliath. Esta corrente lembrava, não as traves que ajudava á transportar, mas os mastodontes e os mamões que houvera podido jungir; tinha um ar de calceta, mas de calceta cyclopica e sobrehumana, e parecia tirada de algum monstro. Homero teria prendido com ella Polyphemo e Shakspeare Caliban.

Porque se acharia esta carroça postada naquella rua? Em primeiro lugar, para empacha-la; depois, para acabar de enferrujar-se. Ha da mesma sorte na antiga ordem social uma infinidade de instituições com que a cada passo deparamos, e que não teem outras razões de existencia.

O centro da corrente chegava quasi ao chão, e no arco que assim formava, como na corda de uma redouça, estavam sentadas e grupadas, naquella tarde, em delicioso enlace, duas meninas, uma de cerca de dous annos e meio, a outra de dezoito mezes; a mais velha tinha a mais nova nos braços. Um lenço cuidadosamente atado premunia-as contra alguma quêda. Uma mãe vira aquella formidavel corrente, e dissera: Bello! aqui está um brinquedo para minhas filhas.

As duas meninas, aliás graciosamente ataviadas, e até com algum apuro, estavam radiantes; semelhavam duas rosas no meio de ferros velhos; os olhos tinham um vivo luzir: doce sorriso lhes pairava nos labios. Os cabellos de uma eram castanhos, pretos os da outra. Os seus ingenuos semblantes manifestavam viva alegria travada de admiração; uma cerca coberta de flores, que ficava perto d'alli, trescalava perfumes que pareciam provir dellas; a que tinha dezoito mezes mostrava a linda

barriguinha nua com a casta indecencia da infancia. Por cima e em torno destas duas cabeças delicadas, que revelavam ventura e se cingiam de luz, a gigantesca carroça ennegrecido de ferrugem, quasi terrivel, toda composta de curvas e de angulos assalvajados, arredondava-se como a abobada de uma caverna. A alguns passos de distancia, acocorada no limiar da porta da estalagem, a mãe, aliás mulher de aspecto pouco attractivo, mas mavioso naquelle momento, balançava as duas meninas por meio de um comprido cordel preso á corrente, e receiosa de algum accidente, não cessava de fita-las com essa expressão animal e celeste que é peculiar da maternidade, a cada vaivem, os hediondos anneis faziam uma bulha stridente que semelhava um grito de colera, as meninas extasiavam-se, o sol no occaso juntava-se á sua alegria, e nada tam bello como esse acaso que de uma corrente de titães fizera uma redouça de cherubins.

Balançando as duas filhinhas, a mãe cantava com voz desafinada um romance então celebre :

É forçoso, diz um guerreiro,

A canção e a contemplação das suas filhas não a deixavam ver nem ouvir o que se passava na rua.

Entretanto alguém se tinha aproximado, quando ella começava a primeira estrophe do romance, e de repente ouviu-se uma voz que lhe dizia quasi ao ouvido :

—A senhora tem duas filhinhas bem lindas.

Á fiel e formosa Imogina,

respondeu a mãe, continuando o seu romance; depois voltou a cabeça.

Uma mulher se achava diante della, apenas a alguns passos de distancia. Essa mulher tambem tinha uma filha, que trazia ao collo, e além disso, um grande sacco de viagem, que parecia bastante pesado.

A filha dessa mulher era um dos entes mais divinos que jamais se hão visto. Teria dois para tres annos. Pelo apurado do trajo houvera podido competir com as outras duas pequenas; tinha touca de linho fino com rendas e fitas na camisola. A saia arregaçada deixava-lhe descoberta a coxa alva, rija e gorda. Era admiravelmente rosada e robusta. Ver-lhe as purpurinas bo-

chechas era ter desejo de morde-las. O mais que dos seus olhos se podia dizer era que deviam ser grandes, e que tinham cilios magnificos. Ella dormia.

Dormia esse somno de absoluta confiança peculiar da sua idade. Os braços das mães como que são feitos de ineiguise; e as creanças nelles dormem profundamente.

Quanto á mãe, tinha um ar mesquinho e triste. Trajava como uma costureira que se vai tornando camponeza. Era moça. Seria formosa ? talvez ; mas com aquelle trajo não o parecia. Os cabellos, dos quaes se lhe via uma madeixa loura, pareciam mui bastos , mas estavam severamente cobertos com uma touca de freira, feia, mui justa e atada no queixo. O riso mostra os lindos dentes de quem os tem ; mas ella não se ria. Os olhos como que conservam vestigios de lagrimas. Estava palida ; parecia muito cansada e um tanto adoentada ; olhava para a filha adormecida nos seus braços com esse ar peculiar de uma mãe que amamentou o filho. Um grande lenço azul semelhante a esses com que os invalidos se assoam , cobria-lhe desengraçadamente o collo. Tinha as mãos queimadas do sol e cheias de manchas de sarda, o dedo indice callejado e picado da agulha ; trajava manta de grossa lan escura, vestido de brim e sapatos grossos. Era Fantina.

Era Fantina. Fora difficil reconhece-la. Todavia, examinando attentamente , via-se que era ainda formosa. Na face direita tinha uma triste ruga , que se assemelhava a um principio de ironia. Quanto ao seu trajo, esse aerio trajo de musselina de fitas que parecia feito de alegria, de folia de musica, cheiu de guisos e perfumado de lilazes, desaparecera como esses lindos caramélos que semelham diamantes scintilantes ao sol, derretem-se e deixam a arvore ennegrecida.

Dez mezes já eram decorridos depois da «boa peça.»

O que se teria passado durante esses dez mezes ? O leitor o adivinha.

Após o abandono, as mortificações. Fantina perdera logo de vista Favorita, Zephina e Dahlia ; o laço quebrado da parte dos homens não fôra mais solido da parte das mulheres ; grande admiração lhes houvera causando quem lhes dissesse quinze dias depois que ellas tinham sido amigas ; já não havia razão para que o fossem. Fantina ficára só. Tendo partido o pae de sua

filha—ah! taes rompimentos são irrevogaveis,—achou-se absolutamente isolada, com o habito do trabalho de menos e o gosto do prazer de mais. Levada pela convivencia com Tholomyès a desdenhar o modesto officio que sabia, deixára de procurar os seus freguezes, e estes por seu turno desappareceram. Achou-se sem recurso algum. Fantina apenas sabia ler e não sabia escrever; quando menina, só lhe tinham ensinado a assignar o seu nome; ella recorrera a um escriptor publico para escrever uma carta a Tholomyès, depois mandara-lhe segunda, terceira carta. Tholomyès a nenhuma respondêra. Um dia, Fantina ouviu umas comadres dizerem olhando-lhe para a filha: Quem é que faz caso de filhos desta qualidade? A gente encolhe os hombros quando olha para elles!—Então lembrou-se de Tholomyès, que encolhia os hombros lendo as cartas em que lhe fallava de sua filha e que não tomava ao serio aquelle ente innocente, e o seu coração começou de sentir por esse homem um como que vago odio. Todavia, que expediente poderia tomar? já não sabia a quem dirigir-se. Ella commettera um erro; mas, lembrado estará o leitor, o pudor e a virtude eram como que inherentes á sua natureza. Sentiu vagamente que estava prestes a cahir na miseria e a resvalar para uma posição infima. Cumpria-lhe ter coragem; teve-a, e conservou-se firme. Lembrou-se voltar para M.—sobre o M.—, sua cidade natal. Alli talvez alguem a conhecesse e lhe dêsse trabalho; sim, mas seria preciso encobrir a sua falta. E ella entrevia confusamente a necessidade possivel de uma separação ainda mais dolorosa do que a primeira. Encheu-se-lhe o coração de angustia, mas ella tomou uma resolução. Fantina, como se verá para diante, tinha a indomita energia da vida. Já havia renunciado valorosamente aos seus enfeites, e vestira-se de brim, reservando todas as suas sedas, todas as suas fitas, todas as suas rendas e todos os seus enfeites para a filha, unica vaidade que lhe restava, mas esta santa. Vendeu tudo o que possuia, no que apurou duzentos francos; paga as suas pequenas dividas, só lhe ficaram cerca de oitenta. Com vinte e dous annos de idade, em uma bella manhã de primavera, saia ella de Pariz, levando a filhinha ás costas. Quem quer que as houvesse encontrado ter-se-hia compadecido dellas. Aquella mulher

não tinha no mundo senão aquella criança, e aquella criança não tinha no mundo senão aquella mulher. Fantina amamentára sua filha; dahi lhe proviera um incommodo de peito e ella tossia um pouco.

Não tornaremos a fallar em Felix Tholomyès. Limitar-nos-hemos a dizer que d'ahi a vinte annos, no reinado de Luiz Philippe, era elle um gordo advogado de provincia, influente e rico, eleitor prudente e jurado severissimo; sempre amigo do prazer.

A' tardinha, depois de ter, para descansar, entrado de espaço a espaço, mediante tres ou quatro soldos, nas então chamadas pequenas carruagens dos arredores de Pariz, Fantina achava-se em Montfermeil, na travessa do Padeiro.

Ao passar pela porta da estalagem dos Thenardier, as duas meninas, encantadas com a sua redouça monstro, como que a haviam deslumbrado, e ella parára diante daquella visão de alegria.

Ha encantos. Aquellas duas meninas foram um encanto para essa mãe.

Ella as contemplava profundamente commovida. A presença dos anjos annuncia o paraíso. Pareceu-lhe ver escripto na fachada daquella estalagem o mysterioso Aqui da Providencia. As duas meninas eram evidentemente felizes! Ella as fitava, admirava-as por tal forma enternecida que, no momento em que a mãe tomava folego entre dous versos da sua canção, não pôde ter-se que não lhe dissesse as palavras que o leitor acaba de ler:

—A senhora tem duas filhinhas bem lindas.

As criaturas mais intrataveis abrandam-se quando lhes festejam os filhos.

A mãe levantou a cabeça e agradeceu, e mandou a transeunte sentar-se no banco junto da porta, ficando ella na soleira. As duas mulheres puzeram-se a conversar.

—Chamo-me Thenardier, disse a mãe das duas meninas. Eu e meu marido somos donos desta estalagem.

Depois preocupada com o seu romance, proseguiu por entre dentes:

*E' forçoso, pois sou cavalheiro,
Partir devo para a Palestina.*

Esta Thenardier era uma mulher ruiva, cheia de car-

nes, angulosa; o typo da mulher de soldado em toda a sua fealdade. E, cousa singular, tinha um ar pensativo que devia a leituras romanescas. Era uma virago dengosa. Velhos romances esfarrapados por imaginações grosseiras produzem destes effeitos. Ainda era moça; tinha apenas trinta annos. Se esta mulher, que estava agachada, se achasse de pé, talvez que a sua avantajada estatura e a sua corpulencia de colosso, proprias das feiras, houvessem para logo assustado a viajante, perturbado a sua confiança, e concorrido para que se não realizasse o que vamos contar. O destino depende ás vezes de achar-se uma pessoa sentada ou de pé.

A viajante contou a sua historia, um tanto modificada.

Disse que era costureira; que seu marido tinha morrido; que se vira sem trabalho em Pariz, e que ia busca-lo algures; na sua terra; que sahira de Pariz, a pé, pela manhan; que, trazendo a filha ao collo, sentira-se fatigada, e tendo encontrado o carro de Villemomble, nelle entrára; que de Villemomble viera a pé até Montfermeil; que a pequena caminhára um bocado, mas não pudera resistir ao cansaço por ser mui tenrinha, e que ella tivera de tomal-a outra vez ao collo e então o anginho pegára no somno.

E, ao concluir, deu na filha um beijo estremecido que a despertou. A menina abriu os olhos, grandes e azues como os de sua mãe, e olhou, para o que? Para nada, para tudo, com esse ar serio e as vezes severo das criancinhas, que é um mysterio da sua luminosa innocencia ante os nossos crepusculos de virtudes. Como que sabem que são anjos e que nós somos homens. Depois a menina poz-se a rir, e, posto que a mãe a detivesse, desceu para o chão com a indomavel energia de um entezinho que quer correr. De repente avistou as outras na sua redouça, parou, e abriu a boca, de admirada.

A mãe Thenardier soltou as filhas, fê-las descer da redouça, e disse:

--Brinquem juntas.

Naquellas idades a intimidade forma-se depressa; e d'ahi a um minuto, as meninas Thenardier brincavam com a recém-chegada, fazendo luracos no chão, prazer immenso.

Arechem—chegada era muito alegre; a bondade da mão revela-se na alegria do filho; ella pegára em uma lasca de pau para lhe servir de enxada e abria energicamente uma cova capaz de conter uma mosca. O que faz o coveiro torna-se risonho sendo feito por uma criança.

As duas mulheres continuavam a conversar.

—Como se chama a sua pequinina?

—Cosetta.

Cosetta, lêa-se Eufrasia. Amenina chamava-se Eufrasia. Mas de Eufrasia a mãe fiserá Cosetta, por esse meigo e gracioso instincto das mães e do povo que muda Josepha em Pepita e Francisca em Chica. E' um genero de derivados que perturba e confunde toda a sciencia dos etymologistas. Conhecemos uma avó que de Higino conseguira fazer Gi.

—Que idade tem?

—Quasi tres annos.

—Amesma que a minha mais velha.

Entretanto as tres meninas estavam grupadas em uma attitude de anxiedade profunda e de beatitude; dava-se um acontecimento; uma grande minhoca acabava de sahir da terra; e ellas tinham medo; e estavam extasiadas.

As suas fronteas radiantes; tocavam-se; disesreis que eram tres cabeças em uma só aureola.

—Vejam o que são creanças, exclamou a mãe Thenardier, como logo se dão! quem não juraria que sam tres irmans?

Estas palavras foram a luz que sem duvida aguardava a outra mãe. Pegou na mão da Thenardier, encarou-a fixamente e disse-lhe:

—A senhora quer ficar com minha filha?

A Thenardier fez um desses movimentos de surpresa, que nem exprime consentimento nem recusa.

A mãe de Cosetta continuou:

—Olhe, é porque não posso leva-la para a minha terra. Não posso trabalhar com ella. Conservando-a comigo, não acharei arranjo. A gente da minha terra é muito implicante. Foi a Providencia quem fez que eu passasse pela sua estalagem. Quando vi as suas meninas tam lindas e tam asseadas e tam contentes, bateu-me o coração. Disse comigo mesma: aqui está uma boa mãe. Pois bem, agora são tres irmans. Demais, eu hei

de voltar em breve. A senhora quer ficar com minha filha?

—Conforme, disse a Thenardier.

—Dar-lhe-hei seis francos por mez.

Aqui uma voz de homem gritou do fundo da bodega:

—Sete francos, senão não. E seis mezes pagos adiantados.

—Seis vezes sete são quarenta e dois, disse a Thenardier.

—Pagal-os-hei, volveu a mãe.

—E mais quinze francos para os primeiros gastos, accrescentou a voz do homem.

—Total cincoenta e sete francos, disse Thenardier.

E somando estas addições, ia cantarolando descuidadamente:

É forçoso, dizia um guerreiro.

—Da-los-hei, disse Fantina, tenho oitenta francos. Ainda me fica com que ir para minha terra. Viajarei a pé. Vou trabalhar para ganhar dinheiro, e logo que tiver alguma cousa virei buscar minha filha:

—A voz do homem de novo se fez ouvir:

—A pequena traz enxoval?

—É meu marido, disse a Thenardier.

Pois não ha de ter, o pobre anjinho!! Logo vi que era o seu marido. E um enxoval bem lindo! um enxoval que me custou muito dinheiro, tem uma duzia de cada peça; e vestidos de seda como uma dama. Traço-o aqui no meu sacco.

—Pois é preciso que no-lo entregue, volveu a voz do homem.

—De certo que hei de entrega-lo! disse a mãe. Havia de ser bonito deixar eu minha filha sem ter que vestir!

Appareceu então o dono da estalagem.

—Bem, disse elle.

Fechou-se o negocio. Fantina passou a noite na estalagem; entregou o dinheiro, deixou a filha, fechou o seu sacco, mais vasiu e menos pesado, porque já não continha o enxoval, e poz-se a caminho assim que amanheceu, contando voltar breve. Estas separações arranjam-se tranquillamente; mas é com o desespero dentro d'alma que se realisam.

Uma vizinha dos Thenardier encontrou Fantina quando esta se retirava, e voltou para casa dizendo a quem queria ouvi-la :

—Vi alli adiante, na rua, uma mulher a chorar de forma que cortava o coração.

Quando a mãe de Cosetta partiu o marido disse para a mulher :

—Com isto pagarei a letra que se vence ámanhan. Faltavam-me cincoenta francos. Escapei de ver entrar-me pela porta dentro um meirinho com um protesto. Na verdade armaste uma boa ratoeira com as pequenas !

—E sem pensar em tal, tornou a mulher.

II

PRIMEIRO ESBOÇO DE DUAS FIGURAS ANTIPATHICAS.

O ratinho que tinham apanhado era bem mesquinho; mas o gato contenta-se mesmo com um ratinho magro.

Quem eram os Thenardier?

Digamo-lo já em algumas palavras. Mais para diante completaremos o esboço.

Estes entes pertenciam a essa classe bastarda que se compõe de creaturas grosseiras elevadas e de creaturas inteligentes humilhadas, classe que tem o seu lugar entre a chamada média e a chamada inferior, e que combina alguns defeitos desta com quasi todos os vícios daquella, sem ter do artezão o generoso enthusiasmo, nem do burguez o louvavel amor da ordem.

Eram duas dessas naturezas mesquinhas que, se algum fogo sinistro as aquece por acaso, tornam-se facilmente monstruosas. A mulher tinha latentes todos os instinctos de um irracional, e o marido todas as propensões de um mendigo. Ambos eram, no mais subido grão, susceptiveis da especie de hediondo progresso que se dá no sentido do mal. Ha almas que, como os caranguejos, recuam continuamente para as trevas, retrogra-

dando na vida em vez de avançarem, empregando a experiencia em augmentar a sua propria perversidade, peiorando de continuo, e impregnando-se mais e mais de uma crescente infamia. Esse homem e essa mulher tinham almas assim.

O marido, particularmente, mortificaria qualquer phisionomista. Basta fitarmos certos homens para desconfiarmos delles, porque vemo-los dobradamente tenebrosos. Mostram-se inquietos em relação ao passado, e ameaçadores em relação ao futuro. O que nelles predomina é o incognito. Ninguem pode atiançar o que taes homens hão feito nem tam pouco o que farão. O seu olhar turvo denuncia-os. Basta ouvi-los dizer uma palavra ou vê-los fazer um gesto para logo entrevermos sombrios sagrados no seu passado e sombrios mysterios no seu futuro.

Esse Thenardier, a dar-se-lhe credito, tinha sido soldado; sargento, dizia elle; fizera provavelmente a campanha de 1815, e até se portara com bastante denodo, ao que parece. Mais para diante apuraremos isto. A taboleta da bodega era uma allusão a um dos seus feitos de armas. Fôra elle proprio que a pintára porquanto sabia um bocado de todos os officios, porem mal.

Era a época em que o antigo romance classico, que, depois de ter se chamado *Clelia*, já não era senão *Lodoiska*, sempre nobre, porem cada vez mais vulgar, descendo da Scuderi á Bournon-Malarme, e da Lafayette á Barthélemy Hadot, incendiava a alma terna das porteiras de Pariz, e até mesmo assolava um pouco os arrabaldes. A Thenardier tinha justamente uma intelligencia ao nivel de tal genero de livros. Eram elles o seu pasto intellectual. Enchia o acanhado cerebro com essa leitura indigesta; dahi lhe proviera, emquanto fôra moça, uma attitude pensativa junto do marido, velhaco um tanto profundo, rufião letrado que desconhecia a grammatica, grosseiro e sagaz ao mesmo tempo, mas que a respeito de sentimentalismo só se guiava por Pigault-Lebrun, e em tudo que se refere ao bello sexo, como dizia na sua giria, perfeita e supinamente ignorante.

A mulher tinha uns doze ou quinze annos menos do que elle. Passados tempos, quando os cabellos romanticamente chorões começaram a encanecer, quando a Pamela se transformou em Megera, a Thenardier não foi

mais do que uma obesa e perversa mulher que havia saboreado romances estúpidos. Ora, ninguém lê impunemente parvoíces. O resultado de taes leituras foi a sua filha mais velha chamar-se Eponina; quanto á mais nova, por um triz se não chamou Culnars; a não sei que feliz diversão feita por um romance de Ducray-Duminil deveu ella que a mãe se contentasse com chama-la Azelma.

Demais, entre parenthesis, nem tudo é ridiculo e superficial nesta curiosa época a que alludimos, e que poderia considerar-se como a da anarchia dos nomes de baptismo. A par do elemento romanesco que acabamos de indicar, avulta o symptoma social. Hoje não é raro ver-se um simples carreiro com o nome de Arthur, Affonso ou Alfredo, e um visconde—se é que ainda ha viscondes—com o de Thomaz, Pedro ou Thiago. Esta deslocação que põe o nome—elegante—no plebeu e o nome rustico no aristocrata, não é outra cousa senão um vai vem de igualdade. Nisto, como em tudo mais, manifesta-se o irresistivel impulso das novas idéas. Sob esta discordancia apparente ha uma cousa grandiosa e transcendente, a revolução franceza.

III

A CALHANDRA.

Para ser feliz não basta ser velhaco. A bodega ia mal. Graças aos cincoenta e sete francos da viajante, Thenardier podera evitar um protesto e fazer honra á sua firma.

No mez seguinte tornaram a sentir falta de dinheiro; a mulher levou para Pariz o enxoval de Cosetta e empenhou-o por sessenta francos em um monte de soccorro. Assim que gastaram este dinheiro os Thenardier afizeram-se a considerar a menina como uma creança que tinham em casa por caridade, e entraram a trata-la como se effectivamente assim fosse.

Achando-se ella sem roupa, vestiam-lhe as camisas e os vestidos uzados das proprias filhas, isto é, verdadeiros trapos. Sustentavam-a com os sobejos de todos, um pouco melhor do que o cão, um pouco peor do que o gato. O gato e o cão eram aliás os seus convivas habituaes; Cosetta comia com elles debaixo da mesa, em uma escudella de pau igual á dos dois animaes.

A mãe que se estabelecera, como adiante se verá, em M. sobre o M., escrevia, ou para melhor dizer, mandava

escrever todos os mezes pedindo noticias de sua filha. Os Thenardier respondiam invariavelmente : Cosetta passa ás mil maravilhas.

Decorridos os seis primeiros mezes, a mãe remetteu sete francos por conta do setimo mez, e continuou com toda a pontualidade a fazer as suas remessas de mez em mez. Ainda bem não tinha acabado o anno, eis que Tenardier diz :

—Ella faz-nos na verdade um grande favor ! sem duvida quer que façamos milagres com os seus sete francos !

E escreveu a Fantina para exigir doze francos. A mãe, a quem elles persuadiam que a sua filha era feliz—e crescia bem—, submetteu-se e mandou os doze francos.

Ha creaturas que não podem amar sem ao mesmo tempo odearem. A mãe Thenardier amava enternecidamente as suas duas filhas, tal o motivo por que detestou a alheia. É triste pensar que o amor de uma mãe pode apresentar hediondos aspectos. Embora Cosetta em nada lhe fosse incommoda, parecia-lhe que a sua estada no seio da familia lesava as outras, e que a pobre pequena diminuia o ar que suas filhas respiravam. Essa mulher, como muitas outras da sua estofa, não podia passar sem dar todos os dias um certo numero de pancadas, sem vomitar uma certa quantidade de injurias. Se Cosetta não lhe estivesse á mão, suas proprias filhas, apesar de tam idolatradas, teriam indubitavelmente padecido ; mas a alheia attrahia sobre si os máus tratos que ellas poderiam soffrer. Ás suas filhas só tocaram as caricias. Cosetta não podia fazer o menor movimento que não a expuzesse á castigos violentos e immerecidos. Meigo ente fraco que não podia comprehender nada deste mundo, nem de Deus, de continuo punida, reprehendida, desprezada, espancada, e vendo ao seu lado duas creaturinhas como ella, que viviam cercadas de caricias !

A Thenardier era má para Cosetta. Eponina e Azelma tambem foram más. As crianças, naquella idade, são exemplares das mães. O formato é menor, eis a unica differença.

Passou-se um anno, depois outro.

Todos diziam na aldêa :

—Estes Thenardier teem muito bom coração. Não são

ricos e criam uma pobre menina que a mãe lhes abandonou em casa!

Todos acreditavam que Cosetta tinha sido engeitada por sua mãe.

Entretanto Thenardier, informado, não sabemos por que meios tenebrosos, de que a menina era provavelmente bastarda, e que a mãe não podia apresenta-la como filha, exigiu quinze francos por mez, dizendo que—o anjinho—já estava crescidinho e—*comia bem*—e ameaçando-a com a remessa da criança.

—Ella que se deixe de aborrecer-me! exclamava o velhaco, quando não arrumo-lhe com este trambolho ao bioco e desmancho-lhe a figura. Preciso que me augmentem a mensalidade.

Fantina pagou os quinze francos.

De anno em anno foi crescendo a menina, e igualmente a sua miseria.

Em quanto Cosetta foi pequenina, serviu de *arreburrinho* às outras duas; assim que se achou um pouco mais crescida, isto é, antes mesmo de ter chegado aos cinco annos, tornou-se a criada da casa.

Cinco annos, dirá alguém, é inverosimil. Ah! é a pura verdade. O soffrimento social começa em toda a idade. Pois não vimos ha bem pouco tempo o processo de Domollard, orphão que se tornou bandido, o qual, desde a idade de cinco annos, dizem os documentos officiaes, acañando-se só no mundo, trabalhava para viver, e roubava?

Mandavam Cosetta fazer compras e levar recados; era ella quem varria os quartos, o pateo, a rua, e lavava a louça, e até levava pezos. Os Thenardier julgavam-se ainda mais autorisados a proceder assim por a mãe, que continuava a residir em M. sobre o M., começar a ser impontual nos pagamentos. Alguns mezes ficaram em atraso.

Se Fantina tivesse voltado a Montfermeil ao cabo desses tres annos, houvera desconhecido a filha Cosetta; tam linda e tam robusta ao chegar áquella casa, estava agora magra e pallida. O seu ar era inquieto.—Sonsa! diziam os Thenardier.

A injustiça tornara-a aborrecida e a miseria deturpara-lhe a belleza. O que nella ainda havia lindo eram os olhos, que causavam pena, porque, grandes como eram, pare-

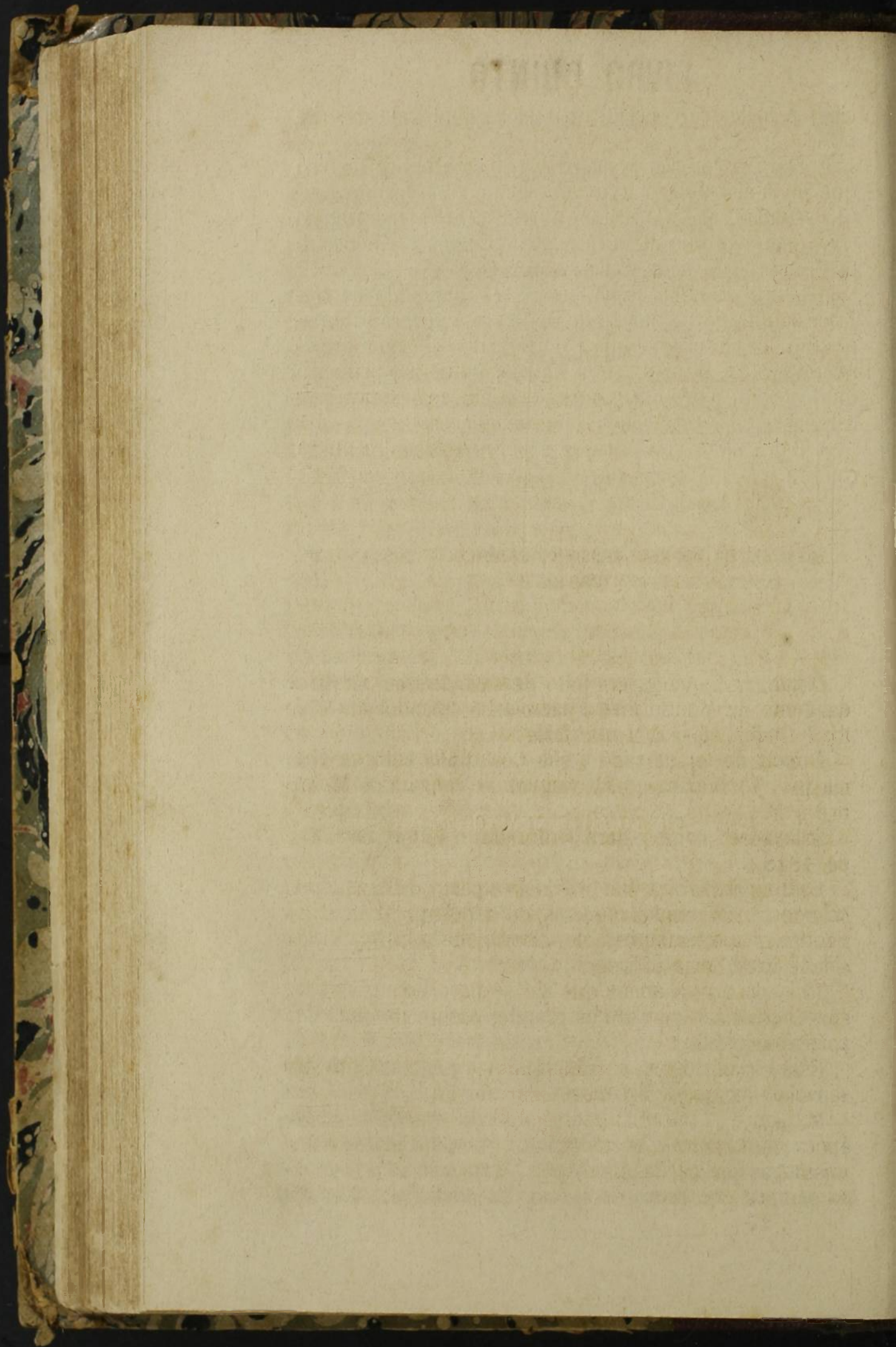
cia que nelles se concentrava maior quantidade de tristeza.

Cortava o coração ver no inverno essa pobre menina que ainda não tinha seis annos, tremendo de frio debaixo dos seus andrajos de brim, a varrer a rua de madrugada com uma enorme vassoura nas mãozinhas vermelhas e os olhos cheios de lagrimas.

A gente da aldêa tinha-lhe posto o appellido de *Calhandra*. O povo, que gosta de figuras, puzera este nome áquelle entezinho quazi do tamanho de uma avezinha, tremulo, inquieto, assustadiço, que era o primeiro que acordava em casa e em toda a aldêa, e andava por campos e ruas muito antes de amanhecer.

A unica differença era que a pobre Calhandra nunca cantava.

FIM DO LIVRO QUARTO.



LIVRO QUINTO.

A PERDIGÃO.

I

HISTORIA DE UM PROGRESSO NO FABRICO DE MISSANGAS PRETA.

O que, no entanto, era feito dessa mãe que, ao dizer da gente de Montfermeil, parecia ter abandonado a filha? Onde estava? O que fazia?

Depois de ter deixado a sua Cosettinha com os Thenardier, continuara a sua viagem e chegara a M. sobre o M.

Estava-se, como estará lembrado o leitor, no anno de 1818.

Fantina deixara a sua provincia á perto de dez annos. M. sobre o M. tinha mudado de aspecto. Em quanto Fantina descia lentamente de miseria em miseria, a sua cidade natal havia prosperado.

Já ia para dois annos que ali se dera um desses factos industriaes que são os grandes acontecimentos dos paizes pequenos.

Esta circumstancia é importante, e julgamos util desenvolvê-la; quasi diríamos—sublinha-la.

M. sobre o M. tinha por industria especial, desde época mui remota, a imitação do azeviche inglez e das missangas pretas da Allemanha. Esta industria vegetára sempre por causa do elevado preço das materias pri-

mas que reagia sobre a mão de obra. No momento em que Fantina chegou a M. sobre o M., uma transformação inaudita se tinha operado nesta produção dos artefactos pretos. Em fins do anno de 1815, um homem, um desconhecido, viera estabelecer-se na cidade, e lembrara-se de substituir nesse fabrico a resina pela gomma-laca, e, particularmente para os braceletes, pelas contas de metal simplesmente dobradas as contas de metal soldadas.

Esta pequenina alteração fôra uma revolução.

Esta pequenina alteração havia com effeito reduzido prodigiosamente o custo da materia prima, o que permittira, em primeiro lugar elevar o preço da mão de obra, beneficio para o paiz, depois aperfeiçoar o fabrico, vantagem para o consumidor, e em terceiro lugar vender mais barato, triplicando-se ao mesmo tempo os lucros, proveito para o manufactureiro.

Assim, de uma idéa obtinha-se tres resultados.

Em menos de tres annos enriquecera o autor deste systema, o que é bom, e fizera reinar em torno de si a abastança, o que ainda é melhor. Elle era estranho ao departamento. Da sua origem nada se sabia; dos seus principios mui pouco.

Contava-se que elle viera para a cidade com muito pouco dinheiro, algumas centenas de francos, quando muito.

Fora desse modico capital, empregado na realisação de uma idéa engenhosa, fecundado pela ordem e pela intelligencia, que elle tirara a sua fortuna e a de todo aquelle paiz.

O seu traje, sous ademanes e linguagem, ao chegar a M. sobre o M., eram exactamente os de um operario.

Parece que, justamente no dia em que elle entrava obscuramente na pequena cidade de M. sobre o M., ao cahir de uma noite do mez de dezembro, com o sacco ás costas e o seu bordão na mão, um grande incendio acabava de manifestar-se na casa do concelho municipal. Esse homem lançara-se ao meio das chammas, e salvara, com risco de vida, duas creanças, que quiz o acaso fossem filhas do proprio commandante do destacamento policial; motivo porque ninguem se lembrou de pedir-lhe o seu passaporte. Desde então ficou-se sabendo o seu nome. Chamava-se *pac Magdalena*.

II

MAGDALENA.

Era um homem de cerca de cincoenta annos, que mostrava sempre um ar preocupado e era bom. Eis o mais que se podia dizer a seu respeito.

Graças aos progressos rapidos da industria que elle tam admiravelmente restaurara, M. sobre o M. tornara-se um centro de commercio nimiammente importante. A Hespanha, que compra muito azeviche preto, tirava dalli todos os annos partidas immensas. M. sobre o M. quasi competia, neste ramo de commercio, com Londres e Berlin. Os lucros do pae Magdalena eram taes que, logo no segundo anno, pôde edificar uma grande fabrica, na qual havia duas espaçosas officinas, uma para os homens, e outra para as mulheres. Quem quer que tivesse fome podia alli apresentar-se, certo de achar emprego e pão. O pae Magdalena exigia dos homens boa vontade, das mulhares costumes puros, e tanto destas como daquelles probidade. Tinha dividido as suas officinas, a fim de separar os dous sexos e para que mulheres e raparigas se não deslizassem da senda da honestidade. Neste ponto era elle inflexivel. Era só no que se mostrava de alguma sorte intolerante. A

sua severidade era tanto mais justa quanto, sendo M. sobre o M. uma cidade de guarnição, abundavam as occasiões de corrupção. A sua vinda fora, pois, um beneficio, e a sua presença era uma providencia. Antes da chegada do pae Magdalena tudo definhava no paiz; agora tudo vivia a vida san do trabalho. Uma forte circulação fomentava e penetrava por toda a parte. A falta de trabalho e a miseria eram cousas desconhecidas. Não havia algibeira a mais obscura que não tivesse um pouco de dinheiro, nem casa, por mais pobre, que não tivesse um bocado de alegria.

O pae Magdalena dava que fazer a todos. Só exigia uma cousa: Seja honrado! Seja bem comportada!

Como já dissemos, no meio desta actividade de que era causa e centro, o pae Magdalena enriquecia, mas, cousa assaz singular em um simples homem do commercio, parecia que não era esse o seu principal cuidado. Dir-se-hia que se occupava muito com os outros e pouco consigo mesmo. Em 1820 sabia-se que tinha posto em seu nome, em casa de Laffitte, uma somma de seiscentos e trinta mil francos: mas, antes de reservar-se esses seiscentos e trinta mil francos, gastara mais, de um milhão com os pobres e com a cidade.

As rendas do hospital eram minguadas; elle fundara dez leitos. M. sobre o M. divide-se em cidade alta e baixa. Na cidade baixa, onde elle morava, só havia uma escola, feio coebicholo, de todo arruinado; á sua custa foram construidas duas, uma para meninos, outra para meninas. Os dois professores recebiam d'elle uma recompensa igual ao dobro do seu modico subsidio official: a alguem que uma vez mostrou-se admirado disto, respondêu Magdalena: «Os dois primeiros funcionarios do estado são a ama e o mestre-escola.» Instituiu á sua custa uma casa de asylo, cousa então quasi desconhecida em França, e uma caixa de soccorro para os operarios velhos e invalidos. Sendo a sua fabrica um centro, um novo bairro em que havia um bom numero de familias indigentes lhe surgira rapidamente em torno: alli estabelecera uma pharmacia gratuita.

No começo, quando o viram principiar, as boas almas disseram:—É um maganão que quer enriquecer. Quando o viram enriquecer o paiz antes de tratar de enriquecer-se, as boas almas disseram:—É um ambi-

cioso.—Isto parecia ainda mais provavel por esse homem ser religioso, e ainda mais por dar-se até certo ponto ás praticas da religião, cousa muito bem vista naquella época. Ia regularmente ouvir uma missa rezada todos os domingos.

O deputado do districto, que rastreava por toda a parte concurrencias, não tardou a inquietar-se com semelhante religiosidade. Este deputado, que tinha sido membro do corpo legislativo do imperio, partilhava as idéas religiosas de um padre do Oratorio conhecido sob o nome de Fouché, duque de Otranto, de quem fôra creatura e amigo. Lá comsigo mesmo ria-se de Deus que ninguem o ouvisse. Mas, quando viu o rico fabricante Magdalena ir á missa rezada das 7 horas, enxergou um candidato possivel, e resolveu levar-lhe as lampas; tomou por confessor um jesuita, e entrou a ir á missa que se cantava no altar-mór, e a vespêras. Nesse tempo, a ambição, para sortir effeito, soccorria-se da beatice. Os pobres lucraram tanto com este temor como a Providencia, porquanto o honrado deputado fundou tambem dous leitos no hospital; o que elevou o seu numero a doze.

Correu no entanto certa manhan, em 1819, o boato de que o rei, accedendo á proposta do prefeito e em consideração aos serviços prestados ao paiz, ia nomear o pae Magdalena *maire* de M. sobre o M. Os que haviam propalado que o recém-chegado era um ambicioso prevaleceram-se com transporte de uma occasião que todos os homens anhelam, para exclamar: «E então! o que diziamos nós?» Toda M. sobre o M. ficou alvoraçada. O boato era fundado. Dias depois a nomeação appareceu no *Monitor*. No dia seguinte o pae Magdalena recusou.

Nesse mesmo anno de 1819 os productos do novo systema inventado por Magdalena appareceram na exposição da industria; á vista do relatorio do jury, o rei nomeou o inventor cavalheiro da Legião de Honra. Novo rumor na cidadezinha.—Ahi está! o que elle queria era uma condecoração!—O pae Magdalena recusou a condecoração.

Este homem era decididamente um enigma. As boas almas tiraram-se do embaraço, dizendo:—Em todo o caso é um aventureiro.

Cemo o leitor já viu, o paiz devia-lhe muito, os pobres deviam-lhe tudo; elle era tam util que não houve remedio senão resolverem-se a acata-lo, e era tam bom que já a final o amavam; os seus operarios em particular adoravam-n'o, e elle recebia essa adoração com uma especie de gravidade melancolica. Quando a sua fortuna se achou constituida. a gente de gravata lavada entrou a comprimenta-lo, e em toda a cidade começaram a trata-lo pelo senhor Magdalena; os seus operarios e as creanças continuavam a chama-lo *pai Magdalena*, e era isto o que o fazia sorrir-se com mais gosto. Á proporção que elle subia, choviam-lhe os convites. A sociedade reclamava-o. Os salõezinhos formalistas de M. sobre o M., que com toda a certeza, se teriam fechado alguns annos antes ao artezão, abriram de par em par as portas ao millionario. Mil offerecimentos lhe foram feitos. Elle recusou.

Desta vez ainda as boas almas não deixaram de commentar o caso.—É um homem ignorante e de baixa educação. Ninguem sabe donde veio tal estafermo. O acanhamento é que o faz evitar a sociedade da gente limpa. É mais que provavel que elle não saiba lêr.

Quando o viram ganhar dinheiro, disseram :—É um mercador.—Quando o viram espalhar o seu cabedal, disseram :—É um ambicioso.—Quando o viram recusar as honras, disseram :—É um aventureiro.—Quando o viram fugir da sociedade, disseram :—É um bruto.

Em 1820, cinco annos depois da sua chegada a M. sobre o M., os serviços que elle prestava ao paiz eram tam importantes, os votos de todo o districto foram de tal fôrma unanimes, que o rei nomeou-o outra vez *maire* da cidade. Magdalena tornou a escusar-se, mas o prefeito não aceitou a recusa, todos os notaveis vieram pedir-lhe que aceitasse o cargo, o povo no meio da rua supplicava-o, a insistencia foi tamanha que elle acabou por aceitar. Houve quem notasse que o que pareceu sobretudo determina-lo foi a apostrophe quasi irada de uma velha do povo que lhe bradou do limiar da porta com vivacidade: *Um bom maire é util. Quem é que recua deante do bem que pode fazer?*

Tal foi a terceira phase da sua ascensão. O pae Magdalena tornára-se o snr. Magdalena, o snr. Magdalena tornou-se o snr. *maire*.

III

SOMMAS DEPOSITADAS EM CASA DE LAFFITTE.

Quanto ao mais, conservara-se tam simples como no primeiro dia. Tinha cabellos grisalhos, olhos cheios de seriedade, a tez crestada de um operario, o semblante pensativo de um philosopho. Trajava habitualmente uma comprida sobrecasaca de panno grosso, abotoada até ao queixo, e chapéu de abas largas. Exercia as suas funcções de *maire*; mas, fóra disso, vivia solitario. Conversava com poucas pessoas. Furtava-se aos cumprimentos, cortejava sem parar, esquivava-se depressa, sorria-se para dispensar-se de conversar, dava para dispensar-se de sorrir. As mulheres diziam delle:—Que bom urso!—O seu maior prazer era passeiar nos campos.

Comia sempre só, lendo um livro que punha deante de si. Tinha uma bibliotheca pequena, mas bem escolhida. Gostava de livros; os livros são amigos fieis e seguros. Á medida que com a fortuna se lhe augmentavam os lazeres, parecia que delles se aproveitava para cultivar o espirito. Depois que se achava em M. sobre o M. notava-se que de anno para anno a sua linguagem tornava-se mais polida, mais elevada e insinuante.

Nos seus passeios gostava de levar uma espingarda, mas raras vezes se servia della. Quando por ventura dava um tiro, a pontaria era tam infallivel que assombrava. Nunca matava animal algum inoffensivo. Nunca atirava a passarinho nenhum.

Embora não fosse moço, dizia-se que elle tinha uma força prodigiosa. Estava sempre prompto a ajudar a quem quer que carecesse de seu prestimo; levantava um cavallo, tirava uma roda de dentro de um atoleiro, fazia parar um touro na desfilada agarrando-o pelos chifres. Quando sabia, levava as algibeiras cheias e recolhia-se com ellas vazias. Ao passar por qualquer aldêa, as creanças cobertas de andrajos corriam alegremente atrás delle e cercavam-n'o como uma nave de mosquitos.

Havia quem acreditasse que elle vivera d'antes nos campos, porquanto sabia uma infinidade de segredos uteis que communicava aos camponezes. Ensinava-os a destruir a traça do trigo borrifando o celleiro e molhando as fendas do assoalho com uma solução de sal commum, e a afugentar o gorgulho pendurando por toda a parte, nas paredes e no tecto, nos prados e nas casas, salva florida.

Tinha receitas para extirpar de um campo a nigella, a hervilhaca, a cauda de raposa e todas aservas parasiticas que matão o trigo. Defendia as coelheiras contra os ratos simplesmente com o grunhido de um porquinho da India que mettia dentro dellas.

Um dia viu uns camponezes muito azafamados a arrancar ortigas; olhou para o montão deervas arrancadas e já murchas, e disse: — Estão mortas. Mas esta herva seria boa se soubessem servir-se della. Quando a ortiga é nova, é um legume excellente; quando cresce, tem filamentos e fibras como o canhamo e o linho. Uma têa de ortiga é tam boa como uma têa de canhamo. A ortiga, bem picada, é um excellente alimento para as aves domesticas; sendo pisada, é boa para os animaes cornigeros. A semente da ortiga misturada com a forragem torna luzente o pello dos animaes; a raiz, misturada com sal, produz uma bella côr amarella. Demais é uma herva excellente que pode ceifar-se duas vezes. E o que requer a ortiga? Pouca terra, nenhum cuidado, nenhuma cultura. Só o que tem é que a se-

mente cabe á medida, que amadurece, e é difficil apanhá-la. Nada mais. Com algum trabalho que se tivesse, a ortiga seria util; desprezam-n'a, ella torna-se nociva. Por isso matam-n'a. Quantos homens se parecem com a ortiga!—E accrescentou, apoz um instante de silencio: —Amigos, nunca esqueçam isto: não haervas más nem homens máus. Mas ha máus cultivadores.

As creanças tinham ainda um motivo para lhe serem afeiçoadas: elle fazia lindos brinquedos de palha e casca de côco.

Quando via a porta de uma egreja armada de preto, entrava; gostava de assistir a um enterro como outros a um baptizado. A viuvez e o infortunio alheio o attrahiam pela sua extrema bondade; unia-se aos amigos afflictos, ás familias vestidas de luto, aos padres que entoavam plangentes cantos á roda de um feretro. Parecia comprazer-se em tomar para texto de suas meditações aquellas funebres psalmodias cheias da visão do outro mundo. Fitos os olhos no céu, escutava, com uma especie de aspiração para todos os mysterios do infinito, essas vozes tristes que cantam á beira do tenebroso abysmo da morte.

Praticava uma infinidade de boas acções, ás occultas, como se ellas fossem reprehensiveis. De noite penetrava furtivamente nas casas; subia ás escondidas as escadas. Mais de um pobre diabo, ao recolher-se para o seu sotão, via que a porta tinha sido aberta, ás vezes mesmo arrombada, na sua auzencia. O pobre homem exclamava:—Aqui esteve algum malfetor!—Entrava, e a primeira cousa que avistava era uma moeda de ouro em cima de algum movel. O malfetor que abria a porta era o pae Magdalena.

Elle era affavel e triste. O povo dizia: Ahi está um rico que não é soberbo. Ahi está um homem feliz que não parece contente.

Outros diziam que elle era um personagem mysterioso, afirmavam que ninguem entrava no seu quarto, que parecia uma verdadeira cella de anachoreta, alfaiada com ampulhetas aladas e enfeitada de ossos encrusados de caveiras. Este boato tomou tanto vulto, que algumas moças elegantes e zombeteiras de M. sobre o M. foram um dia a casa de Magdalena, e disseram-lhe; — snr.

maire, tenha a bondade de mostrar-nos o seu quarto. Dizem que é uma gruta.

Elle sorriu-se, e conduziu-as immediatamente á tal gruta. A curiosidade foi bem punida. O quarto estava simplesmente ornado de moveis de acaju mui feios como todos os moveis deste genero, e forrada de papel de doze soldos. A unica cousa mais notavel que puderam ver foram dois castiçaes de fôrma antiga, que estavam em cima da chaminé, e que pareciam ser de prata, porque tinham a marca. Observação em que se revela todo o espirito das cidades pequenas.

Mas nem por isso deixaram de contiunar a dizer que ninguem entrava naquelle quarto, e que era uma caverna de ermitão, um lugar de vigilia, um antro, um tumulto.

Fallava-se tambem pela boca pequena das sommas immensas depositadas em casa de Laffitte, com a particularidade de estarem sempre á sua immediata disposição, de fôrma que, accrescentavam os murmuradores, o snr. Magdalena podia apresentar-se uma manhan em casa de Laffitte, assignar um recibo e levantar os seus dous ou tres milhões em dez minutos. Na realidade, esses dous ou tres milhões reduziam-se, como já dissemos, a seiscentos e trinta mil francos.

IV

O SNR. MAGDALENA DE LUTO.

Em principios do anno de 1821 os jornaes annunciaram o fallecimento de s. ex. revm. o snr. Myriel, bispo de D., cognominado *Bemvindo*, e morto na idade de 82 annos, com cheiro de santidade.

O bispo de D., consignamos aqui uma particularidade que os jornaes omittiram, achava-se, quando morreu, cego de ha muitos annos, e contente com a sua cegueira, por ter a irman junto de si.

Digamo-lo de passagem, ser cego e ser amado é com effeito, nesta terra onde nada é completo, uma das formas mais singularmente delicadas da felicidade. Ter-mos continuamente ao nosso lado uma mulher, uma moça, uma irman, um ente amavel, que ali está porque carecemos della e porque ella não póde passar sem nós: sabermos que somos indispensaveis a quem nos é necessario, podermos continuamente medir a sua affeição pela assiduidade da sua presença, e dizermos no fundo da alma: Ella que me consagra todo o seu tempo é porque é meu todo o seu coração; vermos o pensamento, na impossibilidade de vermos o semblante, certificarmos da fidelidade de um ente no eclipse do mundo,

escutarmos o roçar de um vestido como um bater de azas, ouvi-la andar de um lado para o outro, entrar, sair, tornar a entrar, fallar, cantar, e pensarmos que somos o centro desses passos, dessa fallar, desse canto; manifestarmos a cada instante a nossa propria attracção, sentirmo-nos tanto mais fortes quanto mais fracos estamos, tornar-mo-nos na escuridão pela escuridão o astro em torno do qual gravita esse anjo, poucas felicidades ha que igualemente esta. A dita suprema da vida é a convicção de que somos amados; amados por amor de nós mesmos, exprimamo-nos melhor, amados mesmo a nosso pesar! esta convicção o cego a tem. Nessa situação angustiada, ser servido é ser animado. Faltalhe alguma cousa? Não. Deixamos de ver a luz, mas fica-nos o amor. E que amor! um amor que é toda virtude. Não ha cegueira onde ha certeza. A alma tactuando busca a alma, e acha-a. E esta alma achada e provada é uma mulher. Uma mão nos sustenta, é a sua; uma boca toca a nossa fronte, é a sua boca; ouvimos uma respiração junto de nós, é ella.

Tudo receber della, desde o seu culto até á sua compaixão, nunca ser abandonado, ter ao lado aquella doce fraqueza que nos soccorre, encostamo-nos áquelle canico inabalavel, tocar com as mãos a Providencia e poder cingi-la com os braços; Deus palpavel, que transporte! O coração, essa celeste flor occulta, entra em uma dilatação mysteriosa. Esta escuridão vale mais do que toda a luz! A alma-anjo alli está, sempre alli; se se afasta é para voltar; esvae-se como o sonho e reaparece como a realidade.

Um calor aproxima-se, é ella. Trasbordamos de serenidade, de alegria e de extasis; somos um raio de luz no meio da nossa noite. E os mil pequenos cuidados. Nadas que são enormes no vacuo em que estamos. Os mais ineffaveis tons da voz feminina empregados em acariciar-nos, e substituindo para nós o universo esvae-cido. Somos affagados por uma alma. Nada vemos, mas sentimo-nos adorados. E' um paraíso de trevas.

Foi deste paraíso que Bemvindo passou para o outro.

A noticia da sua morte foi transcripta pelo jornal da cidade de M. sobre o M. O snr. Magdalena apresentou-se no dia seguinte todo vestido de preto e de fumo no chapéu.

Toda a cidade reparou nesse luto, e começaram logo a boquejar. Esta circumstancia pareceu lançar certa luz sobre a origem do snr. Magdalena. Concluíram que elle tinha algum parentesco com o veneravel bispo.—*Está de luto pelo bispo de D.*, disseram logo nos salões.— Isto exaltou muito o snr. Magdalena, e deu-lhe subitamente e sem mais exame certa consideração entre a nobreza de M. sobre o M. O mycrosopico bairro de San'Germano da cidade lembrou-se de fazer cessar a quarentena de Magdalena, parente provavel de um bispo. O fabricante notou o augmento de consideração que obtinha pelo maior numero de medidas da parte das velhas e de sorrisos da parte das moças. Uma noite, uma decana desta alta rodinha, curiosa por direito de antiguidade, aventurou-se a perguntar-lhe:

—O snr. *maire* é sem duvida primo do fallecido bispo de D...?

Elle respondeu:—Não, senhora.

—Mas, proseguia a viuva, o senhor está de luto por elle?

Magdalena tornou:—E' porque na minha mocidade fui laçao da sua familia.

Notava-se ainda outra cousa, e era que sempre que passava pela cidade algum joven saboyano percorrendo o districto á cata de chaminés para limpar, o snr. *maire* mandava chama-lo, perguntava-lhe pelo nome e dava-lhe dinheiro. Os saboyaninhos contavam o caso aos outros, e grande numero delles passavam pela cidade.

V

LAMPEJOS NO HORIZONTE.

Pouco a pouco, e com o andar do tempo, todas as opposições se haviam aniquilado. Magdalena fôra a principio, por uma especie de lei a que estão sujeitos todos aquelles que se elevam, alvo de iniquidades e de calumnias, depois só soffreu maldades, depois só escarneos, depois cessaram de todo os máus tratos; o respeito tornou-se completo, unanime, cordial, e houve tempo, em 1821, em que as palavras—o snr. *maire*—eram pronunciadas em M. sobre o M. quasi com o mesmo tom com que estas outras—s. exc. revma.—eram pronunciadas em D. em 1815. Vinha gente de dez leguas de distancia para consultar Magdalena. Elle punha termo ás desavenças, impedia as demandas, reconciliava os inimigos. Todos o tomavam por juiz do seu bom direito. Dir-se-hia que tinha por alma o livro da lei natural. Deu-se uma especie de contagio que em seis ou sete annos e de povoado em povoado se propagou por todo o paiz.

Um unico homem, na cidade e na comarca, se subtrahiu absolutamente a este contagio, e, por mais que fizesse o pae Magdalena, perseverou na sua rebeldia, como se uma especie de instincto incorruptivel e imper-

turbavel o trouxesse sempre attento e inquieto. Dir-se-hia com effeito que existe em certos homens um verdadeiro instincto bestial, puro e integro como todo o instincto que crea as antipathias e as sympathias, que separa fatalmente as naturezas, que não hesita, que não se perturba, que não se cala, não se desmente nunca, claro na sua obscuridade, infallivel, imperioso, refractario a todos os conselhos da intelligencia e a todos os dissolventes da razão, e que, de qualquer fôrma que se achem cumpridos os destinos, avisa secretamente o homem-cão da presença do homem-gato, e o homem-raposa da presença do homem-leão.

Muitas vezes, quando Magdalena passava por alguma rua, calmo, affectuoso, rodeado das bençãos de todos, acontecia que um homem de alta estatura, trajando sobrecasaca côr de rapé, armado de uma grossa bengala e com o chapéu enterrado na cabeça, se voltasse vivamente depois que elle passava, seguindo-o com os olhos até que desaparecesse, cruzando os braços, sacudindo lentamente a cabeça, e levantando os beiços até ao nariz, especie de carecta significativa que poderia traduzir-se assim:—Mas quem é este homem? Eu já o vi de certo em alguma parte. Em todo o caso não ha de ser a mim que elle engane.

Este personagem, cuja gravidade era quasi ameaçadora, tinha uma dessas caras que, mesmo vistas de relance, preoccupam o observador.

Chamava-se Javert, e era empregado da policia.

Exercia em M. sobre o M. as funções penosas, mas uteis, de inspector. Elle não vira os principios de Magdalena. Javert devia o cargo que occupava á protecção de Chabouillet, secretario do ministro de estado conde Anglès, que era então prefeito de policia em Pariz. Quando Javert chegara a M. sobre o M., a fortuna do opulento fabricante já estava feita, e o pae Magdalena já era o snr. Magdalena.

Ha officiaes de policia que teem uma physionomia particular, e que se complica com um ar de baixeza junto a um ar de autoridade. Javert tinha uma dessas physionomias, mas sem a baixeza.

É convicção nossa que, se as almas fossem visiveis aos olhos, ver-se-hia distinctamente a pasmosa analogia pela qual cada um dos individuos da especie humana corres-

ponde a alguma das especies da criação animal: e poderia reconhecer-se facilmente esta verdade apenas lóbriga pelo pensador, que, desde a ostra até á aguia, desde o porco até o tigre, todos os animaes estão no homem, e cada um delles em um homem. Ás vezes mesmo muitos delles a um tempo.

Os animaes não são outra cousa senão as figuras das nossas virtudes e dos nossos vicios, a vagar deante dos nossos olhos, fantasmas visiveis das nossas almas. Deus no-los mostra para levar-nos a reflectir. Ora, como os animaes não são mais do que sombras, Deus não os fez educaveis, no sentido completo da palavra. Também para que? Pelo contrario, sendo as nossas almas realidades e tendo um fim que lhes é proprio, Deus lhes deu a intelligencia, isto é, a educação possível. A educação social bem feita pode sempre tirar de uma alma, qualquer que ella seja, a utilidade que contem.

Dizemos isto, bem entendido, em relação á vida terrestre apparente, e sem prejudicar a questão profunda da personalidade anterior ou ulterior dos entes que não são o homem. O eu visivel não autorisa de fórma alguma o pensador a negar o eu latente. Feita esta restrição, prosigamos.

Ora, se nos concedem um momento que em todo o homem ha uma das especies animaes, ser-nos-ha facil dizer o que era o official de policia Javert.

Os camponезes asturianos creem que entre os filhos que pare a loba ha sempre um cão, o qual é morto pela mãe, para que crescendo não devore os outros.

Dae um rosto humano a esse cão filho de uma loba, e tereis Javert.

Javert nascera em uma prisão, onde se achava sua mãe, que era cartomante, e cujo marido estava nas galês. A proporção que ia crescendo reconheceu que se achava fora da sociedade, e desesperou de nella entrar um dia. Notou que a sociedade mantem irremissivelmente fóra do seu gremio duas classes de homens: os que a atacam e os que a guardam; ao mesmo tempo sentia em si mesmo certa dose de rigidez, de amor da ordem e de probidade, complicada com um inexprimivel odio dessa raça de ciganos a que elle pertencia. Entrou para a policia. Alli se distinguio. Aos quarenta annos era inspector.

Na sua mocidade servira como guarda de forçados no sul.

Antes de irmos adeante, desenvolvamos esta expressão *rosto humano*, de que nos serviamos ha pouco referindo-nos a Javert.

O rosto de Javert consistia em um nariz achatado, com duas fundas ventas, até onde chegavam as enormes soças que lhe cobriam as faces. Quem via pela primeira vez essas duas florestas e essas duas cavernas sentia um incommodo secreto. Quando Javert se ria, o que era raro e terrivel, os labios se lhe separavam, deixando á mostra não só os dentes, mas também as gengivas, e formava-se-lhe de um e de outro lado do nariz uma depressão horrivel qual a que se nota no focinho de uma fêra. Quando Javert estava serio, era um cão de fila; quando se ria, era um tigre. Quanto ao mais, pequena era a sua cabeça, o queixo enorme; os cabellos desciam-lhe até as sobrancelhas escondendo-lhe a fronte; entre os dous olhos tinha um franzido central permanente como uma estrella de colera; o olhar era turvo, a boca fechada e temivel; havia em toda a sua pessoa um ar de mando feroz.

Este homem era composto de dous sentimentos mui simples e relativamente optimos, mas que elle tornava quasi detestaveis á força de exagera-los: o respeito da autoridade, o odio da rebellião; e aos seus olhos o roubo, o homicidio, todos os crimes, não eram senão fórmas da rebellião. Envolveria em uma especie de fê cega e profunda tudo o que tem uma funcção no Estado, desde o primeiro ministro até ao guarda-matas. Cobria de desprezo, de aversão e de tédio tudo o que uma vez havia transposto o limite legal do mal. Era absoluto e não admittia excepções. Por um lado dizia:—O funcionario não póde enganar-se; o magistrado nunca erra. —Por outro:—Estes estão irremediavelmente perdidos. Nada de bom podem dar.—Partilhava plenamente a opinião desses espiritos extremos que concedem á lei humana o poder de fazer, ou, se assim quizerem, de assignalar demonios, e que poem uma Styge no fundo da sociedade. Era stoico, serio, austero; pensador triste; humilde e altanado como os fanaticos. Seu olhar era frio e penetrante como um estylete. Toda a sua vida se resumia nestas duas palavras: velar e vigiar. Elle intro-

duzira a linha recta no que ha de mais tortuoso no mundo; tinha a consciencia da sua utilidade, a religião das suas funcções, e era espião como se fôra sacerdote. Ai de quem lhe cahia nas mãos! Teria prendido seu proprio pae se o visse prestes a fugir das galés, e denunciado sua propria mãe evadida do desterro. E o houvera feito com essa especie de satisfação interna que produz a virtude. A par de tudo isto uma vida de privações, o isolamento, a abnegação, a castidade, nunca a menor distracção. Era o dever implacavel, a policia comprehendida como os spartanos comprehendiam Sparta, uma guarda inexoravel, uma honradez feroz, um espião marmoreo, Bruto encarnado em Vidocq.

Toda a pessoa de Javert exprimia o homem que espia e se esconde. A escola mystica de José de Maistre, que nessa época adubava com a alta cosmogonia os chamados jornaes ultras, não teria deixado de dizer que Javert era um symbolo. Ninguem lhe via a fronte que desaparecia enterrada no chapéu, nem os olhos que se occultavam debaixo das solrancelhas, nem o queixo que ficava mettido dentro da gravata, nem as mãos que puxava para dentro das mangas, nem a bengala que trazia por baixo da sobrecasaca. Mas quando era preciso via-se de repente sahir daquella sombra, como de uma emboscada, uma fronte angulosa e estreita, um olhar funesto, um queixo ameaçador, mãos enormes e um bastão monstruoso.

Nos seus momentos de ocio, que eram pouco frequentes, embora aborrecesse os livros, lia: tal o motivo porque não era completamente ignorante. Isto se reconhecia pela tal ou qual emphasis que punha nas suas palavras.

Não tinha vicio nenhum, já o dissemos. Quando estava contente de si mesmo, tomava uma pitada de rapé. Nisto consistia a sua affinidade com a humanidade.

Facilmente se comprehenderá que Javert era o terror de toda essa classe que a estatistica annual do ministerio da justiça designa sob a rubrica *Vagabundos*. O nome de Javert, pronunciado, punha-os em debandada; a cara de Javert apparecendo petrificava-os.

Tal era esse homem formidavel.

Javert era como um olho sempre fito em Magdalena.

Olho cheio de desconfiança e de conjecturas. Magdalena acabou por dar fé disso, mas a cousa pareceu-lhe insignificante. Não fez a menor pergunta a Javert, não o buscava nem o evitava, supportava, como se não lhe dêsse attenção nenhuma, aquelle olhar incommodo e quasi pesado. Tratava Javert como tratava a todos; com polidez e bondade.

Por algumas palavras escapadas a Javert, adivinhava-se que elle rastreára secretamente, com essa curiosidade que é especial á raça, e em que ha tanto instincto como vontade, os vestigios anteriores que por ventura o pae Magdalena houvesse deixado em outra parte. Elle parecia saber, e dizia-o ás vezes, em termos ambiguos, que alguém tirara certas informações, em certo paiz, a respeito de certa familia desapparecida. Uma occasião chegou a dizer, fallando comsigo mesmo:—Este homem é meu!

Depois levou tres dias pensativo, sem pronunciar uma palavra. Parece que o fio que suppunha ter descoberto se havia quebrado.

Demais, e é este o correctivo necessario ao que o sentido de certos termos possa ter demasiadamente absoluto, nada póde haver verdadeiramente infallivel em uma creatura humana, e o que caracteriza o instincto é justamente a possibilidade de ser perturbado, distraído e desencaminhado. Se assim não fôra, seria superior á intelligencia, e os brutos teriam melhor luz do que o homem.

Javert achava-se evidentemente um tanto desconcertado pela perfeita calma e tranquillidade de Magdalena.

Um dia, porém, os seus modos estranhos pareceram abalar Magdalena. Eis como se deu o caso.

VI

O PAE CORTAVENTO.

Magdalena passava certa manhã por uma travessa não calçada de M. sobre o M.; ouviu bulha, e avistou um grupo a alguma distancia. Encaminhou-se para alli. Um velho chamado pae Cortavento acabava de cahir debaixo da carroça que conduzia, e cujo cavallo fôra ao chão.

Este Cortavento era um dos raros inimigos que Magdalena ainda contava naquella época. Quando Magdalena chegára ao paiz, Cortavento, ex-tabellião e camponez quasi letrado, tinha um negocio que ia mal. Cortavento vira aquelle simples operario que enriquecia, ao passo que elle, que se achava estabelecido, se arruinava. Isto o enchêra de inveja, e levára-o a não perder nunca a menor occasião de fazer mal a Magdalena. A final fallira, e, já velho, não possuindo mais do que uma carroça e um cavallo, achando-se por outro lado sem familia e sem filhos, fizera-se carroceiro para viver.

O cavallo tinha quebrado duas pernas e não podia levantar-se. O velho estava mettido debaixo das rodas. A quêda fôra de tal fórma desastrada que toda a car-

roça lhe pesava sobre o peito. O vehiculo estava de mais a mais carregado. O pai Cortavento soltava gemidos lamentaveis. Tentaram tira-lo do perigo, mas debalde. Um esforço mal executado, um soccorro mal empregado, um impulso mal dado, podiam matal-o. Não havia outro meio de salva-lo senão levantando a carroça por baixo. Javert, que tinha apparecido no momento do desastre, mandára buscar um guincho.

Magdalena chegou. Todos se afastaram com respeito.

—Soccorro! bradava o velho Cortavento. Não haverá um bom rapaz que salve o pobre velho?

Magdalena voltou-se para os circumstantes:

—Não ha por aqui um guincho?

—Já se mandou buscar, respondeu um camponez.

—Que tempo levará para chegar?

—Correu-se ao lugar mais proximo, a Flachot, onde ha um ferrador; mas é o mesmo, ha de levar um bom quarto de hora.

—Um quarto de hora! exclamou Magdalena.

Tinha chovido na vespera, o chão estava alagado, o vehiculo atolava-se cada vez mais e comprimia mais e mais o peito do velho carroceiro. Era indubitavel que antes de cinco minutos ficaria com as costellas quebradas.

—E' impossivel esperar um quarto de hora, disse Magdalena para os camponezes.

—Que remedio!

—Mas então já não será tempo! Não veem que a carroça atola-se cada vez mais?

—E' verdade!

—Ouçam, continnou Magdalena, em baixo da carroça ainda ha lugar para um homem entrar de rastos e levanta-la com as costas. Isto é cousa que póde fazer-se em meio minuto, e salvar-se-ha o homem. Ha aqui alguem que tenha força e coração? Dou cinco luizes de ouro!

Ninguem se mexeu no grupo.

—Dez luizes, disse Magdalena.

Os circumstantes abaixavam os olhos. Um delles murmurou:—Só quem tivesse uma força diabolica. E de mais corre a gente o risco de ficar esmagado!

—Eia! snrs.! continuou Magdalena, vinte luizes!

Igual silencio.

—O que falta a esta gente não é a boa vontade, disse uma voz.

Magdalena voltou-se e reconheceu Javert. Não o tinha visto quando se approximára.

Javert continuou :

—E' a força. Só um homem de extraordinaria robustez poderia levantar com as costas uma carroça como esta.

Depois, olhando fixamente para Magdalena, proseguiu carregando em cada uma das palavras que pronunciava :

—Snr. Magdalena, só vi um homem capaz de fazer o que o senhor acaba de dizer.

Magdalena estremeceu.

Javert continuou com ar de indiferença, mas sem cessar de fitar Magdalena:

—Era um forçado.

—Ah ! disse Magdalena.

—Das galês de Toulon.

Magdalena empallideceu.

Entretanto a carroça continuava a atolar-se lentamente. O pae Cortavento arquejava e bradava:

—Estou suffocado ! isto quebra-me as costellas ! um guincho ! seja o que fôr ! ah !

Magdalena olhou ao redor de si:

—Então não ha ninguem que queira ganhar vinte luizes e salvar a vida a este pobre velho ?

Nenhum dos circumstantes se mexeu. Javert proseguiu :

—Nunca vi senão um homem que pudesse supprir a falta de um guincho, era o forçado de que acabo de fallar.

—Ah ! já me está esmagando ! gritou o velho.

Magdalena levantou a cabeça, encontrou o olhar de falcão com que Javert não cessava de fixa-lo, olhou para os camponeses immoveis, e sorriu-se tristemente. Depois, sem dizer uma palavra, cahiu de joelhos, e antes mesmo que os circumstantes tivessem podido soltar um grito, achava-se debaixo da carroça.

Houve um momento de horrivel expectação e de silencio.

Viram Magdalena quasi de rastos debaixo daquelle peso formidavel tentar duas vezes em vão encostar os

cotovellos nos joelhos. Gritaram-lhe :—Pae Magdalena! retire-se dahi!—O proprio Cortavento disse-lhe :—Snr. Magdalena! retire-se! Olhe, chegou a minha hora! deixe-me! Veja que o senhor tambem póde ficar esmagado!—Magdalena não respondeu.

Os circunstantes estavam anhelantes. As rodas tinham continuado a enterrar-se no chão, e quasi que se tornára impossivel safar-se Magdalena de debaixo da carroça.

De repente viram aquelle enorme peso mexer-se, a carroça levantava-se lentamente, as rodas começavam a sahir do atoleiro. Ouviu-se uma voz suffocada que gritava:—Depressa! ajudem!—Era Magdalena que acabava de fazer um ultimo esforço.

Todos se precipitaram. A generosa acção de um só dera força e alento a todos. A carroça foi levantada por vinte braços. O velho Cortavento estava salvo.

Magdalena ergueu-se. Estava medonhamente pallido, bem que alagado de suor. Ficára com a roupa rota e enlameada. Todos choravam. O velho beijava-lhe os pés e chamava-o a sua Providencia. Quanto a elle, tinha no rosto uma inefavel expressão de angustia ditosa e celeste, e fitava os olhos tranquilllos em Javert, que continuava a encara-lo.

VII.

CORTAVENTO PASSA A SER JARDINEIRO EM PARIZ.

Cortavento desconjunctára o rotnlo. O pae Magdalena mandou transporta-lo para uma enfermaria que estabelecêra para os seus operarios no proprio edificio da fabrica, e que era servida por irmans da caridade. No dia seguinte pela manhan o velho achou um bilhete de 4,000 francos em cima do velador, com estas palavras escriptas pelo pae Magdalena: *Compro-lhe a sua carroça e o seu cavallo.* A carroça estava quebrada e o cavallo tinha morrido. Cortavento sarou, mas ficou com o joelho ankylosado. Magdalena, graças ás recommendações das irmans da caridade e do cura, obteve para o pobre velho o lugar de jardineiro em um convento de freiras do bairro de Santo Antonio, em Pariz.

Algum tempo depois Magdalena foi nomeado *maire*. A primeira vez que Javert o vio cingindo a fxa que lhe dava toda a autoridade sobre a cidade sentiu uma especie de estremecimento que sentiria um cão de fila que farejasse um lobo disfarçado com o fato do seu dono. Dalli em deante evitou-o o mais que pôde. Quando as necessidades do serviço o exigiam imperiosamente e

elle não tinha remedio senão demorar-se na presença do *maire*, fallava-lhe com profundo respeito.

A prosperidade creada em M. sobre o M. pelo pae Magdalena tinha, além dos indícios visíveis que já indicámos, outro symptoma, que, apesar de não ser visível, não era menos significativo. Quando a população soffre, quando falta o trabalho, quando o commercio é nullo, o contribuinte resiste ao imposto por penuria, deixa vencerem-se e accumularem-se os prazos, e o Estado gasta muito dinheiro em custas de penhoras e de cobrança. Quando o trabalho abunda, quando o paiz é rico e feliz, o imposto é facilmente pago, e custa pouco ao Estado. Póde dizer-se que a miseria e a riqueza publicas teem um thermometro infallivel, o que se gasta com a cobrança do imposto. Em sete annos, os gastos com a cobrança do imposto tinham tido uma diminuição de tres quartos no districto de M. sobre o M., o que fazia que este districto fosse citado frequentemente entre todos pelo snr. de Villèle, então ministro da fazenda,

Tal era a situação do paiz quando Fantina chegou. Ninguém já se lembrava della. Felizmente a porta da fabrica de Magdalena era como um rosto amigo. Ella apresentou-se, e foi admittida na officina das mulheres. O officio era novo para Fantina, não podia mostrar nelle habilidade; ganhava pois pouca cousa pelo seu trabalho quotidiano; mas emfim contentava-se com isso, o problema estava resolvido; ganhava a sua vida.

VIII

A SNRA. VICTURNIEN GASTA TRINTA FRANCOS A BEM DA MORAL.

Quando Fantina viu que vivia, teve um momento de alegria. Viver honestamente do seu trabalho, que graça do céu! Voltou-lhe devêras o gosto pelo trabalho. Comprou um espelho, e embeveceu-se na contemplação da sua mocidade, dos seus bellos cabellos e dos seus lindos dentes, esqueceu muitas cousas, não pensou mais senão na sua Cosetta e em um futuro possível, e foi quasi feliz. Alugou um quartinho e mobilou-o a credito para ir pagando com o que ganhasse; restos dos seus habitos de dissipação.

Não podendo dizer que era casada, tinha tido o cuidado, como já deixámos entrever, de guardar silencio a respeito da sua filhinha.

No principio, como o leitor já viu, pagava regularmente aos Thenardier. Como sómente sabia assignar o seu nome, via-se obrigada a escrever-lhes por intermedio de um escriptor publico.

Escrevia a miúdo, isto foi notado. Começou a propalar-se pela boca pequena na officina das mulheres que Fantina escrevia cartinhas e tinha máu proceder.

Ninguém se occupa tanto em espiar as acções alheias como aquelles a quem ellas nada interessam.

—Porque é que aquelle sujeito nunca chega senão á noitinha? Porque é que o snr. fulano de tal nunca pendura nas quintas-feiras a sua chave na casinha do porteiro? Porque anda sempre por travessa escuras? Porque é que aquella dama se apêa sempre da carruagem antes de chegar a casa? Porque manda comprar um quaderno de papel marcado, quando tem a sua papelira cheia? etc., etc.—Existem entes que, para obterem a decifração destes enigmas, que aliás lhes são perfeitamente indifferentes, gastam mais dinheiro, esbanjam mais tempo, afadigam-se mais do que se tivessem de praticar dez boas acções; e isto gratuitamente, por prazer, sem outra compensação da curiosidade além da mesma curiosidade. Seguirão um homem ou uma mulher dias inteiros, estacionarão horas inteiras em cantos de rua, abrigados em um portão, de noite, com frio e chuva, subornarão messageiros, embebedarão cocheiros e lacaios, seduzirão uma aia, comprarão um porteiro. Para que? Para nada. Por simples encarniçamento de ver, de saber e de devassar. Mero prurido de murmurar. E muitas vezes estes segredos descobertos, estes mysterios publicados, estes enigmas aclarados, motivam catastrophes, duellos, bancarotas, ruina de familias, agonias perpetuas, com grande alegria daquelles que—tudo descobriram—sem interesse e por puro instincto. Causa triste !

Certas pessoas são enredadeiras unicamente pela necessidade de tagarellarem. A sua conversação, praticas de salão, bacharelise de antecamara, é como essas fornalhas que gastam depressa a lenha; é-lhes preciso muito combustivel; e o combustivel é o proximo.

Observaram pois Fantina.

Além disso, mais de uma lhe invejava os louros cabellos e os alvos dentes.

Notou-se que na officina, no meio das outras, ella se voltava a miudo para enxugar as lagrimas. Eram os momentos em que pensava na filha; talvez que tambem no homem que tinha amado.

E' um doloroso labor o de quebrar os sombrios laços do passado.

Descobriu-se que ella escrevia, ao menos duas vezes

por mez, sempre á mesma pessoa, e que pagava o porte das cartas. Puderam obter o sobrescripto: *Ao snr. Thenardier, estalajadeiro, em Montfermeil.* Puxaram conversa na taverna com o escriptor publico, bom velho que não podia encher de vinho o estomago sem deitar fóra quanto segredo tinha no bucho. Em summa soube-se que Fantina tinha uma filha. Era sem duvida uma especie de filha das hervas. Houve uma comadre que se prestou a ir a Montfermeil, esteve com os Thenardier, e disse quando se achou de volta:—Dou por bem empregados os trinta francos que gastei; estou com o coração sosegado. Vi a menina!

A comadre que fez isto era uma gorgona chamada Victurnien, vigia e guarda da virtude do mundo inteiro. A snra. Victurnien tinha cincoenta e seis annos, e juntava á natural fealdade a fealdade da velhice. Voz tremula, espirito inquieto. Esta velha tinha sido moça, cousa admiravel. Na sua mocidade, no famoso anno de 1793, casára-se com um frade que fugira do claustro cobrindo o cercilho com o barrete vermelho e passára dos Bernados para os Jacobinos. Era magra, aspera, rabugenta, pontuda, espinhosa, quasi venenosa; lembrando-se sempre do seu frade que a deixára viuva, e a havia poderosamente domado e torcido. Era uma ortiga em que se viam ainda vestigios do habito que a tinha tocado. Pela restauração fizera-se beata, e tão energicamente que os padres lhe perdoaram o seu frade. Tinha uma modesta fortuna que legava estrondosamente a certa communidade religiosa. Era muito bem vista no palacio episcopal de Arras. Esta Victurnien foi pois a Montfermeil e voltou dizendo:—Vi a menina.

Nisto gastou-se tempo; Fantina estava, havia mais de um anno, na fabrica, quando uma manhan a regente da officina lhe entregou da parte do *maire* cincoenta francos, dizendo-lhe que ella já não fazia parte da officina, e convidando-a tambem da parte do mesmo *maire* a retirar-se da cidade.

Era justamente naquelle mesmo mez que os Thenardier, depois de terem pedido doze francos em vez de seis, acabavam de exigir quinze francos em vez de doze.

Fantina ficou afflictissima. Não podia sahir da cidade, porque devia o aluguel do quarto e os moveis. Cincoenta francos não chegavam para o pagamento des-

tas dividas. Balbuciou algumas palavras de supplica. A regente intimou-lhe que se retirasse immediatamente da officina. Demais Fantina era uma mediocre operaria. Acabrunhada de vergonha, muito mais do que de dôr, sahiu da officina e recolheu-se ao seu quarto. O seu erro já de todos era sabido !

Nem teve força para dizer uma palavra. Aconselharam-lhe que fosse ter com o snr. *maire*; faltou-lhe o animo. O *maire* dera-lhe cincoenta francos porque era bom, e expulsára-a porque era justo. Ella submetteu-se á sentença.

IX

TRIUMPHA A SNRA. VICTURNIEN.

Portanto a viuva do frade sempre prestou para alguma cousa.

Além d'isso, Magdalena nada soubera a este respeito. Estas combinações de acontecimentos dão-se frequentemente na vida. Magdalena estava habituado a entrar mui raras vezes na officina das mulheres.

Puzera a testa desta officina uma velha, que o cura lhe tinha inculcado, e confiava muito nesta regente, pessoa verdadeiramente respeitavel, rigida, imparcial, integra, cheia da caridade que consiste em dar, mas sem ter no mesmo gráu a caridade que consiste em comprehender e perdoar. Magdalena louvava-se em tudo quanto ella fazia. Os melhores homens são muitas vezes forçados a delegar a sua autoridade. Exercendo este pleno poder, e com a convicção de que fazia bem, a regente formára o processo, julgára e condemnára Fantina.

Quanto aos cinquenta francos que lhe dera, tirára-os da somma que Magdalena lhe confiava para esmolas e soccorros ás operarias, e da qual dispunha livremente.

Fantina buscou empregar-se como creada na cidade; bateu de porta em porta. Ninguém a quiz. Fôra-lhe impossivel retirar-se. O revendão a quem devia os moveis, que moveis! lhe tinha dito: « Se você se retira mando-a prender como ladra.» O senhorio a quem devia o aluguel, dissera-lhe: « Você é moça e bonita, pôde pagar.» Ella repartiu os cincoenta francos com o senhorio e o revendão, entregou a este a maior parte da sua mobilia, ficando sómente com o que era necessario, e achou-se desempregada, sem officio, tendo apenas de seu a propria cama, e devendo ainda cerca de cem francos.

Poz-se a coser camisas grossas para os soldados da guarnição, e assim ganhava doze soldos por dia. Gastava dez com a filha. Foi então que começou a pagar mal aos Thenardier.

Entretanto uma velha que lhe acendia a vela quando ella se recolhia de noite, ensinou-lhe a arte de viver na miseria. Assim como se vive com pouco, tambem se pôde viver sem nada. São duas camaras; aquella é sombria, esta tenebrosa.

Fantina aprendeu o modo de passar o inverno sem fogo, de renunciar a um passarinho, para o qual se tem de comprar todos os dias certa quantidade de alpista, de fazer da propria saia coberta e da coberta saia, de poupar a vela, ceiando á luz da janella de frente. Ninguém imagina quantas cousas alguns entes fracos, que hão envelhecido na miseria, perseverando na honestidade, sabem fazer brotar de um soldo. Acaba isto por tornar-se um talento. Fantina adquiriu este talento e recobrou algum animo.

Nessa época ella dizia a uma vizinha: « Ora! eu digo com os meus botões: dormindo só cinco horas, e trabalhando todo o resto do tempo nas minhas costuras, sempre conseguirei ganhar pouco mais ou menos o pão. E demais, quando a gente anda triste, come menos. Pois bem! soffri muito, inquietações, um bocado de pão de um lado, afflições do outro, tudo isto me sustentará. »

No meio destas angustias, ter a filhinha junto de si houvera sido uma inefável ventura. Lembrou-se de mandar busca-la. Mas como! fazê-la partilhar a sua penuria! e demais, ella devia aos Thenardier! Como satisfazê-los! e a viagem! Como paga-la.

A velha que lhe tinha dado o que poderíamos chamar lições da vida indigente, era uma santa mulher chamada Margarida, verdadeiramente devota, pobre e caridosa para os pobres e mesmo para os ricos. Sabia apenas escrever o seu nome, e cria em Deus, o que é a verdadeira sciencia.

Ha muitas virtudes destas neste mundo; um dia ellas resplandecerão no céu. Esta vida tem a sua aurora.

A principio ficára Fantina tam corrida que não se animava a sahir.

Quando andava na rua, advinhava que se voltavam depois que ella passava e a apontavam com o dedo; todos a encaravam e ninguem a comprimentava; o desprezo acre e frio dos viandantes penetrava-lhe nas carnes e na alma como um vento glacial.

Nas cidades pequenas, uma desgraçada como que se acha nua exposta aos sarcasmos e á curiosidade de todos. Em Pariz, ao menos, somos desconhecidos, e esta obscuridade é uma especie de vestido. Oh! de quão bom grado teria ella voltado para Pariz! Impossivel.

Teve de afazer-se á desconsideração, como se afizera á indigencia. Pouco a pouco foi-se conformando. Ao cabo de dous ou tres mezes deitou fóra a vergonha e entrou a sahir como se nada lhe tivesse acontecido. Não faço caso, disse ella.

Sahia e voltava para casa, de frente erguida, com um sorriso amargo, e sentia que se tornava descarada.

A snra. Victurnien, da sua janella, via-a ás vezes passar, notava o desespero *daquella creatura*, que, graças a ella, *tinha voltado ao seu lugar*, e felicitava-se. A satisfação dos máus é bem negra.

O excesso do trabalho fatigava Fantina, e a tossesinha secca que ella tinha augmentou. Dizia ás vezes á sua vizinha Margarida: « Veja como as minhas mãos estão quentes. »

Todavia, pela manhan, quando penteava com um velho pente quebrado os lindos cabellos que ondeavam como seda frouxa, tinha um momento de leda faceirice.

X

O TRIUMPHO CONTINUA.

Ella fôra despedida já pelos fins do inverno ; passou-se o verão, mas o inverno voltou. Dias pequenos, menos trabalho. No inverno, nenhum calor, nenhuma luz, não ha meio-dia, a tarde confunde-se com a manhã, nevociro, crepusculo, uma turva claridade na janella, enxerga-se com difficuldade. O ceu é uma clara-boia. O dia todo é um subterraneo. O sol parece um mendigo. Horriavel estação ! O inverno transforma em pedra a agua do ceu e o coração do homem. Os credores perseguiam-n'a.

Fantina ganhava muito pouco. As suas dividas tinham avultado. Os Thenardier escreviam-lhe a todos os momentos cartas cujo conteudo a angustiava e cujo porte a arruinava. Um dia escreveram-lhe dizendo que a sua Cosettinha estava nua e soffria com o frio que fazia, que precisava de uma saia de lan, e que a mãe devia mandar quanto antes dez francos pelo menos para compral-a. Fantina recebeu a carta, e levou todo o dia com ella na mão a amarrotá-la. De noite entrou na loja de um barbeiro que ficava no canto da rua, e tirou o pente da

cabeça. Os admiraveis cabellos louros carhiram-lhe até aos rins.

—Que lindos cabellos ! exclamou o barbeiro.

—Quanto me dá o senhor por elles ? disse ella.

—Dez francos.

—Pois corte-os,

Ella comprou uma saia de ponto de meia e mandou-a aos Thenardier.

Essa saia encheu-os de furor. O que elles queriam era dinheiro. Deram a saia a Eponina. A pobre Calhandra continuou a andar transida de frio.

Fantina disse consigo mesma :

—Minha filha já não sente frio. Vesti-a com os meus cabellos. Ella trazia toucas lisas que lhe escondiam a cabeça tosqueada, e com as quaes ainda era linda.

Uma revolução tenebrosa se operava no coração de Fantina.

Quando viu que já não podia pentear-se começou a odiar tudo que a cercava. Compartilhára por muito tempo a veneração em que todos tinham o pae Magdalena : todavia, á força de repetir a si mesma, que fôra elle quem a expulsára, e que era elle a causa da sua desgraça, chegou a odia-lo tambem, e com odio muito mais entranhavel. Quando passava pela fabrica á hora em que os operarios costumam estar á porta, ria-se e cantava acintosamente.

Uma velha que uma vez a viu rir-se e cantar assim disse : « Esta rapariga ha de acabar mal. »

Tomou um amante, o primeiro que lhe appareceu, um homem a quem não amava, por acinte, com o coração cheio de raiva. Era elle um miseravel, uma especie de musico mendicante, um vadio velhaco, que a espancava, e que a deixou como ella o havia tomado, por aborrecimento.

Ella adorava a filha.

Quanto mais descia, quanto mais sombrio se tornava tudo em torno della, tanto mais esse anginho lhe resplandecia no fundo d'alma. « Quando eu for rica, dizia, hei de ter a minha Cosetta junto de mim ; » e ria-se. A tosse não a deixava, e tinha suores nas costas.

Um dia recebeu dos Thenardier uma carta assim concebida : « Cosetta está doente com uma doença que aqui appareceu. Uma febre *miliar*, como elles a

« chamam. Está tomando drogas caríssimas. Isto nos
 « arruina e nós já não podemos paga-las. Se a senhora
 « não manda quarenta francos nestes oito dias, a peque-
 « na morre. »

Ella pôz-se a rir ás gargalhadas, e disse para sua velha vizinha :

— Ah ! como são interessantes ! pedem quarenta francos ! pouca cousa ! são apenas dous napoleões ! Aonde querem que eu vá busca-los ? Como são brutos estes camponezes !

Entretanto foi para junto de um oculo que havia na escada e tornou a ler a carta.

Depois desceu e sahiu correndo e saltando e sem cessar de rir-se.

Alguem que a encontrou disse-lhe : « Porque está você assim tão contente ? »

Ella respondeu : « E' pela asneira que acabo de ler em uma carta que me veio do campo. Pedem-me quarenta francos. Estes camponezes ! »

Ao passar por uma praça, viu muito povo redeando uma carruagem de fôrma singular, sobre cujo tejadilho perorava em pé um homem todo vestido de encarnado. Era um bufão dentista que se achava de passagem na cidade, e offerecia ao publico dentaduras completas, opistos, pós e elixires.

Fantina metteu-se entre os circumstantes e pôz-se a rir como elles daquella arenga em que havia gyria para a canalha e fôfa technologia para a gente decente. O tirador de dentes viu aquella linda moça que se ria, e exclamou de repente.

— Que lindos dentes tem a senhora ! Olhe, moça, se quer vender-me dous dos seus incisivos, dou-lhe um napoleão por cada um.

— O que vem a ser incisivos ? perguntou Fantina.

— Incisivos, tornou o professor dentista, são os quatro dentes da frente ; compro-lhe os do meio do lado de cima.

— Que horror ! exclamou Fantina.

— Dous napoleões ! resmoneou uma velha desdentada que alli estava. Feliz rapariga !

Fantina afastou-se rapidamente tapando os ouvidos para não ouvir a voz rouquenha do dentista que lhe gritava : — Reflicta, minha lindinha ! dous napoleões não

são cousa que se engeite. Se se resolver, procure-me esta noite na estalagem do *Convès de prata*, que lá me encontrará.

Fantina chegou a casa; estava furiosa e contou o caso à sua boa vizinha Margarida:

—Já viu uma cousa assim? não acha que semelhante homem é abominavel? Como é que deixam tal gente andar livremente pela cidade! Arrancar-me os meus dous dentes da frente! Eu ficaria horrenda! Os cabellos tornam a crescer, mas os dentes! Ah! que monstro! antes atirar-me de um quinto andar á rua de cabeça para baixo! Elle disse-me que esta noite se acharia no « *Convès de prata*. »

—E quanto offerecia? perguntou Margarida.

—Dous napoleões.

—Vem a ser quarenta francos.

—Sim, disse Fantina, vem a ser quarenta francos.

Ficou pensativa, e pegou no seu trabalho. D'ahi a um quarto de hora largou a costura e foi reler a carta dos Thenardier na escada.

Quando voltou, disse para Margarida que cosia junto della.

Que vem a ser uma febre *miliar*? A senhora sabe?

—Sei, respondeu a velha, é uma doença.

—E exige muitos remedios?

—Oh! remedios terriveis.

—Como é que ella ataca?

—E' uma doença que vem quando a gente menos espera.

—Ataca tambem as creanças?

—Sobretudo as creanças.

—E morre-se dessa doença?

—Muito facilmente, disse Margarida.

Fantina sahiu, e foi outra vez lêr a carta na escada.

De noite desceu, e viram-n'a dirigir-se para o lado da rua de Pariz, onde ficam as estalagens.

No dia seguinte pela madrugada, quando Margarida entrou na camara de Fantina ao amanhecer, porque ellas cosiam juntas. e deste modo não accendiam senão uma vela para ambas, encontrou Fantina sentada na cama, pallida, gelada. Não se tinha deitado. A touca cahira-lhe dentro do regaço. A vela ardêra toda a noite e estava quasi a acabar-se.

Margarida parou no limiar, petrificada com aquella desordem enorme, e exclamou:

—Santo Deus! a vela gastou-se toda! Aqui houve alguma novidade.

Depois encarou Fantina, que voltava para ella a sua cabeça sem cabellos.

Fantina da noite para o dia tinha envelhecido como em dez annos.

—Jesus! disse Margarida, o que tem Fantina?

—Nada, respondeu Fantina. Pelo contrario, estou satisfeita. Minha filha não morrerá da horrivel doença por falta de soccorros. Estou contente.

Assim fallando, mostrava á velha dous napoleões que reluziam emcima da mesa.

—Ah, Jesus! disse Margarida. Mas isto é uma fortuna! Como foi que você ganhou este ouro?

—Ganhando, respondeu Fantina.

Ao mesmo tempo sorriu-se. A luz da vela dava-lhe em cheio no rosto. Era um sorriso sanguinolento. Uma saliva avermelhada manchava-lhe os cantos da boca, onde se via um buraco escuro.

Os dous dentes tinham sido arrancados.

Ella mandou os quarenta francos para Montfermeil.

Aquillo não passára de um ardil empregado pelos Thenardier para apanhar dinheiro. Cosetta não estava doente.

Fantina atirou o seu espelho pela janella fóra. Já de ha muito deixára o seu quartinho do segundo andar por uma mansarda que apenas se fechava com um ferrolho, embaixo do telhado; um desses cochicholos cujo tecto fórma angulo com o assoalho e bate a cada instante na cabeça de quem nelles anda. O pobre não póde chegar ao fundo da sua camara como ao fundo do seu destino senão curvando-se mais e mais. Já não tinha cama, ficára-lhe um trapo a que chamava coberta, um colchão estendido no chão e uma cadeira desempalhada. Um pé-sinho de roseira que possuia seccára em um canto, esquecido. No outro canto havia um pucaro de manteiga servindo de talha, que gelava no inverno, e no qual os diferentes niveis da agua ficavam muito tempo marcados por circulos de gelo. Perdida a vergonha, Fantina perdeu tambem a faceirice. Ultimo signal. Sahia com toucas sujas. Ou fosse por falta de tempo ou por indiffe-

rença, já não concertava a roupa. A' medida que os calcanhares se estragavam, ia puxando as meias para dentro dos sapatos. Reconhecia-se isto por certas dobras perpendiculares. Remendava o seu corpinho velho e usado, com pedaços de algodão que se rasgavam ao menor movimento. As pessoas a quem devia *diziam-lhe cobras e lagartos*, e não lhe deixavam um momento de descanso. Encontrava-as na rua tornava a encontrá-las na escada. Passava noites inteiras a chorar, e a pensar. Tinha os olhos excessivamente brilhantes, e sentia uma dôr fixa no hombro, por cima da omoplata esquerda. Tossia muito. Odiava profundamente o pae Magdalena, e não se queixava. Cosia dez horas por dia, mas um contratador do trabalho das prisões que tomava obras para as reclusas por preços modicos, fez baixar de repente os preços, reduzindo deste modo a nove soldos o jornal das costureiras livres. Desesete horas de trabalho e nove soldos por dia! Os credores mostravam-se mais inexoraveis do que nunca.

O revendão, que lhe tornára a tomar quasi todos os moveis, estava sempre a dizer-lhe: « Quando me pagarás, tu, velhaca? » O que queriam que ella fizesse, Deus de Misericordia! A misera sentia-se cercada e desenvolvia-se nella o que quer que fosse que a fazia parecer-se com uma fera. Neste entrementes escreveu-lhe o Thenardier, dizendo que decididamente tinha esperado com extrema bondade, e que queria cem francos, sem demora, quando não deitaria Cosetta pela porta fóra, mesmo convalescente como estava da sua grave doença, pondo-a na rua transida de frio, fosse della o que fosse, ainda que a levasse a breca.

—Cem francos, pensou Fantina. Mas qual é o officio em que se podem ganhar cem soldos por dia?

—Eia! disse, venda-se o resto.

A misera vendeu o corpo.

XI

CHRISTUS NOS LIBERAVIT.

O que é a historia de Fantina? E' a sociedade comprando uma escrava.

A quem? A' miseria.

Á' fome, ao frio, ao isolamento, ao abandono, á penuria. Transacção dolorosa. Uma alma por um bocado de pão. A miseria offerece, a sociedade aceita.

A santa lei de Jesus-Christo rege a nossa civilisação, mas não a penetra ainda; dizem que a escravidão desapareceu da civilisação europêa. E' um erro. Existe ainda, mas já não pesa senão sobre a mulher, e chama-se prostituição.

Pesa sobre a mulher, isto é, sobre a graça, sobre a fraqueza, sobre a formosura, sobre a maternidade. Não é esta de certo a menor das vergonhas do homem.

No ponto deste doloroso drama a que somos chegados, já nada resta a Fantina do que ella d'antes fôra. Tornou-se marmore com tornar-se lama. Quem a toca enregela-se. Ella passa, gozae-a embora, que lhe se-reis estranho; é uma figura deshonorada e severa. A

vida e a ordem social reveláram-lhe todos os seus segredos. Aconteceu-lhe tudo o que ha de acontecer-lhe. Ella tudo sentiu, tudo supportou, tudo soffreu, tudo padeceu, tudo perdeu, tudo chorou. A sua resignação assemelha-se á indiferença como a morte se assemelha ao somno. Já nada evita, porque já nada teme. Caiam sobre ella as nuvens, e passe por cima della todo o oceano! Que lhe importa! é uma esponja embebida. Ella o crê pelo menos; mas é erro imaginar que alguem exaure a sorte e toque o fundo do que quer que seja.

Ah! que são todos esses destinos assim impellidos promiscuamente? onde vão? porque são assim?

O que o sabe vê através das trevas.

Elle é um. Chama-se Deus.

XII

A OCIOSIDADE DO SNR. DAMATABOIS.

Ha em todas as cidades pequenas, e havia em M. sobre o M. em particular, uma classe de mancebos que tasquinham mil e quinhentas libras de renda com o mesmo ar com que os seus iguaes devoram em Pariz duzentos mil francos por anno. São entes da grande especie neutra; lerdos, parasitas, nullos, que teem uma pouca de terra, uma pouca de tolice e um pouco de espirito, que seriam rusticos n'um salão e se julgam fidalgos na taverna, que dizem: os meus prados, os meus bosques, os meus camponezes; pateam as actrizes no theatro para provarem que teem gosto, travam pendencias com os officiaes da guarnição para mostrarem arreganho marcial, caçam, fumam, bocejam, bebem, fedem a fumo, jogam bilhar, veem os viajantes apearem-se das diligencias, vivem nos botequins, jantam nas casas de pasto, teem um cão que rói os ossos debaixo da mesa e uma amante que lhes traz os pratos, economisam um soldo, exageram as modas, adiniram a tragedia, desprezam as mulheres, poupam as suas botas usadas, copiam Londres através de Pariz, e Pariz através de Pont-à-Mousson, envelhecem aparvalhados, não trabalham, não servem para nada e não são lá muito nocivos.

Felix Tholomyès, se houvesse ficado na sua provincia e nunca tivesse estado em Pariz, seria um destes homens.

Se fossem mais ricos, dir-se-hia delles: são casquilhos; se fossem mais pobres, dir-se-hia: são vadios. São simplesmente ociosos. Entre estes ociosos ha massantes, aborrecidos, basbaques, e alguns bregeiros.

Naquelle tempo, um casquilho compunha-se de grandes collarinhos, de uma gravata bem alta, de um relogio com corrente cheia de dices, de tres colletes superpostos de côres differentes, o azul e o encarnado por baixo, de uma casaca côr de azeitona, de corpo curto com abas de bacalháu, e duas ordens de botões de prata muito unidos que chegavam até aos hombros, e de umas calças da mesma côr, porém mais clara, ornadas nas costuras dos lados com um numero de cordões indeterminado, mas sempre impar, que variava de um até onze, limite que nunca era excedido. Accrescente-se a isto cothurnos com ferraduras pequenas nos tacões, um chapéu de copa alta e abas estreitas, cabellos em madeixas, uma enorme bengala, e uma conversação enfeitada de trocadilhos de Potier. Para coroar a obra, esporas e bigodes. Naquelle época trazer bigodes queria dizer ser paisano, e esporas ser peão.

O casquilho de provincia trazia esporas maiores e bigodes mais formidaveis.

Era no tempo da luta das republicas da America meridional com o rei da Hespanha, de Bolivar com Morillo. Os chapéus de abas estreitas eram realistas e chamavam-se *morillos*; os liberaes traziam chapéus de abas largas, que se chamavam *bolivaros*.

Ora, oito ou dez mezes depois do que deixamos narrado nas paginas precedentes, nos primeiros dias do mez de Janeiro de 1823, n'uma noite em que havia cahido neve, um destes casquilhos, um destes ociosos, um *sensato*, porque trazia um *morillo*, achando-se alem disso confortavelmente embuçado n'uma dessas grandes capas que completavam no tempo do frio o trajo da moda, divertia-se a apouquentar uma pobre creatura que vagava vestida de baile, com os hombros descobertos e de flôres na cabeça, por diante das vidraças do café dos officiaes. Este casquilho fumava, porque tal era decididamente a moda.

De cada vez que a mulher passava por junto d'elle, jogava-lhe, de envolta com a fumaça do charuto, algum dieterio que suppunha espirituoso e engraçado, como:— Que cara feia!—Esconde essa carranca!—O que fizeste dos teus dentes? etc., etc.—O casquilho chamava-se o snr. Bamatabois. A mulher, triste espectro enfeitado que andava de um lado para o outro por cima da neve, não lhe respondia, nem sequer olhava para elle, continuando em silencio e com sombria regularidade o seu passeio, que, de cinco em cinco minutos, a expunha a novos sarcasmos, como o soldado condemnado que volta a receber o castigo da chibata. Esta indiferença irritou por certo o ocioso, porquanto, aproveitando um momento em que a mulher lhe dava as costas, approximou-se della devagarinho e suffocando o riso, abaixou-se, apanhou na calçada um punhado de neve e deitou-lh'a de repente entre os hombros descobertos. A misera soltou um rugido, voltou-se, deu um salto de panthera, e lançou-se ao homem, enterrando-lhe as unhas na cara, com palavras as mais torpes que se podem atirar de um corpo de guarda á lama da rua. Estas injurias, vomitadas por uma voz enrouquecida pela aguardente, sabiam hediondamente de uma boca em que faltavam com effeito os dous dentes da frente. Era Fantina.

Ao arruido assim feito, os officiaes sahiram em chusmas do botequim, os passeantes ajuntaram-se, e formou-se um grande circulo que se ria, apupava e applaudia, em torno daquelle turbilhão, composto de dous entes, nos quaes difficilmente se reconhecia um homem e uma mulher, o homem debatendo-se, com o chapéu cahido no chão, a mulher dando com os pés e com as mãos, destoucada, rugindo, sem dentes e sem cabellos, livida de colera, horrivel.

De repente um homem de alta estatura atravessou apressadamente a multidão, agarrou na mulher pelo corpinho de setim coberto de lama, e disse-lhe:—Segue-me!

A mulher levantou a cabeça; a voz furiosa extinguiu-se-lhe de subito. Os olhos embaciaram-se-lhe, de livida tornou-se pallida, e tremia transida de terror. Reconhecêra Javert.

O casquilho aproveitára o incidente para escapar-se.

XIII

SOLUÇÃO DE ALGUMAS QUESTÕES DE POLICIA MUNICIPAL.

Javert afastou os circumstantes, quebrou o circulo, e, arrastando a misera, pôz-se a caminhar a passos largos para a estação de policia, que fica na extremidade da praça. Ella seguia-o machinalmente. Nem elle, nem ella soltavam palavra. A chusma de espectadores, no auge da alegria, acompanhava-os dizendo chufas. A suprema miseria, occasião de obscenidades.

Chegados á estação da policia, que era uma sala baixa aquecida por um fogão portatil, com uma porta envidraçada e com grades que davam para a rua, e onde havia um corpo de guarda, Javert abriu a porta, e fechou-a assim que entrou com Fantina, deixando totalmente contrariados os curiosos, que se ergueram nas pontas dos pés, e estenderam o pescoço para a vidraça embaciada do corpo de guarda, buscando ver o que se passava dentro. A curiosidade é uma gluttona. Ver é devorar.

Assim que Fantina entrou, cahiu em um canto, immovel e muda, encolhida como uma cadella que tem medo.

O sargento da guarda trouxe uma vela que pôz em cima da mesa. Javert sentou-se, tirou da algibeira uma folha de papel sellado e pôz-se a escrever.

As mulheres da classe de Fantina estão inteiramente entregues pelas nossas leis á discrição da policia. Esta faz dellas o que quer, pune-as como bem lhe apraz, e confisca arbitrariamente duas cousas a que ellas chamão a sua industria e a sua liberdade. Javert estava impassivel; o seu rosto não revelava o menor abalo. Não obstante, achava-se profundamente preocupado. Era aquelle um desses momentos em que elle exercia sem censura, mas com todos os escrúpulos de uma consciencia severa, o seu temivel poder discricionario. Naquelle instante elle o sentia, o seu tamborete de agente de policia era uma cadeira de tribunal. Elle julgava. Julgava e condemnava. Em torno da cousa transcendente que estava fazendo reunia quantas idéas tinha no espirito. Quanto mais considerava o delicto daquella raparigga, tanto mais indignado se sentia. Era evidente que acabava de ver commetter um crime. Acabava de ver, no meio da rua, a sociedade, representada por um proprietario eleitor, insultada e atacada por uma creatura indigna da menor consideração. Uma mulher attentára contra um burguez. Elle, Javert, o vira. Escrevia pois em silencio.

Quando acabou, assignou, dobrou o papel e disse para o sargento da guarda, entregando-lh'o:—Tome tres homens, e leve esta rapariga para a cadêa.—Depois, valtando-se para Fantina:—Ficarás reclusa seis mezes.

A misera estremeceu.

—Seis mezes! seis mezes de prisão! exclamou. Seis mezes a ganhar sete soldos por dia! mas o que será da minha Cosetta! minha filha! minha filha! Porem eu devo mais de 100 francos aos Thenardier; vm. não sabe, snr. inspector?

E arrastou-se sobre as lages molhadas pelas botas enlameadas de todos aquelles homens, sem levantar-se, de mãos postas, avançando rapidamente de joelhos.

—Snr. Javert, disse ella, eu lhe peço perdão. Asseguro-lhe que não foi por minha culpa. Se o senhor visse o principio, logo veria! Foi aquelle senhor burguez, que eu não conheço, que me deitou neve nas costas. Tem alguém por ventura o direito deitar neve

nas costas de quem vae passando socegado sem mexer com ninguem? Aquillo incommodou-me. Eu ando adoentada, vê o senhor! e depois havia já algum tempo que elle implicava comigo. « Tu és feia! não tens dentes! » Eu bem sei que já não tenho dentes. Não lhe fazia nada; dizia com os meus botões: é um senhor que quer divertir-se. Não puxava por elle, não lhe fallava. Foi nesse instante que elle me pôz neve nas costas. Snr. Javert, meu bom snr. inspector! não haverá ninguem que visse tudo e que lhe diga que fallo verdade? Olhe, no primeiro momento a gente não pôde conter-se. Cada um tem o seu genio. E depois, deitar uma cousa tam fria nas costas da gente quando menos se esperava. Fiz mal em estragar o chapéu daquelle senhor. Porque é que elle desapareceu? eu lhe pederia perdão. Oh! meu Deus, nenhuma duvida teria de pedir-lhe perdão. Snr. Javert, perdõe-me por esta vez. Olhe, o senhor não sabe, nas prisões só se ganham sete soldos, e considere que tenho de pagar cem francos, para que não me mandem minha filha. O' meu Deus! eu não posso tê-la comigo. E' tam feio o meu modo de vida! O' minha Cosetta, ó meu anginho da santa Virgem, o que será della, coitadinha! Eu lhe digo tudo, esses Thenardier são uns estalajadeiros, camponeses, gente tapada. O que elles querem é dinheiro. Não me mande para a prisão! O senhor está vendo, seriam capazes de pôr a pequenita fóra, no meio da estrada, no rigor do inverno, sem se importarem com o que lhe pudesse acontecer: deve-se ter pena disto, meu bom snr. Javert. Se ella fosse maiorzinha, ganharia a vida; mas naquella idade não pôde. Eu não sou tam má mulher assim. Não foi a fraqueza e a gula que me puzeram neste estado. Entrei a beber aguardente por miseria. Não gosto della, porem bebo para ficar atordada. Quando era mais feliz, quem quizesse podia olhar para as minhas gavetas, e veria que eu não era uma mulher loureira e desarranjada. Tinha roupa, muita roupa. Compadeça-se de mim, snr. Javert.

Ella fallava assim, com o corpo inclinado, sacudida pelos soluços, com os olhos afogados em lagrimas, com o seio descoberto, apertando convulsivamente as mãos, tossindo com uma tosse secca e breve, balbuciando baixinho com a voz da agonia. O auge da dor é uma

luz divina que transfigura os miseráveis. Naquelle momento Fantina reassumira a sua belleza. De vez em quando calava-se e beijava estremecidamente a sobrecasaca do agente de policia. Teria tocado um coração de pedra; mas ninguem commove um coração de pau.

—Bem! disse Javert, já te escutei. Não tens mais nada a acrescentar? Então, marcha! são seis mezes! nem o proprio Padre Eterno poderia valer-te.

A estas sollemnes palavras *nem o proprio Padre Eterno poderia valer-te* ella comprehendeu que estava proferida a sua sentença. Curvou-se murmurando:

—Perdão!

Javert voltou-lhe as costas.

Os soldados pegaram nella pelos braços.

Havia alguns momentos que um homem entrára sem que dessem fê da sua presença. Elle fechára a porta, a que se deixára ficar encostado, e ouvira as supplicas desesperadas de Fantina.

No momento em que os soldados agarraram a desgraçada, que não queria levantar-se, elle deu um passo, sahiu do escuro e disse:

—Façam o favor de esperar!

Javert levantou os olhos e reconheceu Magdalena. Tirou o chapéu, e, comprimentando-o com uma especie de agastado acanhamento:

—Perdão, snr. *maire*...

Estas palavras—snr. *maire*—produziram em Fantina um effeito inexprimivel. Ella ergueu-se de repente, inteiriçada como um espectro que surge do seio da terra, empurrou com ambos os braços os soldados, caminhou direita para Magdalena antes que a tivessem podido deter, e, encarando-o fixamente, com ar desvairado, bradou:

—Ah! então tu és o snr. *maire*!

Depois soltou uma gargalhada e cuspiu-lhe na cara.

Magdalena alimpou o rosto e disse:

—Inspector Javert, solte esta mulher.

Javert acreditou que a razão o ia abandonar. Sentia naquelle instante, umas logo após outras, e quasi confundidas, as mais violentas commoções que jámais sentira na sua vida. Ver uma mulher daquellas cuspir na cara de um *maire*, era cousa tam monstruosa que, nas suas supposições mais horribes, houvera considerado

como um sacrilegio imagina-la possível. Por outro lado, no intimo da mente, fazia confusamente uma confrontação hedionda do que era aquella mulher com o que podia ser aquella *maire*, e então lobrigava com horror o que quer que fosse muito natural em tam assombroso attentado. Mas quando viu aquella *maire*, aquelle magistrado, alimpar tranquillamente o rosto e dizer—*solte esta mulher*—, teve um como deslumbramento de estupor; havia tocado ao auge possível da admiração. Emmudeceu.

Aquellas palavras não haviam produzido em Fantina abalo menos profundo. Ella levantou o braço nu e agarrou-se á pedra do fogão como uma pessoa que vacilla. Entrementes olhava em torno de si e pôz-se a murmurar como se fallasse comsigo mesma:

—Solta! estou solta! não passarei seis mezes na prisão? Quem foi que disse isto? E' impossivel que alguem o dissesse. Eu ouvi mal. Não foi de certo este barbaro *maire*! Foi vm., meu bom snr. Javert, que disse que me soltassem? Oh! escute-me! eu lhe digo e o senhor me deixará ir em paz. Este *maire* cruel, este velho patife, foi a causa de tudo. Imagine, snr. Javert, que elle expelliu-me! por amor de uma cambada de mexeriqueiras que levam a murmurar na officina. Veja lá se não é uma barbaridade! Despedir uma pobre rapariga que faz honestamente o seu trabalho! Depois não pude ganhar bastante, e cahi na desgraça. Tambem ha um melhoramento que os senhores da policia deveriam fazer, é impedir que os emprezarios das prisões façam mal aos pobres. Eu vou explicar-lhe isto, snr. Javert. A gente ganha doze soldos cosendo camisas, depois não se ganham senão nove, e já não se póde viver. Então não ha remedio senão entregar-se á sorte. Eu tinha a minha Cosettinha, vi-me obrigada a ser uma mulher ruim. Agora já vê o senhor que o patife deste *maire* foi o culpado de tudo. Foi então, pisei aos pés o chapéu daquelle senhor á porta do café dos officiaes. Mas tambem elle tinha estragado o meu vestido com a neve. Nós outras só temos um vestido, para de noite. Já vê que eu não fiz mal porque quiz, é verdade, snr. Javert, e sei de muitas mulheres muito mais ruins do que eu, e que são muito mais felizes. O' snr. Javert, foi vm. que disse que me soltassem, não foi? Tire informações;

falle com o meu senhorio, agora pago os alugueis, elle dirá que eu sou honrada. Ah! meu Deus, perdôe-me, buli, sem querer, no fecho do fogão, e a fumaça está sabindo. . . .

Magdalena ouvia-a com profunda attenção. Emquanto ella fallava, mettêra a mão na algibeira do collete, tirára a bolsa e abrira-a. Estava vazia. Tornára a mettê-la no bolso. Perguntou a Fantina:

—Quanto é que você disse que estava devendo?

Fantina, que não olhava senão para Javert, voltou-se para elle, e disse:

—Por ventura estou fallando comtigo?

Depois dirigindo-se aos soldados:

—Viram, rapazes, como eu lhe cuspi na cara? Ah! malvado *maire*, vieste aqui para metter-me medo, mas eu não tenho medo de ti. Tenho medo do snr. Javert. Tenho medo do meu bom snr. Javert.

Assim fallando, voltou-se para o inspector:

—Olhe, snr. inspector, todos nós devemos ser justos. Eu bem vejo que vm. o é, snr. inspector. Um homem que se diverte deitando um bocadinho de neve nas costas de uma mulher, o que tem? Os officiaes riam-se; a gente hade por força divertir-se com alguma cousa, e depois nós outras não estamos no mundo senão para servirmos de divertimento a todos, pois não! Vae senão quando vm. chega, é obrigado a socegar a desordem, prende a mulher que foi quem teve a culpa de tudo; mas depois, pensando, como tem bom coração, diz que me deixem ir em paz; é um beneficio para a minha pequenita, porque se eu estivesse seis mezes na prisão não poderia sustenta-la.

« Mas olhe lá não caia n'outra, marota! »

—Oh! não cabirei, snr. Javert! agora podem fazer-me o que quizerem que não darei o cavaco. Tambem se hoje gritei, ouviu? foi porque aquillo me fez mal, não contava realmente com a neve daquelle senhor, e demais, como já lhe disse, não ando boa, tenho tosse, sinto no estomago uma bola que me queima, de fórma que o medico me diz: « E' preciso tratar-se. » Olhe, dê cá a sua mão, apalpe, não tenha receio, é aqui.

Já não chorava, a sua voz tornára-se meiga, encostava ao seio alvo e delicado a enorme mão callosa de Javert, e encarava-o sorrindo-se.

De repente compôz vivamente o facto, abaixou a saia que arrastando-se levantára quasi até aos joelhos, e dirigiu-se para a porta, dizendo em meia voz para os soldados, com um amavel gesto de cabeça:

—Rapazes, o snr. inspector disse que me soltassem, eu vou-me embora.

Pôz a mão no ferrolho. Um passo mais que dêsse, se acharia na rua.

Javert até aquelle instante tinha ficado de pé, immovel, com os olhos fitos no chão, collocado de través no meio daquella scena como uma estatua tirada de seu lugar e que espera que a ponham em alguma parte.

A bulha que fez o ferrolho despertou-o. Ergueu a cabeça com uma expressão de soberana autoridade, expressão sempre tanto mais terrivel quanto mais em baixo se acha collocado o poder, feroz no irracional, atroz no homem de vil extração.

—Sargento, bradou elle, não vê que a marota vae-se embora? Quem o autorizou a solta-la?

—En, disse Magdalena.

Fantina á voz de Javert tremêra e largára o ferrolho como um ladrão apanhado em flagrante larga o objecto roubado. A' voz de Magdalena voltou-se, e dalli em deante, sem pronunciar uma palavra, sem se quer animar-se a respirar, entrou a olhar alternativamente para Magdalena e Javert, conforme era este ou aquelle que fallava.

Era evidente que, como vulgarmente se diz, muito *fóra das estribeiras* devia estar Javert para tomar a liberdade de apostrophar o sargento, como fizera, depois do *maire* ter convidado os soldados a soltarem Fantina. Acaso teria esquecido que o snr. *maire* alli se achava? Acabaria acaso por decidir dentro em si mesmo que era impossivel que *uma autoridade* tivesse dado semelhante ordem, e que por sem duvida o snr. *maire*, por mero descuido, dissera uma cousa por outra? Ou então, na presença das enormidades de que era testemunha havia duas horas, dizia comsigo mesmo que cumpria recorrer ás resoluções supremas, que relevava que o pequeno se fizesse grande, que o beleguim se transformasse em magistrado, que o homem de policia se tornasse homem de justiça, e que nesta extremidade

prodigiosa a ordem, a lei, a moral, o governo, a sociedade inteira se personificasse nelle Javert?

Como quer que fosse, quando Magdalena disse aquelle *eu* que o leitor acaba de ouvir, o inspector de policia Javert voltou-se para o *maire*, pallido, frio, com os labios azulados, o olhar desesperado, agitado todo o corpo por um tremor imperceptivel, e, cousa inaudita, disse-lhe, com os olhos baixos; mas com voz firme:

—Snr. *maire*, isto não é possivel.

—O que?

—Esta desgraçada insultou a um burguez.

—Inspector Javert, proseguiu Magdalena em tom conciliador e calmo, ouça: Você é um homem honrado, e nenhuma duvida tenho de explicar-me com você. Eis-aqui a verdade. Eu passava pela praça quando você trazia presa esta mulher, ainda lá havia gente; informei-me, disseram-me tudo; o burguez é que foi o culpado, e só elle, em boa policia, é que deveria ter sido preso.

Javert replicou:

—Esta miseravel acaba de insultar ao snr. *maire*.

—Isso só a mim diz respeito, tornou Magdalena. Creio que a minha injuria é cousa minha propria. Posso fazer della o que quizer.

—Peço perdão ao snr. *maire*. A sua injuria é da competencia da policia, e não da de v. s.

—Inspector Javert, replicou Magdalena, a primeira justiça é a consciencia. Acabo de ouvir esta mulher. Sei o que faço.

—E eu, snr. *maire*, não sei o que vejo.

—Então contente-se com obedecer.

—Obedeço ao meu dever. O meu dever quer que esta mulher soffra seis mezes de prisão.

Magdalena respondeu com brandura:

—Ouça-me bem. Não soffrerá um só dia.

A esta replica decisiva, Javert atreveu-se a olhar fixamente para o *maire*, e disse-lhe, mas sempre com um tom de voz profundamente respeitoso:

—Sinto muitissimo ter de resistir ao snr. *maire*, é a primeira vez na minha vida; mas v. s. ha de permitir que observe que estou dentro dos limites das minhas attribuições. Insisto, já que assim o quer o snr. *maire*, na affronta que soffreu o burguez. Eu estava

perto. Foi esta rapariga que se lançou ao snr. Bamatabois, que é eleitor e dono da linda casa de sacadas que fica no canto da esplauada de tres andares e toda de pedra de cantaria. Emfim, ha cousas neste mundo! Como quer que seja, snr. *maire*, isto é um delicto da competencia da policia das ruas, cahe debaixo da minha autoridade, e eu mantenho a prisão de Fantina.

Então Magdalena cruzou os braços, e disse com uma voz severa que ninguem na cidade lhe tinha ainda ouvido:

—O delicto de que você falla é um delicto da competencia municipal. Nos termos dos arts. 9, 11, 15 e 66 do codigo do processo criminal, incumbe-me julgá-lo. Ordeno que esta mulher seja posta em liberdade.

Javert quiz tentar um ultimo esforço.

—Porem, snr. *maire*...

—Lembro-lhe tambem o art. 81 da lei de 13 de dezembro de 1799 sobre a prisão arbitraria.

—Snr. *maire*, permitta...

—Nem mais palavra.

—Porem...

—Retire-se, disse Magdalena.

Javert recebeu em cheio o golpe, firme, de frente, como um soldado russo. Comprimentou com o mais profundo respeito o snr. *maire*, e sahiu.

Fantina afastou-se de deante da porta, e, como uma especie de estupor, viu-o passar por junto de si.

Comtudo tambem ella sentia um abalo inexprimivel. Acabava de ver-se de alguma sorte disputada por dous poderes oppostos. Vira lutarem deante dos seus olhos dous homens, em cujas mãos se achavam a sua liberdade, a sua vida, a sua alma, a sua filha; um desses homens puxava-a para a escuridão, o outro restituia-a á luz. Nesta luta, entrevista através das exagerações do medo, aquelles dous homens afiguraram-se-lhe como dous gigantes; um fallava como o seu demonio, o outro como o seu anjo da guarda. O anjo vencêra o demonio, e, cousa que a fazia estremecer desde os pés até a cabeça, o anjo, o salvador, era justamente o homem que ella aborrecia, o *maire*, que por tanto tempo considerára como o autor dos seus males, Magdalena! e no mesmo momento em que acabava de insulta-lo de um modo hediondo, elle salvava-a! Seria engano? De-

veria ella então inverter todos os seus sentimentos?... Não o sabia, estava tremula. Escutava attonita, olhava estupefacta, e a cada palavra que Magdalena dizia sentia rasgarem-se-lhe e dissiparem-se-lhe dentro della mesma as horrorosas trévas do odio e nascer-lhe no coração o que quer que fosse aviventador e ineffavel que era alegria, confiança e amor.

Depois que Javert sahiu, Magdalena voltou-se para ella, e disse-lhe com voz lenta, exprimindo-se com difficuldade, como um homem grave que não quer chorar:

—Ouvi o que você disse. Eu o ignorava. Creio e sinto que tudo é verdade. Nem sequer sabia que você tinha sahido das minhas officinas. Porque se não dirigiu a mim mesmo? Está bem; eu pagarei as suas dividas, mandarei buscar sua filha, ou você mesma irá ter com ella. Viverá aqui, em Paris, onde quizer. Encarrego-me de sua filha e de você. Se quizer, deixará de trabalhar. Dar-lhe-hei o dinheiro que precisar. Você tornará a ser honesta com a mudança de sorte. E até, ouça, desde já lhe declaro, se tudo é como você diz, e eu não duvido, nunca você cessou de ser virtuosa e santa aos olhos de Deus. Oh! pobre mulher!

Era mais do que a pobre Fantina podia supportar. Ter Cosetta comsigo! sahir daquella vida infame! viver livre, rica, feliz, honesta, com Cosetta! vêr surgirem de subito no meio de sua miseria todas estas realidades do paraíso! Ella olhou como atordoada para aquelle homem que lhe fallava, e não pôde senão soltar dous ou tres soluços: Oh! oh! oh! As pernas vergáram-se-lhe, cahiu de joelhos aos pés de Magdalena, e, antes que este tivesse podido impedi-la, sentiu que ella lhe pegava na mão e a levava aos labios.

Depois desmaiou.

LIVRO SEXTO.

—
JAVERT.

—
I

COMEÇA O SOCEGO.

Magdalena mandou transportar Fantina para a enfermaria que tinha em sua propria casa, confiou-a ás irmans da caridade, que lhe deram um leito. Sobreviera-lhe uma febre ardente. Ella passou parte da noite a delirar e a fallar alto. Comtudo acabou por adormecer.

Já era meio-dia quando Fantina acordou. Ouviu uma respiração junto da cama, afastou o cortinado e viu Magdalena em pé a olhar para alguma cousa por cima da cabeça. Aquelle olhar era cheio de piedade e de angustia, e tinha uma expressão de supplica. Seguiu-lhe a direcção, e viu que elle se sitava em um crucifixo pregado na parede.

Magdalena achava-se agora transformado aos olhos de Fantina. Parecia-lhe cingido de luz. Estava absorto em uma especie de oração. Ella o contemplou muito tempo, sem se animar a interrompê-lo. Por fim disse-lhe timidamente:

—O que faz o senhor ahi?

Magdalena estava naquella lugar havia uma hora. Esperava que Fantina acordasse. Pegou-lhe na mão, tomou-lhe o pulso, e respondeu:

—Como esta?

—Boa, dormi bem, disse ella, creio que vou melhor. Não ha de ser nada.

Quanto a elle, proseguiu, respondendo á pergunta que Fantina lhe fizera, como se só então acabasse de ouvir-a:

—Orava ao martyr que está no céu.

E accrescentou mentalmente:—Pela martyr que está neste valle de lagrimas.

Magdalena passára a noite e a manhã a tirar informações. Agora tudo lhe era patente. Sabia, em todos os seus afflictivos pormenores, a historia de Fantina. Continuou:

—Você tem soffrido muito, pobre mãe! Oh! não se queixe; agora tem o dote dos escolhidos. E' desta maneira que os homens fazem anjos. Não é culpa delles; não sabem haver-se de outro modo. Olhe, este inferno de que você sahe, é a primeira fôrma do céu. Cumpria começar assim.

Deu um profundo suspiro. No entanto ella sorria-lhe, e o seu sublime sorriso mostrava de menos dous dentes.

Javert naquella mesma noite escrevera uma carta. Levára em pessoa essa carta á agencia do correio de M. sobre o M. A missiva era para Pariz e tinha no sobrescripto:—*Ao snr. Chabouillet, secretario do snr. prefeito de policia*—. Como a contenda do corpo de guarda se tinha divulgado, o agente do correio e algumas outras pessoas que viram a carta antes de ser expedida e conhecêram a lettra de Javert pensáram que elle escrevera mandando a sua demissão.

Magdalena deu-se pressa em escrever aos Thenardier. Fantina devia-lhes cento e vinte francos. Elle mandou-lhes trezentos francos, dizendo que tirassem dessa somma o que lhes era devido e que trouxessem logo a menina para M. sobre o M., onde a mãe, que se achava doente, queria te-la ao pé de si.

Isto deslumbrou o Thenardier.—Com a fortuna! disse para a mulher, não larguemos a pequena. A Calhandra vae tornar-se para nós uma mina de caroco. Adivinho

o que é. Algum papalvo deixou-se enfeitiçar pela mãe.

Respondeu mandando uma conta de quinhentos e tantos francos muito bem feita. Neste total estava incluído o de duas outras contas incontestáveis, que orçavam em mais de trezentos francos, uma de um medico, outra de um boticario, os quaes haviam tratado e medicamentado Eponina e Azelma por occasião de uma longa doença que tinham tido. Cosetta, como já dissemos, não estivera doente. Tudo se arranjava por meio de uma pequenina substituição de nomes. Thenardier escreveu por baixo: *Recebi por conta trezentos francos.*

Magdalena mandou immediatamente mais trezentos francos, e escreveu:—Traga Cosetta quanto antes.

—Caspite! disse o Thenardier, não largaremos a pequerrucha.

Entretanto Fantina não se restabelecia. Achava-se ainda na enfermaria.

As irmãs haviam a principio recebido e tratado *aquella rapariga* com repugnancia. Quem já viu os baixos-relevos de Reins não ha de ter esquecido o entufamento do labio inferior das virgens puras a olharem para as jovens perdidas. Este antigo desprezo das vestaes pelas ambubaias é um dos mais profundos instinctos da dignidade feminil; as irmãs a haviam sentido, porem redobrado pela relegião. Comtudo dentro em poucos dias Fantina as desarmára. Fallava-lhes as fallas mais meigas e submissas, e a sua qualidade de mãe commovi-as. Um dia as irmãs a ouviram dizer delirando:

—Eu fui uma peccadora; mas quando tiver minha filha junto de mim, será signal de que Deus me perdôa. Emquanto eu era mal procedida, não podia querer a minha Cosetta comigo, ser-me-hia impossivel supportar os seus olhares admirados e tristes. Todavia era por amor della que eu assim procedia, e é por isso que Deus me perdôa. Eu sentirei a benção da sua infinita misericordia quando Cosetta aqui estiver. Cotempla-la-hei, ha de fazer-me bem o olhar para a innocentinha. Ella nada sabe. É um anjo, minhas irmãs. Naquella idade as azas ainda não teem cahido.

Magdalena ia visita-la duas vezes por dia, e de cada vez ella lhe perguntava:

—A minha Cosetta tardará muito ?

Elle respondia-lhe :

—Talvez chegue ámanhan de manham. Espero-a de um momento para outro.

E o rosto pallido da mãe resplandecia.

—Oh ! dizia ella, como vou ser feliz !

Acabamos de dizer que ella não se restabelecia. Pelo contrario, o seu estado parecia aggravar-se de semana em semana. O punhado de neve applicado sobre a pelle nua entre as duas omoplatas causara uma supressão subita de transpiração, em consequencia da qual a molestia, que havia alguns annos a minava, veio a declarar-se violentamente. Os facultativos começavam então a adoptar no estudo e no tratamento das molestias de peito os bellos preceitos de Laënnec. O medico auscultou Fantina e meneou a cabeça :

Magdalena perguntou-lhe :

—E então ?

—Ella não tem uma filha que deseja ver ? disse o medico.

—Tem, sim.

—Pois então mande busca-la quanto antes, Magdalena estremeceu.

Fantina perguntou-lhe :

—O que foi que disse o medico ?

Magdalena fez um esforço para sorrir-se.

—Disse que mandasse buscar quanto antes a sua menina. Que você recobriria a saude tendo-a em sua companhia.

—Oh ! tornou Fantina, elle diz bem ! Mas porque é que esses Thenardier se demoram tanto com a minha Cosetta ! Oh ! ella vae ser-me restituida. Eis que finalmente começa para mim a felicidade.

Entretanto Thenardier não *largava a menina*, e dava sempre mil desculpas evasivas. Ora Cosetta ainda estava um tanto fraca, não podia fazer a viagem no rigor do inverno. Ora andava elle muito occupado em tirar as contas de algumas quantias pequenas que lhe deviam pela vizinhança, etc., etc.

—Mandarei uma pessoa buscar Cosetta ! disse o pae Magdalena. Se for preciso, irei eu mesmo.

Escreveu esta carta, que foi dictada e assignada por Fantina :

« Snr. Thenardier.

« Entregue Cosetta ao portador.

« Os gastos miudos ser-lhe-hão pagos.

« Tenho a honra de saudá-lo com consideração.—

Fantina. »

Nestes entrementes deu-se um grave incidente. Em balde busca o homem lavrar acuradamente a pedra da vida, a vêa negra do destino reapparece sempre.

II

COMO DE JEAN PÓDE FAZER-SE CHAMP.

Uma manhan, achava-se Magdalena no seu gabinete occupado a despachar de antemão alguns negocios urgentes da *mairie* para o caso em que se decidisse a ir em pessoa a Montfermeil, quando vieram dizer-lhe que o inspector de policia Javert queria fallar-lhe. Ouvindo este nome, Magdalena não pôde resistir a uma impressão desagradavel. Depois da aventura da estação de policia, Javert evitara-o mais do que nunca, e Magdalena não tornára a vê-lo.

—Mande-o entrar, disse elle.

Javert entrou.

Magdalena deixara-se ficar sentado junto da chaminé, com uma penna na mão, fitos os olhos em um maço de papeis que folheava e annotava, e que continha autos de infracções da policia da limpeza publica. Nem se mexeu para receber Javert. Não podia deixar de lembrar-se da pobre Fantina, e convinha-lhe mostrar-se glacial.

Javert comprimintou respeitosamente o snr. *maire*, que lhe dava as costas. O *maire* não olhou para elle, e continuou a annotar os seus papeis.

Javert deu dous ou tres passos no gabinete, e parou, sem quebrar o silencio.

O physionomista que se houvesse familiarisado com a natureza de Javert, que tivesse estudado por largo tempo aquelle selvagem ao serviço da civilisação, aquelle

singular complexo do romano, do spartano, do monge e do policial, aquelle espião incapaz de uma mentira, aquelle beleguim virgem; o physionomista que lhe soubesse da secreta e antiga aversão por Magdalena, do conflicto com o *maire* por causa de Fantina, e considerasse Javert naquelle momento, teria dito consigo mesmo:— O que foi que aconteceu?—Era evidente para quem lhe conhecesse a consciencia recta, clara, sincera, proba, austera e inexoravel, que se dera em Javert algum grande facto interno. Javert nada tinha n'alma que não mostrasse no rosto. Era, como todas as pessoas arrebatadas, sujeito a repentinas mudanças. Nunca a sua physionomia tivera uma expressão tam singular e inesperada. Ao entrar, inclinara-se deante de Magdalena com um olhar em que já não havia odio, nem colera, nem desconfiança; parara a alguns passos por detraz da cadeira do *maire*; e agora alli estava de pé, em uma attitude quasi disciplinar, com a rudez ingenua e fria de um homem que nunca foi humano e que sempre foi paciente; esperava, sem dizer uma palavra, sem fazer o menor movimento, com uma humildade verdadeira e uma resignação tranquilla, que aprouvesse ao snr. *maire* voltar-se,—calmo, serio, com o chapéu na mão, baixos os olhos, com uma expressão que participava ao mesmo tempo da do soldado na presença do seu official e da do criminoso na presença do seu juiz. Todos os sentimentos, bem como todas as recordações que por ventura nelle houvessem existido, tinham desaparecido. Naquelle semblante impenetravel e simples como a rocha, sómente se notava uma sombria tristeza. Toda a sua pessoa respirava humilhação e firmeza, e não sei que abatimento corajoso.

Emfim o *maire* largou a penna e voltou-se um pouco:

—Então! o que é? o que temos, Javert?

Javert ficou silencioso como se se recolhesse; depois levantou a voz com uma especie de solemnidade triste que todavia não excluia a simplicidade.

—Snr. *maire*, commetteu-se um acto criminoso.

—Que acto?

—Um agente subalterno da autoridade faltou ao respeito a um magistrado do modo mais grave. Venho, como é meu dever, trazer o facto ao conhecimento de v.s.

—Quem é esse agente? perguntou Magdalena.

—Eu, disse Javert.

—Você ?

—Sim, senhor.

—E quem é o magistrado aquem esse agente offendeu?

—V. s., snr. *maire*.

Magdalena impertigou-se na sua cadeira, Javert continuou com ar severo e sempre de olhos baixos.

—Snr. *maire*, venho pedir-lhe o favor de exigir da autoridade a minha demissão.

Magdalena estupefacto abriu a boca. Javert interrrompeu-o.

—V. s. dirá que eu proprio posso demittir-me; mas isto não basta. Uma demissão assim é honrosa. Delinqui, devo ser punido. Cumpre que eu seja expulso.

E depois de uma pausa, accrescentou :

—Snr. *maire*, v. s. foi injustamente severo para comigo outro dia. Seja-o hoje com justiça.

—Apage! severo, porque? exclamou Magdalena. Que embrulhada é esta? que significa isto? em que consiste o acto criminoso commettido contra mim por você? o que foi que você me fez? quaes são as suas culpas para comigo? você accusa-se, quer ser substituido....

—Expulso, disse Javert.

—Sim, expulso. Estou na mesma. Não comprehendo.

—V. s. vae comprehender-me, snr. *maire*.

Javert arrancou do fundo do peito um suspiro, e proseguiu sempre fria e tristemente :

—Snr. *maire*, ha seis semanas, em consequencia da contestação que tivemos por amor daquella rapariga, fiquei furioso, denunciei v. s.

—Denunciou-me !

—A' prefeitura de policia de Pariz.

Magdalena, que se ria tam pouco como Javert, pôz-se a rir :

—Como *maire*, por ter invadido as attribuições da policia ?

—Como ex-galé.

O *maire* tornou-se livido.

Javert, que não tinha levantado os olhos, continuoou :

—Tal era a minha persuasão. Havia já muito tempo que nutria desconfianças. Uma parecença, as informações que v. s. mandou tirar em Faverolles, a sua força, a aventura do velho Cortavento, a certeza da sua pon-

taria, a sua perna um tanto tolhida, que sei eu? tolices! mas o que é facto é que eu tomava v. s. por um certo João Valjean.

—Um certo?... Como é o nome que você disse?

—João Valjean. E' um forçado que vi ha vinte annos, quando era guarda nas galés de Toulon. Ao sahir da prisão, esse João Valjean havia, ao que parece, commettido um roubo em casa de um bispo, depois commettêra outro roubo, atacando á mão armada, em uma estrada, um pequeno saboyano. Desapparecêra por espaço de oito annos, não se sabe como, e a policia procurava-o. Eu tinha cá minhas desconfianças... Em summa fiz mal! Levado da raiva, denunciei v. s. á prefeitura da policia.

Magdalena, que, havia alguns instantes, volvéra a folhear os seus papeis, proseguiu com um tom de perfeita indifferença:

—E o que lhe respondêram?

—Que eu estava doudo.

—Então?

—Tinham razão.

—Muito folgo que você o reconheça!

Nem de outra fórma podia ser, porquanto o verdadeiro João Valjean foi descoberto.

O papel que Magdalena segurava cahiu-lhe da mão, elle levantou a cabeça, olhou fixamente para Javert e disse com um tom inexprimivel:—Ah!

Javert proseguiu:

—Eis aqui está como foi a cousa, snr. *maire*. Parece que havia nesta comarca, ali para as bandas d'Ally-le-Haut-Clocher, não sei que velho chamado Champmathieu. Era uma creatura miseravel. Ninguem se importava com elle. Esta gente vive não se sabe do que. Ultimamente, no outono, o pae Champmathieu foi prezo por ter roubado nmas maçans em casa de... Emfim, fosse lá de quem fosse, o certo é que houve roubo, muro escalado, galhos de arvore quebrados. Penderam o nosso Champmathieu. Ainda estava com o galho de macieira na mão. Foi posto debaixo de coberta enxuta. Até aqui todo o negocio não passava de um simples delicto da competencia correccional. Mas veja como se revela o dedo da Providencia. Achando-se a cadêa em máu estado, o snr. juiz de instrucção lem-

bra-se de transferir Champmathieu para Arras, onde está a prisão departamental. Na prisão de Arras ha um ex-forçado chamado Brevet, que está recluso não sei porque, e, pelo seu bom comportamento, foi feito chavreiro. Assim que Champmathieu alli pôz os pés, snr. *maire*, eis que o tal Brevet exclama:—E esta! eu conheço este homem. Já esteve nas galês. Olha para mim, meu velho! Tu és João Valjean!—João Valjean! que João Valjean? O Champmathieu finge-se admirado.—Não te faças de esquerdo, disse Brevet. Tu és João Valjean! estiveste nas galês de Toulon. Ha já vinte annos. Eramos companheiros.—O Champmathieu nega. Podera não! V. s. entende. Esmiuça-se o caso. Tiram-se todas as informações possiveis. Eis aqui o que se descobriu: esse Champmathieu, ha trinta annos, trabalhava em podar arvores em diversos lugares, mas particularmente em Faverolles. Neste ponto desaparecem os seus vestigios. Passado muito tempo, torna a ser visto em Auvergne, depois em Pariz, onde diz que foi carpinteiro de carros e tinha uma filha lavadeira, mas isto não está provado, e finalmente nesta comarca. Ora, antes de ir para as galês por um roubo qualificado, o que era João Valjean? podador. Onde? em Faverolles. Outro facto. Este Valjean chamava-se Jean (*João*), que era o seu nome de baptismo, e o nome de familia de sua mãe era Mathieu. Não é, pois, natural que, ao sahir das galês, tomasse o nome da mãe para não ser descoberto e entrasse a chamar-se Jean Mathieu? Elle vae a Auvergne. De *Jean* a pronuncia da terra faz *chan*, começam a chama-lo Chan Mathieu. O nosso homem deixa que assim o chamem, e ei-lo transformado em Champmathieu. V. s. comprehende, não? Tiraram-se informações em Faverolles. A familia de João Valjean já alli não está. Não se sabe o que é feito della. V. s. bem sabe que entre a gente desta classe ha muitas vezes destes desaparecimentos de uma familia inteira. Procura-se por ellas e não se encontram mais. Esta qualidade de gente é poeira, quando não é lama. E depois, como o principio destas historias data de ha trinta annos, já não ha ninguem em Faverolles que conhecesse João Valjean. Tiraram-se informações em Toulon. Além de Brevet, só ha dous forçados que conhecêram João Valjean. São os condemnados a galês

perpetuas Cochèpaille e Chenildieu. Mandaram-n'os buscar á prisão. Foram confrontados com o supposto Champmathieu. Não hesitam. Para elles, como para Brevet, aquelle individuo é o proprio João Valjean. A mesma idade (elle tem cincoenta e quatro annos), a mesma altura, o mesmo ar, o mesmo homem emfim, é elle. Foi justamente nesse momento que remetti a minha denuncia á prefeitura de Pariz. Respondem-me que estou louco, e que João Valjean acha-se em Arras, em poder da justiça. Veja v. s. como não devia eu ficar, eu que suppunha ter em meu poder, aqui, esse mesmo João Valjean! Escrevi ao snr. juiz de instrucção. Recebo ordem de comparecer, apresentam-me o tal Champmathieu. .

—E então? interrompeu Magdalena.

Javert respondeu, conservando no rosto a mesma expressão de inflexibilidade e tristeza :

—Snr. *maire*, verdade verdade. Embora me seja duro dizê-lo, esse homem é que é João Valjean. Eu tambem o reconheci.

Magdalena tornou em voz mui baixa :

—Está certo disso?

Javert pôz-se a rir com esse riso doloroso que escapa a quem tem uma convicção profunda :—Oh ! certissimo !

Ficou um momento pensativo, tirando pitadas de pó de serra de um vaso que estava em cima da mesa e que servia de arieiro, e accrescentou :

—E até mesmo, agora que vejo o verdadeiro João Valjean, não comprehendo como pude ter semelhante desconfiança. Peço perdão a v. s. snr. *maire*.

Dirigindo estas palavras supplices e graves áquelle que, seis semanas antes, o havia humilhado no meio do corpo de guarda e lhe tinha dito:—Retire-se!—Javert, esse homem altivo, era, sem que o soubesse, cheio de simplicidade e de nobreza. Magdalena só respondeu à sua supplica com esta pergunta, feita com vivacidade :

—E o que diz esse homem?

—Bofé, snr. *maire*, o negocio é serio. Se é João Valjean, dá-se o caso de reincidencia. Pular um muro, quebrar um galho, surripiar maçans, em uma creança é uma travessura, em um homem é um delicto, em um forçado é um crime. Escalada e roubo, nada lhe falta. Já não é á policia correccional, é ao tribunal do jury, que será levado o processo. Já não são alguns dias de

prisão, são galés perpetuas. E demais, ha o roubo feito ao pequeno saboyano, que espero dará de si. Com os diabos! é para pôr um coitado com agua pela barba, não acha v. s.? Com outro que não João Valjean, de certo. Mas João Valjean é um sonso. Outra qualidade que me faz reconhecê-lo. Qualquer pobre diabo se sentiria em apuros; abalaria céus e terra, gritaria (a chaleira canta ao fogo), não quereria ser João Valjean, etc. Elle, não; faz-se de desentendido, e diz:—Sou Champmathieu, daqui não passo!—E mostra ares de espanto, finge-se estúpido, assim é melhor. Oh! o maroto é habil! porem não faz mal, ha provas. Quatro pessoas o reconheceram; o velho tratante será condemnado. O processo foi apresentado ao tribunal do jury em Arras. Vou partir para lá, porque tenho de depôr como testemunha. Fui citado.

Magdalena tornára a sentar-se á sua escrevaninha, e folheava tranquillamente os seus papeis, lendo e escrevendo alternativamente, como um homem muito occupado. Voltou-se para Javert:

—Está bem, Javert, disse. A fallar a verdade, todas estas particularidades muito pouco me interessam. Estamos perdendo tempo, quando temos negocios urgentes. Javert, você vá immediatamente á casa da boa mulher Buscaupied, que vende ervas alli em baixo, no canto da rua Saint-Saulve. Diga-lhe que apresente a sua queixa contra o carroceiro Pedro Chesnelong. Este homem é um perverso, que quasi esmagou a pobre mulher e o seu filho. Deve ser punido. Depois vá á casa do snr. Charcellay, na rua Montre-de-Champigny. Elle queixa-se que ha um cano na casa vizinha que lhe deita agua da chuva na delle, e lhe solapa os alicerces. Depois verifique as infracções de policia que me consta se dão em casa da viuva Doris, na rua Guibeurg, e na rua do Garraud-Blanc, em casa da snra. Renata le Bossé, e lavre o competente auto. Mas estou lhe dando muito trabalho. Você não tem de ausentar-se? Não me disse que ia a Arras, daqui a oito ou dez dias, por causa do processo? . . .

—Muito antes, snr. *maire*.

—Então em que dia é?

—Mas creio que já disse ao snr. *maire* que o processo ha de ser julgado ámanhan, e que eu partia esta noite na diligencia.

Magdalena fez um movimento imperceptível.

—E que tempo levará o julgamento?

—Um dia quando muito. A sentença será pronunciada, o mais tardar, amanha de noite. Mas não esperarei pela sentença, que não pôde deixar de ser condemnatoria: logo que acabar de depôr, voltarei para aqui.

—Está bem, disse Magdalena.

E despediu Javert com um gesto de mão.

Javert não se retirou.

—Perdõe, snr. *maire* . . ., disse elle.

—Que temos mais? perguntou Magdalena.

—Snr. *maire*, ha uma cousa que devo lembrar a v. s.

—Qual é?

—E' que eu devo ser demittido.

Magdalena levantou-se.

—Javert, você é um homem honrado e eu o estimo. Exagera a sua falta. Demais, isto é uma offensa que tambem só a mim diz respeito. Javert, você é digno de subir e não de descer. Desejo que conserve o seu lugar.

Javert fitou em Magdalena o seu candido olhar, no qual parecia manifestar-se a propria consciencia, pouco esclarecida, mas rigida e casta, e disse com voz tranquilla:

—Snr. *maire*, não posso conceder isto a v. s.

—E eu repito-lhe, tornou Magdalena, que isto só a mim diz respeito.

Mas, unicamente attento ao seu proprio pensamento, continuou:

—Quanto a exagerar, eu não exagero. Aqui está como eu raciocino. Desconfiei injustamente de v. s. Isto nada é. Todos nós temos o direito de desconfiar, bem que haja abuso em desconfiar de quem nos é superior. Mas sem provas, em um transporte de raiva, no intuito de vingar-me, denunciei v. s. como forçado, v. s., um homem respeitavel, um *maire*, um magistrado! isto é grave, muito grave. Eu, agente da autoridade, offendi a autoridade na pessoa de v. s.! Se algum dos meus subordinados houvesse feito o que eu fiz, tê-lo-hia declarado indigno e expulsado. E então? Olhe, snr. *maire*, ainda uma palavra. Eu tenho sido muitas vezes severo na minha vida. Para os outros. Era natural. Procedia bem. Agora, se eu não fosse severo para comigo mesmo, tudo quanto fiz justo se tornaria injusto. Por ventura devo ser menos rigoroso para comigo mesmo do

que o era para com os outros? Não. Como! pois eu não teria servido senão para castigar os outros e não a mim mesmo! seria um miseravel! e os que dizem: *Infame Javert!* teriam razão! Snr. *maire*, não desejo que v. s. me trate com bondade; a sua bondade, já muitas arrelias me causou quando era com os outros, não a quero para mim. A bondade que consiste em dar razão á mulher devassa contra o burguez, ao agente de policia contra o *maire*, ao que está em baixo contra o que está em cima, para mim não é senão má bondade. E' com esta bondade que se desorganisa a sociedade. Meu Deus! é muito facil ser bom, o que custa é ser justo. E' o que lhe digo! Se o snr. *maire* fosse o que eu suppunha, havia de ver se eu teria sido bom para s. s. Snr. *maire*, eu devo tratar-me como trataria a outrem. Quando reprimia malfeitos, quando perseguia vagabundos, muitas vezes disse a mim mesmo:— Se tu vacillares, se alguma vez delinquires, ai de ti!— Vacillei, delinqui, tanto peor! Eia, despedido, destituído, expulso! é como deve ser. Tenho braços, lavrarei a terra, para mim é o mesmo. Snr. *maire*, o bem do serviço exige um exemplo. Peço simplesmente a demissão do inspector Javert.

Tudo isto era pronunciado com um tom humilde, altivo, desesperado e cheio de convicção, que dava não sei que grandeza fantastica a esse singular homem honrado.

—Pois bem, veremos isso, disse Magdalena.

E estendeu-lhe a mão.

Javert recusou, e disse em tom desabrido:

—Perdõe, snr. *maire*, isto não póde ser. Um *maire* não estende a mão a um beleguim.

E accrescentou por entre dentes:

—Beleguim, sim; uma vez que abusei da policia, não sou mais do que um beleguim.

Depois comprimontou respeitosa e dirigiu-se para a porta.

Alli chegando, voltou, e sempre de olhos baixos:

—Snr. *maire*, disse elle, eu continuarei no serviço até que haja quem me substitua.

Sahi. Magdalena ficou pensativo, escutando aquelle passo firme e resolutivo que se afastava resoando no ladrilho do corredor.

FIM DO LIVRO SEXTO.

LIVRO SETIMO.

—

PROCESSO CHAMPATHIEW.

I

A IRMAN SIMPLICIA.

Nem todos os incidentes, que o leitor vae ler foram sabidos em M. sobre o M. Mas o pouco que delles pôde transpirar deixou naquella cidade tal lembrança que o Rosso livro ficaria com uma grave lacuna se não os referissimos nos seus menores detalhes.

Nestes detalhes o leitor encontrará duas ou tres circumstancias inverosimeis, que aqui consignamos por deferencia á verdade.

Pelo meio-dia, depois da visita de Javert, Magdalena foi ver Fantina, como costumava.

Antes de se lhe apresentar, mandou chamar a irman Simplicia,

As duas religiosas que serviam na enfermaria, *lazaristas* como todas as irmans da caridade, chamavam-se irman Perpetua e irman Simplicia.

A irman Perpetua era uma aldean vulgar, grosseiramente irman da caridade, que entrára para casa de Deus como quem entra para um officio. Era religiosa como qualquer outra é cozinheira. Este typo é por demais commum. As ordens monasticas aceitam de bem

grado estes lerdos camponios, e facilmente os transformam em capuchinhos ou em ursulinas. Estas rusticidades são uteis para os misteres menos delicados da devoção. A transição de um carreiro para um carmelita nada tem de forçada; aquelle transmuda-se neste sem grande trabalho; a dóse commum de ignorancia da aldêa e do claustro é uma prèvia preparação, e põe para logo o camponez ao nivel do frade. Faz-se mais comprida a camisola, e ali está um habito. A irman Perpetua era uma gorda religiosa, de Marines, perto de Pontoise, que estropiava as palavras, psalmodiava, resmungava, adoçava as tisanas na proporção da beatice ou da hypocrisia do enfermo; arrebatada para com os doentes, rabugenta para com os moribundos, a cuja cara por assim dizer atirava Deus, cuja agonia fustigava com orações eivadas de colera,—resoluta, honesta e rubicunda.

A irman Simplicia tinha uma còr alva como a cera. Junto da irman Perpetua era como uma stearina ao lado de uma vela de sebo. Vicente de Paulo retratou divinamente a irman da caridade nestas admiraveis palavras em que unio tanta liberdade e tanta sujeição: « Ellas não terão por mosteiro senão a casa dos doentes, por cella senão um quarto de aluguel, por capella senão a egreja da sua parochia, por claustro senão as ruas da cidade ou as salas dos hospitaes, por clausura senão a obediencia, por grades senão o temor de Deus, por vèu senão a modestia.» Este ideal achava-se realzado na irman Simplicia. Ninguem houvera podido dizer qual era a idade da irman Simplicia; ella nunca fôra moça, e parecia que nunca poderia ser velha. Era uma pessoa,—não nos animamos a dizer uma mulher—, benigna, austera, cheia de urbanidade, fria, e que nunca havia mentido. Tão branda quão debil parecia, tinha não obstante mais solidez do que a rocha. Tocava nos desgraçados com lindos dedos delicados e puros. Havia, por assim dizer, silencio nas suas palavras; ella fallava só quanto era necessario, e tinha um som de voz que commoveria um confissionario e enlevaria um salão. Delicada como era, contentava-se com as suas vestes de estamenha, que com o aspero contacto lhe lembravam continuamente o céu e Deus. Insistamos em um detalhe. Nunca ter mentido, nunca ter dito por interesse, nem mesmo indifferentemente, cousa alguma que não fosse a

verdade, a santa verdade, tal era a qualidade porque se distinguia a irman Simplicia; tal era o contraste da sua virtude. Tornára-se quasi celebre na congregação por esta veracidade imperturbavel. O abbade Sicard falla na irman Simplicia em uma carta ao surdo-mudo Massieu. Por mais sinceros e puros que sejamos, todos nós temos na nossa candura a seiva da mentirinha innocente. Ella não. Mentira pequena, mentira innocente, existe por ventura semelhante cousa? Mentir—é mal em sua plenitude. Mentir pouco não é possível; o que mente—mente com a mentira toda; mentir—é a propria face do demonio; Satanaz tem dous nomes: chama-se Satanaz e chama-se Mentira. Eis como ella pensava. E assim como pensava, assim praticava. Dahi lhe resultára a alvura de que fallámos, alvura que com o seu brilho, lhe cobria até mesmo os labios e os olhos. O seu sorriso era alvo, alvo era o seu olhar. Não havia um fio de têa de aranha, nem um atomo de pó na vidraça daquella consciencia, Abraçando a regra de S. Vicente de Paulo, tomára ella o nome de Simplicia por uma escolha especial. Simplicia de Sicilia, como se sabe, é essa santa que preferiu que lhe arrancassem os dous seios antes, do que responder, sendo natural de Syracuse, que tinha nascido em Segeste, mentira que a houvera salvado. Tal protectora convinha á tal alma.

A irman Simplicia, ao entrar para a ordem, tinha dous defeitos, de que se corrigira pouco a pouco; gostava muito de gulodices e de receber cartinhas. Nunca lia senão um livro de orações, de letras graúdas e em latim. Não entendia o latim, mas entendia o livro.

Esta compassiva creatura afeiçãoára-se a Fantina, provavelmente por sentir que havia nella virtude latente, e dedicára-se a trata-la quasi exclusivamente.

Magdalena chamou de parte a irman Simplicia e recommendou-lhe a doente com um tom singular, de que a irman se lembrou mais tarde.

Deixando a irman, aproximou-se de Fantina.

Fantina aguardava todos os dias a chegada de Magdalena como quem aguarda um raio de calor e de alegria. Dizia para as irmans:—Parece-me que só vivo quando vejo o *snr. maire*.

Naquelle dia estava com muita febre. Assim que avistou Magdalena, perguntou-lhe:

—E Coseta?

Elle respondeu sorrindo:

—Não tarda.

Magdalena mostrou-se para com Fantina o que sempre era de ordinario. Em vez, porem, de demorar-se meia hora, demorou-se dobrado tempo, com grande contentamento de Fantina. Fez mil recommendações a todos para que nada faltasse á enferma. Notaram os que se achavam presentes que o seu semblante, em certo momento, tornara-se sobremodo carregado. Mas isso explicou-se quando souberam que o medico lhe tinha dito baixinho ao ouvido:—Não tarda a soar-lhe a ultima hora.

Depois voltou para a *mairie*, e o amanuense viu-o examinar com attenção um mappa itinerario de França, que tinha pendurado no gabinete. Elle escreveu alguns numeros a lapis em um papel.

II

PERSPICACIA DE MESTRE SCAUFFLAIRE.

Da *mairie* dirigiu-se á casa de um Flamengo, mestre Scaufflaer, afrancezadamente Scaufflaire, o qual morava no outro lado da cidade e alugava cavallos e *cabriolets* á escolha,

Para ir á casa desse Scaufflaire o caminho mais breve era tomar por uma rua pouco frequentada, onde ficava o presbyterio da parochia a que Magdalena pertencia. O cura era, ao que se dizia, um homem digno e respeitavel, e de bom conselho. No instante em que Magdalena passou por defronte do presbyterio não havia na rua senão um unico passeante, e este notou o seguinte: o *maire*, depois de ter passado pela casa do cura, parou, ficou immovel, dahi a um momento voltou atrás até ao presbyterio, e parou á porta escusa deste, na qual havia uma aldrava de ferro. Pôz vivamente a mão na aldrava, e levantou-a; depois conteve-se de novo, e ficou immovel, e como que pensativo, e, passados alguns segundos, em vez de bater com a aldrava, largou-a devagarinho, e continuou o seu caminho com uma pressa que a principio não mostrara.

Magdalena encontrou mestre Scaufflaire em casa occupado em coser uns arreios.

—Mestre Scaufflaire, perguntou elle, você tem algum cavallo que seja bom?

—*Snr. maire*, tornou o Flamengo, todos os meus cavallos são bons. O que entende v. s. por um cavallo bom?

—Entendo um cavallo que possa fazer vinte leguas em um dia.

—Apre! disse o Flamengo, vinte leguas!

—Sim.

—Puxando um *cabriolet*.

—Sim.

—E que tempo terá de descanso depois dessa corrida?

—Convem que possa voltar no dia seguinte, se fôr preciso.

—Para dar a mesma caminhada?

—Sim.

—Um! um! e são exactamente vinte leguas?

Magdalena tirou do bolso o papel em que escrevera a lapis alguns numeros. Mostrou-os ao Flamengo. Eram os numeros 5, 6, 8 $\frac{1}{2}$.

—Já vê, disse elle. Total, dezenove e meia, ou vinte leguas, para fazer conta redonda.

—*Snr. maire*, tornou o Flamengo, eu tenho o que lhe convem. O meu cavallinho branco (v. s. deve tê-lo visto passar algumas vezes), é um animalzinho do Bas-Bouconnais. Tem muito fogo. A principio quizeram fazer delle cavallo de sella. Qual! punha-se a escoucinhar, e dava no chão com o mais pintado. Suppunham o manhoso, não sabiam o que fizessem delle. Comprei-o. Metti-o no *cabriolet*. Creia v. s. que era isto o que elle queria; agora está macio como uma luva, anda ligeiro como o vento. Ah! mas vão lá escanchar-se-lhe no lombo! Deu-lhe para não querer ser cavallo de sella. Cada qual tem a sua mania. Puxar, sim; levar ás costas, não; estou que é o que elle diz lá comsigo mesmo.

—E esse cavallo fará a viagem?

—Vinte leguas, sempre a trote largo, e em menos de oito horas. Mas com estas condições...

—Diga.

—Primeiramente, v. s. deixá-lo-ha descansar uma

hora quando tiver andado metade do caminho: mandará dar-lhe uma ração, e é bom que alguém se ache presente enquanto elle estiver comendo, para impedir que o creado da estalagem lhe roube a avêa; porque tenho notado que nas estalagens a avêa muitas vezes é antes bebida pelos creados da estrebaria do que comida pelos cavallos.

—Pois será vigiado.

—Em segundo lugar... o *cabriolet* é mesmo para o snr. *maire*?

—E'.

—V. s. sabe governar?

—Sei.

—Pois bem, o snr. *maire* viajará sósinho e sem bagagem, para não sobrecarregar o cavallo.

—Concordo.

—Mas o snr. *maire* não levando ninguem comsigo, ver-se-ha obrigado a ir pessoalmente vigiar a avêa.

—Está dito.

—Pagar-me-ha a razão de 30 francos por dia. Os dias de descanso não se descontam. Nem um *liard* de menos, e a comida do animal á custa de v. s.

Magdalena tirou do bolso tres napoleões e pô-los em cima da mesa.

—Aqui estão tres dias adiantados.

—Em quarto lugar, para uma viagem assim, um *cabriolet* é pesado e estafaria o cavallo. Seria bom que v. s. se resignasse a viajar em um *tilburysinho* que eu tenho.

—Resigno-me.

—E' leve, mas não tem cabeça.

—Não faz mal.

—O snr. *maire* já reflectio que estamos no inverno?..

Magdalena não respondeu; o Flamengo proseguiu:

—E que faz muito frio?

Magdalena guardou silencio.

Mestre Scaufflaire continuou:

—Que pôde chover?

Magdalena ergueu a cabeça e disse:

—O *tilbury* e o cavallo devem achar-se á minha porta ás quatro e meia da manhan.

—Exactamente, snr. *maire*, respondeu Scaufflaire. Depois, raspando com a unha do pollegar uma mancha

que havia na taboa da mesa, proseguir com esse ar descuidoso de que os Flamengos sabem revestir a sua astúcia :

—Mas agora me lembro! V. s. não disse onde vae. Onde vae v. s.?

Elle não pensára em outra cousa desde o principio da conversa, mas não sabia porque não se animára a fazer esta pergunta.

—O seu cavallo é seguro das mãos! disse Magdalena.

—E', snr. *maire*, v. s. deve encurtar-lhe um pouco as redeas nas descidas. Ha muitas descidas daqui até onde v. s. vae?

—Não se esqueça que deve achar-se á minha porta ás quatro e meia da manha em ponto, disse Magdalena, e sahiu.

O Flamengo ficou com *um nariz de um palmo*, como elle proprio dizia algum tempo depois.

Havia dous ou tres minutos que o *maire* tinha sahido, quando a porta tornou a abrir-se era o snr. *maire*.

Vinha ainda com o mesmo ar impassivel e preoccupado.

Snr. Scaufflaire, disse elle, em quanto avalia o cavallo e o tilbury que acaba de alugar-me?

—V. s. quer compra-los?

—Não, mas, para o que possa sobrevir, é bom que lh'os garanta. Na volta restituir-me-ha o dinheiro. Quanto vale o seu cavallo juntamente com o tilbury?

—Quinhentos francos, snr. *maire*.

—Aqui estão.

Magdalena pôz um bilhete do banco em cima da mesa, depois sahiu, e desta vez não voltou.

Mestre Scaufflaire sentiu profundamente não ter dito mil francos. O que é verdade é que o cavallo, juntamente com o tilbury, valiam cem escudos.

O Flamengo chamou a mulher e contou-lhe o caso. Onde será que vae o snr. *maire*? Puzeram-se ambos a parafusar.—Vae a Pariz, disse a mulher.—Creio que não, tornou o marido.—Magdalena, por esquecimento, deixára em cima da lareira o papel em que tomára notas. O Flamengo pegou nelle e pôz-se a estudal-o:—Cinco, seis, oito e meio? isto marca sem duvida mudas de postas. Voltou-se para a mulher:—Já descobri.—Como assim? Daqui a Heslin ha cinco leguas, seis de

Heslin a Saint-Iol, oito e meia de Saint-Iol a Arras. Elle vae a Arras.

No entanto Magdalena recolhêra-se á casa. Para voltar de casa de mestre Scaufflaire fez um grande desvio, como se a porta do presbyterio fosse para elle uma tentação e desejasse evita-la. Subira para a sua camara, e nella se encerrára, o que não tinha nada de extraordinario, visto gostar de deitar-se cedo. Todavia a porteira da fabrica, que era ao mesmo tempo a unica criada de Magdalena, observou que a luz se apagou ás oito horas e meia, e ella o disse ao caixa, accrescentando:

—Dar-se-ha caso que o snr. *maire* esteja doente? o seu ar pareceu-me assim não sei como.

O caixa dormia exactamente n'um quarto que ficava por baixo do de Magdalena. Sem ligar maior importancia ás palavras da porteira, deitou-se e pegou no somno. Pela meia-noite despertou de repente; ouvira no meio do somno uma bulha por cima da cabeça. Applicou o ouvido. Eram passos como os de alguém que estivesse passeiando no quarto de cima. Escutou attentamente, e reconheceu o pisar de Magdalena. Isto pareceu-lhe singular; ordinariamente nenhuma bulha se fazia lá em cima antes de Magdalena levantar-se. Um momento depois o caixa ouviu (ao menos assim lhe pareceu) abrir e fechar um armario. Depois um movel foi arrastado, houve alguns instantes de silencio, e os passos recommçaram. O caixa sentou-se na cama, de todo acordado, olhou, e através da vidraça viu na parede de frente a reverberação avermelhada de uma janella allumiada. Pela direcção dos raios daquella luz, a janella assim allumiada não podia ser senão a do quarto de Magdalena. A reverberação tremia como se antes proviesse de um fogão do que de uma luz.

Não tinha a sombra dos caixilhos, o que indicava que a janella estava aberta. Com o frio que fazia, aquella janella aberta era para surprehender. O caixa tornou a pegar no somno. Dahi a uma ou duas horas, de novo despertou. O mesmo passo lento e regular soava ainda no pavimento de cima.

A reverberação estava ainda na parede, mas agora era pallida e quieta como o reflexo de um candeeiro ou de uma vela. A janella ainda estava aberta.

Eis agora o que se passava no quarto de Magdalena.

III

TORMENTA DENTRO DE UMA CABEÇA.

O leitor sem duvida advinhou que Magdalena não é outro senão João Valjean.

Já uma vez devassámos as profundezas daquella consciencia; chegou o momento de devassa-la de novo. Não é sem emoção e sem tremer que tal fazemos. Nada existe mais terrifico do que esta especie de contemplação. Em parte alguma podem os olhos do espirito encontrar mais deslumbramento e mais trevas do que no homem; não podem fitar-se em cousa alguma que seja mais temivel, mais complicada, mais mysteriosa e mais infinita. Ha um espectáculo maior do que o mar, é o céu; ha um espectáculo ainda maior do que o céu, é o interior da alma.

Fazer o poema da consciencia humana, ainda que se tomasse por objecto um unico homem, ainda que este fosse o mais infimo dos homens, seria fundir todas as epopéas n'uma epopéa superior e definitiva. A consciencia—é o chãos das chimeras, das ambições e das tentativas, a fragua dos sonhos, o covil das idéas de que cada um se envergonha; é o pandemonio dos sophismas,

é o campo de batalha das paixões. Em certas horas, penetrae através do rosto livido de um ente humano que reflecte e olhae para dentro, olhae para essa alma, olhae para essa escuridão. Ha ali, sob o silencio exterior, combates de gigantes como em Homero, refertas de dragões e de hydras e nuvens de phantasmas como em Milton, espiraes visionarias como em Dante. Que cousa sombria que é este infinito que todo o homem traz em si mesmo, e pelo qual mede com desespero as vontades do seu cerebro e as acções de sua vida !

Alighieri encontrou um dia uma sinistra porta deante da qual hesitou. Eis vemos tambem uma diante de nós, e hesitamos no limitar. Não obstante, entremos.

Pouca cousa temos de acrescentar ao que o leitor já sabe ácerca do que acontecêra a João Valjean depois da aventura de Gervasinho. Daquelle momento em diante, nós o vimos, tornou-se outro. O que o bispo quizera fazer d'elle, executou-o elle proprio. Foi mais do que uma transformação, foi uma transfiguração.

Logrou desaparecer, vendeu a prata do bispo, menos os castiçaes, que guardou como lembrança, perpassou de cidade em cidade, atravessou a França, chegou a M. sobre o M., teve a idéa que dissemos, realizou o que narrámos, conseguiu tornar-se estranho e inacessivel, e dahi em deante, estabelecido em M. sobre o M., feliz por sentir a propria consciencia doida do seu passado, e a primeira metade da sua existencia desmentida pela outra metade, viveu tranquillo, desassombrado e esperando, não tendo já senão dous pensamentos : occultar o seu nome e sanctificar a sua vida, escapar aos homens e voltar a Deus.

Estes dous pensamentos estavam tam intimamente unidos no seu espirito, que não formavam senão um só; eram ambos igualmente absorventes e imperiosos e dominavam as suas menores acções. De ordinario achavam-se de accordo para regular-lhe a norma de vida; rodeavam-no de escuridão; faziam-no benigno e simples; aconselhavam-lhe as mesmas cousas. A's vezes, porem, havia conflicto entre etles. Nestes casos, lembrado estará o leitor, o homem que todo o districto de M. sobre o M. chamava o snr. Magdalena, não hesitava em sacrificar o primeiro ao segundo, a sua segurança á sua virtude. Assim, a despeito de toda a discrição e de

toda a prudencia, guardára os castiçoes do bispo, tomára luto por elle, chamára e interrogára todos os pequenos Saboyanos que passavam, fizera tirar informações ácerca das familias de Faverolles, salvára a vida ao velho Cortavento, a despeito das inquietantes insinuações de Javert. Dir-se-hia (como já o notámos) que elle pensava, a exemplo de todos aquelles que hão sido sabios, santos e justos, que o seu primeiro dever não era para consigo mesmo.

Todavia, cumpre dizê-lo, nunca um caso igual se havia dado até alli.

Nunca as duas idéas que governavam o misero cujos soffrimentos narramos haviam travado uma luta tão séria. Elle o comprehendeu confusa, mas profundamente, logo ás primeiras palavras que disse Javert entrando no seu gabinete. No momento em que foi tão estranhamente pronunciado esse nome que elle occulta com tanta cautela, sentiu-se transido de assombro e como que atordado pela sinistra singularidade do seu destino, e, no meio desse assombro, teve o estremecimento que precede os grandes abalos; curvou-se como um carvalho ao approximar-se a tempestade, como um soldado ao approximar-se o assalto. Parecia-lhe que se accumulavam por cima da sua cabeça negras nuvens preñhes de raios e de relampagos. Escutando Javert, o primeiro pensamento que lhe acudio foi o de sabir, correr, denunciar-se, tirar esse Champmathieu da prisão e fazer que o prendessem; esse pensamento foi-lhe doloroso e pungente como uma incisão na carne viva, depois esvaeceu-se, e elle disse consigo mesmo: « Pensemos! pensemos! » Reprimiu esse primeiro movimento generoso e recuou deante do heroismo.

De certo seria bello que depois das santas palavras do bispo, depois de tantos annos de arrependimento e de abnegação, no meio de uma penitencia tão admiravelmente começada, este homem, mesmo na presença de uma tam terrivel conjunctura, não houvesse vacillado um instante e tivesse continuado a caminhar com o mesmo passo igual e seguro para aquelle precipicio, em cujo fundo estava o céu; isto seria bello, mas assim não foi. Importa que revelemos os factos que se consummavam dentro daquella alma, e nós não podemos dizer senão o que nella se achava. O que para logo do-

minou-o, foi o instinto da conservação; elle reuniu apressadamente as suas idéas, sobrepujou as proprias emoções, considerou a presença de Javert, esse grande perigo, adiou toda a resolução com a firmeza do medo, furtou-se á evidencia do que lhe cumpria fazer, e reasumio o seu ser calmo como um gladiador que segura o escudo.

O resto do dia passou-o elle neste estado com um turbilhão dentro em si mesmo, com uma tranquillidade profunda no semblante; só o que fez foi tomar o que poderíamos chamar *medidas de conservação*. Tudo estava ainda confuso e se chocava no seu cerebro; este alvoroço era tal que elle não via distinctamente a fórma de nenhuma idéa; e o que elle proprio teria unicamente podido dizer de si mesmo era que acabava de levar um golpe. Como de costume, foi visitar Fantina em seu leito de dôr e prolongou a visita por um instinto de bondade, reconhecendo que devia proceder assim e recommenda-la bem ás irmãs para o caso em que por ventura tivesse de ausentar-se. Sentiu vagamente que talvez lhe fosse preciso ir a Arras; e, sem estar de fórma alguma decidido a fazer tal viagem, considerou que a coberto de toda a desconfiança como se achava, nenhum inconveniente havia em ser testemunha do que se passasse, e alugou o tilbury de Scaufflaire, afim de estar preparado para qualquer eventualidade.

Jantou com bastante appetite.

Recolhido á sua camara pôz-se a meditar.

Examinou a situação e achou-a assombrosa; por tal modo assombrosa que no meio do seu cogitar, por não sei que impulso de anxiedade quasi inexplicavel, levantou-se da cadeira e fechou a porta com o ferrolho. Temia que entrasse ainda alguma cousa. Murava-se contra o possivel.

Um momento depois apagou a luz. Ella incommodava-o.

Parecia-lhe que alguém poderia vê-lo.

Que alguém?

Ah! o que elle queria pôr fóra do limiar, tinha entrado; o que elle queria cegar, olhava-o. A sua consciencia.

A sua consciencia, isto é, Deus.

Todavia, no primeiro momento teve uma illusão; pa-

receu-lhe que se achava em segurança com achar-se só; corrido o ferrolho, suppôz-se livre de todo o ataque; apagada a luz, suppôz-se invisível. Então tomou posse de si mesmo; firmou os cotovellos na mesa, encostou a cabeça na mão, e entrou a meditar no meio das trevas.

—O que é isto? Não estou sonhando? O que foi que me disseram? Será com effeito certo que vi esse Javert e que elle me fallasse assim? Quem será esse Champmathieu? Então parece-se comigo? Será possível? E hontem eu estava tam tranquillo e sem desconfiar de nada! O que é que eu fazia hontem a esta hora? O que haverá neste incidente? Qual será o seu desenlace? O que hei de fazer?

Eis a tormenta em que elle se agitava. O cerebro havia perdido a força de reter-lhe as idéas, ellas passavam como ondas, e elle pegava na fronte com ambas as mãos como para detê-las.

Deste tumulto que fazia vacillar a sua vontade e a sua razão, e de que buscava tirar uma evidência e uma resolução, não sahia mais do que a angustia.

Ardia-lhe a cabeça. Foi para a janella, e abriu-a. Não havia estrellas no céu. Voltou e sentou-se junto da mesa.

A primeira hora passou-se assim.

Pouco a pouco, porem, vagos lineamentos começaram a formar-se e a fixar-se na sua meditação, e elle pôde entrever com a precisão da realidade, não o todo da situação, mas alguns detalhes.

Para logo reconheceu que, por mais extraordinaria e mais critica que fosse essa situação, não estava em seu poder supera-la.

Subiu-lhe então de ponto o assombro.

Independentemente do fim severo e religioso a que tendiam as suas acções, tudo o que elle havia feito até aquelle dia não era mais do que uma cova que cavava para nella esconder o seu nome. O que sempre mais havia temido, nas suas horas de recolhimento consigo mesmo, nas suas noites de insomnia, era ouvir alguma vez pronunciar esse nome; considerava que isso seria para elle o fim de tudo; que no dia em que esse nome reaparecesse, faria desvanecer-se tudo quanto o rodeava na sua vida nova, e, quem sabe? talvez até dentro d'elle mesmo, a sua nova alma. Tremia só de pensar que isso era possível. De certo, se alguém lhe houvesse

dito naquelles momentos que chegaria uma hora em que esse nome soaria aos seus ouvidos, em que estas hediondas palavras—João Valjean—surgiriam de repente das trevas, e se ergueriam deante d'elle, em que essa luz formidavel, feita para dissipar o mysterio de que se cercava, resplandeceria de subito por cima da sua cabeça, e que esse nome não o ameaçaria, que essa luz não produziria senão uma escuridão mais profunda, que esse véu rasgado augmentaria o mysterio, que esse terremoto consolidaria o seu edificio, que esse prodigioso incidente não teria outro resultado, se assim aprouvesse a elle mesmo, que não o de tornar a sua existencia a um tempo mais clara e mais impenetravel, e que, da sua confrontação com o fantasma de João Valjean, o *sur. Magdalena*, o bom e digno *burguez*, sahiria mais honrado, mais tranquillo, e mais respeitado do que nunca; se alguém lhe houvesse dito isto, elle teria sacudido a cabeça e considerado taes palavras como insensatas. Pois bem! tudo isso acabava justamente de acontecer, todo esse acervo de impossiveis era um facto, e Deus permittira que todas essas cousas fantasticas se tornassem realidades.

A sua meditação continuava a aclarar-se. Elle compenetrava-se mais e mais da sua posição.

Parecia-lhe que acabava de despertar de não sei que sonho, e que escorregava por um despenhadeiro no meio da escuridão, em pé, tremulo, recuando em vão, á beira extrema de um abysmo. Entrevia distinctamente na sombra um desconhecido, um extranho, que o destino tomava por elle e arrastava ao abysmo em seu lugar. Para que esse abysmo fosse fechado, cumpria que ou elle, ou outro cahisse dentro.

Não tinha mais do que deixar correrem as cousas.

A claridade tornou-se completa, e elle reconheceu o seguinte: Que o seu lugar estava vago nas galés; que em vão buscava escapar, que a calceta o aguardava; que o roubo feito a Gervasinho fazia-o voltar á prisão; que esse lugar vago o esperaria e attrahi-lo-hia até que elle se achasse lá; que isto era enevitavel e fatal. Depois considerou: Que nesse momento tinha um substituto, que parecia que um certo Champmathieu tinha essa infelicidade, e que, quanto a elle, presente de então em deante nas galés na pessoa desse Champmathieu, pre-

sente na sociedade debaixo do nome de snr. Magdalena, nada mais teria que temer, uma vez que não impedisse os homens de deixarem cahir sobre a cabeça desse Champmathieu a pedra da infamia, que, como a do sepulcro, cahe e não se levanta nunca.

Tudo isto era tam violento e tam estranho que deu-se dentro nelle mesmo essa especie de movimento indescriptivel que nenhum homem sente mais do que duas ou tres vezes na vida, especie de convulsão da consciencia que resolve tudo quanto ha de duvidoso no coraçõ, que se compõe de ironia, de alegria e de desespero, e que poderia chamar-se uma gargalhada interior. +

Tornou a acender arrebatadamente a vela.

—Que é isto! disse consigo mesmo, do que é que tenho medo? porque estou a excogitar assim? eis-me salvo! acabou-se tudo. Eu não tinha senão uma porta entre-aberta por onde o meu passado podia invadir a minha vida; essa porta, ei-la murada! para sempre! Esse Javert que me inquteta ha tanto tempo, esse temivel instincto que parecia ter-me adivinhado, que me adivinhava, sim! e que seguia-me por toda a parte, esse cão de caça sempre prestres a acommetter-me, ei-lo fóra do rastro, distrahido algures, absolutamente desenganado! Agora está satisfeito, deixar-me-ha tranquillo descobrio o seu João Valjean! Quem sabe? é provavel mesmo que elle queira deixar a cidade? E tudo isto fez-se sem co-participação minha! E não entro em nada disto; Mas o que tenho eu? o que ha de triste nisto? Quem me visse, palavra de honra! acreditaria que succedeu-me alguma desgraça! Em todo o caso, se daqui resulta mal para alguem, não é de modo nenhum por culpa minha. Foi a Providencia que fez tudo. E' ella que assim o quer evidentemente! Tenho por ventura o direito de desmanchar o que ella faz? O que quero eu agora? Em que vou metter-me? Isto não é da minha conta. Como! pois não estou contente! Mas então o que é que me falta? O fim a que aspiro ha tantos annos, o sonho das minhas noites, o objecto das minhas supplicas ao céu, a segurança, eu o attinjo! E' Deus que o quer. Nada posso fazer contra a vontade de Deus. E porque é que Deus o quer? Para que eu continue o que comecei, para que faça o bem, para que eu seja um dia um grande e animador exemplo, para que se diga que houve, emfim algu-

ma ventura ligada á penitencia que fiz e á virtude a que voltei ! Realmente não comprehendo porque foi que tive medo de entrar hoje em casa do cura e de contar-lhe tudo como a um confessor, e de pedir-lhe conselhos, —evidentemente ter-me-hia dito o mesmo. Está decidido, deixemos correr as cousas ! deixemos executarem-se os decretos de Deus !

Assim fallava elle comsigo mesmo nas profundezas da sua consciencia, á beira do que poderia chamar-se seu proprio abysmo. Levantou-se da cadeira e pôz-se a passear no quarto.

—Eia, disse, não pensemos mais nisto. Está tomada a resolução !

Mas nenhuma alegria sentiu.

Pelo contrario.

Impedir que uma idéa volte ao pensamento fôra esforço tam vão como buscar impedir que o mar volte á praia. Para o marinheiro, isto chama-se maré; para o culpado, aquillo chama-se remorso. Deus agita a alma como o oceano.

Ao cabo de alguns instantes, por mais que o não quizesse, Magdalena continuou aquelle sinistro dialogo em que era elle mesmo quem a um tempo fallava e escutava, dizendo o que desejára calar, escutando o que não desejára ouvir, cedendo ao mysterio poder que lhe dizia: « pensa ! » como dizia ha dous mil annos a outro condemnado: « caminha ! »

Antes de irmos mais longe e para sermos plenamente comprehendidos, insistamos em uma observação necessaria.

E' certo que todos fallam comsigo mesmos; não ha um ente pensante que não o tenha sentido. Pòde mesmo dizer-se que o verbo nunca é um mysterio mais magnifico do que quando passa, no interior do homem, do pensamento para a consciencia, e volta da consciencia para o pensamento. E' unicamente neste sentido que devem entender-se as palavras a miudo empregadas neste capitulo, *elle disse, elle exclamou*; cada um de nós falla, exclama dentro em si mesmo, sem que o silencio exterior seja quebrado. Ha um grande tumulto; tudo falla em nós, excepto a boca. As realidades da alma, com serem invisiveis e impalpaveis, nem por isso deixam de ser realidades.

Elle perguntou a si mesmo em que ficava. Meditou na *resolução tomada*. Reconheceu que tudo o que acabava de arranjar no seu espirito era monstruoso, que *deixar correr as cousas, deixar cumprirem-se os decretos de Deus*, era realmente horrivel. Deixar consummar-se aquelle erro do destino e dos homens, não impedi-lo, concorrer para elle com o seu proprio silencio, nada fazer emfim, era fazer tudo! era o ultimo grão da indignidade hypocrita! era um crime baixo, cobarde, des-simulado, abjecto, hediondo!

Pela primeira vez, no fim de oito annos, o pobre homem acabava de sentir o sabor amargo de um máu pensamento e de uma má acção.

Cuspiu-o fóra com desgosto.

Continuou a interrogar-se. Perguntou a si mesmo o que entendêra por isto: *Attingi o meu fim!* Reconheceu que a sua vida tinha com effeito um fim. Mas que fim? occultar o seu nome? enganar a policia? era por uma cousa tão pequena que fizera tudo quanto havia feito? por ventura não tinha elle outro fim, que era o grande, que era o verdadeiro? Salvar, não a sua pessoa, mas a sua alma. Tornar-se honrado e bom! Ser um justo! não era isto sobretudo, isto unicamente, o que sempre tinha querido, o que o bispo lhe havia ordenado? Fechar a porta ao seu passado! Mas elle não a fechava, grande Deus! abria-a commettendo uma acção infame! tornava-se um ladrão, e o mais abominavel dos ladrões! roubava a outrem a existencia, a vida, a paz, o seu lugar ao sol! passava a ser um assassino! matava, matava moralmente um misero homem, infligia-lhe essa horrivel morte viva, essa morte a céu aberto a que chamam galês! pelo contrario, entregar-se, salvar aquelle homem victima de um tam lugubre erro, reassumir o seu nome, voltar a ser por dever o forçado João Valjean, era verdadeiramente concluir a sua resurreição, e fechar para sempre o inferno de que sahia! ah! recahir na apparencia, era sahir na realidade! cumpria fazer isto! elle nada houvera feito, se não o fizesse! toda a sua vida tornar-se-hia inutil, toda a sua penitencia teria sido feita em pura perda. Já não lhe restava mais do que dizer: para que serve isto? Sentia que o bispo alli se achava, que o bispo estava tanto mais presente quanto havia morrido, que

o bispo encarava-o fixamente, que d'alli em diante o *maire* Magdalena com todas as suas virtudes ser-lhe-hia abominavel, e que o galê João Valjean seria admiravel e puro aos seus olhos. Que os homens viam-lhe a mascara, mas que o bispo via-lhe o rosto. Que os homens viam a sua vida, mas que o bispo via a sua consciencia. Cumpria pois ir a Arras, salvar o supposto João Valjean, denunciar o verdadeiro! Ah! era este o maior dos sacrificios, a mais pungente das victorias, a ultima resolução a tomar; mas importava toma-la. Doloroso destino! elle não podia entrar na santidade aos olhos de Deus senão volvendo á infamia aos olhos dos homens!

—Pois bem, disse, tomemos esta resolução! façamos o nosso dever. Salvemos este homem.

Pronunciou estas palavras em voz alta, sem de tal dar fê.

Pegou nos seus livros, examinou-os e pô-los em ordem. Lançou ao fogo um masso de credits que lhe deviam alguns negociantes de retalho em apuros. Escreveu uma carta que fechou, e em cujo sobrescripto ter-se-hia lido, se alguem se houvesse achado no quarto naquelle instante: *Ao snr. Laffitte, banqueiro, rua d'Artois, em Pariz.*

Tirou da secretaria uma carteira que continha alguns bilhetes do banco e o passaporte de que se servira naquelle mesmo anno quando fôra ás eleições.

Quem o visse enquanto elle executava estes diversos actos aos quaes ajuntava-se uma meditação grave, não teria desconfiado do que lhe ia lá por dentro. De espaço a espaço moviam-se os seus labios; momentos havia em que levantava a cabeça e cravava os olhos em um ponto qualquer da parede, como se alli houvesse realmente alguma cousa que quizesse esclarecer ou interrogar.

Escrepta a carta a Laffitte, guardára-a na algibeira juntamente com a carteira, e continuára a passear.

A sua meditação não havia mudado de assumpto. Elle continuava a ver claramente o seu dever em letras luminosas que fulguravam aos seus olhos, para qualquer lado que os voltasse:—*Vae! declara o teu nome! denuncia-te!*

Via mesmo, e como se se movesse diante de si com

fórmulas sensíveis, as duas idéas que até alli haviam sido a dupla norma da sua vida: occultar o seu nome, sanctificar a sua alma. Pela primeira vez appareciam-lhe absolutamente distinctas, e elle via a differença que as separava. Reconhecia que uma dessas idéas era necessariamente boa, ao passo que a outra podia vir a ser má; que aquella era a abnegação e esta a personalidade; que uma dizia o *proximo* e a outra *eu*; que uma vinha da luz e a outra das trevas.

Combatiam-se. Elle as via combaterem-se. A' medida que cogitava, avultavam ellas aos olhos do seu espirito; tinham agora estaturas colossaes; e parecia-lhe que via lutar dentro de si mesmo, nesse infinito de que ha pouco fallavamos, no meio de trevas e clarões, uma deusa e uma gigante.

Estava cheio de terror, mas parecia-lhe que a boa idéa levava a palma.

Sentiu que tocava a outro momento decisivo da sua consciencia e do seu destino; que o bispo marcára a primeira phase da sua vida nova, e que esse Champmathieu marcava a segunda. Após a grande crise, a grande prova.

Entretanto a febre, um instante acalmada, voltava-lhe pouco a pouco. Mil pensamentos perpassavam-lhe pelo cerebro, mas continuavam a fortifica-lo na sua resolução.

Houve um momento em que elle disse consigo mesmo que tomava a cousa muito ao serio, que em todo caso esse Champmathieu nada tinha de sympathico, que em summa havia furtado.

Mas logo respondeu:

—Se com effeito este homem furtou algumas maçãs, soffrerá um mez de prisão. Disto para as galés vae muita differença. E quem sabe? teria elle furtado? ha provas? o nome de João Valjean esmaga-o e parece dispensar provas. Os procuradores do rei não procedem habitualmente assim? Crerão que elle é ladrão, porque sabem que é forçado.

Passado outro instante lembrou-se que, depois que se houvesse denunciado, talvez fosse tomado em consideração o heroismo da sua acção, e a sua vida exemplar por espaço de sete annos, e o que havia feito em bem do districto, e obtivesse perdão.

Mas esta supposição para logo desvaneceu-se, e elle sorrio-se amargamente lembrando-se que o roubo dos quarenta soldos de Gervasinho o constituia em reincidencia, que este facto seria de certo denunciado á justiça, e, nos termos precisos da lei, sujeita-lo-hia á pena de galés perpetuas.

Despiu-se de toda a illusão, desprendeou-se mais e mais da terra e buscou consolação e força algures. Disse consigo mesmo que devia fazer o seu dever; que talvez mesmo não fosse mais infeliz depois de ter cumprido o seu dever do que depois de o haver eludido; que se deixasse *correr as cousas*, se ficasse em M. sobre o M., a sua consideração, a sua boa fama, as suas boas obras, a deferencia, a veneração, a sua caridade, a sua riqueza, a sua popularidade, a sua virtude, andariam ligadas a um crime; e que valeriam todas essas cousas santas ligadas a essa cousa hedionda? entretanto que, se consummasse o seu sacrificio, ás galés, ao pelourinho, á calceta, á carapuça verde, ao trabalho sem descanso, á vergonha sem piedade, se ajuntaria uma alegria celeste!

Emfim reconheceu que aquillo era forçoso, que a sua sorte o condemnava, que não estava em sua mão contrariar os designios da Providencia, que tudo bem considerado importava escolher, ou a virtude no exterior e a abominação dentro n'alma, ou a santidade n'alma e a infamia no exterior.

Revolvendo tantas idéas lugubres, não o abandonava o animo, mas fatigava-se-lhe o cerebro. Máu grado seu, começava a pensar em outras cousas, em cousas indifferentes.

As arterias batiam-lhe violentamente nas fontes. Continuava a pessear. Soou meia noite, primeiro na parochia, depois na casa vizinha. Elle contou as doze pancadas dos dous relógios, e comparou o som de ambos. Lembrou-se nessa occasião que alguns dias antes vira em casa de um vendedor de ferros velhos um sino usado que estava á venda e no qual achava-se esculpido este nome: *Antonio Albino de Romainville*.

Sentia frio. Acendeu uma pouca de lenha. Não lhe ocorreu fechar a janella.

Entretanto recahira no seu torpor. Foi-lhe preciso fa-

zer um grande esforço para lembrar-se do que pensava antes de ouvir dar meia noite. Emfim lembrou-se.

—Ah! sim, disse consigo mesmo, eu tinha tomado a resolução de ir denunciar-me.

E depois pensou de repente em Fantina.

—E' verdade! disse, e a pobre mulher!

Aqui declarou-se nova crise.

Fantina, apparecendo de subito no meio da sua cogitação, foi como um raio de luz inesperada. Pareceu-lhe que tudo mudava de aspecto em torno de si; exclamou:

—E' verdade! até aqui não tenho pensado senão em mim só! não tenho cuidado senão no que me é conveniente! Convem carlar-me ou denunciar-me,—ocultar a minha pessoa ou salvar a minha alma,—ser um magistrado desprezível e respeitado, ou um galé infame e veneravel, é o eu, sempre o eu, sómente o eu. Mas, meu Deus, isto é egoismo. São fórmulas diversas do egoismo, mas é egoismo! Se eu pensasse nos outros um pouco? A primeira santidade é pensar em outrem. Vejamos, examinemos! Exceptuemos eu, desvanecemos eu, esqueçamos eu, e consideremos o que póde resultar de tudo? Se me denuncio, prendem-me soltam esse Champmathieu tornam a mandar-me para as galês, bem; e depois o que se pasará aqui? Ah! aqui, ha um districto, uma cidade, fabricas, uma industria, obreiros, homens, mulheres, velhos carregados de annos, creanças, pobre gente! Eu creei tudo isto, animo tudo isto; onde quer que fume-ga uma chaminé, fui eu que puz a acha de lenha no fogo e uma pouca de carne na panella; creei a abastança, a circulação o, credito; antes de mim não havia nada aqui; levantei, vivifiquei, animei, fecundei, estimulei, enriqueci todo o districto; falte-lhe eu, e faltar-lhe-ha a alma. Retiro-me, tudo morre. E esta mulher que tanto tem soffrido, que tanto merecimento possui na sua quêda, de cuja desgraça fui sem querer autor! E a creança que eu queria ir buscar, que tinha promettido á mãe! Por ventura não devo tambem alguma cousa a esta mulher, em reparação do mal que lhe fiz? Se eu desaparecer, o que acontece? A mãe morre. A filha virá a ser o que puder. Eis o que se passará, se eu me denunciar. Se eu não me denunciar? Vejamos, se não me denunciar?

Depois de ter feito a si mesmo esta pergunta, parou;

teve como um movimento de hesitação e de tremor; mas rapido foi esse movimento, e elle volveu calma;

—Pois bem, esse homem vae para as galés, é verdade, mas, com a brêca ! elle furtou ! Para que hei de estar a duvidar ? furtou, sim ! Cá por mim, deixo-me ficar aqui, continu-o. Dentro em dez annos terei ganhado dez mil-lhões, espalha-los-hei pelo districto, nada reservarei para mim; de que me serve o dinheiro ? Não é para mim que o ganho ! A prosperidade de todos vai assim augmentando, as industrias despertam, e estimulam-se, as manufacturas e as fabricas multiplicam-se, as familias, cem familias, mil familias ! são felizes ; a comarca povoa-se; surgem aldêas onde hoje só ha herdades, surgem herdades onde nada ha; a miseria desapparese, e com a miseria a crapula, a prostituição, o roubo, o homicidio, todos os vicios, todos os crimes ! E esta pobre mãe educa a filha ! e eis todo este lugar rico e morigerado ! E então ! estaria eu doudo, para pensar em denunciar-me ? Realmente cumpre proceder em tudo com cautela, e nada precipitar. E esta ! não está máu modo de mostrar heroismo e generosidade. E' um melodrama, em uma palavra ! Como ! pois só pensando em mim mesmo, para salvar de uma punição talvez um tanto exagerada, mas na verdade justa, não sei quem, um ladrão, um traste evidentemente, hei de deixar perecer um paiz inteiro ! acabar miseravelmente no hospital uma pobre mulher ! morrer á mingua por essas ruas uma pobre creancinha ! como cães ! Ah ! mas isto é abominavel ! Sem ao menos a mãe ter tornado a ver sua filha ! sem ao menos a filha ter conhecido por instantes sua mãe e tudo isto por amor desse velho traste ladrão de maçans, que por sem duvida merece as galés, senão por este crime, de certo por outros que já commetteu ! Bellos escrupulos que salvam um criminoso e sacrificam innocentes, que salvam um velho vagabundo que no fim de contas já não tem muitos annos de vida, sacrificam uma população inteira. mães, mulheres, filhos ! Pobre Cosettinha que só a mim tem no mundo e que está sem duvida neste momento toda azul de frio na possilga desses Thénardier ! Aqui estão tambem outros trastes ! E faltaria ao meu dever para com todas estas pobres creaturas ! E iria denunciar-me ! E faria tam inepta tolice ! Ponhamos tudo para peor. Supunhamos que assim procedendo pratico uma má acção e que a mi-

nha consciencia um dia m'a expobre; aceitar, em bem de outrem, essas exprobrações que não pesem senão sobre mim, esta má acção que não compromette senão minha propria alma, eis no que está abnegação, eis no que está a virtude.

Ergueu-se, e pôz-se de novo a passear. Desta vez parecia-lhe que estava contente.

Só se encontram diamantes nas profundezas da terra, e só se encontram as verdades nas profundezas do pensamento. Parecia-lhe que tendo descido a essas profundezas, tendo por longo tempo tacteado na maior escuridão dessas trevas, descobria enfim um desses diamantes, uma dessas verdades, e extasiava-se fitando-a.

Sim, pensou elle, é isto. Vou bem; tenho a solução; é mister terminar por tomar um expediente, e o meu está tomado. Cumpra-se! Não vacilemos, não recue-mos mais. Trata-se do interesse de todos, não do meu. Sou Magdalena, fico Magdalena. Infeliz daquelle que é João Valjean! Já o não sou eu. Não conheço esse homem, já não sei quem é; se é possível ser alguém João Valjean actualmente, lá se avenha! Não me diz respeito. É um nome fatal que vaga nas trevas, se pára e cae sobre alguma cabeça, peor para ella!

Mirou-se em um pequeno espelho que havia sobre a chaminé, e disse:

—Bom! Consolou-me a resolução que acabo de tomar. Sou outro agora.

Deu ainda alguns passos e estacou.

—Eia! disse, é preciso não hesitar ante nenhuma das consequencias da resolução tomada. Ha fios que ainda me prendem a esse João Valjean. É mister quebra-los. Neste mesmo quarto ha objectos que me accusariam, cousas mudas que seriam testemunhas, não ha duvida; é necessario que desapareça tudo.

Remexeu na algibeira, tirou a bolsa, abriu-a, e pegou em uma pequena chave; introduziu-a em uma fechadura da qual apenas via-se o orificio, encoberto pelas côres mais sombrias do desenho do papel que forrava a parede. Apareceu um vão, uma especie de armario falso arranjado entre o angulo da parede e o panno da chaminé. Nesse vão só havia algumas cousas velhas: uma camisola de panno azul, umas calças velhas, um alforge velho e um grosso bastão ferrado nas extremida-

des. Os que tiuham visto João Valjean na época em que elle atravessava D. ., em outubro de 1815, reconheceriam facilmente todas as peças desse miseravel vestuario.

Elle as conservára, como conservava os candelabros de prata, para se recordar sempre de onde partira. Só escondia o que lhe dera a calceta, mostrando as peças dadas pelo bispo.

Lançou um olhar furtivo para a porta como temendo que se abrisse apesar do ferrolho que a fechava; e então com um gesto vivo e brusco, de uma só braçada, sem mesmo olhar de relance para os objectos que com tanta devoção, com tanto perigo guardára por annos, reuniu andrajos, bastão, alforge, e atirou tudo ao fogo.

Fechou de novo o armario falso, e augmentando as precauções, então inuteis visto que estava vazio, occultou-lhe a porta por detrás de um movel grande que arrastou.

Alguns segundos depois o quarto e a parede appareceram illuminados por um clarão tremulo e vermelho. Tudo ardia, e o bastão de carvalho estalava e despedia faiscas até ao meio do aposento.

A camisola, ardendo com alguns nojentos trapos que continha, deixára luzir um objecto sobre a cinza. Curvando-se qualquer facilmente reconheceria uma moeda de prata. Era por certo a moeda de quarenta soldos roubada ao pequeno Saboyano.

Elle não prestava attenção ao fogo, e andava a passear de um lado para outro, sempre no mesmo passo.

De repente o seu olhar cahio sobre os dous candelabros de prata que o clarão do fogo fazia luzir vagamente na chaminé.

—A! pensou elle, João Valjean está ainda inteiro alli. E' mister destruir isto.

E pegou nos candelabros.

Havia bastante fogo para ficarem promptamente deformados e reduzidos a uma especie de barra estranha.

Elle debruçou-se sobre o fogão, e esqueceu-se por um momento. Foi um instante de gozo.

—Que bom calor! disse.

E revolveu as brazas com um dos candelabros.

Mais um minuto, e estariam no fogo.

Nessa occasião pareceu-lhe ouvir uma voz intima que dizia:

—João Valjean! João Valjean!

Seus cabellos se eriçaram, e elle ficou como um homem que escuta uma cousa terrivel.

—Bem! assim! acaba! dizia a voz. Completa a obra! Destróe esses candelabros! Aniquila essa lembrança! Esquece o bispo! Esquece tudo! Perde esse Champ-mathieu, eia! fazes bem! Congratula-te! Assim, está decidido, não ha voltar atrás, nada ha mais que fazer; eis um velho que não sabe o que querem d'elle, que talvez nada fez, um innocente a quem teu nome desgraça, sobre quem pesa como um crime, ei-lo no teu lugar, vae ser condemnado, e findar seus dias na abjecção, no horror! Muito bem. Sê tu o homem probo; conserva-te como um snr. *maire*, respeitavel e respeitado; enriquece o local, sustenta os pobres, educa os orphãos, vive feliz, virtuoso e admirado; e no entanto enquanto rodear-te aqui a alegria e a luz, haverá alguem que em teu lugar se vestirá de vermelho, supportará teu nome na ignominia, e arrastará por ti os ferros do galé! Não ha duvida, é uma boa obra, miseravel!

Tinha elle a fronte banhada em suor, e fitava nos candelabros um olhar indeciso. Entretanto o que dentro nelle fallava não tinha terminado. A voz proseguia:

—João Valjean! Haverá ao redor de ti muitas vozes que farão grande arruido, que fallarão bem alto, e que te abençoarão, e só uma que ninguem ouvirá e que te amaldiçoará nas trevas. Pois bem, escuta, infame, todas essas bençãos cairão antes que o céu as exalte, e a maldição, só ella, subirá até Deus!

Esta voz fraca, a principio, e que lhe surdia do intimo da consciencia, tornára-se gradualmente retumbante e formidavel, e elle a escutava então junto de si. Parecia-lhe que partia do seu proprio ser, mas que então fallava-lhe de fóra; e julgou ouvir tam distinctamente as ultimas palavras, que examinou o quarto com uma especie de terror.

—Está alguem aqui? perguntou em voz alta e cheio de espanto.

Depois riu-se com um riso que parecia de idiota.

—Que tolice! Não pode estar ninguem.

Havia alguem: porem quem estava alli não era desses que o olhar humano enxerga.

Os candelabros voltaram para a chaminé.

Então continuou o seu passeio lugubre e monotono

que interrompia em seus sonhos e acordava em sobresalto o homem que dormia dentro delle mesmo.

Esse passeio o alliviava e excitava conjunctamente. Parece que nas occasiões supremas recorre-se á agitação para pedir conselho a quanto se encontra em lugares differentes. Momentos depois não sabia elle onde estava, e recuava com igual susto ante as duas resoluções simultaneas que adoptará. Ambas as idéas concebidas pareceram-lhe igualmente funestas. Que fatalidade? Que conjunctura motivava esse Champinathieu que tomavam por elle! Ente precipitado justamente pelo meio que a Providencia parecêra a principio empregar para fortifica-lo.

Houve um momento em que elle considerou o futuro! Denunciar-se, grande Deus! ir entregar-se! Encarou com immenso desespero tudo o que teria de deixar, tudo o que teria de reassumir. Cumpria pois dizer adeus áquella existencia tam boa, tam pura, tam radiante, ao respeito de todos, á honra, á liberdade! Já não iria passear nos campos, não ouviria os passarinhos cantarem no mez de maio, não daria esmolas ás creancinhas! Não gozaria a doçura dos olhares de reconhecimento e de amor com que o fitavam! Deixaria aquella casa que havia edificado, aquella camarazinha! Tudo parecia-lhe encantador nesse instante. Já não leria aquelles livros, não escreveria naquella mesazinha de madeira branca! Sua velha porteira, a unica creada que sempre tivera, já não lhe traria o café de manhan! Grande Deus! em vez de tudo isto, a corrente, a jaqueta vermelha, a calceta, o cansaço, o carcere, a cama dura, todos os horrores conhecidos! Na sua idade, depois de ter sido o que era! Se ao menos ainda fosse moço! Mas velho, ser insultado por qualqueur um, ser revistado pelo guarda, levar pauladas do comitre! Trazer os pés nus dentro de sapatões ferrados! Estender de manhan e de noite a perna ao martello da ronda que inspecciona os grilhões! Soffrer a curiosidade dos estranhos a quem diriam: *Aquelle é o famoso João Valjean que foi maire de M. sobre o M.*! De noite, banhado de suor, alquebrado de fadiga, com a carapuça verde enterrada até aos olhos, subir com o seu companheiro após os outros, debaixo do chicote do guarda, a escada incommoda da prisão fluctuante! Oh! que miseria! Dar-

se-ha caso que o destino possa ser máu como um ente racional e tornar-se monstruoso como o coração humano?

E, por mais que elle fizesse, vinha a cada instante dar de encontro ás pontas deste pungente dilemma que permanecia no fundo de seu cogitar:—Ficar no paraíso e ahí tornar-se demonio! Voltar para o inferno e ahí tornar-se anjo!

Que fazer, grande Deus! que fazer?

A tormenta a que escapára com tanto custo, de novo desencadeou-se. Suas idéas recommçaram a confundir-se. Tomáram esse entorpecimento e vacillação que é peculiar do desespero. O nome de Romainville voltava-lhe de continuo á memoria com dous versos de uma canção que ouvira outr'ora. Lembrava-se que Romainville é um bosquezinho perto de Pariz, onde os jovens amantes vão colher lilazes no mez de abril.

Vacillava tanto no interior como no exterior. Caminhava como uma tenra creança que deixam andar sózinha.

Em certos momentos, lutando com a sua fadiga, fazia esforço para reassumir a intelligencia. Buscava propôr a si mesmo, pela ultima vez, e definitivamente, o problema sobre o qual, por assim dizer, cahira exausto de forças. Devia denunciar-se? Devia calar-se? Não conseguia ver nada distinctamente. Os vagos aspectos de todos os raciocinios esboçados pelo seu cogitar tremiam e desvaneciam-se uns após outros em fumaça. O que unicamente sentia era que, qualquer que fosse a alternativa adoptada, necessariamente, e sem que lhe fosse possivel escapar, alguma cousa delle mesmo morreria; que, tanto á direita como á esquerda entrava em um sepulcro; que consumava uma agonia, a agonia da sua felicidade ou a agonia da sua virtude.

Ah! todas as suas irresoluções lhe haviam voltado. Nada tinha adiantado.

Assim se debatia na angustia aquella desgraçada alma. Mil e oitocentos annos antes deste homem infortunado, o Ente mysterioso, em quem se resumem todas as santidades e todos os soffrimentos da humanidade, tambem havia, emquanto as oliveiras eram sacudidas pelo vento implacavel do infinito, afastado por muito tempo com a mão o horriavel calix que se lhe apresentava, rodeado de sombras e trasbordando de trevas em profundezas cheias de estrellas.

IV

FORMAS QUE ASSUME O SOFFRIMENTO DURANTE O SOMNO.

Acabavam de dar tres horas, e havia cinco que elle assim passeiava quasi sem interrupção, quando se deixou cahir em cima da cadeira.

Alli adormeceu e teve um sonho.

Esse sonho, como a maior parte dos sonhos, só se prendia á situação por um não sei que pungente e funesto, mas fez-lhe impressão. Esse pesadello preoccupou-o tanto, que elle só depois o escreveu. É um dos escriptos do seu proprio punho que elle deixou. Vamos transcreve-lo aqui textualmente.

Qualquer que seja a importancia de tal sonho, a historia desta noite ficaria incompleta se o omittissemos. É a sombria aventura de uma alma enferma.

Ei-lo. No sobre escripto, deparamos com esta linha escripta :— *O sonho que tive naquella noite.*

« Eu estava em um campo. Um vasto campo triste onde não havia relva. Não posso dizer se era de noite, se de dia.

« Passeava com meu irmão, o irmão de meus annos de infancia, e em quem, devo dize-lo, nunca penso e de quem quasi que não me lembro.

« Conversávamos, e encontrávamos gente. Fallávamos n'uma vizinha que tínhamos tido outr'ora, e que, depois que passara a morar na frente da casa, cosia á janella que deixava sempre aberta. Conversando, sentíamos frio por causa daquella janella aberta.

« Não havia arvores no campo.

« Vimos um homem que passou por junto de nós. Esse homem, todo nú, era cor de cinza e montava um cavallo côr de terra. Não tinha cabellos; viam-se-lhe todo o craneo e as véas da fronte. Levava na mão uma vara tam flexivel como um sarmento, e tam pesada como se fora de ferro. O cavalleiro passou e não pronunciou palavra.

« Meu irmão me disse: Tomemos pela cava.

« Havia alli uma cava onde não se via o menor vestigio de arbustos, nem sequer de musgo. Tudo era côr de terra, até mesmo o céu. Dados alguns passos, já ninguem me respondia quando eu fallava. Então vi que meu irmão já não estava comigo.

« Entrei n'uma aldêa que avistei. Pareceu-me que devia ser a de Romainville (porque a de Romainville?) (*)

« A primeira rua em que entrei estava deserta. Entrei em ontra. No angulo formado pelas duas ruas estava um homem em pé encostado á parede. Disse para esse homem: « Que aldêa é esta? Onde estou? » O homem não respondeu. Vi a porta de uma casa aberta, entrei.

« A primeira camara estava deserta. Entrei na segunda. Atrás da porta desta estava um homem em pé encostado á parede. Perguntei a esse homem: « De quem é esta casa? Onde estou? » O homem não respondeu. A casa tinha um jardim.

« Sahi da casa e entrei no jardim. O jardim estava deserto. Atrás da primeira arvore encontrei um homem em pé. Disse para esse homem: « Que jardim é este? Onde estou? » O homem não respondeu.

« Vaguei pela aldêa, e reconheci que era uma cidade. Todas as ruas estavam desertas, todas as portas abertas. Não se via alma viva passar pelas ruas, nem andar dentro das casas, nem passear nos jardins. Mas, em cada canto de rua, atrás de cada porta, atrás de

(*) Este parenthesis é do proprio punho de João Valjean.

cada arvore, quedava-se um homem, em pé e silencioso. Não via mais do que um de cada vez. Esses homens olhavam para mim quando eu passava.

« Sahi da cidade e puz-me a andar pelos campos.

« Passado algum tempo, voltei-me, e avistei uma grande multidão que vinha atrás de mim. Reconheci todos os homens que vira na cidade. Tinham cabeças monstruosas. Pareciam mal se mover e entretanto caminhavam mais depressa do que eu. Não faziam a menor bulha andando. Em um instante alcançou-me a turba e achei-me cercado por ella. Os rostos daquelles homens eram còr de terra.

« Então o primeiro que eu tinha visto e interrogado na cidade, disse-me: « Para onde vós? Não sabes que ha muito tempo estás no numero dos mortos?

« Abri a boca para responder, e vi que não havia ninguém junto de mim. »

Acordou. Estava gelado. Um vento, frio como o vento da madrugada, fazia ranger nos seus gonzos a vidraça da janella que ficára aberta. O fogo estava apagado. A vela prestes a acabar. Ainda era noite fechada.

Levantou-se, chegou á janella. O céu continuava sem estrellas.

Da janella via-se o pateo da casa e a rua. Uma bulha rija e aspera que soou de repente no lagedo do pateo fê-lo abaixar os olhos.

Viu em baixo duas estrellas vermelhas cujas raias se estendiam e retrahiam phantasticamente no meio da escuridão.

Corno o seu pensamento estava ainda immerso na nevoa dos sonhos:

— E esta! disse consigo mesmo, não estão no céu. Agora estão na terra.

Entretanto dissipou-se-lhe a confusão, outra bulha semelhante á primeira acabou de desperta-lo, tornou a olhar, e viu que as duas estrellas eram as lanternas de um vehiculo. A' luz que ellas davam pôde distinguir a fôrma desse vehiculo. Era um tilbury tirado por um cavallinho branco. A bulha que ouvira era das ferraduras do cavallo no lagedo.

— Que carro será este? disse consigo mesmo. Quem será que vem procurar-me tam cedo?

Nesse momento ouviu uma pancadinha na porta do quarto.

Estremeceu desde a cabeça até aos pés, e gritou com voz terrível :

— Quem está ahí ?

Respondêram :

— Sou eu, snr. *maire*.

Reconheceu a voz de sua velha porteira.

— Então, tornou elle, o que temos ?

— Snr. *maire*, são quasi cinco horas.

— Que tenho eu eom isso ?

— O *cabriolet* está esperando, snr. *maire*.

— Que *cabriolet* ?

— O *tilbury*.

— Que *tilbury* ?

— Pois v. s. não encommendou um *tilbury* ?

— Não, disse elle.

— O boleeiro quer fallar a v. s.

— Que boleeiro ?

— O boleeiro do snr. Scaufflaire.

— Scaufflaire ?

Este nome fê-lo estremecer como se lhe passasse um corisco por deante do rosto.

— Ah! sim! tornou elle, Scaufflaire !

Se a velha houvesse podido vê-lo naquelle momento, ter-se-hia horrorisado.

Seguiu-se longo silencio. Elle examinava com ar estúpido a chama da vela, tirando desta a cera derretida que amassava entre os dedos. A velha esperava. Todavia, animou-se a levantar de novo a voz :

— O que hei de responder, snr. *maire* ?

— Diga que está bem, e que já vou.

EMPECILHOS.

O serviço das postas entre Arras e M. sobre o M. ainda era feito naquella época por pequenas malas do tempo do imperio. Estas malas eram *cabriolets* de duas rodas, forrados inteiramente de couro ruivo, sustentados por molas mui altas, e apenas com dous assentos, um para o correio, outro para o viajante. As rodas eram armadas desses grandes cubos offensivos que obrigão os outros carros a evita-los, e que ainda se encontram na estrada da Allemanha.

A caixa das cartas, immensa arca oblonga, ficava do lado de trás do *cabriolet* e a elle adheria. Essa caixa era pintada de preto e o *cabriolet* de amarello.

Estes vehiculos, que hoje não tem com que se comparem, apresentavam um não sei que disforme e giboso, e vistos de longe, passando por uma estrada no horizonte, assemelhavam-se a esses insectos chamados, creio eu, *termites*, os quaes, tendo mui pequena a parte anterior do corpo, têm a posterior sobremodo volumosa. Todavia andavam sempre à desfilada. A mala sahindo de Arras todas as noites à uma hora, depois

da passagem do correio de Pariz, chegava a M. sobre o M. um pouco antes das cinco horas da manhã.

Naquelle dia, a mala que vinha para M. sobre o M. pela estrada de Hesdin esbarrou-se ao voltar uma rua, no momento em que entrava na cidade, com um tilbury tirado por um cavallo branco, que ia em direcção inversa, e dentro do qual só havia uma pessoa, um homem embuçado n'um capote. A roda do tilbury soffreu um violento embate. O correio gritou para o homem que parasse, mas elle não attendeu e continuou o seu caminho a trote largo.

—Safa ! como aquelle sujeito vae apressado ! disse o correio.

O homem que ia assim tão depressa é o mesmo que acabamos de ver agitar-se em convulsões por certo dignas de compaixão.

Para onde ia ? Elle proprio não teria podido dizel-o. Porque se dava tamanha pressa ? Não o sabia. Tinha o acaso deante de si. Onde ? Em Arras sem duvida ; mas talvez tambem fosse para outro lugar qualquer. Momentos havia em que sentia um estremecimento. Entranhava-se naquella noite como em uma furna. O que quer que fosse o impellia, o que quer que fosse o attrahia. O que nelle se passava ninguém poderia dizê-lo, todos o comprehenderão. Quem não terá entrado, ao menos uma vez na vida, nessa tenebrosa caverna do desconhecido ?

Demais, elle nada havia deliberado, nada resolvido, nada decidido, nada feito. Nenhum dos actos da sua consciencia fôra definitivo. Achava-se tão perplexo como a principio.

Para que ia a Arras ?

A si mesmo repetia o que já dissera consigo quando tinha ido alugar o vehiculo de Scaufflaire, que, fosse qual fosse o resultado, não havia inconveniente algum em ver com os proprios olhos, em julgar as cousas por si mesmo ; que nisso até havia prudencia, importava-lhe saber o que se passasse ; que ninguém pôde decidir-se sem haver observado e perscrutado ; que de longe tudo se nos antolha montanhas ; que no fim de contas, quando tivesse visto esse Champmathieu, um miseravel de certo, sentiria a consciencia alliviada de deixa-lo ir para as galés em seu lugar ; que na verdade

alli veria Javert e o tal Brevet, e Chenildieu, e Coche-paille, antigos forçados que tinham sido seus companheiros; mas que por sem duvida o não reconheceriam; ora! que lembrança! que Javert achava-se a cem leguas da verdade; que todas as conjecturas e todas as supposições se fixavam nesse Champmathieu, e que nada é tam tenaz como as supposições e as conjecturas; que não havia pois perigo nenhum.

Que innegavelmente soffreria um momento de tribulação, mas que isso passaria; que bem considerado tudo, tinha o seu destino, por peor que fosse, na propria mão; era senhor d'elle. Agarrava-se a este pensamento.

O que é certo, para tudo dizermos, é que bem desejára elle não ir a Arras.

E não obstante ia.

Assim cogitando, fustigava o cavallo, que ia nesse trote cadenciado e firme com que se fazem duas leguas e meia por hora.

À medida que avançava o vehiculo, sentia elle que alguma cousa dentro d'elle mesmo recuava.

Ao romper do dia achava-se já no campo; a cidade de M. sobre o M. ficava-lhe atrás a grande distancia. Viu o horizonte aclarar-se á luz d'alva; viu, como se claramente as visse, passarem-lhe por deante dos olhos todas as frias visões de uma madrugada de inverno. A manhan tem os seus espectros como a noite. Não os via, mas, sem que elle o sentisse, e por uma especie de penetração quasi physica, esses vultos escuros de arvores e de colinas ajuntavam ao estado violento da sua alma o que quer que fosse sombrio e sinistro.

Cada vez que passava por alguma dessas casas isoladas que ás vezes margêam as estradas, dizia comsigo mesmo:

—E alli dentro ha gente que dorme!

O trote do cavallo, os guisos dos arreios, as rodas batendo na calçada, faziam uma bulha branda e monotonica. Estas cousas são agradaveis quando estamos contentes, e lugubres quando estamos tristes.

Já era dia claro quando elle chegou a Hesdin. Parou á porta de uma estalagem para deixar o cavallo descansar e mandar dar-lhe uma ração de avêa.

O cavallo era, como dissera Scaufflaire, d'essa pequena raça do Boulonnais que tem cabeça volumosa, amplo

ventre e pescoço curto, mas cujo peito é largo, as pernas seccas e finas. e o pé firme; raça feia, mas robustas e san. O excellente animal fizera cinco leguas em duas horas e não tinha a menor gotta de suor nas ancas.

O viajante não se apeára do tilbury.

O moço da estalagem que trazia a avêa abaixou-se de repente e examinou a roda do lado esquerdo.

—O senhor vae muito longe? perguntou.

Elle respondeu, quasi sem sahir do seu cogitar :

—Porque ?

—O senhor vem de longe? tornou o moço.

—De cinco leguas d'aqui.

—Ah!

—Porque diz você: *ah*?

O moço tornou a abaixar a cabeça, ficou um momento silencioso, fitos os olhos na roda, depois levantou-se dizendo :

—É porque esta roda que acaba de fazer cinco leguas, como não duvido, agora não fará de certo meio quarto de legua.

O viajante saltou fora do tilbury.

—O que diz, meu amigo?...

—Digo que foi por um verdadeiro milagre que o senhor fez cinco leguas sem cahir, juntamente com o cavallo, dentro de algum fosso da estrada. Ora veja.

A roda estava com effeito gravemente estragada. O embate da mala-posta quebrara-lhe dois raios e abalara-lhe o cubo, cuja porca já não segurava.

—Meu amigo, disse o viajante para o moço, não ha algum segeiro por aqui ?

—De certo, senhor.

—Pois faça-me o favor de ir chama-lo.

—Alli está elle. Oh ! mestre Burgaillard !

Mestre Burgaillard, o segeiro estava, á sua porta. Veio examinar a roda, e fez uma careta como um cirurgião que considera uma perna quebrada.

—Pòde concertar-se esta roda quanto antes ?

—Sim, senhor.

—E quando poderei seguir caminho ?

—Amanhan.

—Amanhan ?

—Esta obra tem de levar um bom dia. Vm. vae com pressa ?

— Com muita pressa. Importa-me partir daqui a uma hora o mais tardar.

— E' impossivel, senhor.

— Pagarei o que você pedir.

— E' impossivel.

— Pois bem ! daqui a duas horas.

— Hoje, é impossivel, é preciso fazer dous raios novos e o cubo. O senhor não poderá seguir viagem antes de amanha.

— O negocio a que vou não pôde esperar até amanha. E se em vez de concertar esta roda você puzesse outra?

— Como assim ?

— Você é segeiro ?

— Sim, senhor.

— Não terá alguma roda que me venda ? assim partiria immediatamente.

— Uma roda de sobresalente ?

— Isso mesmo.

— Não tenho roda nenhuma que sirva no seu carro. Duas rodas formam um par. Não é ao acaso que se forma um par de rodas.

— Neste caso venda-me um par.

— Senhor, nem todas as rodas servem nos mesmos xos.

— Veja sempre.

— E' inutil. Só tenho á venda rodas de carroça. Isto aqui é apenas um lugarejo.

— Não terá você algum *cabriolet* para alugar ?

O mestre segeiro, logo desde principio, vira que o *tilbury* era um carro de aluguel. Encolheu os hombros.

— O senhor põe bem frescos os carros que lhe alugam. Se eu tivesse algum *cabriolet*, de certo não lh'o alugava.

— Pois bem, e se eu o comprasse ?

— Não tenho nenhum.

— Como ! pois nem ao menos uma carrocinha ? Você bem vê que não sou difficil de contentar.

— Isto por aqui é um lugarejo. Eu tenho, na verdade, na cocheira, continuou o segeiro, uma velha carruagem de um burguez da cidade que m'a deu para guardar e della se serve nas quatro festas do anno. Por isso não se me daria de aluga-la ao senhor ; mas seria preciso que o burguez não a visse passar, e além disso, have-

ria outra difficuldade, é uma carruagem ; seriam necessarios cavallos.

—Tomarei cavallos de posta.

—Onde vae o senhor ?

—A Arras.

—E quer hoje ?

—Sem falta.

—Tomando cavallos de posta ?

—Porque não ?

—E'—lhe indifferente chegar amanha pelas quatro horas da madrugada ?

—Não de certo.

—E' porque, vê o senhor ? devo observar—lhe uma cousa, tomando cavallos de posta. . . . O senhor traz comsigo o seu passaporte ?

—Trago.

—Pois bem, tomando cavallos de posta, não chegará a Arras antes de amanha. As mudas são mal servidas, os cavallos estão nos pastos. Estamos no tempo em que começam as grandes lavras ; todos querem ter o maior numero de parelhas, e buscam cavallos por toda a parte, utilizando-se até dos de posta. Vm. terá de demorar-se pelo menos tres ou quatro horas em cada muda. E depois tem de ir a passo. Ha muitas ladeiras a subir.

—Bem, irei a cavallo. Tirem o animal do carro. Aqui ha de haver de certo quem tenha uma sella para vender.

—De certo, mas este cavallo dá sella ?

—E' verdade, lembra bem ; não dá.

—Pois então . . .

—Mas não haverá na aldêa quem me alugue um cavallo ?

—Um cavallo para ir a Arras de corrida !

—Sim.

—Para isso seria preciso um cavallo como não ha nenhum por estes lugarejos. Demais, não haveria remedio senão compra-lo, porque aqui ninguem conhece o senhor. Mas, nem para vender nem para alugar, nem por quinhentos francos, nem por mil, vm. seria capaz de encontrar um só que seja !

—O que hei de fazer ?

—O melhor, palavra ! é vm. deixar-me concertar a roda e seguir viagem ámanhan.

—Amanhan é tarde.

—Ora!

—Não ha a mala-posta que vae a Arras? A que horas passa ella?

—Esta noite. As duas malas fazem o serviço de noite, tanto a que sobe como a que desce.

—Como! pois voçê gastará um dia para concertar esta roda?

—Um dia, e bem comprido!

—Trabalhando dois obreiros?

—Ainda que trabalhem dez!

—E se os raios fossem amarrados com cordas?

—Os raios podem ser amarrados; o cubo, não. E demais, a camba tambem se acha em máu estado.

—Não ha algum alugador de carros na aldêa?

—Não.

—Nem outro segeiro?

O moço da estrebaria e o mestre segeiro menearam a cabeça dizendo ambos a um tempo:

—Não.

O viajante sentiu uma alegria immensa.

Era evidente que a providencia intervinha naquillo. Fora ella que quebrára a roda do tilbury para o não deixar ir adeante. Elle não cedera áquella especie de primeira intimação; acabava de empregar todos os esforços possiveis para continuar a viagem; esgotára leal e escrupulosamente todos os meios; não recuára deante das intemperies da estação, nem deante da fadiga, nem deante da despeza; nada tinha que exprobrar-se. Se não hia mais adeante, o que tinha com isso? Não era culpa sua; era, não por uma determinação sua propria, mas porque assim o queria a Providencia.

Respirou. Respirou livremente e á larga pela primeira vez depois da visita de Javert. Parecia-lhe que a mão de ferro que havia vinte horas lhe apertava o coração acabava de larga-lo.

Parecia-lhe que agora Deus era por elle e se decia-rava.

Disse consigo mesmo que havia feito quanto em seu poder estava, e que portanto já não tinha mais do que volver atrás, tranquillamente.

Se a sua conversa com o segeiro houvesse tido lugar em algum aposento da estalagem, não teria tido teste-

munhas, ninguém a teria ouvido, as cousas houveram ficado nisso, e é provavel que não tivéssemos de narrar nenhum dos acontecimentos que vamos referir ao leitor, mas a conversação passou-se no meio da rua. Todo o colloquio na rua attrahe inevitavelmente os que passam. Ha sempre individuos que não perdem a menor occasião de serem espectadores. Em quanto elle interrogava o segeiro, alguns desses taes se haviam agrupado em roda de ambos. Depois de terem escutado por espaço de alguns minutos, um pequeno, em quem ninguém reparára, se retirára do grupo correndo.

No momento em que o viajante, apoz a deliberação interior que acabamos de indicar, tomava a resolução de regressar, voltava esse pequeno.

Acompanhava-o uma velha.

—Senhor, disse a mulher, meu filho contou-me que vm. quer alugar um *cabriolet*.

A estas simples palavras, pronunciadas por uma velha que seguia um menino, o suor alagou-lhe os rins. Pareceu-lhe ver a mão que o havia largado reaparecer, já prestes a agarrá-lo.

Respondeu :

—Sim, boa mulher, procuro um *cabriolet* para alugar. E para logo accrescentou :

—Mas não ha nenhum na aldêa.

—Ha, disse a velha.

—Onde ? replicou o segeiro.

—Em minha casa, tornou a velha.

O viajante estremeceu. A mão fatal o agarrava.

A velha tinha com effeito debaixo de um telheiro uma carrocinha de vime. O segeiro e o moço da estalagem, contrariados por verem que o viajante lhes escapava, intervieram.

—Era uma horrivel carroça,—não tinha molas,—é verdade que os assentos no interior eram seguros por corréas,—chovia dentro como na rua,—as rodas estavam enferrujadas e trespassadas de humidade,—aquillo não seria capaz de ir mais longe do que o *tilbury*,—era uma verdadeira capoeira de galinhas !—S. s. faria mal se se mettesse dentro de semelhante vehiculo,—etc., etc.

Tudo isto assim era, mas essa carroça, essa capoeira, essa cousa, qualquer que ella fosse, movia-se sobre duas rodas e podia ir até Arras.

O viajante pagou o que quizeram, deixou o tilbury para concertar na officina do segeiro, ficando de ir buscá-lo na volta, mandou metter na carrocinha o cavallo branco, entrou nella, e tomou pela estrada que seguia desde madrugada.

No momento em que a carrocinha começou a rodar, reconheceu que tivera, havia instantes, uma certa alegria ao pensar que não iria onde tinha de ir. Considerou essa alegria com uma especie de colera e achou-a absurda. Porque sentir alegria por volver atraz? Bem pensado tudo, fazia aquella viagem de sua muito livre vontade. Ninguém o obrigava.

E por sem duvida, ir, ou deixar de ir, só d'elle dependia.

Quando sahia de Hesdin, ouviu uma voz que lhe gritava: « pare, pare! » Fez parar a carrocinha com um movimento energico em que havia ainda não sei que de febril e convulsivo que se assemelhava á esperanza.

Era o pequeno da velha.

— Senhor, disse elle, fui eu que procurei a carrocinha.

— Ah!

— E vm. não me deu molhadura.

Elle que dava a todos e tam facilmente, achou esta pretensão exorbitante e quasi odiosa.

— Ah! fostes tu, maroto? replicou, pois has de ter uma figa!

Fustigou o cavallo e seguiu a trote largo.

Perdera muito tempo em Hesdin, queria ver se o recobrava. O cavallinho era robusto e tirava por dous; mas corria o mez de fevereiro, chovera, os caminhos achavam-se em máu estado. E demais, aquillo já não era o tilbury. A carrocinha tanto tinha de dura, como de pesada. Alem disso, subidas a cada passo.

Gastou cerca de quatro horas para ir de Hesdin a Saint-Pol. Quatro horas para fazer cinco leguas.

Em Saint-Pol parou na primeira estalagem que encontrou, e mandou levar o cavallo para a estrebaria. Conforme promettêra a Scaufflaire, não se tirou de junto da manjedoura em quanto o cavallo comia. Pensava em cousas tristes e confusas.

A mulher do estalajadeiro entrou na estrebaria.

— O senhor não ha de querer almoçar?

—E' verdade ! disse elle, e até estou com bastante appetite.

Seguiu a mulher, que tinha um rosto franco e prazenteiro. Levou-o ella para uma sala do pavimento terreo onde havia mezas cobertas de encerado em vez de toalha.

—Não se demorem, disse elle, devo seguir. Estou com pressa.

Uma gorda creada flamenga trouxe-lhe logo um talher. Elle olhava para a rapariga com um sentimento de satisfação.

—Era fome o que eu sentia, disse consigo mesmo. Ainda não tinha almoçado.

Serviram-no. Agarrou no pão, tirou-lhe um pedaço com os dentes, depois pô-lo lentamente em cima da mesa, e não tornou a tocar-lhe.

Um carreiro comia á mesa vizinha. O viajante disse-lhe :

—Porque é que este pão amarga tanto?

O carreiro era allemão e não entendia.

Voltou para junto do cavallo na estribaria.

Dahi a uma hora, sahia de Saint-Pol, e dirigia-se para Tinqes, que fica apenas a cinco leguas de Arras.

O que fazia elle durante esse trajecto? Em que pensava? Bem como de manhan, via passar as arvores, os tectos de cólmo, os campos cultivados, e os esvaecimentos da paisagem que se desloca em cada cotovello da estrada. E' uma contemplação esta que satisfaz ás vezes a alma e que a dispensa quasi de pensar. Ver mil objectos pela primeira vez e pela ultima, haverá nada mais melancolico, nem mais profundo ! Viajar, é nascer e morrer a cada instante. Talvez na região mais vaga do espirito, comparasse elle esses horisontes moveis com a existencia humana. Todas as cousas da vida passam fugindo perpetuamente por deante de nós. A escuridão e a claridade entremeiam-se. Após esplendido clarão, um eclipse: olhamos, apressamo-nos, estendemos as mãos para agarrar o que passa; cada acontecimento é uma volta da estrada; e de repente achamo-nos velhos. Sentimos um como abalo, tudo é trevas, distingue-se uma porta escura, o torvo cavallo da vida que nos levava estaca. E vemos quem quer que seja incognito e velado que o desarreia nas trevas.

Era á hora do crepusculo e os meninos que sahiam da

escola viram aquelle viajante entrar em Tinques. Ao chegar á entrada da aldêa, um trabalhador que andava a empedrar a estrada levantou a cabeça e disse:

—Como está cansado este cavallo!

O pobre animal com effeito já não caminhava senão a passo.

—Vmc. vae a Arras? continuou o trabalhador.

—Vou.

—Se vm. vae nesse passo, ha de chegar a boas horas.

—Que distancia ha d'aqui a Arras?

—Quasi sete leguas puxadinhas.

—Como assim? o itinerario da posta só marca cinco e um quarto.

—Ah! tornou o trabalhador, pois vm. não sabe que se anda concertando a estrada? Ha de encontral-a cortada a um quarto de hora d'aqui. Não poderá passar.

—Deveras?

—Tome á esquerda, pelo caminho que vae a Caren-cy, passe o rio; quando chegar a Camblin tome á direita; é a estrada de Mont-Saint-Eloy que vae a Arras.

—Mas já é noute; posso perder-me.

—Vm. não é da terra?

—Não.

—Pois não ha outro caminho. Olhe, senhor, continuou o trabalhador, quer vm. que eu lhe dê um conselho? O cavallo está cansado; fique em Tinques. Ha uma boa estalagem. Durma nella. Amanhan irá a Arras.

—Mas devo achar-me lá esta noite.

—Então é outro caso. Mas assim mesmo deve ir á estalagem para tomar outro cavallo. O moço de estrebaria guiará vm. pelo atalho.

Elle seguiu o conselho do trabalhador, e meia hora depois tornava a passar pelo mesmo lugar, mas a trote largo, com um bom cavallo de reforço. Um moço de estrebaria que se intitulava postilhão ia sentado na bolêa da carrocinha.

Entretanto elle sentia que perdia tempo.

A noite estava escurissima.

Entraram no atalho. O caminho tornou-se horrivel. A carrocinha ia cahindo de buraco em buraco. Elle disse para o postilhão:

—Sempre a trote, e terás dobrada molhadura.

Em um solavanco o páu da bolêa quebrou-se.

—Senhor, disse o postilhão, quebrou-se o páu da boléa, não sei mais como hei de ter o cavallo jungido, este caminho é pessimo de noite; se vm. quizesse vir dormir em Tinqes, amanha bem cedo poderíamos estar em Arras.

Elle respondeu :

—Tens um pedaço de corda e uma faca?

—Sim, senhor.

Cortou um galho de arvore e delle fez páu de boléa.

Perderam assim uns vinte minutos; mas seguiram a galope.

A planicie estava escurissima. Nevociros baixos e escuros deslizavam sobre as collinas e dellas se desprendiam como fumaça. Um rijo vento que soprava do mar fazia em todos os lados do horizonte uma bulha semelhante á de moveis arrastados. Tudo o que se divisava tinha attitudes de terror. Quantas cousas não estremecem aos embates desses immensos sopros da noite!

O frio penetrava-o. Elle não tinha comido desde a vespera. Lembrava-se vagamente da sua peregrinação nocturna na vasta planicie dos arredores de D. . . ,—havia oito annos, e parecia-lhe que fôra hontem.

Deram horas em uma torre ao longe.

—Que horas são!

—Sete horas, senhor; ás oito estaremos em Arras. Só faltam tres leguas.

Nesse momento fez elle pela primeira vez esta reflexão, achando extraordinario que não lhe houvesse occorrido a mais tempo:—Que talvez fosse inutil todo o trabalho que tomava; que nem ao meos sabia a que hora entrava o processo em julgamento: que devêrater se informado a este respeito; que era uma extravagancia ir assim caminhando sem saber se a sua presença seria de alguma utilidade.—Depois esboçou alguns calculos no espirito:—que de ordinario as sessões do jury começavam pelas 9 horas da manhan; que aquelle processo não podia levar muito tempo; que no roubo de maçans apenas se tocaria; que depois não haveria mais do que uma questão de identidade; quatro ou cinco depoimentos, algumas palavras poucas dos advogados; que quando chegasse tudo estaria acabado!

O postilhão sustigava os cavallos. Passaram o rio e deixaram atrás Mont-Saint-Eloy.

A noite tornava-se mais e mais tenebrosa.

VI

A IRMAN SIMPLICIA POSTA Á PROVA.

Entretanto nesse mesmo momento Fantina estava alegre.

Tinha passado uma noite pessima. Tosse horrivel, recrudesencia de febre; tivera sonhos. Pela manhan, quando o medico veio visita-la, delirava. Elle pareceu inquieto e recommendou que o avisassem quando Magdalena chegasse.

Toda a manhan Fantina esteve taciturna, fallou pouco, e levou a fazer pregas nos lençoes, murmurando calculos que pareciam ser de distancia. Tinha os olhos encovados e fixos. Pareciam quasi empanados, mas de espaço a espaço avivavam-se e resplandeciam como estrellas. Dir-se-hia que, quando se aproximava certa hora sombria, uma claridade do céu enche aquelles de quem se aparta a claridade da terra.

De cada vez que a irman Simplicia lhe perguntava como se achava, respondia invariavelmente:

—Estou boa. Quizera ver o snr. Magdalena.

Alguns mezes antes, no momento em que Fantina acabava de perder seu ultimo pudor, a sua ultima vergonha e a sua ultima alegria, era a sombra de si mes-

ma; agora era o spectro. O mal physico completára a obra do mal moral. Aquella creatura de vinte e cinco annos tinha a fronte enrugada, as faces cadavericas, as ventas deprimidas, os dentes escarnados, a tez livida, o pescoço ossoso, as claviculas salientes, os membros enmagrecidos, a pelle terrea, e os louros cabellos cresciam-lhe de mistura com cabellos brancos. Ah! como a doença improvisa a velhice!

Ao meio-dia o medico voltou, disse o que se devia fazer, perguntou se o snr. *maire* tinha vindo á enfermaria e meneou a cabeça.

Magdalena vinha habitualmente ás tres horas visitar a enferma. Como a exactidão era bondade, era exacto.

Pelas duas e meia horas Fantina começou a agitar-se. No espaço de vinte minutos perguntou mais de dez vezes:

—Minha irman, que horas são?

Deram tres horas. Á terceira pancada, Fantina, que de ordinario mal podia mexer-se no leito, sentou-se; pôz as mãos, descarnadas e amarellas, com uma especie de esforço convulsivo, e a religiosa ouviu-lhe sahir do peito um desses suspiros profundos, que parecem remover um grande cansaço. Depois Fantina voltou-se, e olhou para a porta.

Ninguém entrou; a porta não se abriu.

Ficou assim um quarto de hora, cravados os olhos na porta, immovel e como que represando o folego. A irman não se animava a fallar-lhe. O relógio da egreja deu um quarto depois das tres. Fantina deixou-se cahir com a cabeça em cima do travesseiro.

Nada disse, e poz-se de novo a fazer pregas no lençol.

Passou-se meia hora, uma hora, ninguém veio; de cada vez que se ouvia o relógio, Fantina erguia o corpo e olhava para a porta, depois tornava a deitar-se.

Percebia-se claramente o seu pensamento, mas ella nenhum nome pronnciava, não se queixava, não accusava. Tossia, porem, de um modo lugubre. Dir-se-hia que o que quer que fosse sombrio baixava sobre a misera. Estava livida e tinha os labios azulados. Sorria-se de espaço a espaço.

Deram cinco horas. Então a irman ouviu-a dizer baixinho e com brandura:

Elle faz mal em não vir, porque amanha já aqui não estarei!

A propria irman Simplicia admirava-se da demora de Magdalena.

No entanto Fantina olhava para o docel da cama. Parecia que buscava recordar-se de alguma cousa. De repente poz-se a cantar com voz tam fraca que antes parecia um sopro. A irman escutou, Fantina cantava :

P'ra ti muita cousinha formosa
Trago da feira, sempre que venho.
Brilha o brilhante, é rosea a rosa,
Ai ! que lindos amores que eu tenho !

Hontem vi com manto e c'rôa
A santa virgem Maria.
A creança que pediste
Eu t'a trago, me dizia;
Vae comprar fitas e pannos
A' cidade ! E eu corria.

P'ra ti muita cousinha formosa
Trago da feira, sempre que venho.

No meu quarto puz um berço
De cortinas, com chibança.
Por uma estrella do céu
Não trocára esta creança.
Que fazer com estes pannos ?
Luxoval com abastança.

Brilha o brilhante, é rosea a rosa,
Ai ! que lindos amores que eu tenho.

Lava estes pannos no rio,
Depois vestidinhos talha,
Que eu de flores bordarei. . .
Já a creança, Deus me valha,
Não existe e agora os pannos ?
Faze-me delles mortalha.

P'ra ti muita cousinha formosa
Trago da feira, sempre que venho.
Brilha o brilhante, é rosea a rosa,
Ai ! que lindos amores que eu tenho.

Esta canção era um velho romance de ama, com que ella outr'ora adormentava a sua Cosettinha, e que nunca lhe occorrêra ao espirito durante os cinco annos que se achava separada da filha. Cantava-o com voz tam triste e em um tom tam meigo que faria chorar uma religiosa. A irman Simplicia sentiu humedecerem-se-lhe os olhos.

O relógio deu seis horas. Fantina pareceu não dar por isso. Como que já não attendia a nada em torno de si.

A irman Simplicia mandou uma creada perguntar á porteira da fabrica se o sr. *maire* já se tinha recolhido e se viria logo á enfermaria. A creada voltou no fim de alguns minutos.

Fantina continuava immovel e parecia absorta nas suas proprias idéas.

A creada referiu baixinho á irman Simplicia que o snr. *maire* partira de manhan, muito antes das 6 horas, n'um tilburysinho puxado por um cavallo branco, com todo o frio que fazia; que partira só, nem sequer levára boleeiro; que não se sabia onde tinha ido; que uns diziam que elle seguira pela estrada de Arras, outros affirmavam tê-lo encontrado no caminho de Pariz. Que no momento de partir mostrára-se, como de ordinario, cheio de bondade, mas que dissera á porteira que o não esperasse aquella noite.

Em quanto as duas mulheres, com as costas voltadas para a cama da enferma, cochichavam, a irman interrogando, a creada conjecturando, Fantina, com a vivacidade febril de certas molestias organicas, que casa os movimentos livres da saude com a horrivel magreza da morte, ajoelhara-se na cama, firmando no travesseiro ambas as mãos, convulsivamente agitadas, e, com a cabeça do lado de fóra do cortinado, escutava. De repente exclamou:

—Estão fallando no snr. Magdalena! porque fallam tam baixo? o que faz elle? porque não vem?

Tam aspera e rouca era a sua voz que as duas mulheres julgaram ouvir a de um homem; voltaram-se assustadas.

—Respondam! gritou Fantina.

A creada balbuciou:

—A porteira disse-me que elle não podia vir hoje.

—Minha filha, disse a irman, socegue. deite-se.

Fantina, sem mudar de attitude proseguir em voz alta e com um tom ao mesmo tempo imperioso e pungente:

—Não póde vir! Porque então? As senhoras sabem o motivo. Estavam cochichando ahí. Quero sabê-lo.

A creada deu-se pressa em dizer ao ouvido da religiosa:

—Responda que está occupado no conselho municipal.

A irman Simplicia corou levemente; era uma mentira o que a creada lhe propunha. Por outro lado via que dizer a verdade á doente era dar-lhe um golpe terrivel e que isso era grave no estado em que Fantina se achava.

O rubor durou-lhe pouco. A irman levantou os olhos calmos e tristes, e disse:

—O snr. *maire* partiu.

Fantina levantou o corpo e deixou-se ficar agachada. Scintillaram-lhe os olhos. Immensa alegria lhe transluzia na physionomia repassada de dôr.

—Partiu ! exclamou ella. Foi buscar Cosetta !

Depois ergueu as mãos para o céu e todo o seu rosto se tornou ineffavel. Os labios mexiam-se; rezava em voz baixa.

Quando acabou a sua reza :

—Minha irman, disse, agora me deitarei, farei tudo o que quizerem, ha pouco fiz mal, peço-lhe perdão por ter gritado; é feio gritar assim, eu bem o sei, minha boa irman; mas, vê a senhora ? estou satisfeitissima. Deus é infinitamente bom, o snr. Magdalena é bom; e senão, veja como elle foi a Montfermeil só para buscar a minha Cosettinha !

Tornou a deitar-se, ajudou a religiosa a arranjar o travesseiro, e beijou uma cruzinha de prata que tinha ao pescoço e que a irman Simplicia lhe dera.

—Minha filha, disse a irman, veja se descansa agora, e não falle mais.

Fantina pegou com as mãos humidas na da religiosa, a quem aquelle suor inquietava.

Partiu esta manhan para Pariz, disse a enferma. É verdade que nenhuma necessidade tem de passar por Pariz. Montfermeil fica um pouco para a esquerda, vindo de lá. Lembra-se como elle me dizia hontem, quando eu lhe fallava em Cosetta: « *Não tarda, não tarda ?* » E' uma surpresa que quer fazer-me. A senhora sabe ? elle mandou-me assignar uma carta, em que eu dizia aos Thénardier que entregassem a pecurrucha. Nada terão que dizer, não é assim ? e entregarão Cosetta. Demais, estão pagos. As autoridades não podem consentir que alguém fique com uma creança achando-se pago. Minha irman, não esteja a fazer-me signaes para que me cale. Estou extremamente satisfeita, acho-me muito bem, nada mais soffro, vou tornar a ver Cosetta, até sinto vontade de comer. Ha quasi cinco annos que não a vejo. A senhora não imagina como isto de creanças enfeitiça a gente ! e de mais é tam linda ! a senhora verá ! Se soubesse que lindos dedos rosados tem ! as suas mãos hão

de ser bellissimas. Quando pequenina, de um anno, eram umas mãosinhas de boneca. Assim! Agora ha de estar grande. Já entrou nes seus 7 annos. É uma moça. Chamo-a Cosetta, mas o seu nome é Euphrasia. Escute, esta manhan olhava eu para a poeira que estava em cima da chaminé, e assim olhando parecia-me que não tardaria a ver Cosetta. Meu Deus! como é máu levar a gente annos sem ver seus filhos! a gente devia lembrar-se que a vida não é eterna! Oh! como o snr. *maire* fez bem em partir! não é verdade que está um tempo muito frio? levou elle ao menos o seu capote? amanha ha de estar de volta, não? amanha ha de ser um dia de festa. Minha irman, lembre-me logo pela manhan para eu pôr aquella minha touca que tem rendas. Montfermeil é um lugarejo. Já passei por lá, a pé, ha muito tempo. Achei longe. Mas as diligencias correm tanto! amanha ha de estar aqui com Cosetta. Que distancia ha daqui a Montfermeil?

A irman, que nada sabia a respeito de distancias, respondeu.

—Oh! creio que elle poderá estar aqui amanha.

—Amanha! amanha! disse Fantina; verei Cosetta amanha! Olhe, minha boa irman, já não estou doente. Estou louca. Dansaria se quizessem.

Quem a tivesse visto um quarto de ora antes nada houvera comprehendido. Agora estava corada, fallava com voz viva e natural, todo o seu semblante era como um sorriso. De espaço a espaço ria-se, fallando baixinho comsigo mesma. Alegria de mãe é quasi alegria de creança.

—Bem, tornou a religiosa, você agora está satisfeita, obedeça-me, não falle mais.

Fantina encostou a cabeça no travesseiro, e disse em meia voz:

—Sim, deita-te, fica quieta, já que tua filha volta para tua companhia. A irman Simplicia tem razão. Todos aqui teem razão.

E depois, sem mexer-se, sem voltar a cabeça, poz-se a olhar para todos os lados com olhos muito abertos e com ar alegre, e não disse mais nada.

A irman correu o cortinado, contando que ella adormeceria.

Das sete para as oito horas chegou o medico. Não

ouvindo a menor bulha, suppôz que Fantina estaria dormindo, entrou devagarinho e approximou-se da cama em pontas de pés. Correu um pouco o cortinado, e á luz da lamparina viu os grandes olhos calmos de Fantina que o fitavam.

Ella disse-lhe :

—Snr. doutor, hão de deixar a pobre pequenina dormir aqui ao meu lado em uma camasinha, não é assim ?

O medico suppoz que ella delirava. Fantina accrescentou :

—Veja, ha lugar de sobra.

O medico chamou de parte a irman Simplicia, que lhe explicou aquillo, dizendo-lhe que o snr. Magdalena se ausentara por um dia ou dous, e que, na duvida em que se achavam, tinham tomado o expediente de não desenganar a doente, que acreditava que o snr. *maire* havia partido para Montfermeil ; que em summa talvez ella houvesse adivinhado. O medico approvou o que tinham feito.

Approximou-se do leito de Fantina, que continuou :

—É porque de manhan, vê o senhor ? quando ella acordar, darei os bons dias ao anginho, e de noite, como nunca durmo, ouvi-la-hei dormir. A sua respiração, tam branda, ha de fazer-me bem.

—Deixe ver o seu pulso, disse o medico.

Ella estendeu o braço e exclamou rindo-se :

—Ah ! sim, é verdade ! o senhor não sabe ? eu já estou boa. Cosetta chega amanha.

O medico ficou sorprezo. Ella estava melhor. A suffocação era menor. O pulso recobrára força. Uma especie de vida, sobrevindo de repente, reanimava aquelle pobre ente exausto.

—Snr. doutor, continuou ella, a irman já lhe disse que o snr. *maire* foi buscar o meu anginho ?

O medico recommendou silencio, e que se evitasse toda a commoção penosa. Receitou uma infusão de quina, e, para o caso em que a febre voltasse de noite, uma poção calmante. Ao retirar-se disse á irman :

—Está melhor. Se por felicidade o snr. *maire* chegasse com effeito amanha, trazendo a menina, quem sabe ? Ha crises tam pasmosas, já se tem visto grandes alegrias atalharem doenças ; bem vejo que esta é uma molestia organica, e muito adiantada ; mas tudo isto é tam mysterioso ! Talvez a salvassemos.

VII

CHEGANDO, TOMA O VIAJANTE PRECAUÇÕES PARA A VOLTA.

Eram quasi oito horas da noite quando a carrocinha que deixamos na estrada transpôz o portão da hospedaria do Correio em Arras. O homem que seguimos até então apeou-se, respondeu com ar distraído ás palavras sollicitas dos creados do pouso, mandou embora o cavallo de reforço, e conduziu em pessoa o cavallinho branco para a estrebaria ; depois empurrou a porta de uma sala de bilhar que ficava no pavimento terreo, entrou, e foi sentar-se a uma mesa. Gastára quatorze horas naquella trajecto, que contára fazer em seis. Reconhecia que não fôra por culpa sua ; mas na realidade estimava que assim houvesse sido.

A estalajadeira entrou:

—O senhor dorme aqui ? ha de querer cear ?

Elle fez com a cabeça um gesto negativo.

—O moço da estrebaria disse-me que o cavallo do senhor está muito cansado.

Aqui rompeu elle o silencio.

—Então o cavallo não poderá seguir viagem amanha de manhan ?

—Oh ! senhor ! precisa pelo menos dous dias de descanso.

Elle perguntou:

—Não é aqui a estação do correio ?

—Sim, senhor.

A estalajadeira levou-o á estação; elle mostrou o passaporte e indagou se não havia meio de voltar naquella mesma noite para M. sobre o M. na mala: o lugar ao lado do correio estava justamente vago; tomou-o e pagou.

—Mas olhe, vm. não deixe de achar-se aqui para partir á uma hora da madrugada em ponto, disse o empregado do correio.

Feito isto, sahiu e pôz-se a andar pela cidade.

Não conhecia Arras, as ruas estavam escuras e elle caminhava ao acaso. Entretanto parecia obstinar-se em não perguntar pelo caminho a quem encontrava. Atravessou o riacho Crinchon e achou-se em um dedalo de ruas estreitas, onde se perdeu. Um burguez caminhava levando uma lanterna na mão. Depois de alguma hesitação, tomou o expediente de dirigir-se áquelle burguez, não sem ter olhado para deante e para trás de si, como se receiasse que alguém ouvisse o que ia dizer.

—Senhor, disse, pôde fazer-me o favor de informar-me onde é o tribunal de justiça ?

—Já vejo que vm. não é da cidade, respondeu o burguez, que era um homem bastante idoso; pois bem, siga-me. Eu vou justamente para o lado do tribunal de justiça, quero dizer, para o lado da residencia do prefeito. Porque a casa do tribunal anda em concertos, e todas as audiencias do fôro são agora provisoriamente na residencia do prefeito.

—E é tambem ahi, perguntou o viajante, que funciona o jury ?

—Certamente, senhor; olhe vm., o que hoje é residencia do prefeito era palacio episcopal antes da revolução. Conzié, que era bispo no anno de 1782, mandou construir allí uma grande sala. E' nessa sala que funciona o jury.

Caminhando, o burguez disse-lhe:

—Se é algum processo que o senhor quer ver, chega um pouco tarde. De ordinario as sessões acabam às seis horas.

Entretanto, ao chegarem á praça principal, o burguez

mostrou-lhe quatro compridas janellas allumiadas na fachada de um grande edificio sumido na escuridão.

—Bofé, senhor, vm. é feliz, ainda chega a tempo. Vê aquellas quatro janellas? E' alli o tribunal do jury. Ha luzes. Por conseguinte ainda não se acabou. O julgamento, sem duvida, demorou-se, e teve de prolongar-se a sessão até á noite. Vm. interessa-se pelo processo? Será algum processo crime? Vm. vae servir de testemunha, não?

O viajante respondeu:

—Não vim para ver processo algum, mas sim para fallar com um advogado.

—E' outro caso, disse o burguez. Olhe, senhor, alli está a porta. Onde ha uma sentinella. Vm. não tem mais que subir a escada principal.

Seguiu á risca as indicações do burguez, e alguns minutos depois achava-se n'uma sala onde havia muita gente e onde grupos confusos de advogados vestidos de béca cochichavam aqui e alli.

E' cousa que sempre aperta o coração ver essas reuniões de homens vestidos de preto, que murmuram entre si no limiar dos tribunaes. E' raro que a caridade e a compaixão saiam de todas aquellas palavras. O que dellas sahe o mais das vezes são condemnações lavradas de antemão. Todos esses grupos parecem ao observador que passa e que cogita, outras tantas colmeas sombrias, onde espiritos zumbidores constroem em commum uma infinidade de edificios tenebrosos.

Aquella sala, espaçosa e allumiada por um unico lampião, era uma antiga sala do palacio episcopal e servia de sala de audiencias. Uma porta de dous batentes, fechada naquelle momento, separava-a de outra, onde funcionava o jury.

A escuridão era tamanha que elle se animou a dirigir-se ao primeiro advogado que encontrou.

—Senhor, disse, em que ponto se acha o julgamento?

—Já terminou, respondeu o advogado.

—Terminou!

Esta palavra foi pronunciada com um tom tal que o advogado voltou-se.

—Perdôe, senhor; vm. sem duvida é algum parente?

—Não. Não conheço ninguem aqui. E houve condemnação?

—De certo. Nem de outra forma podia ser.

—A galês? ...

—Perpetuas.

E elle proseguiu com voz tam sumida que mal se ouvia.

—Então provou-se a identidade?

—Que identidade? respondeu o advogado. Não havia identidade que provar. O processo era muito simples. A mulher tinha matado o filho, provou-se o infanticidio, o jury não reconheceu premeditação, e por isso foi condemnada a galês perpetuas.

—Então foi uma mulher? disse elle.

—Foi sim. A Limosin. De quem me falla o senhor?

—De nada; mas, se o julgamento terminou, porque é que ainda ha luzes na sala?

—E' por causa de outro processo, que entrou em julgamento ha duas horas.

—Que processo é?

—Oh! este tambem é simplicissimo. O reu é uma especie de mendigo, um relapso, um galé, que furtou. Até nem já me lembro bem do seu nome. Aquillo é que é ter cara de malfetor! Sim, por ter semelhante cara, mandava-o de muito boa vontade para as galês.

—Senhor, perguntou o viajante, não haverá meio de entrar na sala?

—Julgo que não. O aperto é grande. Entretanto a sessão foi suspensa. Algumas pessoas sahiram e quando proseguir o julgamento veja se poderá entrar.

—Por onde é que se entra?

—Por aquella porta grande.

O advogado deixou-o. Em alguns instantes sentira elle, quasi ao mesmo tempo, quasi confundidas, todas as commoções possiveis. As palavras daquelle indifferente lhe tinham successivamente atravessado o coração, como agulhas de gelo e como laminas de fogo. Quando viu que nada estava terminado respirou, mas impossivel lhe fôra dizer se o que sentia era contentamento ou dôr. Approximou-se de alguns grupos e escutou o que se dizia. Como tinham sido apresentados muitos processos para entrarem em julgamento, o presidente designára para aquelle mesmo dia dous que eram simples e curtos. Começara-se pelo infanticidio, e agora tratava-se do forçado, do relapso, do *cavallo de retorno*. Esse homem tinha furtado umas maçans, mas isto não estava bem pro-

vado; o que estava provado era que elle estivera nas galês de Toulon. Eis o que lhe tornava sobremaneira critica a posição. O seu interrogatorio terminára e todas as testemunhas já tinham deposto; faltavam o libello do accusador publico e o discurso da defesa; a sessão não terminaria antes da meia-noite. O homem seria provavelmente condemnado; o procurador geral era optimo—e *armava bem a cama* aos accusados—; era um moço espirituoso, que fazia versos.

Um meirinho estava em pé á porta que dava entrada para a sala do jury. Magdalena perguntou a esse meirinho:

—Diga-me, senhor, a porta abrir-se-ha já?

—Não se abrirá, respondeu o meirinho.

—Como! pois não se abrirá a porta quando a sessão proseguir? Não houve uma suspensão?

—A sessão acaba de proseguir, respondeu o meirinho, mas a porta não se abrirá.

—Porque?

—Porque a sala está cheia.

—Nem um só. A porta está fechada. Ninguém mais póde entrar.

O meirinho accrescenton após uma pausa:

—Ha ainda uns dous ou tres lugares por detrás da cadeira do senr. presidente, mas o senr. presidente só os concede a funcionarios publicos.

Dito isto, o meirinho voltou-lhe as costas.

Elle retirou-se cabisbaixo, atravessou a ante-camara e desceu a escada lentamente, parando em cada degrau. É provavel que estivesse deliberando consigo mesmo, o incarniçado combate que se dava dentro nelle desde a vespera não havia cessado; e a cada instante se apresentava uma nova peripecia. Tendo chegado ao patamar, encostou-se á balaustrada e cruzou os braços. De repente desabotou a sobre-casaca e tirou do bolso a carteira, arrancou-lhe uma folha, e, á luz de um lampeão, escreveu a lapis: *Magdalena, maire de M. sobre o M*; depois tornou a subir a escada a passos largos, atravessou a multidão, caminhou para o meirinho, entregou-lhe o papel, e disse-lhe com autoridade:

—Leve isto ao senr. presidente.

O meirinho tomou o papel, leu-o de relance e obedeceu.

VIII

ENTRADA POR FAVOR.

Sem de tal saber, tinha o *maire* de M. sobre o M. uma especie de celebridade. Havia sete annos que a sua reputação de virtude enchia todo o Bas-Boulonnais, e acabára por transpôr os limites de um pequeno districto, espalhando-se por dous ou tres departamentos. Além do serviço consideravel que prestára á cabeça do districto, restaurando a industria das missangas pretas, não havia uma só dentre as 141 communes do districto de M. sobre o M. que não lhe devesse algum beneficio. Assim fôra que elle tivera occasião de amparar com o seu credito e com os seus fundos a fabrica de filó de Boulogne, os teares de linho mechanicos de Frévent e a manufactura hydraulica de panno de Bourbes-sur-Canche. Em toda a parte pronnnciava-se com veneração o nome do senr. Magdalena : Arras e Douai invejavam o seu *maire* á feliz cidadesinha de M. sobre o M.

O conselheiro do tribunal real de Douai, que presidia á sessão do jury de Arras, conhecia como todos esse nome tam geral, e profundamente respeitado. Quando o meirinho, abrindo discretamente a porta que communi-

cava da sala do conselho para o tribunal, inclinou-se por detrás da cadeira do presidente e entregou-lhe o papel em que estava escripta a linha que se acaba de ler, accrescentando : « *Esse senhor deseja assistir á sessão.* », o presidente fez um vivo movimento de deferencia, pegou na penna, escreveu algumas palavras por baixo do mesmo papel, e entregou-o ao meirinho, dizendo :

—Deixe-o entrar.

O homem desgraçado, cuja historia narramos, ficára junto da porta da sala, no mesmo lugar e na mesma attitude em que o meirinho o deixára. Ouviu por entre a sua cogitação uma voz dizer-lhe: « V. s. quer me fazer a honra de seguir-me ? » Era o mesmo meirinho que lhe tinha voltado as costas havia um instante, e que agora se inclinava profundamente comprimentando-o. O meirinho entregára-lhe ao mesmo tempo o papel. Desdobrou-o elle, e, como se achava perto do lampeão, pôde ler: « *O presidente do tribunal do jury apresenta os seus cumprimentos ao senr. Magdalena.* »

Amarrotou o papel na mão, como se aquellas poucas palavras tivessem para elle um estranho gosto amargo do passado.

Seguiu o meirinho.

Alguns minutos depois achava-se só em uma especie de gabinete forrado de madeira, de aspecto severo, allumiado por duas velas postas em cima de uma meza coberta de verde. Soavam-lhe ainda aos ouvidos as ultimas palavras do meirinho, que acabava de deixa-lo alli: « V. s. está na camara do conselho; dando volta a este trinco achar-se-ha no tribunal, por trás da cadeira do senr. presidente. » Estas palavras uniam-se-lhe no pensamento a uma vaga lembrança de corredores estreitos e de escadas escuras por onde acabava de passar.

O meirinho deixara-o só. Era chegado o momento supremo. Buscava recolher-se, mas em vão. É sobre tudo nas horas em que mais nos importa reata-los ás pungentes realidades da vida que todos os fios do pensamento se quebram no cerebro. Elle estava no lugar onde os juizes deliberam e condemnam. Considerava com tranquillidade estúpida aquella camara, socegada e temivel, onde tantas existencias tinham sido aniquiladas, onde em breve soaria o seu nome, e que o seu destino atravessava naquelle momento. Olhava para a parede,

depois para si, admirando-se da camara e de si mesmo.

Nada tinha comido havia mais de vinte quatro horas, estava moido dos solavancos da carrocinha, mas já não o sentia; parecia-lhe que nada tinha.

Chegou-se a um quadro preto pendurado na parede, e que continha uma velha carta autographa de João Nicolão Pache, *maire* de Pariz e ministro, datada, sem duvida por erro, de 9 de junho do anno II, e na qual Pache mandava á communa a lista dos deputados e ministros detidos em suas proprias casas. Quem o houvesse visto e observado naquelle momento teria sem duvida acreditado que aquella carta lhe parecia muito curiosa, porque não tirava della os olhos, e leu-a duas ou tres vezes. Lia-a sem prestar-lhe attenção e sem consciencia do que fazia. Pensava em Fantina e em Cosetta.

Assim pensando, voltou-se, e os seus olhos encontraram o botão de cobre do trinco da porta que o separava da sala do tribunal. Havia quasi esquecido aquella porta. O seu olhar, a principio calmo, fitou-se, cravou-se naquelle botão de cobre, depois tornou-se desvairado e fixo, e encheu-se pouco a pouco de terror. Góttas de suor sahiam-lhe dentre os cabellos e corriam-lhe pelas fontes.

Fez com uma especie de autoridade travada de rebellião esse gesto indescritivel que quer dizer e que com effeito diz tam energicamente: « *Com os diabos! Quem é que me obriga?* » Depois voltou-se arrebatadamente, viu deante de si a porta por onde entrára, caminhou para ella, abriu-a e sahiu. Já se não achava naquella camara; estava fóra, em um corredor, corredor comprido, estreito, cortado de degrãos e janellinhas, descrevendo uma infinidade de angulos, allumiado aqui e acolá por lampeões que semelhavam lamparinas, o corredor por onde tinha entrado. Respirou, applicou o ouvido; nenhuma bulha atrás de si, nenhuma bulha adeante; deitou a fugir, como se o perseguissem.

Depois de ter dobrado muitos dos cotovelos daquelle corredor, tornou a applicar o ouvido. Era sempre o mesmo silencio e a mesma escuridão em terno d'elle. Estava esbaforido, titubeava, encostou-se á parede. A pedra estava fria, o suor gelava-se-lhe na fronte, entesou-se estremecendo.

Então , alli , só , em pé no meio daquella escuridão, tremulo de frio e talvez de outra cousa, pensou.

Pensára toda a noute, pensára todo o dia; já não ouvia em si mesmo senão uma voz que dizia: « Ah! »

Passou-se assim um quarto de hora. Emfim , elle inclinou a cabeça , suspirou com angustia , deixou pender os braços , e voltou pelo caminho por onde tinha vindo. Andava lentamente e como que sob a pressão de um grande peso. Dir-se-hia que alguém o agarrára na sua fuga e obrigava a voltar.

Entrou na camara do conselho. A primeira cousa que avistou foi o fecho da porta. Esse fecho, redondo e de cobre polido , scintillava para elle como uma horrivel estrella. Fitava-o como uma ovelha fitaria os olhos de um tigre.

Não podia despregar dalli os olhos.

De instante a instante dava um passo e approximava-se da porta.

Se escutasse, teria ouvido, como uma especie de murmurio confuso , a bulha que se fazia na sala contigua; mas não escutava, não ouvia.

De repente, e sem que elle proprio soubesse como, achou-se junto da porta , agarrou convulsivamente no fecho: a porta abriu-se.

Elle estava na sala do tribunal.

IX

UM LUGAR ONDE AS CONVICÇÕES ESTÃO PRESTES A FORMAR-SE.

Deu um passo, fechou machinalmente a porta atrás de si e ficou de pé, considerando o que via.

Era um recinto bastante vasto, mal allumiado, cheio, ora de rumor, ora de silencio, onde todo o apparato de um processo crime se ostentava com a sua gravidade mesquinha e lugubre no meio da multidão.

De um dos lados da sala, daquelle onde elle se achava, viu juizes com becas usadas, e ar distrahido, roendo as unhas ou fechando as palpebras; do outro lado, uma multidão andrajosa; advogados em diversas attitudes; soldados cujos semblantes exprimiam integridade e dureza; a madeira que cobria as paredes, velha e manchada, um tecto sujo, mesas cobertas de sarja antes amarella do que verde, portas ennegrecidas pelas mãos; em pregos mettidos na parede candeieiros de tavernas, dando mais fumaça do que luz; em cima das mesas, velas em castiças de cobre; a escuridão, a fealdade, a tristeza; e de tudo isso transsudava uma impressão austera e augusta, porque presentia-se em todo aquelle apparato essa grande cousa humana a que chamam lei e essa grande cousa divina a que chamam justiça.

Ninguém entre a multidão deu pela presença d'elle. Todos os olhares convergiam para um ponto unico, um banco de páu encostado a uma portinha, ao longo da parede, á esquerda do presidente. Naquelle banco, alumado por muitas velas, estava um homem entre dous soldados de policia.

Esse homem era o réu.

Elle não o buscou com os olhos, viu-o. O seu olhar dirigiu-se naturalmente para alli, como se de antemão soubesse onde se achava aquelle vulto.

Pareceu-lhe ver a sua propria pessoa envelhecida, não de certo absolutamente semelhante de rosto, mas de attitude e de aspecto em tudo igual, com os mesmos cabellos erriçados, com os mesmos olhos ferozes e inquietos, com a mesma camisola, tal qual elle era no dia em que entrava em D. ., cheio de odio e escondendo n'alma esse hediondo thesouro de pensamentos horriveis que levára vinte annos a ruminar na prisão.

Disse consigo mesmo, estremecendo :

—Meu Deus ! dar-se-ha caso que eu venha a ficar assim ?

Aquelle ente mostrava ter pelo menos sessenta annos. Todo elle mostrava um ar rude, estúpido e assustado.

A' bulha da porta, alguns expectadores se haviam afastado para dar lugar ao recém-chegado, o presidente voltara a cabeça, e, comprehendendo que o personagem que acabava de entrar era o *maire* de M. sobre o M., comprimentára-o. O procurador-geral, que tinha visto Magdalena em M. sobre o M., onde os deveres do seu cargo o haviam chamado mais de uma vez, reconheceu-o, e comprimentou-o igualmente. Elle quasi que não deu por isso. Sentia uma especie de allucinação ; olhava.

Juizes, um escrivão, soldados de policia, uma multidão de cabeças cruelmente curiosas, tudo isso já elle vira uma vez, outr'ora, havia vinte annos. Todas estas cousas funestas, tornava a encontra-las ; estavam alli, mexiam-se, existiam ; não era já um esforço da sua memoria, uma illusão do seu pensamento ; eram verdadeiros soldados de policia e verdadeiros juizes, uma verdadeira multidão e verdadeiros homens de carne e osso. Já lhe não era possivel duvidar, via reapparecerem e reviverem em torno de si, como tudo o que a realida-

de tem de formidável, os aspectos monstruosos do seu passado.

Tudo isto alli estava patente deante d'elle.

Horrorisou-se, fechou os olhos, e exclamou no fundo d'alma:

—Nunca!

E por um tragico brinco do destino, que fazia todas as suas idéas vacillarem e quasi o endoudecia, era outro elle proprio que alli se achava! Aquelle homem que estavam julgando, todos o chamavam João Valjean.

Tinha deante dos olhos, visão inaudita, uma especie de simulacro do momento mais terrivel de sua vida, representado pelo seu fantasma.

Nada faltava, era o mesmo aparato, a mesma hora da noite, quasi as mesmas caras de juizes, soldados e espectadores. Por cima, porém, da cadeira do presidente havia um crucifixo, que faltava nos tribunaes da época da sua condemnação. Quando elle fôra julgado achava-se Deus ausente.

Havia uma cadeira atraz d'elle; deixou-se cahir em cima, terrificado pelo receio de que poderiam vê-lo. Quando se achou sentado, aproveitou-se de uma pilha de pastas que estava em cima da mesa dos juizes, para esconder o rosto a toda a sala. Agora podia ver sem ser visto. Volveu ao completo sentimento da realidade; pouco a pouco soceçou. Entrou nessa phase de calma que reassumimos a faculdade de ouvir.

Bamatabois achava-se no numero dos jurados.

Procurou Javert, mas não o avistou. A mesa do escrivão encobria-lhe o banco das testemunhas. Demais, como já dissemos, a sala estava mal allumiada.

No momento em que elle entrára terminava o advogado do réu o seu discurso. A attenção de todos tinha chegado ao maior auge; o julgamento principiára havia tres horas. Tres horas havia que toda aquella multidão via curvar-se ao peso de uma verosimilhança terrivel um homem, um desconhecido, uma especie de ente miseravel, profundamente estúpido, se não profundamente astuto. Esse homem, como o leitor já sabe, era um vagabundo que fôra encontrado em um campo, tendo na mão um galho carregado de maçãs maduras, tirado de uma macieira de uma quinta vizinha chamada Pierron. Quem era esse homem? Procedera-se a inda-

gações, interrogaram-se testemunhas, todas foram unânimes, os debates haviam produzido a maior luz. A accusação dizia: « Não é simplesmente um ladrão de fructas, um gatuno; o individuo que vos apresentamos, que se acha em nosso poder, é um malfetor, um relapso das galês, um ex-forçado, um scelerado dos mais perigosos, um malvado chamado João Valjean, que a justiça busca ha muito tempo, e que ha oito annos, ao sahir da prisão de Toulon, atacou e roubou á mão armada, no meio da estrada, um menino saboiano chamado Gervasinho, crime previsto pelo art. 383 do codigo penal, e pelo qual o faremos responder ulteriormente, quando se achar judicialmente provada a identidade. Acaba de commetter um outro roubo. E' um caso de reincidencia. Condemnae-o por este crime recente; depois responderá pelo crime antigo. » Ante esta accusação, ante a unanimidade das testemunhas, o que principalmente se notava no accusado era o espanto. Fazia gestos e signaes que queriam dizer—*não*—, ou punha-se a olhar para o tecto. Poucas palavras dizia, respondia com difficuldade; mas toda a sua pessoa, desde a cabeça até aos pés, era como uma negativa. Parecia um idiota na presença de todas aquellas intelligencias, postas em ordem de batalha em torno d'elle, era como um estranho no meio dessa sociedade que o tinha agarrado. Entretanto pendia-lhe dalli o mais temeroso porvir, a probabilidade crescia de minuto em minuto, e toda essa multidão via com maior anxiedade do que elle mesmo a sentença cheia de calamidades que mais a mais o ameaçava. Uma eventualidade deixava mesmo entrever, além das galês, a pena de morte, se a identidade fosse reconhecida e se o crime commettido contra Gervasinho, e pelo qual devia ulteriormente responder, lhe valesse uma condemnação. Quem era esse homem? De que natureza era a sua apathia? Comprehenderia tudo perfeitamente ou nada entenderia? Taes eram as questões sobre as quaes divergiam os espectadores, sobre as quaes os proprios jurados não pareciam concordes. Havia neste processo tudo o que aterra e enreda, o drama não só era sinistro mas tambem obscuro.

O patrono do réu fizera uma soffrivel defesa, nessa linguagem de provincia, que por muito tempo constituiu

a eloquencia do fôro, e de que usavam outr'ora todos os advogados, tanto em Pariz como em Romorantin ou em Montbrison, mas que hoje, por se ter tornado classica, já não é exclusivamente fallada senão pelos oradores officiaes da justiça, aos quaes convem pela sua sonoridade grave e pelas suas fórmulas cheias de magestade; linguagem em que um marido se chama *um esposo*, uma mulher—*uma esposa*, Pariz—*o fóco das artes e da civilisação*, o rei—*o monarcha*, s. ex. revma. o senr. bispo—*um santo pontifice*, o procurador geral—*o eloquente interprete da vindicta*, os discursos dos advogados—*as brilhantes palavras que acabam de ser pronunciadas*,—o seculo de Luiz XIV—*o grande seculo*, um theatro—*o templo de Melpomene*, a familia reinante—*a augusta progenie dos nossos reis*, um concerto—*uma solemnidade musical*, o senr. general commandante das armas do departamento—*o illustre guerreiro que*, etc., os seminaristas—*os tenros levitas*, os erros imputados aos jornaes—*a impostura que inquina com o seu veneno as columnas destes orgãos*, etc., etc. O advogado, pois, começára por tratar do roubo das maçans, cousa difficil de tratar em estylo florido; mas o proprio Benigno Bossuet viu-se uma vez obrigado, n'uma das suas famosas orações funebres, a fallar de uma gallinha, e houve-se em tal conjunctura com a possivel pompa. O advogado affirmára que o roubo das maçans não estava materialmente provado. O seu cliente, a quem, na qualidade de defensor, persistia em chamar Champmathieu, não fôra visto de ninguem a escalar o muro nem a quebrar o galho. Tinha sido preso com esse galho na mão (o advogado achava mais proprio chamar-lhe *ramo*); mas elle dizia que o encontrára no chão e o apanhára. Onde a prova do contrario? Indubitavelmente esse galho fôra quebrado e furtado depois da escalada, depois largado no chão pelo gatuno assustado; indubitavelmente houvera um ladrão. Mas o que provava que tal ladrão fosse Champmathieu? Uma unica cousa. A sua qualidade de ex-forçado. O advogado não negava que essa qualidade parecesse infelizmente bem provada; o accusado tinha residido em Faverolles; o accusado alli fôra podador; o nome de Champmathieu podia de certo ter por origem *Jean Mathieu*; tudo isto era verdade; emfim, quatro testemunhas re-

conheciam sem hesitar e positivamente Champmathieu como o proprio João Valjean : a estes indícios, a estas testemunhas, o advogado não podia contrapor senão a negativa do seu cliente, negativa suspeita; mas, suppondo que elle fosse o galé João Valjean, provava isto que fosse elle o roubador das maçãs? Era uma presumpção, quando muito; não uma prova. O accusado, na verdade, e o defensor *em sua boa fé* não podia deixar de reconhecê-lo, adoptára *um mau systema de defesa*. Obstinava-se em negar tudo, o roubo e a sua qualidade de forçado. Uma confissão ácerca deste ultimo ponto houvera sido por sem duvida mais proveitosa para elle, e lhe teria conciliado a indulgencia dos seus juizes : o advogado lh'o havia aconselhado ; mas o accusado recusara-se obstinadamente, esperando sem duvida salvar tudo não confessando nada. Procedia mal ; porém não devia ter-se em consideração o acanhamento da intelligencia ? Aquelle homem era visivelmente estúpido. Um longo infortunio nas galês, uma longa miseria fóra das galês, o tinham embrutecido, etc. , etc. ; defendia-se mal : era isto motivo para que fosse condemnado ? Quanto ao crime commettido contra Gervasinho, não incumbia ao advogado discuti-lo, porque não constava do processo. O defensor concluia supplicando aos juizes que, se a identidade de João Valjean lhes parecia evidente, applicassem-lhe as penas comminadas aos que se evadem do desterro, e não o castigo horrivel que fulmina o galé apanhado em reincidencia,

O procurador geral replicou. O seu discurso foi acerbo e florido, como o são habitualmente os de todos os procuradores geraes.

Felicitou o defensor pela sua *lealdade*, e aproveitou-se habilmente de tal lealdade. Fulminou o accusado com todas as concessões que o advogado fizera. O advogado parecêra conceder que o accusado era João Valjean. Aproveitou a concessão. Aquelle homem era effectivamente João Valjean. A propria defesa o confessára e já não lhe era licito contestar. Aqui, por uma habil antonomasia, remontando ás origens e ás causas da criminalidade, o procurador-geral pronunciou-se com a maior vehemencia contra a immoralidade da escola romantica, então na sua aurora sob o nome de *escola satanica*, que lhe haviam conferido os criticos da *Quoti-*

diana e da *Auriflamma*: attribuiu, não sem verosimilhança, á influencia dessa litteratura perversa o delicto de Champmathieu, ou, para melhor dizer, de João Valjean.

Esgotadas estas considerações, passou a tratar do proprio João Valjean. O que era João Valjean? Descripção de João Valjean: um monstro vomitado, etc. O modelo destas especies de descripções acha-se na narração de Thieramene; não sendo util á tragedia, serve quotidianamente de bordão á eloquencia judicaria.

O auditorio e os jurados *estremeceram*. Acabada a descripção, o procurador-geral proseguiu, empregando um estylo pathetico, proprio para excitar no mais subido ponto, no dia seguinte pela manhan, o enthusiasmo do jornal da prefeitura: « E é tal homem, etc., etc., vagabundo, mendigo, sem meios de existencia, etc., etc.; —habituação por sua vida passada ás acções criminosas e pouco corrigido pela sua estada nas galés, como o prova o roubo commettido contra Gervasinho, etc., etc.; —é tal homem que, encontrado na estrada em flagrante delicto de roubo, a alguns passos de um muro escalado, tendo ainda na mão o objecto roubado, nega o flagrante delicto, o roubo, a escalada, nega tudo, nega até o seu proprio nome, até a sua identidade! Alem de grande numero de outras provas, com as quaes não nos demoraremos, quatro testemunhas o reconhecem, Javert, o integro inspector de policia Javert, e tres dos seus antigos companheiros de ignominia, os forçados Brevet, Chenildieu e Cochepaille. O que contrapõe elle a esta unanimidade esmagadora? A sua negativa. Que obstinação! Vós fareis justiça, senrs. jurados, etc., etc.» Enquanto o procurador-geral fallava, o accusado escutava, boquiaberto, com uma especie de atordoamento, em que havia boa dóse de admiração. Sorprehendia-o evidentemente ouvir um homem fallar assim. De espaço a espaço, nos pontos mais *energicos* do libello, nesses instantes em que a eloquencia, já não podendo conter-se, transborda em torrentes de epithetos infamantes e envolve o accusado qual uma tormenta, elle meneava lentamente a cabeça da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, especie de protesto triste e mudo, com que se contentava desde o principio dos de-

bates. Duas ou tres vezes os espectadores que se achavam mais perto d'elle o ouviram dizer a meia voz: « *Ahi está o resultado de não terem perguntado nada ao senr. Baloup!* » O procurador-geral chamou a attenção do jury para aquella attitude aparvalhada, evidentemente calculada, e que denotava, não imbecilidade, mas esperteza, astucia e habito de enganar a justiça, pondo patente a *profunda perversidade* daquelle homem. Concluiu dizendo que guardava para outra oportunidade o crime commettido contra Gervasinho, reclamando uma condemnação severa.

Naquelle caso, lembrado estará o leitor a pena não podia ser outra senão a de galés perpetuas.

O defensor levantou-se, começou por comprimentar o senr. *procurador-geral* pelo seu *admiravel discurso*, depois treplicou como pôde, mais já sem nenhum calor; estava evidentemente posto fóra de combate.

X

O SYSTEMA DAS NEGATIVAS.

Chegára o momento de encerrar os debates. O presidente mandou o accusado levantar-se e fez-lhe a pergunta costumada:

— *Tem alguma cousa que accrescentar á sua defesa?*

O homem, de pé, enrolando nas mãos um horrivel boné que completava o seu vestido, não deu mostras de ter ouvido.

O presidente repetiu a pergunta.

Desta vez o homem ouviu. Pareceu comprehender. Fez o movimento de uma pessoa que desperta, lançou um olhar em torno de si, fitou o publico, os soldados de policia, o seu advogado, os jurados, o tribunal, encostou o punho monstruoso no gradil que ficava deante do seu banco, tornou a fitar, e de repente, cravando os olhos no procurador-geral, poz-se a fallar. Foi como uma erupção. Dissereis, pelo modo porque as palavras lhe sahiam da boca, incoherentes, impetuosas, chocando-se, em confusão, que todas lhe affluíam de tropel aos labios para sabir ao mesmo tempo. Elle disse:

—Aqui está o que eu declaro. Fui fabricante de carros em Pariz, até que por signal trabalhava em casa do senr. Baloup. E' um officio pesado a tal historia de fazer carros; a gente trabalha sempre ao ar livre, nos pateos, de baixo de telheiros, nas casas dos bons patrões, nunca em officinas fechadas, porque isso tomaria lugar, entende o senhor? No inverno, sente-se tanto frio que a gente tem de sacudir os braços para aquecer-se; mas os patrões não querem isto, porque dizem que assim se perde tempo. Pegar em ferro quando o chão está coberto de neve, é duro. Gasta depressa um homem. Os moços ficam velhos com este officio. Aos quarenta annos está um homem acabado. Eu, que já tinha cincoenta e tres, padecia muito. E depois os officiaes são tam implicantes! Quando um pobre homem já não é moço, por dá cá aquella palha não chamam a gente senão *carcassa, velha besta!* Ganhava só trinta soldos por dia, pagavam-me o mais barato que podiam, porque os patrões aproveitavam-se da minha idade. Demais disto, tinha uma filha que lavava no rio. Ganhava um poucachinho pelo seu lado; como eramos dous, a cousa ia indo. Tambem ella padecia muito. Todo o dia mettida n'agua até á cintura dentro de um tanque, á chuva, á neve, com o vento que corta a cara á gente; ainda que gele, não importa, hade se lavar; muitas pessoas como têm pouca roupa querem logo prompta a que mandam para o rio; se não se lavasse, perdia-se a freguezia. As taboas por cima são mal unidas e cahem gottas de agua de toda a parte. As coitadas ficam com as saias todas molhadas, por cima e por baixo. A humidade penetra. Ella trabalhou tambem no lavadouro dos Enfants-Rouges, onde a agua cabe de duas torneiras. Não se está dentro do tanque. Lava-se á torneira que fica por deante e enxagua-se no tanque por detrás. Como tudo é fechado, sente-se menos frio no corpo. Mas lá vem uma bafurada de agua quente que é terrivel e estraga os olhos de uma creatura. Ella voltava ás sete horas da noite, e deitava-se logo; vinha muito cansada. O marido dava-lhe pancada. Por fim de contas, morreu. Nunca fomos lá muito felizes. Era uma boa rapariga, nunca foi a um só baile, sempre socegadinha. Até me lembro de uma terça-feira de entruído em que ás oito horas já ella estava deitada. Ora ahi tem. Eu fallo verdade. Vms. não têm mais que per-

guntar. Ah! pois não! perguntar, pateta que sou! Pariz é uma Babylonia. Quem é que lá sabe o que vem a ser o pae Champmathieu? Porém eu digo a vms. que fallem com o senr. Baloup. Vão a casa do senr. Baloup. Seja lá como for, o que ainda estou por saber é o que querem os senhores comigo.

O homem calou-se, e ficou de pé. Dissera tudo aquillo em voz alta, rapida, rouca e aspera, com uma especie de ingenuidade colerica e selvatica. Houve uma occasião em que parou para comprimentar alguém que se achava entre a multidão. As asseverações que elle parecia proferir ao acaso, accudiam-lhe como que a golfadas, e ajuntava a cada uma dellas o gesto de um lenheiro que corta um tronco. Quando concluiu, o auditorio soltou uma gargalhada: Elle olhou para o publico, e vendo todos a rirem-se, e nada comprehendendo, pôz-se tambem a rir.

Aquillo era sinistro.

O presidente, homem escrupuloso e benevolo, levantou a voz.

—Lembro aos senhores jurados que o senr. Baloup, antigo fabricante de carros, em cuja officina o accusado affirmava ter trabalhado, fôra inutilmente citado. Fallira e não tinha sido possivel descobri-lo.

Depois, voltando-se para o accusado, convidou-o a attender ao que ia dizer-lhe, e accrescentou:

—Você está em uma situação em que lhe cumpre reflectir. As mais graves presumpções pesam sobre a sua pessoa, e podem trazer-lhe consequencias capitaes. Accusado, em seu proprio interesse, interrogo-o ainda uma vez, responda claramente a estas duas perguntas: —Primeira, foi ou não você que saltou o muro da quinta de Pierron, quebrou o galho e roubou as maçans, isto é, commetteu o crime de roubo com escalada?—Segunda, é ou não você o ex-forçado João Valjean?

O accusado sacudiu a cabeça com ar presumido, como um homem que comprehendeu bem uma cousa e sabe o que vae responder. Abriu a boca, voltou-se para o presidente e disse:

—Primeiro que tudo!

Depois olhou para o seu boné, olhou para o tecto, e calou-se.

—Accusado, replicou o procurador geral com voz se-

vera, attenda bem. Você não responde a nada do que lhe perguntam. A sua confusão o condemna. E' evidente que você não se chama Champmathieu, que você é o galé João Valjean disfarçado a principio com o nome de Jean Mathieu que era o de sua mãe, que você esteve em Auvergne, que nasceu em Faverolles onde foi podador. É evidente que você escalou o muro e roubou maçans na quinta de Pierron. Os senhores jurados apreciarão.

O accusado acabára por sentar-se; levantou-se arrebatadamente, quando o procurador-geral concluiu, e bradou:

—O senhor sempre é um homem bem máu! Isto é o que eu queria dizer. A lingua não me ajudou logo. Nada roubei, sou um homem que nem todos os dias come. Vinha d'Ailly, continuava o meu caminho depois de um aguaceiro que tinha posto o campo todo amarello, por signal que os charcos tinham trashedado, e que não se via mais a arêa, e só as pontinhas da relva á beira da estrada; vi no chão um galho que tinha maçans; apanhei o galho sem cuidar que havia de padecer trabalhos por amor d'elle. Ha tres mezes que estou prezo e que me andam a causticar. Ainda por cima, nem eu sei como o diga, põem-se todos a fallar contra mim, todos dizem: «responda!» O soldado, que é bom rapaz, dá-me com o braço e me diz baixinho: «ande, responda.» Eu cá não sei explicar, nunca estudei, sou um pobre homem. Aqui está o que vms. fazem mal de não ver. Não roubei, apanhei uma coisa que estava no chão. Os senhores dizem João Valjean, Jean Mathieu! Não sei quem são estes sujeitos. Devem ser aldeões. Eu trabalhei em casa do senr. Baloup, no *boulevard* do Hospital. Chamo-me Champmathieu. Acho muito engraçado virem cá os senhores dizer-me onde foi que eu nasci. Por mim não sei. Nem todos teem casas para nascer nellas. Assim seria bem bom. Julgo que meu pae e minha mãe eram dessas pobres gentes que andam pelas estradas, mas não sei bem. Quando eu era creança, chamavam-me Pequeno, agora chamam-me Velho. Aqui estão os meus nomes de baptismo. Entendam-me lá como quizerem. Dizem-me que estive em Auvergne, que estive em Faverolles. E que tal! Pois bem! então uma pessoa não póde ter estado em Auvergne e em Faverolles sem ter estado nas galés? Já lhes disse que não

roubei e que sou o pae Champmathieu. Estive na casa do senr. Baloup, onde dormia. O que é verdade é que vms. já me vão aborrecendo com as suas tolices ! Porque será que todos me perseguem com tanta gana ?

O procurador-geral tinha ficado de pé ; dirigiu-se ao presidente :

—Senr. presidente, na presença das negativas confusas, mas tam habeis do accusado, que bem desejaria passar por idiota, porém que o não conseguirá,—nós o prevenimos—, requeremos a v. s. e ao tribunal que hajam de chamar de novo a este recinto os condemnados Brevet, Cochepaille e Chenildieu, e o inspector de policia Javert, afim de serem interpellados pela ultima vez á cerca da identidade do accusado com o galé João Valjean.

—Devo observar ao senr. procurador-geral, tornou o presidente, que o inspector de policia Javert, chamado por suas funcções á cabeça de um dos districtos vizinhos, deixou o tribunal e mesmo a cidade logo depois do seu depoimento. Nós lh'o permittimos tendo previamente consultado v. s. e mesmo o advogado do accusado.

—Assim é, senr. presidente, continuou o procurador-geral. Na ausencia do senr. Javert julgo dever lembrar aos senrs. jurados o que elle disse aqui mesmo ha poucas horas. Javert é um homem estimado que honra com a sua rigorosa e estricta probidade as funcções que exerce, subalternas, mas importantes. Eis em que termos elle depoz : « Não careço por fórma nenhuma das pre-
« sumpções moraes nem das provas materiaes que des-
« mentem as negativas do accusado. Reconheço-o per-
« feitamente. Esse homem não se chama Champma-
« thieu : é um ex-galé muito perverso e temido chama-
« do João Valjean. Não foi sem bastante pezar que o
« deixaram sahir da prisão quando elle acabou de cum-
« prir a pena. Soffreu dezenove annos de galés por cri-
« me de roubo qualificado. Tentára cinco ou seis vezes
« evadir-se. Além do roubo feito a Gervasinho e na quin-
« ta de Pierron, desconfio ser elle o autor de um roubo
« que se deu em casa de s. ex. revm. o fallecido senr.
« bispo de D. . . Vi-o muitas vezes, no tempo em que eu
« servia como guarda nas galés de Toulon. Repito que
« o reconheço perfeitamente. »

Esta declaração tam precisa pareceu produzir uma viva impressão no publico e no jury. O procurador-geral concluiu insistindo para que, visto não achar-se Javert presente, as tres testemunhas Brevet, Chenildieu e Cocheville fossem de novo ouvidas e interrogadas solememente.

O presidente transmittiu uma ordem a um meirinho, e instantes depois a porta da sala das testemunhas abriu-se. O meirinho, acompanhado de um soldado de policia prestes a auxilia-lo, introduziu o condemnado Brevet. O auditorio redobrou de attenção e todos os peitos palpita-vam como se os animasse uma unica alma.

O ex-galé Brevet trajava a vestia preta e cinzenta das prisões centraes. Brevet era um personagem de cerca de sessenta annos, com uma cara de procurador de causas e o ar de um velhaco. São duas cousas que andam ás vezes unidas. Na prisão, para onde voltára em consequencia de novos delictos, conseguira tornar-se uma cousa assim como chaveiro. Era um individuo de quem os cheffes diziam : « Aqui está um homem que busca ser util. » Os esmoleres davam boas informações ácerca dos seus habitos religiosos. Cumpre não esquecer que isto se passava no tempo da restauração.

—Brevet, disse o presidente, você soffreu uma condemnação infamante, e não póde prestar juramento.

Brevet abaixou os olhos.

—Todavia, proseguiu o presidente, mesmo no homem que a lei tem degradado, póde restar, permittindo-o a misericordia Divina, algum sentimento de honra e de equidade. E' para esse sentimento que appello nesta hora decisiva. Se elle existe ainda em você, como quero crê-lo, reflecta antes de responder-me ; considere por um lado este homem que uma palavra póde deitar a perder, por outro lado a justiça que uma unica palavra sua póde esclarecer. O instante é solemne, e você ainda está em tempo de retractar-se, se suppõe que se enganou.—Accusado, levante-se.—Brevet, olhe bem para o accusado, recolha as suas lembranças, e diga-nos em sua alma e consciencia se persiste em reconhecer este homem como o seu antigo camarada de calceta João Valjean.

Brevet olhou para o accusado, depois voltou-se para o tribunal.

—Sim, senr. presidente, fui eu que primeiro o reconheci e persisto. Este homem é João Valjean, que entrou para as galês de Toulon em 1796 e sahiu em 1815. Eu sahi um anno depois. Agora está com um ar aparvalhado, ha de ser pela idade; nas galês era um sonsarrão. Reconheço-o positivamente.

—Vá sentar-se, disse o presidente. Accusado, fique de pé.

Introduziram Chanildieu, condemnado a galês perpetuas, como o indicavam a sua jaqueta encarnada e a capruça verde. Soffria a pena nas galês de Toulon, de onde fôra trazido para depôr naquelle processo. Era baixo, de cerca de cincoenta annos, vivo, enrugado, magrinho, amarello, desfagado, febricitante, e tinha em todos os membros e em toda a sua pessoa uma especie de fraqueza cachetica e no olhar uma força immensa. Os companheiros nas galês o tinham appellidado *Je-nie-Dieu* (Eu nego a Deus.)

O presidente dirigiu-lhe pouco mais ou menos as mesmas palavras que a Brevet.

No momento em que lhe lembrou a infamia que o privava do direito de prestar juramento, Chenildieu levantou a cabeça e encarou a multidão. O presidente convidou-o a reflectir e perguntou-lhe, como a Brevet, se persistia em reconhecer o accusado.

Chenildieu soltou uma gargalhada.

—Essa é boa! se o conheço! andámos cinco annos presos á mesma corrente. Então estás arrufado, meu velho?

—Vá se sentar, disse o presidente.

O meirinho trouxe Cochepaille; este, tambem condemnado a galês perpetuas, vindo de Toulon e vestido de encarnado como Chenildieu, era um camponio de Lourdes e um semi-urso dos Pyrinêos. Guardava rebanhos nas montanhas, e de pastor passára a malfeitor. Cochepaille não era menos selvatico, e parecia ainda mais estúpido do que o accusado. Era um desses desgraçados que a natureza esboçou como irracionais bravios e que a sociedade termina fazendo-os galês.

O presidente buscou aviva-lo com algumas palavras patheticas e graves, e perguntou-lhe, como aos outros dous; se persistia, sem hesitar, sem perturbar-se, em reconhecer o homem que via de pé deante de si.

—E' João Valjean, disse Cochepaille. Por signal que o chamavam João-Guincho, pela muita força que tinha.

Cada uma das asserções desses tres homens, evidentemente sinceros e de boa fé, havia excitado no auditorio um murmurio de máu agouro para o accusado, murmurio que crescia e se prolongava mais tempo de cada vez que alguma nova declaração vinha ajuntar-se á precedente. Quanto ao accusado, esse ouvira-as com ar admirado, que, ao que dizia a accusação, era o seu principal meio de defesa. A' primeira, os soldados de policia que estavam perto d'elle ouviram-n'o resmungar: « Ah! e então! não está má esta! » Depois da segunda, disse um tanto mais alto, com ar quasi satisfeito: « Muito bem! » A' terceira, exclamou: « Melhor! ainda melhor! »

O presidente perguntou-lhe:

—Accusado, você acaba de ouvir. O que tem que dizer?

Elle respondeu:

—Eu digo—melhor! ainda melhor!

Levantou-se no auditorio um grande rumor que se propagou até ao jury. Evidentemente o homem estava perdido.

—Porteiros, disse o presidente, recommendem silencio. Vou encerrar os debates.

Neste instante deu-se um movimento do lado do presidente. Ouviu-se uma voz bradar:

—Brevet, Chenildieu, Cochepaille! olhem para este lado.

Todos os que ouviram aquella voz ficaram gelados, tam lamentosa e terrivel era ella. Olharam para o lado onde a tinham ouvido. Um homem, que estava entre os espectadores privilegiados sentados por trás da mesa do presidente, acabava de levantar-se, empurrára a porta do gradil que separava o estrado do juiz do espaço occupado pelos jurados, e achava-se em pé no meio da sala. O presidente, o procurador-geral, Bamatabois, vinte pessoas, o reconheceram, e exclamaram ao mesmo tempo:

—O senr. Magdalena!

XI

CHAMPMATHIEU CADA VEZ MAIS ADMIRADO.

Era comeffeito elle. O candeeiro do escrivão allumiava-lhe o rosto. Não se lhe notava a desordem no fato, tinha a sobre-casaca abotoada com esmero e o chapéu na mão. Estava muito pallido e tremia ligeiramente. Os cabellos, grisalhos no momento da sua chegada a Arras, achavam-se agora de todo brancos. Tinham branquejado no espaço de uma hora que alli se achava.

Todas as cabeças se ergueram. A sensação foi indescriptivel. Houve no auditorio um instante de hesitação. A voz fôra tam pungente, o homem que alli estava parecia tam calmo, que a principio ficaram todos perplexos. Perguntavam uns aos outros quem era que tinha gritado. Ninguem podia persuadir-se que fosse aquelle homem tam tranquillo que houvesse soltado grito tam terrivel.

Esta indecisão durou apenas alguns segundos. Antes mesmo que o presidente e o procurador geral houvessem podido dizer uma palavra, antes que os soldados de policia e os meirinhos tivessem podido fazer um gesto, o homem que todos chamavam ainda naquelle momento o

senr. Magdalena se dirigira para as testemunhas Cohepaille, Brevet e Chenildieu.

—Vocês não me reconhecem? disse-lhes.

Todos tres ficaram attonitos e indicavam com um signal de cabeça que o não conheciam. Cohepaille intimidado fez-lhe a continencia militar. Magdalena voltou-se para os jurados e para os juizes, e disse com brandura:

—Senrs. jurados, mandem soltar o accusado. Senr. presidente, ordene que me prendam. O homem que a justiça procura, não é elle, sou eu. Eu sou João Valjean.

Todas as bocas soffreavam a respiração. Ao primeiro abalo do espanto succedêra sepulcral silencio. Sentia-se na sala essa especie de terror religioso de que se deixa tomar a multidão quando se consumma alguma cousa extraordinaria.

Entretanto o semblante do presidente revelava sympathia e tristeza; trocára um rapido signal com o procurador-geral e algumas palavras em voz baixa com os conselheiros assessores. Dirigiu-se ao publico e perguntou em tom que foi comprehendido de todos:

—Não haverá algum medico aqui?

O procurador-geral tomou a palavra:

—Senrs. jurados, o incidente tam inaudito e inesperado que perturba a sessão não nos inspira, bem como a vós, senão um sentimento que não carecemos exprimir. Todos vós conheceis, pelo menos de reputação, o honrado senr. Magdalena, *maire* de M. sobre o M. Se ha algum medico entre as pessoas presentes neste auditorio, nós nos juntamos ao senr. presidente para rogar-lhe o favor de acudir ao senr. Magdalena e conduzi-lo á sua residencia.

Magdalena não deixou o procurador-geral concluir. Interrompeu-o com um tom cheio de mansuetude e de autoridade. Eis aqui as palavras que elle pronunciou; ei-las litteralmente, taes quaes foram escriptas logo depois da sessão por uma das testemunhas daquella scena, taes quaes soam ainda hoje aos ouvidos de quantos as ouviram, depois de passados cerca de quarenta annos:

—Obrigado, senr. procurador-geral, eu não estou doudo. V. s. o vae ver. Os senhores iam commetter um

grande erro; soltem este homem; eu cumpro um dever, sou eu proprio o desgraçado condemnado. Sou o unico que vê claro em tudo isto, e digo-lhes a verdade. Deus, do alto do céu, vê o que eu faço neste momento, e é quanto basta. Podem prender-me, eu aqui estou. Fiz quanto pude para evitar esta conjuntura. Tomei outro nome; enriqueci, cheguei a ser *maire*; quiz ser contado entre os homens honrados. Parece que é impossivel. Emfim, ha cousas que não posso dizer; não lhes contarei a minha vida, um dia todos a saberão. Roubei a s. ex. o senr. bispo, é verdade; a Gervasinho, tambem é verdade. Com razão disseram os senhores que João Valjean era um desgraçado muito perverso. Talvez que não seja só d'elle a culpa. Ouçam, senrs. juizes, um homem tam rebaixado como eu não tem exprobrações que fazer à Providencia, nem conselho que dar à sociedade; porém, olhem os senhores, a infamia de que eu tentára sahir é uma cousa nociva. As galês fazem o galê. Conservem isto na memoria, se lhes aprouver. Antes de ir para as galês, era eu um pobre camponez, curto de intelligencia, uma especie de idiota; as galês transformaram-me. Era estúpido, tornei-me malevolo; era uma acha de lenha, tornei-me um tição. Tempos depois, a indulgencia e a bondade salvaram-me, assim como a severidade me havia perdido. Porém, perdoem-me; os senhores não podem comprehender isto. Em minha casa, nas cinzas da chaminé, acharão a moeda de 40 soldos que roubei ha sete annos a Gervasinho. Nada mais tenho que acrescentar. Prendam-me. Meu Deus! o senr. procurador-geral ainda meneia a cabeça, diz: « o senr. Magdalena endoudeceu; » não me acredita! Isto afflige-me. Ao menos, não vão condemnar este homem! Como! pois vocês tres não me reconhecem? Quizera que Javert aqui estivesse. Esse, sim, esse me reconheceria!

Em vão tentariamos exprimir o tom melancolicamente benevolo e sinistro com que eram ditas estas palavras.

Magdalena voltou-se para os tres forçados:

—Pois bem, disse, eu conheço a vocês, Brevet! você lembra-se?

Estacou, hesitou um momento, e proseguiu:

—Lembra-se do suspensorio de ponto de meia e de quadradinhos que você trazia nas galês?

Brevet estremeceu como que transido de surpresa e olhou-o desde os pés até á cabeça com ar espantadico. Quanto a elle, continuou:

—Chenildieu, tu que foste o primeiro a appellidar-te *Je-nie-Dieu*, tens no hombro direito um signal grande de queimadura, porque te deitaste um dia com o hombro em cima de um fogareiro cheio de brazas, para fazer desaparecer as tres letras T. F. P., que todavia ainda se distinguem. Responde, não é verdade?

—E' verdade, disse Chenildieu.

Dirigiu-se a Cochapaille:

—Cochepaille, tu tens no meio do braço esquerdo uma data escripta com letras azues, feitas com polvora moida. Essa data é a do desembarque do imperador em Cannes, em 1 de março de 1815. Arregaça a manga.

Cochepaille arregaçou a manga; todos os olhares em torno delle convergiam para aquelle braço descoberto. Um soldado de policia aproximou um candeeiro; a data alli estava.

O misero voltou-se para o auditorio e para os juizes com um sorriso de que todos quantos o viram não se lembram ainda hoje sem commiserção. Era o sorriso do triumpho, era tambem o sorriso do desespero.

—Já vêem, disse, que sou João Valjean.

Naquelle recinto já não havia juizes, nem accusadorês, nem soldados de policia; não havia senão olhos fixos e corações abalados. Ninguem se lembrava já do papel que tinha de representar, o procurador-geral esquecia-se que estava alli para requerer em bem da justiça; o presidente, para presidir; o defensor, para defender, Causa pasmosa! nenhuma pergunta se fez, nenhuma autoridade interveio. E' que estes espectaculos sublimes arrebatam todas as almas e fazem de todas as testemunhas espectadores. Ninguem talvez comprehendia bem o que sentia; ninguem, de certo dizia que via resplandecer alli uma grande luz; todos internamente se mostravam deslumbrados.

Era evidente que João Valjean alli se achava deante dos olhos de todos. Isto era claro como a luz meridiana. A apparição desse homem bastára para espancar as trevas que até momentos antes envolviam aquella aventura. Sem que já carecesse de explicação alguma, toda aquella multidão, como por uma especie de communica-

ção electrica, comprehendeu para logo de um unico relance de olhos essa simples e magnifica historia de um homem que se entregava para que outrem não fosse condemnado em seu lugar. Os pormenores, as hesitações, as resistencias provaveis, ninguém nisso attentou ante o immenso factio luminoso. Impressão que se desvaneceu depressa, mas que na-quelle instante foi irresistivel.

—Não quero perturbar por mais tempo a sessão, continuou João Valjean. Retiro-me, já que não me prendem. Tenho muitas cousas que fazer. O senr. procurador-geral sabe quem sou, sabe para onde vou, ordenará que me prendam quando quizer.

Dirigiu-se para a porta principal. Nenhuma voz se levantou, nenhum braço se estendeu para detê-lo. Todos se afastaram. Elle tinha naquelle momento esse não sei que divino que faz que as turbas recuem e abram caminho a um homem. Atravessou a multidão a passos lentos. Nunca se soube quem abriu a porta, mas é certo que ella achou-se aberta quando elle chegou ao limiar. Então voltou-se e disse :

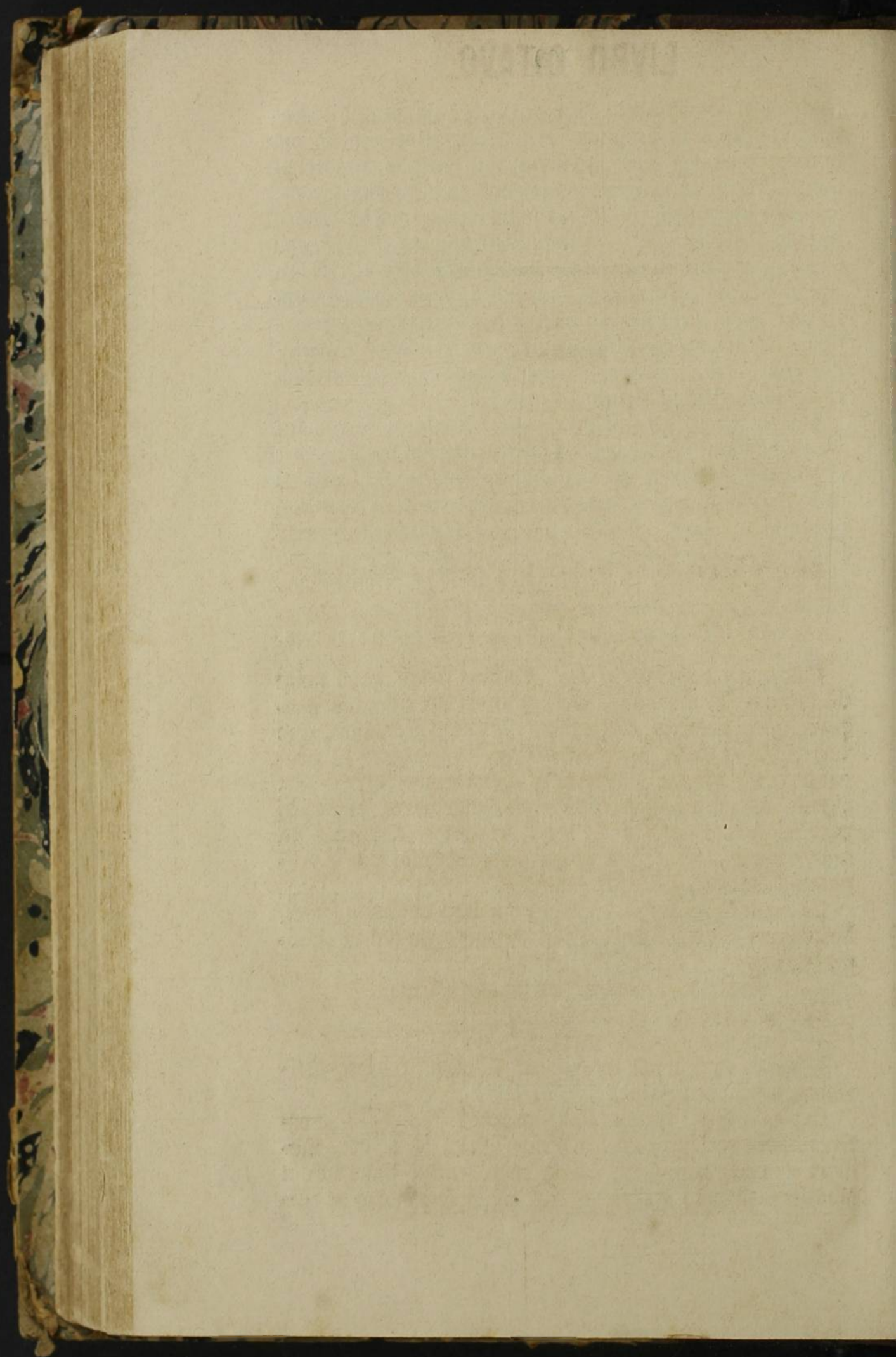
—Senr. procurador-geral, fico á disposição de v. s.

Depois dirigiu-se ao auditorio :

—Vós todos aqui presentes, achaes-me digno de compaixão, não é assim? Meu Deos! quando penso no que estive para fazer, sinto-me digno de inveja. Todavia preferiria que isto não houvesse acontecido.

Sahiu e a porta tornou a fechar-se como se tinha aberto, porque os que fazem certas cousas soberanas sempre contam com-alguem que os sirva entre a multidão.

Dahi a menos de uma hora a sentença do jury absolvia Champmathieu; e Champmathieu posto em liberdade incontinentemente, retirava-se estupefacto, suppondo que todós os homens haviam endoudecido e sem comprehender nada daquella visão.



LIVRO OITAVO.

REPERCUSSÃO.

I

EM QUE ESPELHO VÊ MAGDALENA OS SEUS CABELLOS.

Começava a romper o dia. Fantina tivera uma noite de febre e de insomnia, porém cheia de ridentes imagens; pela manhã adormeceu. A irman Simplicia, que velava junto della, aproveitou esse somno para ir preparar outra 'poção de quina. A digna irman achava-se a alguns instantes no laboratorio da enfermaria, inclinada para as suas drogas e os seus frascos, e firmando de muito perto a vista, por causa desse orvalho que o crepusculo espalha sobre os objectos.

De repente levantou a cabeça e soltou um grito fraco. Magdalena estava deante della. Acabava de entrar silenciosamente.

—E' vm., senr. *maire*! exclamou a irman.

Elle respondeu, em voz baixa:

—Como vae a pobre mulher?

—Menos mal, neste momento. Hontem, porém, estivemos bem assustadas!

Explicou-lhe o que se tinha passado, que Fantina estivera bem mal na vespera e que agora se achava melhor, porque suppunha que o senr. *maire* tinha ido a Montfermeil para trazer-lhe a filha. A irman não se ani-

mou a interroga-lo; mas bem viu pelo seu ar que não era dalli que vinha.

—Muito bem, disse Magdalena, foi bem que a não desenganassem.

—Sim, tornou a irman, mas agora, senr. *maire*, em ella vendo que vin. lhe não traz a filha, o que havemos de dizer-lhe?

Elle ficou um momento pensativo.

—Deus nos inspirará, disse!

—Já se vê que a gente não ha de mentir, murmurou a irman.

Já era dia claro na camara. A luz batia em cheio no rosto de Magdalena. A irman levantou os olhos por acaso.

—Meu Deus, senhor! exclamou, o que lhe aconteceu? os seus cabellos estão brancos!

—Brancos! disse elle.

A irman Simplicia não tinha espelho; remexeu em uma trouxa, e tirou della um espelhinho de que se servia o medico da enfermaria para verificar se um doente estava morto e já não respirava. Magdalena pegou no espelho, mirou os cabellos, e disse:

—E' verdade!

Pronunciou estas palavras com indifferença e como se pensasse em outra cousa.

A irman sentia-se gelada, por entrever o que quer que fosse incognito em tudo aquillo.

Elle perguntou:

—Posso vê-la?

—O senr. *maire* ha de mandar buscar a menina, não é assim? disse a irman, quasi sem animo de fazer-lhe uma pergunta.

—De certo; mas só poderá achar-se aqui dentro em dous ou tres dias.

—Se daqui até lá ella não o visse, tornou timidamente a irman, não saberia que vin. já voltou, seria facil induzi-la a ter paciencia, e quando a creança chegasse, acreditaria naturalmente que a filha tinha vindo com vin. Assim não se teria de mentir.

Magdalena pareceu reflectir alguns instantes, depois disse com a sua serena gravidade:

—Não, minha irman, importa que eu a veja. Talvez em breve não tenha tempo de meu.

A religiosa não pareceu notar a palavra *talvez*, que da-

va um sentido obscuro e singular á resposta do *maire*. Respondeu abaixando respeitosamente os olhos e a voz:

—Ella está descansando, mas neste caso o senr. *maire* pode entrar.

Magdalena fez algumas observações a respeito de uma porta que fechava mal, e cuja bulha podia acordar a doente, depois entrou no quarto de Fantina, approximou-se do leito e entreabriu o cortinado. Ella dormia. A respiração sahia-lhe do peito com o rumor tragico, peculiar dessas doenças, e que afflige as pobre mães que velam de noite junto do filhinho desenganado e adormecido. Mas aquella respiração penosa perturbava-lhe apenas uma especie de serenidade ineffavel, esparzida no rosto, e que a transfigurava no meio do somno. De pallida tornára-se alva; tinha as faces roseadas. Os compridos cilios louros, a unica belleza que lhe restava da sua virgindade e da sua juventude, palpitavam-lhe conservando-se cerrados e abaixados. Toda ella tremia como que por uma especie de movimento de azas prestes a estenderem-se e a arrebatarem-na, azas cujo estremecimento se sentia, mas que ninguem divisava. Ao vê-la assim, ninguem acreditaria que era uma doente quasi desenganada. Parecia antes um ente que vae voar do que uma creatura que vae morrer.

O galho, quando uma mão se aproxima para tirar-lhe a flôr, estremece, e como que a uma se esquivava e se offerece. O corpo humano tem alguma cousa desse estremecimento quando chega o instante em que os dedos mysteriosos da morte vão colher a alma.

Magdalena ficou algum tempo immovel junto do leito olhando alternativamente para a doente e para o crucifixo, como fazia dous mezes antes, no dia em que viera visital-a pela primeira vez naquelle asylo.

Alli estavam ambos na mesma attitude; ella dormindo, elle rezando; a unica differença era que agora, ao cabo desses dous mezes, a doente tinha cabellos grisalhos e elle cabellos brancos.

A irman não o acompanhára. Elle parara junto da cama, em pé, com o indice encostado na boca, como se no quarto houvesse alguma pessoa a quem recommendasse silencio.

A doente abriu os olhos, avistou-o, e disse tranquillamente, sorrindo-se: —E Cosetta?

II

FANTINA FELIZ.

Não fez o menor movimento de surpresa, nem o menor gesto de alegria; toda ella era alegria. Esta simples pergunta: « E Cosetta? » foi feita com tam profunda fê, com tanta segurança, com tam completa ausencia de inquietação e de duvida, que Magdalena não achou uma palavra para responder. Ella continuou:

—Eu sabia que vm. estava ahí; dormia, mas via-o. Ha muito tempo que o vejo; segui-o com os olhos toda a noite. Vm. estava todo cercado de luz e tinha em torno de si uma infinidade de figuras celestes.

Elle levantou os olhos para o crucifixo.

—Mas, continuou a enferma, onde está Cosetta? Porque não a puzeram aqui em cima da cama para que eu a visse logo que acordasse?

Magdalena respondeu machinalmente o que quer que fosse de que não pôde recordar-se nunca.

Felizmente o medico, que fôra avisado, veio á enfermaria e ajudou Magdalena a sahir do embaraço.

—Minha amiga, disse, socegue. Sua filha está lá fóra. Os olhos de Fantina illuminaram-se e cobriram-lhe to-

do o rosto de claridade. Pôz ella as mãos com uma expressão que continha tudo o que pôde haver de mais violento e mais doce na oração :

—Oh ! exclamou, vão busca-la !

Maviosa illusão de mãe ! Cosetta era sempre para ella a creancinha que não tardaria a ver.

—Ainda não, tornou o medico ; já, não. Você tem um restinho de febre. A vista de sua filha a abalaria e far-lhe-hia mal. Deve ficar boa primeiro.

Ella interrompeu-o arrebatadamente.

—Porém eu já estou boa ! digo-lhe que estou boa ! Que medico burro ! Vamos ! quero ver minha filha, quero !...

—Está vendo, disse o medico, como você se arrebatou ? Em quanto estiver assim, não consentirei que lhe tragam sua filha. O que mais lhe importa não é vê-la, é viver para ella. Quando você estiver socegada, eu mesmo lh'a trarei.

A pobre mãe curvou a cabeça.

—Senr. medico, peço-lhe perdão, peço-lhe humildemente perdão. Em outro tempo eu não teria fallado como ha pouco ; tem-me acontecido tantas desgraças, que já nem sei o que digo. Eu o entendo, o senhor receia que o abalo me faça mal ; esperarei quanto quizerem, mas juro-lhe que me faria bem ver minha filha. Eu a vejo, não me sahe de deante dos olhos desde hontem de tarde. Sabe o senhor ? se m'a trouxessem agora, eu me poria a fallar-lhe bem baixinho. Nada mais. Não é tam natural que tenha vontade de ver minha filha que se foi buscar de proposito a Montfermeil ? Não eston zangada. Sei perfeitamente que vou ser feliz. Toda a noite levei a ver tudo diaphano e pessoas a me sorrirem. Quando o senr. medico quizer, me trará a minha Cosetta. Já não tenho febre, porque estou boa ; sinto mesmo que não tenho mais nada ; mas vou fazer-me de doente e ficar quieta para agradar ás senhoras que me tratam. Quando virem que estou bem socegada, dirão : « Agora podemos entregar-lhe a filha. »

Magdalena sentára-se em uma cadeira que estava junto da cama. A doente voltou-se para elle ; fazia evidentemente esforços para parecer calma e *bem socegada*, como dizia, nesse abatimento que se assemelha á infancia, afim de que, vendo-a tam tranquillã, nenhuma du-

vida puzessem em trazer-lhe Cosetta. Entretanto, assim mesmo contendo-se, não podia abster-se de fazer mil perguntas a Magdalena.

—Que tal lhe foi de viagem, senr. *maire*? Oh! que bondade teve vm. para mim indo busca-la! Diga-me ao menos como ella está. Supportou bem a viagem? Ah! não ha de conhecer-me. Depois de tanto tempo, a pequerrucha já não deve lembrar-se de mim! Isto de creanças não têm memoria nenhuma. São como os passarinhos. Hoje vêem uma cousa e amanha outra, e não pensam em nada. Tinha ao menos roupa branca? Esses Thénardier traziam-n'a limpinha? Que lhe davam para comer? Oh! se o senhor soubesse quanto eu sofria quando pensava nisto no tempo da minha miseria! Agora já passou! Estou contente! Oh! que vontade tenho de vê-la! Diga-me vm., a minha filha não é bonitinha? O senr. sentiu muito frio na diligencia, não? Não poderiam trazer-m'a aqui só por um instantesinho? Depois levavam-a logo! Falle! o senhor é o dono da casa, se quizesse!.....

Magdalena pegou-lhe na mão:

—Cosetta é bonita, disse, Cosetta está boa, você vê-la-ha breve, socegue. Não falle tam alto, não descubra os braços; isto a faz tossir.

Comeffeito a tosse interrompia Fantina quasi a cada palavra.

Ella não murmurou, receiosa de haver abalado com algumas queixas sobremodo vivas a confiança que queria inspirar, e entrou a dizer palavras indifferentes.

—Não acha que Montfermeil é um lugar bem bonito? No verão muita gente vae lá divertir-se. O negocio dos Thenardier prospera? Por aquelles sitios passam muito poucos viajantes. Tambem a estalagem delles é uma especie de baiúca.

Magdalena continuava a pegar-lhe na mão, fitava-a com anciedade; era evidente que elle viera para dizer-lhe cousas deante das quaes o seu pensamento agora hesitava. O medico, feita a visita, retirára-se. Só a irman Simplicia tinha ficado com elles.

Entretanto, no meio daquelle silencio, Fantina exclamou:

—Estou a ouvil-a! men Deus! estou a ouvil-a!

Estendeu o braço para impôr silencio em torno de si,

recolheu a respiração e pôz-se a escutar com arroubo.

Havia uma creança a brincar no pateo ; o filho da porteira ou de uma obreira qualquer. Acasos como este dão-se sempre e parecem fazer parte do mysterioso apparatus dos acontecimentos lugubres. A creança, que era uma menina, andava daqui para alli, corria para aquecer-se, ria-se e cantava em alta voz ! Ah ! a que é que não se ajuntam os brincos das creanças ! Era essa menina que Fantina ouvia cantar.

— Oh ! proseguiu ella, é a minha Cosetta ! conheci logo a sua voz !

A menina afastou-se como tinha vindo, a voz sumiu-se ; Fantina applicou ainda o ouvido por algum tempo, depois ennuviou-se-lhe o rosto, e Magdalena ouviu-a dizer em voz baixa :

— Que crueldade a desse medico que não me deixa ver minha filha ! Não é sem razão que acho tam implicante a cara daquelle homem !

Entretanto voltaram-lhe as idéas ridentes. Continuou a fallar consigo mesma, com a cabeça encostada no traverseiro :

— Como vamos ser felizes ! Em primeiro lugar, teremos um jardim ! o senr. Magdalena m'o prometteu. Minha filha brincarà no jardim. Já deve conhecer as letras. Ensina-la-hei a soletrar. Ella correrà por cima da relva atrás das borboletas. Segui-la-hei com os olhos. E depois chegarà o dia da sua primeira communhão. E' verdade ! quando será esse dia ?

Pôz-se a contar pelos dedos.

— Um, dous, tres, quatro. . . . ella tem cinco annos. Daqui a sete. Terà o seu véu branco, meias abertas, ha de parecer uma mulherzinha. O' minha boa irman, veja como sou tola ! pois não estou já pensando na primeira communhão de minha filha !

E pôz-se a rir.

Magdalena tinha largado a mão de Fantina. Ouvia-lhe aquellas palavras como quem ouve o susurro do vento, flos os olhos no chão, immerso o espirito em insondaveis reflexões. De repente ella cessou de fallar, isto o fez levantar a cabeça. Fantina tornára-se horrivel.

Já não fallava, já não respirava ; tinha o corpo um tanto levantado, o hombro descarnado sahia-lhe da camisa ; o rosto, momentos antes radiante, estava livido, e ella

parecia fitar seus olhos arregalados pelo terror no que quer que fosse de formidável que via deante de si do outro lado do quarto.

—Meu Deus! exclamou Magdalena. O que tem você, Fantina?

Ella não respondeu, não affastou os olhos do objecto que parecia ver; tocou-lhe no braço com uma das mãos e com a outra fez-lhe signal que olhasse para trás.

Elle voltou-se e avistou Javert.

III

JAVERT CONTENTE.

Eis o que se tinha passado.

Acabava de dar meia hora depois da meia noite, quando Magdalena sahiu da sala do jury de Arras. Chegára á hospedaria justamente a tempo de regressar na mala-posta, cujo lugar, lembrado estará o leitor, havia tomado. Um pouco antes das seis horas da manha chegára a M. sobre o M., e o seu primeiro cuidado fôra deitar na caixa do correio a carta que escrevêra a Lassite e depois viêra á enfermaria para visitar Fantina.

Entretanto, apenas elle sahira da sala do jury, o procurador-geral, tornando a si do seu primeiro abalo, tomára a palavra para deplorar o acto de loucura do honrado *maire* de M. sobre o M., declarando outrosim que as suas convicções em nada se haviam modificado com aquelle singular incidente que depois se esclareceria, e exigindo, no emtanto, a condemnação de Champmathieu, que era evidentemente João Valjean. A persistencia do procurador-geral achava-se manifestamente em contradicção com o sentimento de todos, do publico, dos juizes e do jury. Pouco custára ao defensor refutar aquelle dis-

curso e afirmar que, á vista das revelações do senr. Magdalena, isto é, do verdadeiro João Valjean, a face do processo se achava de todo o ponto mudada, e que o jury já não tinha deante dos olhos senão um innocente. O advogado prevalecêra-se daquelle facto para soltar algumas epiphonemas, infelizmente não muito novas, sobre os erros judiciarios, etc., etc.; o presidente, no seu resumo, encostára-se á opinião do defensor, e o jury dentro em alguns minutos havia declarado a não culpabilidade de Champmathieu.

Entretanto o procurador-geral queria a todo o custo um João Valjean, e como já não tivesse Champmathieu, agarrou-se a Magdalena.

Immediatamente depois da soltura de Champmathieu, encerrou-se elle com o presidente. Deliberaram *sobre a necessidade de proceder á captura do maire de M. sobre o M.* Esta phrase, em que ha tantos *de*, é do procurador-geral, inteiramente escripta pelo seu proprio punho na minuta do relatorio apresentado ao procurador da corôa. Passado o primeiro abalo, o presidente fez poucas objecções. Cumpria que a justiça corresse os seus tramites. Demais, para nada omittirmos, ainda que o presidente fosse um homem bom e bastante intelligente, era ao mesmo tempo muito realista e quasi exaltado, e escandalisára-se ouvindo o *maire* de M. sobre o M., quando fallára no desembarque de Cannes, dizer o *imperador*, e não *Buonaparte*.

Expediu-se pois a ordem de prisão. O procurador-geral mandou-a para M. sobre o M. por um proprio a toda a brida, e encarregou Javert de executa-la.

Sabe-se que Javert voltára para M. sobre o M. logo depois do seu depoimento.

Javert levantava-se da cama no momento em que o proprio lhe entregou a ordem e o mandado de captura.

O proprio era tambem empregado de policia, muito entendido, e, em duas palavras, inteirou Javert de quanto se passára em Arras. A ordem de prisão, assignada pelo procurador-geral, era assim concebida: « O inspector Javert proceda á captura do senr. Magdalena, *maire* de M. sobre o M., que na audiencia de hoje se reconheceu ser o ex-galé João Valjean. »

Quem não conhecesse Javert e o tivesse visto no mo-

mento em que elle entrou na antesala da enfermaria, nada houvera adivinhado do que se passava, e ter-lhe-hia achado o ar mais natural do mundo. Quem o conhecesse a fundo, e o tivesse examinado, houvera tremido. A fivela da gravata de couro, em vez de achar-se em cima da nuca, ficava-lhe por baixo da orelha esquerda. Isto revelava uma agitação inaudita.

Javert era um character completo; o rigor que punha no cumprimento do seu dever igualava o que punha no modo de trazer o uniforme; methodico para com os malfeitos, rigido para com os botões da sua sobrecasaca.

Elle que trazia aquella fivela fóra do lugar, não era senão porque sentia uma dessas commoções a que poderíamos chamar terremotos internos.

Viera só, tomára um cabo e quatro soldados no corpo da guarda vizinho, deixára a força armada no pateo, e pedira á porteira que lhe indicasse o quarto de Fantina, ao que ella se prestou sem desconfiança, por estar acostumada a ver soldados virem procurar o *maire*.

Chegando áquelle quarto, Javert dêu volta á chave, empurrou a porta com a delicadeza de um enfermeiro ou de um espião de policia, e entrou.

Propriamente fallando não entrou. Ficou junto da porta meio aberta, com o chapéu na cabeça e a mão esquerda mettida na sobrecasaca abotoada até ao queixo. Na dobra que a manga fazia no cotovello podia ver-se o castão de chumbo da sua enorme bengala que trazia escondida por detrás.

Ficou assim quasi um minuto, sem qpe ninguem dêsse pela sua presença. De repente Fantina levantou os olhos, viu-o e fez Magdalena voltar-se.

No instante em que o olhar de Magdalena encoutrou o de Javert, este, sem mexer-se, sem dar um passo, tornou-se horroroso. Nenhum sentimento humano consegue tornar-se horrivel como a alegria.

Era o rosto de um demonio no momento em que descobre a victima que lhe escapára.

A certeza de que João Valjean se achava finalmente em seu poder fez apparecer-lhe na physionomia tudo quanto tinha na alma. O fundo remexido subiu á superficie. A humilhação de ter por algum modo perdido a pista e tomado Champmathieu, alguns minutos, por

João Valjean, desvanecia-se ante o orgulho de ter também adivinhado logo no principio e de haver tido por tanto tempo tam perfeito instincto. O contentamento de Javert manifestou-se na sua attitude soberana. A desformidade do triumpho expandiu-se naquella fronte acanhada. Mostrou todo o horror que pôde ver-se em um rosto satisfeito.

Javert naquelle momento estava no céu. Sem que o pensasse claramente, mas não obstante com uma intuição confusa de quanto valia e do seu triumpho, personificava, elle Javert, a justiça, a luz e a verdade em sua função celeste de esmagar o mal. Atrás e em torno de si, e em profundezas infinitas, tinha a autoridade, a razão, a cousa julgada, a consciencia legal, a vindicta publica, todas as estrellas, protegia a ordem, fazia rebentar da lei o raio, vingava a sociedade, era a força ás ordens do absoluto; entonava-se cingido de luz; havia na sua victoria um resto de repto e de combate; em pé, altivo, resplandecente, ostentava a bestialidade sobrehumana de um archanjo feroz: a sombra temerosa da acção que praticava tornava-lhe visivel no punho convulsivamente cerrado o vago lampejo do gladio social; feliz e indignado, tinha debaixo das plantas o crime, o vicio, a rebellião, a perdição, o inferno, resplandecia, exterminava, sorria-se e havia uma incontestavel grandeza nesse San' Miguel monstruoso.

Javert, assim horrivel, nada tinha de ignobil.

A probidade, a sinceridade, a candura, a convicção, a idéa do dever, são cousas que, errando, podem tornar-se hediondas, mas que, assim mesmo hediondas, nada perdem da propria grandeza; a sua magestade, peculiar da consciencia humana, persiste no horror: são virtudes que têm um vicio—o erro. A inexoravel alegria espontanea de um fanatico que commetteu uma atrocidade conserva não sei que esplendor lugubrememente veneravel. Javert, sem que o desconfiasse, era, como todo o ignorante que triumpho, digno de lastima no meio de seu formidavel jubilo. Nada era tam pungente e terrivel como esse semblante em que se mostrava o que poderia chamar-se—toda a perversidade do bem.

IV

A AUTORIDADE REASSUME OS SEUS DIREITOS.

Fantina não tinha visto Javert desde o dia em que o *maire* a tirára das mãos daquelle homem. O seu cerebro enfermo não comprehendeu nada; pareceu-lhe que elle viera para prendê-la. Não pôde supportar aquella figura horrivel, tapou o rosto com as mãos e gritou angustiada :

—Salve-me, senr. Magdalena!

João Valjean,—só assim o chamaremos daqui em diante,—tinha-se erguido. Disse para Fantina com a sua voz mais branda e calma :

—Não tenha medo. Não é por você que elle aqui vem.

Depois, dirigindo-se a Javert, disse :

—Já sei o que quer.

Javert respondeu :

—Anda dahi !

Houve no modo porque Javert pronunciou estas duas palavras o que quer que fosse selvatico e phrenetico. Javert não disse: « Anda dahi ! » disse « *Andahi!* » Ne-

nhuma orthographia poderia exprimir o tom com que isto foi pronunciado; já não era palavra humana; era um rugido.

Não procedeu como de costume; não expôz o caso; não exhibiu mandado de captura. Para elle, João Valjean era uma especie de combatente mysterioso e invencivel, um lutador tenebroso, que apertava nos braços havia cinco annos sem poder derriba-lo. Aquella prisão não era um principio, mas um fim. Limitou-se a dizer:

—Anda dahi!

Assim fallando, não deu um passo; cravou em João Valjean esse olhar que elle empregava como harpão, e com o qual attrahia violentamente a si os miseraveis.

Fôra esse mesmo olhar que Fantina sentira entranhar-se-lhe até á medulla dos ossos havia dous mezes.

Ao grito de Javert, Fantina tornára a abrir os olhos. O senr. *maire* alli estava; o que podia ella temer?

Javert avançou até ao meio do quarto e bradou:

—Então, não vens?

A misera olhou em torno de si. As unicas pessoas que alli se achavam eram a religiosa e o *maire*. A quem se dirigia pois aquelle autoamento abjecto? A ella sómente. Estremeceu.

Então viu uma cousa inaudita, de tal modo inaudita que de certo nunca lhe apparecêra igual nos mais negros delirios da febre.

Viu o beleguim Javert deitar a mão á gola do senr. *maire*; viu o senr. *maire* curvar a cabeça. Pareceu-lhe que o mundo se aniquilava.

Javert comeffeito agarrára a João Valjean pela gola.

—Senr. *maire*! gritou Fantina.

Javert soltou uma gargalhada, essa medonha gargalhada que lhe descobria todos os dentes.

—Aqui já não ha *maire*!

João Valjean nem tentou afastar a mão que o segurava pela gola da sobre-casaca. Disse:

—Javert. . .

Javert interrompeu-o.

—Chama-me senr. inspector.

—Senhor, proseguiu João Valjean, desejava dizer-lhe uma palavra em particular.

—Alto! falla alto, respondeu Javert, comigo todos fallam alto!

João Valjean continuou abaixando a voz:

—Queria fazer-lhe uma supplica. . . .

—Digo-te que falles alto.

—Mas que só deve ser ouvida pelo senhor. . . .

—Que me importa? não ouço!

João Valjean voltou-se para elle, e disse-lhe rapidamente e em voz mui baixa:

—Conceda-me tres dias! Tres dias, para ir buscar a filha desta desgraçada mulher! Pagarei o que fôr preciso! O senhor me acompanhará se quizer.

—Estás brincando! bradou Javert. Devéras, não te suppunha tam pateta! Pedes-me tres dias para te pôres ao fresco! Dizes que é para ir buscar a filha desta rapariga! Ah! ah! é divertido! é realmente muito divertido!

Fantina estremeceu.

—Minha filha! exclamou, ir buscar minha filha? Então ella não está aqui! Minha irman, responde-me, onde está Cosetta? eu quero minha filna! senr. Magdalena! senr. *maire*!

Javert bateu com o pé.

—Ahi temos a outra, agora! Vê lá se te calas, marota! Que diabo de terra esta, onde os galês são magistrados e as mulheres perdidas tratadas como condessas! Ah! tudo isto vae ter seu termo; já era tempo!

Olhou fixamente para Fantina, e accrescentou, tornando a deitar a mão á gravata, á camisa e á gola de João Valjean:

—Digo-te que aqui já não ha senr. Magdalena nem senr. *maire*. O que ha é um ladrão, um salteador, um galé chamado João Valjean! é elle que está neste momento nas minhas mãos! ahi tens o que ha!

Fantina ergueu-se toda tremula, firmando-se em ambos os braços inteiriçados e em ambas as mãos, olhou para João Valjean, olhou para Javert, olhou para a religiosa, abriu a boca, como se quizesse fallar, sahiu-lhe um estertor da garganta, bateram-lhe os dentes, estendeu os braços com angustia, abrindo convulsivamente as mãos, e estendendo-as em torno de si como um misero que se afoga, depois cahiu de subito em cima do travesseiro.

A fronte bateu na cabeceira do leito e pendeu-lhe inerte para o peito, com a bocca aberta, os olhos arregalados e sem brilho.

Estava morta.

João Valjean pegou na mão com que Javert o segurava, e abriu-a como se fôra a de uma creança; depois disse-lhe:

—Você matou esta mulher.

—Acabemos com isto! bradou Javert furioso; não estou aqui para ouvir sermões. Deixemo-nos de perlangas; os soldados estão lá em baixo; é caminhar quanto antes, quando não, olha as algemas!

Havia n'um canto do quarto uma velha cama de ferro bastante estragada, onde as irmãs descansavam quando passavam a noite a velar. João Valjean caminhou para essa cama, arrancou em um abrir e fechar de olhos a barra da cabeceira, já de todo desconjuntada, cousa facil para musculos como os seus, empunhou essa vara de ferro, e encarou Javert. Javert recuou até á porta.

João Valjean, com a sua barra em punho, dirigiu-se lentamente para o leito de Fantina. Quando alli chegou voltou-se e disse para Javert com uma voz que apenas podia ouvir-se:

—Dou-lhe de conselho que não me incommode neste momento.

O que é certo é que Javert tremia.

Lembrou-se de ir chamar os soldados, mas João Valjean podia aproveitar-se desse momento para evadir-se. Ficou, pois; pegou a bengala pela ponteira, e encostou-se á ombreira da porta, sem tirar os olhos de cima de João Valjean.

João Valjean firmou o cotovello na maçaneta da cabeceira do leito, encostou o rosto na mão, e pôz-se a contemplar Fantina immovel e inteiriçada. Ficou assim, absorto, mudo, e já não pensando evidentemente em cousa alguma desta vida. No rosto e na attitude não se lhe notava mais do que uma inexprimivel commiserção. Passados alguns instantes nesse cogitar, inclinou-se para Fantina e fallou-lhe em voz baixa.

O que lhe diria elle? O que poderia dizer aquelle homem condemnado áquella mulher que estava morta? Que palavras seriam essas? Ninguem na terra as ouviu. Tê-las-hia ouvido a defunta? Ha illusões que são talvez

realidades sublimes. O que não padece duvida é que a irman Simplicia, unica testemunha do que então se passava alli, referiu muitas vezes que, no momento em que João Valjean fallou ao ouvido de Fantina, viu claramente com os seus proprios olhos assomar um ineffavel sorriso naquelles pallidos labios e naquelles olhos immoveis, cheios do assombro do tumulo.

João Valjean pegou com ambas as mãos na cabeça de Fantina e accommodou-a em cima do travesseiro, como uma mãe faria com seu filho; depois atou-lhe o cordão da camisa e metteu-lhe os cabellos para dentro da touca. Feito isto, fechou-lhe os olhos.

O rosto de Fantina naquelle instante parecia estranhamente illuminado.

A morte é a entrada para a luz verdadeira.

A mão de Fantina pendia fóra do leito. João Valjean ajoelhou-se deante daquella mão, levantou-a devagarinho e beijou-a.

Depois ergueu-se, e voltando-se para Javert:

—Agora, disse, posso segui-lo.

TUMULO CONDIGNO.

Javert depositou João Valjean na cadêa da cidade.

A prisão do senr. Magdalena produziu em M. sobre o M. uma sensação, ou antes um assombro extraordinario. Sentimos não poder occultar que a estas simples palavras: « *Era um galé* » quasi todos o abandonáram. Em menos de duas horas os beneficios que havia feito foram esquecidos, e elle não foi mais do que um *galé*. Importa dizer que ainda não eram sabidos os detalhes do que se passára em Arras. Durante o dia ouviam-se em todos os os pontos da cidade conversações como esta:

—Então já sabe? Era um ex-galé!

—Quem?

—O *maire*.

—Como! o senr. Magdalena?

—Sim.

—Divéras?

—Elle não se chamava Magdalena; tem um nome horrivel, Bejean, Bojean, Boujean.

—Ah! meu Deus!

—Está preso!

—Preso!

—Na cadêa, na cadêa da cidade, emquanto não fôr transferido.

—Transferido! Vae ser transferido! Para onde?

—Tem de ir responder ao jury por um roubo commettido no meio da estrada ha annos.

—Pois bem! eu já desconfiava. O homem era bom de mais, muito perfeito, muito beato. Recusava condecorações, dava soldos a quantos garotos encontrava. Sempre desconfiei que tudo isto encobria algum crime.

Os *salões* sobretudo abundaram neste sentido.

Uma senhora velha, assignante da *Bandeira Branca*, fez esta reflexão, cuja profundez é quasi impossivel sondar:

—Estimo que isto acontecesse. E' uma lição para os Bonapartistas!

Foi assim que o fantasma que se chamára Magdalena se dissipou em M. sobre o M. Tres ou quatro pessoas sómente em toda a cidade se conservaram fieis á sua memoria. A velha porteira que o havia servido foi deste numero.

Ao cahir da noite, naquelle mesmo dia, essa digna velha achava-se no seu cubiculo, ainda toda assustada e reflectindo tristemente. A fabrica estivera fechada todo o dia, o portão achava-se aferrolhado, a rua deserta. Em casa só havia as duas religiosas, as irmans Perpetua e Simplicia, que veleavam junto do cadaver de Fantina.

Quando chegou a hora em que Magdalena costumava recolher-se a boa porteira levantou-se machinalmente, tirou de uma gaveta a chave do aposento de Magdalena e o castiçal de que elle se servia todas as noites para allumiar-se na ida para o seu quarto, pendurou a chave no prego donde elle costumava tira-la e pôz o castiçal ao lado, como se o esperasse. Depois sentou-se e pôz-se de novo a scismar. A pobre velha fizera tudo aquillo sem a menor consciencia.

Só ao cabo de mais de duas horas sahiu ella da sua meditação, e então exclamou:

—E' verdade! Jesus, meu Deus! eu pendurei-lhe a chave ao prego!

Neste momento a vidraça do quartinho abriu-se, uma mão passou pela abertura, pegou na chave e no castiçal e acendeu a vela na luz que alli estava.

A porteira levantou os olhos e ficou boqui-aberta, sofrendo um grito prestes a sahir-lhe da garganta.

Ella conhecia aquella mão , aquelle braço , aquella manga. Era o senr. Magdalena.

Passaram-se alguns segundos antes que ella pudesse fallar, de tam *assombrada* que se sentiu, como dizia depois contando a sua aventura.

—Meu Deus, senr. *maire*! exclamou a velha, eu supunha que vm. . . .

Calou-se; o final da phrase houvera desmentido o respeito do principio. João Valjean era sempre para ella o senr. *maire*.

Elle completou o sentido :

—Estava na cadêa, disse. Sim, estava ; quebrei uma grade da janella, saltei de cima de um telhado á rua, e aqui me tem. Vou para o meu quarto, vá-me chamar a irman Simplicia. Ha de estar sem duvida junto da pobre mulher.

A velha obedeceu a toda a pressa. João Valjean nenhuma recommendação lhe fez ; estava certo que a boa mulher o guardaria melhor do que elle a si proprio.

Nunca se soube como elle pôde entrar no pateo sem que lhe abrissem o portão. Tinha na verdade, e trazia sempre comsigo, uma chave que abria o trinco de uma portinha lateral ; mas na prisão deviam tê-lo apalpado e tirado-lhe essa chave. E' ponto que não foi esclarecido.

Subiu a escada que ia ter ao seu quarto. Chegando a cima, deixou a vela nos ultimos degraus, abriu a porta com a menor bulha que pôde, e foi fechar ás apalpellas a vidraça e as portas da janella ; depois voltou á escada, apanhou o castiçal e entrou no quarto.

A precaução era util ; lembrado estará o leitor que aquella janella dava para a rua.

Lançou um olhar em torno de si, para a mesa, para a poltrona, para a cama, que se achava tal qual fôra feita havia tres dias. Nenhum vestigio restava da desordem da penultima noite. A porteira arrumára tudo. Tirára, porém, das cinzas do fogão e puzera asseiadamente em cima da mesa os dous pedaços do bordão ferrado e a moeda de quarenta soldos ennegrecida pelo fogo.

Elle pegou em uma folha de papel e escreveu : « *Aqui estão os dous pedaços do meu bastão ferrado e a moeda de quarenta soldos roubada a Gervasinho, de que fallei hontem no tribunal do jury* », e pôz em cima desse papel a moeda de prata e os dous pedaços de fer-

ro, de modo que fossem a primeira cousa que se avistasse ao entrar no quarto. Tirou de uma gaveta uma das suas camisas usadas e rasgou-a. Com os pedaços de panno que assim obteve embrulhou os dous castiões de prata. Não mostrava, porém, nem pressa nem agitação. E, mesmo a embrulhar os castiões do bispo, ia comendo um pedaço de pão de rala. Era provavelmente o pão que lhe tinham dado na cadeia, e que, evadindo-se, trouxera comsigo.

Verificou-se isto pelas migalhas que se encontraram no pavimento do quarto, quando a justiça alli foi depois dar busca.

Deram duas pancadinhas na porta.

—Entre, disse elle.

Era a irman Simplicia.

Estava pallida; tinha os olhos vermelhos, a vela tremia-lhe na mão. As violencias do destino têm isto de particular; por mais aperfeiçoados e arrefecidos que nos achemos, tiram-nos do fundo das entranhas a natureza humana, obrigando-a a reaparecer no exterior. Com os abalos daquelle dia a religiosa tornara a ser mulher. Tinha chorado, e tremia.

João Valjean tinha acabado de escrever algumas linhas em um papel, que entregou á religiosa, dizendo:

—Minha irman, ha de entregar isto ao senr. cura.

O papel estava dobrado. A irman deitou-lhe os olhos.

—Póde ler, disse elle.

A religiosa leu: « Peço ao senr. cura que tome conta do que aqui deixo. Do producto de tudo isto rogo-lhe o favor de tirar o que fôr preciso para pagar as custas do meu processo e o que se gastar com o enterro da pobre mulher que morreu hoje. O resto será para os pobres.»

A irman quiz fallar, mas apenas pôde balbuciar alguns sons inarticulados. Todavia conseguiu dizer:

—O senr. *maire* não quererá ver pela ultima vez essa pobre mulher?

—Não, respondeu elle, sou perseguido, poderiam ir arrancar-me do seu quarto; não a incommodemos.

Mal acabava quando soou grande bulha na escada. Ouviram um tropel de pessoas que subiam, e a porteira, que dizia com a voz mais alta e penetrante que tinha:

—Meu bom senhor, juro-lhe por Deus, que está no

céu, que aqui não entrou ninguém todo o dia, nem agora de noite : pois se eu não arredei pé da porta !

Um homem respondeu :

—Mas ha luz neste quarto.

Reconheceram a voz de Javert.

O quarto era construido de modo que a porta ao abrir-se encobria o angulo da parede á direita. João Valjean apagou a vela e metteu-se nesse angulo.

A irman Simplicia cahiu de joelhos junto á mesa.

A porta abriu-se.

Javert entrou.

Ouviu-se os cochichos de muitas pessoas e os protestos da porteira.

A religiosa não levantou os olhos. Rezava.

A vela estava em cima da chaminé e dava pouca claridade.

Javert avistou a irman e estacou attonito.

Lembrado estará o leitor que a propria natureza de Javert, o seu elemento, o seu ambiente vital, era a veneração de toda a autoridade. Era inteiriço, e não admitia objecção, nem restricção. Para elle, bem entendido, a autoridade ecclesiastica era a primeira de todas, era religioso, superficial e correcto neste ponto como em todos os mais. Aos seus olhos um sacerdote era—um espirito que não se engana—, uma religiosa—uma creatura que não pecca.—Eram almas fechadas para o mundo com uma unica porta, que nunca se abria senão para deixar sahir a verdade.

Avistando a irman, o seu primeiro movimento foi para retirar-se.

Entretanto havia tambem outro dever, que o detinha e o impellia imperiosamente em sentido inverso. O seu segundo movimento foi para ficar e arriscar ao menos uma pergunta.

Aquella religiosa era a irman Simplicia, que nunca mentira em sua vida. Javert o sabia, e por isso lhe tinha particular veneração.

—Minha irman, disse, vm. está só neste quarto ?

Houve um momento terrivel, durante o qual a porteira se sentiu desfallecer.

A irman levantou os olhos e respondeu :

—Estou.

—Assim, proseguiu Javert, desculpe-me o insistir,

cumpro o meu dever : vm. não viu ninguém esta noite, um homem que fugiu da cadeia, e que nós buscamos, um tal João Valjean? Vm. não o viu?

A irman respondeu :

—Não.

Mentiu. Mentiu duas vezes, uma após outra, sem hesitar, rápida, como quem se sacrifica.

—Perdão, disse Javert.

E retirou-se, saudando-a com todo o acatamento.

O' santa mulher! tu deixaste ha muitos annos este mundo; foste ajuntar-te na luz ás virgens e aos anjos, teus irmãos; seja-te contada esta mentira no paraíso!

A asseveração da irman foi para Javert uma cousa tam decisiva que elle nem deu fê da vela que acabava de ser apagada e que ainda fumegava em cima da mesa.

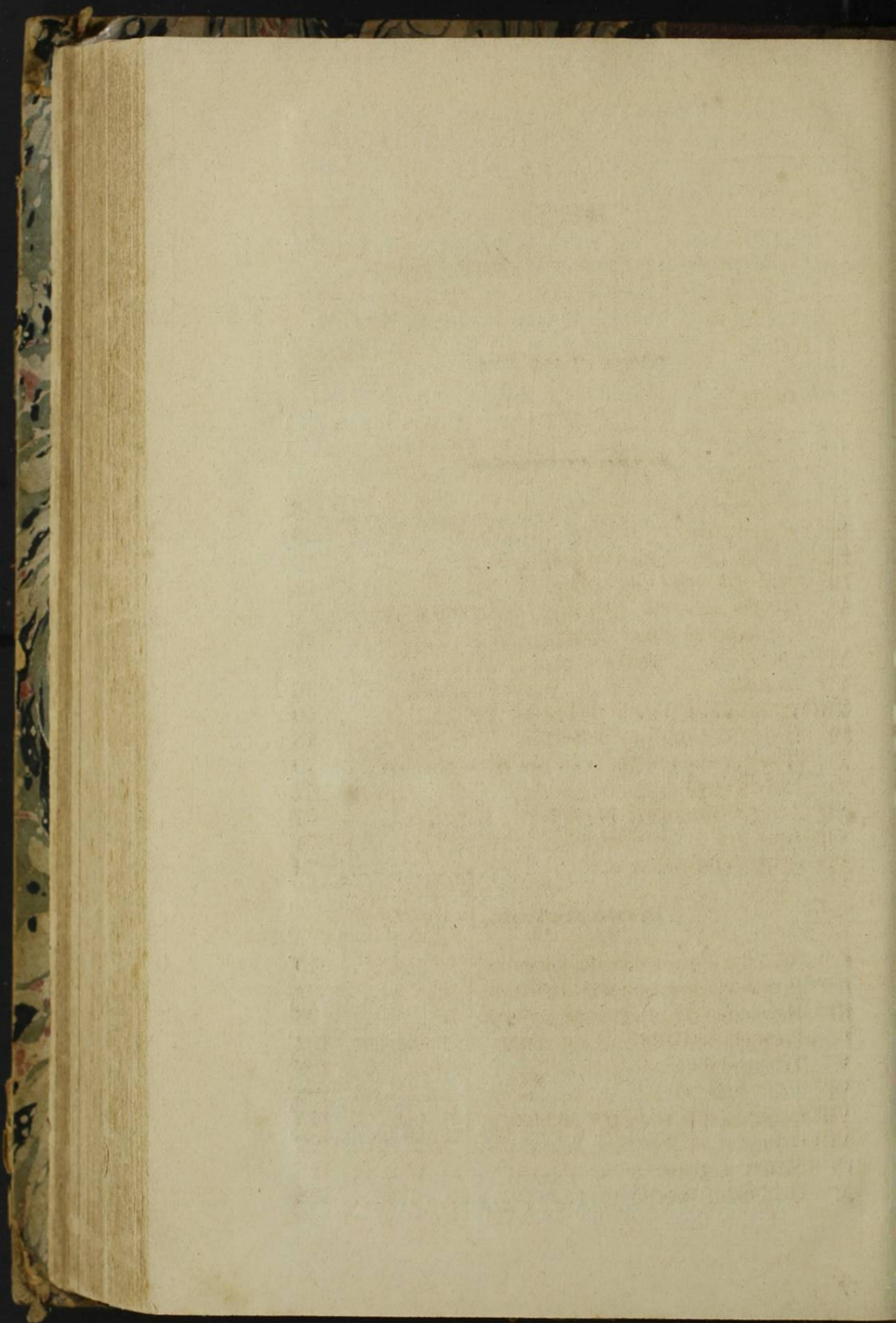
Uma hora depois um homem, caminhando ao longo das arvores e por entre a neblina, afastava-se rapidamente de M. sobre o M., na direcção de Pariz. Esse homem era João Valjean. Constou, pelo testemunho de dous ou tres carreiros que o tinham encontrado, que elle levava um embrulho e ia vestido de blusa. Onde fôra buscar essa camisola? Ninguém o soube nunca. Todavia, um velho operario tinha morrido alguns dias antes na enfermaria da fabrica, deixando por unico espolio a blusa. Talvez fosse essa.

Uma ultima palavra acerca de Fantina.

Todos temos a mesma mãe, a terra. Entregaram Fantina a essa mãe.

O cura suppoz proceder bem, e talvez tivesse razão, reservando do que João Valjean deixara a maior somma de dinheiro possivel para os pobres. A fallar a verdade, de que é que se tratava? De um galé e de uma mulher perdida. Tal o motivo porque elle simplificou o enterro de Fantina, reduzindo-o a esse estricto necessario a que chamam valla.

Fantina foi, pois, enterrada no recanto gratuito do cemiterio, que é de todos e de ninguém, e onde dão sumiço aos pobres. Felizmente Deus sabe onde param as almas. Deitaram obscuramente Fantina no meio dos ossos alli amontoados; foi condemnada á promiscuidade das cinzas. Lançaram-n'a á valla. O tumulo pareceu-se com o leito.



INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NA PRIMEIRA PARTE.

TOMO PRIMEIRO.

LIVRO PRIMEIRO.

I	O senr. Myriel.....	5
II	Myriel torna-se o revm. Bemvindo.....	9
III	A bom bispo duro bispado.....	15
IV	Taes palavras taes obras.....	18
V	O exm. e revm. Bemvindo fazia aturar muito tempo as suas sotainas.....	26
VI	Quem lhe guardava a casa.....	30
VII	Gravata.....	36
VIII	Philosophia depois de beber.....	40
IX	O irmão descripto pela irman.....	45
X	O bispo deante de uma luz desconhecida...	49
XI	Uma restricção.....	62
XII	Solidão do bispo Bemvindo.....	67
XIII	Qual era a sua crença.....	71
XIV	O que elle pensava.....	76

LIVRO SEGUNDO.

I	No cabo de um dia de jornada.....	79
II	Prudencia aconselhada á virtude.....	91
III	Heroismo da obediencia passiva.....	96
IV	Pormenores sobre as queijarias de Pontarlier.	102
V	Tranquilidade.....	106
VI	João Valjean.....	108
VII	O desespero visto por dentro.....	114
VIII	O mar e as trevas.....	123
IX	Novos agravos.....	126
X	O homem acordado.....	128

XI	O que elle faz.....	132
XII	O bispo trabalha.....	137
XIII	Gervasinho	141

LIVRO TERCEIRO.

I	O anno de 1817.....	151
II	Duplo quatuor.....	158
III	Quatro a quatro.....	163
IV	Tholomyès sente-se tam alegre que canta uma canção hespanhola.....	168
V	No Bombarda.....	171
VI	Capitulo em que todos se adoram.....	174
VII	Sabedoria de Tholomyès.....	176
VIII	Morte de um cavallo.....	182
IX	Alegre fim da alegria.....	185

TOMO SEGUNDO.

LIVRO QUARTO.

I	Uma mãe que encontra outra.....	3
II	Primeiro esboço de duas figuras antipathicas.....	13
III	A calhandra.....	16

LIVRO QUINTO.

I	Historia de um progresso no fabrico das mis- sangas pretas.....	21
II	Magdalena.....	23
III	Sommas depositadas em casa de Laffitte....	27
IV	O senr. Magdalena de luto.....	31
V	Lampejos no horisonte.....	34
VI	O pae Cortavento.....	40
VII	Cortavento passa a ser jardineiro em Pariz..	44
VIII	A senra. Victurnien gasta trinta francos a bem da moral.....	46
IX	Triumpho a senra. Victurnien.....	50
X	O triumpho continua.....	53
XI	Christus nos liberavit.....	59
XII	A ociosidade do senr. Bamatabois.....	61

XIII Solução de algumas questões de policia municipal	64
---	----

LIVRO SEXTO.

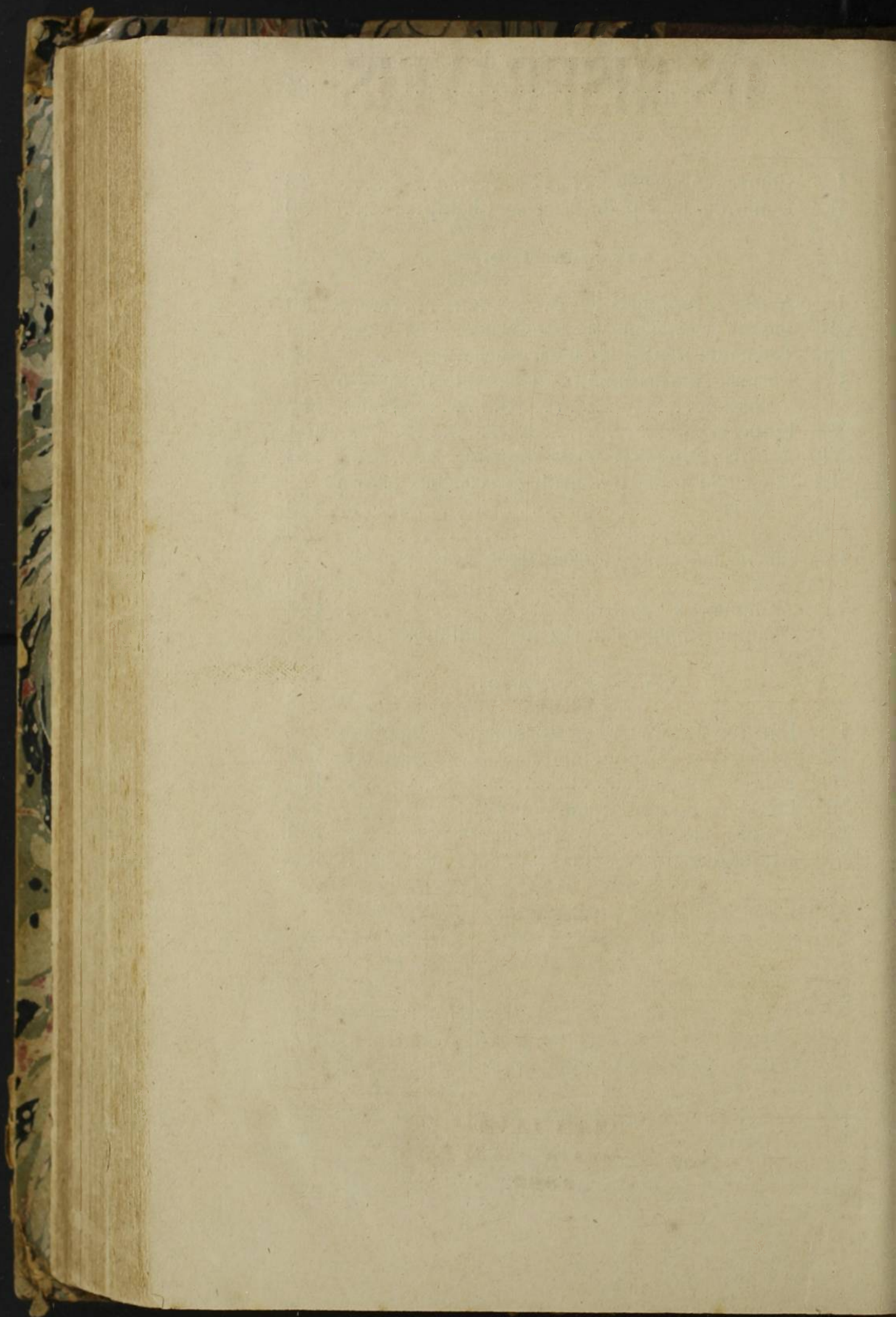
I Começa o socego.....	73
II Como de Jean pode fazer-se Champ.....	80

LIVRO SETIMO.

I A irman Simplicia.....	89
II Perspicacia de mestre Scaufflaire.....	93
III Tormenta dentro de uma cabeça.....	98
IV Formas que assume o soffrimento durante o somno.....	117
V Empecilhos.....	121
VI A irman Simplicia posta á prova.....	133
VII Chegando toma o viajante precauções para a volta.....	140
VIII Entrada por favor.....	143
IX Lugar onde as convicções estão prestes a formar-se.....	149
X Systema das negativas.....	157
XI Champmathieu cada vez mais admirado....	163

LIVRO OITAVO.

I Em que espelho vê Magdalena os seus cabelos.....	171
II Fantina feliz.....	174
III Javert contente.....	179
IV A autoridade reassume os seus direitos.....	183
V Tumulo condigno.....	188

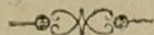


OS MISERAVEIS

POR

VICTOR HUGO.

VOLUME III.



SAN'LUIZ.

Typ. do—**FBIAS**—rua da Palma, 7.

1862.

OPUSCULUM

DE

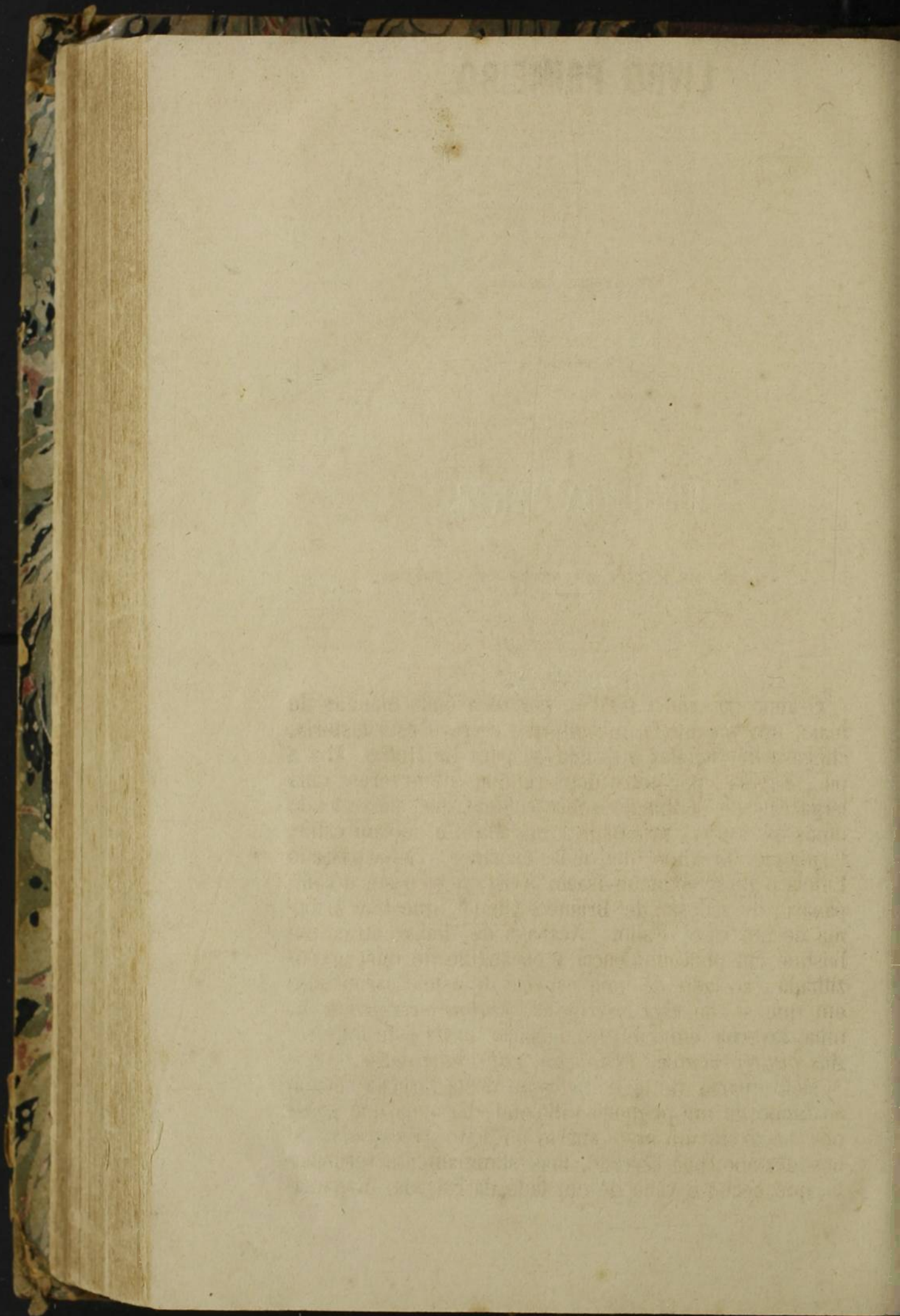
LIBRIS

LIBRIS

LIBRIS

SEGUNDA PARTE.

COSETTA.



LIVRO PRIMEIRO.

—
WATERLOO.

I

O QUE SE ENCONTRA VINDO DE NIVELLES.

O anno passado (1861), por uma linda manhã de maio, um viajante, o mesmo que escreve esta historia, chegava de Nivelles e dirigia-se para La Hulpe. Hia a pé. Seguia, por entre dous renques de arvores, uma larga calçada ondulante sobre collinas que, succedendo umas ás outras, levantam a estrada e a deixam cahir, formando alli como que ondas enormes. Tinha passado Lillois e Bois Seigneur-Isaac. Avistava ao oeste o campanario de ardósia de Braine l'Alleud, que tem a forma de um vaso virado. Acabava de deixar atrás um bosque em uma eminencia, e no angulo de uma encruzilhada, ao lado de uma especie de esteio carunchoso em que se lia esta inscripção: *Antiga barreira n. 4*, uma taverna em cujo frontespicio havia este letreiro: *Aos quatro ventos. Echabeau, caffè particulier.*

Meio quarto de legua adeante desta taverna chegou ao fundo de um pequeno valle onde ha agua que passa por baixo de um arco aberto no leito da estrada. O bosquezinho, não cerrado, mas summamente verdejante, que enche o valle de um lado da calçada, dispersa-

se do outro pelas campinas, e segue graciosamente, e como que em desordem, na direcção de Braine-l'Alleud.

Havia alli, á direita, na beira da estrada, uma estalagem, uma carroça de quatro rodas defronte da porta, um grande feixe de estacas para lupulo, um arado, um monte de espinhos seccos junto de uma cerca viva, uma porção de cal que fumegava dentro de um buraco quadrado, e uma escada ao longo de um velho telheiro com separações de palha no interior. Uma rapariga andava sachando um campo onde um grande cartaz amarello, provavelmente do espectaculo passageiro de alguma feira, ondeava ao vento. No canto da estalagem, ao lado de um charco onde navegava uma frota de patos, um caminho mal calçado se mettia por entre os tojos. Nelle entrou o viajante.

Dados uns cem passos, depois de ter caminhado ao longo de um muro do seculo XV, que terminava em ponta muito aguda formada de tijolos symetricamente dispostos, achou-se ante um portal de pedra arqueado, com imposta rectilinea, no grave systema architectonico da época de Luiz XIV, e com um medallhão plano de cada lado. Uma fachada severa dominava esse portal; um muro perpendicular á fachada vinha quasi tocar o portal, formando de cada um dos lados um fundo angulo recto. No prado defronte do portal haviam tres portas levadiças por entre as quaes brotavam de mistura todas as flores de maio. A porta estava fechada. Tinha dous batentes decrepitos ornados de uma velha aldrava enferrujada.

Fazia um sol esplendido; os ramos tinham esse brando estremecimento de maio que mais parece provir dos ninhos do que do vento. Um ledo passarinho, provavelmente amoroso, trinava a bom trinar empoleirado n'uma arvore.

O viajante inclinou-se e pôz-se a observar na pedra, á esquerda, por baixo do pé direito da porta, uma excavação circular muito larga, semelhante ao alveolo de uma esphera. Nesse momento os batentes abriram-se, e sahiu uma camponeza.

Viu o viajante, e notou o que elle contemplava.

—Foi uma bala franceza que fez isto, disse-lhe.

E accrescentou :

—O que o senhor alli vê em cima, na porta, junto a um prego, é o buraco de um grande biscainho. O biscainho não varou a madeira.

—Como se chama este lugar? perguntou o viajante.

—Hougomont, disse a camponeza.

O viajante levantou-se. Deu alguns passos e foi pôr-se a olhar por cima das cercas. Avistou no horizonte, por entre as arvores, uma especie de monticulo, e em cima o que quer que fosse que, de longe, se assemelhava a um leão.

Achava-se no campo de batalha de Waterloo.

II

HOUGOMONT.

Hougomont foi um lugar funebre; o principio do obstaculo, a primeira resistencia que encontrou em Warterloo o grande lenheiro da Europa a que chamavam Napoleão; o primeiro nó resistindo ao golpe do machado.

Era um castello, hoje é apenas uma herdade. Hougomont, para o antiquario, é *Hugomons*. Esse castello foi edificado por Hugo, senhor de Somerel, o mesmo que dotou a sexta capellania da abbadia de Villers.

O viajante empurrou a porta, passou ao lado de uma velha carruagem que estava debaixo do alpendre, e entrou no pátio.

A primeira cousa que notou nesse recinto foi uma porta do seculo XVI que alli simula uma arcada, achando-se tudo derribado em torno della. O aspecto monumental nasce muitas vezes das ruinas. Junto da arcada abre-se em um muro outra porta com cunhas do tempo de Henrique IV, deixando ver as arvores de um pomar. Ao lado dessa porta um buraco de ajuntar estrume, alviões e enxadas, algumas carroças, um velho poço com sua lage e seu molinete de ferro, um potro que pi-

notêa, um perui que se entufa, uma capella com seu campanariozinho, uma pereira coberta de flores formando latada em cima da parede da capella; eis o pátco cuja conquista foi um sonho de Napoleão. Este pedaço de terra, cahido em seu poder, ter-lhe-hia talvez dado o mundo. Bandos de gallinhas alli remexem a poeira com o bico. Ouve-se um rosnear surdo: é um enorme cão que mostra os dentes, e que alli está substituindo os inglezes.

Os inglezes foram admiraveis neste recinto. As quatro companhias de Cook aqui resistiram durante sete horas ás impetuosas investidas de um exercito.

Hougomont, visto no mappa, em plano geometrico, comprehendendo edificios e muros, apresenta uma especie de rectangulo irregular, do qual um dos angulos houvesse sido cortado. E' neste angulo que fica a porta meridional, defendida por esse muro que a fuzila á queima-roupa. Hougomont tem duas portas: a meridional, que é a do castello; e a septentrional, que é a da herdade. Napoleão mandou seu irmão Jeronymo atacar Hougomont; as divisões Guillemot, Foy e Bachelu alli foram chocar-se; quasi todo o corpo de Reille foi mandado contra elle e nada conseguiu, as balas de Kellermann bateram em vão esse heroico panno de muro. Embalde veio o reforço da brigada Baudouin para forçar Hougomont pelo lado do norte, e a de Soye, apesar de o desmantelar do lado do sul, não logrou toma-lo.

Os edificios da herdade marginam o pátco ao sul. Um pedaço da porta do norte, quebrada pelos francezes, pende presa ao muro. São quatro taboas pregadas em duas travessas, e nas quaes se distinguem os golpes do ataque.

A porta septentrional, mettida dentro pelos francezes, e na qual puzeram uma taboa para substituir a almofada suspensa á parede, abre n'um muro de pedra por baixo e de tijolo na parte superior, que fecha o pátco pelo lado do norte. E' uma simples porta para carroças como as ha em todas as herdades, com dous largos batentes feitos de taboas rusticas; do outro lado avistam-se prados. Furiosa foi a disputa desta entrada. Viram-se por muito tempo na parte de cima da porta uma infinidade de vestigios de mãos ensanguentadas. Foi alli que Baudouin cahiu morto.

O estrepito do combate enche ainda esse páteo; o horror é visível; o tumultuar da refrega alli se petrificou; tudo vive, e morre; dirieis que foi hontem. Os muros agonisam, as pedras cahem, as brechas gritam; os buracos são feridas; as arvores inclinadas e a estremecer parecem fazer esforço para fugir.

Esse páteo, em 1813, tinha mais construcções do que hoje. Essas construcções, que depois foram derribadas, formavam redentes, angulos e cotovellos. Ao lado da capella, uma aza do castello, o unico destroço que resta do solar de Hougomont, ergue-se desmantelada, poderíamos dizer estripada. O castello serviu de praça, a capella de cidadella. Alli foi mutuo o morticínio. Os francezes arcabuzados por todos os lados, detrás dos muros, do alto dos eirados, do fundo das adegas, por todas as janellas, por todos os respiradouros, por todas as fendas das pedras, trouxeram fachinas e deitaram fogo aos muros e aos homens: á metralha respondêram com o incendio.

Lobrigam-se na aza arruinada, pelas janellas guardadas de grades de ferro, os quartos desmoronados de um corpo de edificio feito de tijolo; os guardas inglezes estavam emboscados nesses quartos; a espiral da escada, rachada desde o pavimento terreo até ao tecto, semelha o interior de um caramujo quebrado. A escada tem dous lanços; os inglezes, atacados, e amontoados nos degraus superiores, tinham cortado os inferiores. São as largas lages de pedra azul que jazem amontoadas entre as ortigas. Uns dez degraus adherem ainda á parede; no primeiro vê-se ainda esculpido um tridente. Esses degraus inaccessiveis estão firmes nos seus alveolos. O resto assemelha-se a uma queixada desdentada. Ha alli duas velhas arvores; uma está morta, a outra ferida no tronco, reverdece em abril. Desde 1813 que começou a crescer por entre a escada.

Na capella, sitiante e sitiado trucidáram-se mutuamente. O interior, ora calmo, é estranho. Nunca mais alli se disse missa depois do morticínio. Apesar disso ficou o altar, um altar de madeira grosseira encostado a um fundo de pedra bruta. Quatro paredes caiadas, uma porta defronte do altar, duas janellinhas arqueadas, por cima da porta um crucifixo, a que está sobreposta uma claraboia quadrada, tapada com um mólio

de feno; em um canto, no chão, um velho caixilho todo quebrado, tal é a capella. Junto do altar está pregada uma estatua de madeira representando Sant'Anna, obra do XV seculo; a cabeça do Menino-Jesus foi arrancada por um biscainho. Os francezes, senhores por momentos da capella, depois de desalojados, incendiáram-n'a. As chammass encheram aquelle pardieiro; transformáram-n'o em fornalha; a porta ardeu, ardeu o assoalho, o Christo de madeira não arden. O fogo devorou-lhe os pés, dos quaes não se vê mais do que os côtos ennegrecidos, e não foi adeante. Milagre, ao que dizem os naturaes do lugar. O Menino-Jesus, decapitado, não foi tam feliz como o Christo.

As paredes estão cobertas de inscripções. Junto dos pés do Christo lê-se este nome: *Henquinez*. E mais estes: *Conde de Rio Maior, Marques y Marquesa de Almagro (Habana)*. Ha nomes francezes com pontos de exclamação, signaes de colera. Os muros foram de novo caiados em 1819. As nações alli se insultavam.

Foi na porta desta capella que se encontrou um cadaver com um machado na mão. Era o do segundo tenente Legres.

Sabindo da capella vê-se á esquerda um poço. Ha dous no pateo. Quem vir aquelle perguntará a si mesmo: porque é que este não tem caçamba nem moutão? É porque já se não tira agua delle. E porque é que já se não tira agua delle? Porque está cheio de esqueletos.

A ultima pessoa que tirou agua deste poço chamava-se Guilherme Van Kylson. Era um camponez que residia em Hougomont e tinha a profissão de jardineiro. No dia 18 de junho de 1815 sua familia fugiu e foi esconder-se nos mattos.

A floresta em redor da abbadia de Villers abrigou por espaço de muitos dias e de muitas noites essas miseras populações dispersadas. Ainda hoje certos vestigios faceis de reconhecer, taes como troncos de arvores queimados, marcam o lugar desses pobres acampamentos cheios de medo no fundo dos balsedos.

Guilherme Van Kylson ficou em Hougomont para *guardar o castello* e esconder-se em uma adega.

Os inglezes o descobriram. Arrancaram-n'o do seu escondrijo, e, a pranchadas, esse homem transido de medo foi forçado a servir aos combatentes. Tinham sede;

Guilherme trazia-lhes de beber. Era daquelle poço que tirava a agua. Muitos beberam alli pela ultima vez. Esse poço, de onde beberam tantos homens antes de expirar, devia morrer por sua vez.

Depois da acção só houve uma cousa que se tratou de fazer com a maior pressa possible—enterrar os mortos. A morte tem um modo que lhe é particular de inquietar a victoria—faz que a peste siga após a gloria. O typho é um annexo do triumpho. O poço era fundo, fizeram delle um sepulcro. Deitaram-lhe dentro quatrocentos corpos. Talvez houvesse precipitação. Estariam todos mortos? a tradição popular diz que não. Parece que na noite que se seguiu ao enterro se ouviram sahir do poço vozes fracas que pediam soccorro.

Este poço está isolado no meio do pateo. Tres muros, metade de pedra, metade de tijolo, dobrados como as peças de um biombo e simulando uma torre quadrada, rodeam-n'o por tres lados. O quarto lado está aberto. Era por alli que se entrava para se tirar agua. O muro do fundo tem uma especie de claraboia informe, talvez um rombo feito por alguma bomba. A torrinha tinha um tecto de que apenas restam as vigas. Os ferros que engatam o muro da direita formam uma cruz. Quem se inclina e olha para dentro nada mais vê do que um profundissimo cylindro de tijolos cheio de densas trevas. Em roda do poço as ortigas cobrem todo o sopê do muro.

O poço não tem na frente a grande lage azul que serve de descanso em todos os poços da Belgica. Em vez da pedra, vê-se alli uma viga a que se encostam cinco ou seis pedaços de páus nodosos e ankylosados que semelham grandes ossadas. Já não tem caçamba, nem corrente, nem moutão, mas ainda conserva a pia de pedra que servia de escoadouro. A agua da chuva alli se accumula, e de tempos a tempos algum passarinho das florestas visinhas vem beber essa agua e depois levanta o vôo.

Uma casa, no meio destas ruinas, a da herdade, é ainda habitada. A porta dá para o páteo. Ao lado de um lindo espelho de fechadura gothica, ha nessa porta uma aldrava de ferro imitando um mólho de trevo, posta obliquamente. No momento em que o tenente hanoveriano Wilda pegava nesta aldrava para refugiar-

se na herdade, um sapador francez lhe cortou a mão com um golpe de machado.

A familia que occupa a casa descende do antigo jardineiro Van Kylson, fallecido ha muito tempo. Uma mulher de cabellos grisalhos nos disse :

—Eu estava aqui. Tinha tres annos. Minha irman que era mais velha chorava e tremia de medo. Leváram-nos para os bosques. Minha mãe levava-me ao collo. Encostavam o ouvido ao chão para ouvir. Eu, por mim, arremedava os tiros das peças, fazendo *bum, bum*.

Uma porta do pátio, á esquerda, já o dissemos, dá para o pomar. O pomar é terrivel. Divide-se em tres partes, quasi poderíamos dizer em tres actos. A primeira é um jardim, a segunda o pomar, a terceira um bosque. Estas tres partes teem um ambito commum, do lado da entrada os edificios do castello e da herdade, á esquerda uma cerca, á direita um muro, no fundo outro muro. O da direita é de tijolo, o do fundo de pedra. Entra-se primeiro no jardim. E' este em socalcos, plantado de groselheiras, cheio de vegetações selvaticas, fechado por um terraço monumental de pedra de cantaria com balaustres inteiriços. Era um jardim senhorial nessa primeira architectura franceza que precedeu Le Nôtre, hoje todo ruinas e espinhos. Em cima dos pilares ha globos que assemelham balas de pedra. Contam-se ainda 43 balaustres nos seus soccos; os outros jazem sobre a relva. Quasi todos teem arranhaduras de balas de espingarda. Um balaustre se inclinava no seu socco como uma perna quebrada.

Foi nesse jardim, mais baixo do que o pomar, que seis atiradores do 1º regimento, tendo entrado e não podendo sahir, aceitaram o combate com duas companhias hanoverianas, das quaes uma estava armada de clavinas. Os hanoverianos, postados ao longo dos balaustres, faziam fogo de cima. Os atiradores, respondendo de baixo, seis contra duzentos, intrepidos, não tendo por abrigo senão as groselheiras, levaram um quarto de hora primeiro que morressem.

Sobem-se alguns degraus, e passa-se do jardim para o pomar propriamente dito. Alli, naquelle espaço de algumas toesas quadradas, 1,500 homens caíram em menos de uma hora. O muro parece prestes a recom-

car o combate. As trinta e oito setteiras abertas pelos inglezes em alturas irregulares ainda alli estão. De frente da decima-sexta se acham dous tumulos inglezes de granito. Só ha setteiras no lado do sul; era de lá que vinha o ataque principal. O muro, do lado de fóra, é encoberto por uma cerca viva; os francezes approximaram-se, contando sómente com a cerca, transpuzeram-n'a, e esbarráram com o muro, obstaculo e emboscada, os guardas inglezes por detrás, as trinta e oito setteiras fazendo fogo ao mesmo tempo, um chuveiro de metralha e de balas; e a brigada Soye succumbiu. Waterloo começou assim.

O pomar foi apesar disso levado de assalto. Não havia escadas, os francezes subiram agarrando-se com as unhas. Batêram-se corpo a corpo debaixo das arvores. Toda aquella relva foi alagada de sangue. Um batalhão de Nassau, de 700 homens, ficou aniquilado. Do lado de fóra, o muro contra o qual se dirigiram as duas baterias de Kellermann, está todo crivado de metralha.

Este pomar reverdece como qualquer outro no mez de maio. Tem os seus botões de ouro e as suas boninas, a relva é alta, os cavallos de arado aqui pastam, cordas de crina em que enxugam roupa atravessam os intervallos das arvores e obrigam quem passa a abaixar a cabeça; caminha-se por aquelle baldio enterrando os pés em tocas de toupeiras.

No meio da relva nota-se um tronco derribado, todo verdejante. Nelle se encostou o major Blakman para expirar. Debaixo de uma copada arvore vizinha cahiu o general allemão Duplat, oriundo de uma familia franceza refugiada na época da revogação do edito de Nantes. Perto dessa arvore inclina-se uma velha macieira doente, em cujo tronco se acha um emplastro de terra argilosa ligado com palha. Quasi todas as macieiras cahem de velhas. Não ha uma só que não tenha a sua bala ou o seu biscainho. Abundam neste pomar esqueletos de arvores mortas. Os corvos vôam de ramo em ramo, no fundo ha um bosque cheio de violetas.

Baudouin morto, Foy ferido, o incendio, a matança, um regato formado de sangue de inglezes, allemães e francezes, furiosamente misturados, um poço cheio de cadaveres, o regimento de Nassau e o de Brunswick destruidos, Duplat morto, Blackman morto, os guardas

inglezes mutilados, vinte batalhões francezes, d'entre os quarenta do corpo de Reille, dizimados, tres mil homens só nesse pardieiro de Hougomont acutilados, mutilados, degollados, espingardeados, queimados; e tudo isto para que um dia um camponez diga ao viajante: « *senhor, dê-me tres francos, se quizer que eu lhe explique o caso de Waterloo!* »

III

O DIA 18 DE JUNHO DE 1815.

Volvamos atrás, é um dos direitos do narrador, e tornemos ao anno de 1815, e mesmo um pouco antes da época em que começa a acção referida na primeira parte deste livro.

Se não houvesse chovido na noite de 17 para 18 de junho de 1815, o futuro da Europa teria sido outro. Algumas gottas de chuva de mais ou de menos fizeram Napoleão succumbir. Para que Waterloo fosse o fim de Austerlitz, bastou á Providencia uma pouca de chuva, e um aguaceiro atravessando o céu fóra da estação foi sufficiente para aniquilar um mundo.

A batalha de Waterloo, e foi o que deu a Blucher tempo de chegar, não pôde começar senão ás 11 ¹/₂ horas. Porque? Porque a terra estava alagada. Teve-se de esperar que enchugasse um pouco para que a artilharia pudesse manobrar.

Napoleão era official de artilharia, e bem o mostrava. Todos os seus planos de batalha eram concebidos contando com o projectil. Fazer convergir a artilharia sobre um ponto dado, tal era a sua chave da victoria.

Tratava a estrategia do general inimigo como uma cida-
della, e buscava abrir-lhe brecha. Os pontos fracos leva-
va-os á metralha; travava e decidia as batalhas com o ca-
nhão.

O seu genio era como que um tiro. Disparatar qua-
drados, pulverisar regimentos, romper linhas, esmagar
e despersar as massas, tudo para elle consistia em bater,
bater, bater sem interrupção, e confiava esta tarefa á
bala de artilharia. Methodo formidavel, e que, auxiliado
pelo genio, tornou invencivel por espaço de quinze annos
esse sublime athleta do pugilato da guerra.

No dia 18 de junho contava elle tanto mais com a
artilharia, quanto mais tinha por si o numero. Wel-
lington dispunha apenas de 150 peças; Napoleão tinha
240.

Supponha-se a terra secca, e a artilharia podendo
mover-se, a acção houvera começado ás seis horas da
manha. Travar-se-hia e ter-se-hia acabado a batalha
ás duas horas, tres horas antes da peripecia prussiana.

Até que ponto houve culpa da parte de Napoleão na
perda desta batalha? Poderá o naufragio imputar-se ao
piloto? Complicar-se-hia o evidente descabimento phy-
sico de Napoleão nessa época com certa diminuição
interna! Teriam os vinte annos de guerras gasto tanto
a lamina como a bainha, tanto a alma como o corpo?
Começaria o veterano a dominar no capitão? Eclip-
sar-se-hia, em uma palavra, esse genio, como tantos
historiadores o teem pensado? Deixar-se-hia levar do
frenesi para a si mesmo dissimular o seu enfraqueci-
mento? Começaria a vacillar desvairado pelo attractivo
da aventura? Ter-se-hia tornado, cousa grave em um
general, inconsciente do perigo? Nessa classe de gran-
des homens a que podemos chamar os gigantes da ac-
ção haverá uma idade em que se dê a myopia do ge-
nio? a velhice não influe nos genios do ideal; para os
Dantes e os Migueis Angelos, envelhecer é crescer; para
os Annibaes e os Napoleões será decahir? Teria Napo-
leão perdido o instincto da victoria? teria chegado a
ponto de já não descobrir o escolho, de já não adivinhar
a emboscada, de já não discernir o desfiladeiro dos abys-
mos? elle que outr'ora sabia todas as estradas do tri-
umpho, e que de cima do seu carro de relampagos as
apontava com o dedo soberano, teria então essa verti-

gem sinistra de impellir para os abysmos o seu tumultuoso tiro de legiões? Seria victima, aos quarenta annos, de uma suprema loucura? esse auriga titanica do destino já não seria mais do que um immenso cocheiro imperito?

Não o cremos.

O seu plano de batalha era, todos o confessam, um primor do genero. Marchar direito ao centro da linha alliada, rompê-la, dividi-la em duas, levar a metade britannica adeante de si até Hal e a metade prussiana até Tongres, separar Wellington de Blucher, tomar Mont-Saint-Jean, apoderar-se de Bruxellas, lançar o allemão ao Rheno e o inglez ao mar. Tudo isto para Napoleão devia dar-se nessa batalha. O mais ver-se-hia depois.

Escusado é dizermos que não nos propomos historiar aqui a batalha de Waterloo; uma das scenas que deu origem ao drama que expomos prende-se á tal batalha; mas a historia desta não é o nosso assumpto; ella acha-se aliás escripta, e escripta magistralmente, de um modo por Napoleão, de outro modo por Charras. Quanto a nós, deixamos os dous historiadores controverterem mutuamente as suas asserções; somos apenas uma testemunha afastada, um viajante que atravessa a planicie, um pesquisador vergado para essa terra amassada com carne humana, tomando talvez as apparencias como realidades; não nos assiste o direito de recusar, em nome da sciencia, um complexo de factos em que ha sem duvida deslumbramentos; não temos a pratica militar nem a competencia strategica que autorisam um systema; no nosso entender, um encadeamento de acasos domina em Waterloo os dous capitães; e quando se trata do destino, esse mysterioso accusado, julgamos como o povo, esse juiz ingenuo.

IV

A.

Os que quizerem formar uma idéa clara da batalha de Waterloo, não teem mais do que traçar mentalmente no chão um A grande. A perna esquerda do A é a estrada de Nivelles, a perna direita a estrada de Gennape, e o córte do A a cava que vae de Ohain a Braine l'Alleud. O vertice do A é Mont-Saint-Jean, ahi está Wellington; a extremidade inferior esquerda é Hougomont, ahi está Reille com Jeronymo Bonaparte; a extremidade inferior direita é a Belle-Alliance, ahi está Napoleão. Um pouco acima do ponto em que o córte do A toca a perna direita é Haie-Sainte. No meio do córte fica justamente o ponto em que se deu o desenlace da batalha. Foi ahi que se collocou o leão, symbolo involuntario do supremo heroismo da guarda imperial.

O triangulo comprehendido no vertice do A entre as duas pernas e o córte é a eminencia de Mont-Saint-Jean. Na disputa dessa eminencia se resumiu toda a batalha.

As alas dos dous exercitos estendem-se á direita e á

esquerda das duas estradas de Genappe e de Nivelles; Erlon defronte de Picton, Reille defronte de Hill.

Atrás da cabeça do A, atrás da eminencia Mont-Saint-Jean, está a floresta de Soignes.

Quanto á planície em si mesma, imagine-se um vasto terreno accidentado; cada dobra domina a dobra immediata, e todas as ondulações sobem para Mont-Saint-Jean, onde alcançam a floresta.

Dous exercitos inimigos em um campo de batalha são dous lutadores. E' um combate corpo a corpo. Um busca derribar o outro. Agarram-se a tudo; uma cerca é um ponto de apoio; o angulo de um muro um gabião; em lhe faltando um cochicholo que o antemure, todo um regimento recua; um rebaixamento de terreno, um caminho transversal que se offerece a proposito, um bosque, um barranco, podem deter o passo a esse colosso a que chamam um exercito e impedi-lo de recuar. Quem abandona o campo está batido. Dahi para o chefe responsavel a necessidade de examinar o menor tufo de arvores e de perlustrar o menor accidente do terreno.

Os dous generaes tinham attentamente estudado a planície de Mont-Saint-Jean, hoje chamada de Waterloo. Desde o anno precedente, Wellington, com uma sagacidade providente, o havia examinado como lugar azado para uma grande batalha. Nesse terreno e para um tal duello, Wellington, no dia 18 de junho, tinha o melhor lado, Napoleão o peor. O exercito inglez estava em cima, o francez em baixo.

Esboçar aqui os ademanes de Napoleão, a cavallo, com o seu oculo na mão, no outeiro de Rossomme, ao alvorecer do dia 18 de junho de 1815, fôra empreza superior. Antes de o mostrarmos, já todos o estão vendo. Esse perfil calmo por baixo do chapéuzinho da escola de Brienne, o uniforme verde, o peito branco a cobrir a placa, a sobre-casaca cobrindo as dragonas, a ponta vermelha da grão-cruz a apparecer por baixo do collete, os calções de pelle, o cavallo branco com a sua manta de velludo purpurino com NN coroados e aguias nos cantos, as botas de montar por cima de meias de seda, as esporas de prata, a espada de Marengo, todo o vulto do ultimo Cesar campêa em todas as imaginações, applaudido por uns, severamente considerado por outros.

Essa figura ostentou-se por muito tempo circumdada de luz, provinha isso de certo obscurecimento legendario que transuda da maior parte dos heróes, encobrindo sempre, por mais ou menos tempo, a verdade; mas hoje escreve-se a historia e resplandece o dia. Este clarão, a historia, é inexoravel; ha nelle o que quer que seja estranho e divino que consiste apesar de ser luz, e exactamente por isso mesmo, em pôr muitas vezes sombras onde se viam esplendores; faz de um só homem dous fantasmas differentes, e um ataca o outro, desfaz-lhe o embuste, e as trevas do despota lutam com os esplendores do capitão. Dahi uma medida mais justa para a apreciação definitiva dos povos. Babylonia violada apouca Alexandre; Roma agrilhoada rebaixa Cesar; Jerusalem arrazada amesquinha Tito. A tyrannia segue o tyranno. E' uma desgraça deixar o homem atrás de si uma escuridão com a sua fôrma.

Jose Carlos Picualho.

O QUID OBSCURUM DAS BATALHAS.

Não ha'hi quem ignore a primeira phase desta batalha ; principio confuso , incerto , vacillante , ameaçador para ambos os exercitos, muito mais, porem, para os inglezes do que para os francezes.

Toda a noite chovêra ; a terra achava-se diluida pelo aguaceiro ; a agua tinha se accumulado aqui e acolá nos buracos da planicie, e formava charcos profundos ; em alguns pontos enterravam-se nelles os trens até aos eixos ; as silhas dos animaes gottejavam lama liquida ; se os trigos e os centeios abatidos por aquella infinidade de carretas em movimento não houvessem atulhado os atoleiros e servido de fachina por baixo das rodas , toda e qualquer marcha, particularmente nos valles do lado de Papelotte, teria sido impossivel.

A acção começou tarde ; Napoleão, já o explicamos, gostava de ter toda a artilharia na mão como uma pistola, atirando ora a um, ora a outro ponto da batalha, e resolvera esperar que as baterias puxadas por cavallos pudessem rodar e galopar livremente ; para isto era preciso que o sol apparecesse e enxugasse o chão. Mas o

sol não appareceu. Já não se repetia o caso de Austerlitz. Quando se disparou o primeiro tiro de peça o general inglez Colville consultou o relógio e viu que eram onze horas e trinta e cinco minutos.

A acção travou-se pela ala esquerda franceza em Hougomont, com impeto, com maior impeto talvez do que houvera desejado o imperador. Ao mesmo tempo Napoleão atacou o centro precipitando a brigada Quint sobre Haie-Sainte. Ney lançou a ala direita franceza de encontro a ala esquerda ingleza que se apoiava em Papelotte.

O ataque de Hougomont tinha o seu tanto de simulado; attrahir para alli Wellington, fazê-lo inclinar à esquerda, tal era o plano. Este plano ter-se-hia realizado se as quatro companhias dos guardas inglezes e os bravos belgas da divisão Perponcher não houvessem defendido intrepidamente a posição, e Wellington, em vez de transportar-se a esse ponto com o grosso das suas forças, pôde limitar-se a mandar-lhe por unico reforço outras quatro companhias de guardas e um batalhão de Brunswick.

O ataque da ala direita franceza sobre Papelotte esse era real; rechazar a esquerda ingleza, cortar a estrada de Bruxellas, embargar o passo aos prussianos que por ventura chegassem, levar Mont-Saint-Jean de assalto, repellir Wellington para Hougomont, dalli para Braine-l'Alleud, e de lá para Hal, nada mais claro. Afóra alguns incidentes, este ataque sortiu effeito. Papelotte foi tomada; Haie-Sainte foi levada de assalto.

Ha uma circumstancia que notar. Na infantaria ingleza, e particularmente na brigada de Kempt, achavam-se muitos recrutas. Esses jovens soldados, na presença da nossa temivel infantaria, mostraram-se intrepidos; a sua inexperiencia houve-se valorosamente naquella prova; serviram optimamente como atiradores; o soldado atirador, um tanto entregue a si mesmo, torna-se por assim dizer o general de si proprio; esses recrutas mostraram alguma cousa do genio inventivo e do impeto francezes. A tal infantaria novíça teve enthusiasmo. Isto desagradou a Wellington.

Depois da tomada de Haie-Sainte a batalha vacillou.

Ha nesta jornada, do meio dia às quatro horas, um intervallo obscuro; o meio da batalha é quasi indistincto,

e participa do sombrio do conflicto. Envolve-se em crepusculo. Distinguem-se vastas fluctuações nesta neblina, um deslumbramento vertiginoso, o apparato da guerra de então quasi desconhecido hoje, os *colbacks* com flammulas, as pastas oscillantes, os correames encruzados, as patronas de granadas, os *dolmans* dos husaros, as botas vermelhas formando mil pregas, os pesados *schakos* ornados de torçoes, a infantaria quasi preta de Brunswick misturada com a infantaria escarlate de Inglaterra, tendo os soldados inglezes nos hombros, em vez de dragonas, grossas almofadas brancas circulares, a cavallaria ligeira do Hanover com os seus capacetes de couro oblongos chapeados de latão e com chorões vermelhos de clina, os escossezes de pernas nuas até aos joelhos e com os seus saiotes listrados, as compridas polainas brancas dos nossos granadeiros; paineis, que não linhas estrategicas; assumptos para Salvator Rosa, que não para Gribeauval.

Ha sempre tal ou qual borrasca n'uma batalha — *Quid obscurum, quid divinum*. Cada historiador traça um pouco o lineamento que lhe apraz nesta confusão. Qualquer que seja a combinação dos generaes, o conflicto das massas armadas tem incalculaveis refluxos; na acção, os planos dos dous cheffes entram um no outro, e um ao outro se desfiguram. A linha de batalha fluctua e se pèa como um fio, correm illogicamente jorros de sangue, as frentes dos exercitos ondeam, os regimentos entrando ou sahindo formam cabos ou golphos, todos esses escolhos chocam-se de continuo impellindo-se alternativamente; onde estava a infantaria, eis chega a artilharia; onde estava a artilharia, eis acode a cavallaria; os batalhões são fumaça. Havia alli alguma cousa, procurae-a, ei-la que desapareceu; as aberturas deslocam-se; as dobras sombrias avançam e recuam; uma especie de vento do sepulcro impelle, rechaca, engrossa e dispersa essas multidões tragicas. O que è um conflicto? uma oscillação.

A immobildade de um plano mathematico exprime um minuto e não um dia. Para pintar uma batalha exigem-se esses portentosos pintores em cujo pincel ha o chaos; Rembrandt è preferivel a Vandermeulen. Vandermeulen, exacto ao meio-dia, mente às tres horas da tarde. A geometria engana; só o furacão è verdadeiro.

Eis o que dá a Folard o direito de contradizer Polybio. Acrescentamos que ha sempre um instante em que a batalha degenera em combate, particularisa-se e decompõe-se em innumeraveis factos de detalhe, que para nos servirmos da expressão do mesmo Napoleão: « Pertencem antes á biographia dos regimentos do que á historia do exercito.» O historiador, em tal caso, tem o direito evidente de resumir. Elle só pôde delinear os contornos principaes da luta, e a nenhum narrador é dado, por mais consciencioso que seja, fixar absolutamente a fôrma dessa nuvem horrivel a que chamam uma batalha.

Isto que com verdade pôde dizer-se de todos os grandes conflictos armados, é particularmente applicavel a Waterloo.

Todavia, depois do meio-dia, a batalha definiu-se por um momento.

VI

QUATRO HORAS DA TARDE.

Pelas quatro horas a situação do exercito inglez era grave. O principe de Orange commandava o centro, Hill a ala direita, Picton a ala esquerda. O principe de Orange, estouvado e intrepido, bradava aos hollando-belgas : « *Nassau! Brunswick! nada de recuar!* » Hill, esmorecendo, vinha arrimar-se a Wellington; Picton tinha morrido. No mesmo minuto em que os inglezes tomaram aos francezes a bandeira do 105º de linha, os francezes mataram o general inglez Picton com uma bala que lhe atravessou a cabeça. A batalha, para Wellington, tinha dous pontos de apoio, Hougomont e Haie-Sainte; Hougomont resistia ainda, mas estava em chammas; Haie-Sainte fôra tomada. Do batalhão allemão que a defendia só sobreviviam quarenta e dous homens; todos os officiaes, menos cinco, tinham sido mortos ou aprisionados. Tres mil combatentes se haviam trucidado naquella granja. Um sargento das guardas inglezas, o primeiro jogador de sôco da Inglaterra, tido como invulneravel pelos seus companheiros, alli fôra morto por um tamborziinho francez. Baring estava desalojado, Alten fôra

acutilado. Muitas bandeiras foram perdidas, uma das quaes da divisão Alten e outra do batalhão de Luneburgo, que era levada por um principe da familia de Deux-Ponts. Já não existiam os escossezes cinzentos; os dragões de Ponsomby tinham sido esmagados. Essa valente cavallaria não pudera resistir ao choque dos lanceiros de Bro e dos couraceiros de Travers; de 4,200 cavallos restavam-lhe apenas 600; de tres tenentes-coroneis dous tinham cahido, Hamilton ferido, Mater morto. Ponsomby tambem cahira traspassado de sete lançadas. Gordon e Marsh, tinham morrido. Duas divisões, a quinta e a sexta, haviam sido destruidas.

Accommettido Hougomont, tomada Haie-Sainte, não havia mais do que um ponto de resistencia que destruir, o centro. Esse ponto continuava firme, Wellington reforçou-o. Para alli chamou Hill, que estava em Merbe-Braine, e Chassé, que estava em Braine-l'Alleud.

O centro do exercito inglez, um tanto concavo, mui denso e compacto, achava-se fortemente situado. Occupava a eminencia de Mont-Saint-Jean, tendo por detrás a aldêa e na frente a ladeira, naquella tempo mui ingreme. Apoiava-se nessa solida casa de pedra de cantaria que naquella época era uma propriedade dominial de Nivelles e que marca a intersecção das estradas, mole do XVI seculo, tam segura que as balas de artilharia nella batião sem causar-lhe o menor damno. Em roda da eminencia os inglezes haviam cortado aqui e alli as cercas, feito portinholas nos espinheiros, posto bocas de peça por entre os galhos, aberto setteiras em todos os tufos de arbustos. A sua artilharia estava de emboscada dentro dos sarcaes. Este trabalho punico, incontestavelmente autorizado pela guerra que admitte as ciladas, fôra tam bem feito que Haxo, mandado pelo imperador ás nove horas para reconhecer as baterias inimigas, nada vira, e viera dizer a Napoleão que não havia obstaculo algum, além dos dous entrincheiramentos que cortavam as estradas de Nivelles e de Genappe. Era o momento em que as seáras estão crescidas; nas abas da eminencia, um batalhão da brigada Kempt, o 95º, armado de clavinhas, estava deitado no meio do trigo.

Assim seguro e fortificado, o centro do exercito inglez estava em boa posição.

O perigo era a floresta de Soignes, então contigua ao

campo de batalha e cortada pelas lagoas de Groenendael e de Boitsfort. Um exercito não houvera podido recuar para aquelle sitio sem dissolver-se; os regimentos ter-se-hiam logo debandado. A artilharia ficaria perdida nos pantanos. A retirada, conforme a opinião de muitos homens competentes, contestada por outros, é verdade, houvera sido alli uma verdadeira derrota.

Wellington reforçou este centro com uma brigada de Chassé, tirada da ala direita, e uma brigada de Wincke, tirada da ala esquerda, e ainda com a divisão Clinton. Aos seus inglezes, aos regimentos de Halkett, á brigada de Mitchell, aos guardas de Maitland, deu como gabiões e contra-fortes a infantaria de Brunswick, o contingente de Nassau, os hanoverianos de Kilmansegge e os alemães d'Ompida. Achou-se deste modo com vinte e seis batalhões á sua disposição. *A ala direita, como diz Charras, foi postada por detrás do centro.* Uma bateria enorme estava coberta por saccoes de terra no lugar onde hoje fica o que se chama o *muséo de Waterloo*. Wellington tinha, além disso, em uma dobra do terreno os dragões-guardas de Somerset, 1,400 cavallos. Era a outra metade da cavallaria ingleza, tam justamente celebre. Destruído Ponsomby, restava Somerset.

A bateria que, completa, houvera sido quasi um reduto, estava postada atrás de um muro de jardim mui baixo, revestida á pressa de uma cortina de saccoes de arêa e de um longo talude de terra. Esta obra não estava acabada; faltára tempo para estacá-la.

Wellington, inquieto, mas impassivel, estava a cavallo, e a cavallo ficou todo o dia na mesma attitude, um pouco adeante do velho moinho de Mont-Saint-Jean, que ainda existe, debaixo de um olmo que, passados tempos, um inglez, vandalo entusiasta, comprou por duzentos francos, cortou e levou comsigo. Wellington mostrou-se alli friamente heroico. Choviam balas. O ajudante de campo Gordon acabava de cahir ao seu lado. Lord Hill, mostrando-lhe uma bomba que arreventava, disse-lhe: « Mylord, quaes são as instrucções, quaes as ordens que v. ex. nos deixa, no caso de ser morto, como parece de-sejar? *Que todos façam como eu,* respondeu Wellington. » A Clinton; disse laconicamente: « *Firme aqui até ao ultimo homem.* » O dia tornava-se visivelmente azia-go. Wellington bradava para os seus antigos compa-

nheiros de Talavera, da Vittoria e de Salamanca : « *Boys* (rapazes!) *quem é que pôde pensar em recuar? Lembrae-vos da velha Inglaterra!* »

Pelas quatro horas, a linha ingleza começou a recuar. De repente, no cimo da eminencia não se viu mais do que a artilharia e os atiradores, tudo o mais desapareceu, e os regimentos, repellidos pelas bombas e pelas balas francezas, retrocederam para a quebrada que ainda hoje corta o caminho particular da herdade de Mont-Saint-Jean, deu-se um movimento retrogrado, a frente de batalha ingleza occultou-se, Wellington recuou. « *Começa a retirada!* » exclamou Napoleão.

VII

NAPOLÉÃO ALEGRE.

O imperador, posto que doente e incommodado na sella por um soffrimento local, nunca se mostrára tam alegre como neste dia. Desde pela manhan que a sua impenetrabilidade sorria. No dia 18 de junho de 1815 aquella alma profunda, mascarada de marmore, expandia-se cegamente. O homem que estivera taciturno em Austerlitz esteve alegre em Waterloo. Os maiores predestinados têm destas contradicções. As nossas alegrias são trevas. O supremo sorriso é só de Deus.

Ridet Cæsar, Pompeius plebit, diziam os soldados da legião fulminadora. Pompeo desta vez não tinha de que chorar, mas é certo que Cesar ria-se.

Desde a vespera, de noite, a uma hora, explorando a cavallo, debaixo da tempestade e da chuva, com Bertrand, as collinas proximas de Rossomme, satisfeito por ver a longa linha dos fogos inglezes illuminando todo o horizonte, desde Frischemont até Braine-l'Alleud, parecia-lhe que o destino, a quem havia marcado dia e hora no campo de batalha de Waterloo, era pontual; parára o cavallo e ficára algum tempo immovel, vendo os relampagos, escutando os trovões; e houve quem ouvis-

se esse fatalista soltar no meio da escuridão estas palavras mysteriosas : « Estamos de accordo. » Napoleão enganava-se. Estavam divorciados.

Não dormira um minuto sequer ; todos os instantes daquella noite lhe foram marcados por alegrias. Percorrêra toda a linha dos postos avançados, parando em um ou outro ponto para fallar ás vedetas. A's duas horas e meia, perto do bosque de Hougomont, ouvira os passos de uma columna em marcha ; acreditára um momento que era Wellington que retrogradava. Dissera para Bertrand : *« é a vanguarda ingleza que se põe em marcha para deixar o acampamento. Hei de aprisionar os seis mil inglezes que acabam de chegar a Ostende. »* Conversava com expansão, reassumira toda a vivacidade que mostrára por occasião do desembarque do 1º de março quando mostrava ao grão-marechal o camponio entusiasta do golpho Juan, exclamando : *« Então, Bertrand, aqui temos já um reforço ! »* Na noite de 17 para 18 de junho zombava de Wellington. *« Esse inglezinho precisa de uma lição, »* dizia Napoleão. A chuva redobrava, trovejava emquanto o imperador fallava.

As tres horas e meia da manhan havia perdido uma illusão ; os officiaes que mandara fazer um reconhecimento annunciaram-lhe que o inimigo nenhum movimento operava. Nada se mexia ; nem um só fogo do acampamento estava apagado. O exercito inglez dormia. Reinava profundo silencio na terra ; só havia bulha no céu. As quatro horas, os exploradores tinham-lhe trazido um camponez : servira este de guia a uma brigada de cavallaria ingleza, provavelmente á de Vivian, que ia tomar posição na aldêa de Chain, na extrema esquerda. As cinco horas, dous desertores belgas lhe haviam dito que acabavam de abandonar o seu regimento, e que o exercito inglez esperava a batalha. *« Tanto melhor !* exclamára Napoleão. *Antes quero esmaga-los, do que faze-los recuar. »*

Pela manhan, achando-se na eminencia que forma o angulo do caminho do Plancenoit, apeára-se na lama, mandára vir da herdade de Rossomme uma mesa de cozinha e uma cadeira de camponez, sentára-se com um molho de palha por tapete, e desdobrava o mappa do campo de batalha, dizendo para Soult : *« Que lindo taboleiro. »*

Em consequencia da chuva que cahira durante a noite, os combois de viveres, atolados nas estradas arruinadas, não tinham podido chegar pela manhan; os soldados não haviam dormido, estavam molhados e em jejum; mas isso não impediu Napoleão de gritar alegremente para Ney: « *Temos noventa probabilidades contra cem.* » A's oito horas tinham trazido o almoço do imperador. Convidára elle para a sua mesa diversos generaes. Ao almoço, referiram-lhe que Wellington estivera na ante-vespera n'um baile em Bruxellas, em casa da duquesa de Somerset, e Soult, rude guerreiro com a sua cara de arcebispo, retorquira: « *o baile é hoje.* » O imperador mettêra a bulha Ney, que dizia: « *Wellington não será tam tolo que espere por Vossa Magestade.* » Demais, este costume de gracejar não lhe era estranho. « *Gostava de brincar,* » diz Fleury de Chaboulon. « *A qualidade predominante do seu character era uma divertida alegria,* » diz Gourgaud. « *Abundava em motejos, antes singulares do que espirituosos,* » diz Benjamin Constant. Estas alegrias de gigante valem a pena de nellas insistirmos. Foi elle que poz aos seus grana-deiros a alcunha de *rabujentos*, dava-lhes beliscões nas orelhas, e puxava-lhes os bigodes. « *O imperador estava sempre a pregar-nos peças;* » são palavras de um delles. Durante o mysterioso trajecto da ilha d'Elba para França, no dia 27 de fevereiro, no alto mar, tendo o brigue de guerra francez *Zephyro* encontrado o brigue *Inconstante*, em que o imperador se achava escondido, e pedido noticias de Napoleão, este, que ainda naquelle momento trazia no chapéu o tope branco e côr de amarantho semeado de abelhas que adoptára na ilha d'Elba, pegára na busina e respondêra em pessoa: « *o imperador passa bem.* » Quem assim se ri está familiarisado com os acontecimentos. Napoleão rira-se diversas vezes com esse riso durante o almoço de Waterloo. Acabado o almoço meditára por espaço de um quarto de hora, depois dous generaes tinham-se sentado no feixe de palha com a penna na mão, uma folha de papel em cima da perna, e o imperader dictára-lhes a ordem de batalha.

A's 9 horas, no instante em que o exercito francez formado em escalão e movendo-se em cinco columnas, se estendêra, com as divisões em duas linhas, a arti-

havia entre as brigadas, a musica na frente a tocar marchas, os tambores a rufarem e as cornetas a soarem, possante, immenso, ledó, um mar de capacetes, de espadas e de baionetas no horizonte, o imperador, entusiasmado, gritára duas vezes: « *magnifico! magnifico!* »

Das 9 ás 10 horas e meia todo o exercito, o que parece incrível, havia tomado posição e puzera-se em seis linhas, formando, para repetirmos a expressão do imperador, *a figura de um V*. Instantes depois de formada a frente em batalha, no meio desse profundo silencio principio de borrasca que precede ás grandes refregas, vendo desfilar as tres baterias de 12, tiradas por sua ordem dos tres corpos de Erlon, de Reille e de Lobau, e destinadas a começar a acção, batendo Mont-Saint-Jean no ponto de intersecção das estradas de Nivelles e Genappe, o imperador batêra no hombro de Hoxo, dizendo-lhe: « *General, alli vão vinte e quatro moças lindas.* »

Seguro do resultado, animára com um sorriso, ao passar por deante d'elle, a companhia de sapadores do primeiro corpo, que havia designado para entrincheirarse em Mont-Saint-Jean logo que a aldêa fosse tomada. Toda essa serenidade apenas fôra desmentida por duas palavras de altiva commiseracão; ao ver á esquerda, n'um sitio onde ha hoje um grande tumulto, amontoarem-se com os seus soberbos cavallos os admiraveis escossezes cinzentos, dissera: « *E' pena.* »

Depois montára a cavallo, fôra até alem de Rossomme, e escolhera para observatorio um estreito teso coberto de relva á direita da estrada de Genappe a Bruxellas, que foi a sua segunda estação durante a batalha. A terceira, a das sete horas da noite, entre a Belle-Alliance e Haie-Sainte, foi formidavel; era um outeiro que ainda existe, e por detrás do qual a guarda se achava formada em columnas cerradas n'um declivio da planicie.

Em roda desse outeiro; as balas vinham bater nas pedras da calçada até junto de Napoleão. Como em Briene, sibilavam-lhe as balas e os biscainhos por cima da cabeça. Balas esburacadas, velhas laminas de espada e projectis infernaes, ruidos de ferrugem (*scobrá rubigine*), teem sido apanhados quasi no lugar em que se firmavam os pés do seu cavallo. Ha alguns annos, alli foi desenterrado uma bomba de sessenta, ainda carre-

gada, cuja espoleta se achava cerce-quebrada. Foi nesta ultima estação que o imperador disse para o seu guia Lacoste, camponez hostil, medroso, que estava amarrado á sella de um hussaro, voltando-se a cada lanterneta de metralha, e buscando esconder-se por detrás de Napoleão: « *Imbecil, é uma vergonha. Olha que podes ser morto pelas costas.* » A pessoa que escreve estas linhas encontrou no talude friavel do outeiro, cavando a arêa, os restos de uma bomba desagregados pelo oxydo de quarenta e seis annos, e pedaços velhos de ferro que se quebravam entre os dedos como talos de sabugueiro.

As ondulações das planicies diversamente inclinadas onde se deu o encontro de Napoleão e Wellington já não são, como ninguem ignora, o que eram no dia 18 de junho de 1815. Tirando daquelle campo funebre o que era preciso para erigir nelle um monumento, tirou-se-lhe ao mesmo tempo o seu aspecto real, e a historia, desconcertada, já não reconhece aquelle sitio. Para o glorificarem, desfiguraram-n'o. Wellington, dous annos depois, tornando a ver Waterloo, exclamou: « *Transformaram-me o meu campo de batalha.* » No lugar onde hoje se acha a grande pyramide de terra com o leão em cima, havia um teso que tinha, do lado da estrada de Nivelles, uma ladeira de facil accesso, mas que do lado da calçada de Genappe era quasi um despenhadeiro. A elevação deste despenhadeiro póde ainda hoje medir-se pela altura dos monticulos das duas sepulturas que ficam de um e de outro lado da estrada de Genappe a Bruxellas: uma é o tumulo inglez, á esquerda; a outra é o tumulo allemão, á direita. Não ha tumulo francez. Para a França, toda aquella planicie é um sepulcro. Graças ás mil e mil carroças de terra empregadas para formar esse monticulo de cento e cincoenta pés de altura e meia milha de circumferencia, a eminencia de Mont-Saint-Jean é hoje accessivel por uma ladeira de pendor suave; no dia da batalha, particularmente do lado de Haie-Sainte, era de accesso arduo e abrupto. A inclinação do terreno era tal que a artilharia ingloza não via em baixo a herdade situada no fundo do valle, centro do combate. No dia 18 de junho de 1815 as chuvas haviam enchido de sulcos esse despenhadeiro, e a lama tornava sobremodo custosa a subida, porque a cada pas-

so se encontravam atoleiros. Ao longo do cimo da eminencia corria uma especie de fosso que o observador, de longe, não poderia adivinhar.

Que fosso era esse? digamo-lo. Braine-l'Alleud é uma aldêa da Belgica, Ohain é outra. Estas aldêas, occultas ambas por curvas do solo, communicam-se por um caminho de cerca de legua e meia que atravessa uma planicie de nivel accidentado, e de espaço a espaço entra e prolonga-se por entre collinas como um sulco, motivo por que em diversos pontos o caminho é uma grota. Em 1815, como hoje, esse caminho cortava o cimo da eminencia de Mont-Saint-Jean entre as duas calçadas de Nivelles e Genappe; hoje, porém, acha-se ao nivel da planicie, ao passo que então era um covão. Tiráram-lhe os dous taludes para o monticulo-monumento. O caminho era e é ainda um fosso na maior parte da sua extensão; fosso que ás vezes tem doze pés de profundidade e cujos taludes sobremodo escarpados abatiam aqui e acolá, sobretudo no inverno, com as enxurradas. Davam-se então desastres. O caminho era tam estreito na entrada de Braine-l'Alleud, que um viajante fôra esmagado por uma carroça, como o prova uma cruz de pedra plantada perto do cemiterio, em que se lê o nome do fallecido—*Bernardo Debrye, negociante de Bruxellas*, e a data do desastre, *fevereiro de 1637*. Era tam fundo na eminencia de Mont-Saint-Jean, que um camponez, Matheus Nicacio, fôra morto em 1783 por um talude que abatêra, como o provava outra cruz de pedra cuja parte superior desapareceu com os sorribamentos, mas cujo pedestal ainda hoje se vê deitado sobre a relva na vertente á esquerda da calçada entre Haie-Sainte e a herdade de Mont-Saint-Jean.

Em um dia de batalha, esse tal caminho de que não se via o menor indicio, beirando o cimo do Mont-Saint-Jean, fosso no alto de um desfiladeiro, grota escondida no sólo, era invisivel, isto é, terrivel.

VIII

O IMPERADOR FAZ UMA PERGUNTA AO GUIA LACOSTE.

De mauhan, pois, Napoleão estava contente em Waterloo.

Tinha razão; o plano de batalha por elle concebido, como já vimos, era comesseito admiravel.

Uma vez travada a batalha, as suas peripecias tam diversas: a resistencia d'Hougomont; a tenacidade de Haie-Sainte; Baudouin morto; Foy posto fóra do combate; o muro inesperado, de encontro ao qual fóra despedaçar-se a brigada Soye; o descuido fatal de Guilleminot que se achava sem feguetes e sem saccos de polvora; o atolamento das baterias; as quinze peças sem escolta lançadas por Uxbridge dentro de um fosso; o pouco estrago que faziam as bombas cahindo nas linhas inglezas, enterrando-se no chão diluido pela chuva, e não produzindo mais do que volções de lama, de sorte que a metralha transmudava-se em respingos: a inutilidade da demonstração de Piré em Braine-l'Alleud, toda a cavallaria, quinze esquadrões, quasi nullificada; a ala direita ingleza mal inquietada, a ala esquerda atacada sem resultado; o estranho engano de Ney formando em columnas cerradas, em vez de escalona-las, as quatro divisões do primeiro corpo; fundos de vinte e sete filei-

ras e frentes de duzentos homens entregues assim á metralha; as horrorosas brechas feitas pelas balas nessas massas; as columnas de ataque desunidas; a bateria de escarpa desmascarada de repente no seu flanco; Bourgeris, Donzelet e Durutte em perigo; Quint repellido; o tenente Vieux, esse Hercules sahido da escola polytechnica, ferido no momento em que arrombava a machadadas a porta de Haie-Sainte debaixo do fogo dos inglezes que cahia do alto da trincheira que cortava a estrada de Genappe a Bruxellas; a divisão Marcognet, mettida entre a cavallaria e a infantaria, arcabuzada á queima-roupa de entre o trigo por Best e Pack, acutilada por Ponsomby; a sua bateria de sete peças encravada; o principe de Saxe Weymar resistindo e defendendo, a despeito do conde Erlon, Frischemont e Smohain; a bandeira do 15º tomada; tomada a do 45º; o hussaro preto prussiano aprisionado pelos exploradores da columna volante de trezentos caçadores que batiam a estrada entre Waore e Plancenoit; as cousas assustadoras que dissera o prisioneiro; a demora de Grouchy; os mil e quinhentos homens mortos em menos de uma hora no pomar d'Hougomont; os mil e oitocentos homens postos fóra de combate em menos tempo ainda em torno de Haie-Sainte; todos estes tremendos incidentes, passando como nuvens da batalha por deante de Napoleão, mal lhe havia perturbado o olhar sem ennuviar o imperial semblante em que se manifestava a segurança. Napoleão estava habituado a encarar fixamente a guerra; nunca fazia algarismo por algarismo a addição pungente do detalhe; os algarismos pouco lhe importavam, uma vez que dessem este total: Victoria; que no principio houvesse confusão, era cousa que o não inquietava a elle que se julgava senhor e possuidor do fim; sabia esperar, considerando-se superior a toda a duvida, e tratava o destino de egual para egual. Parecia dizer á sorte: tu não te atreverias.

Meio luz e meio sombra, Napoleão sentia-se protegido no bem e tolerado no mal. Tinha, ou suppunha ter a seu favor, uma connivencia, poderíamos quasi dizer uma complicitade dos acontecimentos, equivalente á antiga invulnerabilidade,

Todavia, quem tinha atrás de si Beresina, Leipaick e Fontainebleau, parece que deveria desconfiar de Wa-

terloo. Um mysterioso franzir de supercilios torna-se visivel nas profundezas do céu.

No momento em que Wellington retrogradou, Napoleão estremeceu. Via a eminencia de Mont-Saint-Jean desguarnecer-se de repente e a frente do exercito inglez desaparecer. Os inglezes tornavam a formar-se, mas escondiam-se. O imperador ergueu-se firmando-se nos estribos. Um lampejo da victoria scintillou-lhe nos olhos.

Wellington, acuado na floresta de Soignes e destruido, fôra o golpe decisivo dado na Inglaterra pela França; fôra Crécy, Poitiers, Malplaquet e Ramillies vingados. O homem de Marengo apagava a memoria d'Azincourt.

O imperador então, meditando a peripecia terrivel, deitou pela ultima vez o oculo para todos os pontos do campo de batalha. A sua guarda, com as armas encailhadas por detrás d'elle, olhava-o debaixo com uma especie de religião. Elle pensava: examinava as vertentes, notava as ladeiras, esguardava o tufo de arvores, o quadrado que formava o campo de centeio, o caminho, parecia contar cada cerca. Olhou com alguma fixidez para as trincheiras inglezas das duas calçadas, duas grandes derribadas de arvores, a da calçada de Genappe, a cavalleiro de Haie-Sainte, armada de duas peças, as unicas de toda a artilharia ingleza de onde se avistava o fundo do campo de batalha, e a da calçada de Nivelles onde scintillavam as bayonetas hollandezas da brigada Chassé. Notou perto desta trincheira a velha capella de San'Nicolau, pintada de branco que fica no angulo da fazenda que vae ter a Braine-l'Alleud. Inclinou-se e fallou em voz baixa ao guia Lacoste. Este fez um gesto de cabeça negativo, provavelmente perfido.

O imperador entesou-se e recolheu-se.

Wellington havia recuado.

Não havia mais do que terminar este movimento com uma completa derrota.

Napoleão, voltando-se precipitadamente, expediu um correio a toda a brida para levar a Pariz a noticia de que a batalha estava ganha.

Napoleão era um desses genios d'onde sahe o raio.

Acabava de achar um para vibra-lo.

Deu ordem aos couraceiros de Milhaud para tomarem a eminencia de Mont-Saint-Jean.

IX

COUSA QUE SE NÃO PREVIRA.

Eram tres mil e quinhentos cavalleiros. Formavam uma frente de um quarto de legua. Eram homens gigantes cavalgando ginetes colossos. Compunham vinte e seis esquadrões, e tinham atrás de si, para apoia-los, a divisão de Lefebvre e Desnouettes, os seiscentos soldados de policia de escolha, os caçadores da guarda—mil cento e noventa e sete homens—, e os lanceiros, também da guarda,—oitocentos e oitenta lanças. Traziam capacetes sem pennacho e couraças de ferro batido, pistolas de cavalaria nos coldres e o comprido sabre-espada. Pela manhã todo o exercito os havia admirado, quando ás nove horas, ao clangor dos clarins, ao som de todas as musicas, que tocavam:

Veillons au salut de l'empire,

tinham vindo, em columna serrada, com uma das suas baterias no flanco e a outra no centro, estender-se em duas filas entre a calçada de Genappe e Frischemont, e tomar posição de batalha nessa pujante segunda linha, tam proficientemente composta por Napoleão, a qual, tendo na extremidade esquerda os couraceiros de Keller-

mann e na direita os da Milhaud, achiava-se, por assim dizer, com duas alas de ferro.

O ajudante de campo Bertrand levou-lhes a ordem do imperador. Ney desembainhou a espada e poz-se á frente.

Os enormes esquadrões puzeram-se em movimento.

Viu-se então um espectáculo formidável.

Toda essa cavallaria de espadas em punho, desfraldados os estandartes e as bandeiras, formada em columnas por divisão, desceu de um só impeto e como um só homem, com a exactidão de um ariete de bronze que abre uma brecha, a collina da Belle-Alliance, metteu-se pela temível quebrada onde tantos homens já haviam cahido. sumiu-se no meio da fumaça, depois, sahindo daquella escuridão, tornou a apparecer do outro lado do valle, sempre compacta e cerrada, subindo a trote largo por entre uma nuvem de metralha que a fulminava, a horrivel ladeira lamacenta da eminencia de Mont-Saint-Jean. Subiam graves, ameaçadores, imperturbaveis; nos intervallos da espingardaria e da artilharia ouvia-se aquella tropel collossal. Como eram duas divisões, havia duas columnas; a divisão Watier estava á direita, a divisão Delord á esquerda. Vistas de longe eram duas immensas serpentes de ferro a dirigirem-se para o cimo da eminencia. Atravessaram a batalha como um prodigio.

Nada igual se havia visto desde a tomada do grande reducto da Moskowa pela cavallaria pesada; faltava Murat, porém Ney ahi estava. Parecia que aquella massa immensa se transformára em monstro e não tinha senão uma alma. Cada esquadrão ondeava e engrossava como um anel de polypo. Avistavam-se por entre uma fumaça immensa rasgada aqui e acolá. Chaos de capacetes, de gritos, de espadas, saltos temerosos dos cavallos ao ribombo da artilharia e ao som das musicas, tumulto disciplinado e terrivel; coroados tudo as couraças, como escamas da hydra.

Estas narrativas parecem de outra era. Alguma cousa igual a esta visão apparecia, sem duvida, nas epopéas orphicas deserevendo os homens-cavallos, os antigos hippanthropos, esses titães de rosto humano e peito equino, cujo galope escalou o Olympo, horriveis, invulneraveis, sublimes; deuses e animaes.

Estranha coincidencia numerica, vinte e seis batalhões iam receber esses vinte e seis esquadrões. Por trás do

cimo da eminencia, á sombra da bateria mascarada, a infantaria ingleza, formada em treze quadrados, cada um de dous batalhões, e em duas linhas, sete na primeira e sete na segunda, com as espingardas apontadas para a força que avançava, calma, silenciosa, immovel, esperava. Ella não via os couraceiros, nem estes a viam. Os inglezes ouviam subir aquella inundação de homens. Ouviam o duplicado tropel dos tres mil cavallos, o bater alternativo e symetrico das ferraduras a trote largo, o som ôco das couraças, o retintim das espadas e uma especie de resfolegar feroz. Houve um silencio temivel: depois, de subito, uma longa fila de braços levantados brandindo espadas appareceu no lado de cima da chapada, e os capacetes, e as bandeiras, e os estandartes, e tres mil bocas com bigodes grisalhos bradando: « Viva o imperador ! » Toda esta cavallaria desembocou na eminencia, abalando o solo como um terremoto.

De repente, cousa tragica, á esquerda dos inglezes, á nossa direita, a frente da columna dos couraceiros estacou com um clamor horroroso. Chegados ao ponto culminante do alto da eminencia, arrebatados, entregues á sua furia e á sua carreira de exterminação sobre os quadrados e os canhões, os couraceiros acabavam de avistar entre si e os inglezes um fosso, uma cova. Era o caminho, ou antes a grota, que ia ter a Ohain.

Esse instante foi temeroso. A grota alli estava, inesperada, diante, a pique debaixo dos pés dos cavallos, com uma altura de duas toezas entre o seu duplo talude; a segunda fila alli lançou a primeira, e a terceira a segunda; os cavallos empinavam-se, e atiravam-se para trás, cahiam sobre as ancas, rolavam de pernas para o ar, comprimindo e matando os cavalleiros; não havia meio de recuar, toda a columna já não era mais do que um projectil, a força adquirida para esmagar os inglezes esmagou os francezes, a grota inexoravel não podia dar passagem senão depois de atulhada; cavallos e cavalleiros rolaram de envolta dentro della, espingardeando-se uns aos outros, reduzindo-se a uma só carne dentro do precipicio, e, quando o fosso ficou cheio de homens vivos, o resto passou pizando por cima delles. Quasi um terço da brigada Dubois ficou dentro daquelle abysmo.

Por aqui começou a perda da batalha.

Uma tradição local, que exagera evidentemente, diz

que dous mil cavallos e mil e quinhentos homens ficaram sepultados no caminho d'Ohain. Neste numero comprehende-se provavelmente o de todos os outros cadáveres que foram lançados naquelle barranco no dia seguinte ao do combate.

Napoleão, antes de ordenar a carga dos couraceiros de Milhaud, examinára o terreno; mas não pudéra ver esse fosso, que não fazia a menor dobra na superficie da eminencia. Todavia, desconfiado da capellinha branca que lhe marca o angulo na calçada de Nivelles, fizera, provavelmente ácerca da eventualidade de algum obstaculo, uma pergunta ao guia Lacoste. O guia respondêra negativamente. Quasi poderíamos dizer que desse gesto de cabeça de um camponio dependeu a catastrophe de Napoleão.

Outras fatalidades deviam ainda surgir. Seria possível que Napoleão ganhasse esta batalha? Respondemos não. Porque? Por causa de Wellington? Por causa de Blucher? Não, por causa de Deus.

Bonaparte vencedor em Waterloo seria uma dissonancia na lei do seculo XIX. Preparava-se outra serie de factos, em que Napoleão já não tinha lugar. A má vontade dos acontecimentos havia-se de ha muito manifestado.

Era tempo que esse homem immenso cahisse.

O seu excessivo peso nos destinos da humanidade perturbava-lhes o equilibrio. Esse individuo só por si representava mais do que o grupo universal. Essas plethoras de toda a vitalidade humana concentrada em uma unica cabeça, o mundo subindo ao cerebro de um homem, se durassem, seriam cousa mortal para a civilisação. Chegara o momento da incorruptível Equidade intervir. É natural que os principios e os elementos, de que dependem as gravitações regulares tanto na ordem moral como na material, se queixassem. O sangue que fomega, o abarrotamento dos cemiterios, as mãos debulhadas em lagrimas, são accusadores temiveis. Quando a terra se acha demasiado calcada sahem da escuridão mysteriosos gemidos, que o abysmo ouve.

Napoleão fôra denunciado no infinito, e a sua quêda estava decidida.

Era incommodo a Deus.

Waterloo não é uma batalha; é a mudança de frente do universo.

A EMINENCIA DE MONT-SAINT-JEAN.

Assim como a grotta, tambem a bateria se tinha des-
mascarado.

Sessenta peças e os treze quadrados fulminaram os
couraceiros á queima-roupa. O intrepido general Delord
fez a continencia militar á bateria ingleza.

Toda a artilharia volante ingleza se recolhera a galope
para dentro dos quadrados. Os couraceiros não pararam
um momento sequer. O desastre do fosso havia-os de-
zimado, porem não desanimado. Eram desses homens
a quem a diminuição de numero faz crescer o animo.

A columna Wathier fôra a unica que soffrera do de-
sastre ; a columna Delord, que Ney fizera obliquar á es-
querda, como se presentisse o perigo, chegára intacta.

Os couraceiros precipitaram-se sobre os quadrados.

A todo o galope, soltas as redeas, espadas atravessa-
das nos dentes, pistolas em punho, tal o ataque.

Ha momentos nas batalhas em que a alma endurece o
homem a ponto de transformar o soldado em estatua, e
em que toda a carne se transforma em granito. Os ba-
talhões inglezes, furiosamente accommettidos, nem se
mexeram.

Então subiu de ponto o horror.

Todas as faces dos quadrados inglezes foram atacadas ao mesmo tempo. Um turbilhão frenetico as envolveu. A fleugmatica infantaria conservou-se impassivel. A primeira fila, de joelho em terra, recebia os couraceiros na ponta das bayonetas, a segunda fila espingardeava-os; por trás da segunda fila os artilheiros carregavam as peças, a frente do quadrado abria-se, deixava passar uma erupção de metralha, e tornava a fechar-se. Os couraceiros respondiam com o seu embate. Os grandes ginetes, que cavalgavam, empinavam-se, saltavam para dentro das fileiras por cima das bayonetas, e cahiam, gigantes-cos, no meio daquelles quatro muros vivos. As balas faziam brechas nos couraceiros, estes faziam brechas nos quadrados. Filas inteiras desappareciam pizadas aos pés dos cavallos. As bayonetas cravavam-se nas barrigas desses centauros. Daqui uma irregularidade de feridas como talvez se não tenha visto em outra parte. Os quadrados, desbastados por essa cavallaria furiosa, cerravam-se sem mover pé. Inexgotaveis em metralha, faziam explosão no meio dos assaltantes. O aspecto deste combate era monstruoso. Os quadrados já não eram batalhões, eram crateras: aquelles couraceiros já não eram cavallaria mas sim uma borrasca. Cada quadrado era um vulcão atacado por uma nuvem, a lava combatia o raio.

O quadrado extremo da direita, o mais exposto de todos, por ficar n'um ponto mais elevado, foi quasi desbaratado logo ao primeiro choque. Era formado do 75 de *highlanders*. O tocador de gaita de folles no centro, enquanto reinava em torno o morticinio, abaixando com profunda indiferença os olhos melancolicos, cheios do reflexo das florestas e dos lagos, sentado n'um tambor, com o seu *pibroch* debaixo do braço, tocava arias das montanhas patrias. Esses escossezes morriam a pensar no Ben Lothian como os gregos recordando Argos. A espada de um couraceiro, deitando ao chão o *pibroch* juntamente com o braço que o segurava, fez cessar o canto matando o cantor.

Os couraceiros, relativamente pouco numerosos dizimados pela catastrophe da grota, alli tinham contra si quasi todo o exercito inglez, porém multiplicavam-se, porque cada homem valia por dez. Entretanto alguns ba-

talhões hanoverianos fraquearam. Wellington o notou, e lembrou-se da sua cavallaria. Se Napoleão naquelle mesmo momento se houvesse lembrado da sua infantaria teria ganhado a batalha. Este descuido foi o seu erro fatal.

De repente os couraceiros, que atacavam, sentiram-se atacados. A cavallaria ingleza estava-lhes na retaguarda. Na frente tinham os quadrados, atrás de si Somerset, isto é, os 1,400 dragões-guardas. Somerset tinha á direita Dornberg com a cavallaria ligeira allemã, e á esquerda Trip com os carabineiros belgas; os couraceiros, atacados pela frente e pelo flanco, por deante e por detrás, tiveram de voltar-se para todos os lados. Que lhes importava? Elles eram o turbilhão. A bravura tornou-se inexprimivel.

Além disto tinham por detrás a bateria sempre a fazer fogo. Só assim poderiam esses homens ser feridos pelas costas. Uma das couraças, furadas no omoplata esquerdo por um biscoinho, acha-se na collecção do muséo de Waterloo. Para taes francezes, taes inglezes.

Já não foi um conflicto, foi uma escuridão, uma fúria, um vertiginoso exaltamento de almas e de coragens, um furacão de espadas-relampagos. Em um instante os 1.400 dragões-guardas acharam-se reduzidos a 800: Fuller, o seu tenente-coronel, cahiu morto. Ney acudiu com os lanceiros e os caçadores de Lefebvre e Desnouettes.

A eminencia do Mont-Saint-Jean foi tomada, retomada, tornada a tomar. Os couraceiros deixavam a cavallaria, afim de se voltarem para a infantaria, ou, para melhor dizer, toda aquella turbamulta formidavel se engalinhava sem que um largasse o outro.

Os quadrados continuavam a resistir. Sustentaram doze ataques. Ney perdeu quatro cavallos debaixo de si. A metade dos couraceiros ficou estendida na eminencia. A luta durou durs horas.

O exercito inglez ficou profundamente abalado. Não padece duvida que, se o desastre do fosso não houvesse enfraquecido o seu primeiro choque, os couraceiros teriam desbaratado o centro e decidido a victoria. Aquella extraordinaria cavallaria petrificou Clinton, que tinha visto Talavera e Badajoz. Wellington, quasi vencido, ad-

mirava-se heroicamente. Dizia em voz baixa: « Sublime ! » (1)

Os couraceiros destruíram sete quadrados dentre treze, tomaram ou encravaram sessenta peças e tomaram aos regimentos inglezes seis bandeiras, que tres couraceiros e tres caçadores da guarda foram entregar ao imperador defronte da herdade da Belle-Alliance.

A situação de Wellington tornára-se peor. Aquella estranha batalha era como um duello entre dous feridos, que, cada um de seu lado, ao passo que continuam a combater e a resistir, vão perdendo todo o seu sangue. Qual dos dous cahirá primeiro ?

A luta na eminencia continuava.

Até onde foram os couraceiros ? Ninguém saberia dizê-lo. O que é certo é que no dia que se seguiu aos da batalha um couraceiro e o seu cavallo foram encontrados mortos no madeiramento da balança de pesar cargas em Mont-Saint-Jean, justamente no ponto em que se cruzam as quatro estradas de Nivelles, Genappe, La Hulpe e Bruxellas. O cavalleiro tinha atravessado as linhas inglezas. Um dos homens que levantaram aquelle cadaver ainda vive em Mont-Saint-Jean. Chama-se Dehase. Tinha então desoito annos. —

Wellington sentia-se fraquear. A crise estava proxima.

Os couraceiros não haviam conseguido romper o centro. A eminencia achava-se em poder de todos, e ninguém era senhor della; a maior parte, porem, pertencia ainda aos inglezes. Wellington occupava a aldêa e a chapada culminante; Ney só tinha o cume e a ladeira. De ambos os lados estavam os homens como que enraizados naquelle solo funebre.

Mas o enfraquecimento inglez parecia irremediavel. A hemorragia daquelle exercito fôra horrivel. Kempt, na ala esquerda, reclamava reforço. « *Já não ha,* respondia Wellington; *elle que morra!* » Quasi no mesmo momento, coincidencia singular que pinta o desfalcamento dos dous exercitos, Ney pedia infantaria a Napoleão, e Napoleão exclamava: « *Infantaria! aonde quer que vá busca-la? Quererá que eu a faça?* »

Todavia o exercito inglez era o que mais soffria. Os

(1) *Splendid !* palavra textual.

embates furiosos desses grandes esquadrões com couraças de ferro e peitoraes de aço haviam esmagado a infantaria. Alguns homens em roda de uma bandeira marcavam o lugar onde estivera um regimento; batalhões havia que eram commandados por um capitão ou por um tenente; a divisão Alten, já tam maltratada em Haie-Sainte, estava quasi destruida; os intrepidos belgas da brigada Van-Kluze juncavam as plantações de centeio ao longo da estrada de Nivelles; quasi nada restava desses granadeiros hollandezes, que em 1811, confundidos em Hespanha nas nossas fileiras, combatiam Wellington, e que em 1815, alliados aos inglezes, combatiam Napoleão. A perda de officiaes era consideravel. Lord Uxbridg, que no dia seguinte mandou enterrar uma perna, tinha o joelho quebrado. Se do lado dos francezes, nesta luta dos couraceiros, Delord, l'Heritier, Colbert, Dnop, Travers e Blancard estavam fora do combate; do lado dos inglezes, Alten, Barned, estavam feridos, Delancey, Van Meeren, Ompteda, estavam mortos, todo o estado-maior de Wellington dizimado, e a Inglaterra tinha o peor quinhão no sanguinolento equilibrio. O 2.º regimento dos guardas a pé perdêra 5 tenentes-coroneis, 4 capitães e 3 alferes; o 1.º batalhão do 30.º de infantaria perdêra 84 officiaes e 112 soldados; o 79.º de montanhezes tivera 24 officiaes feridos, 18 mortos, e 450 soldados mortos. Os hussaros hanoverianos de Cumberland, um regimento inteiro, tendo á frente o seu coronel Hacke, que devia ao depois ser julgado e rebaixado, tinham dado costas ao travar-se a refrega e fugido para a floresta de Soignes, semeando o terror até Bruxellas. Os carros, os trens da artilharia, as bagagens, os carroções cheios de feridos, vendo os francezes ganharem terreno e approximarem-se da floresta, precipitavam-se para a cidade; os hollandezes, acutilados pela cavallaria franceza, bradavam: «As armas!» De Vert-Coucou até Groenendael, em uma extensão de quasi duas leguas, na direcção de Bruxellas, o caminho, ao que dizem testemunhas que ainda existem, regorgitava de fugitivos. O panico foi tal que accommetten o principe de Condé em Malines e Luiz XVIII em Gand. A excepção da fraca reserva escalonada atrás da ambulancia estabelecida na herdade de Mont-Saint-Jean e das brigadas Vivian e Vandeleur, que flanqueavam a ala es-

querda, Wellington não tinha cavallaria. Havia grande quantidade de baterias desmontadas. Estes factos são confessados por Siborne; e Pringle, exagerando o desastre, até chega a dizer que o exercito anglo-hollandez ficara reduzido a 34,000 homens. O duque de Ferro quedava-se calmo, porem seus labios haviam descorado. O commissario austriaco Vicente, o commissario hespanhol Alava, presentes á batalha no estado-maior inglez, julgavam o duque perdido. A's cinco horas Wellington puxou do relógio, e ouviram-n'o pronunciar estas sombrias palavras: « *Blucher, ou a noite!* »

Foi nesse momento que uma linha de bayonetas scintillou ao longe, do lado de Frischemont.

Aqui é a peripecia deste drama gigante.

XI

MÁU GUIA PARA NAPOLEÃO, BOM PARA BULOW,

Todos sabem da pungente decepção de Napoleão ; esperava Grouchy, chegou-lhe Blucher ; a morte em vez da vida.

O destino apresenta alternativas destas ; contára com o throno do mundo, e avistou Santa Helena.

Se o camponezinho que servia de guia a Bulow lhe houvesse aconselhado que desembocasse pela floresta acima de Frischemont que não abaixo de Plancenoit a fórma do seculo XIX talvez houvesse sido differente. Napoleão teria ganho a batalha de Waterloo. Por qualquer outro caminho que não o que sahe abaixo de Plancenoit o exercito prusso teria ido ter a uma grota que embargaria o passo á artilharia, e Bulow não houvera chegado.

Ora, sessenta minutos mais, e é o general prusso Muffling quem o declara, Blucher não houvera encontrado Wellington de pé ; *a batalha estaria perdida.*

Era tempo, como se vê, que Bulow chegasse. Demais elle tinha-se demorado muito. Acampára em Dion-le-Mont e partira logo ao amanhecer. Mas os caminhos achavam-se em pessimo estado e as suas divisões tinham-

se atolado. A lama chegava até aos cubos das carretas. Além d'isto, tivera de atravessar o Dyle pela estreita ponte de Wavre: a rua que ia ter á ponte tinha sido incendiada pelos francezes; como os carros de munição da artilharia não podiam passar por entre duas filas de casas incendiadas, fôra necessario esperar que se extinguisse o incendio. Ao meio-dia ainda a vanguarda de Bulow não havia podido chegar a Chapelle-Saint-Lambert.

Se a acção tivesse começado duas horas mais cedo houvera acabado ás quatro horas, e Blucher viria esbarrar-se á batalha ganha por Napoleão. Taes são esses immensos acasos, proporcionados a um infinito que não podemos attingir.

Desde o meio-dia, o imperador, primeiro que ninguém, avistara no horisonte o que quer que fosse que lhe fixara a attenção. Dissera: « Vejo alli ao longe uma nuvem que me parece tropa. » Depois perguntara ao duque de Dalmacia: « Soult, não vê alguma cousa do lado da Chapelle-Saint-Lambert? » O marechal, deitando o oculo, respondêra: « Quatro ou cinco mil homens, senhor. Evidentemente é Grouchy. » Entretanto esse o que quer que fosse ficava immovel no meio do nevoeiro. Todos os oculos do estado-maior haviam estudado a *nuvem* assinalada pelo imperador. Alguns dos ajudantes de campo tinham dito: « São columnas que fazem alto. » A maior parte dissera: « São arvores. » O imperador mandara reconhecer aquelle ponto obscuro pela divisão de cavallaria ligeira de Damon.

Bulow com effeito não se havia movido. A sua vanguarda era mui fraca e nada poderia fazer. Devia, pois, esperar o grosso do corpo de exercito e tinha ordem de concentrar-se antes de entrar em linha; mas ás cinco horas, vendo o perigo de Wellington, Blucher ordenou a Bulow que atacasse, e proferiu estas palavras memoraveis: « *É preciso dar ar ao exercito inglez.* »

Pouco depois, a divisão Lostin, Hiller, Haeke e Rysel estendiam-se em frente do corpo de Lobau, a cavallaria do principe Guilherme da Prussia desembocava do bosque de Pariz, Plancenoit estava reduzida a chammas e as balas prussianas começavam a chover até nas fileiras da guarda postada em reserva atrás de Napoleão.

XII

A GUARDA.

Ninguém ignora o resto : a irrupção do terceiro exercito, a batalha deslocada, oitenta e seis bocas de fogo a troarem de repente, Pirch acudindo com Bulow, a cavallaria de Zieten capitaneada por Blucher em pessoa, os francezes rechacados, Marcognet precipitado da eminencia d'Ohain, Duratte desalojado de Papelotte, Donzelot e Quint recuando, Lobau batido pelo flanco, uma nova batalha precipitando-se ao cahir da noite sobre os nossos regimentos dizimados, toda a linha ingleza voltando á offensiva e avançando, a gigantesca brecha feita no exercito francez, a metralha ingleza e a metralha prussa auxiliando-se mutuamente, a mortandade, o desastre da frente, o desastre no flanco, a guarda formando em linha debaixo daquelle pavoroso desmoronamento.

Vendo que ia morrer, ella bradou: « Viva o imperador! » A historia nada apresenta de tam mavioso como essa agonia a proromper em saudações.

O céu estivera coberto todo o dia. De repente nesse momento mesmo, eram quatro horas da tarde, as nuvens do horizonte abriram-se e deixaram passar por

entre os olmos da estrada de Nivelles o clarão avermelhado do sol no occaso. Tinham-n'o visto nascer em Austerlitz.

Cada batalhão da guarda, para este desenlace, era commandado por um general. Friant, Miguel, Roguet, Harlet, Mallet, Poret de Morvan, taes eram os commandantes. Quando as altas barretinas da guarda com a aguia esculpida appareceram, symetricas, alinhadas, tranquilladas, no nevoeiro daquelle conflicto, o inimigo sentiu respeito pela França; pareceu-lhes ver vinte victorias entrarem no campo de batalha, librando-se nas azas, e os que eram vencedores, reputando-se vencidos, recuaram; porem Wellington bradou: « *De pé, guardas, e boa pontaria!* » O regimento vermelho dos guardas inglezes, deitado atrás das cercas, ergueu-se, uma nuvem de metralha crivou a bandeira tricolor, que tremulava em torno das nossas aguias. A guarda imperial sentiu o exercito recuar em roda de si, sentiu o vasto movimento da derrota, ouviu o « *foge, foge!* » que substituiu o « *viva o imperador!* » e, ao passo que todos fugiam atrás della, continuou a avançar cada vez mais fulminada e agonisando a cada passo que dava. Não houve um só que hesitasse, não houve um só que tremesse. O soldado naquella tropa era tão heroe como o general. Não faltou um só homem ao suicidio.

Ney, fóra de si, com toda a grandeza daquelles que aceitam a morte, offerecia-se a todos os golpes naquella tormenta. Perdeu o quinto cavallo. Banhado de suor, scintillantes os olhos, cobertos os beiços de espuma, com a farda desabotoada, uma das dragonas meio cortada pela cutilada que lhe dera um *horse-guarde*, a placa de gran-aguia amassada por uma bala, coberto de sangue, sujo de lama, magnifico, empunhando uma espada quebrada, dizia: « *Vinde vêr como morre um general francez no campo de batalha!* » Mas em vão; não morreu. Estava desvairado e indignado. Dirigia a Drouet d'Erlon esta pergunta: « *Então não queres que te matem?* » Bradava no meio do estampido de toda aquella artilharia a esmagar um punhado de homens: « *Então não ha nada para mim! Oh! quem dera que todas essas balas inglezas me entrassem no peito!* » Misero, estavas reservado para balas francezas!

XIII

CATASTROPHE.

A derrota por detrás da guarda foi lugubre.

O exercito recuou de repente para todos os lados a um tempo, para Hougomont, para Haie-Sainte, para Papelotte, para Plancenoit. O grito : « *traição !* » foi seguido do grito : « *foge ! foge !* » Um exercito em debandada é como um degelo. Tudo dobra, racha-se, estala, fluctua, rola, cahe, choca-se, apressa-se, precipita-se. Desagregação inaudita. Ney toma um cavallo, monta-o, e, sem chapéu, sem gravata, sem espada, posta-se atravessado na calçada de Bruxellas, detendo a um tempo inglezes e francezes. Esforça-se por tolher o passo ao exercito, chama-o, insulta-o, agarra-se á derrota. Baldado esforço. Os soldados fugiam-lhe, bradando : « *Viva o marechal Ney !* » Dous regimentos de Durrutte movem-se de um para outro lado, como que balouçados entre as espadas dos uhlands e as descargas das brigadas de Kempt, Best, Pack e Rylandt. O peor dos conflictos é a derrota ; os amigos matam-se uns aos outros para fugir ; os esquadrões e os batalhões despedaçam-se e dispersam-se uns de encontro aos outros, enorme espuma da batalha. Lobau em uma extremida-

de, Reille na outra, são arrastados pelas ondas. Em vão Napoleão antepõe muralhas com o que lhe resta da guarda; em vão emprega em ultimo esforço os seus esquadrões de serviço. Guiot recua deante de Vivian, Kellermann deante de Vandeleur, Lobau deante de Bulow, Morand deante de Pirch, Domon e Subervie deante do principe Guilherme da Prussia. Guiot, que guiára á carga os esquadrões do imperador, cahê debaixo dos pés dos dragões inglezes. Napoleão corre a galope por entre os transfugas, falla-lhes, insta, ameaça, supplica. Todas as bocas que gritavam pela manha: « *Viva o imperador!* » ficam abertas, como que de admiração; quasi que já ninguem o conhece. A cavallaria prussa que naquelle momento chegava, precipita-se, vôa, acutila, corta, esquarteja, mata, aniquila. Os animaes de tiro empinam-se, as peças fogem precipitadamente; os soldados do trem tiram os animaes aos carros de munição e montam para escapar-se; muitos desses carros, virados no meio do chão, empacham o caminho e dão occasião a novo morticinio. Todos se empurram, cahem, pizam-se, esmagam-se, passam por cima de mortos e de vivos. Os braços já não teem força. Uma multidão vertiginosa enche as estradas, os atalhos, as pontes, as planicies, os valles, os bosques, atropellados por essa fuga de 40,000 homens. Gritos, desespero, embornaes e espingardas lançados no meio das plantações de centeio, passagens abertas a golpes de espada; já não ha camaradas, nem officiaes, nem generaes, um terror inexprimivel. No entanto Zieten acutilava a França sem o menor embaraço. Os leões tinham-se transformado em gamos. Tal foi essa debandada.

Em Genappe tentaram voltar-se, fazer frente, conter o impeto. Lobau reuniu trezentos homens. Levantaram uma trincheira na entrada da aldêa, mas á primeira descarga de metralha dos prussos, todos deitaram de novo a fugir, e Lobau foi aprisionado. Vê-se essa descarga de metralha ainda hoje impressa no velho muro de um pardieiro de tijollo á direita da estrada, alguns minutos antes de entrar em Genappe. Os prussos entraram precipitadamente na aldêa, furiosos sem duvida por terem vencido tam pouco. A perseguição foi monstruosa. Blucher ordenou que se não desse quartel. Roguet dera o lugubre exemplo de ameaçar de morte to-

do o granadeiro francez que lhe trouxesse um prisioneiro prusso. Blucher excedeu Roguet. O general da joven guarda, Duchosne, acuado na porta de uma hospedaria em Genappe, entregou a espada a um hussaro da morte, que a tomou e matou o prisioneiro. A victoria terminou pelo assassinio dos vencidos. Punamos, pois que somos a historia: o velho Blucher deshonrou-se. Essa ferocidade levou ao auge o desastre. A derrota desesperada atravessou Genappe, Quatre-Bras, Somprefe, Frasnes, Thuim, Chaleroi, e só parou na fronteira. Ah! e quem era que assim fugia? O grande exercito!

Essa vertigem, esse terror, esse aluimento da mais alterosa bravura que jamais assombrou a historia, seria sem causa? Não. A sombra de uma recta enorme projecta-se sobre Warteloo. Foi a jornada do destino. A força superior ao homem assignalara aquelle dia. Dahi o dobrar espavorido das cabeças; dahi todas essas grandes almas a entregarem as espadas. Os que tinham vencido a Europa cahiram aniquilados, nada mais tendo que dizer nem que fazer, sentindo da sombra uma presença terrivel. *Hoc erat in fatis*. Nesse dia a perspectiva do genero humano mudou-se. Waterloo é o gonzo do seculo XIX. A desappareição do grande homem era necessaria á entrada do grande seculo. Alguem a quem se não replica encarregou-se disso. O panico dos heroes explica-se. Na batalha de Waterloo ha mais do que nuvem; ha meteoro. Deus passou por aquelle campo.

Ao cahir da noite, em um campo perto de Genappe, Bernard e Bertrand agarraram pelas abas da sobre-casaca um homem desvairado, cabisbaixo, sinistro, que, arrastado até alli pela corrente da debandada, acabava de apear-se, enfiara no braço as redeas do cavallo, e com o olhar perturbado voltava só para Waterloo. Era Napoleão, tentando marchar para a frente, immenso somnambulo daquelle sonho esvaecido.

XIV

O ULTIMO QUADRADO.

Alguns quadrados da guarda , immoveis no meio da torrente da derrota, como rochedos dentro d'agua , resistiram até á noite. Ao chegar a noite, e tambem a morte, esperaram a pé firme essa dupla escuridão, e, inabalaveis, deixaram-se envolver por ella. Cada regimento, ilhado dos outros e não tendo mais nada que o prendesse ao exercito, por toda a parte desbaratado, morria por sua conta. Tinham tomado posição, para esta ultima façanha , uns nas eminencias de Rossume, outros na planicie de Mont-Saint-Jean. Alli, abandonados, vencidos, terriveis, esses sombrios quadrados agonisavam formidavelmente. Ulm, Wagran, Iena, Friedland, morriam nelles.

Ao cabir do crepusculo , pelas nove horas da noite, na falda de Mont-Saint-Jean, restava um delles. Nesse valle funesto, ao pé da ladeira subida pelos couraceiros, innundada agora pelas massas inglezas, debaixo do fogo convergente da victoriosa artilharia inimiga , sob uma temerosa densidade de projectis, esse quadrado lutava.

Era commandado por um official obscuro chamado Cambronne. A cada descarga o quadrado diminuia e res-

pondia. Respondia á metralha com a espingardaria, encollendo continuamente os seus quatro lados. De longe os transfugas, parando por instantes para tomarem folego, ouviam no meio das trevas aquelle sinistro trovão descrente.

Quando essa legião ficou redusida a um pugillo, quando a sua bandeira não foi mais que um farrapo, quando as espingardas por falta de balas se transformaram em bordões, quando o monte de cadaveres subiu acima dos vivos, houve entre os vencedores uma especie de terror sagrado em torno daquelles agonisantes sublimes, e a artilharia ingleza, tomando folego, calou-se. Foi uma especie de dilação. Os combatentes tinham em torno de si um como formigamento de spectros, vultos de homens a cavallo, o perfil negro dos canhões, o céu branco visto por entre as rodas das carretas; a collossal caveira que os heroes divisam sempre no meio da fumaça no fundo da batalha, avançava para elles e encarava-os. Poderam ouvir na escuridão crepuscular a bulha que se fazia tornando a carregar as peças, os morrões acesos, semelhando olhos de tigre no escuro da noite, formaram um circulo por cima das suas cabeças; todos os bota-fogos inglezes aproximaram-se das peças, e então, commovido, tendo o minuto supremo imminente sobre aquelles homens, um general inglez, Corville segundo uns, Maitland segundo outros, bradou-lhes: « *Bravos francezes, entregai-vos!* » Cambronne respondeu: « *Merde.* »

XV

CAMBRONNE.

O leitor francez quer que o respeitem, e assim não se lhe póde repetir a mais bella palavra que francez algum jámais disse. Prohibe-se consignar o sublime na historia.

Por nossa conta e risco infringimos tal prohibição.

Houve, pois, entre esses gigantes um Titan, foi Cambronne.

Proferir semelhante palavra e morrer depois, haverá nada tam magnifico ! porque é morrer o querer ser morto, e não é culpa desse homem, se, metralhado, escapou á morte.

O homem que ganhou a batalha de Waterloo não foi Napoleão derrotado, não foi Wellington recuando ás quatro horas, não foi Blucher, que não se bateu; o homem que ganhou a batalha de Waterloo foi Cambronne.

Fulminar com tal palavra o raio que nos mata—é vencer.

Dar uma tal resposta á catastrophe, dizer aquillo ao destino, erigir semelhante base ao leão futuro, lançar essa réplica á chuva da noite antecedente, ao muro traidor de Hougomont, á grotta do caminho d'Ohain, á demora de Grouchy, á chegada de Blucher, sera ironia no sepulcro,

esforçar-se por ficar a pé firme quando todos jazem no chão, afogar em duas syllabas a liga europèa, offerecer aos reis as latrinas já conhecidas dos Cesares, fazer da ultima das palavras a primeira, ajuntando-lhe o esplendor da França, encerrar insolentemente Waterloo como uma saturnal carnavalesca, completar Leonidas com Rabelais, resumir aquella victoria em uma palavra suprema impossivel de pronunciar-se, perder o terreno e ganhar a historia, após aquelle morticínio fazer rir á custa do vencedor, é immenso. E' insultar o raio. Isto attinge a grandeza eschyliana.

A resposta de Cambronne produziu o effeito de uma fractura. Foi a fractura de um peito pelo despreso; foi a superabundancia da agonia que faz explosão. Quem venceu? Foi Wellington? Não. Se não fôra Blucher ficaria perdido. Foi Blucher? Não. Se Wellington não tivesse começado Blucher não houvera podido acabar. Esse Cambronne, esse advena da ultima hora, esse soldado ignorado, esse infinitamente pequeno da guerra, sente que ha alli uma mentira em uma catastrophe, reduplicação pungente; e no momento em que isso lhe leva ao auge a raiva offerecem-lhe uma derisão, a vida! Como não desatinar! Ei-los alli estão, todos os reis da Europa, os generaes jubilosos, os Jupiteres-tonantes; dispõem de 100,000 soldados victoriosos, e atrás desses 100,000 ha um milhão; suas peças, acesos os morrões, estão apontadas; tem debaixo dos pés a guarda-imperial e o grande exercito; acabam de esmagar Napoleão, e só resta Cambronne; já não ha ninguem para protestar senão esse verme da terra. Elle protestará. Então busca uma palavra como quem busca uma espada. Vem-lhe espuma aos labios, e essa espuma é a palavra. Deante daquella victoria prodigiosa e mediocre, deante daquella victoria sem victoriosos, esse desesperado ergue-se; soffre-lhe a enormidade, mas demonstra-lhe o nada; e faz mais do que cuspir-lhe em cima; e, sob a oppressão do numero, da força e da materia, acha n'alma uma expressão, o excremento. Repetimo-lo, dizer, fazer, achar aquillo, é ser o vencedor.

O espirito dos grandes dias entrou neste homem desconhecido naquelle minuto fatal. Cambronne achou a palavra que explica Waterloo como Roger de l'Isle achou a *Marseilhense*, por uma inspiração celeste. Um efflu-

vio do furacão divino desprende-se e vem passar por entre esses dous homens, e elles estremecem, e um entôa o canto supremo e o outro solta o grito terrivel. Essa palavra de desdem titanico, Cambronne não a lança sómente á Europa em nome do imperio, seria pouco; lança-a ao passado em nome da revolução. Ouvimo-la, e reconhecemos em Cambronne a antiga alma dos gigantes. Disseries que é Danton que falla ou Kléber que ruge.

A' resposta de Cambronne a voz ingleza bradou: «Fogo!» As baterias lampejaram, a collina estremeceu, de todas aquellas bocas de bronze sahio um ultimo, jorro de metralha, horroroso, uma fumaça immensa vagamente prateada pela lua nascente, envolveu tudo, e quando a fumaça se dissipou, nada mais havia. Aquelle resto formidavel fôra desbaratado; a guarda estava morta. As quatro faces do reducto vivo jaziam no chão, apenas se distinguia aqui e acolá um ou outro estremeccimento entre os cadaveres, e foi assim que as legiões francezas, maiores que as legiões romanas, expiraram em Mont-Saint-Jean, naquelle chão ensopado de chuva e de sangue, naquellas sinistras plantações de trigo, no lugar por onde passa agora, ás quatro horas da manhan, assoviando e fustigando alegremente o seu cavallo, José, que faz o serviço da mala-posta de Nivelles.

XVI

QUOT LIBRAS IN DUCE.

A batalha de Waterloo é um enigma. É tam obscura para os que a ganharam como para quem a perdeu. Para Napoleão foi um terror panico ⁽¹⁾; Blucher só vê fogo; Wellington nada comprehende. Leam-se as participações. Os boletins são confusos, os commentarios contradictorios. Estes balbuciam, aquelles tartamudêam. Jomini divide a batalha de Waterloo em quatro momentos; Muffling corta-a em tres peripecias; Charras, bem que em alguns pontos divirjamos do seu modo de vêr, foi o unico que percebeu com o seu certo olhar os traços caracteristicos dessa catastrophe do genio humano em luta com o accaso divino. Todos os outros historiadores são victimas d'um certo deslumbramento, e nesse deslumbramento andam a tactear. Jornada fulgurante, com effeito, excidio da monarchia militar, que, com grande assombro dos reis, arrastou todos os reinos, quêda da praça, derrota da guerra.

«(1) Uma batalha terminada, uma jornada finda, erradas medidas reparadas, os maiores resultados seguros para o dia seguinte. tudo foi perdido por um momento de terror panico.»

(NAPOLEÃO, *Pensamentos dictados em Santa Helena.*)

Nesse acontecimento, em que se nota a intervenção sobrehumana, nada cabe aos homens.

Tirando Waterloo a Wellington e a Blucher tira-se por ventura alguma cousa á Inglaterra e á Allemanha? Não. Nem a illustre Inglaterra nem a augusta Allemanha tem que vêr com o problema de Waterloo. Graças aos céus, os povos são grandes sem entrar nas lugubres aventuras da espada. Nem a Allemanha, nem a Inglaterra, nem a França, cabem em uma bainha. Nesta epoca, em que Waterloo nada mais é do que um retintim de espadas, acima de Blucher a Allemanha tem Goethe e a Inglaterra Byron acima de Wellington. Um vasto surgir de ideas caracteriza o nosso seculo, e nesta aurora a Inglaterra e a Allemanha despedem um clarão magnifico. São magestosas porque pensam. A elevação de nivel que dão á civilisação lhes é intrinseca, sahe dellas mesmas, e não de um accidente. A sua grandeza no seculo XIX não se deriva de Waterloo. Só os povos barbaros crescem subitamente após uma victoria. E' a vaidade passageira das torrentes engrossadas por uma procella. Os povos civilisados, particularmente nos tempos em que nos achamos, nem se elevam nem são abatidos pela boa ou má fortuna de um capitão. O seu peso especifico no genero humano resulta de alguma cousa mais do que de um combate. A sua honra, louvado Deus! a sua dignidade, a sua luz, o seu genio, não são numeros que os conquistadores e os heroes, verdadeiros jogadores, possam metter na loteria das batalhas. Muitas vezes batalha perdida é progresso conquistado. Menos gloria, mais liberdade. Cala-se o tambor, a razão toma a palavra. E' o jogo do perde-ganha. Fallemos, pois, de Waterloo friamente de ambos os lados. Demos ao acaso o que é do acaso, e a Deus o que é de Deus. O que é Waterloo? Uma victoria? Não. Um quino.

Quino ganho pela Europa, pago pela França.

Quasi que não valia a pena por isso erigir alli um leão. Demais Waterloo é o mais estranho encontro que ha na historia. Napoleão e Wellington. Não são inimigos, são contrarios. Nunca Deus, que se compraz das antitheses, fez um contraste mais pasmoso nem uma confrontação mais extraordinaria. De um lado a precisão, a previsão, a geometria, a prudencia, a retirada acutelada, as reservas bem dispostas, um sangue frio

tenaz, um methodo imperturbavel, a estrategia que aproveitava o terreno, a tactica que equilibra os batalhões, o morticínio tirado a cordel, a guerra regulada com o relógio na mão, nada deixado voluntariamente ao acaso, a antiga coragem classica, a correção absoluta; do outro lado a intuição, a adivinhação, a singularidade militar, o instincto sobrehumano, o olhar chammejante, um não sei que, que olha como a aguias e penetra como o raio, uma arte prodigiosa em um impeto desdenhoso, todos os mysterios de uma alma profunda, a associação com o destino; o rio, a planície, a floresta, a collina, intimados e de alguma sorte forçados a obedecer, o despota chegando a ponto de tyrannisar o campo de batalha; a fé na estrella favorecida pela sciencia strategica, fazendo-a avultar, mas perturbando-a. Wellington era o Barão da guerra, Napoleão o Miguel Angelo; e desta vez o genio foi vencido pelo calculo.

De ambos os lados esperava-se alguem. Foi o calculador exacto que acertou. Napoleão esperava Grouchy, e Grouchy não veio. Wellington esperava Blucher, e Blucher veio.

Wellington é a guerra classica a tomar a sua desforra. Bonaparte, na sua aurora, encontrara-o na Italia e batera-o soberbamente. A velha coruja fugira deante do tenro abutre. A antiga tactica, não só ficara fulminada, senão tambem escandalizada. O que vinha a ser esse curso de vinte e seis annos, o que significava esse ignorante esplendido, que, tendo tudo contra si, nada por si, sem viveres, sem munições, sem artilharia, sem sapatos, quasi sem exercito, com um pugillo de homens contra massas aguerridas, lançava-se sobre a Europa colligada, e ganhava absurdamente victorias impossiveis? O que vinha a ser esse adventicio da guerra com toda a insolencia de um astro? A escola academica militar excommungava-o batendo em retirada. Dahi uma implacavel aversão do velho cesarismo contra o novo, do sabre correcto contra a espada fulgurante, e do xadrez contra o genio. No dia 18 de junho de 1815 essa aversão manifestou-se pela ultima vez, e por baixo de Lody, Montebello, Montenotte, Mantua, Marengo, Arcola, escreveu:—Waterloo. Triunpho dos mediocres complacentes para com as maiorias. O destino consentiu nessa ironia. Na sua declinação, encontrou-se Napoleão com Souwarow remocado.

Comeffeito, para ter Souwarow basta branquear os cabellos de Wellington.

Waterloo é uma batalha de primeira ordem ganha por um capitão de segunda.

O que se deve admirar na batalha de Waterloo é a Inglaterra, a firmeza dos inglezes, a resolução ingleza, o sangue inglez; o que a Inglaterra ostentou soberba, em que lhe peze, foi ella mesma. Não foi o seu capitão, senão o seu exercito.

Wellington, estranhamente ingrato, declara em uma carta a lord Bathurst que o seu exercito, o exercito que combateu no dia 18 de junho de 1815, era um *exercito detestavel*. O que dirão a isto todos esses ossos enterados nos sulcos de Waterloo?

A Inglaterra foi demasiadamente modesta para com Wellington. Fazer Wellington tam grande era amesquinhar-se a si. Wellington é apenas um heróe como outro qualquer. Esses escoscezes cinzentos, esses *horse-guards*, esses regimentos de Maitlande e de Mitchell, essa infantaria de Pack e de Kempt, essa cavallaria de Ponsonby e de Somerset, esses *highlanders* tocando o *pibroch* debaixo da metralha, esses batalhões de Rylant, esses recrutas noveis que mal sabiam manejar o mosquete, resistindo ás velhas cohortes d'Essling e de Rivoli, eis o que é grande. Wellington foi tenaz, esse o seu unico merecimento; porem o menor dos seus infantess e dos seus cavalleiros mostrou tanta firmeza como elle. O *iron-soldier* não ficou a quem do *iron-duke*. Quanto a nós, só glorificamos o soldado inglez, o exercito inglez, o povo inglez. Se algum trophéo ha, á Inglaterra compete. A columna de Waterloo seria mais justa, se em vez do vulto de um homem elevasse ás nuvens a estatua de um povo.

Mas a grande Inglaterra se resentirá do que dizemos aqui. Ella ainda tem, a despeito do seu 1688 e do nosso 1789, a illusão feudal. Esse povo, que nenhum outro excede em poder e gloria, estima-se como nação, não como povo. Emquanto povo, subordina-se facilmente, e toma um *lord* por uma cabeça. Como *workman*, submette-se ao desdem; como soldado, sujeita-se as pranchadas. Ainda está na memoria de todos o facto desse sargento que na batalha de Inkerman, tendo, ao que parece, salvado o exercito, não pôde ser mencionado

por lord Raglan, por não permittir a hierarchia militar ingleza que n'uma participação se cite heroe que não seja official.

O que admiramos sobretudo, em um encontro do genero do de Wellington, é a prodigiosa habilidade do acaso. Chuva nocturna, muro de Hougomont, grota do caminho d'Ohain, Grouchy surdo ao canhão, o guia de Napoleão que o engana, o guia de Bulow que o traz a salvamento, todo esse cataclysmo é maravilhosamente conduzido.

Em summa, digamo-lo francamente, houve em Waterloo mais matança do que batalha.

Waterloo é de todas as batalhas campaes a que teve uma frente mais pequena em relação ao numero dos combatentes. Napoleão, tres quartos de legua, Wellington, meia legua; 72,000 combatentes de cada lado. Desta concentração resultou o morticínio.

Houve quem fizesse este calculo e estabelecesse esta proporção: « Perda de homens:—Em Austerlitz: francezes, quatorze por cento; russos, trinta por cento; austriacos, quarenta e quatro por cento. Em Wagram: francezes, treze por cento; austriacos, quatorze. Na Moskowa: francezes, trinta e sete por cento; russos, quarenta e quatro. Em Bautzen: francezes, treze por cento; russos e prussos, quatorze. Em Waterloo: francezes, cincoenta e seis por cento; alliados, trinta e um. Total para Waterloo: quarenta e um por cento. Cento e quarenta e quatro mil combatentes; sessenta mil mortos. »

O campo de Waterloo tem hoje a calma peculiar da terra, sustentaculo impassivel do homem, e parece-se com todas as planicies.

Todavia, de noite, levanta-se delle uma especie de nevoeiro visionario, e, se algum forasteiro por alli passeia, se olha, se escuta, se medita como Virgilio nas funestas planicies de Filippes, a allucinação da catastrophe o penetra. O pavoroso 18 de junho revive; a falsa collina monumento esvaece-se, o mesquinho leão dissipa-se, o campo de batalha reassume a sua realidade; linhas de infantaria ondeam na planicie, galopes furiosos atravessam o horisonte, o pensador assustado vê o fulgurar das espadas, o scintillar das bayonetas, o lampejar das bombas, raios monstruosos a cruzarem-se; ouve, como

um estertor no fundo de um tumulto, o clamor vago da batalha phantasma; estas sombras são os granadeiros; estes esplendores são os couraceiros; este esqueleto é Napoleão; este outro é Wellington; tudo isto já não existe e choca-se e combate ainda; e os sulcos se enrubescem, e as arvores agitam-se, e até as proprias nuvens parecem furiosas, e por entre as trevas, todas estas sombrias eminencias, Mont-Saint-Jean, Hougomont, Frischemont, Papelotte, Plancenoit, apparecem confusamente coroadas de turbilhões de spectros a exterminarem-se.

XVII

QUE SERIA WATERLOO ?

Ha uma escola liberal mui respeitavel, que não odia Waterloo. Não pertencemos a essa escola. Para nós Waterloo não é senão a data estupefacta da liberdade. Que tal aguia saia de tal ovo, é por certo cousa inopinada.

Waterloo, considerado do ponto culminante da questão, é intencionalmente uma victoria contra-revolucionaria. E' a Europa contra a França, é Petersburgo, Berlin e Vienna contra Paris, é o *statu quo* contra a iniciativa, é o 14 de julho de 1789 atacado atraves do 20 de março de 1815, é o rebate das monarchias contra a indomavel insurreição franceza. Extinguir emfim esse immenso povo em erupção, tal era o intuito. Solidarie-
dade dos Brunswicks, dos Nassaus, dos Romanoffs, dos Hohenzollerns, dos Habsburgos com os Bourbons. Waterloo traz na garupa o direito divino. Verdade seja que, tendo o imperio sido despotico, a realeza, pela reacção natural das cousas, devia forçosamente ser liberal, e que uma ordem constitucional de má vontade sahiu de

Waterloo com profundo pezar dos vencedores. E' que a revolução não pode ser verdadeiramente vencida, e, sendo providencial e absolutamente fatal, reaparece sempre, antes de Waterloo, em Bonaparte derribando os antigos thronos, depois de Waterloo, em Luiz XVIII outorgando e supportando a carta. Bonaparte põe um postilhão no throno de Napoles e um sargento no da Suecia, empregando a desigualdade para mostrar a egualdade; Luiz XVIII em Saint-Ouen referenda a *declaração dos direitos do homem*. Queres formar uma idea exacta do que é a revolução? Chama-a—Progresso; e queres formar uma idea clara do que é o progresso? chama-o—Amanhan. Amanhan perfaz irresistivelmente a sua obra, e fa-la desde hoje. Chega sempre ao seu scopo estranhamente. Emprega Wellington em fazer de Foy, que era simples soldado, um orador. Foy cahê em Hougomont e levanta-se na tribuna. Assim procede o progresso. Não ha ferramenta má para tal ferraria. Accommoda ao seu trabalho divino, sem desconcertar-se, o homem que transpôz os Alpes, e o bom velho valetudinario vacillante—o pae Elyseu. Serve-se do gottoso e do conquistador; do conquistador no exterior, do gottoso no interior. Waterloo, pondo termo á demolição dos thronos europeus pela espada, não teve outro effeito senão o de dar nova direcção ao trabalho revolucionario. Os acutiladores perfizeram a sua tarefa; agora é a vez dos pensadores. O seculo que Waterloo queria deter passou-lhe por cima e continuou a sua marcha. Essa victoria sinistra foi vencida pela liberdade.

Em summa, e sem contestação, o que triumphava em Waterloo, o que sorria por trás de Wellington, o que lhe traz a todos os bastões de marechal da Europa, inclusive, ao que dizem, o de marechal de França, o que puxava alegremente as carroças de terra cheias de ossos para elevar o monticulo do leão, o que escreveu triumpantemente nesse pedestal esta data:—*18 de junho de 1815*, o que estimulava Blucher acutilando a debandada, o que do alto da eminencia de Mont-Saint-Jean se inclinava para a França como sobre uma preza, era a contra-revolução. Era a contra-revolução que murmurava esta palavra infame:—desmembramento. Chegando a Paris, viu de perto a cratera, sentiu que as cinzas lhe

queimavam os pés, e acautelou-se. Teve de submeter-se a balbuciar uma carta.

Não vejamos em Waterloo senão o que nelle ha. Liberdade intencional é cousa que alli nunca houve. A contra-revolução era involuntariamente liberal, do mesmo modo que, por um phenomeno correspondente, Napoleão era involuntariamente revolucionario. No dia 15 de junho de 1815 Robespierre a cavallo foi lançado fóra da sella.

XVIII

RECRUDESCENCIA DO DIREITO DIVINO.

Fim da dictadura. Todo o systema da Europa se desmoronou.

O imperio aluiu-se em uma escuridão que se assemelhou á do mundo romano ao expirar. O abysmo tornou a escancarar-se como no tempo dos barbaros. A barbaria de 1815, porém, a que devemos dar o seu mesquinho nome de contra-revolução, nada tinha de esforçada, em breve se cansou e estacou. O imperio, confessemos-lo, foi chorado, e chorado por olhos heroicos. Se a gloria consiste no gladio feito sceptro, o imperio havia sido a propria gloria. Exparzira na terra toda a luz que a tyrannia póde dar: luz sombria. Ainda mais: luz escura. Comparada com a verdadeira, era noite. A desaparição dessa noite produziu o effeito de um eclipse.

Luiz XVIII tornou a entrar em Paris. As choréas de dansarinos de 8 de julho excederam de todo o ponto os enthusiasmos de 20 de março. O corso tornou-se a antithese do bearnes. A bandeira do zimborio das Tulherias passou a ser branca. O exilio ostentou-se no throno. A mesa de pinho de Hartwell foi collocada deante da poltrona esmaltada de lizes de Luiz XIV. Fallou-se de Bouvines e de Fontenoy como de cousas de hontem, porque Austerlitz tinha envelhecido. O altar e o throno

fraternisaram magestosamente. Uma das fórmulas mais incontestadas da salvação da sociedade no século XIX se estabeleceu em França e em todo o continente. A Europa adoptou o tope branco. Trestaillon foi celebre. A devise—*non pluribus impar*—reappareceu nos raios de pedra que figuravam um sol na fachada do quartel do cães d'Orsay. Onde estava a guarda imperial surgiu a casa vermelha. O arco do Carrousel, todo carregado de victorias mal firmadas, estranho a todas aquellas novidades, quicá um tanto envergonhado de Marengo e Arcola, tirou-se do embarço com a estatua do duque de Angoulême. O cemiterio da Magdalena, temivel valla de 1793, cobriu-se de marmore e de jaspe, porque os ossos de Luiz XVI e de Maria Antonieta estavam confundidos naquelle pó. No fosso de Vincennes um cippo sepulcral brotou do chão, commemorando que o duque de Enghien fôra morto no mesmo mez em que Napoleão havia sido coroado. O papa Pio VII, que celebrára esta sagração tam proxima daquella morte, abençoou tranquillamente a quêda como abençoára a elevação. Houve em Schoebrunn uma sombrinha de quatro annos, e a quem ninguem podia chamar rei de Roma sem incorrer no crime de sedição. E essas cousas fizeram-se, e esses reis reassumiram seus thronos, e o senhor da Europa foi mettido em uma gaiola, e o antigo regimen tornou-se novo, e toda a sombra e toda a luz da terra mudaram de lugar, porque, em uma tarde de um dia de verão um camponez disse a um prusso em um bosque: « Passe por aqui, e não por alli! »

Esse 1815 foi uma especie de abril lugubre. As velhas realidades mephiticas e venenosas cobriram-se de apparencias novas. A mentira desposou 1789, o direito divino mascarou-se com uma Carta, as ficções fizeram-se constitucionaes, os conceitos, as superstições e as restricções mentaes, com o art. 14 no coração, envernizaram-se de liberalismo. As serpentes mudavam de pelle.

O homem fôra a um tempo engrandecido e amesquinhado por Napoleão. O ideal, nesse esplendido reinado da materia, recebêra o estranho nome de ideologia. Grande imprudencia de um grande homem expôr assim á derisão o porvir! Entretanto os povos, esse pasto com que os artilheiros gostavam de sevar os seus canhões, buscavam-n'o com os olhos. Onde está elle? O que faz?

« Napoleão morreu », dizia um transeunte a um inválido de Marengo e Waterloo. « *Elle mourir!* » exclamou o soldado; *como o senhor conhece!* » As imaginações deificavam este decahido. O fundo da Europa depois de Waterloo foi tenebroso. Um immenso espaço ficou por muito tempo vazio após o desaparecimento de Napoleão.

Os reis collocaram-se neste vacuo. A velha Europa aproveitou a circumstancia para reformar-se. Houve uma Santa-Alliança. « *Bella-Alliança* », dissera de antemão o campo fatal de Waterloo.

Na presença e aos olhos da velha Europa restaurada esboçaram-se os delineamentos de uma França nova. O porvir, escarnecido pelo imperador, chegou. Tinha na frente esta estrellá—liberdade.—Os olhos ardentes das jovens gerações voltaram-se para elle. Causa singular, todos se enthusiasmaram ao mesmo tempo por esse porvir, Liberdade, e por esse passado, Napoleão. A derrota havia engrandecido o vencido, Bonaparte abatido parecia maior do que Napoleão de pé. Os que haviam triumphado tiveram medo. A Inglaterra deu-lhe por guarda Hudson Lowe e a França fê-lo espiar por Montcheu. Os seus braços cruzados tornaram-se a inquietação dos thronos. Alexandre chamava-o—*a minha insomnia*. Este medo provinha da quantidade que nelle havia. Tal é a explicação e a desculpa do liberalismo bonapartista. Esse phantasma fazia tremer o velho mundo. Os reis reinaram inquietos, com o rochedo de Santa Helena no horizonte.

Emquanto Napoleão agonisava em Longwood, os 60.000 homens que haviam succumbido no campo de batalha de Waterloo apodreceram tranquillamente, e alguma cousa da sua paz se espalhou pelo mundo. O congresso de Vienna deu-lhe os tratados de 1815, e a Europa chamou a isso—restauração.

Eis o que é Waterloo.

Mas que importa ao infinito? toda essa procella, toda essa nuvem, essa guerra, depois essa paz, toda essa sombra, não perturbaram um momento o immenso olhar para o qual o vermezinho que salta de uma para outra pontinha de berva iguala a aguia voando de campanario em campanario até ás torres da egreja de Nossa Senhora.

XIX

O CAMPO DE BATALHA DE NOITE.

Voltemos, pois é uma necessidade deste livro, a esse campo de batalha.

No dia 18 de junho de 1815 havia plenilunio. Essa claridade favoreceu o feroz acossamento de Blucher, patenteou os rastros dos fugitivos, entregou essa massa fugitiva á cavallaria prussiana encarniçada e ajudou o morticínio.

Depois do ultimo tiro de peça a planicie de Mont-Saint-Jean ficou deserta.

Os inglezes occuparam o acampamento dos francezes; é a prova habitual da victoria; dormir na cama do vencido. Plantaram as suas tendas além de Rossomme. Os prussianos, lançados após a debandada, foram para diante. Wellington dirigiu-se para a aldêa de Waterloo, afim de redigir a sua parte a lord Bathurst.

Se houve algum dia caso a que melhor se applicasse o *sic vos non vobis*, é por sem duvida dessa aldêa de Waterloo. Waterloo nada fez, e ficou a meia legua da acção. Mont-Saint-Jean foi canhoneado; Hougomont, Papelotte, Plancenoit, incendiados; Haie-Sainte tomada de assalto; a Belle-Alliance viu o braço dos dous vencedores; quasi que ninguem sabe estes nomes, e a Wa-

terloo, que não trabalhou na batalha, coube toda a honra della.

Não somos desses que lisongeiam a guerra; quando se offerece occasião dizemos-lhe verdades. A guerra tem terriveis bellezas que não occultamos; porém, confessemos-lo, tem igualmente algumas fealdades. Uma das mais sorprendedoras é o prompto despojamento dos mortos depois da victoria. A aurora que surge após uma batalha allumia sempre cadaveres nús.

Quem faz isso? Quem macula assim o triumpho? Que hedionda mão furtiva é essa que se introduz no bolso da victoria? Que gatunos são esses que commettem o seu feio delicto por detrás da gloria? Alguns philosophos, Voltaire entre outros, affirmam que são precisamente aquelles que fizeram a gloria. São os mesmos, dizem elles, não ha que duvidar; os que ficam vivos rapinam os que jazem no chão. O heròe do dia é o vampiro da noite. Demais, cada qual se julga com o direito de despojar um pouco o cadaver de que é autor. Quanto a nós, não o cremos. Colher louros e roubar sapatos a um defunto parece-me impossivel que o faça a mesma mão. O que é certo é que, de ordinario, após os vencedores veem os ladrões. Mas não parem as nossas suspeitas sobre o soldado, sobretudo sobre o soldado contemporaneo.

Todo o exercito tem uma cauda, e é a esta a que devemos accusar. Homens morcegos, meio salteadores e creados, todas as especies de *vespertilio* que engendra esse crepusculo e que chamam guerra, individuos fardados que não combatem, falsos doentes, estropeados temiveis, vivandeiros equivoocos, movendo-se ás vezes com suas mulheres, em carrocinhas, e roubando o que revendem, mendigos offerecendo-se como guias aos officiaes, moços, soldados desgarrados, os exercitos em marcha outr'ora—não fallamos da actualidade—arrastavam tudo isto. Nenhum exercito e nenhuma nação eram responsaveis por esses entes; elles fallavam italiano e seguiam os allemães; fallavam francez e seguiam os inglezes. Foi por um desses miseraveis, estropiado hespanhol que fallava francez, que o marquez de Fervacques, enganado pelo seu fallar picardo, e tomando-o por um dos nossos foi traçoeiramente morto e roubado mesmo no campo de batalha, na noite que se seguiu á victoria de

Cérisolles. Da pilhagem nascia o roubador. A detestavel maxima—*viver á custa do inimigo*—produzia essa lepra, que só uma severa disciplina podia curar. Ha reputações que enganam; nem sempre se sabe porque é que certos generaes, aliás illustres, foram tam populares. Turenne era adorado dos seus soldados porque tolerava a pilhagem; o mal permittido faz parte da bondade; Turenne era tam bom que deixava levar a ferro e a fogo o Palatinado. Via-se acompanhar os exercitos um maior ou menor numero desses larapios, conforme o chefe era mais ou menos severo. Hoche e Marchau não os tolerava; Wellington, fazemos-lhe esta justiça, tinha poucos.

Todavia, na noite de 18 para 19 de junho os mortos foram despojados. Wellington mostrou-se rigido; ordenou que se passasse pelas armas quem quer que fosse apanhado em flagrante delicto; mas a rapina é tenaz. Os rapinadores roubavam em um campo de batalha ao passo que os arcabusavam em outro.

A lua era sinistra naquella planicie.

Pela meia noite um homem vagava, ou antes rojava-se para o lado do caminho d'Ohain. Era, seguudo todas as apparencias, um desses que acabamos de caracterisar, nem inglez, nem francez, nem camponio, nem soldado, menes homem do que hyena atirabida pelo cheiro dos cadaveres, tendo por victoria o roubo, e vindo desvalijar Waterloo. Trajava uma camisola que tinha o seu tanto de capote, era inquieto e audaz, avançava e olhava para trás. Quem seria esse homem?

E' provavel que a noite soubesse disso mais que o dia. Não trazia sacco, mas o capote estava evidentemente munido de enormes algibeiras por dentro. De tempos a tempos, parava, examinava a planicie em torno, como para ver se alguem o observava, curvava-se de repente, mexia na terra com alguma cousa silenciosa e immovel. Depois endireitava-se esquivando-se. O seu escoar-se, as suas attitudes, o seu gesto rapido e mysterioso, assemelhavam-n'o com essas larvas crepusculares que frequentam as ruinas e que as antigas lendas normandas chamam os andantes (les Alleurs).

O olhar que tivesse attentamente sondado toda essa penumbra notaria a alguma distancia, parado e como que escondido atrás do muro que sobre a calçada de Nivelles

orla o caminho de Mont-Saint-Jean a Berraine-l'Alleud, uma especie de carrinho de vivandeira coberto de vimes alcatroados, nos varaes um sendeiro a roer ortigas com o freio na boca, e no carrinho uma cousa parecida com uma mulher assentada em cima de bálus e embrulhos. Talvez houvesse alguma ligação entre este carrinho e aquelle passeiante.

Era serena a obscuridade. Nem uma nuvem no zenith. Que importa que a terra esteja rubra, a lua é sempre branca. São indifferenças do céu. Nos prados, ramos de arvores partidos pela metralha mas não cabidos, e retidos pela casca, balançavam-se brandamente ao sopro da noite. Uma aura, quasi uma respiração, agitava as ramos. As ervas estremeciam como almas que se desprendem.

Ouvia-se vagamente ao longe o ir e vir das patrulhas, rondas do acampamento inglez.

Ilougomont e Haye-Sainte continuaram a arder, formando, uma a oeste, outra a leste, duas grandes chamas, a que vinha prender-se, como collar de rubis solto e com dous carbunculos nas extremidades, o cordão de fogos do arraial inglez, assentado em semi-circulo immenso sobre as collinas do horisonte.

Contámos a catastrophe do caminho d'Ohain. O que esta morte foi para tantos bravos, o coração se apavora de pensa-lo.

Se ha cousa terrivel, se uma realidade existe que exceda ao sonho, é esta:—viver, vêr o sol, estar na plena posse da força viril, ter saude e alegria, rir valorosamente, correr para uma gloria que temos deante dos olhos resplandecente, sentir no peito pulmões que respiram, um coração que bate, uma vontade que raciocina, fallar, pensar, esperar, amar, ter uma mãe, uma mulher, filhos, vêr a luz, e de repente, em menos de um minuto, no tempo apenas de soltar um grito, precipitar-se no abysmo, cair, rolar, esmagar, ser esmagado, vêr espigas de trigo, flores, folhas, ramos, não poder agarrar-se a nada, sentir inutil a espada, homens debaixo de si, cavallos por cima, debater-se em vão, quebrados os ossos por um encontro qualquer nas trevas, sentir um calcanhar que vasa os olhos, morder raivoso ferraduras, abafar, gemer, estorcer-se, estar debaixo de tudo aquillo, e dizer: « Eu ainda agora vivia! »

Onde se dera este lamentavel desastre tudo era silencio agora. O vão do caminho cavado estava cheio de cavallos e cavalleiros, inexplicavelmente amontoados. Terrivel aterro. Já não havia taludes, os cadaveres nivelavam com a planicie, raso com as bordas, como um alqueire de cevada bem medido. Um amontoado de mortos no alto, um rio de sangue por baixo; tal era esse caminho ao cahir da noite de 18 de junho de 1815. O sangue corria até sobre a calçada de Nivelles e extravasando formava uma vasta lagoa deante da moita que marginava a estrada no lugar que ainda hoje se mostra. Tinha sido do lado opposto, na direcção da calçada de Genappe, que se afundiram os couraceiros. A espessura dos cadaveres era proporcionada a profundez do barranco. No meio do lugar onde elle se tornara plano e onde passara a divisão Delord, era mais delgada a camada dos mortos.

Dirigia-se deste lado o nocturno passeiante que o leitor acaba de lobrigar. Examinava esta immensa tumba, olhava, passava hedionda revista aos mortos. Chafurdava com os pés no sangue.

De repente parou.

A alguns passos deante d'elle, na grotta, no ponto onde terminava a mó de mortos, sahia por debaixo deste acervo de homens e cavallos uma mão aberta em que batia a lua.

Tinha essa mão no dedo o que quer que fosse que brilhava, e que era um annel de ouro.

O homem abaixou-se, ficou curvado por um momento, e ao reerguer-se já não havia annel naquella mão.

Não se reergueu precisamente; ficou na attitude da besta fera que espreita a preza, dando as costas á pinha de mortos, perscrutando o horisonte, todo o corpo dianteiro firmado nos dous indices apoiados na terra, a cabeça a apparecer sobre a borda do barranco. Ha acções a que convem as quatro patas da onça.

Depois, tomando uma resolução, levantou-se.

Neste momento teve um sobresalto. Sentiu que o seguravam por detrás, voltou-se; era a mão aberta que se tinha fechado agarrando-lhe a orla do capote.

Um homem honrado teria tido medo. Este desatou a rir.

—Ainda bem, disse elle, é só o morto. Antes quero

uma alma do outro mundo que um soldado de policia.

Entretanto faltaram as forças á mão, que o largou. O esforço depressa se esgota no sepulcro.

—E esta ! tornou o vagabundo, estará vivo este morto ? Vejamos.

Vergou-se outra vez, enterrou as mãos entre os cadáveres, desviou os obstaculos, apoderou-se de um braço, desafiou a cabeça, tirou o corpo, e alguns instantes depois arrastava a sombra do barranco um homem inanimado, ou pelo menos sem sentidos. Era um couraceiro, um official, mesmo um official de certa patente ; uma grande dragona de ouro sahia por debaixo da couraça. O elmo desapparecera ; um furioso golpe de espada lhe atravessava o rosto, onde se não via senão sangue. Quanto ao mais, não parecia ter membro algum quebrado, e por um feliz acaso, se aqui tem lugar semelhante palavra, haviam os mortos formado arco sobre elle, para o não deixar esmagar.

Os olhos estavam fechados.

Sobre a couraça brilhava a cruz de prata da Legião de Honra.

O vagabundo arrancou essa cruz, que desappareceu n'um dos boqueirões que tinha no ferro do capote.

Feito isto, apalpou o bolso do official, achou um relógio, e tomou-o. Depois passou ao collete ; encontrou uma bolsa, e metteu-a em si.

Estando elle nesta phase dos soccorros que prestava ao moribundo, o official abriu os olhos.

—Obrigado, disse este com voz fraca.

As sacudidellas do homem que o meneava, a frescura da noite, o ar livremente respirado, o haviam arrancado á lethargia.

O vagabundo não respondeu. Levantou a cabeça. Ouviu-se o ruido de passos na planicie ; provavelmente alguma patrulha que se aproximava.

O official murmurou, pois ainda havia agonia na sua voz :

—Quem ganhou a batalha ?

—Os inglezes, respondeu o vagabundo.

O official tornou :

—Procure nas minhas algibeiras. Ha de achar uma bolsa e um relógio. Tome-os.

Era cousa já feita.

O vagabundo fingiu fazer o que se lhe pedia, e disse :

—Nada encontro.

—Roubaram-me, replicou o official, sinto-o. Seria para você.

Cada vez mais distinctos se ouviam os passos da patrulha.

—Vem gente, disse o vagabundo, fazendo um movimento de quem se afasta.

O official, solevando penosamente o braço, reteve-o :

—Salvaste-me a vida. Quem és?

O vagabundo respondeu depressa e baixo :

—Pertencia, como o senhor, ao exercito francez. Não tenho remedio senão deixa-lo. Se me agarrassem arca-buzavam-me. Salvei-lhe a vida, arrange-se agora como puder.

—Que posto tem?

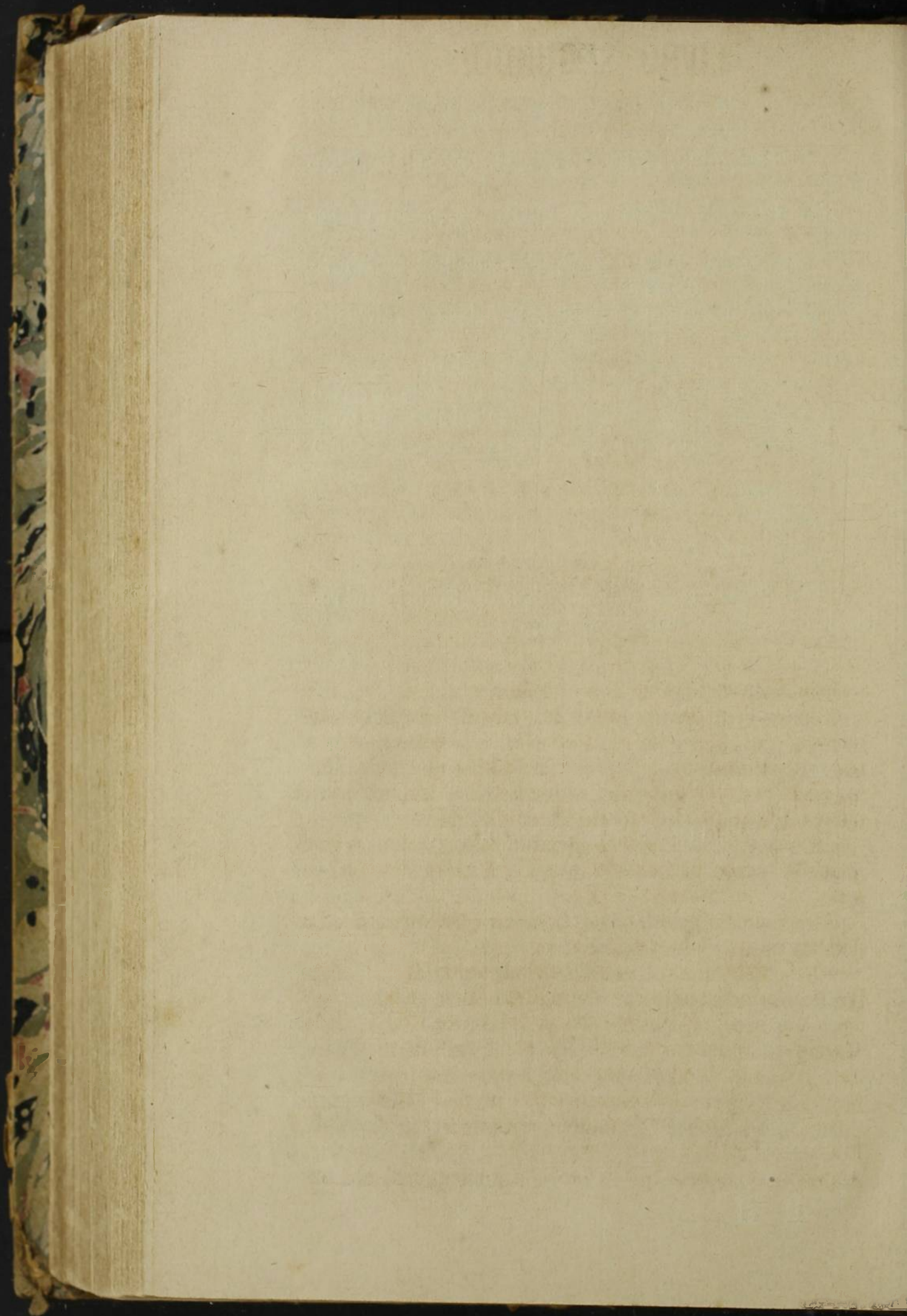
—Sargento.

—Como se chama?

—Thénardier.

—Não esquecerei esse nome, disse o official; lembre-se do meu. Chamo-me Pontmercy.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO.



LIVRO SEGUNDO.

A NAV ORION.

I

O NUMERO 24,601 PASSA A SER 9,430.

João Valjean fôra de novo preso.

O leitor sem duvida levará a bem que não nos detenhemos em pormenores dolorosos. Limitamo-n'os a transcrever dous artigos editoriaes publicados pelos jornaes da época, alguns mezes depois dos estranhos acontecimentos que se deram em M. sobre o M.

Estes artigos são um tanto resumidos. Sabe-se que naquelle tempo não existia ainda a *Gazeta dos Tribunaes*.

Extrahimos o primeiro da *Bandeira Branca*. Tem a data de 25 de junho de 1823:

« Um districto do Passo de Calais acaba de ser theatro de um acontecimento de alguma sorte extraordinario. Um homem estranho ao departamento e chamado Magdalena tinha restaurado havia alguns annos, mediante novos methodos, uma antiga industria local, o fabrico do azeviche e das missangas pretas. Havia enriquecido, e, digamo-lo tambem, inriquecêra o districto. Em galardão dos seus serviços fôra nomeado *maire*. A policia descobriu que o senr. Magdalena não era ou-

tro senão um ex-forçado evadido do desterro, condemnado em 1796 por crime de roubo, e chamado João Valjean. João Valjean foi de novo recolhido ás galês. Parece que antes de ser preso conseguira tirar de casa do senr. Laffitte uma somma de mais de meio milhão que alli havia depositado, e que, ao que dizem, ganhára aliás mui legitimamente no seu commercio. Depois da sua volta para as galês não se pôde saber onde João Valjean escondeu essa somma.»

O segundo artigo, um tanto mais desenvolvido, é tirado do *Jornal de Pariz*, da mesma data :

« Um ex-galé, chamado João Valjean, acaba de comparecer no tribunal do jury do Var em circumstancias capazes de captivar a attenção. Este malfetor conseguira illudir a vigilancia da policia; mudára de nome e lograra ser nomeado *maire* de uma das nossas pequenas cidades do norte. Tinha estabelecido alli um commercio bastante consideravel. Foi enfim desmascarado e preso, graças ao zelo infatigavel da promotoria publica. Tinha por concubina uma rapariga de má vida, que morreu do abalo que sentiu quando o prendêram. O miseravel, que é dotado de uma força herculea, achára meio de evadir-se, mas tres ou quatro dias depois da sua fuga, tornou a policia a agarrá-lo, mesmo em Pariz, no momento em que elle entrava em um desses carrinhos que fazem o trajecto da capital á aldêa de Montfermeil (Seine-e-Oise). Dizem que aproveitára este intervallo de tres ou quatro dias de liberdade para levantar uma somma consideravel que havia depositado em casa de um dos nossos principaes banqueiros. Avalia-se essa somma em 600 ou 700,000 francos. Ao que diz o libello da accusação, escondeu-a em um lugar só delle sabido e não foi possivel descobri-la; como quer que seja, João Valjean acaba de ser levado ao tribunal do jury do Var para responder pelo crime de roubo a mão armada commettido, ha perto de oito annos, e de que fôra victima uma dessas sympathicas creanças que, como disse o patriarcha de Ferney em versos immortaes :

« . . . de Savoie arrivent tous les ans
« Et dont la main légèrement essuie
« Ces longs canaux engorgés par la suie. »

« O salteador nem buscou defender-se. Provou-se

pelo habil e eloquente órgão da promotoria publica que havia complicitade no roubo commettido, e que João Valjean fazia parte de uma quadrilha de ladrões que assola o sul. Consequentemente, reconhecida a culpabilidade de João Valjean, foi elle condemnado á morte. O criminoso não quiz socorrer-se á appellação. O rei, em sua inexaurivel clemencia, dignou-se commutar-lhe a pena na de galès perpetuas. João Valjean foi immediatamente remettido para Toulon.»

O leitor não terá esquecido que João Valjean, em M. sobre o M., se dera ás praticas religiosas. Alguns jornaes, entre outros o *Constitucional*, apresentaram aquella commutação como uma victoria do partido clerical. João Valjean mudou de numero nas galès. Passou a chamar-se 9,430.

Demais, digamo-lo uma vez por todas, com Magdalena desapareceu a prosperidade de M. sobre o M.; o que elle previra naquella sua noite de febre e de hesitação realisou-se; retirado elle, como que *se retirou a alma de tudo*. Depois da sua queda deu-se em M. sobre o M., esse successo egoistico das grandes existencias aniquiladas, esse despedaçamento das cousas florescentes que se consumma quotidianamente na communhão humana e que a historia não consignou senão uma vez, porque se deu depois da morte de Alexandre. Os lugares-tenentes cingem regios diademas; os contramestres arvoraram-se em fabricantes. Surgiram as invejosas rivalidades. As vastas officinas de Magdalena fecharam-se, os edificios arruinaram-se, os operarios se dispersaram. Uns retiraram-se da cidade, outros abandonaram o officio. Tudo de então por deante se fez em pequeno, em vez de fazer-se em grande; com o unico fito no lucro, não já para mutuamente se beneficiarem. Nenhum centro; a concurrencia, o encarniçamento por toda a parte.

Magdalena dominava e dirigia tudo. Cahi elle, entrou cada um a puxar para o seu lado; o espirito de luta succedeu ao de organização, a dureza á cordialidade, mutuos odios á benevolencia do fundador para com todos; os fios ligados se emmaranharam e quebraram-se; falsificou-se o fabrico, tornaram-se imperfeitos os productos, morreu a confiança; as vendas diminuiram, houve menos encomendas; os salarios laixaram as

officinas tiveram de suspender os trabalhos, deu-se a banca-rota. E depois nada mais para os pobres. Tudo se dissipou.

Até o Estado chegou a notar que alguém succumbira algures. Em menos de quatro annos depois da sentença do tribunal do jury que reconheceu em proveito das galés a identidade do senr. Magdalena e de João Valjean, os gastos com a cobrança dos impostos haviam dobrado no districto de M. sobre o M.; e o senr. de Villèle tocou nisto em um discurso que pronunciou no mez de febreiro de 1827.

II

EM QUE SE CITAM DOUS VERSOS QUE SÃO TALVEZ DO DIABO.

Antes de proseguirmos, parece-nos conveniente referir sem muita particularidade um facto singular que se deu por essa mesma época em Montfermeil, e que talvez não deixe de ter coincidência com certas conjuncturas da promotoria publica.

Ha na aldêa de Montfermeil uma superstição mui antiga, tanto mais curiosa e preciosa quanto mais uma superstição popular na vizinhança de Pariz se assemelha a um aloe na Siberia. Somos desses que respeitam tudo quanto é planta rara. Eis pois a superstição de Montfermeil: acreditam que o diabo, desde uma época que se perde na noite dos tempos, escolheu aquella floresta para nella esconder os seus thesouros. As mulheres affirmam que não é raro encontrar á boca da noite, nos lugares mais afastados do bosque, um homem negro, com ar de carroceiro ou de lenhador, de tamancos, vestido de calças e camisola de brim, e notavel por ter, em vez de boné ou chapéu, dous immensos chifres na cabeça. Por este signal deve com effeito ser facil reconhecerê-lo. Esse homem occupa-se habitualmente em

abrir uma cova. Ha tres maneiras de proceder em tal encontro. A primeira é chegar-se para o homem e fallar-lhe. Então vê-se que é simplesmente um camponez, que parece negro por causa do crepusculo, que não abre o menor buraco, e sim corta herva para as suas vaccas, o que parecia chifres não é outra cousa mais do que uma forquilha de mexer esterco que elle traz ao hombro e cujas pontas, graças á perspectiva da noite, pareciam sahir-lhe da cabeça. A pessoa que assim procede volta para casa e morre no correr da semana. A segunda maneira é observa-lo, esperar que elle acabe de fazer o seu buraco, o feche e se retire; depois correr depressa ao buraco, tornar a abri-lo e tirar o *thesouro* que o homem negro alli necessariamente escondeu. Neste caso, a pessoa que assim procede morre no correr do mez. Emfim, a terceira maneira é não fallar ao homem negro, não olhar para elle e correr a bom correr. A pessoa que assim faz morre no correr do anno.

Como as tres maneiras teem os seus inconvenientes, a segunda, que ao menos offerece algumas vantagens, entre outras a de possuir um thesouro, embora só por um mez, é a mais geralmente adoptada. Os homens afoutos que todos os riscos tentam, hão pois, muito a miudo, ao que dizem, reaberto os buracos feitos pelo homem negro e tentado roubar o diabo. Parece que a operação é de mediocre lucro. Pelo menos, a dar credito á tradicção e em particular aos dous versos enigmaticos em latim barbaro, que deixou a este respeito um máu frade normando, um tanto feiticeiro, chamado Tryphon. Esse Tryphon está enterrado na abbadia de San'-Jorge de Bocheville perto de Rouen, e nascem sapos em cima do seu tumulo.

Esforços enormes teem pois sido feitos; os taes buracos são de ordinario mui fundos; quem vae abri-los sua, remexe a terra, trabalha toda a noite, porque é de noite que isso se faz, ensopa a camisa, gasta a sua vela, embota a enxada, e quando chega ao fundo do buraco, quando estende a mão para o *thesouro*, o que encontra? o que é o thesouro do diabo? um soldo, ás vezes um escudo; uma pedra, um esqueleto, um cadaver que gotteja sangue, ás vezes um spectro dobrado em quatro como uma folha de papel dentro de uma carteira, ás ve-

zes nada. E' o que parecem annunciar aos curiosos indiscretos os versos de Tryphon :

*Fodit, et in fossa thesauros condit opaca,
As, nummos, lapides, cadaver, simulacra, nihilque.*

Parece que nos nossos dias tambem se encontra, ora um polvarinho com balas, ora um velho baralho de cartas ensebadas e encardidas de que evidentemente se serviram os diabos. Tryphon não registra achados destes, porquanto vivia no XII seculo e não é crível que o diabo tivesse espirito bastante para inventar a polvora antes de Rogerio Bacon e as cartas de jogar antes de Carlos VI.

Demais, quem joga com aquellas cartas póde estar certo de perder quanto possue ; e quanto á polvora que está no polvarinho, tem a propriedade de fazer arrebentar a espingarda na cara de quem della se serve.

Ora, muito pouco tempo depois da época em que pareceu á promotoria publica que o ex-forçado João Valjean, durante a sua fugida de alguns dias, vagára nos arredores de Montfermeil, notou-se nessa mesma aldêa que certo velho trabalhador de estradas, chamado Boulatruelle, visitava a miudo o bosque. Suppunham pela maior parte os aldeões que esse Boulatruelle estivera nas galês ; achava-se elle sujeito a certa vigilancia da policia, e, como não deparava com que occupar-se, a administração o empregava por pouco mais de nada como trabalhador no caminho vincinal de Gagny a Lagny.

Boulatruelle era um homem para quem todos olhavam de esguelha, mui respeitoso, mui humilde, sempre prompto a tirar o seu boné a quem quer que fosse, tremendo e sorrindo-se deante dos soldados de policia, provavelmente associado a quadrilhas, ao que diziam, suspeito de fazer emboscadas ao cahir da noite nos recantos da matta. O que não padecia a menor duvida é que era um grandissimo bebado.

Aqui está o que suppunham ter notado :

Havia algum tempo, Boulatruelle largava muito cedo o seu trabalho de empedramento e reparo da estrada e entrava para a matta com o seu alvião. Encontravam-n'o á noitinha nas clareiras mais desértas, nas balsas mais cerradas, com ar de quem procura alguma cousa, ás vezes a cavar. As boas mulheres que passavam tomavam-n'o á primeira vista por Belzebuth, depois reconheciam

Boulatruelle, e nem por isso se lhes diminuia o susto. Esses encontros pareciam contrariar vivamente Boulatruelle. Era visível que elle buscava esconder-se, e que havia mysterio no que andava a fazer.

Diziam na aldêa : « E' claro que o diabo appareceu. Boulatruelle viu-o, e procura. Na verdade, o sujeito é bem proprio para surripiar o thesouro de Lucifer. » Os voltairianos acerescentavam : « Dar-se-hia caso que seja Boulatruelle que pregue a peça ao diabo, ou o diabo que a pregue a Boulatruelle ? » As velhas faziam muitos signaes da cruz.

Entretanto cessaram as visitas de Boulatruelle ao bosque, e recommçou regularmente o seu trabalho de empedrar estradas.

Começaram a fallar de outra cousa.

Todavia, algumas pessoas andavam ainda preocupadas, pensando que havia provavelmente naquillo, não os fabulosos thesouros da lenda, porem alguma boa maquia mais séria e mais palpavel do que os bilhetes do banco do diabo, e cujo segredo fôra em parte descoberto por Boulatruelle. Entre essas pessoas avantajavam-se o mestre-escola e o estalajadeiro Thénardier, que dando-se com todos, se não dignára de travar relações com o trabalhador de estradas.

—Esteve nas galês, pensava Thénardier. Mas, meu Deus! ninguem deve dizer *desta agua não beberei, deste pão não comerei*.

Uma noite o mestre-escola affirmava que em outro tempo a justiça houvera averiguado o que ia Boulatruelle fazer ao bosque, e que elle se teria achado na necessidade de fallar, pois se fosse preciso tê-lo-hiam torturado, e Boulatruelle, por exemplo, não houvera resistido ao tormento da agua.

—Pois empreguemos o tormento do vinho, disse Thénardier.

Fizeram muitos affagos ao velho trabalhador e convidaram-n'ó a beber. Boulatruelle bebeu como uma esponja e fallou pouco. Combinou, com admiravel arte e em proporção magistral, a sêde de um comilão com a discrição de um juiz. Entretanto, á força de voltar á carga, e ajuntar e espremer algumas palavras que lhe escaparam, eis o que Thénardier e o mestre-escola julgaram comprehender :

Boulatruelle, uma madrugada, dirigindo-se para a sua obra, ficara admirado ao ver, em um canto do bosque, debaixo de uns espinhos, uma pá e um alvião, como que escondidos. Todavia, pensara que aquella ferramenta seria do pae Six Fours, carregador d'agua, e não cuidara mais nisso. Naquelle mesmo dia, porem já a noite, vira sem poder ser visto, por achar-se escondido atrás de uma grande arvore, dirigir-se para o sitio mais denso do bosque *um cujo que não era da terra, mas que elle, Boulatruelle, conhecia perfeitamente*. Traducção de Thénardier: *Um camarada das galés*. Boulatruelle recusara obstinadamente dizer o nome. Esse individuo trazia um embrulho, de forma quadrada, como uma boceta grande, ou um cofrezinho. Sorpresa de Boulatruelle. Todavia, só passado sete ou oito minutos, se lembrára de seguir o *cujo*. Mas era tarde, o homem tinha entrado no mato, já era noite fechada, e Boulatruelle não pudera alcançá-lo. Então tomara o expediente de observar a beira da floresta. Havia lua. Duas ou tres horas depois, Boulatruelle vira tornar a sahir do mato o tal individuo trazendo então, não já o cofre, mas um alvião e uma pá. Boulatruelle deixara-o passar sem se animar a fallar-lhe, porque dissera com os seus botões que o outro tinha tres vezes mais força do que elle, estava armado de um alvião, e o desancaria provavelmente se o reconhecesse ou se se visse reconhecido. Terna effusão de dous antigos camaradas que se encontram. Mas a pá e o alvião haviam sido um raio de luz para Boulatruelle; correrá ao espinheiro logo que amanheceu, e já não encontrara o alvião nem a pá. Daqui concluirá que o *cujo*, achando-se dentro do mato, abrira uma cova com o alvião, puzera dentro o cofre, e tapára a cova com a pá. Ora, o cofre era pequeno de mais para conter um cadaver, por conseguinte continha dinheiro. Tal o motivo das suas buscas. Boulatruelle havia explorado, sondado e remexido toda a floresta, e cavado em todos os pontos onde a terra lhe parecera virada de fresco. Tudo foi em vão.

Nada havia descoberto. Ninguém pensou mais nisto em Montfermeil. Houve, porem, algumas dignas comadres que disseram: « Estejam certos que o homem de Gagny não trabalhou á tóa; não ha duvida que o diabo appareceu. »

III

DEVIA A CORRENTE TER PASSADO POR ALGUM TRABALHO PREPARATORIO PARA PODER SER ASSIM QUEBRADA DE UMA MARTELLADA.

Em fins de outubro desse mesmo anno de 1823 os habitantes de Toulon viram entrar no seu porto, em consequencia de um forte temporal e para reparar algumas avarias, a náu *Orion*, que ao depois serviu de náu-escola em Brest, e que então fazia parte da esquadra do Mediterraneo.

Este vaso, apesar do desarranjo em que estava, porque o mar o maltratára muito, parecia bello ao entrar no ancoradouro. Trazia já não me lembra que pavilhão que lhe valeu uma salva regulamentar de onze tiros, a que respondeu com outros tantos; total: vinte e dous. Tem-se calculado que em salvas, cumprimentos reaes e militares, retribuições de estrepitos cortezes, signaes de etiqueta, formalidades de ancoradouro e de cidadellas, nascimentos e occasos do sol saudados todos os dias por todas as fortalezas e todos os navios de guerra, aberturas e fechamentos dos portos, etc., etc., o mundo civilisado dava, por toda a terra, em todas as vinte e quatro horas, 150,000 tiros de peça inutilmente. A seis francos cada tiro, temos 900,000 francos por dia, 300 mi-

lhões por anno, que se gastam em fumaça. Isto é apenas um pormenor. Entiementes os pobres morrem de fome.

O anno de 1823 era o que a restauração chamou a *época da guerra da Hespanha*.

Essa guerra continha muitos acontecimentos em um só, e infinitas singularidades. Um negocio capital de familia para a casa de Bourbon; o ramo de França soccorendo e protegendo o ramo de Madrid, isto é, fazendo acto de primogenitura; uma volta apparente ás nossas tradições nacionaes complicada de servilismo e de subserviencia aos gabinetes do norte; o senr. duque d'Angoulême, cognominado pelas folhas liberaes o *heróe d'Andujar*, comprimindo, em uma attitude triumphal um tanto em contradicção com o seu ar pacifico, o antigo terrorismo mui real do Santo-Officio em luta com o terrorismo chimerico dos liberaes; os *sans-culottes* resuscitados com grande medo das matronas dinheiras sob o nome de *descamisados*; o monarchismo pondo obstaculo ao progresso qualificado como anarchia; as theorias de 1789 subitamente interrompidas no seu minar; um *alto!* bradado pela Europa á idéa franceza na sua marcha a roda do mundo; ao lado do filho de França generalissimo, o principe de Carignano, depois Carlos Alberto, alistando-se nessa cruzada dos reis contra os povos como voluntario com dragonas de lan encarnada de granadeiro; os soldados do imperio tornando a entrar em campanha, mas depois de oito annos de repouso, envelhecidos, tristes, e com o tope branco; a bandeira tricolor hasteada em paiz estrangeiro por um pugillo de francezes do mesmo modo que a bandeira branca o havia sido em Coblenza trinta annos antes; os frades misturados com a nossa soldadesca; o espirito de liberdade e de novidades chamado á razão pelas bayonetas; os principios derrocados a tiros de peça; a França desfazendo por meio dos seus soldados o que fizera pelo seu espirito; demais, os cheffes inimigos vendidos, os soldados hesitando, as cidades assaltadas por milhões; nada de perigos militares, e por conseguinte nada de explosões, como em toda a mina sorprendida e invadida, pouco sangue derramado, pouca honra alcançada, vergonha para alguns, gloria para ninguem; tal foi essa guerra, feita por principes que descendiam de Luiz XIV, e commandada por generaes creados por Napoleão. Coube-lhe

a triste sorte de não lembrar, nem a grande guerra, nem a grande politica.

Alguns feitos de armas foram serios; a tomada do Trocadero, entre outros, foi uma bella acção militar; repetimo-lo, porém, as trombetas dessa guerra teem som de rachadas, o seu todo foi suspeito, a historia approva a França na sua repugnancia em aceitar esse falso triumpho. Pareceu evidente que certos officiaes hespanhoes, encarregados da resistencia, cediam muito facilmente; a idéa de corrupção surdiu da victoria; acreditou-se que antes se tinham comprado generaes do que ganhado batalhas, e o soldado vencedor voltou humilhado. Guerra na verdade amesquinhadora em que se pôde ler *Banco de França* nas dobras da bandeira.

Soldados da guerra de 1808, sobre os quaes desabára formidavelmente Saragoça, franziam os sobr'olhos em 1823 deante do rendimento facil das cidadellas, e tinham saudades de Palafox. E' proprio do character da França querer antes ter Rostopchins deante de si, do que Ballesteros.

Considerando-a por um lado ainda mais grave, e sobre o qual convem tambem insistir, essa guerra offendia em França o espirito militar, indignava o espirito democratico. Era uma empresa de sujeição. Nessa campanha, o fim do soldado francez, filho da democracia, era a conquista de um jugo para outrem. Contrasenso hediondo. A França foi feita para alentar a alma dos povos, não para suffoca-la. Desde 1792 todas as revoluções da Europa são a revolução franceza; a liberdade irradia-se de França. E' um facto solar. Ai do cego que o não vê! Foi Bonaparte que o disse.

A guerra de 1823, attentado contra a generosa nação hespanhola, era pois ao mesmo tempo um attentado contra a revolução franceza. Essa monstruosa via de facto era a França que a commettia; á força, porque, exceptuadas as guerras de independencia, tudo quanto os exercitos fazem, fazem-n'o á força. As palavras *obediencia passiva* o indicam. Um exercito é um estranho primor de combinação em que a força resulta de uma somma enorme de inactividades. Assim se explica a guerra feita pela humanidade contra a humanidade, a despeito da humanidade.

Quanto aos Bourbons, a guerra de 1823 lhes foi fa-

tal. Tomaram-n'a como um triumpho. Não viram que perigo ha em mandar matar uma idéa por uma sentinella. Erraram na sua simplicidade a ponto de introduzir no seu estabelecimento como elemento de força a immensa attenuação de um crime. O espirito de emboscada entrou na politica. 1830 germinou em 1823. A campanha de Hespanha tornou-se em seus conselhos um argumento para os audaciosos commettimentos e aventuras de direito divino. A França, tendo restabelecido *el-rei neto* em Hespanha, bem podia restabelecer o rei absoluto no seu proprio throno. Cahiram no temivel erro de tomarem a obediencia do soldado pelo consentimento da nação. Esta confiança deita a perder os thronos. Tanta cautela deve haver em não adormecer á sombra de uma mancenilheira como a sombra de um exercito.

Tornemos á náu *Orion*.

Durante as operações do exercito commandado pelo principe-generalissimo, uma esquadra cruzava no Mediterraneo. Já dissemos que o *Orion* era dessa esquadra e que arribára ao porto de Toulon em consequencia de alguns sinistros maritimos.

A presença de um navio de guerra em um porto tem não sei que attractivo para a multidão. E' que aquillo é grande, e a multidão gosta do que é grande.

Uma náu de linha é um dos mais magnificos encontros que o genio do homem póde ter com o poder da natureza.

Uma náu de linha é composta a um tempo do que ha mais pesado e mais leve, porque tem de haver-se ao mesmo tempo com as tres fórmãs da substancia, o solido, o liquido, o fluído, e de lutar contra todas tres. Tem onze garras de ferro para cravar no granito do fundo do mar, e mais azas e mais antennas do que um insecto para colher o vento nas nuvens. Sahe-lhe a respiração pelos seus cento e vinte canhões como por clarins enormes, e responde feramente ao raio. O oceano busca perturba-la com a temerosa semelhança das suas ondas, mas a náu tem alma, a sua bussola, que a aconselha mostrando-lhe sempre o norte. Nas noites escuras as lanternas lhe supprem a ausencia das estrelas. Assim contra o vento tem a corda e a lona, contra a agua a madeira, contra as rochas o ferro, o cobre e o

chumbo, contra a escuridão a luz, contra a immensidade de uma agulha.

Quem quizer formar uma idéa completa de todas as proporções gigantestas cujo complexo constitue a náu de linha, não tem mais do que entrar em algum dos estaleiros cobertos, de seis andares, dos portos de Brest e de Toulon. As náus em construcção alli se acham por assim dizer, dentro de uma redoma. Esta viga colossal é uma verga; aquella grossa columna de madeira estendida no chão a perder de vista é o mastro grande. Medindo-o da sua raiz no porão até ao seu tope nas nuvens, acha-se-lhe uma altura de sessenta toesas, e tem tres pés de diametro na base. O mastro grande inglez eleva-se duzentos e dezete pés acima da linha d'agua. A marinha de nossos paes empregava cabos, a nossa emprega correntes. Só a mó de correntes de uma náu de cem peças tem quatro pés de altura, vinte de largura, oito de espessura. E para fazer uma náu quanto é preciso de madeira? Tres mil *steres*. E' uma floresta que fluctúa.

E ainda assim, note-se bem, não se trata aqui senão de um vaso de guerra de ha quarenta annos, do simples navio de vela; o vapor, então na infancia, ajuntou novos milagres a esse prodigio chamado náu de linha. Na actualidade, por exemplo, o navio mixto a helice é uma machina pasmosa empuxada por um velame de mil metros quadrados de superficie e por uma caldeira da força de dous mil e quinhentos cavallos.

Sem fallar destas maravilhas novas, o antigo navio de Christovão Colombo e de Ruyter é uma obra prima do homem. E' inexaurível em força como o infinito em sôpros, acerva o vento na sua vela, é exacto na immensa diffusão das ondas, fluctúa e reina.

Chega, porém, uma hora em que a rajada quebra como uma palha essa verga de sessenta pés de comprido, em que o vento dobra como um junco esse mastro de quatrocentos pés de altura, em que essa ancora que pesa dez mil libras se torce como o anzol do pescador nas mandibulas de um tubarão, em que esses canhões monstruosos soltam rugidos plangentes e inuteis que o furacão dissipa no vacuo e na escuridão, em que toda essa pujança e toda essa magestade se abysma em uma pujança e em uma magestade superior.

Todas as vezes que uma força immensa se desenvolve para attingir uma immensa fraqueza, ha assumpto para as meditações dos homens.

E' por isso que os curiosos se adunam nos portos, sem que elles proprios saibam explicar porque, em torno dessas maravilhosas maquinas de guerra e de navegação.

Todos os dias, desde pela manhan até a noite, as pontes e praias do porto de Toulon se viam cobertos de uma infinidade de ociosos e de *badauds*, como se diz em Pariz, que não tinham outra occupação senão olhar para o *Orion*.

O *Orion* era um vaso de ha muito enfermo. Nas suas navegações anteriores espessas camadas de conchas se tinham amontoado no seu fundo, a ponto de fazê-lo perder metade da marcha; tinham-n'o encalhado no anno precedente para raspar-lhe as conchas, e depois sahira ao mar. Mas esta operação havia-lhe alterado o cavilhame do casco. Na altura das Baleares as costuras haviam dado de si, abrindo-se, e, como o forro não era então de cobre, o navio fizera agua. Sobreviera uma tormenta equinoxial, que arrancára a bombordo o beque e uma portinhola e partira as mesas do traquete. Em consequencia destas avarias o *Orion* arribára a Toulon.

Achava-se ancorado junto do arsenal. Estava em armamento emquanto o reparavam. O casco do lado de estibordo não soffrêra estrago, mas algumas cintas estavam despregadas, como é costume, para deixar entrar o ar nas cobertas.

Uma manhan a multidão que o contemplava foi testemunha de um sinistro.

A tripulação estava occupada a envergar as velas. O gageiro incumbido de empunir a vela grande a estibordo perdeu o equilibrio. Viram-n'o vacillar; a multidão reunida no cões do Arsenal soltou um grito; a cabeça arrastou o corpo, o homem deu volta á verga, com as mãos estendidas para o abysmo; agarrou no estribo, por um feliz acaso, primeiro com uma só mão, depois com ambas, e ficou assim suspenso. Por baixo d'elle estava o mar a uma profundidade vertiginosa. O abalo da queda havia communicado ao estribo um violento movimento de redouça. O homem seguia a oscillação daquelle cabo como a pedra de uma funda.

Ir soccorrê-lo era correr um risco temível. Nenhum dos marinheiros, todos pescadores da costa recentemente recrutados para o serviço, se animava a tentá-lo. Entretanto o misero gageiro fatigava-se; não se lhe podia ver a angustia no rosto, mas distinguia-se em todos os seus membros a prostração. Os braços torciam-se em um empuxão horrível. Cada esforço que fazia afim de subir para a verga não servia senão para augmentar as oscillações do estribo. Não gritava com receio de perder as forças. Estava-se vendo o instante em que elle largaria o cabo, e momentos houve em que muitas cabeças se voltaram para não vê-lo cahir. Ha instantes em que a ponta de uma corda, uma estaca, um galho de arvore, é a propria vida, e nada ha tam horrível como ver um ente vivo desprender-se della e cahir como fruta madura.

De repente viu-se um homem que subia pela enxarcia com a agilidade de um tigre. Estava vestido de encarnado, era um forçado; tinha carapuça verde, era condemnado a galês perpetuas. Chegando ao cesto de gavela, o vento levou-lhe a carapuça e descobriu uma cabeça toda branca; esse homem já não era moço.

Um forçado, comeffeito, que trabalhava a bordo com outros companheiros, correrá logo no primeiro momento ao official de quarto, e no meio da confusão e da agitação da equipagem, emquanto todos os marinheiros tremiam e recuavam, pedira ao official licença para arriscar a vida salvando o gageiro. A um signal affirmativo do official, quebrára com uma martellada a corrente que trazia na perna, depois pegára em um cabo, e lançára-se ás enxarcias. Ninguém notou naquelle instante com que facilidade a corrente foi quebrada. Só muito depois foi que se lembraram.

Em um abrir e fechar de olhos achou-se o homem na verga. Parou alguns segundos e pareceu medi-la com o olhar. Esses segundos, durante os quaes o vento balançava o gageiro na extremidade de um fio, pareceram seculos áquelles que olhavam. Emfim o forçado levantou os olhos para o céu e deu um passo para deante. A multidão respirou. Viram-n'o percorrer a verga ás carreiras. Chegado ao lais, amarrou uma das extremidades do cabo que levára, e deixou cahir a outra extremidade, depois começou a descer agarrando-se a esse

cabo, e então houve uma angustia inexprimível ; em vez de um homem suspenso por cima do abysmo avistaram-se dous.

Dirieis que era um aranha que ia agarrar uma mosca ; alli, porem, a aranha levava a vida e não a morte. Dez mil olhares estavam fitos naquelle grupo. Nem um grito, nem uma palavra, o mesmo estremecimento franzia todos os sobr'olhos. Todas as bocas soffreavam a respiração, como se temessem ajuntar o menor sopro ao vento que sacudia os dous miseros.

Entretanto o forçado conseguira chegar até junto do marinheiro. Era tempo ; um minuto mais, e o homem, exausto e desesperado, deixava-se cahir no abysmo ; o forçado atára-lhe solidamente o cabo a que se agarrava com uma mão, ao passo que trabalhava com a outra. Emfim viram-n'ó subir para a verga e alar o marinheiro, depô-lo alli um instante para deixa-lo recobrar as forças ; depois tomou-o nos braços e levou-o caminhando por cima da verga até á pega, e dahi pelo cesto de gávea, onde o deixou com os seus camaradas.

Nesse instante a multidão applaudiu ; houve entre os velhos guardas de forçados alguns cujos olhos se humedeceram ; as mulheres abraçavam-se no cáes ; e ouviu-se todas as vozes bradarem com uma especie de frenetico enternecimento : *perdão para esse homem.*

Quanto a elle, tratava de descer immediatamente para voltar ao seu trabalho. Para chegar mais depressa deixou-se escorregar pelo aparelho abaixo e pôz-se a correr por cima de uma antenna. Todos os olhos o seguiam. Houve um momento em que todos tiveram medo ; ou fosse que elle se achasse fatigado, ou que o acommettesse alguma vertigem, pareceu hesitar e vacillar. De repente a multidão soltou um grito ; o forçado acabava de cahir ao mar.

A queda era perigosa. A fragata *Algesiras* estava ancorada perto do *Orion*, e o pobre galé cahira entre os dous navios. Receiavam que fosse levado para baixo de algum dos dous. Quatro homens entraram para logo em um escaler. A multidão animava-os, a anxiedade estava outra vez em todas as almas. O homem não voltara á superficie. Desapparecera no mar sem fazer-lhe uma só ruga, como se cahisse dentro de um tonel de azeite. Sondou-se, mergulhou-se. Foi em vão. Procu-

raram-n'ò até á noite ; nem sequer descobriu-se o corpo.

No dia seguinte, liam-se estas linhas no jornal de Toulon : « 17 de novembro de 1823.—Hontem, um for-
« çado, que trabalhava a bordo do *Orion*, acabando de
« soccorrer um marinheiro, cabiu ao mar e afogou-se.
« Não foi possível descobrir o seu cadaver. Presume-
« se que foi arrastado para as estacadas da ponta do ar-
« senal. Esse homem achava-se registrado no livro dos
« galés sob o n. 9,430, e chamava-se João Valjean. »

FIM DO LIVRO SEGUNDO.

LIVRO TERCEIRO.

CUMPRIMENTO DA PROMESSA FEITA
A FETADA.

I

A FALTA DE AGUA EM MONTFERMEIL.

Montfermeil fica entre Livry e Chelles, na aba meridional da grande eminencia que separa o Ourque do Marne. Hoje é uma villa bastante povoada, ornada, todo o anno, de quintas caiadas de branco, e, aos domingos, de burguezes prazenteiros. Em 1823 não havia em Montfermeil tantas casas brancas nem tantos burguezes satisfeitos: era apenas uma aldêa mettida nos mattos. Encontravam-se, na verdade, aqui e acolá, algumas casas de campo do seculo passado, faceis de reconhecer pelo seu ar magestoso, pelas suas sacadas de grades torcidas e por essas compridas janellas cujos pequenos vidros se destacam do branco dos caixilhos com reflexos verdes de mil gradações. Mas nem por isso deixava Montfermeil de ser uma aldêa. Os mercadores de panno retirados do negocio e os que gostam do campo não a haviam ainda descoberto. Era um sitio lindo e tranquillo, por onde não passava estrada algum; vivia-se alli, sem grandes gastos, essa vida campesina tam abundante e tam facil. Havia, porém, falta de agua por causa da elevação em que ficava o sitio.

Era preciso ir busca-la muito longe. A extremidade da aldêa que demora do lado de Gagny provia-se de agua em duas magnificas lagoas que alli ha nos bosques; a outra extremidade, que cerca a egreja e fica do lado de Chelles, não tinha outra agua potavel que a de uma fontezinha situada no meio da encosta, perto da estrada de Chelles, pouco mais ou menos a um quarto de hora de Montfermeil.

Era um trabalho dos mais arduos o que tinha cada familia para abastecer-se de agua. As casas grandes, a aristocracia e a bodega do Thénardier fazia parte destas, pagavam um *liard* por cada balde de agua a um velho que tinha tal emprego e que ganhava nesta empreza de abastecimento de agua de Montfermeil cerca de oito soldos por dia; mas esse velho só trabalhava até ás sete horas da noite no verão e até ás cinco da tarde no inverno, e assim que anoitecia, assim que se fechavam as janellas dos pavimentos terreos, quem não tinha agua para beber ia busca-la ou passava sem ella.

Era nisto que consistia o maior terror desse pobre ente de quem talvez o leitor não se terá esquecido; fallamos da pequena Cosetta. Sabe-se já que Cosetta era util aos Thénardier de duas maneiras: recebiam o dinheiro da mãe e obrigavam a filha a servi-los. E, pois, quando a mãe cessou de pagar-lhes (já vimos porque motivo nos capitulos antecedentes) os Thénardier ficaram com Cosetta. A creancinha servia-lhes de creada. Nesta qualidade era ella quem ia buscar agua quando a não havia. Por isso a creança, que tremia só ao pensar em ir á fonte de noite, tinha todo o cuidado que não houvesse falta de agua em casa.

O Natal do anno de 1823, foi particularmente brilhante em Montfermeil. O inverno começava brando; não havia ainda gelado nem nevado. Alguns pelotiqueiros chegados de Pariz tinham obtido licença do *maire* para armarem as suas barracas na rua principal da aldêa, e um bando de bofarinheiros, mediante a mesma concessão, haviam armado as suas tendas desde a praça da egreja até á rua do Padeiro, onde ficava, como estará lembrado o leitor, a estalagem de Thénardier. Essa festa enchia as hospedarias e as tavernas, e dava áquelle sitiozinho tranquillo uma vida ruidosa e festiva. Cumpre referir, para ser historiador fiel, que entre as curiosidades que

se mostravam na praça, havia uma collecção de bichos ; horriveis palhaços, vestidos de trapos e vindos não se sabe de onde mostravam em 1823, entre a tal collecção, aos camponezes de Montfermeil, um desses medonhos abutres do Brazil que o nosso musêo real só chegou a possuir em 1845, e que têm por olho um tope tricolor. Os naturalistas, creio eu, chamam esse passaro *caracara polyborus* ; é da ordem dos *apicides* e da familia dos *abutrinos*. Alguns velhos soldados bonapartistas domiciliados na aldêa iam ver esse animal com devoção. Os pelotiqueiros davam o tope tricolor como um phenomeno unico e feito expressamente por Deus para a sua collecção.

Na noite mesmo de Natal, diversos homens, carreiros e pelotiqueiros, estavam á mesa e bebiam á luz de quatro ou cinco velas na sala terrea da estalagem de Thénardier. Esta sala parecia-se com todas as salas de taes estabelecimentos : mesas, cangirões de estanho, garrafas, bebedores, fumantes ; pouca luz, muita bulha. A data do anno de 1823 era, porém, indicada por dous objectos então em voga na classe burgueza, e que alli se achavam em cima de uma mesa, a saber : um *kaleidoscopo* e um candeeiro de lata achamalotada. A Thénardier cuidava da cêa que cozia a um fogo bem vivo ; o marido bebia com os seus hospedes e discorria sobre politica.

Além das conversas que tinham por assumptos principaes a guerra de Hespanha e o senr. duque d'Angoulême, ouviam-se no meio do fallatorio parentheses inteiramente locaes, como estes :

—Para as bandas de Nanterre e de Suresne a novidade rendeu muito. Vinha que dava dez pipas deu desta vez doze. A uva deitou muito caldo no lagar.—E' que sem duvida não estaria bem madura ?—Naquelles sitios não se deve colher a uva madura : o vinho fica gordo logo que chega a primavera.—Então é vinho verde ?—Ainda mais do que o destas bandas. Não se pôde colher a uva senão verde. Etc.

Ou senão era um moleiro que exclamava :

—Pois nós cá respondemos pelo que está dentro dos saccos ? Encontramos um bando de grãosinhos que seria um nunca acabar pôr-se uma pessoa a cata-los e que não ha remedio senão mette-los todos de mistura de-

baixo da mó; é a zizania, a nigela, ervilhaca, sementes de canhamo, a cauda de raposa e uma infinidade de outras drogas, sem fallar nos seixos que abundam em certos trigos, principalmente nos trigos bretões. Cá por mim gosto tanto de moer o trigo bretão como os serradores de serrar madeiras cravadas de pregos. Ninguém faz idéa da poeirada que fica assim no pão depois de cozido. Então queixam-se da farinha. E' uma injustiça. Não temos culpa que a farinha não preste.

Em um panno de parede entre duas janellas, um ceifeiro, sentado a uma mesa com um proprietario que ajustava o corte de um campo para a proxima primavera, dizia:

—Não faz mal que a herva esteja molhada. Corta-se melhor assim. O orvalho é bom, senhor. Mas não importa, essa herva, a herva de vm., ainda não está bem crescida e é difficil de cortar. A herva assim tenra dobra-se debaixo do ferro. Etc.

Cosetta estava no seu lugar do costume, sentada na travessa da mesa da cosinha junto ao fogão: estava coberta de andrajos, tinha os pés nus mettidos em tamanhos, e, á claridade do fogo, fazia meias de lan para as meninas Thénardier. Um gatinho brincava por baixo das cadeiras. Ouviam-se duas frescas vozes de creança, que tagarelavam rindo, em um quarto contiguo; eram Eponina e Azelma.

N'um canto do fogão, viam-se umas disciplinas penduradas de um prego.

De espaço a espaço, um grito de creança que partia de algum ponto da casa sobrepujava a bulha da taverna. Era um menino que a Thénardier dera á luz em um dos invernos precedentes *sem saber porque*, dizia ella: *effeito do frio*, e que tinha um pouco mais de tres annos de idade. A mãe creára-o, mas não gostava d'elle. Quando o clamor encarniçado se tornava demasiadamente importuno:—Teu filho esganiça-se, dizia Thénardier, vae ver o que elle quer.—Ora adeus! respondia a mãe, não estou para atura-lo.—E o pequeno abandonado continuava a gritar nas trevas.

II

DOUS RETRATOS ACABADOS.

O leitor até aqui só tem visto os Thénardier de perfil; é chegado o momento de considerarmos este casal por todos os lados.

Thénardier já tinha mais de cinquenta annos; a senhora sua esposa tocava aos quarenta, que são os cinquenta da mulher; de modo que havia equilibrio de idade entre o marido e a mulher.

Os leitores hão talvez, desde a sua primeira apparição, conservado alguma lembrança dessa Thénardier, alta, loura, vermelha, gorda, carnuda, quadrada, enorme e agil; parecia-se, como já dissemos, com esses selvagens colossos que se mostram nas feiras com lages penduradas nos cabellos. Era ella quem cuidava de tudo em casa, das camas, dos quartos, da lavagem, da cozinha, da chuva, do bom tempo, do diabo a quatro. Cosetta era a sua unica creada; um ratinho servindo a um elephante. Tudo tremia ao som da sua voz, vidros, moveis, pessoas. A sua enorme cara, salpicada de manchas de sarda, parecia uma escumadeira. Tinha barba. Era o idéal de um valentão da praça do Mercado vestido de

mulher. Praguejava esplendidamente; gabava-se de quebrar uma noz com um sôco. Se não fossem os romances que lêra, e que, em certas occasiões, faziam estranhamente reapparecer a requebrada sob as fórmulas da virago, nunca lembraria a ninguém dizer referindo-se a ella: é uma mulher. Essa Thénardier era como um producto do enxerto de uma donzella em uma regateira. Quem a ouvia fallar, dizia: é um soldado; quem a via beber: é um carreiro; quem a via maltratar Cosetta: é o carrasco. Quando estava quieta, tinha um dente que lhe sahia da boca.

O Thénardier era um homem baixinho, magro, amarello, anguloso, ossudo, cachetico, que tinha ar de doente e passeava ás mil maravilhas, tal era a sua principal velhacaria. Sorria-se habitualmente por precaução, e era pouco mais ou menos polido para com todos, até mesmo para com o mendigo a quem negava um *liard*. Tinha o ar de uma fuinha e a cara de um homem de letras. Parecia-se muito com os retratos do abbade Delille. O seu sestro consistia em beber com os carreiros. Ninguém conseguira nunca embebeda-lo. Fumava em um grande cachimbo. Trazia camisola e por baixo da camisola uma velha casaca preta. Tinha suas pretensões a litterato e materialista. Havia certos nomes que a miúdo pronunciava, para autorisar quantos disparates dizia, taes como Voltaire, Parny, Raynal, e, cousa singular, Santo Agostinho. Affirmava ter um *systema*. De mais a mais refinado tratante. Um *gatuno sopho*. E' um matiz que existe. Lembrado estará o leitor que elle dizia ter servido no exercito; contava com certa pompa que em Waterloo, sendo sargento não sei de que 6º ou 9º de caçadores, resistira sózinho a um esquadrão de hussaros da morte, cobrindo com o seu corpo e salvando debaixo da metralha um *general perigosamente ferido*. Tal era o facto qua commemorava a sua tam esplendida taboleta, e que o levára a dar ao seu estabelecimento o nome de *estalagem do sargento de Waterloo*. Era liberal, classico e bonapartista. Subscrevêra para o Campo de Asylo. Dizia-se na aldêa que elle havia estudado para padre.

Nós cremos simplesmente que elle estudára para estalajadeiro na Hollanda. Este tratante da ordem composta era, segundo todas as probabilidades, algum flamengo de Lille em Flandres, francez em Pariz, belga em Bru-

xellas, commodamente a cavallo em duas fronteiras. A façanha que praticára em Waterloo, já o leitor a sabe. Como se vê, exagerava-a um pouco. O fluxo, o refluxo, o meandro, a aventura, tal era o elemento da sua existencia; consciencia atribulada produz vida desnorteada; e tudo induz a crer que, na tempestuosa época de 18 de julho de 1815, Thénardier pertencia a essa variedade de vivandeiros rapinadores de que já fallámos batendo as estradas, vendendo a estes, surripiando áquelles, e rodando em familia, marido, mulher e filhos, em alguma carrocinha manca, atrás das nossas tropas em marcha, com o instincto de ajuntar-se sempre ao exercito victorioso. Feita essa campanha, e de posse, como elle dizia, de *cum quibus*, viera montar uma tasca em Montfermeil.

Esse *cum quibus*, compostos de bolsas e de relógios, de anneis de ouro e de cruces de prata, tirados dos cadáveres que atulhavam os sulcos, não duraram muito nem foram lá de grande proveito para o vivandeiro transformado em estalajadeiro.

Thénardier tinha no gesto esse não sei que rectilíneo que, com uma praga, lembra o quartel, e com um signal da cruz o seminario. Fallava com desembaraço. Queria ser tido como sabio. Todavia o mestre-escola notára que elle cahia em frequentes *espichas*. Compunha superiormente as contas que apresentava aos seus hospedes, mas não era raro notarem-se nellas erros orthographicos. Thénardier era sonso, guloso, vadio e habil. Não se dedignava de abaixar as vistas até ás creadas de casa, motivo porque sua mulher já não queria ter nenhuma. A gigante era ciumenta. Parecia-lhe que aquelle homunculo magro e amarello devia ser o objecto da cubica universal.

Thénardier, homem de astucia e de equilibrio sobretudo, era um tratante do genero temperado. Esta especie é a peor, anda-lhe junta a hypocrisia.

Com isto não queremos dizer que Thénardier não fosse capaz, pelo menos tanto como sua mulher, de enfurecer-se dadas certas circumstancias; mas isso era rarissimo, e nesses momentos, como detestava o genero humano em peso, como tinha dentro em si mesmo uma fragua, como era desses que se vingam perpetuamente, que accusam tudo quanto passa por deante de si de tu-

do quanto os ha contrariado, e que estão sempre prontos a lançar sobre quem quer que seja, como legitimo resentimento, o total das decepções, das bancarotas e das calamidades da sua vida; quando todo este fermento o trabalhava e lhe sahia pela boca e pelos olhos, era horrivel de ver-se! Ai de quem então se achava ao alcance do seu furor!

Além de todas as suas outras qualidades, Thénardier era acautelado e penetrante, silencioso ou palrador conforme a occasião, e sempre com uma intelligencia superior. Tinha alguma cousa do olhar do marujo acostumado a piscar os olhos nos oculos de alcance. Thénardier era um homem de estado.

Quem quer que entrasse pela primeira vez na bodega dizia observando a Thénardier. « Eis o dono da casa. » Engano. Nem se quer era a dona. O dono e a dona era o marido. Ella executava, elle creava. Dirigia tudo por uma especie de acção magnetica invisivel e continua. Bastava-lhe uma palavra, ás vezes um signal; a mastodonte obedecia. O Thénardier era para a mulher, sem que esta o soubesse explicar bem, uma especie de ente particular e soberano. Ella tinha as virtudes do seu modo de ser; nunca, por maior que fosse a divergencia em que se achasse com o *senr. Thénardier* sobre um pormenor qualquer (hypothese aliás inadmissivel), houvera sido capaz de censurar o marido, acontecesse o que acontecesse. Nunca, *deante de pessoas de fóra*, houvera commettido essa falta em que incorrem tam a miúdo as mulheres, e a que chamam em linguagem parlamentar: *descobrir a corôa*. Bem que a sua harmonia só desse em resultado o mal, havia contemplação na submissão da Thénardier a seu marido. Aquella montanha de bulha e de carne movia-se ao simples toque do dedo minimo deste despota rachitico. Visto pelo seu lado mesquinho e grotesco, era aquillo o grande facto universal: a adoração do espirito pela materia; porquanto ha fealdades que teem a sua razão de ser nas proprias profundezas da belleza eterna. Havia o que quer que fosse incognito em Thénardier; dahi o imperio absoluto desse homem sobre sua mulher. Em certos momentos, ella suppunha vê-lo como uma vela acesa; em outros, suppunha sentir-lhe garras.

Essa mulher era uma creatura formidavel que só ama-

va seus filhos e só temia seu marido. Era mãe porque era mamífera. Demais, a sua maternidade limitava-se às filhas, e, como se verá, não se estendia aos filhos varões. Quanto ao marido, esse só tinha um pensamento: enriquecer.

Não o conseguia. Faltava áquelle grande talento um theatro condigno. Thénardier em Montfermeil arruinava-se, se a ruína é possível em zero; na Suissa ou nos Pyreneos, esse homem que não tinha um obolo de seu se houvera tornado millionario. Mas onde a sorte prende o estalajadeiro, é forçoso que ahí vegete.

Compreenda-se que a palavra *estalajadeiro* é aqui empregada em sentido restricto, e não se estende a uma classe inteira.

Nesse mesmo anno de 1823, Thénardier tinha uma porção de dividas que andavam por 1,500 francos, pela maior parte já de *cabellos brancos*, e que grandemente o inquietavam.

Por maior que fosse para elle a obstinada injustiça do destino, Thénardier era um dos homens que comprehendiam melhor, com maior penetração e do modo mais moderno, essa cousa que é uma virtude entre os povos barbaros e uma mercadoria entre os povos civilisados, — a hospitalidade. Era de mais a mais ladrão de caça, e todos eram unanimes em exaltar a justeza do seu tiro. Tinha um certo riso frio e tranquillo particularmente perigoso.

As suas theorias de estalajadeiro rebentavam-lhe algumas vezes em relampagos. Tinha aphorismos profissionaes que imbuia no espirito de sua mulher. « O dever do estalajadeiro (dizia-lhe um dia em voz baixa, com a maior vivacidade), é vender a quem quer que lhe apparece — carne, repouso, luz, fogo, lençóes sujos, creada, pulgas, sorrisos; deter os que passam, esvaziar as bolsas pequenas e alliviar honradamente as grandes, abrigar com respeito as familias que viajam, depennar o marido, a mulher, o filho; cotar a janella aberta, a janella fechada, o canto da chaminé, a poltrona, a cadeira, o escabello, o leito de pennas, o colchão e o feixe de palha; saber que porção de espelho gasta quem nelle se mira e pôr-lhe o preço, e, com seiscentos milbões de diabos! fazer que o viajante pague tudo, tudo, até mesmo as moscas que come o seu cão! »

Este homem e esta mulher eram a astúcia e o ódio consorciados, casal hediondo e terrível.

Emquanto o marido ruminava e combinava, a Thénardier, que não pensava nos credores ausentes, não cuidava no dia de hontem nem no de amanha, e vivia com arrebatamento, só no tempo presente.

Taes eram esses dous entes. Cosetta achava-se entre elles, soffrendo a sua dupla pressão, como uma creatura que fosse a um tempo esmagada por uma mó e dilacerada por uma tenaz. O marido e a mulher tinham cada um o seu modo. Cosetta levava bordoadas, dava-lh'as a mulher; andava descalça no inverno, era o marido que assim o queria.

Cosetta subia, descia, lavava, escovava, esfregava, varria, corria, esbaforia-se, arquejava, levava pesos, e debilzinha como era, fazia os mais grosseiros serviços. Nada de compaixão: a ama rispídisima, o amo venenoso. A bodega dos Thénardier era como uma tã em que Cosetta estava presa e tremia. O ideal da oppressão realizava-se naquella domesticidade sinistra. Dirieis uma mosca servindo aranhas.

A pobre creança, passiva, calava-se.

Quando estas almas que acabam de sahir de junto de Deus se acham assim, logo no alvorecer da vida, tenrinhas, nuas, entre os homens, o que se passará nellas?

III

OS HOMENS QUEREM VINHO E OS CAVALLOS AGUA.

Tinham chegado quatro viajantes.

Cosetta pensava tristemente; porquanto, posto que apenas contasse oito annos, já tinha soffrido tanto que meditava com o ar merencorio de uma velha.

Tinha em uma das palpebras uma mancha azul, resultado de um sôco que lhe dera a Thénardier, que dizia de vez em quando:

—Como fica ainda mais feia com isto esta lesma!

Cosetta pensava pois que era noite, e bem escura, que seria preciso deitar agua nas garrafas e nas moringas dos quartos dos viajantes recém-chegados, e que a talha ficára vazia.

O que a tranquillisava um pouco era não se beber muita agua em casa dos Thénardier. Não faltava quem tivesse sede, mas era essa sede que busca de preferencia o cangirão, desdenhando a quartinha. Quem houvesse pedido um copo d'agua no meio daquelles homens teria sido considerado por elles como um selvagem. Houve, porém, um momento em que a menina tremeu; a Thénardier levantou a tampa de uma cassarola que

estava ao fogo, depois pegou em um copo e dirigiu-se pressurosa para a talha. Virou a torneira; a menina tinha levantado a cabeça e seguia-lhe todos os movimentos. Um tenue filete d'agua cahiu da torneira e encheu o copo até o meio.

—E esta! disse ella, estamos sem agua!

Depois calou-se por um momento. A creança já não respirava.

—Ora adeus! proseguiu a Thénardier examinando o copo meio cheio, com isto mesmo me arranjaréi.

Cosetta continuou o seu trabalho, porém por mais de um quarto de hora sentiu o coração saltar-lhe como um pedaço de neve dentro do peito.

Contava os minutos que se passavam assim, e bem desejava que já fosse dia.

De espaço a espaço algum dos individuos que estavam bebendo olhava para a rua e exclamava:

—Está escuro como breu!—ou—Só um gato poderia andar agora sem lampeão por essas ruas!

E Cosetta estremecia.

De repente um dos bofarinheiros hospedados na estalagem entrou, e disse em tom desabrido:

—Não deram de beber ao meu cavallo.

—Deu-se, pois não, respondeu a Thénardier,

—Digo-lhe que não, tornou o bofarinheiro.

Cosetta tinha sahido debaixo da mesa.

—Sim, bebeu, senhor, bebeu! disse, o cavallo bebeu no balde que por signal estava bem cheio, e até fui eu que lhe dei de beber, e fallei com elle.

Não era verdade. Cosetta mentia.

—Homem! esta é que é difficil de engulir, é uma mentira que brada ao céu! Digo-te, marota! que elle não bebeu. Tem uma maneira de soprar, quando está com sede, que eu bem conheço.

Cosetta insistiu, e accrescentou com uma voz suffocada pela angustia e que apenas se ouvia:

—Até elle bebeu tanto!

—Vamos, tornou o bofarinheiro encolerisado, acabemos com isto, deem de beber ao meu cavallo e deixem-se de massar-me!

Cosetta tornou a metter-se por baixo da mesa.

—Pois bem, senhor, tem razão, disse a Thénardier, se o animal não bebeu, deve-se-lhe dar de beber.

Depois, olhando em roda de si:

—Então, onde se encafuou a outra agora?

Inclinou-se e avistou Cosetta agachada no outro lado da mesa, quasi junto dos pés dos que estavam a beber.

—Sahe dahi! gritou a Thénardier.

Cosetta sahiu da especie de toca a que se acolhêra. A Thénardier continuou:

—Senra. Miséria-filha-da-necessidade, vá dar de beber ao cavallo.

—Mas, senhora, não ha agua em casa.

A Thénardier escancarou a porta da rua:

—Pois vá busca-la!

Cosetta abaixou a cabeça e foi tomar um balde vazio que estava no canto do fogão.

O balde era maior do que ella, e a creança podia sentar-se dentro muito a gosto.

A Thénardier voltou para o fogão, e provou com uma colher de páu o que estava na cassarola, resmungando:

—Não falta agua na fonte. Nada mais facil. Parece-me que eu devia ter refogado primeiro a cebola.

Depois foi remexer em uma gaveta onde se achavam alguns soldos, pimenta e alhos:

—Toma, senra. Ran, accrescentou ella, quando voltar compre-me um pão na padaria. Ahi estão quinze soldos.

Cosetta tinha um bolsinho ao lado, no seu avental; tomou a moeda sem dizer palavra, e metteu-a no bolso.

Depois ficou immovel com o balde na mão, deante da porta aberta. Parecia esperar que alguém a soccorresse.

—Puxa! bradou a Ténardier.

Cosetta sahiu. A porta tornou a fechar-se.

IV

ENTRA EM SCENA UMA BONECA.

A fila de barracas que se estendia até a egreja, começava, lembrado estará o leitor, da porta de Thénardier. Essas barracas, por causa da proxima passagem dos burguezes que tinham de ir á missa do gallo, estavam todas illuminadas com velas em cartuchos de papel, o que, como dizia o mestre-escola de Montfermeil que se achava entre os hospedes de Thénardier, produzia *um effeito magico*. Em compensação, não se via uma estrella no céu.

A primeira destas barracas, a que ficava justamente defronte da porta da estalagem, tinha a venda brincos de creança, lustrava com lentejoulas, missangas e magnificas cousas de lata. Na primeira prateleira, e logo na frente, o bofarinheiro collocara, sobre um fundo de guardanapos, uma immensa boneca de dous pés de altura, com vestido de filó côr de rosa, espigas de ouro na cabeça, cabellos verdadeiros e olhos de esmalte. Todo o dia estivera aquella maravilha exposta ao pasmo dos passeantes menores de dez annos, sem que houvesse apparecido em Montfermeil uma mãe tam rica ou tam

prodiga que a comprasse para sua filha. Eponina e Azelma haviam passado horas esquecidas a contempla-la, e a propria Cosetta, furtivamente é verdade, se animára a olhar para ella.

No momento em que Cosetta sahio, tam triste e acabrunhada como estava, não pôde deixar de levantar os olhos para a prodigiosa boneca, para a *moça*, como ella a chamava. A pobre pequena estacou petrificada. Ainda não tinha visto a boneca de perto. Toda a barraca lhe parecia um palacio; a boneca não era uma boneca, era uma visão. Era a alegria, o esplendor, a riqueza, a felicidade, que appareciam em uma especie de fulgurar chimerico áquelle misero entezinho tam profundamente sepultado n'uma miseria funebre e fria. Cosetta media com a sagacidade ingenua e triste da infancia o abysmo que a separava daquella boneca. Reconheceria que só uma rainha ou pelo menos uma princeza poderia ter uma *cousa assim*. Considerava o lindo vestido côr de rosa, aquelles lindos cabellos lisos, e pensava: « Como deve ser feliz essa boneca! » Seus olhos não podiam despregar-se daquella barraca phantastica. Quanto mais olhava, mais deslumbrada ficava. Suppunha ver o paraíso. Havia outras bonecas atras da grande que lhe pareciam fadas e genios. O bofarinheiro que passeava no fundo da barraca quasi que se lhe antolhava o Padre Eterno.

Nesta adoração esquecia tudo, até mesmo a compra de que fôra encarregada. De repente a voz aspera da Thénardier a chamou á realidade:

—Como é isso! pois ainda estas ahi, diabinho? Espera! que já lá vou! Quizera só saber o que é que ella faz alli! Deixa estar, demonio!

A Thénardier olhara casualmente para a rua e avistára Cosetta estatica.

A menina afastou-se levando o seu balde e andando o mais depressa que podia.

V

A CRIANÇA SÓZINHA.

Como a estalagem de Thénardier ficava na parte da aldeia onde fica a igreja, era na fonte do bosque do lado de Chelles que Cosetta tinha de ir buscar agua.

Não olhou mais para nenhuma barraca. Enquanto não sahio da rua do Padeiro e dos arredores da igreja, as barracas com luminarias allumiavam-lhe o caminho, mas a ultima claridade desapareceu com a ultima barraca. A pobre criança achou-se na escuridão. Entrinhou-se nella. Como, porem, principiava a sentir um certo abalo, ia sacudindo o mais que podia a aza do balde. A bulha que assim fazia servia-lhe de companhia.

Quanto mais caminhava, tanto mais densas tornavam-se as trevas. Já não havia alma viva nas ruas. Todavia, encontrou uma mulher que voltou-se ao vê-la passar, e ficou parada resmoneando: « Onde irá esta criança a semelhante hora? Querem ver que é uma bruxa criança? » Depois reconheceu Cosetta. « Ah! disse ella, é a Calhandra! »

Cosetta atravessou assim o labyrintho de ruas tortuo-

sas e desertas em que termina do lado de Chelles a aldêa de Montfermeil. Enquanto houve casas, e mesmo sómente muros dos dous lados do caminho, andou com alguma affouteza. De espaço a espaço via brilhar luz pelas fendas de alguma janella, era luz e vida, havia alli gente, ficava um tanto mais tranquilla. Entretanto, á medida que avançava, machinalmente encurtava os passos. Quando passou o canto da ultima casa, Cosetta parou. Se ir alem da ultima barraca lhe fora difficil, ir alem da ultima casa tornava-se-lhe impossivel. Pôz o balde no chão, metteu a mão nos cabellos e poz-se a coçar lentamente a cabeça, gesto peculiar das creanças terrificadas e indecisas. Já não estava em Montfermeil, achava-se no campo. Tinha deante de si o espaço escuro e deserto. Olhou com desespero para essa escuridão onde já não havia ninguem, onde havia bichos, e talvez almas do outro mundo. Olhou bem, e ouviu os bichos a caminhar por cima da relva, e viu distinctamente as almas do outro mundo a agitarem-se nos ramos das arvores. Então pegou no balde, o medo tornava-a animosa: « Ora, adeus! disse, vou dizer-lhe que na fonte não ha mais agua. » E voltou-se resolutamente para Montfermeil.

Apenas teria dado cem passos tornou a parar, e pôz-se outra vez a coçar a cabeça. Agora, era a Thenardier que lhe apparecia; a Thénardier hedionda com a sua boca de hyena e os olhos a lampejarem-lhe de colera. A creança lançou um olhar plangente para deante e para trás. O que faria? o que seria della? para onde iria? Deante de si tinha o spectro da Thenardier; atrás de si, todos os fantasmas da noite e das mattas. Foi deante da Thénardier que recuou. Tornou a tomar o caminho da fonte e deitou a correr. Sahiu da aldêa correndo, entrou no bosque correndo, não olhando para mais nada, não escutando mais nada. Só cessou de correr quando faltou-lhe a respiração, mas continuou a caminhar. Ia andando para deante, espavorida.

Ao passo que corria sentia vontade de chorar.

O fremito nocturno da floresta envolvia-a toda.

Já não pensava, já não via. A immensidade das trevas achava-se por deante desse entezinho. De um lado, toda a escuridão; do outro, um atomo.

A fonte ficava apenas a sete ou oito minutos da aba

do bosque. Cosetta sabia o caminho por ter passado muitas vezes por elle, de dia. Cousa singular, não se perdeu. Um resto de instincto conduziu-a vagamente. Todavia, não lançava os olhos nem para a direita, nem para a esquerda, receiando ver alguma cousa nos ramos das arvores e nos tojos. Chegou assim á fonte.

Era uma pia natural aberta pela agua em um solo argiloso, de cerca de dous pés de profundidade, rodeada de musgo e dessas grandes folhas enrugadas a que chamam *colleirinhos de Henrique IV*, e calçada de grandes pedras. Um regato dalli sahia com brando murmurio.

Cosetta não teve tempo de respirar. Estava escurissimo aquelle sitio, mas achava-se habituada a vir á fonte. Buscou com a mão esquerda um pequeno carvalho que se inclinava para a agua e que lhe servia ordinariamente de ponto de apoio, encontrou um galho, agarrou-se a elle, e, dobrando o corpo, mergulhou o balde na fonte. Achava-se nesse momento em tal estado de agitação que as forças se lhe haviam triplicado. Emquanto estava assim inclinada, não notou que a moeda de 15 soldos que tinha no bolso do avental cahira dentro d'agua. Cosetta não a viu nem ouviu cahir. Puxou o balde quasi cheio e pô-lo em cima da relva.

Isto feito, sentiu-se prostrada de cansaço. Bem quizera voltar asinha para casa; mas o esforço empregado para encher o balde fôra tal que achava-se impossibilitada de dar um passo. Viu-se obrigada a sentar-se. Deixou-se cahir em cima da relva e alli ficou agachada.

Fechou os olhos, depois tornou a abril-os, sem saber porque, mas sem poder resistir a esse movimento. Ao seu lado, a agua agitada dentro do balde descrevia circulos que semelhavam serpentes de fogo branco.

Por cima da sua cabeça, o céu coberto de immensas nuvens pretas que eram como pannos de crepe. O tragico sonho das trévas parecia inclinar-se vagamente para a pobre creancinha.

Jupiter caminhava para o seu occaso nas profundezas do céu.

A creancinha olhava attonita para aquella grande estrella que nunca vira e que lhe causava medo. O planeta, comeffeito, estava nesse momento mui perto do horizonte e atravessava uma densa camada de nevoeiro que dava-lhe uma vermelhidão horrivel. O nevoeiro, lugu-

brememente enrubecido, fazia avultar o astro. Era como uma chaga luminosa.

Um vento frio soprava do lado da planície. O bosque estava tenebroso, não havia a menor abertura, a menor dessas vagas e frescas claridades do estio. Galhos enormes estendiam-se medonhamente. Moutas rachíticas e disformes sibilavam ao longe das clareiras. A relva crescida, agitada pela ventania, semelhava enxames de enguias. Os espinheiros torciam-se como compridos braços armados de garras prestes a empolgarem presas. Algumas palhas arrebatadas pelo vento, passavam rapidamente e pareciam fugir com medo deante do que quer que fosse que se approximava. De todos os lados estendiam-se espaços lugubres.

A escuridão causa vertigens. O homem não pode passar sem luz. Quem quer que se entranha no contraste do dia sente apertar-se-lhe o coração. Quando os olhos só veem trevas, o espirito desvaira-se. No eclipse, na escuridão, na opacidade fuliginosa, ha anciedade, até mesmo para os mais fortes. Ninguém atravessa sozinho uma floresta sem tremer. Trevas e arvores, duas espessuras temerosas. Uma realidade chimerica apparece na profundesa indistincta. O inconcebivel esboça-se a alguns passos do peregrino com uma clareza de spectro. O homem vê fluctuar, no espaço ou no seu proprio cerebro, não sei que de vago e incomprehensivel como os sonhos das flores adormecidas. Antolham-se-lhe terrificas attitudes no horisonte. Aspira os effluvios do grande vacuo escuro. Tem medo e vontade de olhar para trás. As cavidades da noite, as cousas que hão tomado um aspecto sinistro, perfis taciturnos que se dissipam á medida que elle avança, desgrenhamentos obscuros, moutas irritadas, poças lividas, o lugubre reflectido no funebre, a immensidade sepulcral do silencio, entes impossiveis parecendo possiveis, pendores de galhos mysteriosos, pavorosos troncos de arvores, a herva crescida a tremer convulsivamente, tudo isto é bem proprio para fazê-lo succumbir. O mais affouto estremece, sente-se pouco a pouco tomado de angustia. Experimenta o que quer que seja hediondo como se a alma se amalgamasse com as trevas. Esta penetração das trevas é inexprimivelmente sinistra em uma creança.

As florestas são apocalypses; e o bater de azas de

uma almazinha faz um rumor de agonia sob a sua abobada monstruosa.

Sem saber explicar bem o que experimentava, Cosetta sentia-se presa da enormidade tenebrosa da natureza. Não era só o terror que a penetrava, era alguma coisa mais terrível do que o proprio terror. Ella tremia. Faltam-nos expressões com que digamos o que havia de estranho nesse tremor que gelava até ao intimo do seu coração. Seus olhos desvairaram-se. E' provavel que pensasse que talvez no dia seguinte, áquella mesma hora, ver-se-hia forçada a alli voltar.

Então, por uma especie de instincto, para sahir daquelle estado singular que não comprehendia, mas que a aterrava, pôz-se a contar em voz alta um, dous, tres, quatro, até dez, e quando acabou, recomeçou. Assim recobrou a percepção verdadeira das cousas que a servavam. Sentiu frio nas mãos que molhára ao tirar agua. Levantou-se. Voltára-lhe o medo, um medo natural e insuperavel. Só lhe occorreu um pensamento, fugir; fugir correndo a bom correr, pelo meio do bosque, pelo campo fóra, até ás casas, até ás janellas, até ás velas que illuminavam as barracas. Seus olhos fitaram casualmente o balde que estava no chão. O medo que lhe inspirava Thénardier era tamanho que ella não se animou a fugir sem o balde d'agua. Agarrou na aza com ambas as mãos. Custou-lhe a levantar o balde.

Deu assim uma duzia de passos, mas o balde estava cheio, o peso era grande, teve de descansa-lo no chão. Respirou um instante, depois tornou a pegar na aza, e pôz-se de novo a caminhar, dando desta vez um maior numero de passos. Mas teve de parar ainda. Depois de alguns minutos de descanso, continuou a caminhar. Ia inclinada para deante, com a cabeça abaixada, como uma velha; o peso do balde puxava e estirava-lhe os braços descarnados. A aza de ferro acabava de lhe entorpecer e gelar as mãozinhas molhadas; de distancia em distancia via-se obrigada a parar, e de cada vez que parava a agua fria saltando do balde cahia-lhe em sima das pernas nuas. Isto passava-se dentro de um bosque em uma noite de inverno, longe de todo o olhar humano; essa creança tinha apenas oito annos; só Deus via naquelle momento tam triste cousa.

Ah! e talvez tambem sua mãe.

Ha cousas que fazem os mortos descerrarem os olhos dentro do sepulcro.

Respirava com uma especie de estertor doloroso; os soluços apertavam-lhe a garganta, porem não se animava a chorar, tal era o medo que tinha da Thénardier, mesmo de longe. Estava habituada a suppôr sempre que via essa mulher a seu lado.

Entretanto a pobrezinha pouco podia avançar assim, e caminhava mui lentamente. Embalde diminuia o tempo das paradas e tratava de vencer a maior extensão possivel de caminho no intervallo de cada uma. Pensava com angustia que andando assim gastaria uma hora para chegar a Montfermeil e que a Thénardier a espancaria. A esta angustia ajuntava-se o medo de achar-se sózinha no bosque de noite. Estava alquebrada de cansaço e ainda não havia sahido da matta. Tendo chegado a um velhocastanheiro que lhe era conhecido, fez uma parada mais longa do que as outras para descansar bem; depois fazendo um suppremo esforço, tornou a pegar no balde e continuou com animo a caminhar. Todavia a pobre creaturinha desesperada não pôde deixar de bradar: « O' meu Deus! meu Deus! »

Nesse momento sentiu de repente que o balde já não pesava. Uma mão, que lhe pareceu enorme, acabava de pegar na aza e suspendia-o vigorosamente. A menina levantou a cabeça. Um grande vulto preto, teso e direito caminhava ao lado della na escuridão. Era um homem que se lhe acercára por detrás, e cujos passos não ouvira. Esse homem, sem dizer palavra, pegára na aza do balde que ella levava.

Ha instinctos para todas as conjuncturas da vida.

A menina não teve medo.

VI

EM QUE PARECE PROVAR-SE A INTELLIGENCIA DE BOULATRUELLE

Nesse mesmo dia de Natal de 1823, por volta do meio dia, um homem levou muito tempo a passear na parte mais deserta do *boulevard* do Hospital em Pariz. Esse homem tinha o ar de uma pessoa que busca um aposento para alugar, e parecia parar de preferencia deante das mais modestas casas arruinadas que orlam o arrabalde de Saint-Marceau.

Mais adeante veremos que esse individuo alugára com effeito um quarto naquelle bairro isolado.

Esse homem, tanto no vestuario como em toda a sua pessoa, realisava o typo do que poderia chamar-se *um mendigo decente*; a extrema miseria combinava-se nelle com o extremo asseio. E' uma alliança mui rara que inspira aos corações intelligentes o duplo respeito por quem é mui pobre sem deixar de ser mui digno. Trazia esse individuo um chapéu de copa baixa mui velho e sem pello, sobre-casaca de panno amarellado cujos fios já appareciam, côr essa que nada tinha de extraordinaria naquella época, um grande collete de feitio secular,

calças pretas já ruças nos joelhos, meias de lan pretas e sapatões com fivelas de latão. Parecia um preceptor de alguma casa illustre de volta da emigração. Os cabellos todos brancos, a fronte enrugada, os labios lividos, o semblante que respirava profundo abatimento e tédio da vida, faziam-n'o parecer maior de sessenta annos. O pisar firme, embora lento, o singular vigor que se notava em todos os seus movimentos, pareciam os de um homem de cincoenta annos apenas. As rugas da fronte eram bem dispostas, e houveram-lhe conciliado a confiança de quem o observasse com attenção. Os labios contrahiam-se-lhe de um modo estranho, que parecia severo e era humilde. Havia no seu olhar não sei que serenidade lugubre. Tinha na mão esquerda um pequeno volume embrulhado em um lenço; com a direita arrimava-se a um bordão, sem duvida cortado em alguma cerca, e que lhe servia de bengala. Esse bordão havia sido trabalhado com alguma arte, e nem por isso tinha ar muito temivel; ficára com todos os seus nós, e na parte superior terminava em um castão a que se dera verniz encarnado para imitar coral; era um cacete, e parecia uma bengala.

Passa pouca gente por aquelle *boulevard*, sobretudo no inverno. Esse homem, ainda que não o mostrasse, parecia antes evitar do que buscar encontrar-se com alguém.

Nessa época o rei Luiz XVIII ia quasi todos os dias a Choisy-le-Roi. Era um dos seus passeios favoritos. A's duas horas, quasi invariavelmente, via-se o coche e o acompanhamento real passar a todo o galope pelo *boulevard* do Hospital.

Isso servia de relógio á pobreza do bairro, que dizia: « são duas horas; ei-lo que volta para as Tulherias. »

E uns corriam para ver, e outros affastavam-se; porque um rei que passa é sempre um tumulto. Demais, a apparição e a desaparição de Luiz XVIII faziam um certo effeito nas ruas de Pariz. Eram rapidas, porém magestosas. Esse rei tropego das pernas gostava de galopar; como não podia andar, queria correr; era um aleijado, que de bom grado se deixaria transportar pelo raio. Passava, pacifico e severo, no meio das espadas desembainhadas. Seu immenso coche, todo dourado, com grandes ramos de lizes pintados nas portinholas, ro-

dava estrepitosamente. Apenas tinha-se tempo de lançar-lhe um olhar. Via-se no canto do fundo á direita, sobre as almofadas de setim branco, um rosto largo, bem fornido de carne e vermelho, uma fronte lisa com os cabellos apolvilhados, um olhar altivo, secco e intelligente, um sorriso de letrado, duas grandes dragonas de cachos em cima de uma casaca á paisana, o Tosão-de-Ouro, a cruz de San'Luiz, a cruz da Legião-de-Honra, a placa de prata da ordem do Espirito-Santo, uma enorme barriga e um largo listrão azul; era o rei. Fôra de Pariz levava o seu chapêu de plumas brancas em cima dos joelhos resguardados por compridas polainas á inglaterra: quando entrava na cidade punha o chapêu na cabeça, porque comprimentava pouco. Olhava friamente para o povo, que do mesmo modo para elle olhava. Quando appareceu pela primeira vez no bairro de Saint-Marceau, a unica cousa notavel que se deu foi este dito de um homem do povo para um seu camarada: « *Aquel-le gorducho é que é o governo.* »

Essa infallivel passagem do rei á mesma hora era pois o acontecimento quotidiano do *boulevard* do Hospital.

O passeador da sobre-casaca amarella não era evidentemente do bairro, e nem provavelmente de Pariz, porquanto ignorava essa particularidade. A's duas horas, quando o coche real, cercado de um esquadrão de guardas agaloados de prata, desembocou no *boulevard*, depois de ter dobrado a Salpêtrière, mostrou-se surpreso e quasi aterrado. Era elle a unica pessoa que se achava na aléa; escondeu-se apressadamente atrás do canto de um muro, mas o duque d'Havrê ainda teve tempo de avista-lo. O duque d'Havrê, como capitão dos guardas de serviço nesse dia, ia dentro do coche, sentado defronte do rei. Disse para S. M.: « *Aquelle homem tem bem má cara.* » Alguns agentes de policia, que exploravam o caminho adeante do rei, notaram-n'o egualmente; um delles teve ordem de segui-lo.

O homem, porém, metteu-se pelas vielas solitarias do bairro, e como o dia começava a declinar, o agente perdeu-lhe a pista, conforme consta da parte que nessa mesma noite foi apresentada ao conde Anglès, ministro de estado, prefeito de policia.

Assim que o homem da sobre-casaca amarella viu-se livre do agente, apressou o passo, não sem ter-se volta-

do muitas vezes para ver se ainda alguém o seguia. A's quatro horas e um quarto, isto é, já escuro, passava elle pela frente do theatro da porta de San'-Martinho, onde se representavam nessa noite *Os dous forçados*. Esse cartaz, allumiado pelos lampeões do theatro, impressionou-o, embora fosse andando muito depressa, e elle parou para lê-lo. Instantes depois, achava-se no becco de Planchette, e entrava no *Prato de estanho*, onde era então o ponto do carro de Lagny. Esse carro partia às quatro horas e meia. Os cavallos já estavam promptos, e os passageiros, chamados pelo boleeiro, subiam precipitadamente o estribo de ferro do vehiculo.

O homem perguntou :

— Ainda ha lugar ?

— Um só, aqui ao meu lado, na boléa, respondeu o boleeiro.

— Pois fico com elle.

— Suba.

Entretanto, antes de partir, o boleeiro lançou um olhar sobre o trajo mediocre do passageiro, sobre a exiguidade do seu pacote, e exigiu o preço da passagem.

— O senhor vae para Lagny ? perguntou o boleeiro.

— Vou, respondeu o homem.

E pagou a passagem até Lagny.

O carro partiu. Quando passaram a barreira, o boleeiro buscou travar conversa, mas o passageiro só respondeu-lhe por monosyllabos. O boleeiro tomou o expediente de assobiar e de blasphemar contra os cavallos.

Embrulhou-se no seu capote. Fazia frio. O passageiro parecia não dar fé de tal. Atravessaram assim Gournay e Neuilly-sur-Marne.

A's seis chegavam a Chelles. O boleeiro, para deixar os cavallos descansarem, parou á porta de uma estalagem frequentada por carreiros, e estabelecida nos antigos edificios da abbadia real.

— Eu fico aqui, disse o homem.

Pegou no pacote e no bordão, e desceu da boléa.

Dahi a um instante havia desaparecido.

Não entrára na estalagem.

Quando, passados alguns minutos, o carro seguiu para Lagny, não o encontraram na rua principal de Chelles.

O boleeiro voltou-se para os passageiros que iam dentro do vehiculo.

—Ora, ahí está um homem, disse, que não é daqui, porque eu não o conheço. Tem cara de quem não dispõe de muita chelpa; entretanto não se lhe dá de botar dinheiro fóra; paga a passagem até Lagny, e deixa-se ficar em Chelles. E' noite, todas as casas estão fechadas, elle não entrou na estalagem, e não obstante não ha mais pôr-lhe os olhos emcima. Dar-se-ha caso que entrasse pela terra dentro?

O homem não se tinha enterrado pela terra dentro, mas sim caminhado apressadamente, no meio da escuridão, pela rua principal de Chelles; depois tomára á esquerda, antes de chegar á egreja, o caminho que vae ter a Montfermeil, como uma pessoa que conhecia aquelle sitio e já alli tinha ido.

Seguiu rapidamente por esse caminho. No ponto em que elle é cortado pela antiga estrada orlada de arvores que vae de Gagny a Lagny, ouviu um tropel de passos. Escondeu-se precipitadamente dentro de um poço, e esperou que passassem as pessoas que se approximavam. A precaução era aliás quasi superflua, porquanto, como já dissemos, era uma noite escurissima de dezembro. Apenas duas ou tres estrellas scintillavam no céu.

E' nesse ponto que começa a subida da collina. O homem não entrou no caminho de Montfermeil; tomou á direita pelo meio dos campos, e dirigiu-se a passos largos para o bosque.

Quando chegou ao bosque, entrou a andar mais devagar, e pôz-se a reparar em todas as arvores, avançando passo a passo, como se buscasse e seguisse um caminho só d'elle conhecido. Houve um momento em que pareceu perder-se e parou indeciso. Emfim chegou, sempre ás apalpadellas, a uma clareira onde havia um monte de grandes pedras esbranquiçadas. Dirigiu-se apressadamente para essas pedras e examinou-as com attenção por entre a neblina da noite, como se as revisitasse. Uma grande arvore, coberta dessas excrescencias que são as verrugas da vegetação, ficava a alguns passos do monte de pedras. Caminhou para essa arvore, e passou a mão pela casca do tronco, como se buscasse reconhecer-lhe e contar-lhe as asperezas.

Defronte dessa arvore, que era um freixo, havia um castanheiro doente pelo descascarem, e o qual fôra cingido por uma chapa de zinco pregada. O homem

ergueu-se nas pontas dos pés e tocou nessa chapa de zinco.

Depois pôz-se a calcar o chão com as plantas, no espaço comprehendido entre essa arvore e as pedras, como quem buscasse certificar-se de que a terra não fôra recentemente revolvida.

Isto feito, affastou-se e contiuiuou a caminhar pelo meio do bosque.

Era esse homem que acabava de encontrar Cosetta.

Caminhando pelo mato na direcção de Montfermeil, avistára aquelle vultozinho que se movia gemendo, descansando uma carga no chão, tornando a levanta-la, e pondo-se de novo a caminhar. Approximára-se e vira que era uma creancinha vergada ao peso de um grande balde de agua. Então chegára-se para a menina, e pegára silenciosamente na aza do balde.

VII

COSETTA CAMINHANDO NO ESCURO AO LADO DO DESCONHECIDO.

Cosetta, já o dissemos, não sentira medo.
O homem fallou-lhe. Sua voz era grave e quasi
baixa :

—Minha menina, este peso é de mais para você.

Cosetta levantou a cabeça, e respondeu :

—E' verdade, senhor.

—Dê cá, tornou o homem, eu o levarei.

Cosetta largou o balde. O desconhecido pôz-se a caminhar ao lado della.

—E' comeffeito muito pesado, disse entre dentes.
Depois accrescentou :

—Pequena, quantos annos tens ?

—Oito, senhor.

—E de onde vens com este peso ?

—Vinha da fonte do bosque.

—E vaes para muito longe ?

—A um bom quarto de hora daqui.

O homem ficou um momento sem fallar, depois disse
de repente :

—Tu já não tens mãe, não é assim ?

—Não sei, respondeu a creança.

Antes que o homem tivesse tido tempo de proseguir, accrescentou :

—Creio que não. As outras teem. Só eu é que não tenho.

E após uma pausa, tornou :

—Me parece que eu nunca tive mãe.

O homem parou, descansou o balde no chão, abai-xou-se e pôz as mãos nos hombros da creança, bus-cando ver-lhe as feições através da escuridão.

O rosto magro e doentio de Cosetta desenhava-se vagamente á luz livida do céu.

—Como te chamas? disse o desconhecido.

—Cosetta.

O homem estremeceu como se soffresse um choque electrico. Tornou a olhar, depois tirou as mãos dos hombros de Cosetta, pegou no balde e continuou a caminhar.

Dahi a um instante perguntou :

—Onde moras tu, pequena?

Em Montfermeil; sabe onde é?

—E vaes para ali?

—Sim, senhor.

O desconhecido fez outra pausa, depois proseguiu :

—Quem foi que te mandou buscar agua no bosque a esta hora?

—Foi a senra. Thénardier.

O homem replicou em um tom de voz que buscava tornar indifferente, mas em que havia apesar d'isso um certo tremor :

—No que é que se occupa essa tua senra. Thénardier?

—E' a dona da casa, respondeu Cosetta. A estalagem é della.

—A estalagem? repetiu o desconhecido. Pois bem, la dormirei esta noite. Ensina-me o caminho.

—E' este mesmo, disse a menina.

O homem andava depressa. Cosetta seguia-o sem difficuldade. Já não sentia cansaço. De instante a instante olhava para o desconhecido com uma especie de tranquillidade e de confiança inexprimivel. Nunca a haviam ensinado a reconhecer a Providencia nem a rezar. Entretanto sentia em si mesma o que quer que fosse

que se parecia com a esperança e com a alegria, e que se remontava ao céu.

Passaram-se alguns minutos. O desconhecido continuou:

—Então não ha creada em casa da senra. Thénardier?

—Não, senhor.

—Por conseguinte, tu estás só?

—Sim, senhor.

Houve outra interrupção. Cosetta levantou a voz?

—Quero dizer, ha tambem duas meninas.

—Que meninas?

—Ponina e Zelma.

A menina simplificava assim os nomes romanescos com que tanto se comprazia a Thénardier.

—Quem é Ponina e Zelma.

—São as filhas da senra. Thénardier.

—E o que fazem ellas?

—Oh! respondeu a menina, teem bonecas muito bonitas, cousas todas de ouro, um bando de tetéas. Brincam, divertem-se.

—Todo o dia?

—Todo o dia, senhor.

—E tu?

—Eu trabalho.

—Todo o dia?

A menina levantou os seus grandes olhos húmidos de lagrimas, que o escuro da noite não deixava ver, e respondeu com brandura:

—Sim, senhor.

Proseguia após um intervallo de silencio:

—A's vezes, quando acabo o meu trabalho e me dão licença, tambem brinco.

—Como é que brincas?

—Como posso. Deixam-me só. Porém eu não tenho muitos brinquedos. Ponina e Zelma não querem que eu pegue nas bonecas dellas. Só tenho uma espadinha de chumbo, assim.

A menina mostrava o dedo minimo.

—E que não corta?

—Pois não! córta, sim, senhor, córta alface e cabeças de moscas.

Chegaram á aldêa; Cosetta guiou o desconhecido pelas

ruas. Passaram pela padaria, mas a menina não se lembrou do pão que tinha de comprar. O homem cessára de fazer-lhe perguntas e guardava sombrio silencio. Quando passaram a egreja, vendo todas aquellas barracas illuminadas, perguntou:

—Então ha feira aqui?

—Não, senhor, é a festa de Natal.

Já perto da estalagem, Cosetta tocou-lhe timidamente no braço:

—Senhor?

—O que é, menina?

—Já estamos pertinho de casa.

—E então?

—Vm. me dê agora o balde, sim?

—Porque?

—Porque se a senra. Thénardier visse que foi vm. que o trouxe, me castigava.

O homem entregou-lhe o balde. Dahi a um instante, achavam-se na porta da estalagem.

VIII

INCONVENIENTES DE DAR POUSADA A UM POBRE QUE É TALVEZ RICO.

Cosetta não pôde deixar de lançar um olhar para a boneca grande, que continuava a estar exposta na barraca do vendedor de brinquedos; depois bateu. A porta abriu-se. A Thénardier appareceu com uma vela na mão.

—Ah! és tu, minha lesma! Ora graças a Deus que te lembraste de voltar para casa! Estiveste sem duvida vadiando, marota!

—Senhora, disse Cosetta tremendo, aqui está um senhor que quer pousada.

A Thénardier trocou logo o ar desabrido pelos seus ademanos affaveis, mutação peculiar dos estalajadeiros, e buscou avidamente com os olhos o recém-chegado.

—É o senhor? disse ella.

—Sim, senhora, respondeu o homem levando a mão á aba do chapéu.

Os viajantes ricos não são cortezes. Este gesto e a inspecção do trajo e da bagagem, que a Thénardier examinou com um simples olhar, fizeram desaparecer os ademanos affaveis e voltar o ar desabrido. Ella respondeu seccamente:

—Entre, bom homem.

O *bom homem* entrou. A Thénardier lançou-lhe outro olhar, examinou-lhe particularmente a sobre-casaca, que estava de todo surrada, e o chapéu, que se achava um tanto amarrotado, e consultou com um gesto de cabeça, franzindo o nariz e piscando os olhos, o marido, que continuava a beber com os carreiros. O marido respondeu com essa imperceptível agitação do dedo índice, que, posto sobre os lábios entufados, significa em taes casos *miseria completa*. À vista disso a Thénardier exclamou:

—Sabe que mais, meu velho? Sinto muito dizer-lhe que já não temos lugar em casa.

—Pois dêem-me um comodo onde quizerem, respondeu o homem, no celeiro, na estrebaria. Pagarei como se fosse um quarto.

—São quarenta soldos.

—Pois bem. Darei quarenta soldos.

—Ora graças!

—Quarenta soldos! disse um carreiro em voz baixa para Thénardier; mas o preço do costume é vinte soldos.

—É quarenta para elle, replicou a Thénardier no mesmo tom. Não hospedo gente pobre por menos.

—É verdade, accrescentou o marido com toda a calma, freguezes taes desacreditam uma casa.

Entretanto o homem, depois de ter largado o seu embrulho e o bordão em cima de um banco, sentára-se a uma mesa, e Cosetta dera-se pressa em trazer-lhe uma garrafa de vinho e um copo. O bofarinheiro que pedira o balde d'agua fôra em pessoa leva-la ao seu cavallo.

Cosetta voltára para o seu lugar debaixo da mesa e continuava a trabalhar.

O homem, que apenas molhára os beiços no copo que enchêra de vinho, olhava para a creança com estranha attenção.

Cosetta era feia. Se fosse feliz talvez parecesse linda. Já esboçámos essa figurinha sombria. Cosetta era magra e descorada; tinha cerca de oito annos e mostrava ter apenas seis. Os grandes olhos, encovados em uma especie de penumbra, estavam quasi empanados á força de chorar. Nos cantos da bocca notava-se-lhe essa curva da angustia habitual que se observa nos condemnados e nos entes desenganados. Tinha as mãos, como

sua mãe adivinhara, *estragadas de frieiras*. O fogo, que neste momento a allumiava, descobria-lhe as saliências dos ossos e tornava a sua magreza horivelmente vizível. Como andava sempre a tremer de frio, habituara-se a trazer os joelhos unidos um ao outro. Todo o seu facto era um composto de andrajos, que houvera causado dó no verão e que horrorisava no inverno. Era todo de linho esturacado; nem um pedacinho de lan. A pelle apparecia aqui e alli, e nella se distinguiam manchas azues ou pretas, vestigies das pancadas que lhe dava a Thénardier. As pernas, nuas, eram avermelhadas e magras. A cova das clavículas cortava o coração. Tudo nesta creança, o andar, a attitude, o som da voz, os intervallos que punha entre cada uma das suas palavras, o olhar, o silencio, o menor gesto, exprimia e traduzia uma unica idea:—o medo.

O medo estava esparzido sobre ella; envolvia-a por assim dizer; o medo fazia penderem-lhe os braços ao longo do corpo, afastava-lhe os joelhos por baixo dos andrajos, levava-a a buscar occupar o menor espaço possível, deixava-a respirar apenas quanto era necessario; e tornára-se o que poderia chamar-se o estado habitual do seu corpo, sem outra variação possível que a de augmentar. Havia nos seus olhos como que um recanto temeroso onde estava o terror.

Esse medo era tal que, entrando toda molhada como se achava, Cosetta não se animára a chegar-se para o fogo afim de enxugar o facto e voltára silenciosamente para o seu trabalho.

A expressão do olhar desta creança de oito annos era habitualmente tam triste e ás vezes tam tragica que a julgariam em certos momentos prestes a tornar-se uma idiota ou um demonio.

Nunca, já o dissemos, soubera ella o que era rezar, nunca entrára em uma egreja: « Tenho cá tempo para isso? » dizia a Thénardier.

O homem da sobre-casaca amarella não cessava de olhar para Cosetta.

De repente a Thénardier exclamou:

—E' verdade! e o pão?

Cosetta, conforme o seu costume sempre que a Thénardier levantava a voz, sahiu apressadamente de baixo da mesa.

Esquecêra de todo o pão. Recorreu ao expediente das creanças que andam sempre atemorizadas. Mentiu.

—A padaria estava fechada.

—Devias ter batido.

—Bati, sim, senhora.

—E então?

—O padeiro não abriu a porta.

Amanhan saberei se é verdade, disse a Thénardier, e, se mentiste, has de dansar deveras. Entretanto, dá cá os quinze soldos.

Cosetta mette a mão no bolso do avental, e o seu rosto tornou-se livido. A moeda de quinze soldos já alli não estava.

—Então, disse a Thénardier, não ouviste?

Cosetta virou o bolso de dentro para fóra; nada achou. O que seria feito daquelle dinheiro? A misera creancinha não pôde dizer palavra. Estava petrificada.

—Perdeste a minha moeda de quinze soldos? tornou a Thénardier com voz esganiçada; ou por ventura m'a roubaste?

Ao mesmo tempo estendeu a mão para as disciplinas, que estavam penduradas no canto do fogão.

Esse geito temível deu a Cosetta forças para gritar:

—Perdão, senhora! perdão! eu não torno.

A Thénardier já estava com as disciplinas.

Entretanto o homem da sobre-casaca amarella met-têra a mão na algibeira do collete sem que alguém houvesse notado o movimento. Demais, os outros viajantes bebiam ou jogavam e não davam attenção ao que se passava em torno de si.

Cosetta, angustiada, cosia-se com o canto do fogão como para resguardar os seus pobres membros seminus. A Thénardier levantou o braço.

—Perdão, senhora, disse o homem; a pouco ouvi cabir o que quer que fosse do bolso do avental dessa menina, uma cousa que rolou. Talvez seja a moeda.

Ao mesmo tempo abaixou-se e fingiu procurar no chão um instante.

—Exactamente, ei-la aqui, tornou elle levantando-se.

E apresentou uma moeda de prata á Thénardier.

—Sim é isto mesmo, disse a virago.

Não era aquillo, porque o dinheiro que o desconhecido lhe dava era uma moeda de vinte soldos; mas a Thé-

nardier ganhava. Guardou-a no bolso do seu avental e limitou-se a lançar um olhar feroz sobre a creança dizendo: « Olha lá se cahes n'outra! »

Cosetta voltou para a *sua toca*, como dizia a Thénardier, e os seus grandes olhos, fitos no desconhecido, começaram a assumir uma expressão que nunca haviam tido. Era apenas ainda uma ingenua admiração, mas ajuntava-se-lhe uma especie de confiança estupefacta.

—E' verdade! Vm. quer cear? perguntou a Thénardier ao viajante.

Elle não respondeu. Parecia meditar profundamente.

—O que vem a ser este homem? disse ella por entre dentes. Algum horrivel pobretão chapado. Nem sequer tem um soldo para cear. Pagar-me-ha ao menos a pousada? Na verdade, não sei por que milagre não se lembrou de agadanhavar o dinheiro que estava no chão.

N'este comenos abriu-se uma porta, e Eponina e Azelma tinham entrado na sala.

Eram realmente duas lindas meninas, mais burguezas do que camponezas, ambas encantadoras, uma com tranças castanhas bem lustrosas, a outra com compridas madeixas pretas, que lhe cabiam sobre os hombros, ambas espertas, asseiadadas, gordas, e tam frescas e sadias que fazia gosto vê-las. Estavam vestidas com todo o resguardo que pedia a estação, mas com uma tal arte maternal que a grossura dos estofos nada prejudicava a faceirice do alinho. Prevenia-se o inverno sem que a primavera fosse esquecida. As duas creaturinhas pareciam cingidas de luz. Alem disso, imperavam. No seu traje, na sua alegria, na bulha que faziam, havia soberania. Quando entraram a Thénardier disse-lhes em tom de ralho, mas cheia de adoração: « Ah! são vms., minhas senhoras?

Depois, sentando-as no collo uma após outra, alisara-lhes os cabellos, atara-lhes as fitas, que vinham soltas, e, largando-as então com esse modo de enxotar que é proprio das mães, exclamou: « Como estão enfeitadinhas! »

Ellas foram sentar-se no canto da lareira. Tinham uma boneca, a que davam mil voltas, no collo, chalhando ledamente. De espaço a espaço Cosetta levantava os olhos do pé de meia que estava fazendo, e com ar lugubre as via brincar.

Eponina e Azelma não olhavam para Cosetta. Esta era como o cão para ellas. As edades das tres meninas sommadadas não dariam vinte e quatro annos, e no emtanto já ellas representavam toda a sociedade dos homens; de um lado a inveja, do outro o desdem.

A boneca das meninas Thénardier já estava muito suja e velha e toda quebrada, mas nem por isso era menos admiravel para Cosetta, que em sua vida nunca tivera uma boneca, *uma boneca de verdade*, para nos servirmos de uma expressão que todas as creanças hão de comprehender.

De repente, a Thénardier, que continuava a andar de um para outro lado na sala, notou que Cosetta distrahia-se a miudo, e que, em vez de trabalhar, olhava para as meninas que brincavam.

—Ah! apanhei-te! gritou ella. E' assim que tu trabalhas! Eu já vou espartar-te com as disciplinas, espera!

O desconhecido, sem levantar-se da sua cadeira, voltou-se para a Thénardier:

—Ora, senhora, disse em tom quasi timido, deixe-a brincar!

Da parte de qualquer viajante que houvesse comido uma posta de carneiro e bebido duas garrafas de vinho á ceia e não tivesse cara de *um pobre tam chapado* aquelle pedido houvera sido uma ordem. Mas, que um homem que tinha tal chapéu se animasse a manifestar um desejo, e com uma sobrecasaca como aquella se attrevesse a formular uma vontade, era cousa que a Thénardier não podia resolver-se a tolerar. Respondeu-lhe rispidamente:

—Ella deve trabalhar, porque come. Eu cá não a sustento a mandriar.

—O que é que ella está fazendo? perguntou o desconhecido com a brandura, que tam estranhamente contrastava com o seu fato de mendigo e com os seus largos hombros.

A Thénardier dignou-se responder:

—Umas meias, essa é boa! Umas meias para minhas filhas, que, por assim dizer, já não teem uma só, e não tardarão a não ter que calçar.

O homem olhou para os pobres pés nús de Cosetta, e continuou:

—Quando poderá ella acabar esse par de meias?

—Daqui a tres ou quatro dias bem puxados; é uma preguiçosa!

—E quanto valerá esse par de meias depois de prompto?

A Thénardier lançou-lhe um olhar de desprezo.

—Pelo menos trinta soldos.

—Quer a senhora vender-m'o por cinco francos? tornou o homem.

—Apre! exclamou um carreiro que escutava, soltando uma risada, cinco francos! Quem não quererá fazer tal negocio da China? Com a fortuna!

O Thénardier julgou dever tomar a palavra.

—Pois bem, senhor, se tal é a sua vontade, vender-lhe-hemos o par de meias por cinco francos. Em nossa casa não se nega nada aos hospedes.

—Mas seria bom que pagasse já, disse a Thénardier com os seus modos decididos e peremptorios.

—Compro o par de meias, respondeu o homem, e, accrescentou tirando da algibeira uma moeda de cinco francos, que pôz em cima da mesa,—pago-o já.

Depois voltou-se para Cosetta:

—Agora o que estás fazendo é meu. Pódes brincar, menina.

A moeda de cinco francos causou tal abalo no carreiro que elle largou o copo e approximou-se vivamente.

—E é verdade! exclamou examinando-a. E' mesmo de cinco francos! e por signal que nada tem de falsa!

O Thénardier approximou-se silenciosamente, tomou a moeda e guardou-a no bolso do collete.

A Thénardier nada tinha que replicar. Mordeu os beiços, e o seu semblante tomou uma expressão de odio.

Entretanto Cosetta tremia. Animou-se a perguntar:

—E' verdade, senhora? posso brincar?

—Brinca! respondeu a Thénardier com voz terrivel.

—Obrigada, senhora, disse Cosetta.

E, ao passo que a sua bocca agradecia á Thénardier, toda a sua almazinha agradecia ao viajante.

O Thénardier puzera-se de novo a beber. A mulher disse-lhe ao ouvido:

—Quem será este homem amarelo?

—Já tenho visto millionarios com sobre-casacas assim, respondeu soberanamente Thénardier.

Cosetta largara o trabalho, mas não sahira do seu lu-

gar. Estava habituada a mexer-se o menos possível. Tirára de uma caixinha atrás de si uns trapinhos velhos e a espadinha de chumbo.

Eponina e Azelma não davam a menor atenção ao que se passava. Acabavam de executar uma operação muito importante; tinham apanhado o gato. Havião largado a boneca no chão, e Eponina, que era a mais velha, vestia o gatinho, a despeito dos seus miados e contorsões, com uma porção de roupinhas e retalhos azues e encarnados. Executando este grave e difficil trabalho, dizia para a irman, nessa doce e adoravel linguagem das creanças, cuja graça, como o esplendor das azas das borboletas, nos foge quando a queremos reter.

—Olha, mana, esta boneca tem mais graça do que a outra. Mexe-se, grita, é quente. Vamos brincar com ella, sim? Faze de conta que é minha filha. Eu já sou uma moça grande. Venho visitar você e mostro-lhe minha filha. Dahi a bocadinho você descobre-lhe os bigodes, e fica admirada. E vê que tem orelhas, e que tem rabo, e então fica mais admirada. E você me diz: « Jesus, meu Deus! » e eu respondo: « Que quer, minha senhora? esta minha filhinha é assim mesmo. As meninas agora são todas assim. »

Azelma escutava Eponina com admiração.

Entretanto os bebedores tinham começado a cantar uma canção obscena, de que se riam a ponto de abalar o tecto. Thénardier estimulava-os e fazia-lhes côro.

Assim como os passaros fazem um ninho de tudo, assim também as creanças fazem uma boneca seja com o que fôr. Enquanto Eponina e Azelma vestiam o gato, Cosetta pelo seu lado vestira a espada. Feito isto, deitára-a nos braços, e cantava devagarinho acalentando-a.

A boneca é uma das mais imperiosas necessidades e ao mesmo tempo um dos mais encantadores instinctos da infancia feminina. Vestir, pensar, enfeitar, despir, tornar a vestir, ensinar, ralhar um poucachinho, animar, cantar, embalar, fazer dormir, afigurar-se que um objecto qualquer é alguém, eis resumido o futuro da mulher. Sonhando e tagarellando, fazendo enxovaeszinhas, cosendo vestidinhos, saias, camisolas, camisinhas e cueiros, a creança passa a ser menina, a menina a ser moça, a moça a ser mulher. O primeiro filho é a continuação da ultima boneca.

Uma menina sem boneca é quasi tam infeliz e tam completamente impossivel como uma mulher sem filhos.

Cosetta, pois, fizera da sua espadinha uma boneca.

Quanto á Thénardier, essa voltára para junto do *homem amarello*. « Meu marido tem razão, dizia consigo mesma, talvez seja o senr. Laffitte. Ha ricos tam esturdios ! »

Encostou os cotovellos na mesa.

—Senhor. . . . disse ella.

A esta palavra *senhor* o homem voltou-se. A Thénardier até alli só o tinha chamado *bom homem e meu velho*.

—Vê o senhor? continuou tomando seu ar semi-affavel, que era ainda mais repugnante do que o desabrido; não se me dá que a pequena brinque, não me opponho, mas é só por esta vez, já que vm. é generoso. Mas, note o senhor, aquillo não tem onde caia morta. Deve ir-se acostumando ao trabalho.

—Então essa menina não é sua filha? perguntou o homem.

—Oh! meu Deus! não, senhor! é uma pobre creança que recolhemos por amor de Deus, por mera caridade. Uma especie de idiota. Deve ter agua na cabeça. Não vê o senhor que enorme cabeça tem? Fazemos por ella o que podemos, porque não somos ricos. Ha seis mezes que escrevemos para sua terra, e não temos recebido resposta. E' que sem duvida a mãe já morreu.

—Ah! disse o homem.

E tornou a engolpar-se na sua meditação.

—Tambem a tal mãe, continuou a Thénardier, não era lá muito boa peça. Tinha abandonado a filha.

Durante esta conversa, Cosetta, como se um secreto instincto a avisasse de que se fallava della, não havia despregado os olhos de cima da Thénardier. Escutava vagamente. Ouvia uma ou outra palavra.

Entretanto os bebedores, quasi de todo embriagados, repetiam a sua immunda canção, redobrando as risadas. Era uma zombaria do melhor gosto, em que a Virgem Santissima e o Menino Jesus serviam de objectos de motejo. A Thénardier fôra tomar parte no acompanhamento de gargalhadas. Cosetta, debaixo da mesa, fitava o fogo, que reverberava nos seus olhos

fixos; continuára a embalar a boneca que engenhára, e, embalando-a, cantava em voz baixa: « Minha mãe morreu! minha mãe morreu! minha mãe morreu! »

Cedendo a novas instancias da estalajadeira, o homem amarello, o *millionario*, resolvêra-se enfim a ceiar.

—O que quer o senhor?

—Dê-me pão e queijo, disse o homem.

—Decididamente é um mendigo, pensou a Thénardier.

Os bebados continuavam a cantar a sua canção, e a pequena, debaixo da mesa, cantava tambem a sua.

De repente Cosetta calou-se. Acabava de voltar-se e de avistar a boneca que as meninas Thénardier haviam largado para brincar com o gato, e que estava no chão a alguns passos da mesa da cozinha.

Então deixou cair a espadinha, que não a satisfazia completamente, e voltou um vagaroso olhar em torno da sala. A Thénardier fallava em voz baixa com o marido, e contava dinheiro. Eponina e Azelma brincavam com o gato, os viajantes comiam, ou bebiam, ou cantavam; ninguém olhava para ella. Não havia um momento a perder. Sahiu de baixo da mesa de gatinhas, tornou a certificar-se de que não era espiada, depois arrastou-se até á boneca, e deitou-lhe a mão. Dahi a um instante achava-se no seu lugar, sentada, immovel, porem um pouco voltada, para que a sombra encobrisse a boneca que tinha nos braços. A dita de brincar com uma boneca era tam rara para ella que tinha toda a violencia de volupia.

Ninguém vira o que ella havia feito, excepto o viajante, que comia lentamente a sua magra ceia.

Aquella alegria durou perto de um quarto de hora.

Mas, por maior que fosse a precaução de Cosetta, não notava que um dos pés da boneca apparecia, e que o fogo da lareira allumiava-o vivamente. Esse pé rosado e luminoso, que sahia da penumbra, deu subitamente nos olhos de Azelma, que disse para Eponina: « Vê só o que está alli, mana. »

As duas meninas voltaram-se estupefactas. Cosetta atrevêra-se a pegar na boneca!

Eponina levantou-se, e, sem largar o gato, chegou-se para a mãe e entrou a puxar-lhe as saias.

—Deixa-me! disse a mãe. O que queres?

—Mamãe, respondeu a menina, olhe para alli!

E designava Cosetta com o dedo.

Quanto a Cosetta, toda entregue aos extasis da possessão, nada mais ouvia nem via.

O rosto da Thénardier tomou essa expressão particular em que o terrível se ajunta aos nada da vida e que faz com que chamemos ás mulheres desta qualidade *megeras*.

Desta vez o orgulho exasperado fazia-lhe subir de ponto a colera. Cosetta transpuzera todos os limites, Cosetta attentára contra a boneca das *meninas*. Uma czarina que visse um *mougick* experimentar a grã-cruz azul do seu imperial filho não mostraria semblante mais terrível.

Bradou com uma voz que a indignação tornava esgançada:

—Cosetta!

Cosetta estremeceu, como se a terra houvesse tremido debaixo dos pés. Voltou-se.

—Cosetta! repetiu a Thénardier.

Cosetta pegou na boneca e pô-la devagarinho no chão com uma especie de veneração misturada de desespero. Então, sem cessar de fita-la, pôz as mãos, e, o que é horrível de ver-se em uma creança daquella edade, torceu-as; depois, cousa que não havia podido fazer nenhuma das commoções desse dia, nem a sua ida ao bosque, nem o peso do balde d'agua, nem a perda do dinheiro, nem a vista das disciplinas, nem mesmo as tristes palavras da Thénardier, chorou. Rebentou em soluços.

Entretanto o viajante levantára-se.

—O que é? disse elle.

—Pois não está vendo? disse a Thénardier mostrando com o dedo o corpo de delicto, que jazia aos pés de Cosetta.

—Então o que tem? tornou o homem.

—Esta cachora, respondeu a Thénardier, teve o desafôro de pegar na boneca das meninas!

—Tanta bulha por tam pouco! disse o homem. E que mal faz que ella brinque com essa boneca?

—Tocou-lhe com as mãos emporcalhadas! continuou a Thénardier, com aquellas mãos horrorosas!

Ouvindo isto, Cosetta redobrou o pranto.

—Cala-te! bradou a Thénardier.

O homem dirigiu-se para a porta, abriu-a e sahiu.

Assim que elle sahiu, a Thénardier aproveitou a sua ausencia para dar em Cosetta, embaixo da mesa, um pontapé, que fez a creança soltar gritos dolorosos.

A porta tornou a abrir-se, o homem tornou a apparecer, trazendo a boneca fabulosa de que já fallámos, e que todas as creanças da aldêa contemplavam desde manhan, e pô-la em pé deante de Cosetta, dizendo: « Toma, é para ti. »

Sem duvida, achando-se alli havia mais de uma hora, absorto em suas cogitações, notára confusamente a barraca do vendedor de brinquedos allumiada com lanternas e velas, tam esplendidamente que se via através da vidraça da estalagem como uma illuminação.

Cosetta levantou os olhos, vira o homem encaminhar-se para o seu lado com aquella boneca como se visse approximar-se-lhe o sol, ouviu aquellas palavras incriveis: *é para ti*, encarou-o, olhou para a boneca, depois recuou lentamente, e foi esconder-se debaixo da mesa no canto da parede.

Já nao chorava, já não gritava, como que já não se animava a respirar.

A Thénardier, Eponina, Azelma, eram outras tantas estatuas. Os proprios bebedores tinham esquecido os copos. Reinava solemne silencio na sala.

A Thénardier, petrificada e muda, recomeçava as suas conjecturas: « Quem será este velho? será um pobre? será um millionario? Talvez seja uma e outra cousa, isto é, um ladrão. »

No rosto do marido da Thénardier appareceu essa ruga expressiva que accentua o semblante humano cada vez que o instincto dominante nelle se manifesta com toda a sua força bestial. O taverneiro olhava alternativamente para o homem e para a boneca; parecia farejar aquelle homem, como houvera farejado um sacco de dinheiro. Isto, porem, durou apenas o tempo de um relampago. Chegou-se para a mulher e disse-lhe baixinho:

—Aquella tetêa custou trinta francos pelo menos. Nada de anseiras. Toca a depennar o sujeito.

As naturezas grosseiras teem de commum com as puras o não conhecerem transições.

—Então, Cosetta, disse a Thénardier com uma voz

que queria ser doce e que tinha todo o mel acetico das mulheres más, rejeitas a tua boneca?

Cosetta animou-se a sahir do seu buraco.

—Minha Cosettinha, tornou a Thénardier com ar afavel, o senhor dá-te uma boneca. Aceita-a. E' tua.

Cosetta observou a maravilhosa boneca com uma especie de terror. O rosto ainda estava inundado de lagrimas, mas os olhos começavam a encher-se, como o céu ao romper d'alva, dos estranhos esplendores da alegria. O que sentia naquelle momento era um tanto semelhante ao que houvera experimentado se lhe dissessem de repente: « Pequena, tu vaes ser rainha de França. »

Parecia-lhe que se tocasse naquella boneca rebentaria de dentro um raio.

O que até certo ponto era verdade, porque estava convencida que a Thénardier ralharia e lhe daria pancadas.

Todavia a attracção sobrepujou. Ella acabou por approximar-se, e murmurou timidamente, voltando-se para a Thénardier:

—Posso tomar a boneca, senhora?

Não ha expressões que reproduzam o ar a um tempo desesperado, medroso e cheio de jubilo com que ella disse isto.

—Pois então! disse a Thénardier, é tua. O senhor comprou-a para ti.

—Devêras, senhor? tornou Cosetta, é verdade? a moça é minha?

O desconhecido tinha os olhos cheios de lagrimas. Parecia ter chegado a esse ponto de commoção em que não fallamos para não chorar. Fez com a cabeça um signal para Cosetta e metteu-lhe na mãosinha a mão da moça.

Cosetta puxou vivamente a mão, como se a da dama a queimasse, e pôz-se a olhar para o chão. Cumpre dizer que naquelle momento tinha a bocca desmesuradamente aberta. De repente voltou-se e agarrou arrebatadamente na boneca.

—Hei de chama-la Catharina, disse.

Foi um momento estranho esse, em que os andrajos de Cosetta tocaram e confundiram-se com as fitas e frescas mussellinas côr de rosa da boneca.

—A senhora dá licença que eu a ponha em cima de uma cadeira?

—Sim, minha filha, respondeu a Thénardier.

Agora eram Eponina e Azelma que olhavam para Cosetta com inveja.

Cosetta pôz Catharina em cima de uma cadeira, depois sentou-se no chão deante della, e ficou immovel, sem dizer palavra, na attitude da contemplação.

—Brinca, Cosetta, disse o desconhecido.

—Oh! eu estou brincando, respondeu a menina.

Esse estranho, esse homem, que parecia uma visita que a Providencia fazia a Cosetta, era naquelle momento o que a Thénardier mais odiava no mundo. Todavia, tinha de constranger-se. As commoções excediam a medida das suas forças, apesar do habito que tinha de dissimular pela copia que buscava fazer do marido nas menores accões. Deu-se pressa em mandar deitar as filhas e pediu *licença* ao homem amarello para mandar tambem Cosetta deitar-se, porque, accrescentou em tom maternal, *está hoje muito cansadinha*. Cosetta foi deitar-se, levando Catharina nos braços.

A Thénardier ia de vez em quando ao outro lado da sala onde estava o seu homem, *para desatascar a alma*, dizia ella. Trocava com o marido algumas palavras tanto mais fribundas quanto menos podia dizê-las em voz alta:

—Aquelle velho bruto! que diabo terá elle no corpo? vir aqui encommodar-nos! querer que o monstinho brinque! dar-lhe bonecas! bonecas de quarenta francos a uma cachorra que eu daria por quarenta soldos a quem a quizesse! se se demora um pouco mais tratava-a por *vossa magestade*, como a duqueza de Berry!! Que loucura!! dar-se-ha caso que este velho mysterioso esteja damnado?

—Porque? Nada mais natural, replicava o Thénardier. Se tal é o seu gosto! Tu, para ficares satisfeita, queres ver a pequena trabalhar, elle, pelo contrario, quer vê-la brincar. Está no seu direito. Todo o viajante, uma vez que pague, pôde fazer o que muito bem lhe parecer. Se o velho é um philantropo, que mal te vae nisso? se é um imbecil, não te importaes. O que tens tu que dizer uma vez que elle pague?

Linguagem de mestre e raciocinio de estalajadeiro que não admittiam replica.

O homem tinha encostado os cotovellos na mesa e voltára á sua attitude meditabunda. Todos os outros viajantes, mercadores e carreiros, se tinham afastado um pouco e já não cantavam. Olhavam-n'ó de longe com uma especie de temor respeitoso. Aquelle homem tam pobremente vestido, que tirava do bolso moedas de prata com tanta facilidade e fazia presentes de bonecas gigantes a creadinhas de tamancos, era por sem duvida um velho magnifico e temivel.

Passaram-se muitas horas. A missa do gallo tinha acabado, tinham-se acabado as comesainas, os bebedores se haviam retirado, a estalagem já estava fechada, a sala achava-se deserta, o fogo apagára-se, o desconhecido conservava-se no mesmo lugar e na mesma attitude. De espaço a espaço mudava a mão em que encostava a cabeça. Nada mais. Mas não dissera uma palavra desde que Cosetta sahira.

Só os Thénardier, por conveniencia e por curiosidade, tinham ficado na sala.

—Querem ver que elle vae passar a noite assim? resmungava a Thénardier.

Quando deram duas horas da madrugada declarou-se vencida e disse para o marido:

—Vou-me deitar. Faze d'elle o que bem te parecer.

O marido sentou-se a uma mesa em um canto, accendeu uma vela e pôz-se a ler o *Correio Francez*.

Passou-se assim uma boa hora. O digno estalajadeiro havia lido pelo menos tres vezes a sua gazeta, desde a data da folha até o nome do impressor. O desconhecido não se mexia.

O Thénardier agitou-se na sna cadeira fazendo-a estalar, tossiu, escarrou, assuou-se. Nem o menor movimento.

Estará dormindo? pensou o Thénardier.

O homem não dormia, mas nada podia despertar-lo.

Emfim, Thénardier tirou o barrete, approximou-se devagarinho e ousou dizer:

—Vm. não vae descansar?

Não vae dormir lhe houvera parecido excessivamente familiar. *Descansar* revelava luxo e era respeitoso. Estas palavras teem a propriedade mysteriosa e admiravel de fazer avultar no dia seguinte de manhan o total da conta que o hospede tem de pagar. Um quarto on-

de se *dorme* custa vinte soldos ; um quarto onde se *des-cança* custa vinte francos.

—E' verdade ! disse o desconhecido. O senhor tem razão. Onde é a sua estrebaria ?

—Senhor, tornou o Thénardier sorrindo-se, tenha a bondade de acompanhar-me.

Pegou na vela, o homem tomou o seu bordão e o em-brulho, e Thénardier conduziu-o a um quarto do 1º andar que era de um raro esplendor, todo cheio de moveis de acajú, com uma cama de casados e cortinas de panninho encarnado.

—O que vem a ser isto aqui ? disse o viajante.

—E' o quarto onde dormimos na noite do nosso casamento, disse o estalajadeiro. Minha esposa e eu occupamos outro. Neste entra-se apenas tres ou quatro vezes no anno.

—Para mim, tornou arrebatadamente o homem, fôra o mesmo dormir na estrebaria.

Thénardier fingiu não ouvir aquella reflexão, que nada tinha de obsequiosa.

Acendeu duas velas que brilhavam intactas em cima do fogão. Um bom fogo chammejava na lareira.

Em cima deste fogão e debaixo de uma redoma havia um enfeite de cabeça de fio de prata e flores de laranjeira.

—E isto aqui que vem a ser ? perguntou o estrangeiro.

—Senhor, disse o Thénardier, é a grinalda de noivado de minha mulher.

O viajante olhou para aquelle objecto com olhos que queriam dizer: « Houve, pois, um tempo em que este monstro foi virgem ! »

Comtudo Thénardier mentia. Quando tomara de arrendamento aquella baiúca para fazer uma bodega encontrára o quarto assim guarnecido, e comprara os trastes e as flores de laranjeira, parecendo-lhe que aquillo lhe daria á esposa gracioso realce, resultando para a sua casa o que os inglezes chamam respeitabilidade.

Quando o viajante se voltou tinha desaparecido o estalajadeiro. O Thénardier eclipsara-se discretamente, sem ousar dar as boas noites, não querendo tratar com pouco respeitosa cordialidade um homem que elle se propunha esfolar regiamente na manhan seguinte.

O estalajadeiro recolheu-se ao seu quarto, onde a mulher estava já deitada, mas sem dormir ainda. Quando ella ouviu os passos do marido virou-se e disse:

—Fica sabendo que amanha ponho Cosetta pela porta fóra.

O Thénardier respondeu friamente:

—Vaes logo as do cabo!

Não trocaram mais palavra, momentos depois estava a candêa apagada.

Quanto ao viajante, puzera a um canto o bordão e embrulho. Retirado o estalajadeiro, assentou-se n'uma poltrona e ficou por algum tempo pensativo. Depois descalçou os sapatos, tomou uma das velas, apagando a outra, empurrou a porta, e saiu do quarto olhando ao redor, como quem busca.

Atravessou um corredor e chegou ao topo da escada. Alli ouviu um ruido fraco mas extremamente doce, que se parecia com uma respiração de creança. Deixando-se guiar por este ruido, chegou a uma especie de nicho triangular aberto debaixo das escadas, ou antes formado por ellas. Não era este buraco outra coisa mais do que o vão das escadas. Alli, entre toda a casta de cestos e cacos velhos, na poeira e entre as têas de aranha, estava uma cama, se cama se pôde chamar uma encher-ga esboracada a ponto de deixar ver a palha, e uma coberta não menos rota. Nada de lençóis. E aquillo assentava sobre a terra. Naquella cama dormia Cosetta. O homem aproximou-se e pôz-se a contempla-la.

Cosetta dormia profundamente, vestida como andava de dia. No inverno nunca se despia, para sentir menos frio.

Estreitava contra si a boneca, cujos olhos, grandes e abertos, brilhavam na escuridão. De vez em quando deixava escapar um suspiro, como se fosse acordar, e apertava a boneca nos braços quasi convulsivamente. Ao lado da cama apenas se lhe via um dos tamancos.

Uma porta aberta ao pé da fuma de Cosetta deixava ver um quarto escuro bastante grande. O estrangeiro entrou. No fundo, através de uma porta envidraçada, viam-se duas caminhas eguaes e alvissimas. Eram as de Azelma e Eponina. Per traz dellas ficava meio escondido um berço de vimes sem cortinas, em que dormia o menino que toda a noite berrára.

O estrangeiro conjecturou que este quarto communicaria com o dos esposos Thénardier. Ia retirar-se quando descobriu um fogão de sala; um desses vastos fogões de estalagem, onde ha sempre tam pouco fogo, quando o ha, e que são tam frios de ver. Naquelle não só não havia fogo mas nem se quer cinza; comtudo o que havia attrahiu a attenção do viajante. Eram dous sapatinhos de creança de forma faceira e desigual tamanho; o viajante recordou-se do gracioso e immemorial costume que as creanças teem de deixarem um sapato no fogão no dia de Natal, a espera que nas trevas a sua boa fada lhes deponha nelle algum presente brilhante. Eponina e Azelma não se tinham esquecido disto, e cada uma puzera alli um dos seus sapatos.

O viajante inclinou-se.

A fada, isto é, a mãe, tinha já feito a sua visita, e em cada sapato reluzia uma linda moeda de dez soldos inteiramente nova.

Reerguia-se o homem e ia retirar-se, quando avistou no fundo, desviado para o canto mais escuro, outro objecto. Olhou e descobriu um tamanco, tamanco horri-vel, da mais grosseira madeira, meio quebrado e todo coberto de cinza e lama secca. Era de Cosetta. Cosetta com essa enternecedora confiança das creanças que pode ser enganada todos os dias sem jamais as perder, metterá tambem o seu tamanco no fogão.

Sublime e doce é a esperança n'uma creança que nunca jamais conheceu senão o desespero.

Nada havia dentro daquelle tamanco.

O estrangeiro poz a mão no bolço do collete, curvou-se e meteu no tamanco de Cosetta um luiz de ouro.

Depois recolheu-se ao seu quarto com pés de lan.

IX

THÉNARDIER A MANOBRAR.

No dia seguinte, duas horas pouco mais ou menos antes de amanhecer, o Thénardier, sentado a uma mesa, na sala da estalagem, e de penna na mão, compunha, á luz de uma vela, a conta do viajante da sobre-casaca amarella.

A mulher, em pé, meia inclinada para elle, seguia-o com os olhos. Ambos estavam silenciosos. D'um lado, havia uma meditação profunda; do outro, essa admiração religiosa com que vemos nascer e desenvolver-se uma maravilha do espirito humano. Ouvia-se uma bulha no interior da casa; era a Calhandra que varria a escada.

Depois de um bom quarto de hora e de algumas emendas, o Thénardier concluiu a sua obra prima:

Conta do senhor do n. 1.

Ceia.....	fr.	3
Quarto.....	»	10
Velas.....	»	5
Fogo.....	»	4
Serviço.....	»	1
		—
Somma.....	»	23

Serviço estava escripto *servisso*.

—Vinte e tres francos! exclamou a mulher com um enthusiasmo misturado de alguma hesitação.

Como todos os grandes artistas, o Thénardier não se achava satisfeito.

—Está assim, assim! tornou elle.

Era o tom de Castlereagh redigindo no congresso de Vienna a conta do que a França devia pagar.

—Senr. Thénardier, você tem razão, é isto justamente o que elle deve, murmurou a mulher que pensava na boneca dada a Cosetta na presença de suas filhas, é bem feito, porem é de mais. Elle não ha de querer pagar.

Thénardier sorriu-se com o seu costumado sorriso de gelo, e disse:

—Ha de pagar.

Este sorriso era a significação suprema da certesa e da autoridade. O que era assim dito devia realisar-se. A mulher não insistiu. Poz-se a arranjar as mezas. O marido passeava de um para outro lado na sala.

Dalli a um momento accrescentou:

—Se é por isso, tambem eu estou devendo mil e quinhentos francos!

Foi sentar-se junto do fogão, meditando, com os pés emcima das cinzas quentes.

—E' verdade! tornou a mulher, você lembra-se que hoje hei de pôr Cosetta no andar da rua? Aquelle monstro! faz-me damnar com a sua boneca! Antes quizera casar-me com o rei Luiz XVIII do que ficar com ella mais um só dia em casa!

O Thénardier accendeu o cachimbo e respondeu entre duas baforadas:

—Quando o homem vier, entrega-lhe a conta.

E sahiu.

Apenas se achava fôra da sala, quando o viajante entrou.

O Thénardier tornou a apparecer immediatamente por detrás d'elle e ficou immovel na porta meia-aberta, de modo que só a mulher o via.

O homem amarello trazia na mão o seu embrulho e o bordão.

—De pé tam cedo! disse a Thénardier; vm. deixa-nos já?

Assim fallando, volvia e revolvía nas mãos, com ar de hesitação, a conta, na qual fazia dobras com as unhas. O desabrido semblante tinha uma expressão que lhe não era habitual, a timidez e o escrupulo.

Apresentar tal conta a um homem que mostrava ser um *pobre tam chapado* parecia-lhe cousa ardua.

O viajante mostrava-se preocupado e distraído. Respondeu:

—Sim, senhora, parto já.

—Então vm., proseguiu ella, não tinha negocios em Montfermeil?

—Não, cheguei aqui de passagem. Diga-me, senhora, accrescentou elle, quanto é que lhe devo?

A Thénardier, sem responder, apresentou-lhe a conta dobrada.

O homem desdobrou o papel e fitou nelle os olhos; mas a sua attenção estava visivelmente em outra parte.

—Diga-me, senhora, tornou o desconhecido, os seus negocios correm bem neste Montfermeil?

—Assim, assim, senhor, respondeu a Thénardier estupefacta, porquanto contava com outra explosão.

Proseguiu em tom elegiaco e lamentoso:

—Ah! senhor, os tempos são bem difficeis! e depois ha tam poucos burguezes por estes sitios! Tudo é gente de pouco mais ou menos, vê o senhor? O que nos vale é que de quando em vez apparecem viajantes ricos e generosos como vm. As nossas despesas são assombrosas. Olhe, com essa pequena gastamos os cabellos da cabeça.

—Que pequena?

—Ora! que pequena! Cosetta! a Calhandra, como a chamam por aqui!

—Ah! disse o homem.

Ella continuou:

—Esses camponezes sempre são bem estupidos com as suas alcunhas! ella mais parece um morcego do que uma calhandra! Vê o senhor? nós não pedimos esmolas, mas tambem não podemos da-las a todos. Nada ganhamos, e temos de pagar uma infinidade de cousas. A licença, os impostos, as portas e janellas, os *centimos*! Vm. bem sabe que o governo nos esfola sem dó nem piedade. E depois tenho duas filhas. Que obrigação tenho de sustentar os filhos dos outros?

O homem respondeu com essa voz que buscava tornar indiferente e na qual havia certo tremor :

—E se alguém a descartasse della?

—De quem? da Cosetta?

—Sim.

O carão vermelho e furibundo da estalajadeira expandia-se hediondamente.

—Ah! senhor! meu bom senhor! tome-a, fique-se com ella, leve-a, ponha-a em calda de assucar, recheie-a de trufas, beba-a, coma-a, e que a Santa Virgeme todos os santos do paraíso abençoem a vm. !

—Está dito.

—Devêras? Vm. quer leva-la consigo?

—Quero, sim.

—Immediatamente?

—Immediatamente. Chame a menina.

—Cosetta! gritou a Thénardier.

—Entretanto, proseguiu o homem, vou pagar a despesa que fiz. Em quanto é que anda?

Lançou um olhar sobre a conta e não pôde reprimir um movimento de surpresa :

—Vinte e tres francos !

Olhou para a estalajadeira e repetiu :

—Vinte e tres francos ?

Havia no modo porque foram pronunciadas estas duas palavras o tom que distingue o ponto de exclamação do de interrogação.

—A Thénardier tivera tempo de preparar-se para resistir ao choque. Respondeu mui segura:

—Sim, senhor; pois então? são vinte e tres francos mesmo.

O desconhecido pôz cinco moedas de cinco francos em cima da mesa.

—Vá buscar a menina, disse.

Neste momento o Thénardier entrou para a sala e disse :

—O senhor deve vinte e seis soldos.

—Vinte e seis soldos! exclamou a mulher.

—Vinte e seis soldos do quarto, proseguiu friamente o Thénardier, e seis da cêa. Quanto a menina, preciso conversar a esse respeito um poucachinho com o senhor. Minha mulher, retira-te.

A Thénardier teve um desses deslumbramentos que

causam os inopinados fulgores do talento. Sentiu que o grande actor entrava em scena, não replicou palavra e sahiu.

Assim que se acharam a sós, o Thénardier offereceu uma cadeira ao viajante. O viajante sentou-se. Thénardier ficou de pé, e o seu rosto assumiu uma singular expressão de bonhomia e de simplicidade:

—Olhe, senhor, disse elle, vou fallar-lhe com o coração nas mãos,—eu adoro essa creança.

O desconhecido encarou-o fixamente:

—Que creança?

Thénardier continuou:

—E' uma exquisite! a gente afeiçoou-se. Para que quero eu todo esse dinheiro? guarde as suas moedas de cem soldos. O que eu adoro—é uma creança.

—Mas que creança? perguntou o desconhecido.

—Ora! a nossa Cosettinha! o senhor não quer leva-la? Pois bem, fallo-lhe francamente, tam certo como ser vm. um homem honrado, não posso consentir nisso. Essa creança far-me-hia falta. Vi-a pequenina. E' verdade que gastamos dinheiro com ella, que ella tem defeitosinhos, que nós não somos ricos, que até já chegámos a gastar para mais de quatrocentos francos em remedios, por occasião de uma das suas mais graves doenças. Porem a gente deve fazer alguma cousa que seja agradavel a Deus. Não tem pae nem mãe, fui eu que a eduquei. Reparto com ella o meu pão. E' o que lhe digo, quero bem a essa pequerrucha. O senhor bem sabe, a gente afeiçoou-se; eu sou um pobre diabo; não raciocino; deu-me para gostar dessa creança; minha mulher é um tanto arrebatada, mas tambem gosta della. Vê o senhor? é como se fosse nossa filha. Ouvi-la cantarolar por toda casa, já é uma necessidade para nós.

O desconhecido continuava a encara-lo fixamente. Elle prosseguiu:

—Perdôe-me, desculpe-me, senhor, mas ninguem dá assim um filho seu á primeira pessoa que lhe apparece. Não acha que tenho razão? Agora, penso eu (vm. é rico, parece um homem honrado), se fosse para bem della? mas era preciso estar certo disso. Vm. comprehende? Supponha que eu a deixava ir, que me sacrificava, quizera que me declarassem para onde a levavam, não quizeria perdê-la de vista, quizeria

saber em que casa estava, para ir vê-la de tempos a tempos, de modo que ella soubesse que o seu bom pae de criação não a abandonava, que velava por ella. Emfim ha cousas que não são possiveis. Se o senhor a levasse, entraria eu a dizer com os meus botões: para onde iria a Calhandra? onde estará ella agora? Ao menos quizerá ver algum pedaço de papel sujo, algum passaportezinho, ahí está!

O desconhecido, sem deixar de fita-lo com esse olhar que, por assim dizer, penetra até ao fundo da consciencia, respondeu-lhe em tom grave e firme:

—Senr. Thénardier, ninguém tira passaporte para uma viagem a cinco leguas de Pariz. Se eu levar Cosetta, leva-la-hei pura e simplesmente, ouviu? Não lhe direi o meu nome, não lhe direi onde moro, o senhor não saberá nunca onde ella se acha, e é minha vontade que não a torne a ver em sua vida. Quebro o fio que a prende pelo pé, e ella foge. Convem-lhe isto? Sim ou não.

Assim como os demonios e os genios reconheciam por certos signaes a presença de um deus superior, assim Thénardier comprehendeu que se havia com um sujeito de extraordinario vigor. Foi como uma intuição; comprehendeu-o com a sua perspicacia clara e infallivel. Na vespera, bebendo com os carreiros, fumando, cantando obscenidades, passara a noite a observar o desconhecido, espiando-o como um gato e estudando-o como um mathematico. Espiava-o a um tempo por sua propria conta, por prazer e por instincto, e espiava-o como se fosse pago para isso. Nem um só gesto, nem um só movimento do homem da sobre-casaca amarella lhe havia escapado. Antes mesmo que o desconhecido manifestasse tam claramente o seu interesse por Cosetta, o Thénardier o tinha adivinhado. Surprendêra os olhares que o velho volvia a miudo para a menina. O que significava esse interesse? quem seria aquelle homem? porque tinha tanto dinheiro nas algibeiras e uma roupa tam miseravel? Questões que a si mesmo propunha sem poder resolve-las e que o irritavam. Toda a noite levára a pensar nisso. Aquelle homem não podia ser o pae de Cosetta. Seria o avô? mas então porque não se declarava para logo? Ninguém esconde o direito em que se funda. O homem evidentemente nenhum direito tinha

sobre Cosetta. Então o que vinha a ser? O Thénardier perdia-se em supposições. Entrevia tudo e nada via. Como quer que fosse, ao travar conversa com o homem, certo de que havia um segredo em tudo aquillo, certo de que esse individuo tinha interesse em conservar-se incognito, sentia-se forte; á resposta clara e firme do desconhecido, quando viu que esse personagem mysterioso era tam simplesmente mysterioso, sentiu-se fraco. Não contára que as cousas se passariam assim. Foi a derrota das suas conjecturas. Recolheu as idéas. Pesou tudo aquillo em um segundo. O Thénardier era um desses homens que de um simples lance de olhos julgam de uma situação. Viu que era chegado o momento de caminhar direito e rapidamente ao alvo. Fez como os grandes capitães nesse instante decisivo que só elles sabem reconhecer, desmascarou de subito a sua bateria.

—Senhor, dise, careço de mil e quinhentos francos.

O desconhecido saccou do bolso do peito uma velha carteira de couro preto, abriu-a e tirou tres notas do banco que poz em cima da mesa. Depois calcando-as com o seu largo pollegar, disse para o estalajadeiro:

—Traga-me Cosetta.

Emquanto isto se passava, o que fazia Cosetta?

Cosetta, assim que acordára fôra a toda a pressa ver o seu tamanco. Encontrára a moeda de ouro. Não era um Napoleão, era uma dessas peças de vinte francos recentemente cunhadas, da restauração, em cuja effigie o rabicho prussiano substituíra a corôa de louros. Cosetta ficou deslumbrada. O seu destino começava a enebriar-la. Ella não sabia o que era uma moeda de ouro, nunca vira nenhuma, escondeu-a a toda a pressa no bolso como se a houvesse furtado. Entretanto sentia que aquillo era muito seu, não sabia de onde lhe vinha tal presente, mas experimentava uma especie de alegria cheia de medo. Estava contente; estava sobretudo estupefacta. Aquellas cousas tam magnificas e tam lindas não lhe pareciam reaes. A boneca enchia-a de medo, a moeda de ouro causava-lhe terror. Tremia vagamente deante de taes magnificencias. Só o desconhecido não lhe causava susto. Pelo contrario, tranquillisava-a. Desde a vespera, por entre as suas admirações, durante o somno, o seu espiritozinho de creança pensára naquelle homem

que parecia velho e pobre e triste, e que era tam rico e tam bom. Desde o momento em que encontrára no bosque o velho, tudo como que se havia transformado para ella. Cosetta, menos feliz do que a menor andorinha do céu, nunca soubera o que era acolher-se á sombra de sua mãe e debaixo de uma aza. Por espaço de cinco annos, até onde podia alcançar as suas recordações, a pobre creança tremêra e gelára-se de frio. Estivera sempre exposta nua ás gelidas rajadas do infortunio, agora parecia-lhe que se achava vestida. Outrora sua alma sentia frio, agora sentia calor. Cosetta já não tinha tanto medo da Thénardier. Já não estava só; tinha alguém por si.

Fôra logo cuidar da sua tarefa de todas as manhãs. O luiz, que tinha no mesmo bolso donde na vespera cahira a moeda de quinze soldos, causava-lhe distrações. Não ousava tocar nelle, mas levava mais de cinco minutos a contempla-lo, cumpre dize-lo, de bocca aberta. Varrendo a escada, parava, e alli ficava, immovel, esquecendo a vassoura e todo o universo, entretida em olhar para aquella estrella que brillava no fundo do seu bolso.

Foi em um desses momentos de contemplação que a Thénardier veio ter com ella.

Obedecendo á ordem do marido, vinha busca-la. Causa inaudita! não lhe deu um bofetão, nem lhe disse a menor injuria.

—Cosetta, disse quasi com brandura, vem cá depressa.

Dahi a um instante Cosetta entrava na sala.

O desconhecido pegou no embrulho e desatou-o. Continha elle um vestidinho de lan, um avental, uma camisola de fustão, uma saia, um lenço, meias de lan, sapatos, um traje completo para uma menina de sete annos. Tudo era preto.

—Minha filha, disse o homem, toma isto e vae-te vestir bem depressa.

O dia começava a clarear quando os moradores de Montfermeil, que principiavam a abrir as suas portas, viram passar pela rua de Pariz um velho pobremente vestido, dando a mão a uma menina toda de luto, que levava ao collo uma boneca de vestido côr de rosa. Dirigiam-se para o lado de Livry.

Era o nosso homem e Cosetta.

Ninguém conhecia o homem; e como Cosetta já não ia coberta de andrajos, muitas pessoas a não reconheceram.

Cosetta partia. Com quem? ignorava-o. Para onde? não o sabia. O mais que ella comprehendia era que deixava atrás de si a bodega dos Thénardier. Ninguém pensára em dizer-lhe adeus, nem ella em dizer adeus a quem quer que fosse. Sabia daquella casa odiada e odiando.

Pobre entezinho cujo coração, até alli, estivera sempre comprimido.

Cosetta ia andando gravemente, arregalando os olhos e considerando o céu. Tinha mettido o seu luiz no bolso do avental novo. De instante a instante inclinava a cabeça e deitava-lhe um olhar, depois encarava o velho. Sentia o que quer que fosse como se estivesse ao lado de Deus.

X

QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE.

A Thénardier, conforme o seu costume, deixára o marido haver-se só. Contava com grandes acontecimentos. Depois que o homem e Cosetta saíram, o Thénardier deixou passar um bom quarto de hora, e chamando-a de parte, mostrou-lhe os mil e quinhentos francos.

—Só isto! disse ella.

Era a primeira vez, desde que se tinham casado, que ella ousava criticar um acto do senhor seu marido.

O golpe foi certo.

—E' verdade, tens razão, disse elle, sou um imbecil. Dá cá o meu chapéu.

Dobrou os tres bilhetes do banco, metteu-os arrebatadamente no bolso e sahiu a toda a pressa, mas enganou-se e tomou á direita.

Alguns vizinhos a quem interrogou ensinaram-lhe o caminho que devia seguir: a Calhandra e o homem tinham sido vistos encaminhando-se para Livry. Tomou a direcção indicada, andando a passos largos e fallando a sós.

—Este homem é evidentemente um milhão vestido

de amarello, e eu sou uma besta. Elle deu primeiro vinte soldos, depois cinco francos, depois cincoenta, depois mil e quinhentos, sempre com a mesma facilidade. Ter-me-hia dado quinze mil francos. Mas eu hei de alcança-lo.

Além disso, aquella trouxa de roupa preparada de ante-mão para a menina era singular; havia alli muitos mysterios que deslindar. Ninguem abre mão d'um mysterio que logrou aventar. Os segredos dos ricos são esponjas ensopadas de ouro; o ponto é saber espreme-las bem. Todos estes pensamentos lhe formigavam no cerebro. « Sou uma besta, » dizia elle.

Quem sabe de Montfermeil e chega ao cotovello que faz a estrada que vae a Livry, vê este caminho estender-se deante de si a perder de vista pela eminencia. Alli chegando, calculou que deveria avistar o homem e a menina. Olhou até onde podia alcançar com a vista, e nada viu. Tornou a informar-se. Entretanto perdia tempo. Alguns viandantes disseram-lhe que o homem e a menina que elle buscava se tinham encaminhado para os bosques do lado de Gagny. Seguiam apressadamente naquella direcção.

Ambos já tinham feito boa porção de caminho, mas uma creança anda de vagar, e elle, Thénardier, andava depressa. E demais, o sitio era-lhe conhecido.

De repente parou e bateu na testa como um homem que esqueceu o essencial, e que está a ponto de volver atrás.

—Devera ter trazido a minha espingarda! disse.

Thénardier era uma dessas naturezas duplas, que passam as vezes por nós sem que as notemos e que desaparecem sem que as tenhamos conhecido, porque o destino só no-las mostrou por um unico lado. A sorte de muitos homens depende de viverem assim meio submergidos. Em uma situação calma e ordinaria, Thénardier tinha quanto era preciso para representar, não dizemos para ser, o que se convencionou chamar um honrado negociante, um bom burguez.

Ao mesmo tempo, dadas certas circumstancias, vindo certos abalos arrojara á periphéria á camada interna da sua natureza, tinha tudo quanto constitue um scelerado. Era um estalajadeiro que tinha o seu tanto de monstro. Satanaz devia as vezes esconder-se em algum recanto

da possilga de Thénardier, e ficar pensativo ante aquelle hediondo primor.

Depois de hesitar um instante:

—Ora qual! disse, elles teriam tempo de escapar! E continuou o seu caminho, andando rapidamente para deante, e quasi com um ar de certeza, com o ar de uma raposa que fareja um bando de perdizes.

Comeffeito, depois de ter passado as lagoas e atravessado obliquamente a clareira que fica á direita da avenida de Bellevue, ao chegar á tira de relva que contornêa quasi toda a collina, e cobre o antigo aqueducto da abbadia de Chelles, avistou por cima de uns arbustos um chapêu que já lhe dera assumpto para mil conjecturas. Era o chapêu do homem. Os arbustos eram baixos. O Thénardier descobriu que o homem e Cosetta estavam alli sentados. Não via a menina por causa da sua pequenez, porem avistava a cabeça da boneca.

Thénardier não se enganava. O homem sentara-se alli para deixar Cosetta descansar um pouco. O estalajadeiro deu volta aos arbustos e appareceu de repente áquelles que buscava.

—Perdõe, desculpe, senhor, disse todo esbaforido, aqui estão os seus mil e quinhentos francos.

Assim fallando, apresentava ao desconhecido os tres bilhetes do banco.

O homem levantou os olhos:

—O que significa isto?

Thénardier respondeu respeitosamente:

—Isto significa, senhor, que eu venho buscar Cosetta.

Cosetta estremeceu e coseu-se com o homem.

Este respondeu cravando os olhos nos de Thénardier e espaçando cada uma das syllabas:

—Vo-cê vem bus-car Co-set-ta?

—Sim, senhor, torno a toma-la. Eu lhe digo, pensei no caso. Não padece duvida que eu não possa dar-lh'a. Sou um homem honrado, vê o senhor? Esta menina não é minha, é de sua mãe. Foi sua propria mãe que m'a confiou, não posso entrega-la senão á sua mãe. O senhor me dirá: Mas a mãe morreu. Bem. Nesse caso, não posso entregar a pequena senão a uma pessoa que me apresente um escripto assignado pela mãe que me autorise a deixar levar a menina. Isto é claro.

O homem, sem dizer palavra, metteu a mão no bolso,

e o Thénardier tornou a ver a carteira que continha notas do banco.

O estalajadeiro teve um estremecimento de alegria.

—Bem! disse consigo mesmo, sentido! O homem vae sobornar-me!

Antes de abrir a carteira, o viajante lançou um olhar em torno de si. Não havia viva alma no bosque nem no valle. O homem abriu a carteira e della tirou, não o grande maço de notas do banco que Thénardier esperava, mas um simples papelinho que desdobrou e apresentou ao estalajadeiro dizendo:

—Tem razão. Lêa.

O Thénardier tomou o papel e leu:

« M. sobre o M.—25 de março de 1823—Senr. Thénardier, entregue Cosetta ao portador.—Todos os gastos miudos ser-lhe-hão pagos.

« Tenho a honra de saudá-lo com consideração.

« *Fantina.* »

—Conhece esta assignatura? tornou o homem.

Era comeffeito a assignatura de Fantina. Thénardier reconheceu-a.

Nada havia que replicar. Elle sentiu dous violentos despeitos, o despeito de renunciar ao suborno que esperava, e o de ver-se batido. O homem accrescentou:

—Pode ficar com esse papel para sua resalva.

O Thénardier tornou a dobra-lo como estava:

—A assignatura está bem imitada, resmoneou. Emfim, vá lá!

Depois tentou um esforço desesperado.

—Está bem, senhor, disse. É o portador, bem vejo. Mas é preciso pagar-me os *gastos miudos*. E não é pouco o que me devem.

O homem ergueu-se e disse sacudindo a piparotes uma pouca de poeira que tinha na manga surrada:

—Senr. Thénardier, em janeiro a mãe desta menina, pelos seus calculos, estava na fé que lhe devia cento e vinte francos; vm. mandou-lhe em fevereiro uma conta de quinhentos francos: recebeu trezentos francos em fins de fevereiro e outros trezentos no principio de março. De então para cá são passados nove mezes, a quinze francos, preço ajustado, o que vem a dar cento e trinta e cinco francos. Vm. recebera cem francos de mais.

Ficam-se-lhe restando trinta e cinco francos. Eu acabo de dar-lhe mil e quinhentos.

O Thénardier sentiu o que experimenta um lobo no momento em que se sente mordido e preso nas mandíbulas de ferro da armadilha.

—Quem diabo será este homem? disse consigo mesmo.

Fez o que faz o lobo, deu um estremeção no corpo. A audacia já lhe sortira effeito uma vez.

—Meu ca-ro se-nhor cu-jo no-me não sei, disse resolutamente e pondo agora de parte os modos respeitosos, ou hei de levar Cosetta ou sua mercê ha de dar-me mil escudos.

O desconhecido disse tranquillamente:

—Vamos, Cosetta.

Com a mão esquerda pegou na da menina, e com a direita apanhou o cacete que estava no chão.

O Thénardier notou a enormidade do páu e a solidão do lugar.

O homem metteu-se no bosque com a menina, deixando o estalajadeiro immovel e attonito.

Emquanto se afastavam, Thénardier considerava-lhe os hombros largos e um tanto arqueados, e os grossos pulsos.

Depois, fitando os olhos em si mesmo, via quam descarnados eram os seus braços, quam magras as suas mãos. « Só uma besta de quatro costados, pensava elle, poderia ter sahido assim de casa sem espingarda, apesar de saber que ia á caça! »

Entretanto o estalajadeiro não se deu por vencido.

« Quero saber para onde elle vae, » disse, e pôz-se a segui-los de longe. Tinha duas cousas nas mãos, uma ironia, o pedaço de papel assignado por Fantina, e uma consolação, os mil e quinhentos francos.

O homem conduzia Cosetta na direcção de Livry e de Bondy. Caminhava lentamente, com a cabeça inclinada, e em uma attitude de reflexão e tristeza. O inverno havia desbastado a folhagem do bosque, de modo que o Thénardier não os perdia de vista, bem que se conservasse sempre em distancia. De espaço a espaço o homem voltava-se para ver se alguém o seguia. De repente avistou Thénardier. Entrou precipitadamente com Cosetta em uma mata onde ambos podiam desap-

parecer. « Diacho! » disse Thenardier. E apertou o passo.

A espessura da mata obrigara-o a approximar-se delles. Quando o homem se achou no sitio mais cerrado da mata, voltou-se. Em vão se escondeu Thénardier atrás dos ramos; o viajante viu-o, lançou-lhe um olhar inquieto, depois meneou a cabeça e continuou o seu caminho. O estalajadeiro foi-o sempre seguindo. Deram assim duzentos ou trezentos passos. De repente o homem tornou a voltar-se. Avistou o estalajadeiro. Desta vez fitou-o com um olhar tam terrivel que Thénardier julgou *inutil* ir mais longe. Retrocedeu.

XI

O N. 9430 REAPARECE E COSETTA GANHA-O NA LOTERIA.

João Valjean não tinha morrido.

Ao cair ao mar, ou antes quando se lançára ao mar, achava-se, conforme já vimos, sem ferros. Nadou por baixo d'água até um navio do ancoradouro a que estava amarrado um escaler. Achou meio de esconder-se dentro desse escaler até á noite. Assim que anoiteceu, lançou-se outra vez a nado e alcançou o litoral a pouca distancia do cabo Brun. Alli, como lhe não faltava dinheiro, pôde arranjar roupa. Uma bodega dos arredores de Balaguier era então a guarda-roupa dos forçados fugidos,—especialidade lucrativa. Depois, João Valjean, como todos os tristes fugitivos que buscam escapar á vigilancia da lei e á fatalidade social, seguiu um itinerario obscuro e sinuoso. Encontrou um primeiro asylo em Pradeaux, perto de Beausset. Depois dirigiu-se para Grand-Villard, perto de Briançon, nos Altos-Alpes. Fuga feita ás apalpadellas e inquieta, caminho de toupeira, cujas ramificações são desconhecidas. Depois pôde descobrir-se algum vestigio da sua passagem em Ain, no territorio de Civrieux nos Pyreneos, em Ancons no lugar

chamado Grange-de-Doumecq, perto da aldêa de Chevaillès, e nos arredores de Pérougeux, em Brunies, no territorio de Chapelle-Gonaguet. Chegou a Pariz. Acabamos de vê-lo em Montfermeil.

O seu primeiro cuidado, chegando a Pariz, fôra comprar vestidos de luto para uma menina de sete a oito annos, depois procurára um pouso. Feito isto, partira para Montfermeil.

Lembrado estará o leitor que, por occasião da sua precedente fuga, já elle havia feito uma viagem mysteriosa áquella aldêa, ou aos seus arredores, da qual a justiça fôra em parte informada.

Demais, todos o tinham como morto, e isto tornava mais espessas as trevas que o envolviam. Em Pariz, cahira-lhe nas mãos um dos jornaes que consignavam aquelle facto. Sentiu-se tranquillizado e quasi em paz como se realmente estivesse morto.

Na tarde do mesmo dia em que João Valjean tirára Cosetta das garras dos Thénardier, tornava a entrar em Pariz. Entrava ao cahir da noite com a menina pela mão, transpondo a barreira de Monceaux. Alli entrou em um *cabriolet* que o levou á esplanada do Observatorio. Apeou-se, pagou o boleeiro, tomou Cosetta pela mão, e ambos, no meio do escuro da noite, pelas ruas desertas que ficam nas vizinhanças da Ourcine e da Glacière, dirigiram-se para o *boulevard* do Hospital.

O dia fôra extraordinario e cheio de commoções para Cosetta: ambos tinham comido, atrás das moutas e das sebes, pão e queijo comprados em tascas isoladas; tinham mudado a miudo de carro, andado alguns pedaços de caminho a pé; a menina não se queixava, porem estava cansada, e João Valjean o notou sentindo que ella caminhando lhe puxava cada vez mais pela mão. Pô-la ao collo; Cosetta, sem largar Catharina, encostou a cabeça no hombro de João Valjean, e adormeceu.

LIVRO QUARTO.

O PARDIEIRO CORBEAU.

I

MESTRE CORBEAU.

O passeador solitario que, ha quarenta annos, se aventurasse a percorrer as regiões ignotas da Salpêtrière, subindo o *boulevard* até á altura da barreira da Italia, chegava a sitios onde poderia dizer-se que Pariz desaparecia. Não era um ermo, porque se viam alli viandantes; não era o campo, porque havia casas e ruas; não era uma cidade, visto que as ruas se achavam inçadas de buracos como uma estrada e cobertas de matto; não era uma aldêa, porque as casas eram nimiamente altas. Então o que era? Era um lugar habitado onde não havia ninguém, era um lugar deserto onde havia alguém; era um *boulevard* da grande cidade, uma rua de Pariz, mais selvatica de noite do que uma floresta, mais tristonha de dia do que um cemiterio.

Era o antigo bairro do Marché-aux-Chevaux.

Se o passeador se arriscasse a ir além dos muros caducos desse Marché-aux-Chevaux, se se resolvesse mesmo a passar a rua do Petit-Banquier, depois de ter deixado á direita um cercado de altos muros, depois um prado onde se erguiam montes de pó de casca de carva-

lho semelhante casas de castores gigantescos, depois um recinto cheio de toros de madeira com tulhas de cepos, serradura e cavacos em cima das quaes latia um cão grande, depois um extenso muro baixo todo arruinado com uma portinha preta e de luto, coberta de musgo que se esmaltava de flores na primavera, depois, no ponto mais deserto, um horrivel edificio decrepito no qual se lia em lettras garrafaes: **AQUI NÃO SE PREGAM CARTAZES**, o passeador animoso se acharia no canto da rua Vignes-Saint-Marcel, latitudes pouco conhecidas. Alli, perto de um estabelecimento de forjas e entre dous muros de jardim, se via naquelle tempo um pardieiro que, ao primeiro olhar, parecia pequeno como uma cabana, e que na realidade era grande como uma cathedral. Fazia face á rua de lado, pelo angulo do tecto; dahi a sua exiguidade apparente. Quasi toda a casa ficava occulta. Via-se-lhe apenas a porta e uma janella.

Este pardieiro era terreo.

Examinando-o, o que para logo se lhe notava era que a porta nunca houvera podido ser senão a de uma posilga ao passo que a janella, se fosse de pedra de cantaria lavrada em vez de ser de alvenaria, teria podido ostentar-se entre as de um palacio.

A porta não era outra cousa mais do que uma reunião de taboas carunchosas ligadas por travessas semelhantes a achas de páu mal aplainadas. Abria immediatamente para uma escada de degraus altos, empoeirada, coberta de lama, suja de gesso, da mesma largura que ella, e que se via da rua subir perpendicularmente como escada de mão, e desaparecer no escuro entre duas paredes. O alto do vão informe da porta fôra tapado com uma especie de bandeirola de madeira, na qual se praticára uma abertura triangular, que servia a um tempo de oculo e de janella quando a porta estava fechada. Na parte de dentro da porta um pincel molhado em tinta de escrever traçára o n. 52, e por cima da bandeirola o mesmo pincel garatujára o n. 50; de modo que quem via hesitava. Qual era o numero? A parte superior da porta dizia: n. 50; o vão por baixo, replicava: não, n. 52. Uns estranhos farrapos côr de poeira pendiam da janellinha triangular.

A janella era larga, sufficientemente elevada, guarne-cida de venezianas e vidraças com grandes caixilhos que

todavia tinham diversas lesões, a um tempo escondidas e reveladas por uma engenhosa ligadura de papel, e as venezianas, desconjuntadas e despregadas, antes ameaçavam os viandantes do que resguardavam os habitantes. Aqui e acolá faltavam os toldos horizontaes, que eram ingenuamente substituídos por taboas pregadas perpendicularmente, de modo que a cousa começava por veneziana e acabava por postigo.

Aquella porta que tinha ar immundo e aquella janella que tinha ar decente, bem que desmantelada, vistas na mesma casa, assemelhavam-se a dous mendigos que caminhassem juntos, com duas caras differentes, debaixo dos mesmos andrajos, um tendo sido sempre mendigo, o outro tendo sido fidalgo.

A escada levava a um corpo de edificio mui vasto que arremedava um telheiro de que se houvesse feito uma casa. Este edificio tinha por tubo intestinal um comprido corredor para o qual abriam, á direita e á esquerda, especies de compartimentos de dimensões variadas, em rigor habitaveis, e que mais pareciam logi-nhas do que cellas. Estes quartos tinham aberturas por onde entrava luz e que davam para os terrenos vazios de em torno. Tudo isto escuro, desagradavel, soturno, melancolico, sepulcral, deixando coarem-se pelas fendas do tecto frios raios de luz e pelas da porta correntes de ar glacial. Uma particularidade interessante e pittoresca deste genero de habitações é a enormidade das aranhas.

A' esquerda da porta da entrada, do lado do *boulevard*, em altura attingivel por um homem, um oculo que havia sido murado formava um nicho quadrangular cheio de pedras que os garôtos alli atiravam quando passavam.

Parte deste edificio foi ultimamente demolido. Pelo que d'elle hoje resta se póde fazer idéa do que seria. O todo, comprehendendo as differentes construcções, não tem mais de uma centena de annos. Cem annos são a mocidade de uma egreja e a velhice de uma casa. Parece que a morada do homem participa da sua brevidade, e a de Deus da sua eternidade.

Os carteiros do correio chamavam aquelle pardieiro n. 50-52; mas no bairro era conhecido pelo nome de casa de Gorbeau.

Digamos de onde lhe provinha este nome.

Os colleccionadores de factos miudos, que formam herbarios de anedoctas e pregam na memoria as datas fugazes com um alfinete, sabem que havia em Pariz, no ultimo seculo, pelo anno de 1770, dous procuradores do Châtelet, chamados, um Renard, e o outro Corbeau. Dous nomes previstos por Lafontaine. Os gaia-tos do fôro não podiam perder tam bella occasião de tomar barrigadas de riso. Correu logo a parodia, em versos um tanto mancos, as galerias do tribunal de justiça :

*Maitre Corbeau, sur un dossier perche,
Tenait dans son bec une saisie exécutoire;
Maitre Renard, par l'odeur alléché,
Lui fit à peu près cette histoire:
Hé bonjour! etc. (*)*

Os dous honrados patricios, incommodados pelas grá-colas e contrariados no seu grave entono pelas garga-lhadas que os perseguiram, resolveram descartar-se dos seus nomes, e tomaram o expediente de recorrer ao rei. O requerimento foi apresentado a Luiz XV no mesmo dia em que o nuncio do papa, de um lado, e o cardeal da Roche-Aymon, do outro, ambos devotamente ajoel-hados, calçavam, na presença de sua magestade, cada um uma chinella nos pés nus da Dubarry ao sahir da cama. O rei, que se ria, continuou a rir-se, deixou ale-gremente os dous bispos para attender aos dous procu-radores, e concedeu aos becas, pouco mais ou menos, a graça que impetravam. Foi permittido, da parte de S. M., a mestre Gorbeau accrescentar uma cauda á sua inicial e chamar-se *Gorbeau*; mestre Renard foi menos feliz: só pôde obter permissão para pôr um P antes do seu R, e chama-se Prenard; de modo que o segundo nome ficou tam completamente apropriado como o primeiro.

(*) Os versos de Lafontaine aqui parodiados foram assim tra-duzidos pelo nosso Felinto:

A Ambrozio Corvo, empoleirado na arvore,
Com um queijo no bico,
Gil raposo, que mui lampeiro acode
Ao faro, quasi quasi que assim falla :
« Bons dias, senhor Corvo &.
(Trad. de Filinto Elysio.)

Ora, conforme a tradição local, aquelle mestre Gorbeau fôra dono do edificio onde se via os ns. 50 e 52 do *boulevard* do Hospital. Até fôra o autor da janella monumental.

Dahi proviera o nome de casa de Gorbeau dado ao pardieiro.

Defronte do n. 50 e 52 ergue-se, entre as arvores do *boulevard*, um grande olmo quasi morto; pouco mais ou menos defronte da rua da Barreira dos Gobelins, rua então sem casas, não calçada, plantada de arvores mal pegadas, verdejante ou enlameada conforme a estação, que ia ter aos muros das fortificações de Pariz, um cheiro de capa-rosa se exala de sob o telhado de uma fabrica vizinha.

A barreira ficava muito perto. Em 1823 o muro das fortificações ainda existia.

Esta barreira mesmo suscitava no espirito imagens funestas. Era o caminho de Bicêtre. Era por alli que no tempo do imperio e da restauração entravam em Pariz os condemnados á morte no dia da sua execução. Alli se commettêra em 1829 esse mysterioso homicidio chamado da *barreira de Fontainebleau*, cujos autores a justiça não pôde descobrir, problema obscuro que ficou sem solução, enigma pavoroso que não se conseguiu decifrar. Dando-se alguns passos, chega-se á fatal rua Croulebarbe onde Ulbach apunhalou a cabreira do Yvry ao estampido do trovão, como em um melodrama. Alguns passos mais adeante, encontram-se esses abominaveis olmos descabeçados da barreira de Saint-Jacques, esse expediente dos philantropos a esconder o cadafalso, essa mesquinha e vergonhosa praça de Grève de uma sociedade logista e burgueza, que recuou deante da pena de morte, não ousando nem aboli-la com grandeza, nem mantê-la com autoridade.

Ha trinta e sete annos, pondo de parte essa praça de Saint-Jacques, que era como predestinada e que sempre foi horrivel, o ponto mais tristonho talvez de todo aquelle sombrio *boulevard* era o sitio, ainda hoje tam pouco attractivo, onde estava situado o pardieiro n. 50 e 52.

As casas burguezas só começaram a surdir alli vinte e cinco annos depois. O lugar era triste. A's idéas funebres que occorriam ao viandante, juntava-se a de achar-

se entre a Salpêtrière cujo zimborio entrevia, e Bicêtre perto de cuja barreira se achava; isto é, entre a loucura da mulher e a loucura do homem. Até onde podia estender-se a vista, não se viam senão matadouros, o muro das fortificações e algumas raras fachadas de fabricas semelhantes a quarteis ou a mosteiros; por toda a parte barracas e montões de calça, velhos muros pretos como mortalhas, muros novos brancos como sudarios, por toda a parte renques de arvores, edificações alinhadas a cordel, construccões despidas de ornatos, extensas linhas frias e a tristeza lugubre dos angulos rectos. Nem um só accidente de terreno, nem um só capricho de architectura, nem a menor dobra. Era um todo glacial, regular, hediondo. Nada aperta tanto o coração como a symetria. E' que a symetria é o aborrecimento, e o aborrecimento é o que predomina no luto. O desespero boceja. Póde imaginar-se cousa mais terrivel do que um inferno onde se soffre, é um lugar onde se boceja. Se tal inferno existisse, aquella parte do *boulevard* do Hospital poderia servir-lhe de avenida.

Entretanto, ao cahir da noite, no momento em que toda a claridade desaparece, sobretudo no inverno, á hora em que a briza crepuscular arranca aos olmos as ultimas folhas amarellecidas, quando o céu, escurissimo, não mostra a menor estrella, ou quando a lua e o vento fazem aberturas nas nuvens, aquelle *boulevard* tornava-se de subito medonho. Os vultos negros sovertiam-se e desapareciam nas trevas como pedaços do infinito.

O viandante não podia deixar de recordar-se das tradições patibulares do sitio. A solidão do lugar onde tantos crimes haviam sido commettidos tinha o que quer que fosse de horroroso. Presentiam-se ciladas naquella escuridão, todas as fórmias confusas dos objectos se tornavam suspeitas, e os compridos fossos quadrados que havia entre cada arvore pareciam sepulturas. De dia era feio, de tarde era lugubre, de noite era sinistro.

No verão, á hora do crepusculo, viam-se aqui e alli algumas velhas sentadas junto dos olmos em bancos de pau abolorecidos pela chuva. Aquellas boas velhas mendigavam por desfastio.

Demais, o bairro, que dava mais mostras de sedição do que de antigo, tendia desde então a transformar-se. Já

naquelle época quem quizesse vê-lo devia apressar-se. Cada dia desapparecia uma das suas partes. Hoje, e de ha vinte annos a esta parte, a estação principal da estrada de ferro de Orleans fica ao lado daquelle velho arrabalde, agitando-o. Onde quer que, ás abas de uma capital, se estabelece a estação de uma estrada de ferro, o arrabalde morre e nasce uma cidade. Parece que á roda desses grandes centros do movimento dos povos, ao estrondo dessas poderosas machinas, ao resfolegar desses monstruosos cavallos do progresso que comem carvão e vomitam fogo, a terra cheia de germens treme e abre-se para engolir as antigas habitações e deixar surdir as novas. As casas velhas ruem, as novas erguem-se.

Depois que a estação do *railway* de Orleans invadiu os terrenos da Salpêtrière, as antigas ruas proximas aos fossos de San'Victor e do Jardim das Plantas são violentamente abaladas, tres ou quatro vezes por dia, por torrentes de diligencias, de *omnibus* e de outras carruagens de aluguel que, em um tempo dado, hão feito as casas recuar á direita e á esquerda; porquanto (ha cousas que enunciadas parecem extravagantes, e que entretanto são rigorosamente exactas), assim como ha verdade com dizer que nas grandes cidades o sol faz vegetar e crescer as fachadas das casas do lado do sul, assim tambem a passagem frequente dos vehiculos torna as ruas mais largas. Os symptomas de uma vida nova são evidentes.

Nesse velho bairro provincial, nos recantos mais selvagens apparece a calçada, os passeios começam a perfilar-se e a estender-se mesmo em sitios onde ainda não ha viandantes. Uma manhan, manhan memoravel, em julho de 1845, viram-se alli fumegar os negros caldeirões de asphalto; póde dizer-se que naquelle dia a civilisação chegou á rua da Oursine, e Pariz entrou no arrabalde de Saint-Marceau.

II

NINHO PARA MOCHO E CALHANDRA.

Foi deante do pardieiro Gorbeau que João Valjean parou. Como as aves bravias, escolhera aquelle lugar deserto para fazer o seu ninho.

Metteu a mão no bolso do collete, tirou uma chave de trinco, abriu a porta, entrou, depois tornou a fecha-la com cuidado, e subiu a escada, sempre com Cosetta ao collo.

Chegando ao topo da escada, tirou do bolso outra chave e abriu outra porta. O quarto onde elle entrou, e que logo tornou a fechar, era uma especie de agua furtada um tanto espaçosa onde se via um colchão estendido no chão, uma mesa e algumas cadeiras. Um fogão cheio de brazas estava a um canto. A luz dos lampões do *boulevard* allumiava vagamente aquella pobre mansão. No fundo havia um gabinete com uma cama de lona. João Valjean levou a menina para aquella cama e deitou-a sem que acordasse.

Feriu fogo, e acendeu uma vela; tudo isto já estava preparado em cima da mesa; e, como o fizera na vespera, pôz-se a contemplar Cosetta com olhar cheio de extasis, onde a expressão da bondade e do enterneci-

mento chegava quasi ao desvario. A menina, com a confiança tranquillã só peculiar á extrema força e á extrema fraqueza, adormecêra sem saber com quem estava, e continuava a dormir sem saber onde se achava.

João Valjean inclinou-se e beijou a mão da menina.

Nove mezes antes beijava elle a mão da mãe que tambem jazia sepultada no somno.

O mesmo sentimento doloroso, religioso, pungente, lhe enchia o coração. Ajoelhou ao pé da cama de Cosetta. Já era alto dia, e a menina ainda dormia. Um pallido raio do sol de dezembro entrava pela janella da agua furtada, e estendia pelo tecto uma restia de sombra e de luz. De repente uma carroça excessivamente carregada, que passava pelo *boulevard*, abalou a barraca como o estampido de um trovão, fazendo-a tremer de alto a baixo.

—Sim, senhora! gritou Cosetta acordando sobresaltada, já vou! já vou!

E saltou da cama, com os olhos ainda meio fechados pelo peso do somno, estendendo a mão para um canto da parede.

—Ah! meu Deus! a minha vassoura! disse.

Abriu de todo os olhos, e deu com o rosto risonho de João Valjean.

—Ah! é verdade! ora vejam! disse a menina. Bons dias, ssnhor.

As creanças aceitam para logo e familiarmente a alegria e a felicidade, sendo ellas mesmas naturalmente felicidade e alegria.

Cosetta avistou Catharina junto da cama, e pegou nella, e, ao passo que brincava, fazia mil perguntas a João Valjean. Onde estava? Pariz era grande? A senra. Thénardier ficava bem longe? Não viria ter com ella? etc., etc. De repente exclamou:

—Como é bonito isto aqui!

Era um horrviél cochicholo; mas ella sentia-se livre.

—Quer que eu varra a casa? perguntou por fim.

—Não; brinca, respondeu João Valjean.

O dia passou-se assim. Cosetta, sem se dar ao menor trabalho de comprehender a sua situação, era inexprimivelmente feliz entre aquella boneca e aquelle velho.

III

DOUS MALES COMBINADOS FAZEM UM BEM.

Na manhã seguinte, ao nascer do dia, estava ainda João Valjean ao pé da cama de Cosetta, e esperando immovel que ella acordasse. Um sentimento novo lhe entrava na alma.

João Valjean nada tinha amado ainda. Havia vinte e cinco annos que estava só no mundo. Nunca fôra pae, amante, marido, nem amigo. Nas galês era máu, taciturno, casto, ignorante e selvagem. O coração do velho forçado estava ainda cheio de virgindades. A irman e os filhos d'esta apenas lhe haviam deixado uma lembrança vaga e longinqua que acabára por desvanecer-se completamente. Tinha feito todos os esforços para tornar a encontrar-los, e não o conseguindo, esquecêra-os. A natureza humana é assim. As outras commoções ternas da mocidade, se acaso as tivera, tinham cahido n'um abysmo.

Depois que viu Cosetta, tomando-a, libertando-a e trazendo-a comsigo, sentira-lhe moverem-se as entranhas. Quanta paixão, quanto affecto nelle havia despertou, recahindo sobre aquella creança. Chegava-se á cama

onde dormia, e tremia de prazer; experimentava sensações como as de uma mãe, pois é cousa bem obscura e bem doce esse grande e estranho movimento de um coração que principia a amar.

Pobre coração velho tam novo ainda!

A unica differença foi que, tendo elle 55 annos e Cosetta apenas 8, todo o amor que elle poderia ter sentido durante uma vida inteira se fundiu n'uma especie de clarão ineffavel.

Era a sua ultima appareição resplandecente. O bispo lhe fizera surgir no horizonte a aurora da virtude; Cosetta o alvorecer do amor.

Neste enlevo se passaram os primeiros dias.

Pela sua parte Cosetta se tornava outra sem o saber, pobre creancinha! Era tam pequena quando sua mãe a deixára, que nem disso se lembrava. Como todas as creanças, quaes rebentões de vide que a tudo se agarram, tinha ella tentado amar. Não o conseguira. Todos a haviam repellido, os Thénardier, as filhas delles, outras creanças tambem. Tinha amado o cão que morrêra, depois do que ninguem tinha querido saber della. Cousa lugubre de dizer-se e que já indicámos, aos oito annos tinha ella o coração frio. Não era sua a culpa, não era a faculdade de amar que lhe faltava; ai della, era a possibilidade. Assim, desde o primeiro dia tudo quanto nella sentia e pensava se pôz a amar aquelle bom homem. Experimentou o que nunca havia sentido.

O bom homem nem mesmo lhe parecia velho nem pobre. Achava João Valjean bello, como achava bonita a possilga em que vivia.

São effeitos da aurora, da infancia, da juventude, da alegria. A novidade da terra e da vida tem nisto boa parte. Não ha nada tam encantador como o reflexo da felicidade a colorir umas aguas furtadas. Todos nós temos desta fórma no nosso passado alguma fuma azul celeste.

A natureza, 50 annos de intervallo, tinha aberto profunda separação entre João Valjean e Cosetta; esse abysmo o destino entulhou. Uniu repentinamente, entrelaçando com irresistivel poder, essas duas existencias desarraigadas, differentes pela idade, parecidas pelo luto. Comeffeito, uma completava a outra. O instincto de Cosetta buscava um pae, como o de João Valjean procura-

va um filho. Encontrando-se, acharam-se. No momento mysterioso em que as duas mãos se tocaram, ficaram soldadas. Quando aquellas duas almas se entreviram, reconheceram-se, como sendo uma a necessidade da outra, e abraçaram-se estreitamente.

Tomando as palavras no seu sentido mais amplo e absoluto, poderia dizer-se que separados de tudo por lages sepulcraes, era João Valjean o viuvo, Cosetta a orphan. Fez esta situação com que João Valjean se tornasse de um modo celestial o pae de Cosetta.

E na verdade a mysteriosa impressão que no meio do bosque de Chelles produziu em Cosetta a mão de João Valjean tomando-lhe a della na escuridão, não era uma illusão, mas uma realidade. A entrada deste homem no destino daquella creança tinha sido a chegada de Deus.

Quanto ao mais, tinha João Valjean escolhido bem o seu asylo. Estava alli n'uma segurança que podia parecer perfeita.

O quarto com alcova que elle occupava com Cosetta era o que dava janella para o *boulevard*. Sendo esta janella unica na casa, não havia olhos de visinho que receiar, nem defronte nem do lado.

O andar terreo do n. 50-52, especie de alpendre em ruinas, servia de deposito a alguns hortelões, e nenhuma communicação tinha com o primeiro sobrado. Separava-o deste o soalho que não tinha alçapões nem escada, e que era como o diaphragma do pardieiro. O primeiro sobrado continha, como dissemos, alguns quartos e cubiculos, dos quaes tam somente um era occupado por uma velha que servia a João Valjean. Tudo o mais estava desabitado.

Era essa velha, favorecida com o nome de *principal inquilina* e na realidade encarregada das funções de porteira, que no dia de Natal lhe alugára este alojamento. Tinha-se elle dado por um possuidor de rendas arruinado pelos *bonds* hespanhóes, que vinha morar, alli com uma filhinha. Pagára seis mezes adeantados, e encarregára a velha de mobiliar-lhe o quarto e alcova como se viu. Fôra esta boa mulher que acendêra o fogão e preparára tudo na tarde da chegada.

Passaram-se semanas. Aquelles dous entes passavam na miseravel agua furtada uma existencia feliz.

Desde o nascer do dia Cosetta ria, tagarellava, cantava. As creanças teem o seu canto matutino como as aves.

Succedia às vezes que João Valjean, tomando-lhe a mãozinha vermelha e gretada das frieiras lh'a beijasse. A pobre creança, acostumada só a levar pancadas, não sabia o que aquillo queria dizer, e ia-se toda envergonhada.

Havia momentos em que ella se punha séria olhando para o seu vestido preto. Já não andava esfarrapada, vestia de luto. Sabia da miseria e entrava na vida.

João Valjean principiára a ensinar-lhe a ler. A's vezes fazendo-a soletrar, lembrava-se que fôra com idéa do mal que elle aprendêra a ler nas galês. Esta idéa redundára em ensinar uma creança. Então o velho forçado sorria com esse sorriso pensativo dos anjos.

Presentia naquillo uma premeditação do alto, a vontade de alguém que não é homem, e perdia-se em sonhos. Teem os bons pensamentos seus abysmos como os máus.

Ensinar Cosetta a ler, e deixa-la brincar, eis quasi no que se resumia a vida de João Valjean. Afóra isso fallava-lhe da mãe e fazia-a rezar.

Ella chamava-o *pae*, e não lhe sabia outro nome.

Elle passava horas a vê-la vestir e despir a boneca, e a ouvi-la papaguear. Parecia-lhe agora a vida cheia de interesse, e os homens bons e justos; já não accusava ninguem no seu pensamento, já não via razão por que não houvesse de chegar a ser muitissimo velho, agora que aquella creança o amava. Via deante de si um porvir zelado por Cosetta como por uma luz encantadora. Os melhores d'entre nós não são isentos de todo o pensamento egoista. Havia momentos em que elle pensava com uma especie de alegria que ella seria feia.

Não passa isto de opinião individual, mas para manifestarmos todo o nosso pensamento, no ponto a que chegára João Valjean, quando se pôz a amar Cosetta, não é para nós fôra de toda a duvida que elle não tivesse necessidade deste estímulo para perseverar no bem. Acabava de ver a uma nova luz a maldade dos homens e a miseria da sociedade, luz incompleta que fatalmente

não mostrava senão um lado da verdade: a sorte da mulher resumida em Fantina, a autoridade publica personificada em Javert; tinha voltado ás galès, e desta vez, por haver feito bem, novos amargores lhe tinham sobre vindo; o desgosto e o cansaço principiavam a apoderar-se d'elle; a mesma memoria do bispo não estava longe talvez de algum eclipse, embora para reapparecer mais tarde luminosa e triumphante; mas emfim aquella recordação sagrada ia-se enfraquecendo. Quem sabe se João Valjean não estaria em vespervas de perder o animo e tornar a cahir? Amou e sentiu-se outra vez forte. Ai! elle não vacillava menos que Cosetta. Protegeu-a e ella fortificou-se. Graças a elle, pôde ella caminhar na estrada da vida; graças a ella, pôde elle continuar na virtude. Foi elle o sustentaculo daquella creança, e a creança foi o seu ponto de apoio. Oh! insondavel e divino mysterio dos equilibrios do destino!

IV

OBSERVAÇÕES DA PRINCIPAL INQUILINA.

João Valjean tinha a prudencia de nunca sahir de dia. Todas as tardes, ao lusco-fusco ia passear uma ou duas horas, ás vezes só, outras com Cosetta, procurando as alamedas transversaes dos mais solitarios *boulevards*, e entrando nas egrejas ao cahir da noite. Gostava de ir á de San'Medardo, que era a mais proxima. Quando não levava Cosetta, ficava esta com a velha, mas para a creança era uma verdadeira alegria sahir com o bom homem. Preferia uma hora com elle até mesmo ás encantadoras conversas com Catharina. Passeando levava-a elle pela mão e ia-lhe dizendo cousas ternas.

Ora, Cosetta era mui alegre.

A velha tratava dos arranjos da casa e da cozinha e ia ás compras.

Viviam parcamente, tendo sempre um pouco de fogo, mas como gente de pequenos recursos. João Valjean nada alterára na mobilia do primeiro dia, substituindo apenas a porta envidraçada da alcova de Cosetta por outra tapada.

Continuava a trazer a sua sobre-casaca amarella, calças pretas e chapéu velho. Na rua tomavam-n'ó por um pobre. Succedia ás vezes alguma boa mulher voltar-se e dar-lhe um soldo. João Valjean o recebia comprimentando-a profundamente. Outras vezes era elle mesmo que encontrava algum miseravel mendigo, e então olhando se ninguem o via, approximava-se furtivamente do desgraçado, mettia-lhe na mão uma moeda, mesmo de prata, e afastava-se rapidamente. Tinha isto os seus inconvenientes. Começavam a conhecê-lo no bairro pelo nome do *mendigo que dá esmolas*.

A velha *principal inquilina* creatura rabugenta toda feita da attenção dos invejosos deante do proximo, examinava cuidadosamente João Valjean, sem que este de nada desconfiasse. Era um tanto surda, o que a tornava loquaz. Do passado restavam-lhe dous dentes, um em cima e outro embaixo, que ella batia sempre um contra o outro. Tinha já interrogado Cosetta, que nada sabendo, nada pudera dizer senão que vinha de Montfermeil. Uma manhan, viu esta espreitadeira João Valjean que entrava n'um dos compartimentos deshabitados da mansarda com ar que á comadre pareceu particular. Seguiu-o com passos de gata, e sem ser vista pôde observar pela fenda da porta mal fechada. João Valjean, para mais precaução sem duvida, voltara as costas para aquella porta. A velha viu-o procurar na algibeira, tirar um estojo, tesouras e linha, por-se a descoser o forro de uma aba da sobre-casaca, donde tirou um pedaço de papel amarellado que desdobrou. Com pasmo, viu a velha que era um bilhete de mil francos. Era o segundo ou terceiro que ella via depois que viera ao mundo. Largou a fugir aterrada.

Momentos depois dirigiu-se João Valjean a ella, pedindo que lhe fosse trocar aquelle bilhete de 1,000 francos, que era o semestre da sua renda cobrado na vespera. « Onde? disse comsigo a velha. Elle não sahiu senão as 6 horas da tarde, e o thesouro por certo já não está aberto a tal hora. » A velha foi trocar o bilhete, fazendo suas conjecturas. Aquelle bilhete de 1,000 francos, commentado e multiplicado, produziu um sem numero de conversas entre as comadres da rua das Vignes-Saint-Marcel.

N'um dos dias seguintes aconteceu estar João Valjean

em mangas de camisa a serrar madeira no corredor. A velha estava a arranjar o quarto. Achava-se só, estando Cosetta a admirar a madeira que se serrava, viu a sobre-casaca pendurada n'um prego e apalpou-a. O forro tinha sido recosido. A boa mulher julgou sentir maços de papel em differentes lugares. Outros bilhetes de 1,000 francos sem duvida!

Notou mais que nas algibeiras havia toda a casta de cousas. Não só as agulhas, tesouras e linha que ella tinha visto, mas ainda uma carteira grande, uma navalha enorme, e, circumstancia suspeita, algumas cabelleiras de côres diversas. Cada algibeira parecia uma especie de entalho para acontecimentos imprevistos.

Nisto chegaram os moradores da agua furtada aos ultimos dias do inverno.

V

UMA MOEDA DE CINCO FRANCOS FAZ BARULHO
CAHINDO NO CHÃO.

Havia proximo a San' Medardo um pobre que se assentava em cima da borda de um poço inutilisado, e a quem João Valjean gostava de dar esmola. Raras vezes passava elle por este homem sem lhe dar algum soldo. De tempos a tempos fallava-lhe. Os invejosos deste mendigo diziam que elle era da policia. Era um bedel velho de seus 75 annos, que não fazia senão murmurar orações.

Uma tarde que João Valjean por alli passava, sem levar Cosetta, viu o mendigo no lugar habitual debaixo do lampeão que se tinha acabado de acender. O homem parecia rezar, como sempre, e estava todo agachado. João Valjean dirigiu-se a elle e metteu-lhe na mão a esmola do costume. O mendigo ergeu de repente os olhos, encarou João Valjean, e abaixou rapidamente a cabeça. Este movimento foi como um relampago, e João Valjean sentiu um arripio. Pareceu-lhe acabar de entrever á luz do lampeão, não o rosto placido e beato do velho bedel, mas uma cara tremebunda e conhecida. A sensação foi como a de quem nas trevas se acha de

repente face a face com um tigre, recuou espavorido e petrificado, não ousando nem respirar, nem fallar, nem ficar, nem fugir, a olhar para o mendigo que tendo abaixado a cabeça coberta com uma rodilha parecia já não saber que elle alli estava. Neste momento estranho, um instincto mysterioso, talvez o da propria conservação, fez com que João Valjean não proferisse palavra. O mendigo tinha a mesma figura, os mesmos andrajos, a mesma apparencia que sempre. Ora!... disse João Valjean, estou doudo! Sonho! E' impossivel, e voltou para casa com as idéas todas transtornadas.

Mal ousava elle confessar a si mesmo que aquella cara que julgára ver era a de Javert.

De noite, reflectindo sobre o caso, arrependeu-se de não haver interrogado o homem para obriga-lo a tornar a levantar a cabeça.

No dia seguinte voltou lá. O mendigo estava no seu lugar.

—Boas tardes, irmão, disse resolutamente João Valjean dando-lhe um soldo.

O mendigo levantou a cabeça e respondeu com voz dolente:

—Obrigado, meu bom senhor.

Não havia duvida, era o velho bedel.

João Valjean tornou a sentar-se inteiramente tranquillo. Desatou a rir. « Como diabo vi eu aqui Javert? » Disse elle comsigo. « Estarei eu já perdendo a vista? » E não pensou mais em tal.

Alguns dias depois, seriam oito horas da noite, estava elle no seu quarto ensinando Cosetta a soletrar, quando ouviu abrir e tornar a fechar a porta da rua. Pareceu-lhe estranho isto. A velha, unica pessoa que com elle morava, deitava-se sempre á bocca da noite para não gastar luz. João Valjean fez signal a Cosetta de calar-se. Ouviu alguém subir a escada. Por fim de contas bem podia ser a velha que tivesse ido á botica. João Valjean pôz-se a escutar. Os passos eram pesados como os de homem; mas a velha usava de sapatos grossos, e nada se parece tanto com passos de homem como os de uma velha. Comtudo, por causa das duvidas, João Valjean apagou a vela.

Tinha elle mandado Cosetta para a cama, dizendo-lhe que se deitasse sem fazer bulha, e enquanto a beijava

na testa haviam parado os passos. João Valjean ficou em silencio, immovel, com as costas para a porta, sentado na cadeira de que não se mexêra, retendo a respiração nas trevas. Passado bastante tempo, já não ouvindo nada, virou-se sem fazer bulha, e, ao dirigir os olhos para a porta do quarto, viu luz pelo buraco da fechadura. Formava esta luz uma especie de estrella sinistra no preto da porta e da parede. Evidentemente estava alli alguém com uma vela na mão a escutar.

Decorrêram alguns minutos, e a luz afastou-se. Mas elle nenhum ruido ouviu, o que parecia indicar que quem viera escutar á porta tinha tirado os sapatos.

João Valjean atirou-se para cima da cama inteiramente vestido, e não pôde pregar olho em toda a noite.

Ao romper da alva, quando de cansado ia cabindo n'uma modorra, despertou-o o ranger de uma porta do fundo do corredor, e elle ouviu os mesmos passos de homem que sentira na escada na vespera. Os passos approximavam-se. Elle saltou para o chão, e applicou um olho ao buraco da fechadura, que era bastante grande, esperando ver na passagem o ente, quem quer que fosse, que durante a noite se introduzira no pardieiro, vindo-lhe escutar á porta. Era comeffeito um homem que passou por deante do quarto de João Valjean, mas desta vez sem parar. O corredor estava ainda escuro de mais para se lhe poderem distinguir as feições; mas quando o homem chegou ao tope da escada, um raio da luz de fóra o desenhou claramente, e João Valjean o viu pelas costas. O homem era de elevada estatura, vestia casacão comprido, e levava uma bengala grossa debaixo do braço. Era a figura formidavel de Javert.

João Valjean teria podido vê-lo da janella, mas não se atreveu a abri-la.

Era claro que aquelle homem entrára com uma chave e como em sua casa. Quem lhe tinha dado essa chave? Que queria aquillo dizer?

A's sete horas da manhan, quando a velha veio arrumar o quarto, cravou-lhe João Valjean um olhar penetrante, mas sem a interrogar. A boa mulher estava como sempre.

Sem parar de varrer, disse-lhe ella:

—O senhor ouviu talvez entrar alguém esta noite?

Naquella época e sobre aquelle *boulevard*, oito horas da tarde eram meia-noite.

—É verdade, respondeu elle com o tom mais natural do mundo, e quem diabo era ?

—Um novo inquilino que ha em casa, disse a velha.

—E chama-se ?

—Não sei lá muito bem, Dumont ou Daumont. Elle é um nome assim.

—E que vem a ser esse senr. Dumont ?

A velha olhou para elle com os seus olhinhos de fui-nha e respondeu :

—Um possuidor de rendas, como o senhor.

Talvez ella nenhuma intenção tivesse, mas João Valjean julgou perceber-lh'a.

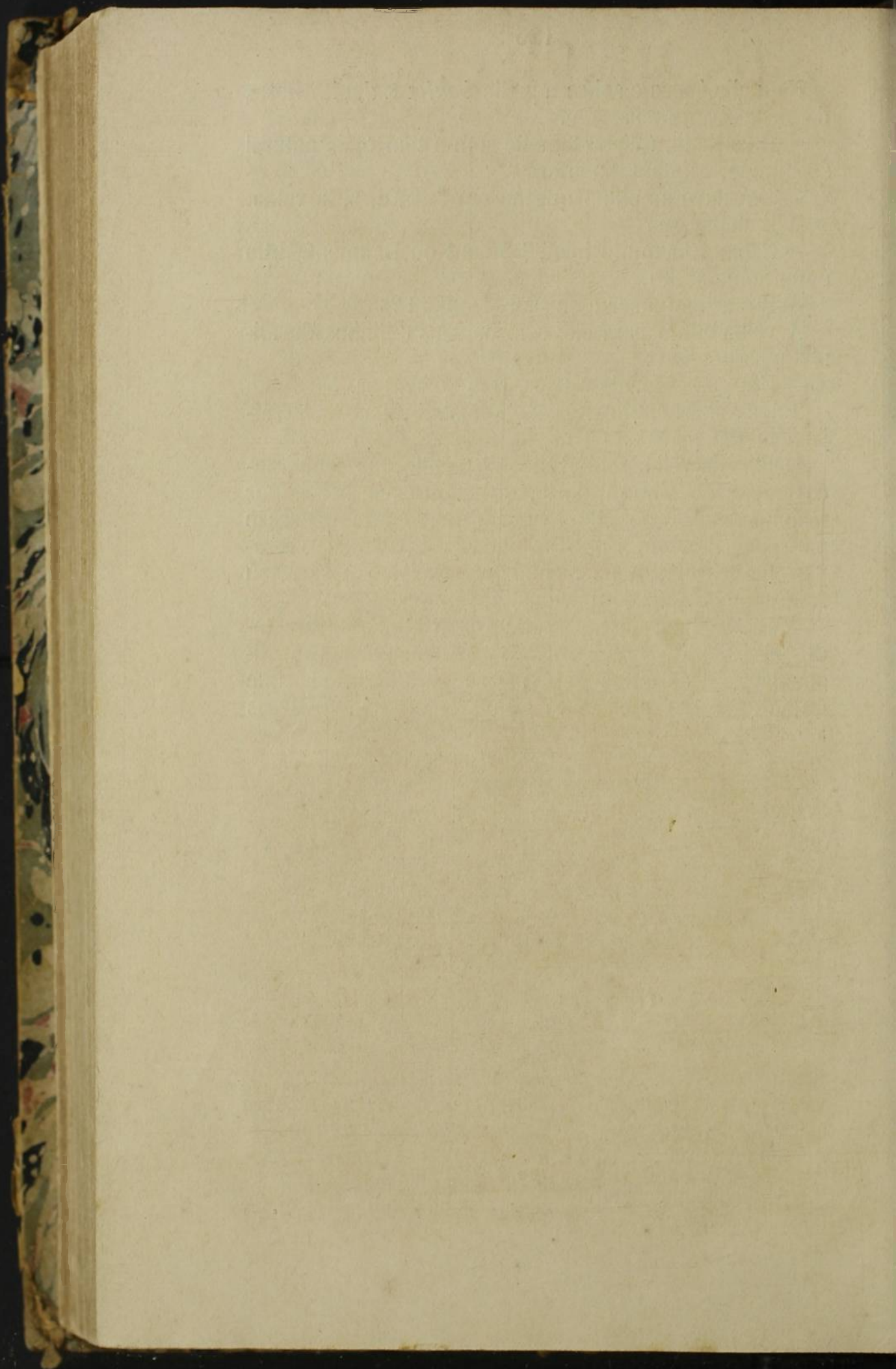
Depois da velha sair, embrulhou elle uns cem francos que tinha n'um armario, e metteu-os no bolso. Por maior cautela que elle tivesse durante esta operação para que ninguem o ouvisse mexer com dinheiro, escapou-lhe das mãos uma moeda de cem soldos que rolou ruidosamente sobre o pavimento.

A's Ave Maria desceu e olhou com attenção para todos os lados do *boulevard*. Não viu ninguem, e o lugar parecia absolutamente deserto. E' verdade que quem quizesse podia alli esconder-se por detrás das arvores.

Tornou a subir.

—Vem, disse a Cosetta.

Tomou-a pela mão, e sahiram ambos.



OS MISERAVEIS.

POR

VICTOR HUGO.

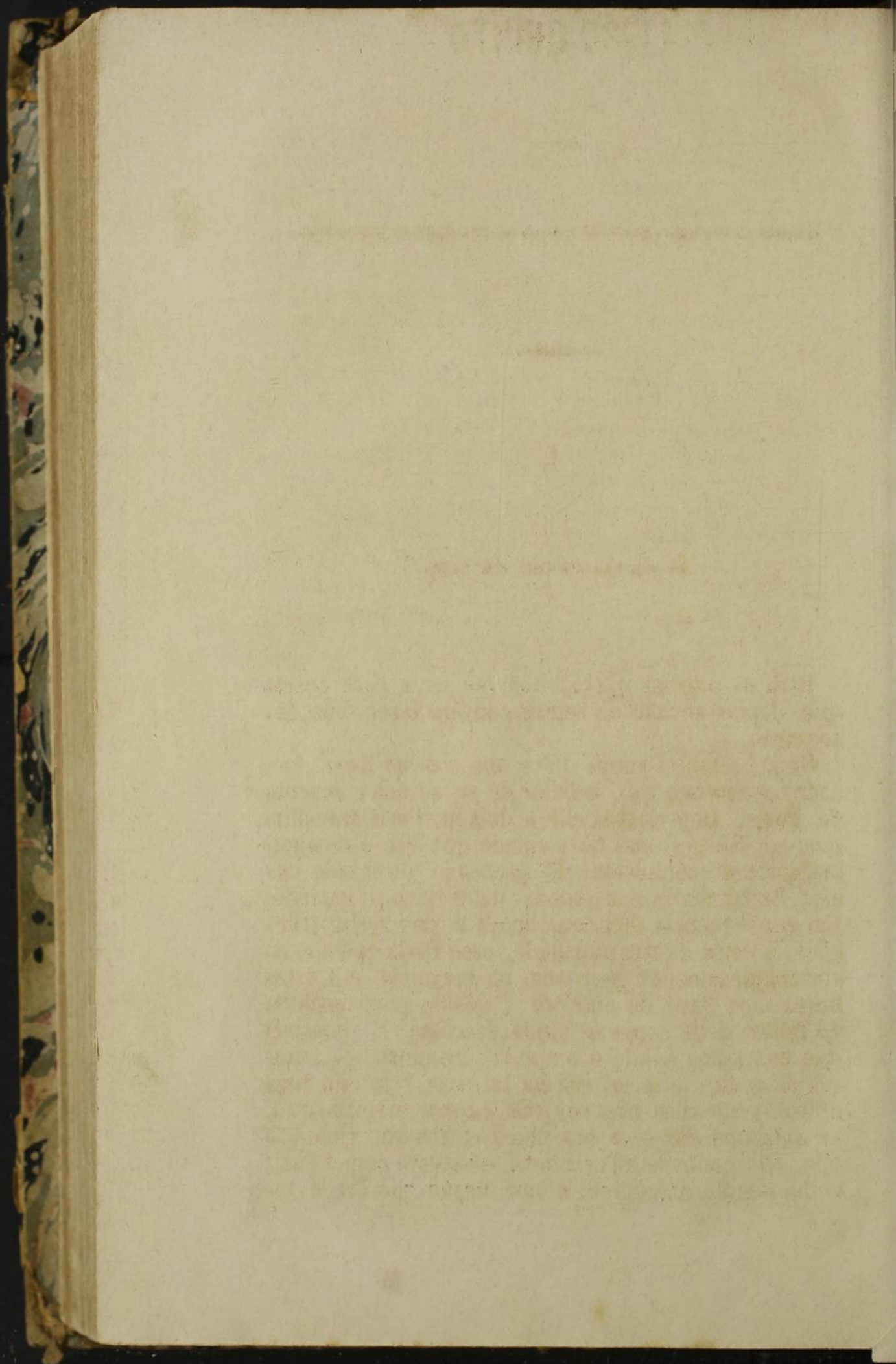
VOLUME IV.



SAN LUIZ:

Typ. do—Progresso—rua da Paz, 4 A.

1862.



LIVRO QUINTO.

PARA CASA NOVA MATILDA NOVA.

I

OS ZIGUEZAGUES DA STRATEGIA.

Para as paginas que o leitor vae ler e para outras que depois se hão de seguir convem faser uma observação.

Ha já bastantes annos que o autor deste livro, forçado, a contra gosto, a fallar de si, se acha ausente de Paris. Depois que elle a deixou, Paris transformou-se. Surgiu uma nova cidade que lhe é de alguma sorte desconhecida. E' escusado dizer que elle ama Pariz; Pariz é a cidade natal do seu espirito. Em consequencia das demolições e das reconstrucções, a Pariz da sua mocidade, essa Pariz que elle levou religiosamente guardada na memoria, é a estas horas uma Pariz de outr'ora. Seja-lhe pois permittido fallar della como se ainda existisse. E' possivel que nos sitios aonde o autor vae conduzir os leitores dizendo: «Em tal rua ha tal casa,» já não haja actualmente casa nem rua. Os leitores o verificarão, se quizerem dar-se a semelhante trabalho. Quanto a elle, não conhece a Pariz nova, e escreve com a Pariz velha deante dos olhos, n'uma illusão que lhe é ni-

miamente grata. E' -lhe doce pensar que resta, naquella torrão d'além-mar, alguma cousa do que via quando se achava na sua patria, e que nem tudo desapareceu. Emquanto nos movemos de uma para outra parte no paiz natal, imaginamos que as ruas nos são indifferentes, que todas as janellas, telhados e portas, nada nos importam, que as arvores que vemos são umas arvores quejandas, que as casas onde não entramos nos são inuteis, que as calçadas que pisamos são pedras. Mais tarde, quando ausentes do patrio torrão, percebemos que essas ruas nos são caras, que esses telhados, essas janellas e essas portas, nos fazem falta, que essas paredes nos são necessarias, que amamos estremecidamente essas arvores, que nessas casas onde não entravamos, entravamos quotidianamente, que deixámos parte das nossas entranhas, do nosso sangue e do nosso coração nessas calçadas. Todos esses sitios que já não vemos, que talvez nunca mais vejamos, e de que guardamos a imagem, assumem um encanto doloroso, antolham-se-nos com a melancolia de uma apparição, tornam-nos visivel a terra santa, e são, por assim dizer, a propria fôrma da França; e amamo-los e evocamos taes quaes são, taes quaes eram, e obstinamo-nos, e nenhuma alteração queremos fazer-lhes, porque amamos a imagem da patria como o rosto da nossa mãe.

Seja-nos pois permittido fallar do passado no presente. Dito isto, rogamos ao leitor que tome nota, e proseguimos.

João Valjean deixára immediatamente o *boulevard* e metter-se pelas ruas, descrevendo o maior numero possivel de linhas quebradas, volvendo atrás ás vezes para certificar-se de que não era seguido.

E' a manobra do veado quando se sente cercado. Nos terrenos onde podem ficar-lhe impressas as pégadas, manobra: entre outras vantagens, tem a de enganar os caçadores e os cães, pela posição desencontrada dos vestigios dos pés. E' o que na venatoria se chama *retirada falsa*.

Era uma noite de lua cheia. João Valjean estimou isso. A lua, ainda pouco acima do horizonte, estendia pelas ruas grandes pannos de luz e de sombra.

João Valjean podia caminhar ao correr das casas e das paredes do lado do escuro e observar o lado claro. Não reflectia talvez bastante que o lado do escuro hia escaceando. Todavia, em todas as travessas desertas que ficam nas proximidades da rua de Poliveau, pareceu achar-se certo de que ninguém o acompanhava.

Cosetta ia caminhando sem fazer perguntas. Os sofrimentos dos seis primeiros annos da sua vida haviam-lhe dado á constituição uma tal ou qual passividade. Demais, e é uma observação sobre a qual teremos mais de uma occasião de insistir, estava habituada, sem saber bem porque, ás singularidades do velho e ás extravagancias do destino. Além disso sentia-se em seguridade achando-se com elle.

Do mesmo modo que Cosetta, João Valjean não sabia para onde ia. Confiava em Deus, como a menina nelle. Parecia-lhe que por sua vez alguém maior do que elle lhe pegava na mão: suppunha sentir um ente invisivel que o guiava. Demais, nenhuma deliberação tomára, não formára plano nem projecto algum. Nem sequer tinha cabal certeza de que o sujeito que vira fosse Javert, e depois, dado que fosse comeffeito Javert, bem poderia este não saber que elle era João Valjean. Não estava disfarçado? não o tinham morto? Entretanto, havia alguns dias, davam-se cousas que se tornavam singulares. Era quanto lhe bastava. Estava determinado a não voltar á casa de Gorbeau. Como o animal expellido do covil, buscava um buraco onde se escondesse, enquanto não achava um cude morasse.

João Valjean descreveu diversos labyrinthos variados do bairro Mouffetard, onde tudo já dormia como se ainda tivesse o regimen da idade média e o jugo do toque de recolher. Combinou de diversos modos em estrategias profundas, a rua Censier com a rua Copeau, a rua do Battoir-Saint-Victor com a rua do Puits-l'Ermite. Ha por ali casas que alugam quartos, mas em nenhuma sequer entrava, porque não achava o que lhe convinha. Estava, porém, convencido que, se acaso lhe houvessem seguido o rasto, já o teriam de certo perdido.

No momento em que davam onze horas na egreja de

Santo Estevão do Monte, atravessava elle a rua de Pontoise, defronte do poste do commissario de policia, estabelecido no n. 14. Instantes depois, o instincto de que acima fallámos fê-lo voltar-se. Nesse momento viu distinctamente, graças ao lampeão do commissario que os allumiava, tres homens que o seguiam a breve distancia passarem successivamente por baixo do lampeão do lado escuro da rua. Um destes tres homens entrou no corredor da casa do commissario. O que ia na frente pareceu-lhe decididamente suspeito.

—Vamos, menina, disse para Cosetta, e deu-se pressa em sahir da rua de Pontoise.

Fez um rodeio, contornou o passadiço dos Patriarchas, que estava fechado por causa da hora, caminhou apressadamente pela rua da Espada de Páu e pela da Bésta, e metteu-se pela das Postas.

Ha alli um largo, onde se acha hoje o collegio Rolin, e onde vem entroncar-se a rua Nova de Santa Genoveva.

É escusado dizer que a rua Nova de Santa Genoveva é uma rua velha, e que no espaço de dez annos não passa uma unica carruagem de posta pela rua das Postas. Esta rua das Postas era habitada, no seculo XIII, por pannelleiros, e o seu verdadeiro nome era rua das Pannellas.

A lua allumiava vivamente o largo. João Valjean emboscou-se no vão de uma porta, calculando que, se os homens ainda o seguiam, não deixaria de vê-los distinctamente quando atravessassem aquella claridade.

Defeito, mal eram passados tres minutos, os homens appareceram. Eram agora quatro, todos de alentada estatura, vestidos de compridas sobrecasacas escuras, com chapéu de copa baixa e grossas bengalas na mão. O que nelles havia mais inquietador não era tanto a avantajada estatura e os grossos pulsos, como a marcha sinistra nas trevas. Semelhavam espectros disfarçados com trajos burguezes.

Pararam no meio do largo e formaram grupo como pessoas que deliberam. Pareciam indecisos. O que tinha ar de chefe voltou-se e estendeu o braço designando a direcção que João Valjean havia tomado; outro parecia indicar obstinadamente a direcção contraria. No instante em que o primeiro se voltou, a lua bateu-lhe em cheio no rosto. João Valjean reconheceu perfeitamente Javert.

II

COMO É BOM PASSAREM CARROS PELA PONTE D'AUSTERLITZ.

A incerteza cessava para João Valjean; felizmente durava ainda para os homens. Aproveitou aquella hesitação; era tempo perdido para elles e que lhe importava não deixar passar. Sahiu do vão da porta a que se cosera, e seguiu pela rua das Postas na direcção do Jardim das Plantas. Cosetta começava a sentir-se cansada; tomou-a nos braços e levou-a ao collo. Não havia viva alma na rua, e os lampeões não tinham sido acesos por ser noite de luar.

Apertou o passo.

Instantes depois chegou á olaria Goblet, em cuja fachada se lia distinctamente á luz da lua esta antiga inscripção:

De Goblet fils c'est ici la fabrique;
Venez choisir des cruches et des brocs,
Des pots à fleurs, des tuyaux de la brique.
A tout venant le cœur vend des carreaux.

Passou a rua da Chave, depois o chafariz de San Victor, costeou o Jardim das Plantas pelas ruas da

baixa, e chegou ao cães. Alli voltou-se. O cães estava deserto. Desertas estavam as ruas. Ninguém atrás de si. Respirou.

Chegou á ponte d'Austerlitz.

Naquella época ainda alli existia a portagem.

Apresentou-se na casinha do portageiro e deu um soldo.

—São dous soldos, disse o invalido da ponte. Essa creança pôde andar. Pague por dous.

Pagou, contrariado por ter a sua passagem dado lugar a uma observação. Toda a fuga deve ser um vôo.

Uma carroça grande passava o Senna neste momento, e ia, como elle, para a margem direita. Isto foi-lhe util. Pôde atravessar toda a ponte encoberto pela carroça.

No meio da ponte, Cosetta, que se achava com as pernas dormentes, pediu para descer. João Valjean pô-la no chão e tornou a pegar-lhe na mão.

Sahindo da ponte, avistou deante de si, um tanto á direita, umas estancias de lenha; dirigiu-se para ellas. Para alli chegar devia arriscar-se a atravessar um espaço bastante largo, descoberto e allumiado. Não hesitou. Os homens que o perseguiam deviam ter-lhe perdido o rasto, e João Valjean suppunha-se fora de perigo. Era sim procurado, mas não seguido.

Uma ruazinha, a rua do Chemin-Vert-Saint-Antoine abria-se entre duas estancias cercadas de muros. Essa rua era estreita, escura, e como que feita de proposito para elle. Antes de nella entrar, olhou para trás.

Do ponto onde se achava via a ponte d'Austerlitz em toda a sua extensão.

Quatro vultos acabavam de entrar na ponte.

Esses vultos davam as costas ao Jardim das Plantas e encaminhavam-se para a margem direita.

Os quatro vultos eram os quatro homens.

João Valjean estremeceu como a caça que se sente de novo agarrada.

Restava-lhe uma esperança; era que os homens talvez não houvessem entrado ainda na ponte, e não o tivessem visto no momento em que atravessára, com Cosetta pela mão, a grande praça inundada de luz.

Nesse caso, mettendo-se pela ruazinha que lhe ficava na frente, e se pudesse chegar ás estancias de le-

nha, aos brejos, aos sitios cultivados, aos terrenos onde não havia edificios, poderia escapar.

Pareceu-lhe que aquella ruazinha silenciosa seria um seguro asylo. Nella entrou.

III

VEJA-SE A PLANTA DE PARIZ DE 1727.

Depois de ter dado trezentos passos, chegou a um ponto onde a rua se bifurcava. Dividia-se em duas ruas, das quaes uma obliquava á esquerda, e a outra á direita. João Valjean tinha deante de si como que as duas hastes de um Y. Qual dellas escolheria?

Não hesitou, e tomou á direita.

Porque?

Porque essa rua ia ter ao campo, isto é, a lugares desertos, e a outra ia ter ao suburbio, isto é, a lugares habitados.

Entretanto já não caminhavam muito depressa. Cosetta retardava o passo de João Valjean.

Tornou a toma-la ao collo. Cosetta encostava a cabeça no hombro do velho e não dizia palavra.

Voltava-se de distancia em distancia e olhava para trás. Tinha o cuidado de conservar-se sempre do lado escuro da rua. A rua estendia-se em linha recta atrás delle. Das duas primeiras vezes que se voltou nada viu, o silencio era profundo; continuou a caminhar um pouco socegado. Derepente, em certo instante, ten-

do-se voltado, pareceu-lhe ver na parte da rua que acabava de percorrer, ao longe, na escuridão, o que quer que fosse que se mexia.

Precipitou-se para deante, antes, do que caminhou, esperando encontrar alguma travessa lateral por onde fugisse e fizesse perderem-lhe outra vez o rasto.

Chegou a um muro.

Esse muro, porém, não era uma impossibilidade de ir mais longe; era um muro que se estendia ao longo de uma travessa lateral, a qual ia ter a rua por onde João Valjean havia tomado.

Aqui também cumpria decidir-se; tomar á direita ou á esquerda.

Olhou para a direita. A travessa prolongava-se em secções entre construcções que eram telheiros ou granjas, e terminava em betesga. Via-se distinctamente o fundo da betesga; um alto muro branco.

Olhou para a esquerda. A travessa, daquelle lado, era aberta, e, ao cabo de uns duzentos passos, chegava a uma rua cuja affluente era: era deste lado que estava a salvação.

No momento em que João Valjean resolvia-se a tomar á esquerda, para buscar alcançar a rua que descortinava na extremidade da travessa, avistou no angulo formado por esta e pela rua para onde queria dirigir-se uma especie de estatua negra, immovel.

Era algum homem que evidentemente acabava de ser alli postado, e que, impedindo o passo, esperava.

João Valjean recuou.

O ponto de Pariz onde João Valjean se achava, situado entre o suburbio de Santo Antonio e a Rapée, é um dos que hão sido completamente transformados pelos trabalhos recentes, afeiamento ao que dizem alguns, transfiguração ao que dizem outros. As plantações, as estancias de lenha e os velhos edificios desappareceram. Nesse sitio ha hoje grandes ruas novas, arenas, circos, hippodromos, estações de estradas de ferro, uma prisão—Mazas; o progresso, como se vê, com o seu correctivo.

Ha meio seculo, nessa linguagem usual do povo, toda composta de tradições, que se obstina em chamar o Instituto *as Quatro Nações*, e a Opera Comica *Feydeau*, o lugar justamente a que João Valjean havia

chegado se chamava o *Petit Piepus*. A porta de Saint-Jacques, a porta de Pariz, a barreira dos Sargentos, os Porcherons, a Galeota, os Celestinos, os Capuchinhos, a Malha, a Bourbe, a Arvore da Cracovia, a Pequena Polonia, o Petit-Piepus, são nomes da antiga Pariz que sobrenadam na nova. A memoria do povo fluctua assim sobre estes fragmentos do passado.

O Petit-Piepus, que aliás existiu e nunca foi mais do que um esboço de bairro, tinha quasi o aspecto monacal de uma cidade hespanhola. Os caminhos não eram bem calçados, nas ruas havia poucas casas. Excepto as duas ou tres ruas de que acabamos de falar, tudo o mais era muros e solidão. Nem uma loja, nem um vehiculo; apenas aqui e acolá a luz de uma vela diffundindo-se pelas janellas; ás dez horas apagavam-se todas as luzes, jardins, conventos, estancias de lenha, brejos; raras casas baixas, e extensos muros tam altos como as casas.

Tal era esse bairro no seculo passado. A revolução já o havia maltratado muito. A edilidade republicana demolira-o, abrira-o, retalhára-o. Depósitos de calça alli se estabelecêram. Ha trinta annos, o bairro desapparecia debaixo da rasoura das novas construcções. Hoje nem ha já vestigios delle.

O Petit-Piepus, que não se acha consignado em nenhuma das plantas actuaes, é claramente indicado na do anno de 1727, publicada em Pariz, e que se vendia em casa de Diniz Thierry, na rua de Saint-Jacques, defronte da do Plâtre, e em Lyão em casa de João Girin, rua Mercière, na *Prudencia*. O Petit-Piepus continha o que acabamos de chamar um Y de ruas, formado pela rua do Chemin-Vert-Saint-Antoine, que se ramificava em duas, tomando á esquerda o nome de pequena rua Piepus, e á direita o de rua Polonceau. As duas hastes do Y eram unidas na sua extremidade superior como por um traço. Esse traço chamava-se rua Droit-Mur. A rua Polonceau alli terminava; a pequena rua Piepus ia além, e subia para o mercado Lenoir. A pessoa que, vindo do Sena, chegava ao fim da rua Polonceau, tinha á esquerda a rua Droit-Mur, dobrando asperamente em angulo recto, deante de si o muro dessa rua, e á direita um prolon-

gamento truncado da rua Droit-Mur, sem sahida, chamado becco de Genrot.

Era alli que João Valjean se achava.

Como acabamos de dizer, ao avistar o vulto negro, de sentinella no canto da rua Droit-Mur e da pequena rua Piepus, recuou. Não havia duvida. Aquelle fantasma o esperava.

O que faria?

Já não era tempo de retroceder. O que momentos antes vira mexer-se no escuro atrás de si, era sem duvida Javert e a sua quadrilha. Javert achava-se já provavelmente na embocadura da rua em cuja extremidade estava João Valjean. Javert, segundo toda a apparencia, conhecia aquelle pequeno dedalo, e tomára as suas precauções mandando um dos seus homens guardar-lhe a sahida. Estas conjecturas, tam semelhantes a evidencias, redemoinharam para logo, como um punhado de poeira arrebatado pelo vento, no cerebro dorido de João Valjean. Examinou o becco de Genrot; alli, um obstaculo. Examinou a pequena rua Picpus; alli, uma sentinella. Via essa sinistra figura projectar a sua negra sombra sobre a calçada que alvejava á luz da lua. Se avançasse, ia achar-se frente a frente com esse homem. Se recuasse, ia encontrar-se com Javert. João Valjean sentia-se como que preso em um laço que lentamente se estreitava. Olhou para o céu com desespero.

IV

● TACTEAR DA FUGA.

Para comprehender o que vae seguir, o leitor deve formar uma idéa exacta da rua Droit-Mur, e particularmente do angulo que se deixava á esquerda quando se sahia da rua Polonceau para entrar naquell'outra. A rua Droit-Mur era quasi inteiramente orlada á direita até á pequena rua Piepus por casas de mesquinha apparencia; á direita por um unico edificio de severa architectura, composto de diversos corpos, que se iam elevando gradualmente um ou dous andares á medida que se approximavam da pequena rua Piepus; de modo que o edificio, muito alto do lado dessa rua, era bastante baixo do lado da rua Polonceau. No canto de que temos fallado era tam baixo que apenas tinha um muro. Este muro não se estendia em linha recta; um dos seus pannos formava um grande vão, escondido pelos seus dous angulos a dous observadores que se achassem um na rua Polonceau e outro na rua Droit-Mur.

De um e de outro lado desse vão o muro estendia-se pela rua Polonceau até uma casa que tinha o n. 49, e pela rua Droit-Mur, onde era muito menos extensa,

até ao sombrio edificio de que já fallamos, e cuja empena cortava, fazendo assim na rua outro angulo reentrante. Esta empena tinha um aspecto tristonho; via-se-lhe sómente uma janella, ou, para melhor dizer, dous postigos revestidos de uma chapa de zinco, e sempre fechados.

O aspecto dos lugares que aqui descrevemos é de rigorosa exactidão, e despertara uma recordação mui preciosa no espirito dos antigos habitantes daquelle bairro.

O panno onde havia o vão era inteiramente occupado por uma cousa que parecia uma porta colossal e miseravel.

Era uma grande samblagem informe de taboas perpendiculares, as de cima mais largas que as debaixo, seguras por compridas barras de ferro dispostas transversalmente. Ao lado havia um portão de dimensão ordinaria, e cuja abertura não datava evidentemente de mais de uns cincoenta annos.

Por cima desse vão via-se a copa de uma tilia, e o muro estava coberto de hera do lado da rua Polonoeau.

No imminente perigo em que João Valjean se achava, aquelle sombrio edificio tinha o que quer que fosse de deshabitado e solitario que o tentava. Percorreu-o rapidamente com os olhos. Dizia consigo mesmo que, se pudesse entrar alli, talvez lograsse salvar-se. Teve para logo uma idéa e uma esperança.

Na parte média da frente do edificio do lado da rua Droit-Mur havia em todas as janellas dos differentes andares velhos canos de chumbo. As ramificações variadas dos tubos que de outro central iam terminar em todos estes canos, desenhavam na fachada uma especie de arvore. Estas ramificações de canos com os seus muitos cotovellos imitavam essas velhas cépas desfolhadas que se enroscam nas frentes das antigas herdades.

A estranha latada de galhos de lata e de ferro foi o primeiro objecto que impressionou João Valjean. Sentou Cosetta no chão encostando-a a um pilar de pedra, recommendou-lhe silencio, e correu ao lugar onde o cano chegava até á calçada. Talvez fosse possivel subir por alli e entrar na casa. Mas o cano estava desmantelado e imprestavel, e quasi de todo desmanchado.

Demais todas as janellas do edificio silencioso tinham grossas grades de ferro, até mesmo as aguas-furtadas do telhado. Por outro lado, a lua dava de chapa naquella fachada, e o homem que espiava no canto da rua teria visto João Valjean escala-la. Emfim, o que faria Cosetta? como subir com a menina ao alto de uma casa de tres andares?

Renunciou a trepar pelo cano, e esgueirou-se ao longo do muro para voltar á rua Polonceau.

Quando chegou ao vão onde deixara Cosetta, notou que naquelle lugar ninguem poderia vê-lo. Escapava, como o acabamos de explicar, a todos os olhares, de qualquer lado que viessem. Além disso ficava no escuro. Emfim havia alli duas portas. Talvez conseguisse arrombar uma dellas. O muro por cima do qual via a tilia e a hera fechava evidentemente um jardim, onde ao menos poderia esconder-se, bem que as arvorees ainda estivessem sem folhas, e passar o resto da noite.

Corria o tempo. Cumpria apressar-se.

Apalpou o portão, e logo viu que estava tapado por dentro e por fóra.

Chegou-se para a outra porta, mais esperançado. Essa achava-se horivelmente velha, a sua propria immensidade a tornava menos solida, as taboas estavam podres, as barras de ferro, das quaes só restavam tres, achavam-se gastas de ferrugem. Parecia-lhe possivel arrombar aquelle taboado carunchoso.

Examinando-a, viu que aquillo não era uma porta. Não tinha gonzos, nem couceiras, nem fechadura, nem abertura no meio. As barras de ferro atravessavam-n'a em toda a sua largura sem solução de continuidade. Pelas frestas das taboas entreviu alvenaria e pedras grosseiramente cimentadas, que os videntes, ha dez annos, ainda alli teriam podido ver. Foi forçado a reconhecer com consternação que essa apparencia de porta era simplesmente o revestimento de madeira de uma construcção á qual ficava muito encostado. Era facil arrancar uma taboa, mas ter-se-hia achado com um muro pela frente.

V

O QUE HOUVERA SIDO IMPOSSIVEL COM A ILLUMINAÇÃO A GAZ.

Nesse momento uma bulha surda e cadenciada começou a soar em alguma distancia. João Valjean arriscou-se a espiar do seu vão para o canto da rua. Sete ou oito soldados formados em pelotão acabavam de desembocar na rua Polonceau. Via scintillar as baionetas. Essa força encaminhava-se para elle.

Aquelles soldados, na frente dos quaes distinguia a alta estatura de Javert, avançavam lentamente e com precaução. Paravam a miudo. Era evidente que exploravam todos os recantos dos muros e todos os vãos de portas e corredores.

Era, e nisto não podia errar a conjectura, alguma patrulha que Javert encontrára e cujo auxilio reclamára.

Os dous acolytos de Javert marchavam nas suas fileiras.

No passo em que vinham e com as paradas que faziam teriam de levar cerca de um quarto de hora primeiro que chegassem ao lugar onde se achava João Valjean. Horriavel instante foi aquelle. Alguns minutos

separavam João Valjean do pavoroso precipício que pela terceira vez se abria deante d'elle. E agora as galés já não eram sómente as galés, eram Cosetta perdida para sempre; isto é uma vida que se assemelhava ao interior de um tumulto.

Só lhe restava um expediente possível.

João Valjean tinha a particularidade de trazer sempre comsigo como que dous alforges; em um levava os pensamentos de um santo, no outro os temiveis talentos de um forçado. Mettia a mão dentro deste ou daquelle, conforme a occasião.

Entre outros recursos, graças ás suas numerosas fugidas de Toulon, tornara-se, lembrado estará o leitor, mestre nessa arte incrível de subir sem escadas, sem ganchos, só por meio da força muscular, firmando-se na nuca, nos hombros, nos quadris e nos joelhos, aproveitando apenas as raras saliências da pedra, ao alto de um muro, e em caso de necessidade, até á altura de um sexto andar; arte que tornou tam temivel e tam celebre o canto do pátio da Conciergerie de Pariz por onde se escapou ha vinte annos o condemnado Battiemolle.

João Valjean mediu com os olhos o muro por cima do qual apparecia a tilia. Tinha cerca de dezoito pés de altura. O angulo que formava com a empena do grande edificio era tapado, na parte inferior, com uma obra massiça de alvenaria de fôrma triangular, provavelmente destinada a preservar aquelle recanto, sobremodo azado, das estações desses estercorarios a que chamam viandantes. Estes ráparos preventivos nos cantos dos muros são muito usados em Pariz.

Aquelle tinha cerca de cinco pés de altura. De cima d'elle o espaço a transpôr para chegar ao muro era apenas de quatroze pés.

O muro era coberto de pedra lisa, sem esporões.

A difficuldade estava em Cosetta. A menina não sabia escalar um muro. Deveria abandoná-la? João Valjean nem em tal pensava. Leva-la comsigo era impossivel. Todas as forças de um homem lhe são necessarias para executar tam estranhas ascensões. O menor peso lhe faria perder o centro de gravidade, precipitando-o.

Era indispensavel uma corda. João Valjean não a

tinha. Onde acharia uma corda á meia-noite, na rua Polonceau? De certo, se João Valjean naquella instante possuísse um reino, tê-lo-hia dado por uma corda.

Todas as situações extremas teem os seus clarões que ora nos cegam, ora nos illuminam.

O olhar desesperado de João Valjean encontrou o poste do lampeão do becco de Genrot.

Ainda então não havia bicos de gaz nas ruas de Pariz. Ao anoitecer acendiam-se lampeões collocados de distancia em distancia, os quaes eram içados e abaixados por meio de uma corda que atravessava a rua e ia enfiar-se no montão de um poste. O molinete em que se enrolava essa corda era pregado por baixo do lampeão dentro de um armariozinho de ferro, cuja chave o acendedor levava consigo, e a propria corda era revestida de metal.

João Valjean, com a energia de uma luta suprema, transpôz a rua de um salto, entrou no becco, fez saltar o trinco do armariozinho com a ponta da sua faca, e dahi a um instante voltava para junto de Cosetta. Já tinha uma corda. Esses sombrios esquadrinhadores de expedientes, em luta com a fatalidade, executam-n'os com a rapidez do raio.

Já dissemos que os lampeões não tinham sido accesos naquella noite. O becco de Genrot achava-se, pois, naturalmente apagado como os outros, e quem quer que passasse por junto não houvera notado que elle já não estava no seu lugar.

Entretanto a hora, o sitio, a escuridão, a preocupação de João Valjean, seus gestos singulares, suas passadas de um lado para outro, tudo isto começava a inquietar Cosetta. Outra creança que não ella já teria desatado n'um grande berreiro. Limitou-se a puxar a abada sobrecasaca de João Valjean. Ouvia-se cada vez mais distinctamente a bulha dos passos da patrulha que se approximava.

—Men pae, disse ella, estou com medo; quem é que vem ali?

—Cala-te! respondeu o misero, é a Thénardier.

Cosetta estremeceu. Elle accrescentou:

—Não falles. Deixa estar que eu arranjarei tudo. Se gritas, se choras, a Thénardier está te espiando. Ella vem te buscar.

Então, sem apressar-se, mas sem perder-se no que fazia, com uma precisão firme e expedita, tanto mais notavel em tal momento quanto a patrulha e Javert podiam apresentar-se de um instante para outro, tirou a gravata, passou-a por baixo dos braços de Cosetta cingindo-lhe o corpo, tendo cuidado que não ferisse a menina, amarrou a gravata na ponta da corda dando esse nó a que os marinheiros chamam *de futeixa*, prendeu nos dentes a outra ponta, descalçou os sapatos e as meias, que atirou para dentro do jardim, trepou no reparo de alvenaria, e começou a subir pelo angulo do muro e da empena com tanta firmeza e seguridade como se tivesse debaixo dos pés e dos cotovellos os degraus de uma escada. Mal era passado meio minuto, e já se achava de joelhos em cima do muro.

Cosetta considerava-o estupefacta, sem dizer palavra. A recommendação de João Valjean e o nome da Thénardier haviam-n'a gelado.

De repente ouviu a voz de João Valjean que lhe dizia baixinho, bem que mui distinctamente:

—Encosta-te ao muro.

Obedeceu.

—Não digas palavra, nem tenhas medo, tornou João Valjean.

E ella sentiu-se levantada do chão.

Antes que tivesse tido tempo de tornar a si daquelle abalo, achava-se em cima do muro.

João Valjean agarrou-a, pô-la ás costas, segurou nas suas duas mãosinhas com a mão esquerda, e foi arrastando-se por cima do muro até ao panno onde havia o vão. Como elle advinhára, havia alli uma construcção, cujo telhado começava no alto da tapagem de taboas e descia até perto do chão, com um suave declive, tocando nos galhos da tilia.

Circumstancia providencial, porquanto o muro era muito mais alto daquelle lado do que do lado da rua. João Valjean do lugar onde estava apenas entrevia o chão.

Acabava de chegar ao plano inclinado do telhado, e ainda não havia sabido de cima do muro, quando um violento alvoroço annunciou a chegada da patrulha. Ouviu Javert bradar com a sua voz de trovão:

—Revistem o becco ! Na rua Droit-Mur ha senti-
nella, na pequena rua Piepus tambem. Afiango que
elle está no becco !

Os soldados entráram precipitadamente no becco
de Genrot.

João Valjean deixou-se escorregar pelo telhado abai-
xo, sempre com Cosetta nas costas, alcançou a tilia e
saltou ao chão. Ou fosse de medo ou de animosa,
Cosetta não dissera palavra. Estava com as mãos um
tanto esfoladas.

VI

PRINCIPIO DE UM ENIGMA.

João Valjean achava-se n'uma especie de jardim mui vasto e de aspecto singular; um desses jardins tristes, que parecem feitos para serem vistos de noite e de inverno. Era de forma oblonga com uma rua de alamos grandes no fundo, bosquetes de altas arvores nos cantos e um espaço descoberto no meio, onde se distinguia uma immensa arvore isolada depois algumas arvores fructiferas retorcidas e erriçadas como grandes espinheiros, canteiros de legumes, um meloal cujas redomas scintilavam ao luar e um velho escoadouro. Aqui e alli havia bancos de pedra que pareciam pretos de musgo. As aléas eram orladas de arbustozinhos de côr sombria e estendiam-se em linha recta. A herva invadia-as em parte, e o resto estava coberto de um limo esverdeado.

João Valjean tinha ao seu lado o edificio por cujo telhado descêra, uma pilha de feixes de lenha, e por detrás da lenha, bem junto do muro, uma estatua de pedra, cuja cara mutilada já não era mais do que uma carranca informe que apparecia vagamente na escuridão.

O edificio era uma especie de pardieiro onde se distinguiam quartos desmantelados; um destes, atulhado de uma infinidade de cousas, parecia um telheiro.

O edificio grande da rua Droit-Mur, que dava volta para a pequena rua Piepus, deitava para este jardim duas fachadas em angulo recto. Estas fachadas do lado de dentro ainda eram mais tragicas do que a do lado de fóra. Todas as janellas tinham grades. Não apparecia nellas o menor resquicio de luz. Nos andares de cima as grades sahiam encurvando-se a modo de cestos, como as de uma prisão. Uma das fachadas projectava sobre a outra a sua sombra, que dalli se estendia pelo jardim como um panno preto.

Não se avistava outra casa. O fundo do jardim desapparecia encoberto pela neblina e pela escuridão. Entretanto distinguam-se alli confusamente muros abertos de distancia em distancia, como se houvesse plantações do outro lado, e os telhados baixos da rua Polonceau.

Não se poderia imaginar nada de mais selvatico nem de mais solitario do que este jardim. Não havia alli ninguem, o que era muito natural attenta a hora; mas o aspecto do lugar parecia mostrar que ninguem nelle andava, mesmo ao pino do dia.

João Valjean tivera logo o cuidado de procurar os sapatos e de calça-los, e depois de entrar para o telheiro com Cosetta. Quem foge nunca se julga sufficientemente escondido. A menina, pensando sempre na Thenardier, partilhava o seu instincto de encolher-se o mais possivel.

Cosetta tremia e cosia-se com elle. Ouvia-se a buhha tumultuosa da patrulha, que explorava o becco e a rua, o bater das coronhas nas pedras, os signaes de Javert chamando os beleguins que havia postado, e as suas praças, misturadas com palavras que não se percebiam.

Ao cabo de um quarto de hora, aquella especie de rumor tempestuoso pareceu ir-se afastando João Valjean não respirava.

Tapára com a mão a bocca de Cosetta.

Demais, a solidão em que elle se achava era tam estranhamente calma que aquelle horrivel tumulto, tam furioso e tam proximo, de fórma alguma a per-

turbava. Dir-se-hia que aquelles muros tinham sido construidos com essas pedras surdas de que falla a Escriptura.

De repente, no meio daquella calma profunda, ouviu-se outra bulha; uma bulha celeste, divina, inefavel, tam doce quanto a de ha pouco fôra horrivel. Era um hymno que sahia das trevas, um esplendor de preces e de harmonia no tenebroso e medonho silencio da noite; vozes de mulher, mas vozes compostas a um tempo do som puro das virgens e do som candido das creanças, dessas vozes que não são da terra e que semelhantes as que os recém-nascidos ainda ouvem e os moribundos começam a ouvir. Esse canto vinha do sombrio edificio que dominava o jardim. No momento em que se afastava o estrepito dos demónios, um côro de anjos parecia approximar-se por entre a escuridão.

Côsetta e João Valjean cahiram de joelhos.

Não sabiam o que era aquillo, não sabiam onde se achavam; mas ambos, tanto o homem como a creança, tanto o peccador como o innocente, sentiam que deviam ajoelhar-se.

O que havia de estranho nestas vozes era não impedirem que o edificio parecesse deserto. Eram como um canto sobrenatural em uma mansão abandonada.

Emquanto as vozes cantavam. João Valjean em nada mais pensava. Já não via a noite, via um céu azul. Como que sentia abrirem-se essas azas que todos temos dentro de nós mesmos.

O canto cessou. Talvez houvesse durado muito. João Valjean nada teria podido fazer a tal respeito. As horas de extasis nunca são senão um minuto.

Tudo volvéra ao silencio. Nada mais na rua, nada mais no jardim. O que ameaçava, o que traquillisava, tudo se desvanecêra. O vento agitava no alto do muro algumas hervas seccas, que faziam um rumorzinho brando e lugubre.

VII.

CONTINUA O INIGMA.

A brisa da noite começava a soprar, o que indicava que deviam ser duas para tres horas da madrugada. A pobre Cosetta nada dizia. Como ella estava sentada ao seu lado e encostára-lhe a cabeça ao hombro, João Valjean suppoz que houvesse adormecido. Inclinou-se e olhou para a menina. Cosetta tinha os olhos bem abertos e mostrava um ar pensativo que affligiu João Valjean.

Tremia ainda.

—Estás com somno? disse João Valjean.

—Sinto muito frio, respondeu ella.

E logo depois accrescentou:

—Ella ainda está ali?

—Quem? disse João Valjean.

—A senr.^a Thénardier,

João Valjean tinha esquecido o modo de que se servira para fazer Cosetta calar-se.

—Ah! disse elle, foi-se embora. Não tenhas mais medo.

A menina respirou, como se lhe houvessem tirado um peso de cima do peito.

O chão estava humido, o telheiro era aberto de todos os lados, a brisa tornava-se a cada instante mais fresca. O velho despiu a sobrecasaca e cobriu Cosetta com ella.

—Sentes menos frio assim ? disse-lhe.

—Oh ! sim, meu pae !

—Está bem, espera-me um bocadinho. Eu volto já.

Sahiu da ruina, e poz-se a caminhar ao longo do edificio grande, buscando algum abrigo melhor. Encontrou portas, mas estavam fechadas. Havia grades em todas as janellas do pavimento terreo.

No momento em que voltava o angulo interior do edificio, notou que chegava a umas janellas arqueadas, e alli avistou alguma claridade. Ergueu-se nas pontas dos pés e espiou por uma das janellas. Davam todas para uma sala bastante espaçosa, lageada de grandes pedras, cortada de arcos e pilares, onde apenas se distinguia uma luzinha entre sombras immensas. A luz provinha de uma lamparina que estava acesa em um canto. A sala achava-se deserta e nada nella se mexia. Entretanto, á força de olhar suppoz ver no chão, em cima das lages, o que quer que fosse que parecia coberto com uma mortalha e que se assemelhava a uma forma humana. Estava estendido de bruços, com o rosto encostado na pedra, os braços abertos, na immobildade da morte. Dir-se-hia, ao ver uma especie de serpente que se estirava sobre as lages, que aquelle vulto sinistro tinha uma corda ao pescoço.

Toda a sala estava sepultada nessa vaga escuridão dos lugares mal allumiados, que faz subir de ponto o horror.

João Valjean disse depois muitas vezes que, posto que houvesse visto bastantes espectaculos funebres em sua vida, nunca se lhe offerecêra nenhum tam pavoroso nem tam terrivel como o dessa figura enigmatica celebrando não sei que mysterio incognito naquelle lugar sombrio e assim entrevista na escuridão. Era horrivel suppôr que aquillo talvez fosse um cadaver, e mais horrivel ainda pensar que aquillo talvez fosse uma creatura viva.

Elle teve a coragem de encostar a fronte á vidraça e espreitar para ver se aquillo se mexeria. Em vão se

demorou um espaço de tempo que lhe pareceu mui consideravel; o vulto estendido de braços não fez o menor movimento. De repente sentiu-se transido de inexprimivel terror, e deitou a correr. Correu até ao telheiro sem se animar a olhar para traz. Parecia-lhe que se voltasse a cabeça veria o vulto caminhar atraz de si a passos largos agitando os braços.

Chegou á ruina esbaforido. Os joelhos dobravam-se-lhe; o suor humedecia-lhe os rins.

Onde estava? Quem jamais houvera imaginado uma cousa semelhante aquella especie de sepulcro no meio de Pariz? O que vinha a ser aquella estranha casa? Edificio cheio de mysterio nocturno, chamando as almas dentro a escuridão por meio de vozes de anjos, e, quando ellas se cercavam, offerecendo-lhes de subito aquella visão pavorosa, promettendo abrir a porta radiante do ceu, e abrindo a porta horrivel do tumulo! E aquillo era com effeito um edificio, uma casa que tinha o seu numero em uma rua! Não era um sonho! Elle carecia tocar-lhe as pedras para cre-lo.

O frio, a anxiedade, a inquietação, as commoções da noite, causavam-lhes uma verdadeira febre, e todas essas idéas se lhe encontravam no cerebro.

Approximou-se de Cosetta. Ella dormia.

VIII.

O ENIGMA REDOBRA.

A menina encostara a cabeça a uma pedra e adormecera.

Sentou-se junto della e entrou a contempla-la. Pouco a pouco, á medida que a considerava, acalmava-se, e reassumia a sua liberdade de espirito.

Percebia claramente esta verdade, base de sua vida dalli em diante, que em quanto a visse, em quanto a tivesse a seu lado, nada desejaria senão para ella, nem temeria nada senão por ella. Nem se quer sentia que o frio o penetrava, por ter despido a sobre-casaca para cobrir com ella a menina.

Entretanto, no meio da cogitação em que se aborvia, ouvia já havia algum tempo uma bulha singular. Era como um guizo agitado por alguém. A bulha era mesmo no jardim. Ouvia-se distincta, posto que fracamente. Assemelhava-se a essa musicazinha vaga que formam de noite, nos pastos, as campainhas dos rebanhos.

João Valjean voltou-se. Olhou, e viu que havia alguém no jardim.

Um ente que se parecia com um homem andava por entre as redomas do meloal, levantando-se, abaixando-se, parando, com movimentos regulares, como se arrastasse ou estendesse alguma cousa no chão. O ente parecia manco.

João Valjean estremeceu com esse tremor continuo dos desgraçados. Tudo lhes é hostil e suspeito. Desconfiam do dia porque ajuda a quem os espia e da noite porque favorece os que buscam sorprendê-los. Momentos antes tremia vendo o jardim deserto, tremia agora por ver que alli havia alguém.

Dos terrores chimericos cahiu nos terrores reaes. Acreditou que Javert e os beaguins talvez não se houvessem retirado, que sem duvida teriam deixado espias na rua, que, se aquelle homem o visse no jardim, toma-lo-hia por um ladrão, gritaria e o mandaria prender. Tomou devagarinho Cosetta nos braços e levou-a para trás de um monte de trastes velhos fóra de uso, no canto mais afastado do telheiro. Cosetta não se mexeu.

Dalli observou os passos do ente que estava no meloal. O que era estranho era que a bulha do guizo seguia todos os movimentos daquelle homem. Quando elle se approximava, a bulha approximava-se; quando se afastava, a bulha afastava-se; se fazia algum gesto precipitado, um *tremolo* acompanhava esse gesto; quando parava, a bulha cessava. Parecia evidente que o guizo estava preso ao corpo do homem; mas então o que podia significar aquillo? o que vinha a ser esse homem que trazia uma campainha como um carneiro ou como boi?

Fazendo a si mesmo estas perguntas, apalpou as mãos de Cosetta. Estavam geladas.

—Ah! meu Deus! disse elle.

Chamou em voz baixa:

—Cosetta!

Ella não abriu os olhos.

Sacudiu-a com força.

Não acordou.

—Estará morta! disse e ergueu-se, estremeecendo desde a cabeça até os pés.

As idéas mais horriveis lhe acudiram de tropel ao espirito. Ha momentos em que as supposições hedi-

ondas nos acommettem como um turbilhão de fúrias, invadindo-nos violentamente os compartimentos do cerebro. Quando se trata das pessoas que amamos, a nossa prudencia inventa todas as loucuras. Lembrou-lhe que o somno ao ar livre, em uma noite fria, póde ser mortal.

Cosetta, pallida como uma mortalha, tornára a cahir inteiriçada no chão sem fazer o menor movimento.

Escutou-lhe a respiração; ainda respirava; mas o seu folego parecia-lhe sobremodo fraco e prestes a extinguir-se.

Como aquecê-la? como reanima-la? Tudo que não fosse isto se lhe varreu do pensamento. Lançou-se precipitadamente pela ruina fóra como um louco.

Cumpria absolutamente que antes de um quarto de hora Cosetta se achasse junto de um fogo e em uma cama.

IX.

O HOMEM DO GUIZO.

Caminhou direito para o homem que via no jardim. Levava na mão o rolo de dinheiro que trazia na algibeira do collete.

O homem tinha a cabeça abaixada e não o via approximar-se. Dahi a um instante João Valjean estava junto d'elle.

Bradou-lhe logo:

—Cem francos !

O homem, sobresaltado, levantou os olhos.

—Você tem cem francos, continuou João Valjean, se me der um asylo por esta noite !

A lua dava em cheio no rosto espavorido de João Valjean.

—E esta ! é vm., pae Magdalena ! disse o homem.

Este nome, assim pronunciado, áquella hora morta, naquelle sitio desconhecido, por aquelle homem estranho, fez João Valjean recuar.

Contava com tudo, menos com aquillo. O individuo que lhe fallava era um velho curvado e coxo, vestido quasi como um camponez, que trasia na perna esquer-

da uma joelheira de couro, a que estava atado um guizo grande. Não se lhe distinguia o rosto, porque estava do lado do escuro.

Entretanto o velho tirára a carapuça, e exclamava todo tremulo:

—Ah ! meu Deus, como é que vm. se acha aqui, pae Magdalena ! Por onde foi que entrou, Jesus meu Deus ! Dar-se-ha caso que cahisse do céu ! Tambem não ha que admirar, porque se vm. alguma vez cahir não será senão do céu ! E em que estado o vejo ! Sem gravata, sem chapéu, sem casaca ! Olhe vm. que sempre faria rapar um grande susto a quem não o conhecesse logo ! Sem casaca ! Jesus, meu Deus ! dar-se-ha caso que os santos sejam doudos agora ! Mas como foi que vm. entrou aqui ?

Uma palavra não esperava a outra. O velho fallava com uma volubilidade de camponio em que nada havia que inquietasse. Dizia tudo aquillo com uma estupefacção travada de ingenua bonhomia.

—Quem é você ? e o que vem a ser esta casa ? perguntou João Valjean.

—Homem, esta agora é que é forte de mais ! exclamou o velho; sou a pessoa para quem o senhor arranhou um emprego aqui, e esta casa é a propria onde fui recebido, graças a recommendação de vm. Como ! pois não me conhece ?

—Não, disse João Valjean. E como é que você me conhece ?

—Vm. salvou-me a vida, tornou o homem.

Voltoou-se, um raio de lua allumiou-lhe o perfil e João Valjean reconheceu o velho Cortavento.

—Ah ! disse, é você ? Sim conheço-o.

—Ainda bem ! tornou o velho em tom de exprobração.

—E o que faz você aqui ? continuou João Valjean.

—E esta ! ando cobrindo os meus melões !

O velho Cortavento tinha comestfeito na mão, no momento em que João Valjean se lhe acercára a ponta de uma esteira com que ia cobrir o meloal. Já havia, no espaço de quasi uma hora que se achava no jardim, estendido muitas esteiras. Era essa operação que o obrigava a faser os movimentos particulares observados do telheiro por João Valjean.

Continuou:

—Eu disse cá com os meus botões: a lua está clara, não passaremos sem geada. Se fosse encapotar os meus melões? E, accrescentou elle olhando para João Valjean com uma risada, vm. nada perderia se fizesse o mesmo! Porem como foi que entrou aqui?

João Valjean, vendo-se reconhecido por aquelle homem, pelo menos sob o seu nome de Magdalena, tratava de haver-se com precaução. Multiplicava as perguntas. Causa estranha! os papeis pareciam trocados. Elle, intruso, era quem interrogava.

—E o que vem a ser esse guizo que você traz no joelho?

—Isto? respondeu Cortavento, é para que me evitem.

—Como! para que o evitem?

O velho Cortavento piscou o olho com um ar inexprimivel.

—Ora nesta casa não ha senão mulheres; muitas moças. Parece-me que haveria perigo em encontrarem-me. O guizo serve de signal. Quando venho vindo ellas retiram-se.

—Então que qualidade de casa é esta?

—Vm. bem sabe.

—Não, não sei.

—Pois se até foi vm. que me arranjou aqui o lugar de jardineiro!

—Não importa, responda-me como se eu nada soubesse.

—Está bem, é o convento do Petit-Piepus.

As recordações de João Valjean despertaram-se. O acaso, isto é, a Providencia, impellira o precisamento para o convento do bairro de Santo Antonio, onde o velho Cortavento, estropiado pela queda da carroça, obtivera, graças a sua recommendação, o lugar de jardineiro havia cerca de dous annos. Repetiu como se fallasse comsigo mesmo:

—O convento do Petit-Piepus!

—Ah! mas é verdade, continuou Cortavento, como diabo se houve vm. para aqui entrar, pae Magdalena? embora seja um santo, é homem e aqui não entram homens.

—Mas você aqui está?

—Sou o unico.

—Todavia, tornou João Valjean, é forçoso que eu aqui fique.

—Ah ! meu Deus ! exclamou Cortavento.

João Valjean chegou-se para o velho e disse-lhe com voz grave:

—Pae Cortavento, salvei-lhe a vida.

—Fui eu que primeiro lh'o lembrei, respondeu Cortavento.

—Pois bem, pode faser hoje por mim o que eu fiz outr'ora por você.

Cortavento tomou nas suas velhas mãos enrugadas e tremulos as mãos robustas de João Valjean, e ficou alguns segundos como que sem falla. Por fim exclamou:

—Oh ! seria uma graça de Deus se eu lhe pudesse pagar de alguma sorte o que por mim fez ! Salvar-lhe a vida ! Sr. *maire*, pode dispor do seu pobre velho !

Uma alegria admiravel como que o havia transfigurado. Parecia que uma luz lhe transudava do rosto.

—O que quer que eu faça ? continuou elle.

—Eu lhe explicarei. Você tem um quarto ?

—Tenho uma barraca isolada, alli atrás do convento velho; em um recanto que ninguem vê. Ha nella tres quartos.

A barraca estava comeffeito tam bem escondida por detrás do pardieiro e tam bem disposta para escapar a todos os olhares que João Valjean não a tinha visto.

—Está bem, disse elle. Agora peço-lhe duas cousas.

—Quaes são, Sr. *maire* ?

—Primeiro, não dirá a ninguem o que sabe a meu respeito. Em segundo lugar, não buscará saber mais do que ja sabe.

—Seja assim como quer. Eu sei que vm. não pode querer senão o que é bem e que sempre foi um homem de Deus. E no fim de contas foi vm. mesmo que me pôz aqui. Corra tudo por sua conta. Estou ás suas ordens.

—Está dito. Agora venha comigo. Vamos buscar a menina.

—Ah ! disse Cortavento. Tambem temos uma menina !

Não accrescentou palavra e seguiu João Valjean como um cão segue o dono.

Menos de meia hora depois, Cosetta, que recobrára a sua côr rosada ao calor de um bom fogo, dormia na cama do velho jardineiro. João Valjean tornára a atar a gravata ao pescoço e vestira a sobrecasaca; o chapéu lançado por cima do muro fôra encontrado e apanhado; enquanto João Valjean vestia a sobrecasaca, Cortavento tirára a joelheira a que estava preso o guizo, e que agora, pendurada d'um prego junto de um cesto, ornava a parede. Os dous homens aqueciam-se sentados a uma mesa em cima da qual Cortavento puzera um pedaço de queijo, pão de rala, uma garrafa de vinho e dous copos, e o velho dizia para João Valjean, pondo-lhe a mão sobre o joelho:

— Ah ! pae Magdalena, vm. não me conheceu logo ! salva a vida aos outros e depois esquece-se ! Oh ! isso é feio ! elles lembram-se ! vm. é um ingrato !

X.

EXPLICA-SE COMO JAVERT ACHOU A MATA VAZIA.

Os acontecimentos de que, por assim dizer, acabamos de ver o avesso tinham-se dado nas condições mais simples.

Quando João Valjean, na mesma noite do dia em que Javert o prendeu junto do leito de morte de Fantina, fugiu da cadeia de M. sobre o M. a policia suppôz que o forçado evadido deveria ter tomado o caminho de Pariz. Pariz é um *Malstroém* onde tudo se perde e tudo desaparece nesse umbigo do mundo como um umbigo do mar. Nenhuma floresta esconde um homem como essa multidão. Os fugitivos o sabem. Vam para Pariz como para uma voragem; ha voragens que salvam. A policia tambem o sabe, e é em Pariz que procura o que perdeu algures. Alli buscou o *ex-maire* de M. sobre o M. Javert foi chamado a Pariz para esclarecer as pesquisas. Javert com effeito ajudou poderosamente a recapturar João Valjean. O zelo e a intelligencia que mostrou nesta occasião foram notados por Chabouillet, secretario do prefeito de policia, conde de Anglés, Chabouillet, que aliás já havia prote-

gido Javert, fez com que o inspector de M. sobre o M. entrasse para a policia de Pariz. Nesta nova posição tornou-se diversamente, e, digamo-lo, bem que a expressão pareça estranha para quejandos serviços, honrosamente util.

Já não pensava em João Valjean,—a estes molossos sempre em caça o lobo de hoje faz esquecer o lobo de hontem,—quando em dezembro de 1823 leu um jornal, elle que nunca lia gazeta alguma; mas Javert, homem monarchico, tinha empenho em saber os pormenores da entrada triumphal do *principe generalissimo* em Bayonna. Ao concluir a leitura do artigo que o interessava um nome, o nome de João Valjean, no fim de uma pagina, chamou-lhe a attenção. O jornal annunciava que o forçado João Valjean tinha morrido, e publicava o facto em termos tam formaes que Javert não duvidou. Limitou-se a dizer: «*Agora está em prisão segura.*» Depois atirou para um lado o jornal, e não pensou mais nisso.

Algum tempo depois aconteceu que uma nota de policia fosse transmittida pela prefeitura de Seine-et-Oise á prefeitura de Paris, communicando o roubo de uma creança, que tivera lugar, ao que se dizia, com circumstancias particulares, na communa de Montfermeil. Uma menina de sete para oito annos, dizia a nota, que fôra confiada por sua mãe a um estalajadeiro daquella aldêa, tinha sido roubada por um desconhecido; a menina era conhecida pelo nome de Cosetta e a mãe, que morrêra em um hospital, não se sabia quando nem onde, chamava-se Fantina. Esta nota foi lida por Javert e tornou-o pensativo.

O nome de Fantina era-lhe bem conhecido. Lembra-se que João Valjean fizera-o soltar uma gargalhada, pedindo, a elle Javert, uma espera de tres dias para ir buscar a filha daquella creatura. Recordou-se que João Valjean tinha sido preso em Pariz no momento em que entrava no carro de Montfermeil. Algumas informações o haviam mesmo induzido a pensar naquella época que era a segunda vez que elle entrava naquella carro, o que na vespera fizera uma primeira excursão aos arredores da aldêa, porquanto ninguem o tinha visto mesmo em Montfermeil. O que iria fazer

àquelle sitio? Ninguém o pudera advinhar. Javert comprehendia-o agora. A filha de Fantina alli estava. João Valjean ia busca-la. Ora, essa menina acabava de ser roubada por um desconhecido. Quem podia ser esse desconhecido? Seria João Valjean? Mas João Valjean tinha morrido. Javert, sem dizer palavra a quem quer que fosse, metten-se no carro do *Prato de estanho*, no becco da Planchette, e seguiu para Montfermeil.

Contava encontrar alli um grande esclarecimento; só encontrou uma grande obscuridade.

Nos primeiros dias, os Thénardier, despeitados, haviam tagarellado. A desaparição de Cosetta fizera bulha na aldêa. Tinham corrido logo diversas versões da historia que acabára por ser um roubo de creança. Dahi, a nota transmittida á policia. Entretanto, dissipado o máu humor, o Thénardier, com o seu admiravel instincto, para logo comprehendera que nunca é util despertar a attenção do snr. procurador do rei e que as suas queixas por motivo do roubo de Cosetta teriam como primeiro resultado fixar sobre elle Thenardiér e sobre muitos negócios obscuros os olhos scintillantes da justiça. Se ha cousa que os mochos nunca sejam capazes de pedir é que lhes tragam uma luz. E, primeiro que tudo, como tirar-se do embaraço relativamente aos mil e quinhentos francos que recebêra? Ladeou, poz uma mordação na mulher, e fingiu-se admirado quando lhe fallaram na *menina roubada*. Não sabia o que queriam dizer com isso: é verdade que se queixára um instante por lhe terem tirado tam depressa a querida pequena; pelo muito bem que queria á menina, lembrara-se de ficar com ella ainda uns dous ou tres dias; mas fôra seu avô que viera busca-la do modo mais natural do mundo. Acrescentou que o avô fizera bem. Foi com esta historia que Javert se esbarrou ao chegar a Montfermeil. Com o avô desvancia-se João Valjean.

Javert, não obstante, mergulhou algumas perguntas, como sondas, na historia de Thénardier.

—Quem era esse avô e como se chamava?

Thernardier respondeu com simplicidade:

—E' um rico lavrador. Eu vi o seu passaporte. Creio que se chama Guilherme Lambert.

Lambert é um nome que parece estar mostrando um sujeito bonachão e inoffensivo. Javert voltou para Pariz.

—João Valjean morreu comeffeito, disse comsigo mesmo e eu sou um basbaque.

Começava elle a esquecer toda esta historia, quando no correr de março de 1824 ouviu fallar de um estranho personagem que habitava na parochia de San-Melardo e a quem haviam posto a alcunha do *mendigo que dá esmolas*. Esse personagem, ao que se dizia, vivia das suas rendas, ninguém sabia ao certo o seu nome e só sim que tinha em sua companhia uma unica pessoa, uma menina de sete para oito annos, a qual, por seu turno, só uma cousa sabia e era que tinha viudo de Montfermeil. Montfermeil! este nome voltava sempre, e fez cocegas nas orelhas de Javert. Um velho mendigo espião, que fôra bedel, e a quem esse personagem dava esmola, accrescentava alguns pormenores.

—O homem das rendas era muito taciturno,—não sahia senão de noite,—com ninguém fallava,—às vezes só com os pobres,—e evitava encontrar-se com quem quer que fosse. Trajava uma horrivel sobreca-saca amarella, que valia muitos milhões, porque tinha por entretela bilhetes do banco. Isto estimulou decididamente a curiosidade de Javert. Afim de ver de perto o homem phantastico sem assusta-lo, pediu um dia emprestado ao bedel o seu feto e postou-se no lugar onde o velho espião costumava collocar-se, todo encolhido, á noitinha, engrolando orações e espiando por entre as rezas.

O *individuo suspeito* chegou-se comeffeito para Javert assim disfarçado, e deu-lhe esmola: nesse momento Javert levantou a cabeça e o abalo que sentiu João Valjean suppondo reconhecer Javert sentiu-o Javert suppondo reconhecer João Valjean.

Entretanto a escuridão poderia tê-lo enganado; a morte de João Valjean era official; restavam a Javert graves duvidas; e em caso de duvida Javert, o homem do escrupulo, não deitava a mão á golla de ninguém.

Seguiu o seu homem até ao pardieiro de Gorbeau e fez a *velha* taramelar, o que não era cousa muito

difficil. A velha confirmou o facto da sobrecasaca entretelada de milhões e referiu-lhe o episodio do bilhete de mil francos. Tinha-o visto ! tocara-o ! Javert alugou um quarto. Naquella mesma noite alli se metten. Veiu escutar á porta do morador mysterioso, esperando ouvir-lhe o som da voz; mas João Valjean vio a luz da vela pelo buraco da fechadura e frustrou o intento do espião guardando silencio.

No dia seguinte João Valjean abalava. Mas o tinido da moeda de cinco francos que deixou cahir foi notado pela velha, que, ouvindo mexer em dinheiro, logo pensou que elle ia mudar-se e deu-se pressa em avisar Javert. A' noite, quando João Valjean sahio, Javert esperava-o escondido atrás das arvores do *boulevard* com dous homens.

Javert reclamára reforço na prefeitura, mas não dissera o nome do individuo que esperava capturar. Era o seu segredo e guardava-o por duas razões: primeiro, porque a menor indiscrição poderia pôr João Valjean á alerta; depois, porque prender um forçado fugido e reputado morto, um condemnado que as notas da justiça haviam outr'ora classificado para sempre *entre os malfeltores da especie mais perigosa*, seria um feito magnifico, que os decanos da policia pariziense não houveram deixado de certo a um novato como Javert, e elle temia que lhe tomassem o seu galé; finalmente, porque Javert sendo um artista, gostava do imprevisto. Detestava essas façanhas anticipadamente defloradas por muito fallar. Gostava de elaborar os seus primores na sombra e de mostra-los repentinamente.

Javert seguira João Valjean de arvore em arvore, depois de canto de rua em canto de rua e não o perdêra de vista um só instante; mesmo nos momentos em que João Valjean se julgava mais em segurança, os olhos de Javert estavam pregados nelle. Porque era que Javert não prendia João Valjean? Porque ainda duvidava.

Lembrado deve estar o leitor que naquella época a policia não vivia vida muito folgada; a imprensa livre incommodava-a. Algumas prisões arbitrias, denunciadas pelos jornaes, haviam achado echo nas camaras e tornado timida a prefeitura. Attentar con-

tra a liberdade individual era um facto grave. Os agentes receiavam enganar-se; o prefeito tomava-lhes estreitas contas; qualquer engano era punido com a demissão. Imagine-se que effeito não houvera produzido em Pariz este breve artigo editorial, reproduzido por vinte e cinco jornaes: « Hontem, um velho avô coberto de cans, rendeiro respeitavel, que passeiava com sua neta, menina de sete para oito annos, foi preso e recolhido ao deposito da prefeitura como forçado evadido.»

Além disso, repitamos que Javert tinha escrúpulos propriamente seus; as recommendações da sua consciencia ajuntavam-se ás recommendações do prefeito. Elle duvidava realmente.

João Valjean dava-lhe as costas e caminhava lentamente do lado do escuro.

A tristeza, a inquietação, a anxiedade, o cansaço, aquelle novo desgosto de ser obrigado a fugir de noite e ir buscar ao acaso em Pariz um asylo para si e para Cosetta; a necessidade de regular os seus passos pelos de uma creança, tudo isto, sem que de tal tivesse consciencia, mudára o modo de andar de João Valjean, e imprimira á attitude do seu corpo uma tal senilidade que a propria policia, encarnada em Javert, podia enganar-se, e enganou-se. A impossibilidade de acercar-se-lhe, o seu trajo de velho preceptor emigrado, a declaração de Thénardier, que o dava como avô, em fim, a crença da sua morte nas galês, faziam subir de ponto as incertezas em que labutava o espirito de Javert.

Lembrrou-se por momentos de pedir-lhe de repente os seus papeis. Mas, se o homem não fosse João Valjean, e se não era um velho rendeiro honrado, era provavelmente algum marão sagaz e intelligentemente versado na trama obscura dos delictos parizienses, algum chefe de quadrilha perigoso, dando esmola para disfarçar os seus outros talentos,—velha manha. Tinha confidentes, complices, coutos onde ia refugiar-se sem duvida. Todas aquellas voltas que dava pelas ruas pareciam indicar que não era elle um simples bom homem. Prende-lo com demasiada pressa fôra *matar a gallinha dos ovos de ouro*. Que inconveniente havia em esperar? Javert estava bem certo que elle não escaparia.

Caminhava, pois, sobremodo porplexo, propondo a si mesmo mil questões relativamente áquelle enigmático personagem.

Só momentos depois, na rua de Pontoise, foi que graças á luz que sabia de uma taverna, reconheceu decididamente João Valjean.

Ha neste mundo dous entes que estremecem profundamente; a mãe que torna á encontrar o filho, e o tigre que torna a encontrar a sua preza. Javert teve este estremecimento profundo.

Assim que reconheceu positivamente João Valjean, o forçado temível, notou que só tinha comsigo dous homens, e mandou pedir reforço ao commissario de policia da rua de Pontoise. Antes de empunhar um bordão nodoso calçam-se luvas.

Esta demora e a parada no largo de Rolin para deliberar com os seus agentes quasi o fizeram perder o rasto. Entretanto advinhára logo que João Valjean trataria de pôr o rio entre si e os que o perseguiam. Inclinou a cabeça e reflectiu como um sabujo que encosta o focinho no chão para melhor certificar-se da direcção que deve seguir. Javert, com a sua poderosa exactidão de instincto, endireitou para a ponte de Austerlitz. Uma palavra do portageiro confirmou a sua supposição:

—Você viu passar um homem com uma menina?

—Fi-lo pagar doussoldos, respondeu o portageiro.

Javert chegou á ponte ainda a tempo de ver João Valjean, do outro lado do rio, atravessar com Cosetta pela mão o espaço allumiado pela lua. Viu-o entrar na rua do Chemin-Vert-Saint-Antoine, lembrou-se do becco de Genrot, que alli fica como uma trapola, e da unica sabida da rua Droit-Mur para a pequena rua Piepus. Tratou de *tomar a dianteira*, como dizem os caçadores; mandou a toda a pressa um dos seus agentes, por uma travessa, guardar aquella sabida. Uma patrulha que se recolhia ao corpo de guarda do arsenal passou neste momento; reclamou a para reforço e fez-se acompanhar por ella. Naquellas partidas as patrulhas são como trunfos. Demais, é principio corrente que para apanhar um javali toda a venatoria é pouca e quanto maior fôr a matilha melhor. Combinadas estas disposições, sentindo João

Valjean metido entre o becco de Genrot á direita, o seu agente á esquerda, e elle Javert por detrás, tomou uma pitada de tabaco.

Depois começou a jogar. Houve um momento enlevador e infernal; deixou o seu homem ir andando adeante, sabendo que o tinha seguro, mas desejando demorar o mais possivel o momento de prende-lo, exultando por senti-lo preso e por vê-lo livre, devorando-o com os olhos nesse deleite da aranha que deixa a mosca esvoaçar e do gato que deixa correr o ratinho. As garras e os dentes teem uma sensualidade monstruosa; é o movimento obscuro do animal comprimido na sua tenaz. Que delicia que é essa sufocação!

Javert estava jubiloso. As malhas da sua rede eram solidamente ligadas. Tinha certeza do seu triumpho, agora bastar-lhe-hia apenas fechar a mão.

Acompanhado como estava, até era impossivel a idéa de resistencia, por mais energico, por mais robusto, e por mais desesperado que suppuzesse João Valjean.

Javert avançou lentamente, sondando e revistando na sua passagem todos os recantos da rua como os bolsos de um ladrão.

Quando chegou no centro da têa já não encontrou alli a mosca.

Imagine-se qual a sua desesperação.

Interrogou a sentinella que postára no canto das ruas Droit-Mur e Piepus; o agente que se conservara imperturbaval no seu posto, não vira passar o homem.

Acontece ás vezes que um veado se escapa, apesar de seguido de perto pela matilha; e então os mais provecos caçadores não sabem o que dizer. Duvi-vier, Ligniville e Desprez ficam confusos. Em uma contrariedade deste genero Artonge exclamou: *«Não é um veado, é um feiticeiro.»*

Javert bem vontade teve de soltar o mesmo grito.

A sua contrariedade chegou, por momentos, ao grau de desespero e de furor.

E' certo que Napoleão commetten faltas na guerra da Russia, assim como Alexandre na guerra da India, Cesar na da Africa e Cyro na de Scythia; Javert tambem as commetten nesta campanha contra João Valjeau.

Fez mal talvez hesitando em reconhecer o velho galé. O primeiro relanciar de olhos devera ter-lhe bastado. Fez mal em não tê-lo capturado pura e simplesmente no pardieiro. Fez mal em não prende-lo, quando o reconheceu positivamente na rua de Pontoise. Fez mal em deliberar com os seus acolytos á luz da lua no largo de Rollin; os pareceres são por sem duvida uteis, e é bom conhecer e interrogar d'entre os sabujos aquelles que merecem a confiança. Mas todas as precauções são poucas para o caçador quando caça animaes assustadiços, o lobo e o forçado. Javert, preoccupando-se com metter os seus molossos no rasto, espantou o animal, que tomou o furo da matilha e abalou. Fez mal sobretudo, assim que tornou a descobrir-lhe a pista na ponte de Austerlitz, em jogar aquelle jogo formidavel e pueril de ter tal homem suspenso na ponta de um fio. Suppóz-se mais forte do que era, e julgou que podia brincar com um leão como com um ratinho. Ao mesmo tempo desconfiou demasiadamente da sua propria fraqueza quando julgou necessario tomar um reforço. Precaução fatal, perda de um tempo precioso. Javert commetteu todas estas faltas, e nem por isso deixava de ser o mais intelligente e o mais correcto dos espiões que hão existido. Era, em toda a extensão da palavra, o que na venatoria se chama *um cão ladino*. Mas quem é que é perfeito?

Os grandes estrategicos teem os seus eclipses.

As grandes imprudencias são muitas vezes compostas, como as grossas cordas, de uma multidão de fios. Tomae o cabo e desfiae-o, tomae separadamente todos os pequenos motivos determinantes, quebraes-los um após outro, e dizeis:—que cousa insignificante! Entrançae-os e torcei-os todos; ahí está uma enormidade; é Attila que hesita entre Marciano ao Oriente e Valentiniano ao Occidente; é Annibal demorando-se em Capua; é Danton adormecendo em Arcis-sur-Aube.

Como quer que seja, no momento mesmo em que viu que João Valjean lhe escapava, Jarvert não perdeu a cabeça. Certo de que o forçado evadido da prisão não podia estar muito longe, organisou rondas; armou ratoeiras e emboscadas e explorou o

bairro toda a noite. A primeira cousa que viu foi a desordem do lampeão cuja corda estava cortada. Indício precioso que todavia o desnorteou, porquanto fez que todas as pesquisas convergissem para o becco de Genrot. Ha nesse becco muros bastante baixos, que fecham jardins, cujos recintos confinam com terrenos baldios. João Valjean devêra evidentemente ter fugido por alli. O que é facto é que, se elle tivesse ido mais adeante pelo becco de Genrot, houvera provavelmente feito o que Javert dizia, e estaria perdido. Javert explorou todos esses jardins e os terrenos contiguos como se procurasse uma agulha.

Ao romper do dia, deixou dous homens intelligentes de observação, e tornou para a prefeitura de policia, envergonhado como um beleguim que houvesse cabido nas mãos de um ladrão.

LIVRO SEXTO.

O PORTO-PICUS.

—E—

I

PEQUENA RUA PICUS N. 62.

Nada parecia-se mais, ha meio seculo, com qualquer portão do que o do nº 62 da pequena rua Picus. Esse portão, habitualmente meio aberto do modo mais attractivo, deixava ver duas couzas que bem longe estavam de serem funebres, um pateo cercado de muros alcatifados de parreiras e a cara de um porteiro ocioso. Por cima do muro do fundo viam-se duas grandes arvores. Quando um raio de sol formava alegre o pateo, quando um copo de vinho alegrava o porteiro, fôra difficil passar pelo nº 62 da pequena rua Picus sem guardar-lhe uma lembrança risonha. Era entretanto um lugar sombrio o que o viandante entrevira.

O limiar sorria-se; o interior orava e chorava.

Se alguém conseguia, o que não era facil, passar o porteiro, o que mesmo para quasi todos era impossivel, porque havia um *abre-te, Sesamo!* que deviam saber; se, passado o porteiro, entrava a direita em um pequeno vestibulo para onde dava uma escada comprimida entre duas paredes, e tam estreita que não

offerecia passagem senão a uma só pessoa de frente; se não se deixava assustar pela pintura côr de palha com barra côr de chocolate que cobria as paredes dessa escada, chegava a um primeiro patamar, depois a um segundo, e achava-se em um corredor do primeiro andar, onde a côr amarellada das paredes, e a de chocolate do plintho seguiam-no com tranquillo encarniçamento. Escada e corredor recebiam claridade por duas lindas janellas. O corredor fazia um cotovello e tornava-se escuro. Dobrado esse cabo, o visitante, dados alguns passos, chegava a uma porta, tanto mais mysteriosa quanto não estava fechada. Empurrava-a, e achava-se em um gabinetzinho de cerca de seis pés quadrados, ladrilhado, lavado, asseiado, frio, forrado de papel cor de ganga, com florinhas verdes, de quinze soldos a peça. Uma luz esbranquiçada e baça entrava por uma janella de pequenos caixilhos que ficava á esquerda, tomando toda a largura do gabinete. Olhava e não via ninguém; escutava, e não ouvia nem um passo, nem um murmurio humano. As paredes estavam nuas; o gabinete não tinha movel algum; nem mesmo uma cadeira.

Tornava a olhar, e via na parede defronte da porta uma abertura quadrangular de cerca de um pé quadrado, com uma grade de ferro de varões encruzados, pretos, nodosos, solidos, que formavam quadradinhos, melhor diríamos malhas, de menos de pollegada e meia de diagonal. As florinhas verdes do papel côr de ganga chegavam com calma e em ordem até as grades de ferro, sem que esse contracto funebre as assustasse e as fizesse recuar. Suppondo que um ente vivo fosse tam admiravelmente magro que pudesse tentar entrar ou sair pela abertura quadrada, a grade o houvera impedido. Não deixava passar o corpo, mas deixava passar o olhar, isto é, o espirito. Parece que se tratara de prevenir tal caso, porquanto, um pouco para dentro, havia por detrás dos varões, uma folha de lata presa á parede e toda cheia de mil buraquinhos mais microscopicos do que os de uma escumadeira. Por baixo dessa folha de lata, havia uma fenda perfeitamente semelhante ás das caixas onde se deitam cartas. Um cordão preso ao arame de uma campainha pendia á direita da grade.

Se o visitador puxava esse cordão, tinha uma campainha, e ouvia uma voz bem perto de si, o que o fazia estremecer.

—Quem está ahí? perguntava a voz.

Era uma voz de mulher, uma voz branda, tam branda que tornava-se lugubre.

Aqui tambem havia uma palavra magica que o visitador devia saber. Se não a sabia, a voz calava-se, e a parede tornava-se silenciosa como se a temerosa escuridão do sepulcro estivesse do outro lado.

Se sabia a palavra, a voz tornava:

—Entre á direita.

Via então á sua direita, defronte da janella, uma porta envidraçada com bandeirola tambem de vidro e pintada de cinzento. Levantava o trinco, transpunha o limiar, e experimentava absolutamente a mesma impressão que sentimos ao entrar no theatro, em um camarote fechado antes de se ter abaixado a grade e acendido o lustre. Achava-se comeffeito em uma especie de camarote, apenas allumiado pela claridade mortíca que dava a porta envidraçada, estreito, mobiliado com duas cadeiras velhas e com um capacho já bastante estragado, verdadeiro camarote com um peitoril de madeira preta na frente. Esse camarote tinha grades, não de páu dourado como na opera, mas de monstruosas barras de ferro horripelmente entravadas e presas á parede por enormes pedaços de chumbo que semelham-se punhos fechados.

Passados os primeiros minutos, quando os seus olhos começavam a affazer-se aquella baça luz de subterraneo, tentava o visitador transpôz á grade, mas não podia avançar mais de seis pollegadas para deante. Ahí encontrava uma tapagem de postigos pretos, seguros e reforçados por travessas de páu pintados de amarello escuro. Esses postigos eram entravados, divididos em compridas fasquias mui finas, e cobriam a grade em toda a sua extensão. Estavam sempre fechados.

Ao cabo de alguns instantes, ouvia o visitador uma voz que o chamava por detrás desses postigos, dizendo-lhe:

—Aqui estou. O que me quer?

Era uma voz amada, as vezes uma voz adorada. O

visitante ninguém via. Ouvia apenas a bulha de uma vespiração. Dir-se-hia que era uma evocação que lhe fallava do interior de um tumulo.

Se o visitador achava-se em certas condições exigidas, aliás mui raras, a fasquiazinha de um dos postigos abria-se-lhe deante e a evocação tornava-se em uma appareição. Por detrás da grade, por detrás do postigo, avistava, tanto quanto o permittia a grade, uma cabeça da qual apenas via a bocca e o queixo; o rosto achava-se coberto com um véu preto. Entrevia uma toalha preta e um vulto apenas distincto coberto com um sudario preto. Essa cabeça fallava, mas não olhava e não sorria nunca.

A luz alli penetrava de tal modo que o visitador via a reclusa toda branca e ella o via todo preto. Essa luz era um symbolo.

Entretanto introduzia elle avidamente o olhar por aquella abertura que acabava de patentear-se-lhe nesse lugar fechado a todos os olhares. Um vacuo profundo cercava o vulto vestido de preto. Aguçava ainda mais a vista fitando esse vacuo e buscando distinguir o que havia em torno da appareição. Dentro em muito pouco tempo percebia que nada havia.

O que avistava era a noite, espaços vãos, trevas, uma especie de neblina hibernal a que se ajuntava um vapor do tumulo, uma especie de paz pavorosa, um silencio em que nada se escutava, nem mesmo suspiros, uma escuridão em que nada se divisava, nem mesmo phantasmas.

O que o visitador via era o interior de um claustro.

Era o interior dessa casa sombria e severa a que chamavam convento das Bernardas da Adoração Perpetua. O camarote onde se achava o visitante era o locutorio. A voz, a primeira voz que lhe fallara, era a da rodeira que estava sempre sentada, immovel e silenciosa, do lado de dentro, perto da abertura quadrada, defendida pela grade de ferro e pela folha de lata cheia de mil buracinhos, como por uma viseira.

A escuridão que reinava no camarote gradeado provinha de ter o locutorio uma janella do lado do mundo e nenhuma do lado do convento. Olhos profanos não deviam ver aquelle recinto sagrado.

Não obstante, havia alguma cousa por detrás da-

quella escuridão, havia uma luz, havia uma vida naquella morte. Bem que esse convento fosse o mais murado de todos, tentaremos penetrar nelle juntamente com o leitor, e dizer com as devidas reservas, cousas que nenhum narrador nunca viu e que por conseguinte nunca foram ditas.

II.

A OBEDIENCIA DE MARTINHO VERGA.

Esse convento que em 1824 já existia havia muitos annos na pequena rua Picpus, era uma communidade de bernardas da obediencia de Martinho Verga.

Estas freiras, por conseguinte, dependiam não de Clairvaux, como os Bernardos, mas dos Cisteres como os Benedictinos. Por outros termos, eram sujeitas, não a San'Bernardo, mas a San'Bento.

Quem quer que haja compulsado in-folios sabe que Martinho Verga fundou em 1425 uma congregação de Bernardas-benedictinas, tendo por cabeça da ordem Salamanca e por filial Alcala.

Essa congregação ramificára-se por todos os paizes catholicos da Europa.

Estes enxertos de uma ordem em outra nada teem de insolito na egreja latina. Não faltando senão da ordem de San'Bento, de que aqui tratamos, prendem-se a esta ordem, sem contar a obediencia de Martinho Verga, quatro congregações; duas na Italia, o Monte-Crasino e Santa Justina de Padua, duas em França, Cluny e San'Mauro; e nove ordens, Valom-

brosa, Grammont, os celestinos, os camallinos, os cartuxos, os humilhados, os olivadores, os silvestrinos, e finalmente Cister; porque Cister mesmo, tronco de outras ordens, não é senão um ramo da de San'Bento. Cister data de San'Roberto, abbade de Molesme, na diocese de Langres, em 1098. Ora em 529 é que o diabo, retirado ao deserto de Subiaco (estava velho: ter-se-hia feito ermitão?) foi expulso do antigo templo de Apollo, onde morava, por San'Bento, que tinha então dezeseite annos de idade.

Depois das regras das carmelitas, as quaes andam descalças, e trazem uma roda de vime no pescoço e nunca se sentam, a mais dura é a das bernardas-benedictinas de Martinho Verga. Trajam de preto com um escapulario que, conforme a prescrição expressa de S. Bento, sobe até ao queixo. Um habito de sarja com grandes mangas, um grande véu de lan, o escapulario que sobe até ao queixo, cortado em quadrado sobre o peito, a faixa que cinge a cabeça descendo até aos olhos, eis o seu trajo. Tudo é preto, excepto a faixa, que é branca. As noviças vestem o mesmo trajo, todo branco. As professoras trazem além disso um rosario ao lado.

As bernardas-benedictinas de Martinho Verga praticam a Adoração Perpetua, como as benedictinas chamadas Damas do Santissimo Sacramento, as quaes, no principio deste seculo, tinham em Paris duas casas, uma no Templo, e outra na rua Nova de Sancta Genoveva. As bernardas-benedictinas do Pequeno-Picpus, de quem fallamos, eram uma ordem absolutamente distincta das Damas do Santissimo Sacramento, que tinham os seus claustros na rua Nova de Sancta Genoveva e no Templo. Havia numerosas differenças na regra respectiva: havia-as tambem no habito. As bernardas-benedictinas do Pequeno-Picpus traziam escapulario preto, e os das benedictinas do Santissimo Sacramento, da rua Nova de Sancta Genoveva, era branco; além disto traziam estas ao peito uma custodia de tres pollegadas de altura, de prata ou de cobre dourado. As religiosas do Pequeno-Picpus não traziam custodia. A Adoração Perpetua, commum á casa do Pequeno-Picpus e á do Templo, deixa as duas ordens perfeitamente distinctas. Ha sómente semi-

lhança quanto a essa pratica entre as Damas do Santissimo Sacramento e as bernardas de Martinho Verga, do mesmo modo que havia semelhança, quanto ao estudo e á glorificação de todos os mysterios relativos á infancia, á vida e á morte de Jesus Christo, á Virgem Santissima, entre duas ordens aliás separadas e mais de uma vez inimigas. O oratorio de Italia, estabelecido em Florença por Philippe de Neri, e o oratorio de França, estabelecido em Paris por Pedro de Berulle. O oratorio de Pariz pretendia a primazia, porquanto Philippe de Neri era apenas santo e Berulle cardeal.

Tornemos á dura regra hespanhola de Martinho Verga.

As bernardas-benedictinas desta obediencia comem peixe todo o anno, jejuam pela Quaresma e em muitos outros dias que lhes são especiaes, interrompem o seu primeiro somno desde uma hora da madrugada até ás tres para ler o breviario e cantar matinas, dormem em lenções de sarja em toda a estação e em cima da palha, não tomam banhos, nunca acendem fogo, fustigam-se com disciplinas todas as sextas-feiras, observam a regra do silencio, não se fallam senão nãas horas de recreio, que são mui curtas, e vestem camisas de burel por espaço de seis mezes, de 14 de setembro, que é o dia da exaltação da Sancta Cruz até a Paschoa. Estes seis mezes são uma moderação; a regra diz todo o anno: mas a camisa de burel, insuportavel nos dias calmosos de verão, produzia febres e spasmos nervosos. Foi forçoso restringir-lhe o uso. A despeito desta medida moderativa, quando em 14 de setembro as religiosas vestem essa camisa, teem tres ou quatro dias de febre. Obediencia, pobreza, castidade, estabilidade sob a clausura; eis os seus votos nimiammente aggravados pela regra.

A priora é eleita por tres annos pelas madres, que chamam-se *madres vogaes*, porque teem voz no capitulo. Uma priora não pôde ser reeleita senão duas vezes, o que fixa em nove annos o mais longo reinado possivel de uma priora.

Nunca veem o padre officiante, que lhes fica sempre encoberto por uma cortina de sarja de nove pés de altura. Quando ha sermão, e o pregador está na ca-

pella, cobrem o rosto com o véu: devem fallar sempre em voz baixa, andar de olhos fitos no chão e com a cabeça inclinada. Um unico homem pôde entrar no convento, é o arcebispo diocesano.

Ha tambem outro, que é o jardineiro: mas este é sempre um velho, e para que esteja perpetuamente só no jardim e as religiosas tenham aviso para evita-lo, traz um guizo atado ao joelho.

A sua submissão á priora é absoluta e passiva. É a sujeição canonica em toda a sua abnegação. Como á voz de Christo, *ut voci Christi*, ao gesto, ao primeiro signal, *ad nutum, ad primum signum*, para logo, ledamente, com perseverança, com uma certa obediencia cega, *prompte, hilariter, perseveranter, et cæcâ quadum obedientia*, como a lima na mão do obreiro *quasi limam in manibus fabri*, não podendo ler nem escrever o que quer que seja sem permissão, *legere vel scribere non adiscerit sine expressâ superioris licentiâ*.

Todas fazem por seu turno o que chamam *reparação*. A reparação é a oração por todos os peccados, por todas as faltas, por todas as desordens, por todas as violações, por todas as iniquidades, por todos os crimes que se commettem no mundo. Durante doze horas consecutivas, das quatro da tarde ás quatro da madrugada, ou das quatro da madrugada ás quatro da tarde, a irman que faz a *reparação* conserva-se de joelhos sobre a pedra deante do Santissimo Sacramento, de mãos postas, com uma corda no pescoço. Quando a fadiga torna-se insuportavel, prostra-se de bruços, com o rosto encostado no chão, e os braços estendidos; eis o seu unico allivio. Nesta attitude era por todos os culpados do universo. Isto é grande até ao sublime.

Como este acto se pratica defronte de um poste em cima do qual arde uma tocha, diz-se indistinctamente *fazer a reparação ou estar no poste*. As religiosas até preferem, por humildade, esta ultima expressão que contém uma idéa de supplicio e de humilhação.

Fazer a reparação é um exercicio em que a alma se absorve. A irman que se acha nò poste não se voltaria nem que lhe cahisse um detrás.

Além disto, ha sempre uma religiosa de joelhos deante do Santissimo Sacramento. Esta estação dura

uma hora. Ellas revezam-se como sentinellas. E' nisto que consiste a Adoração Perpetua.

As prioras e as madres teem quasi sempre nomes cheios de uma gravidade particular, que lembram, não santas e martyres, senão momentos da vida de Jesus Christo, taes como madre Natividade, madre Conceição, madre Apresentação, madre Paixão. Todavia os nomes de santas não são vedados.

Quem as vê, nunca lhes vê mais do que a boca.

Todas teem dentes amarellos. Nunca uma escova de dentes entrou no convento. Limpar os dentes é um exercicio que leva á um abysmo—á perdição da alma.

Nunca dizem a respeito do que quer que seja, *meu nem minha*. Dizem, fallando seja do que fôr, *nosso*; assim nosso véu, nosso rosario; se fallassem da sua camisa diriam *nossa camisa*. A's vezes affeioam-se a algum objectosinho, a um livro de horas, a uma reliquia, a uma medalha benta. Assim que percebem que começam a affeioar-se de mais a esse objecto, devem da-lo. Lembram-se das palavras de Santa Theresa a uma fidalga que, no momento de entrar para a sua ordem, dizia:—Minha madre, dê-me licença para mandar buscar uma Biblia que estimo muito.—*Ah! tem ainda alguma cousa que estime! Neste caso não entre para a nossa ordem.*

A nenhuma é licito encerrar-se, ter um aposento *seu proprio*, um quarto. Ellas vivem com as cellas abertas. Quando se encontram, uma diz: *Louvado e adorado seja o Santissimo Sacramento do altar!* A outra responde: *Para sempre.* A mesma cerimonia quando uma bate á porta de outra. Apenas bate, uma voz branda diz precipitadamente de dentro: *para sempre!* Como todas as praticas, isto torna-se machinal como o habito; e uma diz ás vezes *para sempre*, antes que a outra tenha tido tempo de dizer a phrase aliás um tanto longa: *Louvado e adorado seja o Santissimo Sacramento do altar!*

Entre as visitandinas, a que bate á porta diz: *Ave Maria*, e a que está na cella responde: *Gratia plena*. E' o seu bom dia, que é com effeito *cheio de graça*.

A cada hora do dia tres toques supplementares soam no sino da egreja do convento. A esse signal,

priora, madres vogaes, professas, conversas, noviças postulantes, interrompem o que estavam dizendo ou fazendo, ou pensando, e dizem todas a um tempo, se são cinco horas por exemplo:—*A's cinco horas e a toda a hora louvado e adorado seja o Santissimo Sacramento do altar!* Se são oito horas:—*As oito horas e a toda a hora*, etc., e assim por diante, conforme a hora que é.

Este costume, que tem por fim desviar o pensamento de tudo o mais e fazê-lo voltar-se para Deus, existe em muitas comunidades; a unica differença é que a formula varia. Assim, no Menino Jesus, diz-se: *A esta e a toda a hora inflamme o amor de Jesus o meu coração!*

As benedictinas-bernardas de Martinho Verga, clausuradas ha cincoenta annos no Pequeno-Picpus, cantam os officios em uma psalmodia grave, canto-chão puro, e sempre em voz alta durante a celebração do officio. Em todas as passagens em que ha no missal um asteristico, fazem uma pausa e dizem em voz baixa: *Jesus, Maria, José*. Nos officios de defuntos, o seu canto desce tanto, que admira como vozes de mulher possam cantar assim. Disto resulta um effeito estranho e tragico.

As do Pequeno-Picpus tinham mandado fazer um carneiro por baixo do seu altar-mór para sepultura da comunidade. O *governo*, como ellas dizem, não consentiu que as tumbas fossem depositadas nesse carneiro. Ellas sahiam do convento quando morriam. Isto as affligia e consternava como uma infracção.

Tinham obtido, consolação mediocre, serem enterradas a uma hora especial e em um canto especial no antigo cemiterio de Vaugirard que fôra feito em um terreno pertencente outr'ora á comunidade.

A's quintas-feiras estas religiosas ouvem missa cantada, vespera e todos os officios como ao domingo. Observam além disso escrupulosamente todas as festas menores desconhecidas dos do seculo, e que a egreja prodigalisava outr'ora em França e ainda prodigalisava em Hespanha e na Italia. Suas estações na capella são interminaveis. Quanto ao numero e á duração das suas orações, não podemos dar dellas melhor idéa do que citando as ingenuas palavras de uma

dessas religiosas: «*As orações das postulantes são temíveis, as das novicas ainda piores, a das professas muito piores.*»

Uma vez por semana reúne-se o capitulo; a priora preside, as madres vogaes assistem. Cada religiosa vem por seu turno ajoelhar-se nas lages, e confessar em voz alta, na presença de todas, as faltas e os peccados que commetteu durante a semana. As madres vogaes consultam-se após cada confissão, e infligem em voz alta as penitencias.

Além da confissão em alta voz, para a qual reservam todas as faltas um tanto graves, teem para as faltas veniaes o que chamam *a culpa*. Fazer a sua culpa é prosternar-se de bruços durante o officio deante da priora até que esta, a quem não chamam senão *nossa mãe*, faça signal á penitente de que póde levantar-se, dando uma pancadinha no assento de páu que occupa no côro. Fazem *a culpa* pela menor cousa; um copo quebrado, um véu rasgado, uma demora involuntaria de alguns segundos em chegar a um officio, uma desafinação na egreja, etc., é quanto basta; quem em tal incorreu faz *a sua culpa*. A culpa é toda espontanea; é a propria *culpada* que se julga e a si mesma inflige o castigo.

Nos dias santos de guarda e aos domingos ha quatro madres chantres que psalmodiam os officios deante de uma grande estante de quatro faces. Um dia uma madre chantre entoou um psalmo que começava por *Ecce*, e em vez de *Ecce*, disse em voz alta estas tres notas, *ut, si, sol*; por esta distracção soffreu uma *culpa* que durou todo o officio. O que tornava essa falta enorme era o riso com que fôra acolhida por toda a communidade.

Quando uma religiosa é chamada ao locutorio, embora seja a propria priora, abaixa o véu de modo que, como já dissemos, só se lhe veja a bocca.

Só a priora póde communicar com estranhos. As outras só podem ver os seus mais proximos parentes, e mui raras vezes. Se por acaso alguma pessoa estranha apresenta-se para ver uma religiosa que conheceu ou amou no mundo, precede sempre uma negociação. Se essa pessoa é mulher, ás vezes póde dar-se que a autorisação lhe seja concedida; a reli-

giosa vem e falla-lhe por detrás dos postigos, os quaez só se abrem para uma mãe ou para uma irman. E' escusado dizer que os homens nunca obteem igual authorisação.

Tal é a regra de San' Bento, aggravada por Martinho Verga.

Estas religiosas não são alegres, rosadas e frescas como costumam se-lo as das outras ordens. São pallidas e graves. De 1825 a 1830 tres d'entre ellas endoudecêram.

III

SEVERIDADE.

O tempo que passam como postulantes é de dous annos, muitas vezes de quatro; o das noviças é de quatro annos. E' raro que os votos definitivos possam ser pronunciados antes de vinte e tres ou vinte e quatro annos de idade. As bernardas-benedictinas de Martinho Verga não admittem viúvas na sua ordem.

Entregam-se nas suas cellas a muitas macerações de que não devem nunca fallar.

No dia em que uma noviça professa, vestem-n'a com as suas mais lindas galas, coroam-n'a de rosas brancas, lustram-lhe e cacheam-lhe os cabellos, depois ella prostra-se; cobrem-n'a com um grande panno preto e cantam o officio de defuntos. Então as religiosas dividem-se em duas filas, uma fila passa-lhe por junto dizendo em tom plangente; *nossa irman morreu*, e a outra fila responde com voz retumbante: *está viva em Jesus Christo!*

Na epocha em que se passa esta historia havia um collegio que dependia do convento. Collegio de meninas nobres, a maior parte ricas, entre as quaes no-

tavam-se as meninas Sainte-Aulaire e Blisson, e uma ingleza que tinha o illustre nome catholico de Talbot. Essas meninas, educadas pelas religiosas entre quatro muros, cresciam no horror do mundo e do seculo. Uma dellas dizia um dia: *ver a calçada da rua fazia-me estremecer desde a cabeça até aos pés*. Vestiam-se de azul com touca branca e um Espirito-Santo de prata dourada ou de latão preso no peito. Em certos dias de festa maior, particularmente no dia de Santa Martha, concedia-se-lhes como alto favor e dita suprema, que se vestissem como religiosas e fizessem os exercicios e as praticas de San'Bento até á noite. A principio, as religiosas emprestavam-lhes as suas vestes pretas. Isto pareceu profano, e a priora o prohibiu. Taes empréstimos só continuaram a ser feitos ás noviças. E' notavel que essas representações, toleradas sem duvida e animadas no convento por um secreto instincto do proselytismo, e para dar a essas creanças um ante-gosto do santo habito, eram uma dita real e um divertimento para as pensionistas. Recreavam-se assim verdadeiramente. *Aquillo era novo, aquillo as mudava*. Candidas razões da infancia, que aliás não logram fazer que nós mundanos comprehendamos essa felicidade que consiste em ter na mão um hyssope e ficar de pé horas inteiras cantando *a quatuor* defronte de uma estante.

As educandas, afóra a parte as austeridades, conformavam-se a todas as praticas do convento. Tal moça houve que, tendo voltado para o mundo e após muitos annos de casada, ainda não tinha perdido o habito de dizer a toda pressa quando lhe batiam á porta:—*Para sempre!*—Bem como as religiosas, as pensionistas só viam os seus parentes no locutorio. A's proprias mães não era permittido abraça-las. Eis até que ponto ia a severidade a este respeito. Um dia uma menina foi visitada por sua mãe, que trouxera comsigo uma sua irmanzinha de tres annos. A menina chorava, porque morria por abraçar a irman. Impossivel. Supplicou que ao menos deixassem a pequenina metter a mãozinha por entre as grades para que ella pudesse beija-la. Foi-lhe isto negado, quasi com escandalo.

IV

ALEGRIAS.

Essas meninas nem por isso teem deixado nessa grave mansão menos gratas recordações.

Em certas horas, a infancia resplandecia naquelle claustro. Soava o signal do recreio. Uma porta gyrava sobre os seus gonços. Os passarinhos diziam—Bello ! Eis as meninas !—Uma irrupção de mocidade inundava esse jardim cortado por uma cruz como o panno de uma tumba. Rostos radiantes, fronte alvas, olhos ingenuos cheios de ridente luz, uma infinidade de auroras, desfaziam-se por aquellas trevas. Após as psalmodias, os signaes, os dobres funebres, os officios, ouvia-se de subito o rumor das meninas, mais doce que o zumbir das abelhas. A colmêa da alegria abria-se, e cada uma trazia o seu mel. Brincavam, chamavam-se, grupavam-se, corriam, lindos dentinhos alvos tagarellavam nos cantos; os véus, de longe, vigiavam os risos, as sombras espreitavam os raios luminosos; mas que importa ! todas resplandeciam e riam-se. Aquelles quatro muros lugubres tinham o seu instante de deslumbramento. Assistiam va-

gamente branqueados pelo reflexo de tanta alegria a esse doce redomoinhar de exames. Era como que uma chuva de rosas atravessando aquelle luto. As meninas brincavam debaixo das vistas das religiosas; o olhar da impeccabilidade não constrange a innocencia. Graças a essas meninas, entre tantas horas austeras havia uma hora de simplicidade. As pequeninas saltavam, as maiores dansavam. Nesse claustro os jogos eram misturados do céu. Nada tam encantador e tam augusto como todas aquellas frescas almas expandidas. Homero alli houvera rido com Perrault, e havia, naquelle jardim escuro, mocidade, saude, rumor, gritos, desenvolturas, prazer, felicidade, tanto quanto era bastante para desenrugar as fronte de todas as velhas, quer as da epopéa, quer as do conto, quer as do throno, quer as que se abrigam sob tectos de colmo, desde Hecuba até a Avosinha.

Nessa casa foram ditas, mais do que em parte alguma, essas *descalhidas de creanças* que teem tanta graça e que fazem rir com um riso cheio de cogitação. Foi entre esses quatro muros que uma menina de cinco annos exclamou um dia: «*Minha madre! aquella grande me disse que só faltam nove annos e dez mezes para eu sahir daqui. Que felicidade!*»

Foi tambem ahi que se deu este dialogo memoravel.

UMA MADRE VOGAL.—Porque chora, menina?

A MENINA (de seis annos), soluçando.—Eu disse a Alice que sabia a historia de França. E foi ella me disse que eu não sabia, e eu sei.

ALICE, a grande (de nove annos).—Não. Não sabe.

A MADRE.—Como assim, menina?

ALICE.—Ella me disse que abrisse o livro ao acaso, que lhe fizesse uma pergunta qualquer do livro para ver como respondia.

—E então?

—Não respondeu.

—Vejamos. O que foi que você perguntou?

—Abri o livro ao acaso, como ella dizia, fiz-lhe a primeira pergunta que encontrei.

—E que pergunta foi?

—Era: *O que aconteceu depois?*

Ahi foi feita esta observação profunda a respeito

de um periquito um tanto guloso que pertencia a uma senhora pensionista:

—*Como é engraçado! come por cima a manteiga da sua fatia como se fosse uma pessoa.*

Foi sobre as lages desse claustro que se achou esta confissão, previamente escripta, para não esquecer-la, por uma peccadora de sete annos:

«—Meu padre, accuso-me de ter sido avarenta.

«—Meu padre, accuso-me de ter sido adúltera.

«—Meu padre, accuso-me de ter levantado os olhos para os homens.»

Em um dos bancos de relva desse jardim é que foi improvisado por uma rosea boca de seis annos este conto, escutado por olhos azues de quatro e de cinco annos.

«—Havia tres gallosinhos que tinham uma terra onde havia muitas flores. Elles colheram as flores, e guardáram na algibeira. Depois apanharam mais e enfeitáram os seus brinquedos. Havia um lobo na terra, e na terra havia muito mato, e o lobo estava no mato; e elle comeu os gallosinhos.»

E este outro poema:

«—Foi um dia houve uma bordoadá.

«Foi Polichinello que deu no gato.

«Isto não lhe fez bem, lhe fez mal.

«Então uma dama metteu Polichinello na cadêa.»

Ahi foram ditas, por uma pequena abandonada, engeitada, que o convento educava por caridade, estas doces e pungentes palavras. Ouvindo as outras fallarem em suas mães, murmurou do canto onde estava:

—*Cá por mim, minha mãe já não era deste mundo quando eu nasci.*

Havia uma gorda rodeira que andava sempre muito azafamada pelos corredores com o seu molho de chaves e que se chamava soror Agatha. As *taludas*, as que tinham mais de dez annos, chamavam-na *Agathocles*.

O refeitório, grande peça oblonga e quadrada que recebia luz senão por um claustro de archivoltas ao nível do jardim, era escuro e humido, e, como dizem as creanças, cheio de bichos. Todos os lugares circumvizinhos davam o seu contingente de insectos.

Cada um dos quatro cantos recebera, na linguagem das pensionistas, um nome particular e expressivo. Havia o canto das Aranhas, o canto das Lagartas, o canto dos Bichos de conta e o canto dos Grillos. O canto dos Grillos ficava perto da cozinha e era muito estimado.

Sentia-se ali menos frio que nos outros. Do refeitório os nomes haviam passado ao collegio, e serviam para distinguir, como no antigo collegio de Mazarin, *quatro nações*. Toda educanda era de uma dessas quatro nações, conforme o lugar do refeitório onde se senta á hora da comida. Um dia, o arcebispo, fazendo a sua visita pastoral, viu entrar, na classe onde se achava, uma linda menina bem corada, com admiraveis cabellos louros; perguntou a outra pensionista, cuja fresca fronte cingia-se de baxtos cabellos pretos, e que achava-se junto d'elle:

—Quem é esta?

—É uma aranha, excellentissimo.

—Sim! e aquella?

—É um grillo.

—É aquella outra?

—É uma lagarta.

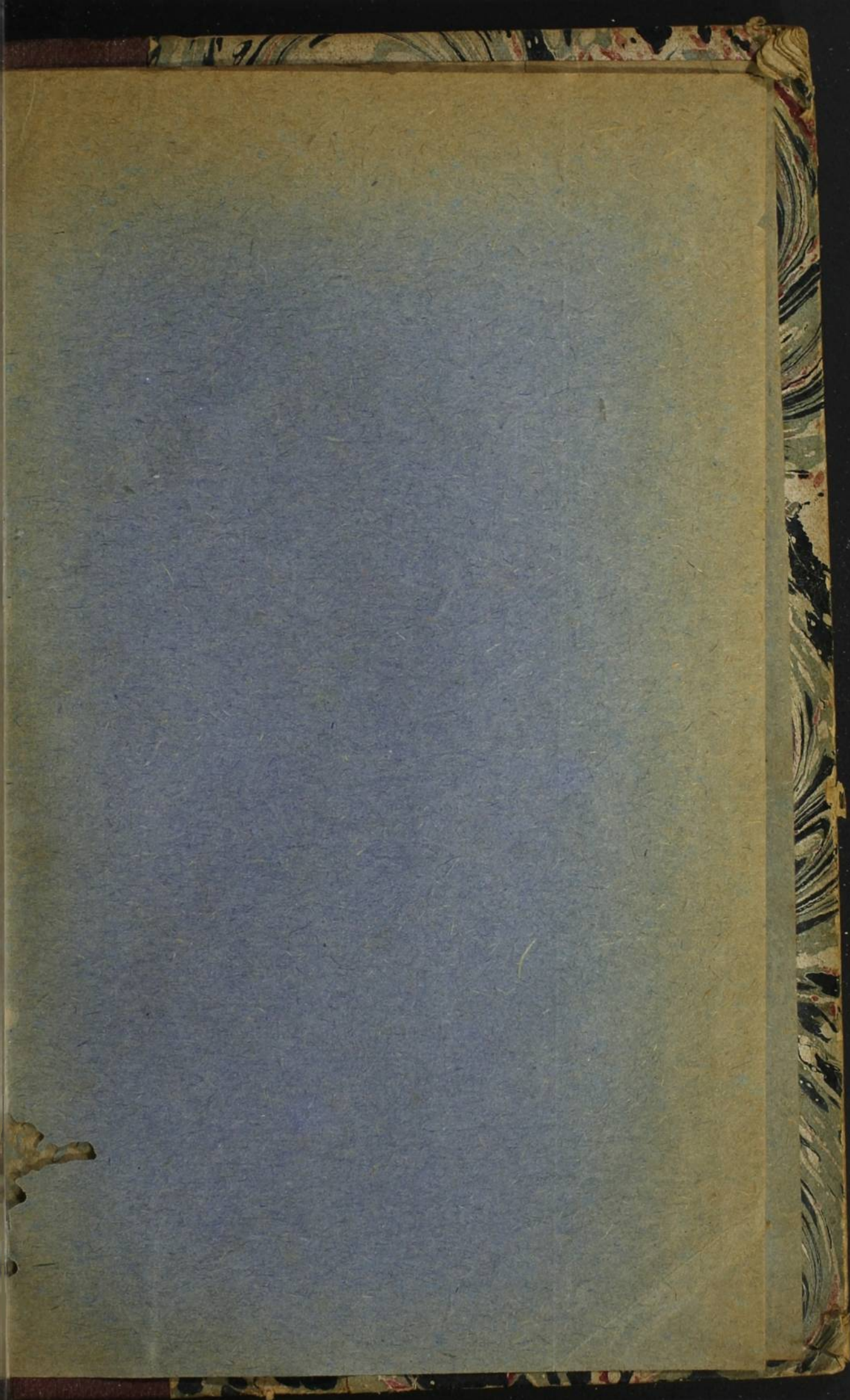
—Devéras! e você então?

—Eu sou um bicho de conta, excellentissimo.

Cada caza deste genero tem suas particularidades. No principio deste seculo Econen era um destes lugares graciosos e severos onde se passa, em uma obscuridade quasi augusta, a infancia das moças. Em Econen, por ocasião da procissão do Santissimo Sacramento, estabelecia-se uma distincção entre as virgens e as esparzidoras de flores. Havia tambem os *pallios* e os *thuribulos*, aquellas para pegarem nos cordões do pallio, estas para incensarem o Santissimo Sacramento. As flores eram direito exclusivo das esparzidoras. Quatro *virgens* iam na *frente*. Na manha desse grande dia, não era raro ouvir-se no dormitório:

—Qual de vocês é virgem?

A Campan cita este dito de uma *pequena* de sete annos a uma *taluda* de dezaseis que ia na frente da procissão, ao passo que ella, a pequenina, caminhava no couce;—*Tu és virgem e eu não.*



200.

